

OS LIVROS DE PAUL SUSSMAN JÁ VENDERAM MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES NO MUNDO INTEIRO

PAUL SUSSMAN

Autor do best-seller *O Último Segredo do Templo*

O LABIRINTO DE OSÍRIS



EB
BERTRAND BRASIL

"O *Labirinto de Osiris* é um thriller absolutamente cativante, inteligente e bem escrito." — *Daily Mail Online*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PAUL SUSSMAN

O LABIRINTO
DE OSÍRIS

Tradução
Daniel Estill

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Copyright © 2012 by Paul Sussman
Copyright dos mapas © 2012 by Neil Gower

Título original: *The Labyrinth of Osiris*

Capa: Raul Fernandes

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil
Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

S965L

Sussman, Paul, 1966-2012

O labirinto de Osíris [recurso eletrônico] / Paul Sussman; tradução Daniel Estill. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
recurso digital: il.

Tradução de: The labyrinth of osiris

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

mapas, glossário

ISBN 978-85-286-2126-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Egito - Ficção. 3. Livros eletrônicos. I. Estill, Daniel. II. Título.

15-22021

CDD: 823

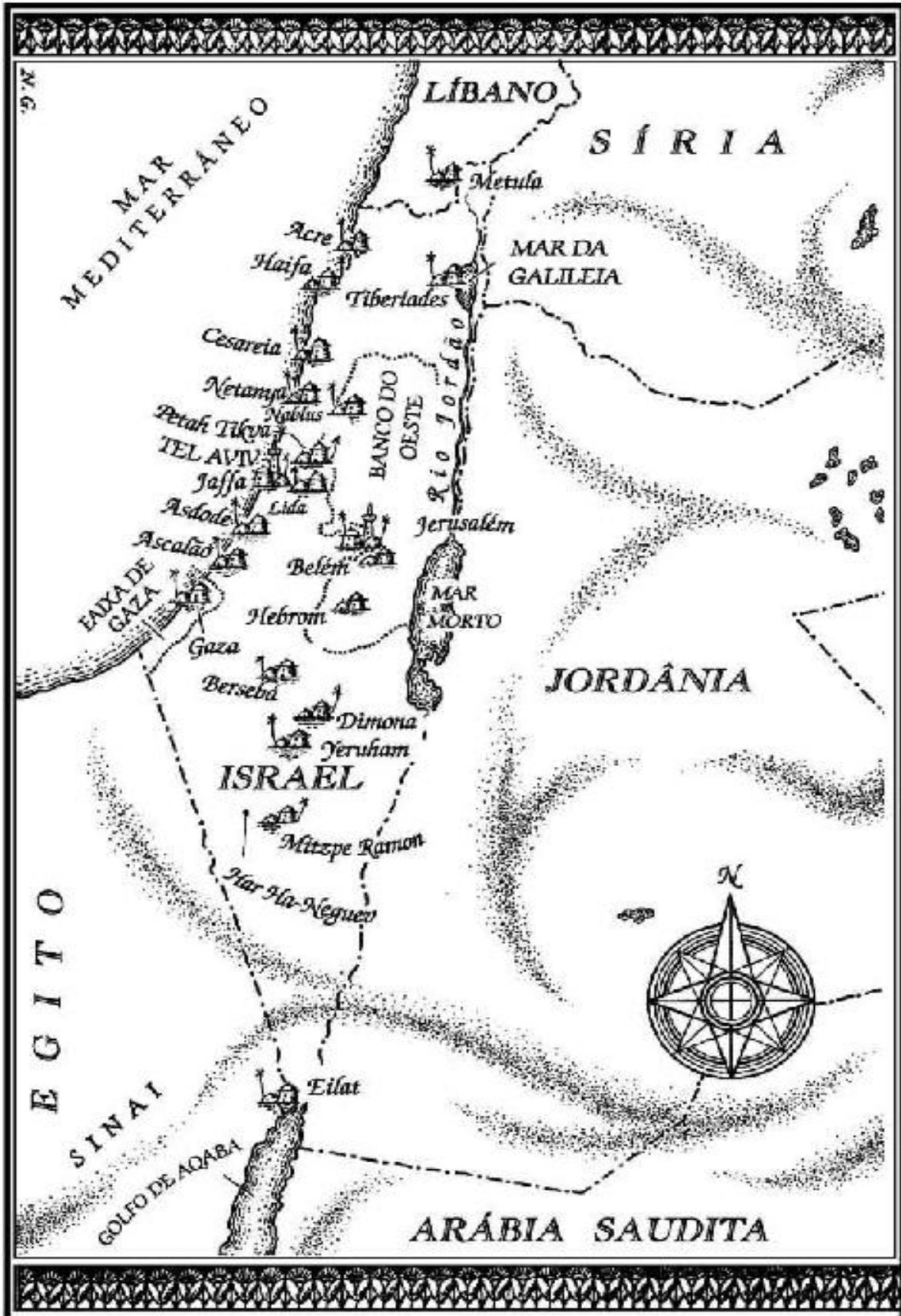
CDU: 821.111-3

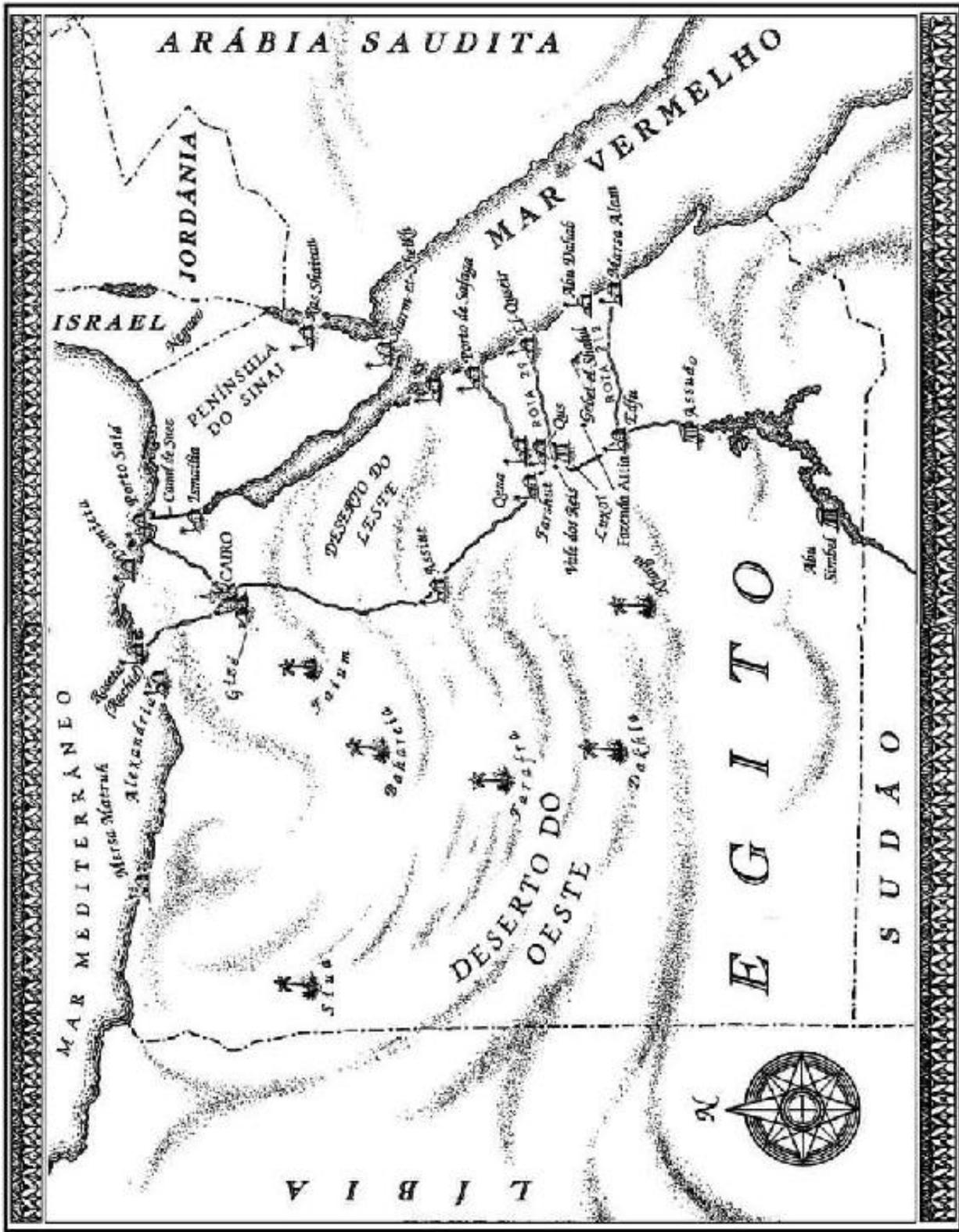
Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

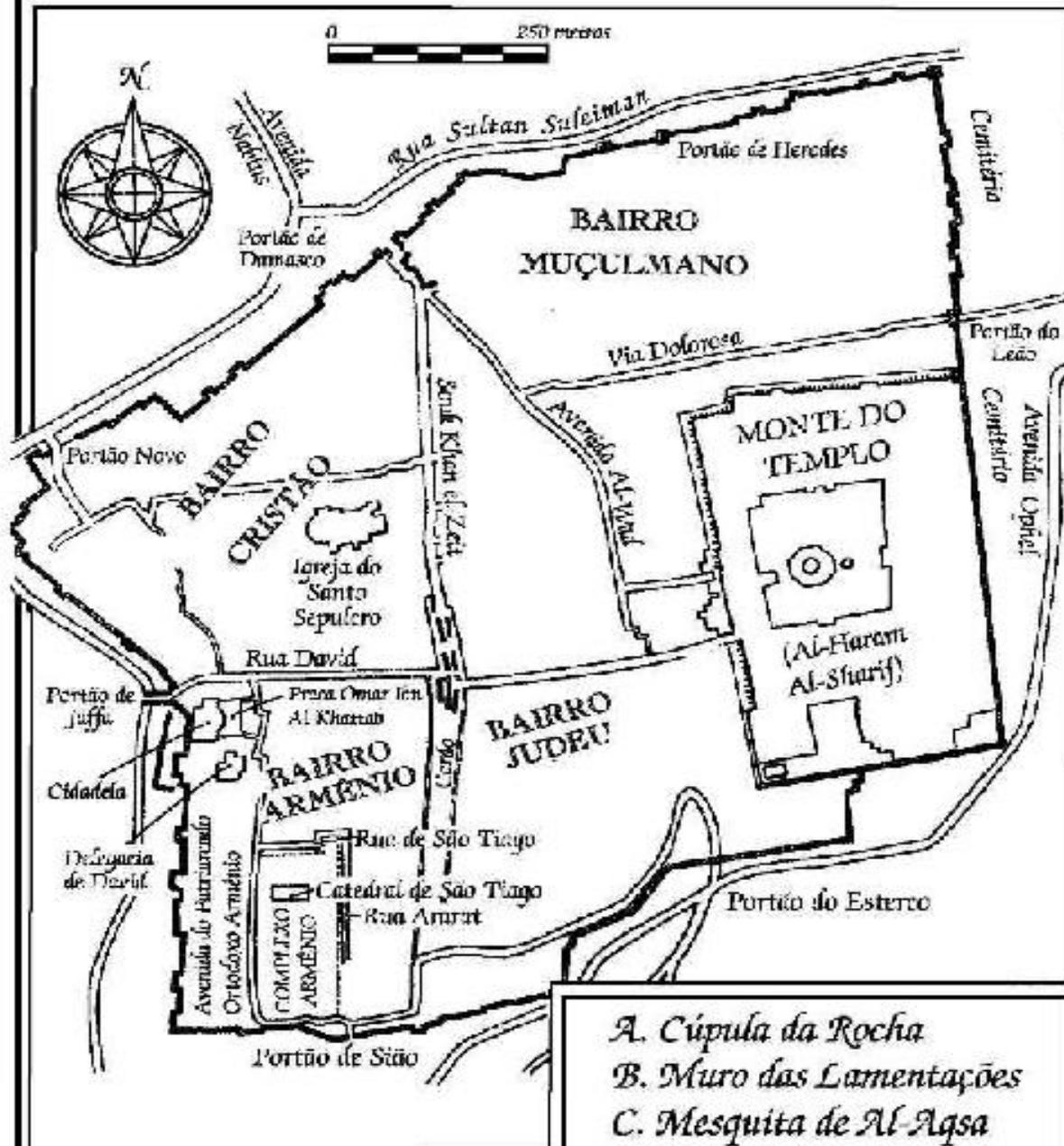
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Para o Time Sussman – Alicky, Ezra, Jude e Layla.
Com amor, sempre.





A CIDADE ANTIGA DE JERUSALÉM



PRÓLOGO

LUXOR, EGITO:
MARGEM OCIDENTAL DO NILO, 1931

Se o menino não tivesse decidido experimentar um novo lugar para pescar, nunca teria ouvido a moça cega da aldeia vizinha, nem visto o monstro que a atacou.

Normalmente, ele pescava numa pequena enseada um pouco além dos enormes bancos de junco, rio abaixo do local onde a balsa do Nilo atracava. Hoje à noite, por sugestão de seu primo Mehmet, que afirmou ter visto cardumes dos gigantes *bulti* nos baixios, o rapaz subiu o rio, passando pelos distantes campos de cana de Ba'irat, até um banco de areia estreito protegido da vista por um denso bosque de palmeiras *doum*. O lugar parecia bom, e ele jogou a linha imediatamente. Mal o anzol atingiu a água, ouviu a voz da garota. Fraca, mas audível.

— La, minfadlak! — Não, por favor!

Ele levantou a cabeça, ouvindo atentamente enquanto a linha era arrastada pela correnteza.

— Por favor, não — veio a voz novamente. — Tenho medo.

E, depois, uma gargalhada. Uma gargalhada de homem.

Deixando a vara no chão, ele escalou o barranco enlameado diante do rio e entrou no bosque de palmeiras. A voz vinha do extremo-sul do bosque, e ele partiu nessa direção, seguindo um caminho de terra estreito, pisando com cuidado para não fazer barulho ou perturbar as víboras de chifres que se escondiam no mato cuja picada era mortal.

— Não — chegou-lhe a voz novamente. — Em nome de Deus, eu imploro!

Outra gargalhada. Uma gargalhada cruel. Provocadora.

Ele se abaixou e pegou uma pedra, pronto para se defender se necessário, e continuou avançando, seguindo as curvas do caminho pelo meio do bosque e de novo acompanhando as margens do rio. Vislumbrou o Nilo à esquerda, lâminas prateadas tremeluzindo além

dos troncos das palmeiras, mas não conseguia ver a garota e seu agressor. Somente quando chegou à beira do bosque, com as árvores fora do caminho, finalmente conseguiu ter uma visão clara do ataque.

Uma trilha larga passava bem diante dele, emergindo das lavouras de cana para a direita e indo na direção do rio. Havia uma moto estacionada. Distantes, claramente visíveis à luz do luar prateado, estavam duas silhuetas. Uma delas, bem maior do que a outra, estava de joelhos, de costas para o rapaz. Usava roupas ocidentais — calças, botas, um casaco de couro coberto por uma camada de poeira, apesar da noite quente — e segurava uma figura bem menor, vestida com uma *djellaba suda*. Ela não parecia estar lutando, simplesmente estava parada, como se congelada, o rosto escondido pelo corpanzil considerável do estuprador.

— Por favor — gemeu ela. — Por favor, não me machuque.

O rapaz queria gritar, mas tinha medo. Em vez disso, avançou furtivamente, agachando-se atrás de um oleandro, ainda segurando a pedra na mão. Agora conseguia ver bem a garota e a reconheceu. Iman el-Badri, a menina cega de Shaykh Abd al-Qurna. Aquela de quem todos riam porque, em vez de fazer as coisas que as meninas deveriam fazer — lavar, limpar e cozinhar — passava os dias nos templos antigos, tateando com sua bengala e tocando o relevo da escrita pictográfica — diziam que ela compreendia as escrituras simplesmente pelo tato. Iman a bruxa, eles a chamavam. Iman a burra.

Agora, espiando por entre as folhas do oleandro e vendo o homem agarrando-a, o rapaz lamentou tê-la provocado, embora todos tivessem feito isso, até mesmo os próprios irmãos dela.

— Estou com medo — repetiu a moça. — Por favor, não me machuque.

— Não se você fizer o que eu disser, minha pequena.

Eram as primeiras palavras que o homem dizia, ou pelo menos as que o rapaz ouviu. A voz era rouca e gutural, falava árabe com um forte sotaque. Ele riu de novo, tirando o véu da moça e passando a mão pelos cabelos dela. Ela começou a soluçar.

Mesmo aterrorizado, o rapaz sabia que tinha de fazer alguma coisa. Avaliando a distância entre ele e os dois à sua frente, esticou o braço para trás, pronto para lançar a pedra na cabeça do estuprador.

Antes que pudesse fazê-lo, porém, o homem se levantou de repente e se virou, o luar banhou seu rosto.

O menino engasgou. Era o rosto de um *ghoul*. Os olhos não eram propriamente olhos, apenas pequenos buracos negros; onde deveria estar o nariz, não havia nada. Não havia lábios, só dentes, anormalmente grandes e brancos, como a bocarra de um animal. A pele era pálida, translúcida, as bochechas encovadas, como se encolhidas pelo desgosto de fazer parte daquela figura.

O rapaz o reconhecia agora, porque tinha ouvido os rumores: um *hawaga*, um estrangeiro, que trabalhava nas tumbas e tinha apenas um vazio onde deveria haver uma face. Um espírito do mal, diziam, que rondava à noite, bebia sangue e desaparecia por semanas a fio no deserto para se comunicar com os demônios, seus companheiros. O rapaz fez uma careta, lutando contra o impulso de gritar.

— Alá me proteja — murmurou. — Querido Alá, afaste-o de mim.

Por um momento, temeu que o monstro o tivesse ouvido, porque ele deu um passo à frente e olhou diretamente para o mato, a cabeça inclinada como se estivesse ouvindo. Alguns segundos se passaram, agonizantes. Então, com uma risada baixa e rascante, como o som de um cão ofegante, o homem foi até a moto. A vítima se levantou, ainda soluçando, embora mais tranquila agora.

Quando chegou até a moto, o homem tirou uma garrafa do bolso do casaco, abriu-a com os dentes e bebeu um gole. Arrotoou, deu outro gole e recolocou a garrafa no bolso, tirando algo do outro. O rapaz só conseguia enxergar tiras e fivelas, e supôs que fosse um capacete de piloto. Em vez de colocá-lo na cabeça, o homem sacudiu e bateu no objeto.

Em seguida, levou-o até rosto e pôs as mãos por trás da cabeça para prender as tiras. Era uma máscara, uma máscara de couro, cobrindo o rosto da testa até um pouco acima do queixo, com

buracos para os olhos e a boca. De alguma forma, isso o deixava ainda mais grotesco do que as deformidades que deveria esconder, e o rapaz deixou escapar outro gemido de terror. O homem olhou em sua direção novamente, os olhos brancos se mexendo por trás do couro, olhando para fora como se estivessem dentro de uma caverna. Então, virando-se, segurou o guidão e apoiou o pé no pedal de partida.

— Não conte nada disso a ninguém — disse para a garota, voltando a falar em árabe. — Entendeu? Ninguém. É o nosso segredo.

Ele pisou com força no pedal de partida e o motor roncou ruidosamente. Girou o acelerador um par de vezes, reavivando a máquina. Em seguida, inclinou-se e procurou algo numa das bolsas penduradas na parte de trás da moto. Pegou o que parecia ser um pacote ou um pequeno livro — o rapaz não tinha como saber —, caminhou de volta até a garota, pegou o *djellaba* dela e enfiou o objeto entre as dobras de tecido preto. Para desgosto do rapaz, ele então enfiou a mão atrás da cabeça da moça e puxou o rosto dela para a frente, pressionando-a contra o seu próprio. Ela se agitou de um lado para outro, parecendo engasgar, enojada pela sensação do couro contra a pele, até o homem soltá-la e voltar para a moto. Ele levantou os apoios dianteiro e traseiro do veículo, colocou um par de óculos de proteção, passou uma perna sobre o assento e, com um grito final de “Nosso segredinho!”, engatou a marcha e saiu rugindo estrada afora, desaparecendo em uma nuvem de poeira.

O menino estava tão apavorado que precisou de alguns minutos para voltar a se mexer. Só quando o ruído do motor havia desaparecido completamente e a noite estava mais uma vez silenciosa, conseguiu se levantar. A menina agora já tinha pegado o véu e prendido novamente os cabelos, murmurando para si mesma, deixando escapar estranhos lamentos que o garoto poderia ter confundido com riso, caso não tivesse visto o que acabara de lhe acontecer. Ele queria ir até lá e dizer a ela que estava tudo bem, que o seu sofrimento tinha acabado, mas percebeu que só aumentaria a vergonha dela saber que a cena tinha sido testemunhada. Ficou onde estava, portanto, observando enquanto ela sentia a grama à

sua volta com a bengala e começava a tatear seu caminho, afastando-se do rio. Ela caminhou uns cinquenta metros, e de repente parou e se virou, olhando diretamente para ele.

— *Salaam* — gritou, a mão livre segurando a *djellaba* protetoramente. — Tem alguém aí?

Ele prendeu a respiração. Ela chamou de novo, forçando os olhos cegos e depois retomou o caminho. Ele a deixou ir, esperando até ela fazer uma curva e desaparecer entre os pés de cana. Então, retornando entre as palmeiras, ele seguiu pelo caminho que acompanhava o Nilo e saiu correndo, esquecendo-se completamente da vara de pescar. Sabia exatamente o que precisava ser feito.

Com o motor de um cilindro de 488cc e caixa de câmbio Sturmey Archer de três marchas, a Royal Enfield modelo J era capaz de atingir uma velocidade máxima de quase 100 km/h. Nas estradas asfaltadas da Europa, conseguia chegar a quase 110 km. Aqui no Egito, onde até mesmo as melhores estradas eram pouco mais do que trilhas melhoradas, raramente ia muito além de 50 km/h. Naquela noite foi diferente. Foi especial. O álcool e a euforia fizeram com que ficasse imprudente e forçasse o velocímetro até 70 km, rugindo para o norte por campos de cana-de-açúcar e milho, o Nilo perdido ao longe, a ondulação grandiosa do maciço tebano o acompanhando à esquerda. Ia dando goles frequentes da garrafa de uísque e cantava, desafinado, sempre a mesma canção.

*O caminho é longo até Tipperary,
Por um longo caminho eu vou.
O caminho é longo até Tipperary,
Pela mais doce garota, eu vou!
Adeus, Piccadilly,
Até mais, Leicester Square!
Até Tipperary, o caminho é longo,
Mas atrás do meu coração é que eu vou!*

A maior parte das aldeias da margem direita estava deserta; aldeias fantasmas, seus habitantes *fellaheen* há muito tempo

recolhidos, as casas feitas de tijolo de lodo escuras e silenciosas como tumbas. Apenas em Esba havia sinais de vida. No início da noite, haviam comemorado um *moulid* lá e alguns retardatários ainda permaneciam na rua: um par de velhos sentados em um banco fumando *shisha*; um grupo de crianças jogando pedras em um camelo; um vendedor de doces marchando para casa com seu carrinho vazio. Viraram-se para ver a motocicleta passar, olhando desconfiados para o motoqueiro. O vendedor de doces gritou com ele, e uma das crianças levou os dedos indicadores até a testa em sinal de *al-shaitan*, o Diabo. O homem os ignorou — estava acostumado a tais insultos — e seguiu adiante, seguido de perto por uma matilha para fora da aldeia.

— Seus vira-latas sarnentos! — gritou, virando-se para trás e rosnando para eles.

Chegou a uma encruzilhada e virou à esquerda, em direção ao oeste, diretamente para o maciço, seu imenso volume irradiando uma cor peltre, opaca à luz do luar. Minúsculas trilhas cruzavam sua face como veias brancas, algumas delas idênticas às trilhas que os antigos operários das tumbas teriam usado para atravessar as colinas durante os três milênios anteriores rumo a Wadi Biban al-Moluk, o Vale dos Reis. Ele percorrera esses caminhos muitas vezes ao longo dos anos, para espanto dos arqueólogos e de outros ocidentais que viviam lá, que não entendiam por que ele simplesmente não pegava um jumento quando quisesse apreciar a vista. Carter era o único que realmente entendia, e mesmo ele estava começando a virar um burguês. A adulação lhe subira à cabeça. Estava assumindo ares e graças. Teimosia e temperamento difícil o homem até podia aguentar, mas não ares e graças. Era só um túmulo, pelo amor de Deus. Tolos, todos eles. Ia mostrar para eles. Ele *já havia* mostrado a eles, embora ainda não tivessem percebido.

Chegou ao Colossos de Amenófis e diminuiu, levantando a garrafa em um gesto de brinde simulado; em seguida, acelerou novamente, seguindo a curva da estrada para o norte, passando pelos templos mortuários em ruínas dispostos ao longo do sopé do maciço. A maioria não era mais do que um amontoado sombrio de

blocos e tijolos de barro quebrados que mal se distinguiam da paisagem ao redor. Apenas aqueles de Hatshepsut, Ramsés II e, mais adiante, Seti I, mantinham algum sinal de sua grandeza original, cortesãs idosas ainda com traços de sua beleza juvenil. E, claro, atrás dele, ao sul, em Medinet Habu, o grande templo de Ramsés III, o seu favorito em todo o Egito, onde ele avistara pela primeira vez a menina cega, e tudo tinha mudado.

Vou fazê-la minha, ele pensou na época, espiando-a por trás de um pilar. *Ficaremos juntos para sempre*.

E agora ficariam. Para sempre. Foi isso que o fez suportar todos aqueles meses solitários embaixo da terra, a lembrança de seu rosto, o pequeno lenço perfumado que ele tinha trazido consigo. Minha pequena joia, ele a chamava. Mais radiante do que todo o ouro do Egito. E mais preciosa. E agora ela era dele. Que dia feliz!

A estrada aqui era boa, a superfície de terra era plana e compacta em função do tráfego que a descoberta de Tutankamon tinha trazido para a região, e ele forçou a Enfield até 80 km/h, levantando poeira atrás dele. Quando chegou a Dra Abu el-Naga, no extremo-norte do maciço — um grupo disperso de casas de tijolos e currais empoleirados nas encostas acima da estrada —, ele diminuiu e parou. À sua esquerda, uma nesga pálida de estrada se enfurnava pelas montanhas em direção ao Vale dos Reis. Logo em frente, no topo de uma colina baixa, havia uma casa térrea com janelas fechadas e um teto abobadado. Ele levantou os óculos e olhou para ela. Então seguiu adiante e desligou o motor ao parar na frente da mansão, tirou os óculos e apoiou a moto contra um tronco de palmeira. Sacudindo o pé do casaco e das botas, tomou outro gole da garrafa de uísque e foi em direção à entrada, cambaleando um pouco pelo efeito do álcool.

— Carter! — gritou, batendo na porta. — Carter!

Nenhuma resposta. Bateu de novo e deu alguns passos para trás.

— Eu encontrei, Carter! Está me ouvindo? Eu encontrei!

A casa estava silenciosa e escura, sem luz visível por trás das persianas fechadas.

— Você disse que não existia, mas existe. Faz a sua tumba parecer uma casa de bonecas!

Silêncio. Bebeu o último gole de uísque e lançou a garrafa noite adentro, andando aos tropeços ao redor da casa, batendo nas persianas. Quando voltou para a frente da casa, deu uma última martelada na porta antes de retornar para a moto.

— Uma porcaria de casa de boneca, Carter! Vem comigo e eu te mostro uma coisa realmente impressionante!

Recolocou os óculos e deu a partida na motocicleta.

— Era apenas um garoto, Carter! — gritou acima do ronco do motor. — Um riquinho idiota. Um corredor de dez metros e quatro quartos mixurucas. Encontrei quilômetros... Você não vai acreditar... Quilômetros!

Ele acenou com a mão e partiu morro abaixo sem ouvir o grito abafado que vinha da casa atrás dele:

— Suma daqui, Pin-Guço, seu moleque judeu bêbado!

De volta à estrada, rumou para o sul, refazendo o caminho por onde viera. Já estava cansado e dirigia mais devagar agora, sem cantar. Fez uma breve parada em Deir el-Medina para ver como Bruyere e os franceses estavam indo na aldeia dos trabalhadores antigos — essas coisas sempre entusiasmavam mais do que tumbas e faraós — e, em seguida, em Medinet Habu. O templo parecia espetacular ao luar, uma cidade de prata mágica, de outro mundo. *Um lugar de sonhos*, pensou, de pé dentro do primeiro pilone, imaginando a moça e todas as coisas que faria com ela. Ele riu, pensando como Carter e os outros sabiam tão pouco a seu respeito; achavam que ele era uma coisa quando, na realidade, era algo totalmente diferente. Como ficariam chocados quando soubessem a verdade!

— Vou mostrar a vocês — gritou. — Vou mostrar a todos vocês, bastardos arrogantes! — Ele soltou uma gargalhada alta, depois voltou para a moto e dirigiu a curta distância até seus aposentos em Kom Lolah, saboreando a perspectiva de sua primeira boa noite de sono em doze semanas. Estacionando a Enfield no beco sujo atrás do alojamento, debruçou-se para soltar as bolsas. Enquanto fazia isso, algo se aproximou pela esquerda. Começava a se virar quando

um braço em torno de seu pescoço o puxou para trás, imobilizando-o. Mãos o agarraram, mãos fortes, muitas delas, de pelo menos três homens, embora ele não tivesse certeza no meio da escuridão e da confusão.

— O que...

— *Ya kalb!* — sussurrou uma voz. — Sabemos o que você fez com a nossa irmã. E agora você vai pagar por isso.

Algo pesado o acertou atrás da cabeça. Ele caiu, debateu-se, foi atingido novamente e tudo ficou escuro. Seus agressores o arrastaram para fora do beco, colocaram-no na traseira de uma carroça puxada por um burro, coberto por um tapete.

— Até onde? — um deles perguntou.

— Bem longe — respondeu outro. — Vamos.

Subiram na carroça, chicotearam o burro e partiram noite adentro. Atrás deles, um gemido podia ser ouvido sob o tapete, quase inteiramente abafado pelo barulho das rodas de madeira.

1972

No último dia de sua lua de mel no Rio Nilo, Douglas Bowers fez uma pequena surpresa para sua esposa Alexandra que ela jamais esqueceria, embora não tenha sido exatamente como Douglas pretendia.

Por duas semanas, vinham navegando de Assuão até Luxor, visitando os templos, o que parecera a Alexandra apenas ruínas e montes de tijolos antigos do país, deixando-a com pouquíssimo tempo para fazer o que realmente queria: relaxar ao sol tomando limonada e lendo uma boa história de amor.

Seus quatro dias em Luxor se mostraram particularmente difíceis, com Douglas insistindo em começar os dias de madrugada para que pudessem apreciar todos os locais antes da chegada das hordas, que descrevia com tristeza como "a plebe". Alexandra achou a tumba de Tutankamon vagamente interessante, até porque ela realmente ouvira falar de Tutankamon, mas todo o resto fora entediante — uma interminável sucessão de câmaras funerárias

claustrofóbicas e paredes cobertas de hieróglifos que a teriam deixado com frio, não estivesse um calor tão sufocante. Embora jamais admitisse, à medida que o fim da lua de mel se aproximava, Alexandra não deixava de sentir uma pontada de alívio ao pensar que logo estaria no caminho de volta à normalidade monocromática do subúrbio ao sul de Londres.

Porém, então, inesperadamente, Douglas fez algo surpreendente que lembrou a Alexandra a pessoa gentil e carinhosa que ele era e por que ela havia se casado com ele.

Na última manhã, seguindo as instruções de Douglas, acordaram ainda mais cedo do que de costume, antes do amanhecer, e cruzaram o Nilo. Na margem ocidental do rio, um táxi os aguardava, levando-os para o estacionamento em frente ao Templo de Hatshepsut, onde dois dias antes Douglas havia passado a tarde inteira fazendo medições com a trena que sempre carregava consigo. Alexandra previu que a cena se repetiria e desanimou por completo. Em vez de entrar no templo, no entanto, o marido a levou por um caminho estreito que serpenteava as colinas por trás do monumento. Subiram a trilha com dificuldade; o céu ganhava tons cada vez mais pálidos de cinza acima deles, e o Vale do Nilo ficava cada vez mais distante. Finalmente, após mais de uma hora de subida, quando Alexandra começava a acreditar que ver o marido medir blocos de pedra talvez não fosse tão ruim assim, galgaram uma última subida íngreme e chegaram ao topo do Qurn — o pico em forma de pirâmide que dominava a extremidade sul do Vale dos Reis, onde uma cesta de piquenique os esperava.

— Pedi a um dos rapazes do hotel para trazer até aqui — explicou Douglas, abrindo a cesta e tirando meia garrafa de champanhe gelada. — Sinceramente, estou surpreso que ninguém tenha mexido na cesta.

Ele serviu dois copos, tirou uma rosa vermelha da cesta e se ajoelhou diante dela.

— Que seu espírito viva — entoou. — Que você passe milhões de anos, você que ama Tebas, com o rosto voltado para o vento norte, contemplando a felicidade.

Era tão maravilhosamente romântico, tão incomum da parte de Douglas, que ela explodiu em lágrimas.

— Não se preocupe com o preço, garota — ele repreendeu. — Consegui o champanhe com desconto. Incrivelmente barato.

Sentaram-se em uma pedra, bebericaram o champanhe e assistiram ao nascer do sol sobre as montanhas do deserto, imóveis e em perfeito silêncio, a área cultivada do Nilo como um borrão verde muito distante, uma miniatura do mundo. Depois do café da manhã, beijaram-se, arrumaram a cesta e a deixaram ali — Alguém subirá aqui para recolhê-la — explicou Douglas — e começou a descer a trilha íngreme que seguia na parte de trás do pico.

— Segundo aquele sujeito no hotel, sabe, o Rupert-sei-lá-de-quê, pomposo, de narinas grandes, se seguirmos este caminho, podemos dar a volta no planalto e descer bem perto da entrada para o Vale dos Reis.

Douglas fez com o braço um grande círculo.

— Deve demorar uma hora mais ou menos e, se nós conseguirmos caminhar rápido, chegaremos na hora do almoço sem problemas.

Alexandra já tinha se recuperado da escalada e, apesar de não gostar muito de longas caminhadas em terreno irregular, graças em grande parte ao champanhe, sentia-se aventureira e obedientemente seguiu um passo atrás do marido. O caminho era estreito, rochoso e difícil em alguns lugares, mas, como cavalheiro que era, Douglas a ajudou a passar pelos trechos mais difíceis e, para sua surpresa, ela estava realmente se divertindo.

Uma verdadeira aventura no deserto, pensou ela. Olivia e Flora precisam saber disso!

Embrenhavam-se cada vez mais nas montanhas, com o Nilo agora perdido atrás deles e a paisagem quase lunar em sua desolação — apenas rochas e poeira e um céu branco pálido. Uma hora e noventa minutos se passaram e, embora Douglas tivesse trazido comida e água em uma mochila, depois de duas horas a pé e sem perspectiva de fim à vista, Alexandra começava a se cansar. Os pés doíam, o calor se tornara desconfortável e, o pior de tudo, ela precisava ir ao banheiro.

— Eu ficarei de costas — ofereceu-se Douglas, quando ela o avisou da situação.

— Eu não vou fazer xixi ao ar livre — ela retrucou, o humor já não tão bom quanto antes.

— Pelo amor de Deus, ninguém vai ver você

— Não vou fazer xixi ao ar livre — repetiu. — Quero um pouco de privacidade.

— Bem, você tem duas opções: prender ou ir ali, atrás daquela rocha grande. É pegar ou largar, garota.

Desesperada, ela aceitou a sugestão do marido e se afastou uns trinta metros, até a parte de trás de uma grande rocha que emergia da superfície pedregosa do deserto como um cogumelo gigante. O terreno ali era bem íngreme, até um pequeno vale em forma de funil, mas havia espaço suficiente logo atrás da rocha para ela poder puxar o vestido e se agachar.

— Não fique ouvindo — gritou ela.

Os passos de Douglas se afastando do local ecoaram no ar, seguidos pelo som de assobios. Alexandra colocou uma das mãos contra a rocha para se apoiar e a olhou fixamente, tentando relaxar. A pedra era amarela e poeirenta, e estava entalhada com uma curiosa matriz de arranhões; depois de alguns minutos, percebeu que não eram arranhões, mas restos desbotados do que parecia ser algum tipo de texto hieroglífico. Ela deu alguns passos para trás para ver melhor, a calcinha presa enrolada nos tornozelos. Havia uma imagem que parecia uma lebre, uma linha ondulada, um par de braços e outros símbolos que ela reconheceu de todos os inúmeros monumentos pelos quais havia sido arrastada ao longo das duas últimas semanas.

— Querido — chamou ela, dando mais alguns passos para trás, tendo esquecido momentaneamente tanto o constrangimento quanto a necessidade de urinar. — Acho que encontrei...

Ela não disse mais nada. De repente, perdeu o equilíbrio e caiu para trás ladeira abaixo por trás da pedra, envolta por pedras e poeira, as pernas chutando freneticamente, presas pelo elástico apertado da calcinha. Chegou ao final da descida, experimentou uma breve e curiosa sensação de bater em uma massa de galhos e

ramos e, em seguida, voltou a cair, desta vez em pleno ar, durante o que pareceu ser uma eternidade, até atingir algo macio e perder a consciência.

Lá em cima, Douglas Bowers ouviu os gritos de sua mulher e disparou em direção à rocha.

— Ah, meu Deus! — ele gritou, descendo a colina aos tropeços em direção ao enorme buraco lá embaixo. — Alexandra! Alexandra!

Um poço retangular e profundo se abria a seus pés, cortado verticalmente no calcário branco, as paredes lisas e bem revestidas, claramente feitas pelo homem. No fundo, quase a seis metros abaixo, pouco visível através da névoa de poeira que fechava a circulação de ar, havia um emaranhado de galhos e ramos que provavelmente obstruía a abertura do poço. Nem sinal da esposa. Somente quando a poeira começou a assentar, ele vislumbrou a sombra de um braço. Em seguida, de um sapato, e depois a estampa floral do vestido dela.

— Alexandra! Você está me ouvindo?! Alexandra!

Houve um silêncio longo e terrível, o pior silêncio que Douglas já ouvira, e depois um gemido fraco.

— Ah, graças a Deus! Minha querida! Você consegue respirar? Está sentindo dor?

Mais gemidos.

— Está tudo bem. — Uma voz grogue veio lá de baixo. — Estou bem.

— Não se mexa! Vou pedir ajuda.

— Não, espere, deixa eu ...

Ouviram-se um movimento e um estalar de galhos.

— Há algum tipo de... porta.

— O quê?

— Aqui embaixo. É como uma...

Os estalos se intensificaram.

— Você sofreu uma concussão, Alexandra. Fique parada. Vamos tirar você daí logo, logo!

— Estou vendo uma pequena sala. Tem alguém sentado lá...

— Por favor, querida, você bateu a cabeça, está tendo alucinações.

Se estivesse, seria claramente muito real para ela, porque, naquele momento, Alexandra Bowers começou a gritar histericamente e nada que o marido dissesse ou fizesse seria capaz de acalmá-la.

— Meu Deus, me tire daqui! Quero ficar longe dele! Por favor, me leve pra longe dele antes que me machuque! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

O PRESENTE

Ninguém sabia dizer ao certo onde a cadeia causal que culminou com a colisão realmente iniciou.

Que a barcaça do Nilo estava fora de sua rota era indiscutível. Da mesma forma, o bote a remo jamais deveria estar no rio, não depois de escurecer, apresentando um vazamento no casco e com apenas um remo útil.

Nem individualmente nem em conjunto, no entanto, os traços mais evidentes do acidente poderiam ser considerados a causa absoluta. Alguns elementos aleatórios eram necessários para transformar uma situação potencialmente perigosa em uma tragédia.

Se uma lancha da polícia não tivesse passado e ordenado que o bote voltasse à costa, talvez ele nunca tivesse cruzado o caminho da barcaça. Se o vigia na proa da barcaça não tivesse acabado de comprar um rádio novo, não estaria tão absorto ouvindo o campeonato de futebol do Cairo e talvez tivesse dado o alarme mais cedo. Se o cargueiro com diesel para abastecer a barcaça não tivesse atrasado no início de sua jornada, ela teria descarregado dentro do horário e estaria muito longe, rumo ao norte no momento em que o bote e seus ocupantes caíram na água.

Havia tantos elos diferentes, a cadeia era tão confusa, enrolada e multifacetada, que em última análise era impossível isolar uma única causa ou apontar um culpado de forma absoluta.

Apenas duas coisas eram certas.

Primeiro, por volta das 21h15, em uma noite clara, sem nuvens, um terrível acidente ocorreu no Nilo, cerca de um quilômetro ao sul

de Luxor, testemunhado pela tripulação da lancha da polícia e por uma família egípcia que fazia um piquenique ao luar na margem esquerda do rio.

Em segundo lugar, que, na sequência do acidente, a vida das pessoas afetadas nunca mais seria a mesma.

PARTE 1

JERUSALÉM, NOVE MESES DEPOIS

Está escuro aqui, como o interior de uma caverna, o que é bom. Isso significa que ela não pode me ver. Não inteiramente. Eu sou apenas uma silhueta sombria para ela. Como ela é para mim.

Quando a segui pela porta, ela se virou e olhou diretamente para mim. Por um momento, pensei que talvez soubesse quem eu era, mesmo na escuridão, mesmo com o capuz puxado para baixo cobrindo o meu rosto. Sua expressão não era de reconhecimento, mas de expectativa, de esperança. Ela se virou quase que imediatamente e não tomou mais conhecimento da minha figura. Um fiel com hábitos noturnos, provavelmente é o que ela deve estar pensando.

Agora estou olhando para ela. Há janelas situadas no alto das paredes e até na cúpula, mas elas estão sujas, e, de qualquer maneira, está quase escuro lá fora. A pouca luz que existe vem de uma das lâmpadas de bronze penduradas no teto na extremidade da catedral. Essa luz serve apenas para suavizar a escuridão nas imediações. Ela está em pé quase diretamente embaixo da lâmpada, em frente à tela de madeira entalhada que separa a área do altar do restante da igreja. Estou perto da porta, em um dos bancos almofadados que acompanham as paredes. Lá fora a chuva bate nas lajes do pátio. O tempo não é o que eu esperava, mas serve. Isso significa que posso me manter coberto. Eu não quero que vejam o meu rosto. Nem ela nem ninguém.

A cortina que cobre a porta de repente se abre e faz barulho. Ela olha em volta, pensando que alguém entrou. Percebendo que é apenas o vento, ela se vira para a frente em direção ao sacrário coberto por ícones atrás do altar. Sua bolsa de viagem está sobre o tapete a seus pés. A bolsa é um problema. Ou melhor, a viagem que a bolsa representa é um problema. Ela limita meu tempo de ação. Parece estar esperando por alguém, e isso também é um problema.

De uma pessoa eu dou conta. De duas é mais complicado. Talvez eu tenha de improvisar. Talvez eu tenha de agir antes do planejado.

Ela caminha em direção a um dos quatro pilares gigantes que sustentam a cúpula. Uma pintura está pendurada no pilar, uma enorme pintura dentro de uma pesada moldura dourada. Eu não consigo ver qual é a imagem. Não me importa qual é a imagem. Estou olhando para ela e pensando. Calculando. Será que devo agir antes do planejado? Sinto o cheiro de incenso.

Ela olha para a pintura. Em seguida, vira-se para a tela do altar e ergue o braço, consultando o relógio. Sinto a Glock no bolso do casaco, porém me preocupo com o fato de que, mesmo com a chuva, o barulho seja ouvido e faça com que as pessoas venham correndo. Melhor agir de outra maneira. *Como* não é a questão. *Quando* é a questão. Eu tenho que descobrir o que ela sabe, mas com a bolsa e a possibilidade de ela estar esperando alguém...

Ela se afasta novamente. Há portas na parede lateral da catedral que se abrem para aquilo que acredito serem pequenas capelas, embora esteja escuro demais para ter certeza. Ela olha em cada uma delas e volta em minha direção. Do lado de fora da capela mais próxima, uma área do piso acarpetado está cercada por uma tela baixa de madeira. Ela se senta em um banco no lado de dentro da tela, quase imperceptível. Pego o cordão, planejando tudo mentalmente e ponderando as opções. Se ao menos eu não tivesse que interrogá-la.

Agora ela está de pé de novo e vindo em minha direção. Afundei minha cabeça como se estivesse em oração, mantendo meu rosto bem escondido, olhando para minhas mãos enluvadas. Ela passa direto, contorna as paredes de ladrilho de volta ao altar, onde consulta o relógio novamente. Será que devo continuar apenas a seguindo para ver aonde vai? Ou agir agora, enquanto estamos sozinhos, enquanto eu tenho a chance? Não consigo me decidir. Mais alguns minutos se passam. Então ela pega a bolsa, vira-se e vai em direção à porta. Quando chega bem perto de mim, ela para.

— *Shalom.*

Mantenho meus olhos no chão.

— *Ata medaber Ivrit?*

Eu não digo nada. Não quero que ela ouça a minha voz. Sinto-me tenso de repente.

— Você fala inglês?

Continuo olhando para o chão. Muito tenso.

— Você é armênio? Não quero incomodá-lo, mas estou procurando...

Tomo a decisão. Levanto, dou-lhe um forte golpe no queixo com a base da palma da minha mão. Ela cambaleia para trás. Mesmo no escuro consigo ver o sangue borbulhando de sua boca, muito sangue, o que me faz pensar que o golpe pode tê-la feito morder a ponta da língua. É um pensamento momentâneo. Quase imediatamente, estou atrás dela e passo o garrote por seu pescoço. Cruzo os pulsos e puxo as alças em cada ponta do fio, apreciando a firmeza que me proporcionam, a força que sou capaz de exercer em sua traqueia. Ela é muito maior do que eu, mas tenho toda a vantagem. Chuto as pernas dela e puxo com toda a minha força, arqueando a cabeça para trás e a segurando enquanto ela se debate, arfa e agarra o fio. Dura menos de trinta segundos e então ela fica mole. Eu continuo puxando para garantir, absorto em meu trabalho, nem mesmo pensando na possibilidade de alguém entrar e nos encontrar, o fio ferindo fundo a carne de seu pescoço. Só quando tenho absoluta certeza, paro de puxar e a deito no chão. Estou eufórico.

Paro um momento para recuperar o fôlego — estou respirando com dificuldade — em seguida, enrolo o fio em voltas perfeitas, recoloco-o no bolso e dou uma espiada no pátio pela cortina da porta. Está tomado pela chuva e deserto. Deixo a cortina se fechar, tiro minha lanterna do bolso e enrolo o corpo no tapete. Existem algumas poucas manchas quase imperceptíveis, mas a maior parte do sangue da sua boca parece ter sido absorvida pela capa de chuva e pelo casaco, o que é bom. Aperto os lados da mandíbula para abrir sua boca. Embora ela tenha mordido profundamente a língua, ainda está inteira, o que também é bom. Vejo o que ela tem no bolso, encontro um lenço e o coloco em sua boca para evitar mais sujeira. Então, uso a lanterna para iluminar a catedral. Preciso ganhar algum tempo, não podem encontrá-la ainda. Eu sei onde ela mora e vou

para lá depois, mas no momento preciso de algum lugar escondido. Não gosto de improvisar, mas espero que tudo dê certo.

O detetive Arie Ben-Roi da Polícia de Jerusalém apertou os olhos e olhou para a escuridão, observando atentamente o corpo que se delineava à sua frente. O corpo parecia estar enrolado como uma bola e, durante alguns segundos, ele ficou sem saber o que era. Lentamente a forma ficou clara — cabeça, tronco, braços, pernas. Balançou a cabeça, mal conseguindo acreditar no que estava vendo. Então sorriu e apertou a mão de Sarah.

— Ele é lindo.

— Nós não sabemos se é “ele” ainda.

— Ela é linda também.

Esticou-se, olhando para a imagem granulada na tela do ultrassom. Era a terceira ultrassonografia de Sarah — a terceira deles — e, mesmo com vinte e quatro semanas de gestação, ele ainda tinha dificuldades em entender a configuração precisa do bebê (embora não tivesse repetido mais a gafe do exame de doze semanas, quando destacou o que ele orgulhosamente supôs ser um pênis enorme, para descobrir em seguida que era o osso da coxa do bebê).

— Está tudo bem? — perguntou ele à médica. — Está tudo no lugar certo?

— Está tudo ótimo — assegurou-lhe a doutora, deslizando o aparelho para a frente e para trás sobre a parábola gelatinosa da barriga de Sarah. — Só preciso que o bebê gire para que eu possa medir a coluna vertebral.

Ela esguichou mais gel e direcionou o aparelho logo abaixo do umbigo. A imagem na tela aumentou e ficou turva à medida que a médica tentava encontrar o ângulo exato.

— O bebê está um pouco teimoso hoje.

— De quem será que ele puxou isso?— disse Sarah.

— Ou ela — comentou Ben-Roi.

A médica continuou tentando, segurando o aparelho com uma das mãos enquanto manipulava com a outra o painel de controle

abaixo da tela, isolando imagens fixas de diferentes partes do feto, fazendo leituras e medições.

— Bons batimentos cardíacos — disse ela. — O fluxo sanguíneo uterino está bom, os membros estão todos de acordo com o padrão de desenvolvimento normal...

O som de uma música a interrompeu. Música alta, eletrônica. “Hava Nagila”.

— *Nu be’emet, Arieh!* — exclamou Sarah. — Eu disse para você desligar o celular.

Ben-Roi se desculpou, dando de ombros. Abrindo uma bolsa presa ao cinto, pegou o celular Nokia.

— Ele nunca consegue desligá-lo — suspirou ela, falando com a médica, buscando apoio fraternal. — Nem mesmo na hora da ultrassonografia do filho. Sempre ligado, dia e noite.

— Sou um policial, pelo amor de Deus.

— Você é pai, pelo amor de Deus!

— Tudo bem, não vou atender. Eles podem deixar uma mensagem.

Ben-Roi balançou o telefone na mão e o deixou tocar, fazendo questão de se inclinar para a frente e olhar para a tela. Sarah resmungou. Já tinha passado por isso.

— Observe — sussurrou para a doutora.

Por cinco segundos Ben-Roi se sentou ali, aparentemente absorto na imagem do ultrassom. Mas como a “Hava Nagila” não dava trégua, começou a mexer o pé, sacudiu o braço e mudou de posição na cadeira, como se estivesse com coceira. Por fim, incapaz de se controlar, olhou para o telefone, verificando o número. Ficou de pé imediatamente.

— Tenho que atender. É da delegacia.

Foi para o canto da sala e levou o telefone até a orelha, aceitando a chamada. Sarah revirou os olhos.

— Dez segundos — reclamou ela. — Até que demorou. É só o seu filho, afinal de contas.

A moça lhe deu um tapinha no braço para confortá-la e retomou o exame. No outro lado da sala, Ben-Roi ouvia e falava baixinho.

Depois de alguns segundos, encerrou a chamada e recolocou o celular no cinto.

— Desculpe, Sarah, tenho que ir. Deu zebra.

— Como assim? Diga, ArieH. O que é tão importante que não pode esperar mais cinco minutinhos até o exame acabar?

— Deu zebra.

— O que aconteceu? Quero saber.

Ben-Roi vestia o casaco.

— Não vou discutir com você, Sarah. Não com você...

Ele fez um gesto com a cabeça em direção à barriga nua, a pele brilhosa e escorregadia por causa do gel do ultrassom, pequenos tufo castanhos de pelos públicos claramente visíveis no V aberto na parte da frente de calça jeans. O gesto pareceu irritá-la ainda mais.

— Preciso a sua consideração — rosnou ela. — Mas não tenho problema algum em discutir com você. Agora vamos, diga o que é tão importante para passar à frente da saúde de nosso bebê?

— Bubu está bem, ela acabou de dizer.

Ben-Roi levantou a mão em direção à médica, que olhava fixamente para a tela, tentando ficar à margem da discussão.

— Trinta minutos, ArieH. É só o que eu peço. Que durante trinta minutos você esqueça a polícia e nos dê sua atenção total. Será que é pedir demais?

Ben-Roi sentia que estava prestes a explodir, principalmente porque sabia que estava errado. Levantou as mãos, com as palmas estendidas para fora, procurando com isso acalmar a si mesmo e à mulher.

— Não vou discutir — repetiu ele. — Algo aconteceu e precisam de mim. Fim de papo. Eu ligo depois.

Inclinou-se e deu um beijo na cabeça dela, dando uma última olhada para a tela, a caminho da porta. Ao sair para o corredor, ouviu a voz de Sarah atrás dele.

— Ele não consegue se desligar. É por isso que precisei me afastar. Nem mesmo por trinta minutos. Ele simplesmente não consegue.

Ele ouviu a médica oferecendo algumas palavras de conforto e fechou a porta.

Nada na vida tinha lhe trazido maior alegria do que a perspectiva de ser pai. Nem o mesmo grau de culpa, refletiu ao sair.

O Hospital Hadassah ficava próximo ao topo do Monte Scopus, e a unidade de pré-natal ocupava uma ala nos andares mais altos do hospital. Enquanto esperava pelo elevador para descer, Ben-Roi olhou pela janela, para o lado norte até as Montanhas da Judeia. A distância, ele conseguia ver apenas as apagadas e uniformes casas dos subúrbios dos assentamentos de Pisgat Amir e Pisgat Ze'ev; perto dali estavam os igualmente opacos e ainda mais arrasados prédios de apartamentos palestinos de Anata e do campo de refugiados de Shu'fat. Era uma paisagem desoladora, mesmo nos bons momentos: feias fileiras de casas intercaladas por fileiras igualmente feias de colinas, repletas de rochas e lixo. Hoje, o cenário parecia particularmente sombrio, agravado pela cortina de chuva que caía de um céu carregado.

Voltou os olhos para o elevador e depois para a rua, seguindo a linha da barreira, em seu trajeto acompanhando Shu'fat e Anata, separando-os do restante de Jerusalém Oriental. Este era um tema que certamente inflamava Sarah, até mais do que seu trabalho como policial. "Uma obscenidade", dizia ela. "Uma vergonha para a nossa nação. Podemos também obrigá-los a usar estrelas amarelas."

Ben-Roi tendia a concordar, embora não em termos tão inflamados. A barreira havia reduzido o número de atentados a bomba, sem dúvida, mas a que preço? Ele conhecia um palestino proprietário de uma oficina, um sujeito afável, chamado Ar-Ram. Toda manhã, por vinte anos, ele caminhava os cinquenta metros de casa até a oficina e, à noite, fazia o percurso de volta. Quando a barreira foi construída, de repente, havia seis metros de concreto vertical separando ele do seu negócio. Agora, para chegar ao trabalho, precisava desviar e passar pela barreira de Kalandia, transformando um trajeto de trinta segundos em uma viagem de duas horas. Esta história se repetia em toda a extensão da barreira — agricultores separados de seus campos, crianças longe das escolas, famílias divididas. Persigam os terroristas, com certeza, acabem com eles, mas por que punir uma população inteira? Quanto

mais raiva isso não gerava? Quanto mais ódio? E quem estava na linha de frente lidando com toda essa raiva e ódio? Idiotas como ele.

— Bem-vindos à Terra Prometida — resmungou, ao passar pelas portas do elevador.

Já no estacionamento, entrou em seu Toyota Corolla e saiu em direção à estrada da Universidade Hebraica e depois à Derekh Ha-Shalom, de volta à Cidade Antiga. O tráfego matinal estava tranquilo e ele chegou ao Portão de Jaffa em dez minutos. Ao passar pelo portão, entretanto, viu-se preso em um pequeno engarrafamento. A prefeitura estava modernizando o sistema viário em torno da Cidadela, reduzindo duas pistas a uma, atrapalhando o trânsito na Praça Omar Ibn Al-Khattab e no trecho final da Rua David. Já estavam trabalhando há dezoito meses e certamente ainda precisariam de mais um ano de obras. Normalmente, o tráfego fluía, apesar da confusão. Hoje, um caminhão estava preso, tentando sair de ré da rua do Patriarcado Católico Grego e ninguém conseguia sair do lugar.

— *Chara* — resmungou Ben-Roi. — Merda.

Batendo de leve no volante, fixava seu olhar em um outdoor grande que mostrava a planta da nova estrada, acompanhada pela logo: “Barren Corporation: Orgulho de patrocinar a futura história de Jerusalém.” De vez em quando, ele pressionava a buzina, aumentando a cacofonia da barulheira intensa que já tomava conta da rua, e duas vezes baixou o vidro para gritar “*Yallah titkadem, maniak!*” ao motorista do caminhão. A chuva continuava caindo, mandando ondas de água lamacenta da obra pela rua toda.

Esperou cinco minutos e perdeu a paciência. Tirou a luz de polícia que estava sob o banco de passageiros, colocou no teto do carro, encaixou na tomada e ligou a sirene. Isso fez diferença. O motorista do caminhão manobrou para a frente, o engarrafamento cedeu, e Ben-Roi conseguiu virar a esquina e percorrer os cem metros que faltavam até a Delegacia de Polícia de David.

Kishle, como a delegacia era chamada por ter servido como prisão sob o regime otomano, era um prédio longo de dois andares que dominava o sul da praça, com janelas gradeadas e manchadas, e paredes feitas de blocos de pedra que lhe davam um ar de

austeridade decadente. Havia outra Kishle em Nazaré, considerada por muitos a delegacia mais bonita de Israel. Não era um adjetivo que Ben-Roi usaria para descrever o seu local de trabalho.

O guarda de plantão o reconheceu e abriu o portão eletrônico, acenando para ele. Ben-Roi passou pelo portão de entrada em arco e seguiu pelo túnel de vinte metros que cortava o prédio, saindo no largo complexo atrás. Uma área para exercícios equestres e um estábulo ocupavam a extremidade do terreno e, a seu lado, havia um prédio baixo e inexpressivo, parecido com um depósito, mas que na verdade abrigava a unidade municipal de desarmamento de bombas. Todo o restante do espaço estava ocupado por carros e vans estacionados, alguns com placas da polícia — vermelhas com a letra M de *Mishteret* — e a maioria com placas amarelas civis. Ben-Roi tinha as duas placas, embora, em geral, usasse a civil. Não era preciso anunciar que era policial.

Freou e entrou em uma vaga entre um par de ATVs Polaris Ranger. Ao sair do carro, alguém segurou um guarda-chuva para ele.

— *Toda*, Ben-Roi. Você acaba de me fazer ganhar cinquenta shekels.

Um homem barbado, gorducho lhe passou uma xícara de café turco. Uri Pincas, um colega detetive.

— Feldman viu você no engarrafamento — explicou o colega, com sua voz áspera de barítono. — Fizemos uma pequena aposta de quanto tempo você esperaria antes de usar a sirene. Eu acertei. Cinco minutos. Você está ficando mais paciente com a idade.

— Divido o prêmio com você — disse Ben-Roi, pegando o café e trancando o carro.

— Nem pensar.

Atravessaram o complexo. Pincas segurava o guarda-chuva sobre os dois, protegendo-os da chuva, enquanto Ben-Roi bebericava o café no copo de isopor. O colega podia ser um sacana sarcástico, mas certamente fazia um ótimo café.

— Então, o que está acontecendo? — perguntou. — Disseram que era um corpo.

— Na Catedral Armênia. Estão todos lá agora. O chefe, inclusive.

Ben-Roi levantou as sobrancelhas. Não era comum o chefe se envolver, não nesse estágio inicial.

— Quem é o investigador?

— Shalev.

— Ainda bem. Talvez a gente até consiga resolver este caso.

Chegaram a um túnel que levava ao complexo. À esquerda estava um anexo térreo que se estendia pela parte traseira do prédio, o centro de controle das mais de trezentas câmeras de segurança que monitoravam a Cidade Antiga.

— Estou aqui — disse Pincas. — A gente se vê quando você voltar.

— Posso pegar o guarda-chuva emprestado?

— Não.

— Você está dentro do prédio!

— Talvez eu tenha de sair.

— *Ben zona*. Filho da mãe.

— Mas um filho da mãe seco — sorriu Pincas. — Melhor se apressar, eles estão esperando por você.

Pincas foi em direção às portas de vidro do anexo. Quando chegou lá, virou-se. De repente, sua expressão denotava seriedade.

— Ele a garroteou. O infeliz estrangulou a desgraçada.

Ele encarou Ben-Roi friamente. E não disse nada. Não precisava falar. O sentido era absolutamente claro: *nós temos que pegar esse cara*. Sustentaram o olhar e, com um aceno de cabeça, Pincas abriu a porta e desapareceu no prédio. Ben-Roi engoliu o último gole do café.

“Bem-vindo à Terra Prometida” — resmungou, amassando o copo de isopor e o lançando em direção à cesta de basquete no final do pátio. Não chegou nem perto.

GOMA, REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Jean-Michel Semblaire se ajeitou de volta na cama forrada com lençóis de algodão penteado do hotel e pensou sobre o trabalho bem-feito.

Tinha sido uma quinzena bem penosa. Um surto renovado de atividade rebelde fechara o aeroporto de Goma logo após a sua chegada ao país, forçando-o a esperar uma semana em Kinshasa antes de finalmente conseguir um voo para o leste do país até a fronteira com Ruanda. Em seguida, houve um hiato de mais quatro dias enquanto os negociadores trabalhavam nos detalhes da reunião, que precisara de quase três meses para se organizar. Finalmente, depois da viagem de Cessna até a remota pista em Walikale e da cansativa travessia de duas horas de carro pela densa floresta, conheceu Jesus Ngande. O Açougueiro de Kivu, cujas milícias transformaram o estupro em massa em uma forma de arte e, mais importante que isso, que controlava metade das minas de cassiterita e coltar nessa parte do país.

Depois de todas as fases de preparação, a reunião propriamente dita durara pouco mais de uma hora. Semblaire passara ao chefe da milícia um adiantamento em sinal de confiança de quinhentos mil dólares em dinheiro, houve alguma discussão acalorada sobre o número de toneladas e quanto minério seria transportado pela fronteira até Uganda, e depois Ngande abriu uma garrafa e propôs um brinde à sua nova parceria comercial.

— *C'est quoi* — Semblaire perguntara, examinando o líquido púrpura avermelhado em sua taça.

Ngande estava com um sorriso radiante, os meninos-soldados à sua volta tendo acessos de riso solto.

— *Sang* — foi a resposta. Sangue.

Semblaire manteve a calma.

— Na França, preferimos apertos de mão.

Riu da lembrança. Acendendo um Gitanes, fez um anel de fumaça em direção ao ventilador de teto e se alongou, apreciando a sensação dos lençóis de algodão contra seu corpo nu. Embora tivesse chegado aos cinquenta naquele ano, graças a uma dieta cuidadosa, ioga e exercícios regulares com o seu *personal trainer*, tinha o físico de um homem dez anos mais jovem. Talvez até mesmo quinze. Sentia-se bem consigo mesmo. Forte, capaz, confiante. Ainda mais agora que a reunião passara e ele estava a caminho de casa.

Normalmente, isso teria sido tratado por alguém mais abaixo na hierarquia da empresa. Neste caso particular, com os chineses abocanhando uma fatia cada vez maior da riqueza mineral do Congo, o conselho lhe pediu para entrar em ação e fechar o negócio pessoalmente. Os representantes locais resolveriam tudo daqui — sendo uma das maiores negociantes de minério do mundo, não poderia haver suspeitas de associação com um assassino em massa — mas, para esse contato inicial, a empresa quis marcar presença. Mostrar a Ngande que suas intenções eram sérias. E Semblaire ficou satisfeito de ser escolhido. Não apenas porque os lucros potenciais eram imensos, mas porque ele gostava de um pouco de aventura. Apartamento no 7º. *arrondissement* de Paris, mansão em Antibes, trinta anos de casamento, três filhas. A vida, às vezes ele pensava, era simplesmente confortável demais. Ele precisava do *frisson* ocasional. E, de qualquer maneira, com os guarda-costas que a empresa havia enviado — cinco deles, ex-membros da Brigada das Forças Especiais do Exército francês, atualmente tomando sol à beira da piscina, agora que o trabalho pesado acabara — ele nunca estaria em perigo.

Da porta fechada do banheiro, veio o ruído de um chuveiro. Semblaire soltou outro anel de fumaça e tocou o pênis, lembrando-se dos prazeres da noite anterior, pensando que havia tempo para mais diversão e jogos antes de pegar o voo de volta a Kinshasa. Jamais questionou a moralidade da coisa toda. Ou, pelo menos, nunca se perturbou muito com isso. Tanto quanto a moralidade de fazer negócios com uma aberração como Jesus Ngande. Segundo a ONU, o homem era responsável pela morte de quase duzentas e

cinquenta mil pessoas, a maioria mulheres e crianças. Com o dinheiro que a empresa estava pagando a ele — cinco milhões de dólares por ano —, esse total aumentaria. Mas Ngande controlava as minas. Outras grandes empresas, desejosas de manter a ilusão de *due diligence*, compravam sua matéria-prima de intermediários, que por sua vez a obtinham de outros atravessadores em um longo sistema de revezamento de lavagem de culpabilidade que mantinha as origens do minério a uma distância adequada. Algo em torno de dez trocas entre as minas de escravos de Kivu do Norte e os mercados da Europa, Ásia e EUA. E, em cada troca, o preço por quilo subia exponencialmente. Obtenha os minérios diretamente, como estão fazendo agora, e você os consegue por uma fração do preço. Estupro, mutilação, assassinato — estas não eram coisas agradáveis. Mas o dinheiro que a empresa economizaria — e, portanto, ganharia — era extremamente agradável. E, sinceramente, quem se importava com o que os negros faziam uns aos outros? O Congo, afinal de contas, estava muito longe das salas de reuniões de Paris.

Ele terminou o cigarro, saiu da cama e bateu suavemente na porta do banheiro para indicar que estava pronto para começar de novo. Em seguida, atravessou o quarto até as portas duplas e abriu as cortinas, olhando para fora. A distância se via o enorme vulcão Nyiragongo; abaixo dele, gramados irregulares cobriam a descida até a piscina do hotel, onde ele distinguia os seus guarda-costas e algumas outras pessoas. Provavelmente de ONGs. Certamente não eram turistas. Não havia turistas ali.

As ONGs o divertiam. Assim como todos aqueles idiotas inúteis sentimentalistas humanitários, anticorporativos e antiglobalização. Andando de um lado para outro com seus *laptops* e celulares, enfurecidos com a exploração ocidental dos recursos do Terceiro Mundo. Entretanto, sem coltar e cassiterita, não haveria *laptops* ou celulares e, sem as grandes empresas como a sua, não haveria coltar ou cassiterita. Cada mensagem de e-mail e de texto que enviavam exigindo justiça, cada chamada que faziam para organizar outro comício, cada site que criavam denunciando abusos aos direitos humanos — tudo isso só era possível pela própria miséria e

exploração que eles tão veementemente condenam. Era ridículo, absolutamente ridículo. Ou pelo menos seria, se ele desse alguma atenção ao assunto.

De trás da porta fechada do banheiro, ouviu o chuveiro diminuir e desligar. Semblaire se virou, consultando o Rolex para ver quanto tempo ainda havia. Alguém bateu na porta.

— *Merde* — murmurou. Depois, mais alto: — *Un moment!*

Ele puxou o roupão do chão, vestiu-o e atravessou o quarto.

— *Oui?*

— *Garmon d'étage* — veio uma voz. — Serviço de quarto.

Ele não requisitara nada, mas estava no quarto mais caro do hotel e a gerência estava sempre enviando mais bebidas, flores e doces de cortesia. Por isso não pensou duas vezes antes de destrancar e abrir a porta.

Uma pistola acertou em cheio seu esterno. Ele começou a falar, mas a mulher segurando a arma colocou um dedo sobre os lábios. Ou melhor, nos lábios da máscara de látex de Marilyn Monroe que estava usando. Ela empurrou Semblaire para dentro do quarto. Três outras figuras a seguiram — dois homens e uma mulher —, o último deles fechando e trancando a porta. Todos eles usavam máscaras: Arnold Schwarzenegger, Elvis Presley, Angelina Jolie. Não eram africanos, isso ele podia dizer vendo seus braços e pescoços nus. Fora isso, não transpareciam nada. Se não fosse a arma, o efeito teria sido cômico.

— *Qu'est-ce vous voulez?* — perguntou tentando manter a voz calma. A mulher com a pistola não respondeu, só empurrou Semblaire de volta para a cama. O que usava a máscara de Elvis Presley se aproximou e fechou bem as cortinas. Angelina Jolie se ajoelhou no chão e abriu a mala Samsonite que estava carregando, removendo um tripé e uma câmera de vídeo digital. Arnold Schwarzenegger, um sujeito baixo e esguio com mechas de cabelo oleoso saindo sob a máscara, circundou a mesa de cabeceira onde o MacBook de Semblaire estava carregando. Ele levantou a tampa e ligou o computador. Ouviram um sinal sonoro, e a tela ficou cinza quando o *laptop* foi ligado.

— *Qu'est-ce que vous...*

Uma mão surgiu e socou Semblaire no rosto.

— Cala a boca.

O sotaque soava americano, com uma pitada de algo mais. Espanhol? Russo? Israelense? Semblaire não tinha certeza. À sua frente, Angelina Jolie, que era mais escura do que a outra mulher, estendeu as pernas do tripé e o colocou no meio do quarto, encaixando a câmera no suporte. Ela ligou a câmera, abriu o visor e ajustou a lente para baixo, de modo que estava apontada diretamente para o rosto do francês. No *laptop* apareceu o protetor de tela de Semblaire e de sua família, indicando que a máquina estava totalmente inicializada.

— Senha — disse Arnold Schwarzenegger, virando o MacBook.

Semblaire hesitou. Seu primeiro pensamento foi de que se tratava de um assalto. Mas eles não tocaram na sua carteira, que estava bem à vista na ponta da cama, e o desejo de o bando entrar no computador dele o convenceu de que a ação era mais sinistra do que um simples roubo. Havia muita coisa ali que nem ele nem a empresa gostariam de...

— Senha — ordenou o homem novamente.

— Agora — retrucou Marilyn Monroe, levantando a pistola e a pressionando com força contra a fonte de Semblaire. Sem escolha, ele se inclinou para a frente e começou a digitar. Schwarzenegger virou o MacBook, espetou um *pen drive* em uma das portas e passou a explorar o disco rígido usando o *touchpad*. Agora Semblaire estava com medo, com muito medo.

— *Ecoutez* — começou ele — não sei o que vocês querem de mim.

Ele foi interrompido por um ruído surdo no banheiro. Os intrusos ficaram tensos, olhando um para o outro. A mulher que tinha a arma na mão fazia sinal de desaprovação e balançava a cabeça como se quisesse dizer: "Deveríamos ter verificado." Schwarzenegger colocou o *laptop* de lado e tirou a Glock do bolso de trás da calça *jeans*. Monroe e Jolie fizeram o mesmo, recuando e apontando para a porta. Aquele com a máscara de Elvis Presley se aproximou do banheiro e se encostou na parede ao lado da porta.

Fez uma pequena pausa, os olhos piscando para os colegas, depois estendeu a mão, girou a maçaneta e abriu a porta.

— *Oy vey* — murmurou Angelina.

Uma menina estava lá dentro, nua, a pele de ébano ainda brilhando do banho que tinha acabado de tomar. A julgar pelo físico pouco desenvolvido, não poderia ter muito mais do que nove ou dez anos de idade. Ela estava tremendo, com os olhos arregalados de terror.

Fizeram um silêncio breve, horrorizado. Em seguida, Marilyn Monroe atravessou o quarto, arrancando a máscara e revelando um rosto pálido e uma mecha de cabelo castanho-avermelhado. Ela pegou uma toalha do banheiro e a enrolou na criança.

— Está tudo bem — sussurrou ela, segurando-a. — *Ça va*. Está tudo bem. Acabou.

Ela permaneceu assim por um longo tempo, acalmando e tranquilizando a menina, ninguém mais se movia nem dizia nada. Em seguida, com a face corada, ela cruzou o quarto novamente, foi até Semblaire e bateu com a coronha de sua arma contra a lateral do rosto dele, jogando-o para trás na cama. Ele gritou e levantou as mãos para se defender. A outra mulher pulou e agarrou o braço de sua companheira, tentando contê-la.

— *Lo*, Dinah!

Ela puxou o braço livre e bateu em Semblaire várias vezes. Em seguida, agarrou um punhado de cabelos, puxou a cabeça dele para trás e enfiou a Glock na boca do francês, sufocando-o.

— Eu te mato — gritou ela, seu rosto agora estava manchado de um vermelho profundo, suas bochechas molhadas de lágrimas. — Eu vou te matar, seu animal nojento. Vou arrebentar a porra da sua cabeça.

Estava histérica, desequilibrada. Somente quando o homem com a máscara de Elvis deu um passo à frente e a abraçou, gentil, mas firmemente a afastando da cama, ela começou a se acalmar. Os dois falavam em voz baixa, em uma língua que Semblaire não entendia, embora tivesse quase certeza de que era hebraico. Depois, tremendo, ela colocou a pistola de volta no jeans. Voltando para o banheiro, ela ajudou a menina a usar o vestido rosa esfarrapado que

estava sobre a tampa da privada. Tomando-lhe a mão, ela então a levou para a porta principal, a criança muda e submissa. Ela destrancou a porta, abriu-a e levou a menina antes de se voltar para Semblaire. Ele estava enrolado na cama gemendo, roupão atoalhado dobrado ao redor de sua cintura, a gola manchada de sangue. Por um momento, ela olhou para ele, o rosto contorcido de ódio, depois ela cuspiu em sua direção.

— Nós somos o seu castigo — disse ela, antes de sair e fechar a porta atrás de si.

Depois que ela se foi, Elvis Presley deu uma olhada rápida através das portas do jardim para se certificar de que os guardacostas de Semblaire não haviam sido atraídos pela comoção. Satisfeito, ele voltou para a cama e colocou o francês em uma posição sentada. A bochecha esquerda estava inchada e latejando.

— *Elle um casse ma machoire, la chienne* — murmurou ele, levando a mão até a mandíbula.

O homem não respondeu. Em vez disso, deu alguns passos para trás e apontou a arma para a cabeça de Semblaire.

— Você vai olhar para a câmera — ele instruiu. — Vai dizer o seu nome e o nome da sua empresa, e depois vai explicar exatamente o que é que está fazendo aqui na África.

Acenou para que a câmera fosse ligada.

— Agora, comece a falar, seu filho da puta depravado.

JERUSALÉM

A Catedral de São Tiago ficava no coração do Bairro Armênio da cidade, uma caminhada de duzentos metros de Kishle, ao longo do desfiladeiro de muros altos da avenida do Patriarcado Ortodoxo Armênio. No meio do caminho, a chuva começou a cair forte, uma grande massa d'água, forçando Ben-Roi a se abrigar na porta da Taberna Armênia. Ele amaldiçoou Pincas por não ter lhe emprestado o guarda-chuva e pegou o telefone celular, aproveitando a oportunidade para ligar para Sarah. Para pedir desculpas.

A vida dá muitas voltas. Era estranho como as coisas nunca saíam do jeito que você esperava. Alguns anos atrás ele estava prestes a se casar. Sua noiva Galia morrera e seu mundo caíra num abismo. Achou que era o fim, que tudo acabara, mas, contra todas as expectativas, duas pessoas o salvaram. Sarah era uma delas.

Eles ficaram juntos durante quatro anos. Bons anos. Anos maravilhosos, especialmente no início. Galia estaria sempre lá, claro, mas, com Sarah, a sua vida tinha mudado. Ele tinha se curado. E não apenas em um nível pessoal. Sua carreira também tinha voltado aos trilhos. Fora promovido a detetive sênior, recebera menções pelo seu trabalho em três investigações separadas, redescobrira a paixão pelo trabalho policial. Sua obsessão com ela.

E justamente essa era a causa dos problemas. Como um detetive de qualquer lugar do mundo vai dizer, encontrar o equilíbrio entre manter a lei e manter um relacionamento é uma tarefa difícil de alcançar. Duplamente difícil em uma cidade com pressões de todos os lados como Jerusalém. Triplamente na Cidade Antiga, onde a fé e a fúria, Deus e o Diabo, o crime e a oração estavam tão estreitamente ligados que era quase impossível separá-los.

Com apenas algumas exceções, todos os seus colegas tinham pelo menos um divórcio no currículo; em geral, mais de um. Trabalho e mulheres — os dois mundos não combinavam. Como pegar leve numa batida para apreensão de drogas porque sua

parceira quer ter uma noite confortável assistindo à TV? Como namorar com ela à noite após passar o dia interrogando um estuprador serial? Como não atender a uma chamada para investigar um cadáver em uma catedral porque você está acompanhando a sessão de ultrassonografia do seu filho que está prestes a nascer? Como conseguir separar as coisas? *Como* conseguir separar as coisas?

Com Galia, tinha sido um romance tórrido, foram apenas alguns meses juntos antes de ele propor casamento. Não houve tempo para a pressão causar estrago. Com Sarah foi diferente. Ela tentara tanto, fora tão compreensiva, mas existe um limite para o número de jantares cancelados ou de tolerância ao egocentrismo.

Os confrontos se tornaram cada vez mais frequentes, a distância entre eles cada vez maior, o ressentimento cada vez mais profundo. Por fim, inevitavelmente, ela terminou. Tiveram uma breve reconciliação — o sexo, ironicamente, melhor do que antes —, mas o trabalho acabou atrapalhando novamente, e duas semanas depois ela terminou de vez.

— Amo você, Ariele — disse ela. — Mas não posso viver com apenas uma parte de você. Você nunca está aqui. Mesmo quando está, sua mente está em outro lugar. Não vai funcionar. Eu preciso de mais.

Ele saiu de casa, continuou a trabalhar, tentou convencer a si mesmo de que era melhor assim.

Cinco semanas depois, ela ligou para dizer que estava grávida.

— É meu? — perguntou ele.

— Não, é do Menachem Begin. Eu congelei uma amostra de esperma antes de ele morrer. É claro que é seu, *dafook!*

Ele tinha perdido uma amante e ganhado um filho. A vida dá muitas voltas.

A ligação para Sarah foi direto para o correio de voz. Ele deixou uma mensagem incoerente, dizendo que esperava que tivesse ido tudo bem, que estava arrependido de ter saído cedo, que ligaria mais tarde. Então, desligando, saiu da catedral e ficou esperando a chuva diminuir.

Normalmente, a avenida do Patriarcado Ortodoxo Armênio era tranquila. Com o fechamento do tráfego pelo Portão de Jaffa devido às obras municipais, os veículos que queriam sair da Cidade Antiga agora tinham de passar por ali até os Portões de Sião ou do Esterco. Resultado: um fluxo interminável de carros, táxis e ônibus da linha 38 obstruindo a via estreita e empurrando os poucos pedestres contra as paredes de ambos os lados da rua. Alguns *Haredim* passaram batidos, as cabeças abaixadas, sacos plásticos embrulhados em torno de seus chapéus Homburg para mantê-los secos e depois um grupo de turistas, todos vestindo parcas azuis combinando com o logotipo "Terra Santa Viagens: Aproximando Você de Deus" estampado nas costas. Pareciam infelizes. Ninguém espera que chova na Terra Santa. Certamente não em junho. Fazia com que a cidade de Deus parecesse especialmente pouco celestial.

Por fim, a chuva diminuiu e Ben-Roi continuou seu caminho. Ele passou o Bulghourji Bar e seguiu por um túnel curto de cinquenta metros, onde precisou se apertar contra a parede para evitar ser esmagado por um ônibus 38. Na outra ponta, assim que passou o Centro de Arte Armênia Sandrouni, um arco ornamentado se abria para a esquerda, com uma pedra inscrita em árabe, armênio e latim: *Couvent Armenien St Jacques*, era a parte que Ben-Roi conseguia decifrar. Três policiais comuns e alguns oficiais da polícia de fronteira, de uniforme verde, estavam de guarda.

Ben-Roi mostrou sua identidade e passou pela entrada. Era apenas a segunda vez em seus sete anos na Polícia de Jerusalém que tinha algum motivo para entrar no complexo. A comunidade armênia era pequena, muito unida e, em geral, com bem menos problemas do que seus vizinhos judeus e muçulmanos.

Dentro do portão, uma passagem abobadada seguia pela direita. À sua esquerda estava a cabine envidraçada do porteiro, onde três homens vestidos com casacos de couro e boinas estavam reunidos em torno de um monitor do circuito interno de TV. Nava Schwartz, uma das especialistas em câmeras de Kishle, estava atrás deles, inclinando-se em direção à tela. Quando ela viu Ben-Roi, acenou e gesticulou, indicando que ele deveria seguir a passagem e pegar a primeira saída à esquerda. O caminho o levou a um

pequeno pátio pavimentado cercado por muros altos, como um pátio de prisão. A entrada para a catedral era bem em frente, na parte de trás de um claustro profundo e cercado, a porta de entrada estava isolada com uma fita da polícia vermelha e branca. Acima, imagens pintadas de Cristo e dos santos olhavam para o espaço, explicitamente ignorando os problemas do mundo inferior.

Havia mais guardas uniformizados de sentinela em frente à porta — todos comuns, nenhum da polícia de fronteira — e, além disso, três revólveres alinhados no pátio de mármore rosa: dois Jericó 9 mm e uma FN belga. Uma das policiais deve ter notado a expressão interrogativa no rosto dele, porque bateu seu cassetete contra a placa ao lado da porta, que listava os vários objetos e atividades proibidos dentro da igreja. “Proibida a entrada de armas ou armas de fogo” era a única das oito determinações em que a palavra “Terminantemente” tinha sido acrescentada.

Normalmente, os policiais não devem deixar as armas fora de sua vista, mas neste caso a diplomacia parecia ter ganhado o dia. Ben-Roi duvidou que a mesma cortesia teria sido estendida se eles estivessem em um local de culto árabe. Mas, pensando bem, os armênios não têm o hábito de jogar pedras ou atirar na gente.

Tirando sua Jericó do coldre, colocou-a junto com as outras, desligou o celular e passou por cima da fita para entrar na catedral. Estava escuro ali, sombrio, mesmo com as portas de madeira abertas e a cortina da entrada levantada. Quatro pilares gigantes, grossos como troncos de sequoias, subiam em direção ao teto abobadado; lâmpadas de latão estavam penduradas em toda a parte, dezenas delas, suspensas do teto por longas correntes, preenchendo o ar como uma armada de naves espaciais em miniatura. Havia ícones de ouro e prata, enormes pinturas a óleo enegrecidas pelo tempo e pesados tapetes e azulejos azuis e brancos com padrões intrincados; a impressão geral deixada é de que era menos um lugar de adoração e mais o interior de algum enorme e abarrotado empório de antiguidades. Ele ficou por um momento apenas observando, respirando o ar pesado de incenso almiscarado, acompanhando o trabalho do cão farejador e de seu treinador pelas capelas laterais à esquerda e, em seguida, rumo a

uma porta no lado direito. Da sala do outro lado veio o brilho semelhante ao estroboscópio de uma câmera e um murmúrio abafado de vozes.

— Que bom que você veio se juntar a nós, Arie.

Um homem atarracado e careca estava de pé ao lado da porta, vestindo uma jaqueta azul da polícia com a insígnia da folha e coroa duplas de *Mishneh Nitzav* — comandante Moshe Gal, chefe da Delegacia de Polícia de David. Estava acompanhado por seu adjunto, o superintendente-chefe Yitzhak Baum, e da primeiro-sargento Leah Shalev, uma mulher volumosa, de quadris largos, em um uniforme azul. Shalev o saudou com um aceno; Baum não.

— Desculpe, senhor — disse Ben-Roi, ficando ao lado de Shalev.

— Eu estava em Hadassah. O tráfego...

Gal acenou com a mão, descartando a explicação como desnecessária.

— Está tudo bem com o bebê?

— Tudo bem, obrigado, senhor.

— Ela não está — disse Baum, apontando.

Estavam em uma sala atapetada grande, mais simples e menos ornamentada do que a catedral propriamente dita, que era como a caverna do Aladim, o teto abobadado rachado e manchado de mofo. Em uma extremidade, havia uma pilha de cadeiras dobráveis; na outra, uma mesa grande coberta com uma toalha servia como altar. A parte frontal da toalha havia sido levantada, revelando o espaço embaixo. Alguns Técnicos de Investigação Criminal com luvas estéreis e ternos brancos estavam rastejando com pinças e sacos para as pistas; outro grupo estava coletando impressões digitais. Bibi Kletzmann, o fotógrafo da Russian Yard, estava de joelhos tirando fotos com sua Nikon D700, o flash iluminando o amplo traseiro do Dr. Avram Schmelling, o legista de plantão, que estava inteiramente debaixo da mesa.

O objetivo de toda essa atividade não ficava imediatamente claro. Somente quando Ben-Roi ficou de cócoras, equilibrando os cotovelos sobre os joelhos e se inclinando ligeiramente para o lado para obter um melhor ângulo de visão, ele viu o corpo. Mulher, obesa, deitada de costas. Estava iluminada por uma lâmpada de

halogênio da polícia e parecia velha, ou pelo menos envelhecida — fim da meia-idade a julgar pelo cabelo grisalho, embora fosse difícil ter certeza, porque o corpo estava a seis metros de distância e parcialmente obscurecido pelo tamanho considerável de Schmelling.

— A moça da faxina a encontrou hoje de manhã — disse Leah Shalev. — Levantou a toalha para passar o aspirador e...

Ela apontou o altar.

— Aparentemente, fez o maior escândalo. Ela está em casa agora, no complexo. Uma das moças de relacionamentos está colhendo o depoimento dela.

Ben-Roi acenou com a cabeça, enquanto observava o legista se esgueirar sob a mesa, investigando o corpo. Um urso examinando seu jantar, foi a imagem desagradável que veio à sua mente.

— Sabemos quem ela é? — perguntou ele.

— Não temos a menor ideia — respondeu Shalev. — Estava sem carteira ou qualquer identificação.

— Certamente não é Bar Refaeli — disse Baum.

Foi uma piadinha de mau gosto e ninguém riu. Ninguém nunca ria das piadas de Baum. O homem era um idiota.

— Um dos caras da portaria acha que a viu chegar por volta das 19h na noite passada — continuou Shalev. — Ele está sendo interrogado agora. E a moça da limpeza a encontrou hoje às oito da manhã, o que pelo menos nos dá uma margem de tempo.

— Qualquer coisa mais concreta?

— Não nesta fase. Schmelling está segurando seus palpites.

— Isso é uma surpresa — murmurou Gal.

Ben-Roi olhou por mais alguns instantes e depois se levantou.

— Ao entrar aqui, vi a TV com as imagens do circuito interno.

— Eles têm câmeras por todo o complexo — confirmou Shalev.

— Estão fazendo a triagem da filmagem agora. Pincas está verificando nossas câmeras na delegacia. O assassino vai aparecer em algum filme. Vamos pegar o infeliz.

— Isso me lembra do *sherut* de Tel-Aviv — disse Baum.

Todos olharam para ele, esperando o trocadilho.

— Ficamos anos sem nenhum e, de repente, a gente tem dois ao mesmo tempo.

A graça da piada se referia ao fato de que, depois de quase três anos sem um homicídio no interior das muralhas da Cidade Antiga, de repente, no espaço de duas semanas, a equipe da Kishle se viu diante de dois. Dez dias atrás, um estudante da *yeshiva* foi esfaqueado na barriga na parte baixa da Al-Wad, no Bairro Muçulmano. E agora isso.

— Já estamos sobrecarregados — disse Baum. — Talvez tenhamos que chamar alguns caras do Russian Yard.

— A gente se vira — resmungou o chefe, olhando Shalev, que assentiu. Não havia disputa entre as delegacias da cidade, especialmente entre Kishle e a Russian Yard. Já era ruim o suficiente eles terem de compartilhar o fotógrafo da Yard. O Chefe Gal não tinha a menor intenção de perder terreno para a equipe de investigação deles também.

— Preciso voltar — disse, consultando o relógio. — Reunião na prefeitura, na praça Safra. Sorte minha.

Fechou o casaco até em cima. Além da Insígnia de Comandante, ele tinha alfinete de ouro em forma de menorá no ombro esquerdo: Prêmio Presidencial por Serviço Excepcional.

— Eu preciso dos resultados, Leah — disse ele. E rápido. A imprensa vai ficar em cima. OK?

— OK — disse Shalev.

Ele olhou para ela e para Ben-Roi por debaixo das sobrancelhas espessas. Então, com um último olhar para a mesa do altar, entrou na catedral, acenando para Baum segui-lo.

— Mantenham-me informado — disse por cima do ombro.

— E a mim também — gritou Baum.

Ben-Roi e Shalev se entreolharam.

— *Maniak* — disseram ambos em uníssono.

Durante alguns minutos, ficaram observando o trabalho metódico do pessoal da CIT. Ben-Roi perguntou se podia dar uma olhada no corpo.

— O vestiário é ali — disse Shalev, apontando para uma caixa aberta no chão, na extremidade da sala, ao lado da pilha de cadeiras. Ben-Roi se aproximou e pegou as capas para os sapatos,

um jaleco e luvas, atravessou a sala e ficou de joelhos ao lado da mesa do altar.

— *Toc toc.*

Schmelling fez um sinal de positivo para indicar que Ben-Roi podia se aproximar. Era preciso tomar cuidado com Schmelling. Era notoriamente protetor de suas cenas de crime.

Havia apenas cerca de setenta centímetros de espaço sob a mesa, e Ben-Roi era um homem grande, com pernas compridas e os ombros largos, ao contrário de Schmelling, cujo tamanho estava todo concentrado na cintura e nas nádegas. Mesmo rastejando, estava apertado, as costas roçavam a parte inferior da mesa.

— Deviam ter chamado um detetive menor — disse Schmelling.

— Deviam ter arrumado um maldito anão — respondeu Ben-Roi, bufando. Aproximou-se do corpo, que estava contra a parede, e se apoiou nos cotovelos, com o traseiro para o alto. Schmelling se mexeu um pouco para lhe dar mais espaço. O *flash* da câmera de Kletzmann piscou.

A vítima estava usando uma capa de chuva verde, um casaco, calças e sapatos confortáveis, e de perto parecia ainda maior do que da porta. Peitos enormes, barriga saliente, coxas pesadas — devia pesar mais de cem quilos. Os olhos estavam parcialmente abertos, a esclerótica tingida de uma leve coloração marrom. Um lenço enrolado, duro com sangue seco, saía de sua boca; havia mais sangue endurecido no queixo, pescoço e na gola do casaco. Uma indentação amarelada marcava a parte inferior do pescoço.

— Garroteada — disse Schmelling. — Com um fio, a julgar pela limpeza da depressão. Precisamos levá-la para Abu Kabir para um exame adequado, mas parece que o culpado sabia o que estava fazendo. Veja — ele indicou a marca da ligadura. — Temos alguma abrasão amarelada e abrasão linear muito leve, mas não há sinais óbvios de congestão e hemorragia petequial limitada. Ele apontou para pontos avermelhados ligeiramente dispersos logo abaixo dos olhos. — Tudo me faz crer que o fio usado no estrangulamento permaneceu praticamente o tempo todo no mesmo lugar durante o assassinato, e com uma pressão constante e firme. Dados o tamanho da vítima e o fato de que ela estava claramente lutando —

ele mostrou uma série de marcas de arranhões no pescoço, provavelmente onde a mulher tentara agarrar o fio —, percebe-se que o sujeito tem muita força e habilidade.

Ele quase parecia impressionado.

— Que foda — resmungou Ben-Roi.

— Não com ela.

— Desculpe.

— Suas roupas estavam intactas e não há sinais evidentes de interferência nos paíes baixos. — Ele acenou com a cabeça em direção à área da virilha da vítima. — Qualquer que tenha sido o motivo, certamente não foi sexo. Ou pelo menos não do jeito que você e eu fazemos.

Ben-Roi estremeceu. Pensar em Schmelling em ação era quase tão horrível quanto o cadáver em si.

— O lenço? — perguntou ele.

— Mais uma vez, não posso dizer nada definitivo até levarmos o corpo para autópsia, mas há algumas nódoas negras não específicas em torno do lado de baixo do queixo, o que me faz pensar que o assassino provavelmente a acertou ali e ela mordeu a língua. Certamente aconteceu antes do estrangulamento.

Ben-Roi levantou as sobrancelhas, interrogativamente.

— Há muito sangue para ter acontecido depois — explicou Schmelling. — Ela ainda tinha pressão no sistema.

Ele faz com que ela se pareça com algum tipo de trem a vapor.

— Os cães farejadores pegaram vestígios de sangue entre a catedral e aqui — continuou ele.— Então, nessa fase, eu arriscaria dizer que a cadeia de eventos foi: ele bateu nela, estrangulou-a, enfiou um lenço na sua boca, arrastou o corpo até aqui e o escondeu.

— Diga logo quem foi o assassino, que daremos o caso por encerrado e iremos mais cedo para casa.

Schmelling riu.

— Eu só descrevo o crime, detetive. São vocês que devem resolvê-lo.

A câmera de Kletzmann piscou novamente. Ben-Roi passou o braço pela testa. Estava quente ali embaixo com a lâmpada

halógena, e ele estava começando a suar.

— Se importa se eu der uma olhada no corpo?

— À vontade.

Ele avançou alguns centímetros e revistou os bolsos da vítima. Havia algumas canetas e um pacote de lenços de papel na capa de chuva, mas nenhum sinal de carteira, chaves, identidade, telefone celular — nada do que se poderia esperar encontrar. A calça se mostrou um pouco mais útil, pois um dos bolsos continha um papel retangular amassado, que uma análise mais aprofundada revelou ser uma ficha de empréstimo da biblioteca.

— Sala de Leitura Geral — murmurou Ben-Roi, repetindo as palavras impressas em tinta vermelha no centro da ficha.

Ele mostrou a ficha para Schmelling.

— Significa alguma coisa para você?

O legista olhou para a ficha e balançou a cabeça. Ben-Roi a virou. Em seguida, estendeu a mão e pegou um dos sacos plásticos de Schmelling, jogando a ficha nele. Ele enxugou a testa de novo, olhou novamente para o corpo e se arrastou até a bolsa de couro marrom e comprida que estava aos pés da vítima.

— Esta bolsa pertence a ela? — perguntou sem se dirigir a ninguém em particular.

— Supomos que sim — veio a voz de Shalev.

Ben-Roi perguntou se Kletzmann e os CITS já tinham terminado com ela e, quando eles responderam que sim, pegou as alças da bolsa e saiu de sob a mesa, puxando a bolsa consigo. Levantou-se e alongou as pernas, colocou a bolsa em cima da mesa e abriu o zíper. Estava cheia de roupas, roupas limpas, todas misturadas, como se tivesse sido feita às pressas ou então como se já tivesse sido revirada. Ben-Roi adivinhou se tratar do último caso. Ele remexeu e tirou um sutiã branco grande. Muito grande.

— Definitivamente, a bolsa era dela — ele disse, levantando-o.

— Deus do Céu, cabe um par de bolas de elefante aí — riu Kletzmann.

— Por favor, senhores, demonstrem um pouco de respeito. Se não pelos mortos, pelo menos por estarmos em um local de culto.

Um homem baixo e gordo estava de pé na porta, tinha uma barba branca e bem aparada. Usava batina preta, sandálias, chapéu redondo de veludo e, ao redor do pescoço, uma cruz de prata lisa, os braços decorados com padrões florais intrincados, que se abriam em pontas duplas bem características. Ben-Roi o reconheceu vagamente de sua visita anterior ao complexo dois anos antes. Sua Eminência alguma coisa assim.

— Arcebispo Armen Petrossian — disse o homem, como se lesse seus pensamentos, sua voz lenta e rouca, quase inaudível. — Que coisa terrível. Terrível.

Atravessou a sala, o andar surpreendentemente vigoroso para alguém que deveria ter bem seus sessenta anos, se não mais. Quando chegou ao altar, curvou-se e olhou para baixo. Então se endireitou novamente e colocou as mãos sobre a mesa, a cabeça baixa.

— Imaginar que coisas assim aconteçam em uma casa de Deus — murmurou. — Sacrilégio. Não consigo entender, não consigo...

Ele parou, levando a mão até a testa. Houve um silêncio e, em seguida, o arcebispo se virou para Ben-Roi. Seu olhar era especialmente intenso.

— Acho que nos conhecemos.

Ben-Roi ainda estava segurando o sutiã em sua mão.

— Dois anos atrás — disse ele, colocando a peça de volta na bolsa. — Os estudantes do seminário.

— Ah, sim, é claro! — O arcebispo assentiu. — Não é o melhor exemplo de comportamento da Polícia de Israel. Espero que, neste caso, você tenha condições de mostrar um pouco mais de... — ele fez uma pausa, escolhendo as palavras — equilíbrio.

Ele atravessou novamente a sala.

— Encontre quem fez isso — disse ele quando chegou à porta. — Eu imploro, encontre, e encontre rapidamente. Antes que traga mais miséria ao mundo.

Seus olhos cruzaram os de Ben-Roi novamente. Em seguida, virou-se e caminhou em direção à catedral.

— Vocês sabem quem ela é? — perguntou Ben-Roi.

O arcebispo já estava indo embora.

— Eu não tenho ideia — veio a voz. — Mas você pode ter certeza de que rezarei por ela. Com todo o meu coração.

DESERTO DO OESTE, EGITO

O inspetor Yusuf Ezz el-Din Khalifa da Polícia de Luxor olhou para o búfalo morto, a boca cheia de moscas, os olhos sem brilho e mucosos. *Sei como você se sente*, ele pensou.

— Precisei de três meses para escavar este olho-d'água — disse o dono do búfalo. — Três meses com nada além de uma pá, uma *touria* e meu próprio suor. Vinte metros nesta merda — ele chutou o chão rochoso — e agora está envenenado. Inútil. Deus tenha misericórdia de mim!

Ele caiu de joelhos, com os punhos cerrados, braços levantados para o céu. Um gesto lamentável de um homem quebrado. Mais uma vez o pensamento passou pela mente de Khalifa: *Sei como você se sente*. E também: *Podemos ter passado por uma revolução, mas para a maioria de nós a vida ainda é uma droga*.

Ele ficou olhando para o poço barrento e o cadáver caído ao lado dele, ouvindo apenas o zumbido das moscas e os soluços do agricultor. Então, tirando um de seus Cleópatras, ficou de cócoras e ofereceu o maço. O homem passou a manga da *djellaba* no nariz e pegou um dos cigarros.

— *Shukran* — ele murmurou.

— *Afwan* — respondeu Khalifa, acendendo o cigarro e pegando outro para si. Ele deu uma tragada. Em seguida, estendeu a mão e colocou o maço no bolso do homem.

— Pode ficar com ele — disse.

— Não precisa...

— Por favor, fique com eles. Estará prestando um grande favor aos meus pulmões.

O homem deu um leve sorriso. — *Shukran* — repetiu.

— *Afwan* — repetiu Khalifa.

Fumaram em silêncio, o deserto ondulante ao redor deles, árido e pedregoso. Não era nem mesmo o meio da manhã, e o calor já era insuportável, a paisagem parecendo pulsar e tremeluzir como se

ofegante. Era quente em Luxor, mas pelo menos a brisa do Nilo trazia alguma pequena medida de alívio. Ali não havia nem brisa. Somente sol, areia e pedra. Um enorme forno ao ar livre, onde até as folhas e os arbustos das acácias lutavam pela vida.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou Khalifa.

— Dezoito meses — respondeu o homem, fungando. — Meu primo já estava aqui, a alguns quilômetros — ele acenou com a mão para o norte. — Ele nos disse que dava para ganhar a vida. Tem água, se você cavar fundo o suficiente. Vem das montanhas. Ele acenou com a mão mais uma vez, agora para o leste, ainda mais para dentro do deserto, onde um borrão marrom de uma *gebel* alta surgia no horizonte. Ao fazer isso, Khalifa percebeu uma pequena cruz verde tatuada no lado superior de sua mão, logo abaixo da articulação do polegar, muito indistinta. O homem era copta.

— Há inundações repentinas — dizia ele. — A água penetra pelas rochas, forma canais subterrâneos. Profundos. Percorre quilômetros. Como dutos. Se conseguir chegar até eles, dá pra cultivar um pouco de milho e *bersiim*, criar algumas cabeças de gado. Há alabastro nas colinas e eu escavo também e vendo para um sujeito de El-Shaghab. Dá pra ganhar a vida. Mas agora...

Ele deu um trago no cigarro e soltou outro soluço. Khalifa estendeu a mão e apertou o ombro do homem, depois se levantou, protegendo os olhos contra o brilho do sol.

A fazenda estava perto da entrada de um amplo *wadi*. Havia uma habitação em ruínas — de tijolos de barro e sapê — o olho-d'água e, mais abaixo, um conjunto de campos irrigados por canais que saíam do olho-d'água: um com milho, um de *bersiim*, um de *molocchia*. O vice de Khalifa, o Sargento Mohammed Sariya, estava lá, examinando as culturas murchas. Adiante, uma trilha empoeirada sumia ao longe pelas colinas para o vale do Nilo a 40 km para oeste, um tênue cordão umbilical ligando a fazenda à civilização.

— Somos de Farshut — disse o homem, puxando o cigarro. — Tivemos que sair por causa da violência. Eles odeiam os cristãos por lá. A polícia nunca fez nada. Eles nunca fazem nada a menos que você seja rico. Eu queria dar uma vida melhor para minha família, meus filhos. Meu primo veio pra cá há alguns anos, disse que era

bom, que ninguém o incomodava. Então, viemos também. Não é muito, mas pelo menos é seguro. E agora eles querem nos mandar para longe daqui também. Deus nos ajude! O que vamos fazer? Deus nos ajude!

Seus soluços ficaram mais altos e ele caiu para a frente, pressionando a testa no chão. A vinte metros, Khalifa via a esposa do homem e três crianças na porta da choupana, observando a cena. Dois meninos e uma menina. Igual à família de Khalifa. Olhou para eles, a boca apertada como se estivesse tentando engolir algo. Então, inclinando-se, levantou o homem e limpou a poeira de seu cabelo.

— Será que temos um pouco de chá?

O fazendeiro assentiu, lutando para se recuperar.

— Claro. Perdoe-me, eu deveria ter oferecido. Eu não estou pensando direito. Venha.

Ele seguiu na frente até a casa e falou com a esposa. Ela desapareceu, enquanto os dois homens se sentaram em um banco contra a parede, à sombra de um toldo de ferro corrugado. As crianças permaneceram onde estavam: descalças, rostos sujos, vigilantes. Houve um barulho de panelas e, em seguida, o som de uma torneira. Khalifa ouviu um momento o chiado da água espirrando, e então franziu o cenho.

— Você ainda está usando o poço?

— Não, não — respondeu o agricultor. — É apenas para a irrigação e o búfalo. Bombeamos a nossa água de Bir Hashfa.

Ele apontou para uma mangueira de plástico azul que saía do solo nas proximidades e corria para a parte de trás da casa.

— A vila tem uma fonte de alimentação — explicou ele. — Eles trazem de Luxor. Eu pago para fazer a ligação com a rede.

— E são estas as pessoas que você acha que fizeram isso?

Khalifa indicou o búfalo morto e as culturas amareladas.

— Claro que foram eles. Somos cristãos, eles são muçulmanos. Querem que a gente vá embora.

— Não faz muito sentido — observou Khalifa, afastando uma mosca de seu rosto. — Vir até aqui, envenenar o seu poço e os

campos. Eles poderiam simplesmente cortar o fornecimento de água e teriam o mesmo efeito.

O homem deu de ombros.

— Eles nos odeiam. O ódio não tem limites. E, de qualquer maneira, se tivessem cortado a água, eu teria encontrado outro lugar de onde tirar. Traria até mesmo em garrafas, se necessário. Eles me conhecem. Eu não tenho medo de trabalho.

Khalifa terminou o cigarro e pisou na guimba.

— E você não viu ninguém? — perguntou. — Não ouviu nada?

O homem balançou a cabeça.

— Eles devem ter feito isso à noite. Não dá para ficar acordado o tempo todo. Dois, três dias atrás. Foi quando o búfalo começou a ficar doente.

— Ele vai ficar melhor, não é, papai?

A pergunta veio da menininha. Inclinando-se, o homem a colocou no colo. Era bonita, tinha apenas três ou quatro anos, grandes olhos verdes e cabelos pretos emaranhados. Ele passou os braços em volta dela e a balançou no colo. O mais velho dos dois meninos se aproximou.

— Eu não vou deixar que eles tirem nossa fazenda, pai. Eu vou lutar.

Khalifa sorriu, mais triste do que entretido. O menino lembrava seu próprio filho, Ali. Não fisicamente — era alto demais, o cabelo muito curto. Mas a rebeldia, a audácia juvenil — igualzinho ao Ali. Ele estendeu a mão para os cigarros, só então lembrando que os tinha dado para o agricultor. Não queria pedir um, justamente porque os dera de presente. Então, em vez disso, cruzou as mãos no colo e se acomodou contra a parede da casa, observando Mohammed Sariya vir caminhando pela trilha em direção a eles. Apesar do calor, usava uma jaqueta pesada sobre a camisa. Dava para assar Sariya em um forno e ele ainda assim continuaria com frio. Bom e velho Mohammed. Algumas coisas nunca mudam, e algumas pessoas nunca mudavam. Isso era reconfortante.

Ouviram um tinido, e a esposa do homem saiu da casa carregando uma bandeja: três copos de chá, tigelas de *torshi* e tremoços, e um prato com bolo de açúcar rosa. Khalifa aceitou o chá

e pegou um punhado de tremoços, mas recusou o bolo. Era uma família pobre e ele preferia que o bolo ficasse para as crianças. Sariya veio e se sentou ao lado deles, também aceitando um copo de chá. Ele estendeu a mão para o bolo de açúcar, mas Khalifa lhe lançou um olhar cortante e ele desviou a mão para a tigela de *torshi*. Eles se entendiam assim. Sempre se entenderam bem. Firme, confiável, equilibrado — se não tivesse sido por Sariya, ele provavelmente não teria superado as terríveis primeiras semanas de volta ao trabalho.

— Você não vai fazer nada, não é?— perguntou o agricultor, após a esposa retornar para dentro de casa, levando os filhos com ela. Seu tom era mais resignado do que acusador. O tom de um homem que estava acostumado a ser maltratado e que aceitava isso como natural. — Você não vai prendê-los, não é?

Khalifa adoçou o chá e tomou um gole, evitando a pergunta.

— Meu primo disse que eu não devia nem pensar na polícia. Foi o que ele fez.

Khalifa olhou para ele, surpreso.

— Isso aconteceu com ele também?

— Três meses atrás — disse o homem. — Ele trabalhou naquela fazenda durante quatro anos. Transformou o deserto em um paraíso. Campos, um poço, cabras, pomar. Tudo destruído. Eu disse a ele: “Procure a polícia. Aqui não é Farshut. Eles vão escutar. Eles farão alguma coisa.” Mas ele não fez nada, disse que era perda de tempo. Mudou-se e levou a família para Assiut. Quatro anos para nada.

Ele cuspiu e ficou em silêncio. Khalifa e Sariya beberam o chá. Atrás deles, de dentro da casa, vinha o som de música.

— Alguém tem uma voz e tanto — disse Sariya.

— Meu filho — disse o homem. — Um novo Karem Mahmoud. Talvez um dia ele seja famoso e nada disso importe.

Ele grunhiu e terminou de beber o chá. Ficaram em silêncio e em seguida:

— Não vou embora. Esta é a nossa casa. Eles não vão nos mandar embora. Vou lutar, se for preciso.

— Espero que não cheguemos a esse ponto — disse Khalifa.

O homem olhou direto para ele.

— Você tem família? — perguntou ele, com o olhar indagador, intenso. — Esposa, filhos?

Khalifa confirmou com a cabeça.

— Você os protegeria se estivessem em perigo? Faria aquilo que fosse preciso?

Khalifa não respondeu.

— Faria? — pressionou o homem.

— Claro!

— Então, vou lutar, se for preciso. Para proteger minha família, meus filhos. É o maior dever de um homem. Posso ser pobre, mas ainda sou um homem.

Ele ficou de pé. Khalifa e Sariya fizeram o mesmo, terminando o chá e recolocando os copos na bandeja. O homem chamou e a esposa apareceu, as crianças também, os cinco, em pé, juntos no batente da porta da casa, de braços dados.

— Não vou deixar que nos mandem embora — repetiu ele.

— Ninguém vai fazer uma coisa dessas — disse Khalifa. — Vamos até a aldeia falar com o chefe. Vamos resolver esta situação. Tudo vai ficar bem.

O homem encolheu os ombros, evidentemente não acreditando nele.

— Confie em mim — disse Khalifa. — Tudo vai ficar bem.

Ele olhou para a família, seus olhos sobre o garoto mais velho, depois agradeceu pelo chá e, com Sariya ao seu lado, caminhou até o carro, um Daewoo castigado e coberto de poeira. Sariya entrou pelo lado do motorista, Khalifa ficou no banco de passageiros.

— Eu faria — disse Sariya, entrando no carro e ajustando o espelho para olhar novamente a família, ainda em pé no batente da porta.

— Faria o quê?

— Faria o que fosse necessário para proteger a minha família. Mesmo que fosse contra a lei. Pobres crianças.

— É uma vida difícil — reconheceu Khalifa.

Sariya reajustou o espelho e ligou o motor.

— Deixei algumas libras no campo — disse ele. — Debaixo de uma pedra. Tomara que uma das crianças encontre.

Khalifa olhou para ele.

— Deixou?

— Talvez eles achem que o dinheiro foi deixado por um gênio.

Khalifa sorriu.

— Você faz deste mundo um lugar melhor, Mohammed.

Sariya deu de ombros e engrenou o carro.

— Alguém tem que fazer isso — ele disse ao pegar a estrada de volta. Ao seu lado, Khalifa revirava o porta-luvas à procura de um outro maço de cigarros.

JERUSALÉM

Assim que Schmelling terminou a análise preliminar do corpo, este foi ensacado e carregado em uma ambulância Hashfela até o Centro Nacional de Medicina Legal, em Tel-Aviv — Abu Kabir, como era popularmente conhecido. Leah Shalev e Bibi Kletzmann voltaram para a delegacia. Ben-Roi ainda ficou mais vinte minutos inspecionando as roupas da mulher e a bolsa antes de também seguir seu caminho, deixando os CITS continuarem o exame detalhado da capela, tarefa que provavelmente os manteria ocupados pelo resto do dia.

— Você quer que eu mande entregar umas cervejas aqui? — ele perguntou ao sair da sala.

— Pelo amor de Deus, cara, esta é a cena de um crime!

Ben-Roi sorriu. Os agentes eram famosos por duas coisas: sua atenção obsessiva aos detalhes e completa falta de senso de humor.

— *Blintzes?* — gritou ele. — *Falafel?*

— Cai fora!

Rindo, ele voltou pela catedral e saiu para o claustro, onde pegou a Jericó e a guardou no coldre. A chuva tinha parado e o céu estava começando a clarear, com aberturas esparsas de azul que dividiam a cobertura de nuvens como canais marítimos nas geleiras do Ártico. Ele olhou para cima, respirando o ar fresco. Então, olhando rapidamente o relógio, voltou para o escritório com fachada de vidro na entrada do complexo. Os três homens de boina ainda estavam sentados no interior, agrupados em torno de seu monitor de TV. Nava Schwartz ainda estava debruçado atrás deles. Ele enfiou a cabeça pela porta.

— Alguma novidade na filmagem?

— Ainda não — disse Schwartz. — São mais de trinta câmeras espalhadas pelo complexo, precisarão de mais algumas horas.

Ben-Roi entrou na sala e olhou para a tela. Dezenas de imagens estavam sendo exibidas de várias partes do complexo: pátios, becos,

portas, escadas, túneis — uma cidade dentro de outra, um mundo dentro de outro mundo. Em uma imagem, um grupo de jovens em vestes negras cruzava uma praça enorme, pavimentada com pedras redondas e lisas. Eles desapareceram de vista e reapareceram na passagem em frente ao escritório. Ben-Roi observou no vídeo os rapazes marchando em sua direção e saindo pelo portão, provavelmente indo para o seminário mais abaixo da avenida do Patriarcado Ortodoxo Armênio.

— Quantas pessoas vivem aqui? — perguntou ele assim que saíram.

— Dentro do próprio complexo, trezentas ou quatrocentas — respondeu um dos soldados de boina, um homem grande, com queixo mal barbeado e dedos manchados de nicotina. — Outras centenas nas ruas ao redor.

— E esta é a única maneira de entrar e sair?

O homem balançou a cabeça.

— Há cinco portões, apesar de usarmos somente dois deles. Um lá embaixo — ele fez um gesto em direção ao sudoeste — para as crianças em idade escolar. Fica aberto das sete às quatro. E este.

— Que fecha às...?

— Dez da noite em ponto. Depois disso, ninguém mais entra nem sai até de manhã.

Ben-Roi olhou para a pesada porta de madeira cravejada de ferro, em seguida, de volta para a tela. Na entrada da catedral, um dos homens fardados conversava com um sacerdote com uma túnica preta e capuz. Pareciam estar discutindo, o padre puxando a linha da fita de isolamento da polícia e gesticulando. Padres, monges, rabinos, imãs — eles conseguiram irritar todos eles. Uma das alegrias de fazer o policiamento da cidade mais sagrada do mundo.

— A catedral também fecha às dez da noite? — perguntou ele.

— Geralmente, só fica aberta para missas. De 6h30 às 7h30 da manhã e de 14h45 às 15h45 no período da tarde.

— É sempre assim?

— No mês passado, Sua Eminência o Arcebispo Petrossian instruiu que os portões ficassem abertos até as 9h30.

Ben-Roi franziu a testa.

— Por que isso?

O homem deu de ombros.

— Para que os fiéis tenham mais tempo de oração.

Seu tom era neutro, sem sinal de aprovação ou desaprovação em relação ao decreto do arcebispo.

Ben-Roi olhou fixamente para a tela, observando outro sacerdote de capuz entrar em cena e se juntar à discussão em frente à porta da catedral. Mais policiais chegaram para dar apoio, e o confronto parecia acalorar. Ele imaginou se deveria voltar e ajudar a resolver a situação, mas decidiu que já tinha encrenca suficiente para resolver. Pedindo a Schwartz que passasse o filme para Kishle o mais rapidamente possível, saiu do complexo e voltou para a delegacia, deixando que os policiais resolvessem a situação da melhor maneira possível. Afinal de contas, eram treinados para isso.

O tráfego na avenida do Patriarcado Ortodoxo Armênio parecia ter diminuído, agora que a chuva tinha parado, e ele avançou cem metros antes que uma van enorme da empresa de telecomunicações Bezeq o forçasse a sair da rua e se refugiar na Taberna Armênia, como já fizera. A porta, que estava fechada antes, agora estava aberta. A van da Bezeq passou e ele voltou para a rua mas, consultando o relógio, virou e entrou na taberna. Leah Shalev havia convocado uma reunião da unidade para as 11h15, o que lhe dava trinta minutos. Ele poderia muito bem aproveitar esse tempo.

Lá dentro, uma escada levava a um restaurante no porão abobadado logo abaixo do nível da rua. A decoração, como a da catedral, era desordenada e rebuscada, com um piso de cerâmica, paredes recobertas de ícones e lâmpadas de latão penduradas no teto. Havia estantes de vidro cheias de joias empoeiradas — colares, pulseiras, brincos —, um par de presas de elefante falsas e, ao fundo das escadas, um pequeno bar com as prateleiras lotadas com a habitual panóplia de Metaxa, Campari, Dubonnet e Jack Daniel's, além de garrafas com aspecto mais exótico no formato de elefantes, cavalos e gatos. Ao chegar no fim da escada, um jovem de calça jeans e uma camiseta da Tommy Hilfiger apertada demais surgiu pelas portas vaivém da área da cozinha no canto do restaurante.

— Oi, Arie — gritou ele.

— *Shalom*, George.

Eles se cumprimentaram, e o homem levou Ben-Roi a uma mesa ao lado da portinhola da cozinha.

— Café?

Ben-Roi concordou, e o homem transmitiu a ordem pela portinhola. Uma mulher idosa — a mãe de George — deu um sorriso amargo e pôs a água para ferver. George se sentou em uma cadeira em frente a Ben-Roi e acendeu um cigarro Imperial, ignorando o aviso de proibido fumar na parede. Prerrogativa dele, já que o negócio era familiar.

A taberna e George Aslanian passaram a ocupar um lugar especial no coração de Ben-Roi. Em uma vida passada, foi onde ele e Galia tinham jantado em seu primeiro encontro. Ele frequentava o lugar desde então, às vezes apenas para um café armênio ou uma cerveja, às vezes também para comer — o *soujuk* e o *kubbeh* eram de dar água na boca. Ele e Sarah tinham jantado ali muitas vezes, o que lhe causou um certo desconforto no começo, em função das associações. Depois de algumas visitas, sua inquietação diminuiria. Metade da Cidade Antiga — metade de Jerusalém — provocava lembranças de um tipo ou de outro, e ele não podia simplesmente deixar de frequentar todos esses lugares. De uma maneira curiosa, era realmente apropriado que ele e Sara fossem ali — ela era, afinal de contas, a única outra mulher que ele amara tanto quanto Galia. E o *soujuk* e o *kubbeh* eram realmente viciantes.

— Quer alguma coisa para comer? — perguntou George.

O café da manhã de Ben-Roi tinha sido corrido, e seu estômago roncava. Mas levaria pelo menos quinze minutos para preparar as salsichas, ele não tinha tempo.

— O café está bom — disse ele. — Você ouviu o que aconteceu? Na cathedral?

— Todo armênio em Jerusalém ouviu falar disso — disse George, tragando o cigarro. — Ouvimos a notícia antes da polícia. Somos uma comunidade unida.

— Alguma ideia? — perguntou Ben-Roi.

— Como assim, se eu sei quem fez isso?

— Ajudaria.

George soprou um anel de fumaça.

— Se eu soubesse de alguma coisa, diria a você, Ariele. Não tem um armênio em Jerusalém que não diria alguma coisa se soubesse. Em toda Israel. Profanar a nossa catedral dessa maneira. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Estamos chocados. Todos nós.

Ouviram um barulho na escada, e um homem corpulento desceu, carregando uma caixa de papelão cheia do que pareciam ser pacotes de espinafre. George falou com ele em armênio, o homem deixou a caixa na cozinha e saiu.

— Estamos chocados — repetiu George, assim que o homem se foi. — Em 67, durante a luta, algumas pessoas morreram quando uma bomba caiu sobre o complexo, mas isso... Todo mundo na nossa comunidade considera a catedral um lugar sagrado. O centro do nosso mundo. É — ele colocou a mão sobre o coração —, é como se tivesse acontecido em nossa própria casa. Pior. Terrível.

Apesar de seus traços duros, um pouco lúgubres, George era, normalmente, um cara tranquilo. Ben-Roi nunca o tinha visto assim.

— Estou meio perdido, George — disse ele. — *Haredim*, árabes, estes eu conheço. Mas a comunidade armênia... Nunca tive contato com ela. A não ser aquele caso alguns anos atrás.

O dono da taberna pareceu confuso.

— O caso dos seminaristas — respondeu Ben-Roi.

— Ah, sim. George deu outra tragada no cigarro. — Não é o melhor exemplo de comportamento da Polícia de Israel.

Foi exatamente a mesma frase empregada pelo Arcebispo Petrossian. Provavelmente tinha virado chavão, Ben-Roi pensou, repetido todas as vezes em que alguém na comunidade armênia discutia esse caso específico. Não inteiramente injustificado, embora fosse mais justo culpar mais os políticos do que a polícia. Como sempre. Tirassem os políticos do caminho e provavelmente as coisas seriam bem melhores.

O que aconteceu na época foi que alguns alunos do seminário armênio entraram em uma briga com um grupo de adolescentes *Haredi* do Bairro Judeu. Durante meses, os jovens *Haredi* vinham hostilizando sacerdotes e alunos armênios, e neste dia os estudantes retaliaram. Em um mundo sensato, os envolvidos teriam levado uma

senhora bronca e um belo chute na bunda, e isso teria revolvido a questão.

Porém, a Cidade Antiga não era um mundo sensato. Um dos *Haredi* quebrou o nariz. Os *frummers*, como era seu costume, exigiam sangue, e o Ministério do Interior, como era *seu* costume, entrara em ação. Resultado: os seminaristas tinham sido presos, detidos e depois deportados. Uma reação exagerada e ridícula, e que tinha, não surpreendentemente, gerado uma sensação de mal-estar entre os demais estudantes armênios colegas dos jovens detidos, até porque os *Haredi* saíram ilesos.

Baum fora o oficial encarregado do caso, o que tinha garantido o estrago desde o início. Ben-Roi tivera apenas uma pequena participação, conduzindo alguns dos primeiros interrogatórios, mas ainda se sentia manchado pela associação. Como com a Barreira, os assentamentos, como tantas coisas neste país, as decisões tomadas em escritórios e sinagogas — mesquitas e igrejas também — tornavam o trabalho policial extremamente difícil às vezes. Na maioria das vezes.

— Café.

Na frente dele, a velha apareceu na portinhola da cozinha, com pires e xícaras. George pegou os cafés, colocou-os sobre a mesa e esvaziou um sachê de açúcar na sua xícara. Ben-Roi esvaziou dois.

— Como eu disse, nunca tive muito contato com a sua comunidade — retomou ele, bebericando o café. — Como tenho certeza de que você sabe, ela foi... — Ele fez um gesto com as mãos em volta do pescoço. — Provavelmente algum maluco solitário, mas precisamos analisar todas as opções.

George não disse nada, apenas mexeu o café e fumou seu cigarro.

— Você já ouviu falar de qualquer... Eu não sei... brigas na comunidade? Guerras territoriais?

Nenhuma resposta.

— Vinganças? — insistiu Ben-Roi. — Algum problema entre os sacerdotes, as pessoas que frequentam regularmente a catedral? Rancores, ressentimentos? Qualquer coisa... fora do normal? Ele estava jogando verde, procurando pistas. — Qualquer coisa,

basicamente, que pudesse nos dar algum tipo de orientação neste caso?

George ergueu sua xícara de café, sorveu e apagou o cigarro no resto de líquido escuro acumulado no fundo do pires.

— Olha, Arie — disse ele. — Temos nossas brigas, como qualquer comunidade. Nossas maçãs podres, nossos criadores de caso. Nossos sacerdotes brigam com os padres ortodoxos gregos, essa pessoa não gosta daquela, fulano passa a perna em beltrano — essas coisas acontecem, somos humanos. Mas deixe-me dizer uma coisa bem séria para você — ele olhou para Ben-Roi —: nenhum armênio faria algo assim com outro armênio. E certamente não dentro de nossa própria catedral. Somos uma família. Nós cuidamos uns dos outros, nos protegemos. Simplesmente não aconteceria. Quem cometeu esse crime, Arie, não é armênio. Posso garantir isso. Estou falando sério.

Ele se virou e falou com a mãe, que tagarelou alguma coisa antes de colocar seu rosto na portinhola da cozinha.

— Nenhum armênio — disse ela. — Armênio não faz isso.

Ela olhou com uma expressão carrancuda para Ben-Roi para garantir que ele entendera o que ela disse. Em seguida, voltou para a sua cozinha. Ben-Roi terminou seu café.

— Bem, pelo menos isso delimita o campo — disse ele.

Ouviram um burburinho de vozes e meia dúzia de pessoas descendo as escadas da rua acima: turistas, idosos, americanos ou ingleses, a julgar pelos guias turísticos que carregavam. George foi ao encontro deles para acomodá-los e distribuir os cardápios. Música suave começou a sair das caixas de som do restaurante, embora Ben-Roi não pudesse ver quem ligara o aparelho.

— Você não ouviu nada sobre quem é a vítima? — perguntou ele quando George voltou. — Nenhum boato?

George balançou a cabeça.

— Certamente não é armênia. Ou, pelo menos, não de Jerusalém. Todo mundo se conhece por aqui.

— De fora de Jerusalém?

George deu de ombros.

— Talvez. — Ele pegou outro cigarro e o colocou na boca. Então pensou melhor e o deixou sobre a mesa. — Você deve conversar com o Arcebispo Petrossian. Ele conhece todo mundo e sabe de tudo o que se passa na nossa comunidade. Não apenas em Jerusalém, mas em toda Israel.

— Já falei com ele — disse Ben-Roi. — Na catedral. Ele disse que não sabia de nada.

— Bem, aí esta a sua resposta. Petrossian sabe mais do que o Patriarca e outros arcebispos juntos. Mais do que a comunidade inteira junta. Nada acontece em nosso mundo sem que ele saiba.

Ele olhou em volta, como se para se certificar de que ninguém mais estava escutando, então se inclinou.

— A gente chama ele de polvo. Tem tentáculos em todos os lugares. Se ele não pode ajudá-lo... — Ergueu as mãos, o gesto substituindo as palavras “ninguém pode”. Do outro lado do restaurante um dos turistas gritou “Olá” e acenou com um cardápio nas mãos, indicando que estavam prontos para pedir.

— Desculpe, Arie, tenho que atendê-los.

— Não tem problema. Eu tenho que voltar para a delegacia.

Ben-Roi levantou-se e puxou a carteira, mas George lhe fez sinal para guardá-la.

— Por conta da casa.

— Vai me avisar se souber de alguma coisa?

— Claro. E lembranças para Sarah. Diga a ela que espero que esteja tudo bem com o... — ele bateu na barriga, afastando-se para atender a outra mesa. Ben-Roi começou a subir as escadas para a rua, com um vago sentimento de decepção por não ter conseguido obter mais informações misturado com um sentimento muito mais distinto de culpa pelo fato de Sarah e o bebê parecerem estar mais na cabeça de outras pessoas do que na dele. Seu filho ainda não tinha nascido e ele já se sentia o pior pai do mundo.

Na metade do caminho de volta, logo antes de passar pela entrada do complexo de São Tiago, a avenida do Patriarcado Ortodoxo Armênio passa por um túnel. No muro acima do túnel há uma janela arqueada, os painéis estão cerrados e encardidos, com filigranas de

uma trepadeira murcha. Foi deste ponto de vista privilegiado que Sua Eminência, o Arcebispo Armen Petrossian, viu Ben-Roi entrar na Taberna Armênia. Ainda estava na janela vinte minutos depois, quando o detetive surgiu e começou a descer a rua em direção à Delegacia de Polícia de David.

Cofiando a barba, o arcebispo acompanhou com o olhar a figura alta e grande do detetive, seguindo-o enquanto ele caminhava pela rua e fazia a curva na esquina da praça Omar Ibn Al-Khattab. Somente quando o perdeu de vista, o arcebispo se virou e desceu até o portão principal do complexo. Ele acenou para os homens de boina sentados dentro da cabine da portaria e fez sinal para que um deles o acompanhasse. Caminharam alguns metros ao longo da passagem abobadada que leva ao complexo, parando ao lado de uma placa verde baeta, fora do alcance tanto do pessoal da cabine quanto dos cinco policiais israelenses que montavam guarda do lado de fora do portão. O arcebispo olhou ao redor. Então, inclinando-se para a frente, sussurrou no ouvido do homem. O homem acenou com a cabeça, apalpou sua jaqueta de couro e atravessou o portão para a rua.

— Deus nos proteja — murmurou o arcebispo, levantando a mão e beijando o anel de ametista em seu dedo. — E Deus me perdoe.

DESERTO DO OESTE, EGITO

A aldeia de Bir Hashfa ficava a sete quilômetros a oeste da fazenda, em direção ao Vale do Nilo, incrustada entre duas estradas de terra: uma que seguia de leste a oeste das montanhas para o rio; a outra, mais larga, de norte a sul, paralela ao Nilo, ligando as Rodovias 29 e 212. Quando estavam se aproximando, Khalifa verificou seu celular e pediu que Sariya encostasse o carro.

— Tem sinal aqui — disse ele. — Preciso ligar para Zenab. Será rápido.

Ele saiu e caminhou pelo cascalho, parando a dez metros de distância, ao lado de um tambor de óleo oxidado. Fez a ligação e, enquanto esperava a esposa atender, abaixou-se, pegou umas latas de Coca-Cola que estavam espalhadas pelo chão e as colocou em cima do tambor. Dentro do carro, Sariya sorriu. Era um gesto típico do seu chefe. Era um homem que gostava de dar ordem às coisas, mantê-las arrumadas, mesmo no meio de um deserto. Por isso era um bom detetive. O melhor. Ainda o melhor, mesmo depois de tudo o que havia acontecido.

Pegando o pacote de balas sobre o painel, Sariya colocou uma na boca e se recostou, prestando atenção na conversa de Khalifa. Ele tinha perdido peso nos últimos meses. Ao contrário de Khalifa, Sariya ganhara alguns quilos desde que a sogra tinha ido morar com eles e assumido a cozinha. Elegante nos bons tempos, Khalifa agora positivamente tinha uma aparência abatida, as maçãs do rosto ainda mais proeminentes do que de costume, as bochechas profundamente afundadas. Os olhos, percebeu Sariya, impressionado, também tinham perdido um pouco do antigo brilho, as bolsas sob eles estavam mais pesadas e escuras. Embora nunca dissesse nada, preocupava-se com Khalifa. Gostava muito do chefe.

Khalifa andava de um lado para outro bem à frente de Sariya, agitando a mão no ar, como se dissesse: “Calma, está tudo bem.” Sariya mastigou a pastilha de hortelã, colocou outra na boca e

depois outra. Estava na quarta bala quando Khalifa finalmente desligou e voltou para o carro.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Khalifa não respondeu, apenas subiu e acendeu um cigarro do maço que tinha encontrado quando saíram da fazenda. Sariya conhecia bem o chefe, se ele quisesse falar, falaria; se não, nada diria. Em vez de puxar conversa, ele ligou o motor e seguiu para a aldeia, a quinhentos metros de distância, depois de um bosque de oliveiras e alguns campos de milho.

Eram apenas cerca de quarenta casas, a maioria delas de reboco e tijolos de barro, embora houvesse também prédios maiores de tijolos vermelhos e concreto — símbolos de riqueza e *status*, o que quer que isso significasse ali.

Sariya os levou para o meio da aldeia e parou ao lado de uma mesquita caiada. As orações das sextas-feiras tinham acabado e os homens começavam a surgir na entrada, calçando os sapatos, brilhando à luz do sol. Khalifa chamou um *sabah el-khir* e perguntou onde poderia encontrar o chefe da aldeia. Houve um burburinho e alguns olhares hostis — nestes lugares distantes, os estranhos eram sempre tratados com certo grau de desconfiança, se não de hostilidade — antes de serem mandados, a contragosto, para um dos maiores prédios, quase na saída da aldeia.

— Muito animador — disse Sariya à medida que se afastavam. — Talvez eu deva mandar minha sogra para cá. Todos poderiam ser infelizes juntos.

— Nunca desrespeite os mais velhos, Mohammed.

— Mesmo os mandões?

— Especialmente os mandões.

Khalifa olhou para ele, um leve indício do velho brilho em seus olhos, depois olhou para a frente novamente.

— Cuidado com o ganso — disse ele.

Sariya se desviou da ave que tinha se instalado no meio da rua e não mostrava sinal de que ia se mexer, e seguiu até o fim da aldeia, onde parou em frente à casa. Era uma construção de dois andares, de alvenaria irregular e de baixa qualidade, com vergalhões de ferro aparecendo nos cantos do telhado plano em preparação

para um outro andar que provavelmente nunca seria construído. A parede ao redor da porta da frente fora pintada com um colorido mural, embora um tanto malfeito — um carro, um avião, um camelo, o cubo negro da Qa'ba em Meca — indicando que os ocupantes do edifício tinham realizado o *Hajj* — outro símbolo de riqueza e posição social.

As notícias deviam ter se espalhado rápido, porque um velho mirrado usando um *imma* e *djellaba* brancos esperava por eles na frente da porta, portando um *shuma*. A barba cobria o rosto, os olhos pequenos e o nariz pontudo o deixavam muito parecido com um rato.

— Não vemos muitos policiais por aqui — disse ele, quando Khalifa e Sariya saíram do carro, o olhar duro, beirando a hostilidade, seu sotaque *saidee* tão forte que mal dava para entender. — Não vemos *nenhum* policial por aqui.

Eles não tinham dito quem eram, mas não precisavam. Os egípcios, como todas as vítimas de estados autoritários, têm um radar instintivo quando se trata de identificar aqueles encarregados de fazer cumprir a lei. Um radar instintivo e também uma aversão instintiva.

— Nós não nos misturamos — acrescentou o homem, olhando em direção a eles.

Por formalidade, os dois detetives apresentaram seus distintivos. Houve uma pausa desconfortável, enquanto o chefe os encarava, os olhos passando rapidamente de Khalifa para Sariya e vice-versa. Então, pigarreando ruidosamente e cuspiendo no pó, ele os levou para dentro da casa, gritando para alguém levar chá.

Estava fresco dentro da casa, que era escura, escassamente mobiliada, o piso de concreto coberto com tapetes. O chefe os levou por um corredor, subiram umas escadas e saíram na laje do prédio, o calor do final da manhã os envolvia mais uma vez. A maior parte do espaço estava ocupada com um tapete para secar tâmaras, mas havia um toldo no canto mais distante com uma mesa e cadeiras embaixo. Ele os levou até lá. A aldeia se espalhava abaixo deles, rodeada por pequenos bosques com oliveiras e limoeiros, embora Sariya suspeitasse que estivessem ali menos por causa da vista e

mais porque o chefe não queria receber a polícia dentro de sua casa. Sentaram-se e Khalifa acendeu um cigarro. Ele não ofereceu o maço ao anfitrião.

— Então? — perguntou o homem, sem se preocupar com preliminares.

— Quero falar com você sobre a família Attia — disse Khalifa, agitando o cigarro na direção leste, aproximadamente para a fazenda nas colinas. — Acho que você a conhece.

O chefe resmungou.

— *Mesehi-een* — disse ele. — Cristãos. Encrenqueiros.

— Como assim?

O homem deu de ombros, evitando a pergunta.

— Ouvi dizer que a água não presta ali — disse ele. — Alá sempre pune o *kufr*.

— O senhor Attia parece acreditar que a punição vem de alguém um pouco mais perto de casa.

— Attia pode pensar o diabo que quiser. Quando uma fonte de água perfeitamente boa de repente fica podre sem razão, isso é obra de Deus. De que outra forma você explica isso?

Khalifa deu uma tragada no cigarro e se curvou para a frente.

— Você não gosta de cristãos?

— Deus não gosta de cristãos. É o que diz o Alcorão Sagrado.

Khalifa abriu a boca como se quisesse discutir com o chefe, mas pareceu pensar melhor e, em vez disso, deu outra tragada.

— Quais são as suas relações com a família Attia? — perguntou ele.

— Nós não temos relações com os Attia. Eles não se misturam. Assim como nós.

— Eles puxam a água potável deles do seu sistema.

O chefe não respondeu a isso. Não surpreende, uma vez que o arranjo tinha provavelmente sido feito sem o conhecimento da Companhia de Água Luxor e, portanto, era ilegal.

— Quanto eles pagam por isso?— perguntou Khalifa.

— O suficiente.

— Mais do que o suficiente, eu espero.

O chefe se irritou.

— Foram eles que se aproximaram de nós. Se eles não gostam de lá, podem ir para outro lugar. Estamos fazendo um favor a eles.

Khalifa não respondeu, lançando apenas um olhar frio em direção ao homem e tragando seu Cleópatra. Uma jovem apareceu no topo da escada com uma bandeja de chá. Ela esperou, cabeça baixa, até o chefe sinalizar para que se aproximasse. Então ela colocou a bandeja sobre a mesa e saiu apressada. Embora estivesse usando um lenço frouxo na cabeça e mantivesse o rosto baixo, o ferimento em torno de seu olho esquerdo era inconfundível.

— Sua filha? — perguntou Sariya.

— Esposa — respondeu o chefe. — Alguma outra pergunta? Quer saber quando foi a última vez que caguei?

Os detetives trocaram um olhar, Khalifa balançando a cabeça quase imperceptivelmente a fim de indicar que Sariya não deveria responder ao insulto. Em algum lugar sob eles um camelo começou a urrar.

— Aparentemente, o primo do senhor Attia teve problemas com a água também — continuou Khalifa. — Alguns meses atrás.

— Ouvi dizer.

— Vocês têm problemas com a água aqui?

— Não nos últimos quarenta anos.

— E antes disso?

— Antes não havia aldeia aqui.

Khalifa confirmou com a cabeça e ficou de pé. Tirando o chá da bandeja, foi até a beira da laje e olhou para os campos. A cinquenta metros dali, havia água jorrando de um cano que partia de uma grande cisterna de concreto em direção a uma rede de canais de irrigação. Além de milho, azeitonas, laranjas e *bersiim*, havia campos de *molocchia*, amoras, melões, tabaco e o que parecia goiaba — uma ilha de verde no meio de um vasto oceano amarelo.

— Vocês estão bem aqui — disse ele.

— Gostamos de pensar assim.

— Água abundante.

O chefe resmungou algo inaudível.

— Attia diz que vem das montanhas.

— Assim, dizem os especialistas. Nós apenas a usamos. Somos agricultores, não... — Ele franziu a testa, procurando a palavra certa.

— Geólogos — sugeriu Sariya.

— Pode ser — disse o chefe. — É água de boa qualidade, há um fornecimento constante. Você tem que cavar fundo para encontrá-la, mas ela está lá. Isso é tudo o que importa.

— E nunca tiveram problemas?— perguntou Khalifa.

— Nenhum. Acabei de dizer isso.

Khalifa olhou a paisagem durante mais uns instantes, tomando seu chá e depois se virou.

— Então, por que você acha que a água do Attia ficou ruim?

— Acabei de dizer isso também. Alá sempre pune os infiéis. É a vontade Dele.

— E você acha que alguém na aldeia pode ter se incumbido de ajudar a fazer a vontade de Deus?

O chefe bufou e jogou a cabeça para trás, cuspidando do telhado para a rua, os lábios repuxados revelando fileiras irregulares de dentes marrons, como linhas de galhos torcidos.

— Por que você não para de enrolar e vai direto ao assunto? — disse ele, os olhos girando para Khalifa. — Você está nos acusando de envenenar o poço deles?

— E vocês envenenaram?

— Não, não envenenamos. Se quiséssemos que saíssem de lá, por que diabos fornecéramos água potável para eles?

Foi o mesmo ponto que Khalifa tinha levantado lá na fazenda.

— Talvez você esteja querendo aumentar o fornecimento — sugeriu ele, dando um último trago em seu cigarro e sacudindo a guimba na mesma direção da saliva. — Arrancar mais algum dinheiro deles.

O chefe deu um grunhido de desdém.

— Ou talvez alguém tenha feito isso sem você saber?

— Eu sou o chefe. Ninguém peida nesta aldeia sem o meu conhecimento. O que quer que tenha acontecido a essas pessoas, não tem nada a ver conosco. Eles têm a vida deles, nós temos as nossas. Não é o nosso problema. Mais alguma coisa?

Não havia. Khalifa fez mais algumas perguntas, mais, pareceu a Sariya, para mostrar ao chefe que estavam falando sério do que por achar que iria conseguir alguma informação útil dele. Aparentemente, o primo de Attia tinha tido uma discussão com um dos moradores da aldeia alguns anos atrás sobre a propriedade de alguns pombos, mas a questão havia sido resolvida a contento para ambas as partes. E o imã da aldeia originalmente veio de Farshut, como os Attia, embora, pelo que o chefe soubesse, não se conhecessem. Isso praticamente encerrou a questão. Sem mais assunto, os detetives terminaram o chá e encerraram a reunião.

— Vou ficar de olho nisso — disse Khalifa assim que retornaram para a rua, voltando-se para o chefe e o encarando com um olhar duro. — Bem de perto. Se os Attia tiverem mais problemas, qualquer coisa que seja, virei até aqui.

— Que bom pra você — disse o chefe.

Entraram no carro, e Sariya ligou o motor.

— E, pelo que eu sei — disse Khalifa, abrindo a janela, — o Alcorão ensina especificamente respeito a *ahl el-kitab*, judeus e cristãos.

O chefe deu de ombros e cuspiu.

— Caso precisemos de um imã novo, entrarei em contato com você — disse ele.

Khalifa olhou para ele. Em seguida, acenou para o sargento e eles foram embora.

— Você acha que ele está dizendo a verdade?— Sariya perguntou assim que se afastaram da aldeia e seguiam pela trilha de volta para Luxor.

Khalifa encolheu os ombros.

— Só Deus sabe. Para esse tipo de gente, mentir é tão natural que na metade das vezes nem mesmo *eles* sabem quando estão dizendo a verdade.

Ele pegou os cigarros. Então reconsiderou, devolveu-os ao seu bolso e, em vez disso, pegou uma pastilha de hortelã do painel.

— Ele é um velho ardiloso, isso é certo. Certamente não tinha intenção de contar nada. Se é que existe algo a contar... — Cruzou os braços e se recostou, sugando a pastilha, pensativo, olhando para

a paisagem desolada. — Alguém está atrás daquelas pessoas — murmurou ele, falando mais para si mesmo do que para o assistente. — Alguém quer tirá-los de lá.

Ao lado dele, Sariya não pôde deixar de sorrir. Uma família pobre de agricultores com problemas de água no meio do nada, uma área tão remota que não estava ainda claro qual a jurisdição a que pertencia — qualquer outro detetive em Luxor teria relegado o assunto direto para o fundo de sua lata de lixo. Apenas Khalifa teria levado tão a sério. Com o mesmo detalhe e atenção que teria dado a um caso importante. O melhor policial em Luxor. Em todo o Egito. E ninguém convenceria Mohammed Sariya do contrário.

— Você sabe o que eu quero agora — disse ele, pisando no freio ao se aproximarem de um barranco na estrada —, um grande copo de *karkady* gelado.

Khalifa olhou para Sariya e depois para longe.

— A bebida favorita de Ali — disse ele.

Sariya não tinha certeza de como responder a isso e apenas continuou dirigindo, levando-os pela estrada e aumentando a velocidade de novo, indo para o oeste, o deserto rochoso à sua volta.

JERUSALÉM

O escritório de Leah Shalev, primeiro-sargento, era uma sala entulhada, sem janelas, no térreo da delegacia de David, uma de várias outras salas igualmente entulhadas e sem janelas ao longo de um corredor que começava na entrada em túnel do prédio. Às 11h20, eram seis pessoas na sala para a apresentação inicial do caso, incluindo a própria Shalev, sentada atrás de sua mesa, e, como investigadora do caso, chefiando a reunião.

O modelo de investigação era, até onde Ben-Roi sabia, exclusivo da Polícia de Israel. Nas outras forças, os detetives eram responsáveis não só pela investigação de fato, mas também por boa parte do lixo burocrático que vinha junto: orçamentos, formulários, relatórios, comunicação com outros departamentos. Em Israel, as duas funções foram separadas. Enquanto os detetives cuidavam da linha de frente, fazendo as perguntas, cuidando dos interrogatórios, encontrando os informantes, a tarefa do investigador era supervisionar e coordenar a coisa toda. O investigador era o primeiro a chegar à cena de qualquer crime, responsável pelo *Tik Chakira* — o registro do caso — que delegava as tarefas, reunia a papelada, mantinha o gabinete do promotor atualizado. Toda aquela porcaria que só servia para distrair, basicamente. Era uma posição importante, ainda que sem glamour, e assim era vista — conscientes da hierarquia, os investigadores estavam acima dos detetives. Alguns dos colegas de Ben-Roi mais *loh boger*, imaturos, detetives com um senso superdesenvolvido de sua própria importância, achavam que eram *eles* que deveriam estar por cima, mas Ben-Roi não ligava. Pessoalmente, estava perfeitamente satisfeito de poder cuidar de seu trabalho sem se prender às aporrinhações administrativas. Como gostava de pensar, o investigador tocava o caso, mas era o detetive quem realmente resolvia o assunto.

— Certo, rapazes — disse Shalev, batendo com a mão na mesa para chamar a atenção de todos —, vamos lá.

Ela os chamava de rapazes deliberadamente — Leah Shalev era a única mulher na sala. Além de Ben-Roi, lá estavam Uri Pincas, Amos Namir — um sefardita grisalho conhecido não só por ser o mais antigo detetive do pelotão, mas também o mais mal-humorado — e o sargento Moshe Peres, responsável por coordenar todo o suporte oficial que se fizesse necessário.

Todas essas pessoas se conheciam, já tinham trabalhado juntas muitas vezes. A novidade era uma figura delgada, com jeito de menino, óculos redondos e um *yarmulke* — um solidéu —, azul de tricô na cabeça, sentado um pouco afastado dos demais, no canto da sala. Bem mais novo do que o restante, uns dez anos pelo menos, chamava-se Dov Zisky, algo que Ben-Roi só descobrira cinco minutos antes, quando Leah o apresentou para o grupo. Fora transferido de Lida, onde recentemente se qualificara como detetive, ainda que parecesse mal ter saído da escola. Nem parecia ter idade suficiente para fazer a barba.

— Estou supondo que todo mundo já se inteirou do básico — dizia Shalev. — Mulher não identificada, garroteada, na Catedral Armênia.

Cabeças concordaram por toda a sala. Zisky pegara um caderno moleskine sofisticado do bolso e fazia anotações.

— A perícia já enviou as primeiras amostras para Monte Scopus. Com sorte, teremos algo para começar mais para o final do dia. O mesmo com a autópsia. Já disse para Abu Kabir acelerar.

— Avram Schmelling não consegue acelerar nem uma mijada — resmungou Namir.

Shalev ignorou o comentário.

— Precisamos identificar a vítima. Isso é prioritário. Também precisamos pensar no que motivou esse sujeito. A carteira e os artigos pessoais da vítima parecem ter sumido. Terá sido um roubo, em primeiro lugar? Ele tinha algum assunto pessoal contra ela? Será que ela apenas deu azar de cruzar seu caminho: lugar errado na hora errada?

— Enfoque religioso? — perguntou Ben-Roi. — Ela estava no meio de uma catedral, afinal.

— É possível — respondeu Shalev — totalmente possível. Neste estágio, tudo deve ser considerado. Quem quer que seja o nosso homem...

— Ou mulher.

A voz era de Zisky. Delicada, culta, afeminada. A voz, pensou Ben-Roi, de um viadinho histérico. Pelos olhares que o rapaz atraía, era uma impressão compartilhada pelos colegas.

— O assassino pode ser uma mulher — acrescentou Zisky, erguendo os olhos do caderno. — Não sabemos se é um homem. Ainda não.

Pincas e Peres sorriam com sarcasmo. Amos Namir parecia prestes a explodir numa gargalhada.

— De que você está falando? Pelo que eu ouvi, a vítima pesava mais de cem quilos. Como é que a porra de uma mulher...

— É uma suposição razoável — disse Shalev, sinalizando para Namir se calar. — Neste estágio, precisamos manter todas as nossas opções em aberto. Assim: quem quer que seja o nosso homem ou mulher, há uma grande chance de que volte a agir. Precisamos trabalhar rápido, cavalheiros. Não é fácil, eu sei, com metade da equipe atuando nas investigações do assassinato do estudante, mas temos que fazer acontecer.

Ninguém disse nada. Os recursos em Kishle estavam sempre no limite. Era um fato da vida e estavam acostumados.

— Como vão as coisas com as câmeras de segurança? — perguntou Moshe Peres.

Havia mais de trezentas câmeras instaladas por toda a Cidade Antiga, permitindo que a polícia ficasse de olho em tudo o que acontecia dentro dos dois quilômetros quadrados mais disputados do mundo. Sempre que um crime era cometido, qualquer tipo de crime, eram sempre o ponto de partida para qualquer investigação.

— A que fica em cima do túnel do Patriarcado Ortodoxo Armênio gravou a vítima pouco antes das sete — respondeu Pincas. — Tinha alguém atrás dela, mas a imagem está uma droga por causa da chuva. Não dá para ver quase nada, mesmo ampliando. Pode ser o assassino, como também pode não ser.

— E as câmeras na esquina da igreja ortodoxa armênia e no Portão de Sião? — perguntou Peres. — Deveriam cobrir a entrada do complexo.

— Muito distante — respondeu Pincas. — Não dá para ver nada, especialmente com chuva. Estamos tentando rastrear os passos da vítima, descobrir por onde e quando ela entrou na Cidade Antiga, mas isso vai levar tempo.

— Câmeras do complexo? — perguntou Shalev.

— Ainda estavam assistindo à filmagem quando eu saí — disse Ben-Roi. — Nava acha que vai levar pelo menos mais umas duas horas.

Shalev concordou, brincando com a insígnia de seu colete policial azul.

— Certo, vamos dividir as tarefas. Uri, volte para as telas, veja o que consegue descobrir. Quando a filmagem do complexo chegar, você e Schwartz também podem examiná-la. Quem é o sargento no turno de vigilância?

— Talmon — respondeu Pincas.

— Diga a ele para ceder dois homens para você. Precisamos correr com isso.

— Já pedi. Respondeu que não tem ninguém sobrando.

— Bem, diga a eles para arrumar alguém. Ou então para ele arrastar a bunda até aqui e falar diretamente comigo.

Ben-Roi sorriu. Todos sorriram. Leah Shalev em geral era tranquila, com certeza em comparação a Yigal Dorfmann, o investigador responsável pelo assassinato do estudante *yeshiva*, que era um babaca intrometido nível um. Mas quando ficava mal-humorada podia ser tão linha-dura quanto o melhor deles.

— Preciso de guardas uniformizados batendo em cada porta do complexo e por todo o quarteirão armênio — prosseguiu. — Muitos agentes uniformizados. Moshe?

— Pode falar — respondeu Peres.

— Kletzmann está imprimindo as fotos agora e você vai poder levá-las. E, Uri, se você conseguir alguma foto decente a partir das filmagens, elas também podem ser úteis.

Pincas concordou.

— Amos, você dá uma olhada nos casos antigos e nos arquivados. Veja se descobre alguma coisa parecida. E passe o recado para seus informantes.

Namir concordou.

— Você tem algum armênio?

— Uns dois.

— Fale com eles também. Nunca se sabe, alguém pode ter ouvido alguma coisa.

— Acabei de falar com um rapaz armênio que eu conheço — disse Ben-Roi, chegando para a frente. — É o dono da taberna, tem bom ouvido. Disse que não há qualquer chance de que uma pessoa da comunidade possa ter feito uma coisa dessas.

Shalev ponderou por um instante.

— Ainda precisamos cobrir todos os ângulos — ela acabou por responder. — Mesmo que não exista uma ligação direta com os armênios, foi no bairro deles e alguém deve saber de alguma coisa. Mas você está certo, precisamos manter a mente aberta.

Ela pegou o copo de café da mesa e deu um gole, uma forte mancha de batom vermelho ficou marcada na beirada de isopor. Normalmente, Ben-Roi não prestava atenção ao batom de Leah Shalev. Nesta manhã, não conseguiu deixar de pensar no sangue pisado em torno da boca da mulher assassinada.

— Acho que posso ficar com a vítima — disse, sacudindo a cabeça para apagar a imagem.

— Você vai — concordou Shalev. — Quero saber quem é ela, de onde é, o que estava fazendo na catedral. Tudo. E estou esperando por isso há uma hora.

Ela deu outro gole, olhando ao redor da sala. Todos ficaram em silêncio, prontos para partir.

— E eu? — perguntou Zisky.

Estava sentado para a frente, como um cão à espera de sair para passear, as mãos — delicadas como as de uma menina — fechadas em torno do caderno.

— E eu? — murmurou Pincas, imitando a voz efeminada do rapaz. Shalev lhe lançou um olhar de advertência.

— Por enquanto, vá para o complexo e faça algumas perguntas. Pode tentar falar com alguns dos padres. E faça uma nova visita ao sujeito que estava cuidando do portão ontem à noite. Ele deu algumas declarações, mas tudo muito vago. Quando terminar, pode voltar e ficar com Arieh.

— Nada de beijos — murmurou Pincas.

— Não fode — respondeu Ben-Roi.

Atrás da mesa, Shalev ficou de pé.

— Certo, cavalheiros, ao trabalho. A imprensa vai sair pela cidade atrás dessa história. Então eu quero resultados. E rápido.

Ela bateu palmas e todos se levantaram, arrastando as cadeiras pelo chão de linóleo. Ao saírem para o corredor, ela chamou Ben-Roi de volta, sinalizando para que ele fechasse a porta.

— Obrigado pela namoradilha — disse ele, voltando a se sentar.

Leah Shalev tinha um jeito próprio de fechar os punhos quando estava furiosa, e foi o que fez.

— Cala a boca, Arieh. Eu espero esse tipo de coisa dos Neandertais como Pincas e Namir, mas esperava algo um pouco melhor de você.

— Dá um tempo, Leah. O garoto é um viadinho. Que merda ele está fazendo numa delegacia da linha de frente como Kishle?

— Acho que me lembro de algumas pessoas fazendo a mesma pergunta a meu respeito quando cheguei aqui — respondeu Shalev, deixando-se cair na cadeira.

Era verdade. A indicação de uma investigadora para Kishle — a única investigadora de toda a Jerusalém — provocou mais de um olhar desconfiado, inclusive de Ben-Roi. “Roupa de cortina”, eles a apelidaram. “A cota para a brigada dos defensores das oportunidades iguais.”

— Era diferente — respondeu ele.

— É mesmo?

— É um lugar duro, enfrentando gente dura. *Você* pode encarar isso.

— E ele não pode?

— Olhe só para ele, pelo amor de Deus! É uma...

Shalev apoiou o punho na mesa.

— Cale-se! — repetiu. — Tenho uma mulher morta no meio de um local sagrado, um maníaco circulando pela cidade, falta de homens, o comandante Gal fungando no meu pescoço. Já é o bastante para ainda ter que lidar com um processo por assédio homofóbico caindo na minha mesa. Nem sabemos se ele é...

— Um *noshech kariot*?

— Ah, vai se ferrar, Arie. O que ele faz ou deixa de fazer fora da delegacia não tem nada a ver com a gente. No momento, o que eu preciso é que vocês trabalhem juntos neste caso. Todos vocês.

Ben-Roi resmungou alguma coisa.

— O que foi?

— Ponto para você.

— Espero que sim, Arie. Realmente espero, porque estamos levando no couro aqui.

Ben-Roi resistiu a fazer um comentário sobre levar no couro em relação ao traseiro de Zisky.

— Ele tem boas referências de Lida — continuou Shalev — e da academia. Algumas das melhores referências que já li. E é entusiasmado, solicitou a transferência especificamente para cá, para poder trabalhar na linha de frente. Considerando que Kishle não tem exatamente a reputação de um local socialmente aberto, isso demonstra algum colhão.

Ela ajeitou o cabelo, balançando-se para a frente e para trás na cadeira.

— Ele também solicitou especificamente a possibilidade de trabalhar com você.

Ben-Roi levantou o olhar.

— Que negócio é esse?

— Vamos lá, Arie. Ele leu sobre o caso Shamir, o incêndio em Mauristan, quando você salvou a garota árabe. Ele te admira. Sabe Deus por quê, mas ele te admira. Dê uma chance ao garoto, ok? Algum estímulo.

— Certo, certo — respondeu Ben-Roi, levantando as mãos. — Frequentamos o mesmo círculo, afinal.

Uma pausa e:

— Ainda que não *neste* sentido.

Mesmo a contragosto, Shalev sorriu.

— Dê o fora daqui, seu *schmuck*. E me traga alguns resultados.

Ben-Roi se levantou e saiu do escritório.

— E, para sua informação — gritou ela atrás dele —, segundo a academia, ele foi um dos melhores alunos de Krav Magá que já passou por lá. O garoto é durão. E não deixe de ligar para Sarah! Você pode perder uns poucos minutos, mesmo num caso de assassinato.

Ele já ia a passos largos pelo corredor e, se ouviu as palavras dela, não respondeu.

VANCOUVER, CANADÁ

Sempre que se embebedava, Dewey McCabe pensava em Denise Sanders, do RH. E, sempre que pensava em Denise Sanders do RH, ficava triste e com raiva por ela não querer sair com ele. E, sempre que ficava triste e com raiva, sentia uma necessidade irracional de vingança.

Naquela madrugada — passava das duas da manhã — estava muito bêbado, muito triste e se sentia especialmente vingativo. Por isso, enquanto cambaleava de volta pela rua Burrard, após sete horas de bebedeira no Doonins Irish Pub em Nelson, decidiu parar no escritório e dar uma cagada na mesa de Denise Sanders.

O plano começou a se desvelar desde o princípio. Ele chegou à torre de concreto que era o prédio da Deepwell Gas and Petroleum numa boa. Quando empurrou as portas giratórias, no entanto, elas estavam trancadas, como é claro que ele deveria saber que estariam às duas da manhã. Significava que teria que chamar um dos vigias da noite para deixá-lo entrar, e, apesar de Dewey ter um passe de segurança, o guarda estava nitidamente desconfiado, o que ele também deveria ter esperado, uma vez que estava bêbado feito um gambá. Por um momento, achou que tinha salvado a situação inventando para o guarda que precisava enviar um e-mail urgente, mas, quando o sujeito resolveu acompanhar Dewey no elevador, acabou aceitando que, naquela ocasião específica, a mesa de trabalho de Denise Sanders continuaria frustrantemente livre de sua merda.

Sem querer se dar por vencido, desceu do elevador no setor de TI, no sexto andar, com o guarda ainda a reboque e ligou o computador.

— Com certeza deve ser um e-mail urgente — disse o guarda, que vestia um turbante e era ainda mais gordo do que Dewey.

— Aham — respondeu Dewey, muito ansioso por manter a conversa ao mínimo, pois as palavras estavam saindo totalmente

engroladas.

Seguiu-se uma pausa enquanto a máquina inicializava, a tela ficou azul e logo apareceu sua caixa de login. Ele digitou o nome de usuário e a senha — deweybigcock69 —, o tempo todo pensando em alguém para quem poderia enviar um e-mail. Por algum motivo, o sistema não aceitava suas informações. Achando que tinha digitado errado, tentou de novo. O mesmo resultado.

— Algum problema, senhor? — perguntou o guarda, incomodamente próximo.

— Sem problema — resmungou Dewey, tentando e falhando pela terceira vez.

Ele refletiu, arrastou a cadeira e se inclinou para a frente de forma a bloquear o máximo da tela possível. Digitando rapidamente, inseriu o nome de usuário e a senha de Denise Sanders, que ele sabia por ser uma das três pessoas do escritório com privilégios de administrador do sistema — entrava em sua conta todos os dias para ver se ela estava enviando alguma mensagem para o babaca do Kevin Speznik. Entrou imediatamente.

Dewey começava a ficar sóbrio. Saiu da conta de Sanders e tentou a sua própria novamente. Sem sucesso. Digitou os detalhes de Kevin Speznik, que também conhecia. A conta de Speznik também estava bloqueada, o que era curioso, pois Speznik era um dos três administradores.

— Você pode se afastar um pouco? — disse, abanando com a mão para o guarda, que cheirava a algum tempero e começava a realmente incomodá-lo. — Tem alguma coisa errada aqui e preciso...

Ele chegou para trás, coçou a cabeça e olhou para a fila de relógios na parede oposta, cada um mostrando a hora em um dos dezesseis escritórios da empresa ao redor do mundo. Eram 2h22 em San Diego, 4h22 em Houston, 5h22 em Nova York. Cedo demais para qualquer um estar trabalhando. Ou tarde, dependendo do ponto de vista. Vinte e duas horas e vinte e dois minutos em Londres, no entanto. Melhor. Fez uma pausa, pegou o telefone e discou, pedindo para que a recepção de Londres o transferisse para Rishi Taverner, de TI. Correio de voz. Uma bosta.

— Algum problema, senhor? — repetiu o guarda, cujo cheiro de tempero ainda estava forte, mesmo ele tendo se afastado alguns passos. Dewey não respondeu. Ligou para Frankfurt, onde também foi atendido pelo correio de voz. Seguiu para o leste e ligou para Tel-Aviv. O administrador de sistema de lá estava no almoço.

— Será que ninguém mais trabalha nesta porra? — resmungou, ao conferir a lista de ramais e discar para o número de Delhi. Lá, conseguiu um sujeito chamado Parvind, que falava como alguém saído de um daqueles filmes em preto e branco e que disse também estar com problemas de administração. Três novas chamadas revelaram histórias parecidas em Kuala Lumpur, Hong Kong e em Adelaide. A cabeça de Dewey estava começando a clarear, de fato. Ele pegou o celular, percorreu a lista de contatos até o número que estava procurando e discou. Seu chefe, Dale Springer. Telefone fixo de casa. O telefone tocou onze vezes até Springer atender.

— Sim.

A voz estava pastosa e lenta, como se viesse de baixo d'água.

— Dale, é o Dewey. Eu fui bloqueado.

— Hein? O quê?

— Fui bloqueado, estou trancado do lado de fora.

Uma pausa e:

— Bem, e que merda eu posso fazer? Vá dormir no banco de uma praça. Jesus, que inferno...

— Trancado fora do sistema — disse Dewey, cortando a fala do chefe. — Estou no escritório e fui bloqueado fora do sistema. E Speznik também. E também os administradores dos outros escritórios. As contas regulares parecem estar OK. Aconteceu apenas com os administradores.

Silêncio, depois um barulho de lençóis arrastados, como alguém saindo da cama. Quando Springer falou de novo, pareceu bem mais desperto.

— Diagnóstico.

O chefe usava essas palavras escrotas o tempo todo. Assistira *Jornada nas Estrelas* demais.

— Diagnóstico — repetiu Springer, mais alto. E, então, antes que Dewey pudesse responder: — Estamos sendo hackeados.

— Certamente, parece que é isso.

— Ah, merda!

Depois disso, tudo começou a acontecer rápido. Muito rápido. Springer chegou ao escritório em vinte minutos — os botões do pijama aparecendo sob a calça jeans — seguido de uma leva de executivos, incluindo Alan Cummins, presidente da Deepwell. Dewey trabalhava na empresa há oito anos e jamais estivera a uma sala de distância de Cummins. Agora, subitamente, o presidente estava colado no seu ombro.

— Ponha-os para fora — rosnou. — Ponha-os para fora agora!

— Não é assim tão fácil, senhor — respondeu Springer. — Eles parecem ter os direitos exclusivos de administração do controlador de domínio.

— Que merda isso significa?

— Basicamente, que eles são Deus — respondeu Dewey, que sentia a cabeça incrivelmente clara, considerando o estado lamentável em que estava há menos de uma hora. — Controlam todo o sistema. Podem fazer o que quiserem, ir aonde quiserem, olhar o que quiserem.

— Contas? E-mails?

— Tudo.

— Os *meus* e-mails?

Dewey concordou.

— Puta que o pariu!

— Eles devem ter roubado o login de alguém e usaram para acessar o arquivo SAM — disse Springer, com um incrível jeito *nerd*. — E, então, tudo o que precisaram fazer foi copiar e rodar um programa de recuperação de senhas.

Alan Cummins começou a respirar ofegantemente.

— Um ataque de dicionário, um algoritmo de tabela *rainbow*...

Cummins bateu com o punho na mesa, por pouco não acertando o teclado de Dewey.

— Cala a boca! Cala a boca e coloque-os para fora.

— Não temos como expulsá-lo, senhor — disse Dewey, que parecia se divertir, como se estivesse num filme de ficção científica.

No papel do herói. Bruce Willis. Ou, melhor ainda, Steven Seagal. — Eles controlam o sistema. O que podemos fazer é derrubar tudo.

— Então faça! — gritou Cummins. — Se a brigada de ambientalistas se apoderar de uma fração do... — Ele se descontrolou, abrindo e fechando os punhos.

— Senhor, para fechar o sistema, todos os empregados, de todos os escritórios, em cada cidade, devem se desconectar — disse Springer. — Basicamente, a empresa tem que interromper suas operações.

Cummins puxou os cabelos.

— Vamos perder milhões — resmungou. — Milhões.

Havia muita gente no escritório agora, todos amontoados em torno da mesa de Dewey, incluindo o guarda com cheiro de tempero, que ficara por ali sem nenhum motivo aparente e agora estava em pé logo atrás de Cummins, a mão apoiada na arma, como um pistoleiro de araque. Todos em silêncio.

— Senhor? — chamou Dewey.

Cummins ainda mexia no cabelo.

— Senhor?

Mais alguns segundos, e o presidente da Deepwell Gas and Petroleum soltou um suspiro dolorido e relaxou os braços.

— Faça — disse. — Pode fechar. Pode derrubar tudo.

Dewey pegou o telefone. Ao fazer isso, a tela diante dele subitamente passou do azul claro para um vermelho brilhante. Houve uma pausa, e um bando de letras brancas apareceu na tela, rodopiando como folhas ao vento antes de se juntarem para formar uma frase de quatro palavras ocupando toda a tela: BEM-VINDOS À AGENDA NÊMESIS.

Um pouco contrariado, Dewey McCabe sorriu. O que quer que estivesse acontecendo ali, com certeza seria muito melhor do que cagar no *mouse pad* de Denise Sanders.

JERUSALÉM

Os detetives de Kishle trabalhavam num grupo de salas no térreo da delegacia, do lado oposto ao escritório de Leah Shalev. Antes ficavam no primeiro andar, mas, dois anos atrás, a delegacia foi reorganizada e foram mandados ali para baixo, com um sentimento geral de insatisfação.

O acesso era por uma porta baixa nos fundos do prédio, e Ben-Roi parou ali para fazer outra ligação para Sarah. Desta vez, ele conseguiu. Ela ainda estava furiosa por ele ter fugido da ultrassonografia, mas um pouco menos do que antes, e foi possível entabularem uma conversa civilizada, o que fez diferença. O resultado era que estava tudo bem com o bebê — “Bubu”, como apelidaram a criança, fosse menino ou menina —, outro exame pré-natal foi marcado para dali a seis semanas. Ele não se preocupou em anotar o dia e a hora — Sarah o lembraria com pelo menos uma semana de antecedência antes da data.

— E, por favor, não se esqueça de amanhã — disse ela.

Amanhã era sábado, seu dia de folga, e ele prometera ir ao apartamento dela em Rehavia — que antes era o apartamento *deles* — para decorar o quarto do bebê.

— É claro que não vou esquecer — respondeu.

— Por algum motivo, quando você diz “é claro”, eu não consigo acreditar.

Ben-Roi resmungou, reconhecendo que, de fato, ele era um merda nada confiável. Ficaram em silêncio até que Sarah falou de novo, a voz subitamente mais baixa e íntima.

— Muito movimento, hoje. Parece que Bubu está dando estrelas.

Ben-Roi sorriu, encostando-se em um dos aparelhos de ar refrigerado fixado na parede ao lado da porta da seção dos detetives.

— Os traços ficaram muito nítidos na ultra — disse ela. — O nariz, os olhos. Acho que ele vai ser muito bonito. Ou ela será muito bonita.

— Puxou a mãe, graças a Deus.

Um grunhido divertido soou do outro lado da linha. Por um momento, ele achou que ela diria algo agradável. Se dissesse, ele responderia gentilmente também. Já fazia tempo que não conversavam dessa forma. Mas ela apenas disse para ele se cuidar, não se esquecer da decoração do quarto e desligou. Ele olhou para o telefone e suspirou. Apesar de estar pensando adiante — um típico *sabra*, como sua irmã não deixava de lembrar —, a verdade era que ele sentia saudades de Sarah. E não apenas porque ela carregava um filho seu. Algumas vezes, ele imaginava se não deveriam tentar de novo. Por um instante fugaz e insano, pensou em comprar flores, entrar no carro e ir fazer uma surpresa para ela. Durou apenas uns poucos segundos. Então, sacudiu a cabeça como se dissesse “largue de ser ridículo”, colocou o celular no estojo e entrou no escritório.

Bibi Kletzmann fazia jus ao salário que recebia. Quando Ben-Roi chegou à sua mesa e ligou o computador, o fotógrafo já tinha baixado as fotos da mulher morta para o sistema. Havia dezenas de fotos, de diferentes ângulos, várias do rosto, não exatamente bonitas, mas, enfim, não se tratava de um concurso de beleza. Ele escolheu uma e copiou para uma outra pasta.

Havia outros dois itens relacionados ao caso em seu computador — esperando sobre o teclado em vez de piscarem para ele da tela. Um era um bilhete de Dov Zisky, informando o número de seu celular — “Caso você precise.” Outro era um saco plástico de amostras, contendo a filipeta de pedido da biblioteca que ele encontrara no bolso da calça da vítima, lá na catedral. Afastou o bilhete de Zisky e passou a se concentrar no pedaço de papel da biblioteca.

Teria sido ótimo caso estivesse preenchido, uma vez que, além da data e do título da publicação solicitada, os leitores também precisavam informar seus nomes. Mas o formulário estava em branco, limitando-se, portanto, a uma pista. Mas ainda *era* uma

pista. Praticamente a única que tinham naquele estágio, e Ben-Roi virou o papel de um lado para outro na mão, a voz de seu mentor, o velho comandante Levi, ecoando no fundo de sua mente, como sempre parecia acontecer no início de uma investigação. “Construir um caso, Arieh, é como forjar uma corrente”, ele costumava dizer. “Você começa com um crime e uma pista e, a partir disso, vai juntando os elos, um elo ao outro, de uma pista para outra, a corrente ficando cada vez mais longa, até finalmente chegar ao criminoso. Forje uma boa corrente e você forjará um bom caso.” A filipeta da biblioteca era o primeiro elo da corrente. Ben-Roi se perguntou aonde ela o levaria.

— Alguém tem alguma ideia de que biblioteca é isso? — perguntou, levantando a filipeta.

Havia outros dois detetives na sala: Yoni Zelba e Shimon Lutzisch, ambos trabalhando no caso do estudante *yeshiva* esfaqueado. Lutzisch jamais passara perto de uma biblioteca na vida. Zelba, por outro lado, era um dedicado devorador de livros. Aproximou-se e pegou a filipeta da mão de Ben-Roi.

— Biblioteca Nacional — disse, sem hesitar. — Depois de Givat Ram.

Ben-Roi assentiu, pegou a filipeta de volta e pesquisou a biblioteca no Google, para descobrir o telefone. Quando conseguiu falar com alguém do atendimento aos leitores, ele explicou a situação e enviou o jpeg da mulher morta por e-mail, avisando para o homem do outro lado que não era uma imagem bonita. Dois minutos depois, ele respondeu com um nome: Rivka Kleinberg. Judia israelense, pelo som do nome. Certamente, não era armênia. Ben-Roi tomou nota. Segundo elo.

— Ela é jornalista — disse o bibliotecário, que se chamava Asher Blum e parecia realmente abalado, o que não era de surpreender, pelo estado do corpo. — Frequentava bastante a biblioteca. Acho que trabalha para o *Ha'aretz*.

O nome não era nada familiar, mas Ben-Roi sempre fora, basicamente, um leitor do *Yedioth Ahronoth*. Fez mais uma anotação. Terceiro elo.

— Você tem informações de contato?

O bibliotecário tinha o endereço, e-mail, telefone de casa e até a data de nascimento de Kleinberg — ela tinha 57 anos. Não tinham nenhum celular registrado.

— Mas com certeza ela tinha um. Estávamos sempre mandando ela desligar o celular na sala de leitura.

E nenhuma informação sobre parentes.

— Sabe quando foi a última vez que esteve aí? — perguntou Ben-Roi.

— Com certeza foi na semana passada — respondeu o homem. — Eu a vi lá em cima, na sala de leituras gerais, consultando microfimes. Não sei se algum colega a viu mais recentemente. Posso perguntar.

— Se fosse possível — disse Ben-Roi. Rabiscou alguma coisa e então: — Alguma ideia do que ela estava procurando nos microfimes?

Talvez alguma coisa do arquivo de periódicos da biblioteca, mas o homem não sabia dizer o quê, exatamente. O que era lamentável. Era sabido que pequenas coisas como essa sempre abriam um caso instantaneamente. Ben-Roi lhe deu o número do celular, caso se lembrasse de alguma outra coisa, agradeceu e desligou. Do lado de fora, no corredor, Amos Namir estava parado junto ao bebedouro. Ben-Roi anotou o nome e os outros detalhes da vítima numa outra folha, acenou para ele e lhe passou as informações. Enquanto Namir passava as informações adiante para o restante da equipe, Ben-Roi ligou para Natan Tirat, um jornalista amigo do *Ha'aretz*. Os dois prestaram o serviço militar juntos na brigada Golani e mantiveram contato, com um acordo recíproco segundo o qual Ben-Roi passaria boas histórias para Tirat e este, por sua vez, transmitiria para Ben-Roi qualquer dica que ouvisse pelos porões, o que parecia acontecer pelo menos uma vez por semana. “Somos apenas detetives com boa gramática”, Tirat costumava brincar.

— Claro que conheço ela — disse, quando Ben-Roi pronunciou o nome de Rivka Kleinberg. — Trabalhava aqui. Por que a pergunta?

Ben-Roi hesitou. Sabia que Leah Shalev e o comandante Gal esperavam ter um pouco mais de espaço para respirar antes de a imprensa botar as mãos na história. Mas não havia dúvida de que a

imprensa iria atrás do assunto e ele achou que era melhor dar o primeiro passo com alguém que, ao menos, tinha alguma sensibilidade quanto às necessidades de uma investigação policial. Sendo assim, inteirou o amigo do assunto. Apenas o básico, o suficiente para formar o quadro.

— Acho que isso estava escrito — disse Tirat, quando ele terminou de contar. — Rivka não era exatamente popular.

— O que você quer dizer?

— Bem, ela era uma jornalista investigativa séria. *Séria* de verdade. Remexeu num monte de coisa que muita gente não queria que aparecesse. Fez muitos inimigos. Inimigos poderosos.

Ben-Roi se inclinou para a frente, interessado.

— Algum nome?

Tirat deu uma sonora gargalhada.

— Por onde você quer que eu comece? Lembra o escândalo do suborno de Meltzer?

Como Ben-Roi poderia esquecer? O assunto dominou as manchetes alguns anos antes. Um grupo de parlamentares do comitê de planejamento estivera embolsando somas que chegavam a milhões de shekels de um consórcio de empreiteiras da área de construção bancadas por russos. Pelo que ele sabia, os chefões ainda estavam cumprindo pena em Maasiyahu.

— Foi ela que descobriu aquilo?

— Com certeza. E a história das execuções da IDF, a Força de Defesa Israelense. Os vídeos de estupros do Hamas. O escândalo dos financiamentos do Likud. Aquela história de comida infantil envenenada em... Quando foi mesmo? 2003. A lista não tem fim. Palestinos, assentamentos, direita, esquerda, serviços de segurança, políticos. Ela incomodou praticamente todo mundo que era possível incomodar. Para ser honesto, fico surpreso por ter durado tanto.

— Alguma ameaça de morte específica?

Novamente, a gargalhada alta.

— Apenas umas duas por dia. A telefonista costumava anotar. Acho que o recorde foram vinte, após ela denunciar algum *tzadik* mau-caráter de Mea Sharim.

Ben-Roi bateu com a caneta na mesa. Ele esperava reduzir o foco. Pelo que Tirat dizia, agora mais parecia que metade de Israel e os Territórios tinham um motivo.

— Você disse que ela trabalhava aí.

— Eles a mandaram para a rua há uns dois anos. Quase três.

— Por quê?

— Bem, era um pesadelo trabalhar com ela, para início de conversa. Rude. Questionadora. Costumava infernizar a vida dos revisores se eles trocassem uma única palavra do que ela tinha escrito. Estou falando de gritos. O que não tinha tanto problema, ao menos enquanto ela estivesse gerando resultados. Mas, mais para o final do seu tempo aqui...

— Ela parou de produzir resultados?

— Era mais um caso de estar ficando um pouco... obsessiva por conspirações.

O estalo de um isqueiro ecoou pela linha, seguido pelo som de uma inalação profunda — Tirat acendendo um de seus cigarros da adequada marca *News* (*Notícias* em inglês).

— Temos essa expressão no mercado — prosseguiu ele, após uma pausa. — Caçador de sombras. Basicamente, é um jornalista que começa a ver tramas e disfarces por toda parte. Uma matéria nunca é simplesmente uma matéria — sempre tem alguma coisa acontecendo por trás. Alguma conspiração. Alguma traição. Obviamente, a gente precisa de um pouco disso para ser um bom jornalista, e, pode acreditar, Rivka era muito boa, com certeza quando era mais jovem. Mas, enquanto a maioria de nós costuma começar com os fatos e ver aonde eles nos levam, Rivka cada vez mais presumia que iria revelar uma intriga capaz de abalar o mundo e só então ia atrás dos fatos para ampará-la. Ela começou com umas ideias muito esquisitas, escreveu algumas matérias que nos meteram em problemas jurídicos bem complicados. Quero dizer, todo mundo sabe que Lieberman é um grandessíssimo babaca, mas não consigo imaginar nem mesmo ele tramando para detonar o *Haram al-Sharif*.

Pela sua experiência com a extrema-direita israelense, Ben-Roi não tinha tanta certeza disso, mas guardou o pensamento para si.

— De qualquer modo, a chefia decidiu que ela tinha se tornado um risco e a mandou embora. Eu lamentei pela saída dela. Muitos de nós lamentamos. Podia ser difícil de lidar, mas quando estava no jogo era como um maldito Exocet. Ninguém chegava ao coração de uma história como Rivka Kleinberg. Totalmente destemida. Quase suicida, alguns diriam.

Ben-Roi tomava notas.

— Para onde ela foi quando saiu? — perguntou ele. — Para outro jornal?

— Ninguém a contrataria — respondeu Tirat. — Certamente, nenhum dos grandes, de circulação nacional. Bagagem demais. A última coisa que ouvi era que ela estava trabalhando para uma revista de ativistas, em Jaffa. Sabe, aquele tipo de coisa, contestadora, de esquerda, com dez leitores.

— Você sabe o nome?

— Espera aí.

Houve um som de vozes no fundo quando Tirat lançou a pergunta pelo escritório. Um minuto se passou até ele voltar.

— Chama-se *Matzpun ha-Am* — informou. — “Consciência da Nação.” O que me faz achar que minha estimativa de leitores foi um pouco otimista. A sede fica em Rehov Olei Tziyon.

Ele passou um endereço e um número de telefone para Ben-Roi, além do nome do editor da revista: Mordechai Yaron.

— E, caso você esteja procurando, tenho quase certeza de que ela não tem nenhum parente próximo. Os pais se suicidaram. Com gás. O que não deixa de ser uma puta ironia, lamentável. Eram sobreviventes do Holocausto. Ela escreveu um artigo sobre isso. Provavelmente foi o que mais a deixou tão detonada.

— Irmãos? Parceiro?

— Nada de que eu tenha ouvido falar. Acho que lembro que ela tinha um gato.

Ben-Roi pediu para ele deixar o pessoal de alerta, ver se conseguia mais alguma outra informação. Então, concluindo que já tinha mais do que o suficiente para ir adiante, decidiu encerrar a ligação.

— Me avise se você pensar em alguma outra coisa — disse.

— E *você* me avise se alguma coisa interessante acontecer. Ben-Roi agradeceu e desligou. Um minuto depois, Tirat retornou a ligação.

— Uma coisa que pode ou não ser relevante — disse. — Pouco depois da saída de Rivka, lembro de conversar com Yossi Bellman, o editor adjunto, e ele me disse que, de todas as ameaças de morte que ela recebeu, apenas duas realmente a incomodaram. Isso tem alguns anos; então provavelmente não tem ligação...

— Continue — disse Ben-Roi.

— Uma foi dos colonos do Hebron. Ela escreveu um artigo sobre um esquadrão de vigilantes que eles tinham organizado, que saía à noite para atirar nos joelhos de crianças árabes. Eles descobriram o endereço da casa dela e começaram a enviar sacos cheios de balas e carniça. Esse é o país de Baruch Goldstein. Então é melhor levar esse tipo de coisa a sério.

Ben-Roi tomava notas.

— E a outra?

— Foi depois do escândalo de Meltzer. Uns russos ficaram muito putos da vida. Eles gastaram milhões em subornos, esperando uma enxurrada de contratos de construção, o que, graças ao artigo de Rivka, nunca se materializou. *Russkaya Mafiya*, aparentemente. Circulou que eles fizeram um contrato entre eles mesmos. Sobre ela. Parece que ela ficou completamente paranoica. Isso foi há uns quatro anos. Por que teriam esperado até agora? Como eu disse, provavelmente, não tem nenhuma ligação, mas achei que valia a pena mencionar.

Ele desligou, deixando Ben-Roi olhando para o bloco. A corrente ficava mais longa. E, aparentemente, mais complexa.

LUXOR

Passava da hora do almoço quando Khalifa e Sariya finalmente voltaram para Luxor, entrando na cidade pelo leste, pela estrada do aeroporto. Enquanto esperavam o sinal no cruzamento da El-Karnak com Al-Mathari, Khalifa abriu a porta repentinamente e saiu.

— Encontro você lá na estação — disse. — Preciso falar com uma pessoa.

Ele bateu a porta e saiu caminhando pela El-Karnak. Cinquenta metros depois, entrou no que parecia, de onde estava Sariya, uma loja de doces. Saiu poucos minutos depois com uma bolsa de papel, mas então as luzes já tinham ficado verdes e voltado a ficar vermelhas novamente, e Mohammed Sariya já estava longe.

Tudo mudou. Era o que Khalifa pensava sempre que caminhava pelo centro da cidade naqueles dias. *Nada mais é como antes.*

O Egito tinha mudado, é claro, com a saída de Mubarak e o novo governo assumindo. Muito antes de a Revolução de Janeiro transformar a cara da política nacional, no entanto, Luxor já tinha iniciado a própria metamorfose. Um dia, uma adorável e caótica confusão de prédios empoeirados e ruas engarrafadas, o legado de um péssimo planejamento urbano — ou da ausência de planejamento —, a cidade, nos últimos anos, vinha sendo submetida a uma plástica radical. O governo regional queria espaço e modernização e era isso que vinha obtendo, sem poupar despesas, sem deixar prisioneiros. As ruas eram alargadas, novos sistemas bacanas de controle do tráfego instalados, velhos edifícios derrubados, novos erguidos. A monstruosidade rosa de oito andares do New Winter Palace fora colocada abaixo; a Midan Hagag foi pavimentada; a esplanada de Karnak, remodelada; toda a Corniche el-Nil estava sendo escavada, colocada no nível do rio e adaptada para pedestres.

E a operação mais radical, uma faixa de cem metros de largura que estava sendo aberta na cidade, entre Karnak, no norte, e o templo de Luxor, no sul — uma distância de quase três quilômetros sendo varrida para revelar a avenida cerimonial, ladeada por esfinges, que fazia a ligação entre os templos nos tempos antigos. Entre os numerosos prédios sacrificados para abrir esse abismo, havia dois em especial que tocavam Khalifa: a velha delegacia ao lado do templo de Luxor e o prédio de concreto desbotado onde morava com a família.

A perda da delegacia não era nenhuma grande tragédia. Afinal, ele tinha tratado de alguns assuntos bem desagradáveis lá. A perda de sua casa, por outro lado e acima de tudo, era ainda pior do que ter o coração partido. Dezesseis anos de lembranças e associações, risos e lágrimas, alegria e dor — tudo obliterado pelo golpe de uma bola de demolição para que um bando de ocidentais balofos pudesse ter algo bonitinho para fotografar. Khalifa sempre amara o legado de seu país — se a necessidade financeira não o tivesse levado para a força policial, certamente acabaria trabalhando no Serviço de Antiguidades. Agora, pela primeira vez em sua vida, ressentia-se desse legado. Milhares de pessoas desalojadas, milhares de vidas de cabeça para baixo, e para quê? Uma fileira de esfinges que não tinham sido escavadas adequadamente, metade das quais era réplica. Era uma loucura. A loucura do poder. E, como sempre acontecia no Egito — como sempre acontecia em qualquer lugar —, os que não tinham poder é que pagavam a conta.

Ele entrou pela Sharia Tutankhamun, uma rua estreita que descia ao longo da Igreja Ortodoxa Copta de Santa Maria. Cem metros depois, rua e igreja terminavam abruptamente num enorme terreno baldio, empoeirado e cheio de lixo. À direita e à esquerda, a avenida das Esfinges se perdia na distância, uma cicatriz de seis metros de profundidade aberta no coração da cidade como o rastro de um enorme acidente de avião. Esse era um dos diversos pontos ao longo de sua extensão onde a avenida ainda precisava ser escavada, deixando uma ponte de terra que permitia atravessar a trincheira. Khalifa cruzou para Sharia Ahmes e seguiu junto a um prédio arruinado, com a pintura descascada, persianas quebradas e

uma cruz copta sobre a porta. Uma placa na parede dizia: “Sociedade do Bom Samaritano para Crianças Aleijadas”. Ele subiu os degraus da frente e entrou no prédio.

No interior, na recepção, um jovem estava sentado numa motocicleta Dayun. Pernas finas e corcunda, balançava-se para frente e para trás e imitava o ruído do motor. Vasculhando a bolsa de papel, Khalifa tirou uma barra de chocolate e ofereceu ao menino.

— Estou procurando Demiana — disse. — Demiana Barakat.

O menino olhou para a barra. Então, sem dizer nada, escorregou para fora da moto, pegou a mão de Khalifa e o levou por uma porta, até uma grande sala de estar. Havia outras crianças lá, algumas de cadeiras de roda, algumas brincando no chão, algumas esparramadas num sofá, assistindo a desenhos numa velha TV preto e branco. Um jovem estava à mesa, dando de comer com uma colher a um bebê que não tinha braços.

— Posso ajudar?

— Estou procurando Demiana.

— Ali dentro. O rapaz apontou com o queixo para uma porta do outro lado da sala.

Khalifa lhe entregou a bolsa de papel, sinalizou que o conteúdo era para distribuir entre as crianças e foi até a porta, o menino corcunda ainda segurando sua mão. Estava aberta e, com um empurrão leve, Khalifa a escancarou. Uma mulher magra e angulosa, com cabelos grisalhos e uma pequena cruz no pescoço, estava sentada no interior, os cotovelos apoiados numa grande mesa entulhada, a cabeça entre as mãos. Ela olhou para cima. Atrás dos óculos de aros dourados, os olhos estavam vermelhos.

— Yusuf — disse, forçando um sorriso no rosto. — Que surpresa adorável.

— O momento é ruim?

— Atualmente, o momento é sempre ruim. Entre, entre.

Tirando os óculos, ela enxugou os olhos e acenou para Khalifa se aproximar. O garoto entrou com ele.

— Helmi, por que você não vai lá para fora brincar na sua moto?

Mesmo assim, o menino não se soltou, e a mulher foi forçada a dar a volta na mesa e gentilmente soltar a mão dele.

— Seja um bom garoto. Vá buscar uma aventura.

Ela o beijou na cabeça e o levou de volta para a sala de estar, fechando a porta atrás dele.

— O que você deu a ele? — perguntou ela ao voltar para a mesa.

— Uma barra de chocolate.

Ela sorriu.

— Ele gosta das pessoas que lhe dão coisas. Fica ligado a elas. Por favor, sente-se. Quer um chá? Café?

— Estou bem, *shukran* — respondeu Khalifa, sentando na cadeira diante da mesa. — Desculpe a invasão.

— Não seja bobo. É bom te ver. É sempre bom te ver. Faz muito tempo.

Khalifa e Demiana Barakat se conheciam havia muito tempo. Um de seus primeiros casos após ser transferido para Luxor, de sua Giza natal, envolvera a comunidade copta da cidade, e Demiana fora a pessoa de ligação. Além de administrar a Sociedade Bom Samaritano e meia dúzia de outras organizações de caridade, ela era membro do conselho municipal e editava um pequeno jornal comunitário. Se havia alguém com um conhecimento mais profundo do universo copta do que Demiana Barakat, Khalifa ainda não conhecera.

— Como vai Zenab? — perguntou ela.

— Bem — respondeu ele. — Muito melhor. Ela está...— Ele hesitou, sem saber ao certo o que poderia acrescentar. Não conseguiu pensar em nada, fez apenas um gesto vazio com a cabeça e mudou de assunto. — Alguma notícia da igreja?

— Ainda brigando, mesmo que o resultado seja uma decisão já tomada. A questão é *quando* e não *se*.

Como o velho prédio de Khalifa, como a velha delegacia, como diversas outras construções, a Igreja de Santa Maria estava com os dias contados para ser demolida e abrir caminho para a avenida das Esfinges.

— Pelo menos o lugar está seguro — disse ele.

— Não por muito tempo. Ela pegou uma folha de papel. — Carta do gabinete do governador. Estão reduzindo nossa verba. O que dá no mesmo que dizer que vamos fechar. Eles têm dinheiro para abrir um buraco de três quilômetros, mas para crianças desamparadas...

Ela tirou os óculos e enxugou os olhos novamente.

— Aquele menino que te trouxe. Helmi. Passou a vida toda aqui. Alguns voluntários o acharam quando era apenas um bebê. Os pais o abandonaram num aterro de lixo, você acredita? O que ele vai fazer? Para onde ele vai? — A voz dela começava a se firmar. — É um mundo muito cruel — murmurou. — Um mundo terrivelmente cruel. Mas você sabe disso, não sabe, Yusuf?

— Sim — disse Khalifa. — Eu sei.

Por um momento, seus olhos se cruzaram. Então, suspirando profundamente, ela colocou a carta de lado e pousou as mãos na mesa, com as palmas voltadas para baixo, numa súbita atitude executiva.

— De qualquer modo, tenho certeza de que você não veio aqui ouvir meus lamentos. O que posso fazer por você?

Khalifa se mexeu desconfortavelmente. Depois do que ela acabara de lhe dizer, não parecia muito apropriado pedir ajuda, não com tudo o mais que ela tinha sobre a mesa. Ela percebeu seus pensamentos e sorriu.

— Vamos lá, Yusuf. Nós já nos conhecemos há tempo suficiente. Desembuche.

— Não é tão importante — murmurou ele. — Pode ser...

— Yusuf!

— OK, OK. Eu queria me aproveitar de seu conhecimento sobre a comunidade copta.

Ela cruzou as mãos sobre a mesa.

— Aproveite-se.

— Você tem as orelhas no chão. Ouviu falar de alguma atividade anticristã ultimamente? Ataques, vandalismo?

— Sempre há ataques aos coptas. Você sabe tão bem quanto eu. Na semana passada mesmo, um sujeito lá em Nag Hammadi...

— Não no médio Egito — disse ele, interrompendo-a. — Por aqui. Perto de Luxor.

Os olhos dela se estreitaram.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Khalifa lhe contou sobre o fazendeiro com o poço envenenado.

— A água de seu primo também foi estragada — disse ele. — O fazendeiro acha que foi alguém da aldeia vizinha, mas o chefe nega qualquer conhecimento. Eu apenas imaginei se seria um problema localizado ou parte de um padrão mais amplo.

Ela se recostou, mexendo no pequeno crucifixo de prata pendurado no pescoço. No alto, um velho ventilador de teto girava preguiçosamente, praticamente sem fazer nada para diminuir o calor da sala.

— Eu não ouvi nada — finalmente disse ela, após uma longa pausa. — Há muita tensão no norte, como você sabe, mas por aqui as coisas têm se mantido bem calmas, graças a Deus. Tinha aquele Shaykh que costumava pregar nas aldeias, Omar sei-lá-o-quê...

— Abd-el Karim — disse Khalifa.

— Esse mesmo. Ele estava sempre arranjando problemas, mas acho que lembro que a maior parte de suas pregações era antissemita, não anticristã. E teve aquele incidente há uns dois meses, quando um menino engraxate foi jogado no Nilo. Ele era copta, mas acho que teve mais a ver com dinheiro do que com religião.

Ela ficou em silêncio, mexendo na cruz. Do lado de fora, uma criança começou a chorar, soluços intensos e roucos, que pareciam abalar todo o prédio.

— Realmente não consigo pensar em nada — disse ela por fim. — Somos uma comunidade minoritária. Por isso estamos sempre em guarda, especialmente depois da bomba na igreja de Alexandria e dos ataques em Imbaba. Mas até agora não tivemos nada parecido com os problemas que eles têm em lugares como Farshut. Nenhuma violência, por certo. Existem muçulmanos que certamente não querem se misturar com a gente, e pessoas da minha comunidade que não querem se misturar com muçulmanos, mas, em geral, todo mundo convive muito bem. O pior que costuma acontecer é um

olhar hostil. Isso e as nossas igrejas sendo derrubadas. Mas também estão passando os tratores pelas mesquitas. Então não dá realmente para culpar a intolerância religiosa.

— Apenas os idiotas que administram nossa cidade — disse Khalifa.

— Concordo com você.

Alguém bateu na porta. O rapaz que Khalifa vira antes colocou a cabeça na sala e avisou Demiana que o pessoal do banco Misr chegaria em poucos minutos.

— Estamos pedindo um empréstimo — explicou ela. — Duvido que autorizem — fomos recusados por todos os outros bancos —, mas temos que tentar. Desculpe, mas tenho que encerrar a conversa.

Khalifa acenou.

— Preciso voltar para a delegacia — disse ele.

Eles se levantaram e saíram para a sala de estar. Os soluços vinham do bebê sem braços, que agora estava apoiado na ponta de um dos sofás como uma grande boneca quebrada. Uma menina, pensou Khalifa, embora não estivesse certo. Aproximando-se, Demiana a pegou e a aconchegou junto ao peito. Quase que imediatamente, o choro deu lugar a gemidos abafados. Ela embalou a criança, entregou-a ao jovem e acompanhou Khalifa até a escada da rua. O menino corcunda tinha voltado para a moto, a boca enorme toda suja de chocolate. Quando os viu, desceu e pegou a mão de Khalifa novamente.

— Você se incomodaria de perguntar por aí? — pediu Khalifa ao passarem pela portaria. — Saber se alguém ouviu alguma coisa?

— É claro que não. Eu aviso você.

Pararam na porta. Lá fora, um vento repentino soprou, enchendo o ar com espirais de poeira e terra.

— Foi bom te ver, Demiana. E sinto muito pelas verbas.

— Não se preocupe com a gente — disse ela. — Vamos superar. Deus vai cuidar de nós.

Há não muito tempo, Khalifa teria acreditado nela. Agora não tinha tanta certeza. Sua casa não foi a única coisa a ruir nos últimos meses.

— Vou enviar alguns e-mails — disse ele. — Ver o que posso fazer.

— Obrigado. E, por favor, diga a Zenab que estamos pensando nela. — Ela hesitou, então deu um passo na direção dele. — Yusuf, gostaria que você soubesse...

Ele levantou a mão para acalmá-la. Torcendo a outra mão para se livrar do aperto do menino, ele se abaixou e apertou os ombros deformados da criança.

— Acredita em mágica, Helmi?

Nenhuma resposta.

— Posso te mostrar uma?

O menino acenou quase que imperceptivelmente com a cabeça. Sustentando seu olhar, Khalifa discretamente removeu a barra de Mars que tinha guardado no bolso para comer no caminho de volta para a delegacia e a trouxe por trás das costas corcundas do menino.

— *Abracadabra!* — sussurrou, fingindo tirar a barra da orelha de Helmi.

O menino riu, deliciado. Ainda estava rindo quando Khalifa deixou a casa e começou a descer a rua. Foi um dos sons mais tristes que já ouviu, pensou.

JERUSALÉM

Ben-Roi fez mais três ligações antes de seguir para o apartamento de Rivka Kleinberg.

A primeira foi para o escritório da *Matzpun ha-km*, a revista onde ela estava trabalhando, em Jaffa. Atendeu a secretária eletrônica e ele deixou uma mensagem, com o número de seu celular, pedindo para alguém retornar assim que possível.

A segunda foi uma tentativa mais arriscada para a El-Al. A bolsa de viagem que encontraram na cathedral sugeria que Kleinberg estava indo ou voltando de algum lugar — mais provavelmente de partida, uma vez que todas as roupas na mala estavam limpas. Entre elas, encontraram um pacote fechado de meias elásticas de compressão, o que sugeria ser minimamente razoável apostar numa viagem que envolvia um avião — a mãe de Ben-Roi nem sonhava em voar sem suas meias antiembolia. Havia dezenas de possíveis companhias aéreas e todas teriam que ser verificadas caso seu palpite da El-Al não desse certo, mas a companhia nacional de Israel era o lugar óbvio por onde começar. Conseguiu falar com alguém do escritório central, explicou a situação e pediu que verificassem se Rivka Kleinberg estava em alguma lista de voo.

A última ligação foi para Dov Zisky. Caiu direto na caixa postal.

— Zisky, é Ben-Roi. Temos a identificação da vítima. Preciso de você para pesquisar seu e-mail, telefone fixo e celular. Deixei todos os detalhes na sua mesa.

Ele hesitou, perguntando-se se deveria dizer algo mais, dar ao garoto um pouco de estímulo, como Lia Shalev lhe pedira. Não era o seu estilo e, com um curto “Até mais tarde”, ia desligar, mas logo trouxe o telefone de volta para a orelha.

— Além disso, enquanto você estiver no complexo, faça-me um favor e visite o arcebispo Petrossian. Armen Petrossian. Falei com ele mais cedo e ele disse que não sabia de nada, mas sempre vale a

pena tentar mais uma vez. Me interessa ver o que você consegue arrancar dele.

Hesitou novamente, murmurou “Boa sorte”, desligou, pegou o casaco e saiu de lá.

O apartamento de Kleinberg ficava num prédio na esquina da Ha-Eshkol e Ha-Amonim, muito perto do agito multicolorido de Mahane Yehuda Shuk. Aproveitando a carona de um carro patrulha que ia naquela direção, Ben-Roi desceu na frente do mercado e seguiu para as arcadas cobertas. Era uma sexta-feira e o lugar estava lotado, todo mundo correndo para completar seus estoques antes do *Shabbat*: frutas, legumes, carne, peixe, azeitonas, queijo, *challah*, *halva* — todas as barracas cercadas por um muro de fregueses aos empurrões, boa parte deles de *Haredim*, judeus ortodoxos, vestidos de preto. O lugar sofrera três atentados a bomba ao longo dos anos e as multidões continuavam voltando. E por que não? Tinha os melhores produtos frescos de Jerusalém.

Ele parou diante de um padeiro e comprou algumas *burekas* e *sofganiot*. Depois abriu caminho pelo mercado e saiu do outro lado. Quando chegou ao prédio no final da Ha-Eshkol — uma construção indefinível de três andares com varandas cobertas de plantas e um café no térreo —, a comida já tinha acabado e seu estômago não roncava mais.

O painel do interfone ficava na parede, ao lado da porta de aço e vidro do prédio, sob um *mezuzah* do tamanho de um charuto Havana. Limpando as mãos no *jeans*, Ben-Roi se aproximou. Algumas campainhas tinham nomes, outras não. Nenhuma Rivka Kleinberg. Ele apertou o botão “Davidovich – Zelador”.

— *Ken*.

Uma voz masculina. Idoso, pelo que parecia.

— Senhor Davidovich?

— *Ken*.

— *Shalom*. Sou o detetive Arie Ben-Roi, de Jerusalém...

— Finalmente você veio!

— Como?

— Liguei há quatro dias. *She’elohim ya’a zora* — Deus nos ajude, se é assim que a polícia funciona, não admira que o país

esteja indo pelo esgoto.

Ben-Roi não tinha ideia do que ele estava falando.

— Estou aqui por causa da senhora Rivka Kleinberg.

— Eu sei que está, não precisa me dizer! — O homem parecia exasperado. — Espere aí, vou deixar você entrar.

O interfone foi desligado. Ele ouviu o som de uma porta se abrindo, passos se arrastando pelo corredor, seguidos do ruído das trancas. A porta da frente se abriu e Ben-Roi ficou diante de um homem baixo e calvo, de cardigã, chinelos de feltro e *yarmulke* branco. Por alguma razão, estava usando um broche, "Vote em Shas", ainda que não houvesse nenhuma eleição acontecendo.

— Então, por que demorou tanto? — reclamou ele.

— Acho que deve haver algum engano — disse Ben-Roi. — Estou aqui por causa...

— Das ameaças. Eu sei. Fui *eu* que chamei *você*, lembre-se. *Oy vey!*

Ben-Roi estava brincando de pegador.

— Alguém ameaçou a senhora Kleinberg?

— O quê?

— Você ligou para a polícia porque alguém ameaçou a senhora Kleinberg?

— De que diabos você está falando, *dafook!* Kleinberg me ameaçou! Disse que ia mandar me matar, aquela vaca! Eu sou o zelador, tenho que manter o lugar limpo. O gato dela caga no patamar da escada, tenho todo o direito de reclamar. Bem no meio do patamar, isso sim! Um cocô do tamanho do meu punho. Se eu tivesse uma arma, eu...

— A senhora Kleinberg foi assassinada na última noite que passou — disse Ben-Roi.

Isso fez com que ele se calasse.

— Seu corpo foi descoberto hoje de manhã. Nós acabamos de descobrir seu endereço.

O homem ficou lá piscando, mudando de um pé para outro.

— Do tamanho do meu punho — foi tudo o que conseguiu dizer. — Bem no meio do patamar.

Ben-Roi explicou que precisava dar uma olhada no apartamento da vítima. Resmungando, o zelador se arrastou para buscar as chaves mestras. Depois que a pegou, apertou o interruptor da minuteria na parede e levou Ben-Roi escada acima.

— Era uma mulher difícil — disse enquanto subiam. — Com o devido respeito, e lamento pelo que aconteceu a ela, mas era uma mulher difícil. Os moradores nem podem ter animais, pois o contrato proíbe. Mas fiz vista grossa. Basta mantê-lo em seu apartamento, eu disse para ela. Deixe-o aí dentro e não direi nada. Mas ela o deixava sair e ele cagava na escada. E, quando eu reclamei, ela ficou furiosa! Meu Deus, que fúria. A boca daquela mulher! “Maldito isso, maldito aquilo! Não se meta na porra da minha vida!” Uma vergonha. Uma mulher vil, nojenta. Com todo o respeito.

Eles chegaram ao andar de cima. Davidovich apertou outra minuteria e foi até uma porta no final do corredor, parando no caminho para apontar para Ben-Roi o ponto exato onde o gato de Kleinberg tratara de seus assuntos.

— Do tamanho da porra do meu punho — resmungou.

A porta tinha um olho mágico e duas trancas, ambas embutidas, uma no meio e outra mais acima. O zelador enfiou uma chave na tranca de cima, percebeu que era a errada, tentou outra e começou a girá-la.

— Espere aí.

Ben-Roi agarrou a mão do zelador e fez com que ele desse um passo para trás.

Algo tinha chamado sua atenção. No chão. Um pedaço de palito de fósforo, com menos de um centímetro, caído sobre a pedra na base da porta, encostado à moldura. Ele se abaixou e pegou. Podia não ser nada. Ainda assim, pelo que Natan Tirat tinha lhe dito, Kleinberg claramente tinha motivos para ser paranoica. E o truque do fósforo na porta era um clássico estratagema dos paranoicos. Era só enfiar uma lasca do palito entre a porta e a moldura ao sair. Se a porta fosse aberta, o pedaço cairia e daria para saber que alguém estivera lá.

— O senhor abriu essa porta nas últimas vinte e quatro horas?

— Está louco? — gritou o zelador. — Depois do jeito que ela falou comigo? Eu não cheguei nem perto da desgraçada.

— Alguém mais tem as chaves?

— Sinceramente? Duvido muito. Eu já tive bastante problema para conseguir essas com ela. “Senhora Kleinberg”, eu falei com ela, “sou o zelador, está no contrato, eu preciso de um jogo de chaves sobressalentes, para o caso de haver um incêndio, um vazamento de gás ou um cano...”

Ben-Roi não estava ouvindo. Não foram encontradas chaves com o corpo da vítima. O que significava que, se alguém tivesse entrado no apartamento, haveria uma grande possibilidade...

Ele pegou o celular e ligou para Leah Shalev para que ela mandasse a perícia para o apartamento imediatamente. E alguns guardas uniformizados para colher depoimentos dos moradores do prédio. Quando desligou, pegou as chaves do zelador e ele mesmo abriu a porta, com cuidado para não tocar em nada. Ao empurrá-la, um cheiro de roupa suja e de sujeira de gato tomou conta do andar.

— *Oy vey* — murmurou o sr. Davidovich.

Um corredor se abriu diante deles, com chão de linóleo, sombrio, portas entreabertas dos dois lados e, no final, o que parecia uma sala de estar. Uma gata gorda, com pelo rajado e um guizo no pescoço, estava sentada no meio do corredor. Olhou para eles e desapareceu na sala, tilintando alto.

— Esse é o cagão — disse o sr. Davidovich, com uma careta.

Havia um interruptor na parede e, tirando um lenço do bolso, Ben-Roi o pressionou. Percorreu o lugar com os olhos de um lado a outro. Depois, agradecendo ao zelador pela ajuda, entrou no apartamento e fechou a porta. Do lado de fora, dava para ouvir o sr. Davidovich resmungando sobre gatos, contratos e como o país estava indo pelo esgoto.

A primeira coisa que chamou a atenção de Ben-Roi foi o nível de segurança do apartamento. Além do olho mágico e das duas fechaduras embutidas, do lado de dentro da porta havia uma corrente e dois cadeados — um em cima e outro embaixo —, e, numa prateleira próxima, uma lata de *spray* de pimenta pronta para ser usada. Kleinberg era, nitidamente, uma mulher amedrontada.

Ele avançou pelo corredor, abrindo as portas com o pé. O lugar estava uma bagunça, um verdadeiro chiqueiro. A bagunça da proprietária, pensou ele, e não a desordem deixada por alguém que tivesse revirado o apartamento, ainda que não tivesse certeza. Pratos de comida de gato pela metade na cozinha, uma caixa de areia cheia de cocô no banheiro, roupas espalhadas pelo chão de um dos quartos e pilhas de caixas de papelão num outro.

A sala — que também era um escritório — estava especialmente caótica, cada centímetro de espaço disponível tomado por pilhas desordenadas de papéis, livros, revistas e jornais. “Como um maldito Exocet”, foi como Natan Tirat descrevera as habilidades jornalísticas de Kleinberg. O mesmo, aparentemente, se poderia dizer de seus cuidados domésticos... Ele levaria dias para examinar aquilo tudo. Semanas. Incontáveis semanas.

— *Zayn* — murmurou ao percorrer o caos. Merda.

Uma porta de vidro com uma passagem para a gata dava numa varanda, onde o animal com pelo de tartaruga estava agora enroscado numa cadeira reclinável. Ao lado da porta, havia uma escrivaninha. Ele se aproximou. Pilhas de fotocópias e recortes de jornal, um bloco com contracapa de couro, uma agenda Rolodex, dois dicionários e um tesouro, uma caneca de cerâmica cheia de esferográficas. E mais uma impressora e um modem. Nenhum computador. Ben-Roi se abaixou e olhou debaixo da mesa. Não viu nenhum dos cabos que se pode esperar com um computador de mesa, o que sugeria que Kleinberg trabalhava com um *notebook*. Ele olhou rapidamente pelo apartamento, mas não achou nenhum. Possivelmente estava enterrado sob alguma coisa e ele não percebeu. Ou estava no conserto. Ou então o assassino o levou do apartamento ou da bolsa de Kleinberg na catedral. O instinto lhe dizia que fora levado, apesar de ser impossível ter certeza.

Ele pegou a caneta e, com o lado sem ponta, remexeu a papelada sobre a mesa, com cuidado para não tocar em nada. Havia uma quantidade razoável de impressos sobre a comunidade armênia e a Catedral de São Tiago, o que obviamente era relevante, ainda que tudo não passasse de informações bastante gerais. Além disso, muito material sobre prostituição e a indústria do sexo israelense,

incluindo vários folhetos sobre algo chamado de *Hotline* dos Trabalhadores Imigrantes. Cópias da revista *Matzpun ha-Am*, a revista na qual Kleinberg trabalhava; um atlas com a página da Romênia marcada; mapas individuais abertos de Israel e do Egito; diversos recortes sobre inúmeros assuntos, de invasão de computadores a condecorações militares britânicas; psicologia do abuso infantil à fundição do ouro (três sobre esse assunto em particular). Tudo parecia totalmente aleatório, sem tema ou conexão. Se houvesse pistas, ele não teria ideia de quais seriam ou como interpretá-las. Era como procurar uma agulha num palheiro. Pior: uma agulha num palheiro, sem que, na verdade, a pessoa soubesse como era uma agulha.

— *Zayn* — repetiu.

Passou trinta minutos farejando pelo restante da sala, equipada com prateleiras do teto ao chão e gaveteiros de arquivos transbordando com mais papéis e recortes. Depois, tendo examinado apenas superficialmente, foi para o quarto. Cama desarrumada, roupas por todo o chão, meia dúzia de vidros de remédios sobre a cômoda, uma pintura infantil de uma mulher com longos cabelos louros colada com fita adesiva à parede, aquarela sobre papel azul claro.

Na mesa de cabeceira, três fotografias em molduras plásticas, as únicas fotos que viu no apartamento. Ele se abaixou para olhar mais de perto.

Uma era de um grupo de cerca de vinte mulheres, todas olhando sorridentes para a câmera, vestidas com uniformes militares e chapéus camuflados — provavelmente prestando o serviço militar obrigatório. Rivka Kleinberg estava de pé, à esquerda do grupo, o braço nos ombros de uma mulher atraente de óculos escuros — uma versão bem mais jovem de Kleinberg, ainda que reconhecível pela estrutura óssea maciça e cabelos encaracolados. No verso, uma dedicatória: “Para a querida Rivka — Felicidades!”

Uma segunda foto, em preto e branco, era de um jovem casal em pé diante do mar, de mãos dadas. Havia algo embaçado em seus olhos, temerosos — um olhar que ele já vira em diversos sobreviventes do holocausto. Os pais de Kleinberg, presumiu.

A terceira foto era de uma menina. Com não mais do que oito ou nove anos, um grande sorriso, o cabelo castanho preso num rabo de cavalo, o rosto claro pontilhado de sardas. No verso, com uma letra infantil caprichada, um poema de rimas sem sentido, em inglês, não em hebraico:

*Sally, Carrie, Mary-Jane,
Lizzy, Anna, o que um nome tem?
Hannah, Lee, Amber ou Stella,
Escondidinha, e ninguém vai vê-la,
Jenny, Penny, Alice ou Mel,
Mas, de verdade, só Rachel.*

Ben-Roi olhou para a pintura na parede e de volta para a foto. Algo nas duas fotos parecia deslocado no apartamento, não eram coisas que combinavam com o que ele ouvira a respeito de Rivka Kleinberg. Talvez valesse a pena examiná-las com mais cuidado em algum momento, tentar descobrir quem era a menina. Não parecia ter qualquer relevância imediata para a investigação; no entanto, observou a foto por um tempo e retomou o exame do apartamento.

Fez a primeira parada na cozinha. Na lixeira. Era do tipo que tinha um pedal e, mais por desencargo do que por esperar encontrar alguma coisa útil, ele abriu a tampa com a ponta do tênis. O lixo ocupava três quartos do interior: latas de Coca-Cola, uma embalagem de café Elite, uma bolsa de mercado do Mr. Zol, latas vazias de comida de gato. E, também, um bilhete usado de ônibus da Egged. Até ali, tomara cuidado para não tocar em nada, não querendo deixar impressões ou traços físicos antes da perícia. Mas a curiosidade levou a melhor. Tirou o bilhete lá de dentro e o abriu. Tinha cinco dias, quatro antes do assassinato de Kleinberg — um bilhete de volta para Mitzpe Ramon, uma cidade que era um ponto final no meio do Neguev. Significativo? Ele não tinha ideia, apesar de algo lhe dizer que sim. Observou o bilhete, dobrou-o e o enfiou no bolso.

Deixou o segundo quarto para o final. Lá, ele encontrou a resposta para algo que o incomodava desde o exame na sala — a

ausência de cadernos.

Todos os jornalistas que conhecia tinham cadernos. Não apenas para uso imediato, mas cadernos velhos também — como detetives, sempre precisavam conferir informações cruzadas, coletadas anteriormente. Natan Tirat tinha um apartamento cheio desses trastes — Ben-Roi lembrava que ele quase se separou da mulher quando ela jogou vários fora durante uma faxina.

Não tinha visto um único na mesa de trabalho de Kleinberg. O motivo é que estavam todos armazenados nas caixas de papelão daquele quarto. Cuidadosamente arquivados, em contraste marcante com o caos que reinava por todo o apartamento. Uns trinta anos de anotações. A carreira dela inteira, ao que parecia. Centenas dele, etiquetados com as datas do período coberto pelas notas de cada um — em hebraico e em inglês, por algum motivo —, tudo organizado cronologicamente e encaixotado por ano; portanto, se a pessoa quisesse pesquisar as anotações de um artigo de abril de 1999, saberia imediatamente aonde ir. No começo, ela usara todos os tipos de blocos — A4, A5, pautados, sem pauta, espirais, costurados. Nas duas últimas décadas, preferiu o mesmo caderno A4 preto, de capa dura e pautas largas.

Sem dúvida que havia um potencial de informações úteis ali, mas levaria muito tempo até encontrar alguma coisa. Não só pela grande quantidade, mas porque as anotações eram em estenografia. Algo que teria que ser feito, mas, no momento, o que incomodava Ben-Roi não era tanto o que havia lá, mas o que não havia. Pelo que pode ver, não achou nenhum bloco ou caderno abrangendo os últimos três meses. Ele percorreu cada caixa, reexaminou a sala e o quarto, mas não havia nada. Era como se sua vida jornalística tivesse chegado a um final repentino doze semanas atrás.

Seu mentor, o velho comandante Levi, aquele que fizera a analogia com a corrente para descrever a construção de uma investigação, tinha lapidado uma outra joia de sabedoria para Ben-Roi: o “frio na barriga”. O frio na barriga era aquela sensação de que algo não estava muito certo com o caso, não batia com a narrativa geral do crime. Um corpo garroteado no meio da catedral não batia, é claro, mas o frio na barriga não tinha relação com o crime por si

só. Tinha mais a ver com as anomalias dentro do crime. E a ausência dos cadernos era uma anomalia.

Assim como o *notebook* desaparecido, havia explicações possíveis. Sua intuição, porém, era de que os cadernos tinham sido levados pelo assassino de Kleinberg. E aquilo lhe causava um frio na barriga, e bem intenso, pois um assassino que rouba anotações estenografadas era de um padrão bem diferente de alguém que enforcava uma mulher e roubava sua carteira, chaves, celular e *notebook*. Era uma ruptura. Simplesmente não batia. Ele se apoiou na moldura da janela e olhou para os telhados, pensando. Ainda estava lá quinze minutos depois, quando a equipe de peritos chegou.

Ficou por lá por mais meia hora, circulando enquanto os técnicos faziam seu trabalho na sala. Não encontrou nada cujo uso fosse evidente e acabou por deixá-los lá, saindo pela porta da frente. Já estava no corredor quando um dos peritos — uma garota — o chamou:

— Não sei se isso é alguma coisa.

Deu meia-volta. Ela estava diante da mesa de Kleinberg, apontando para o bloco com contracapa de couro. Quando Ben-Roi passara pela mesa antes, o bloco estava praticamente enterrado sob os papéis, que agora tinham sido colocados de lado.

A princípio, não viu para o que ela apontava — além de alguns rabiscos de caneta e uma mancha de tinta preta, o bloco estava em branco. Mas, quando se abaixou para examinar melhor, viu as marcas fracas de letras no papel macio, ecos de coisas que Kleinberg escrevera numa outra folha. A maior parte das palavras era fraca e sobrescrita, difícil de distinguir. Uma, no entanto, estava marcada mais profundamente do que outras, mais fácil de decifrar. Repetida várias vezes, aparecia ao menos em oito locais diferentes do bloco. *Vosgi*.

— Parece que ela estava apertando a caneta bem forte — disse a moça. — Sabe, como quando temos alguma coisa que não sai da nossa cabeça?

Vosgi.

— Significa alguma coisa para você? — perguntou Ben-Roi.

Ela balançou a cabeça.

— E para você?

Ben-Roi sacudiu a dele. Certamente, não era hebraico. Pegando seu caderno, anotou a palavra. Olhou por um momento. Depois, dando de ombros, guardou o caderno e saiu pela porta.

— E vejam se conseguem um lugar para a gata — gritou por cima do ombro.

LUXOR

Khalifa conhecia apenas três pessoas ricas.

Uma era um amigo de infância que se dera bem na indústria pontocom; outra, uma romancista americana milionária, de quem ficou amigo quando ela visitou o país para pesquisar sobre a Polícia de Luxor para uma série de romances policiais que se passariam lá (uma ideia ridícula). A terceira era seu cunhado, Hosni.

Voltando a pé pelo centro da cidade após encontrar com Demiana Barakat, ele parou num café com internet, escreveu um e-mail para os dois primeiros, explicando os problemas financeiros da amiga e perguntando se poderiam ajudar de alguma forma. Não se sentia confortável fazendo isso — era um homem orgulhoso e não fazia parte de sua natureza pedir ajuda, especialmente financeira. Mas não conseguia tirar da memória o menino corcunda e sentia a necessidade de fazer alguma coisa.

Com Hosni, não se deu ao trabalho de escrever. Vice-presidente da maior empresa de óleos comestíveis do Egito, seu cunhado era famoso por ter as mãos mais fechadas do que as pedras da Grande Pirâmide.

Enviou as mensagens, saiu do café e perambulou até a Corniche el-Nil, tentando decidir se deveria ir até a nova delegacia em El-Awamaia — uma construção nova e elegante para a qual foram transferidos após a demolição da sede antiga — ou simplesmente ir para casa.

No final, não fez nem uma coisa nem outra. Seu chefe, o inspetor chefe Abdul ibn-Hassani, ia dar uma de suas intermináveis palestras sobre “modernização” naquela tarde — “Novo Egito, nova Luxor, nova delegacia, nova força!”, como gostava de dizer — o que, francamente, Khalifa podia passar sem. Em casa, a irmã de Zenab, Sama — mulher de Hosni —, tinha chegado do Cairo para passar o dia, e a perspectiva de ouvi-la tagarelado sobre maquiagem,

compras e a última fofoca da alta sociedade era ainda menos convidativa do que uma das homilias do chefe.

Em vez disso, pegou um barco no Nilo, um táxi até Deir el-Medina e subiu para o seu "lugar de pensar", nas montanhas perto do monte Qurn.

Era aonde sempre ia quando queria ficar sozinho, completamente sozinho, apenas com seus pensamentos, longe de tudo e de todos. Na beira de uma pedra, na base de uma fenda rasa, perto da metade da montanha, tinha uma vista espetacular do Vale dos Reis e, para o norte, a distância, estava o Nilo, as terras cultivadas e o deserto gradualmente se fundindo numa névoa indistinta e contínua. Descobrira aquele lugar há anos, logo que chegou a Luxor, e começou a ir para lá desde então, especialmente nos últimos meses, quando sentia a necessidade especial de calma e solidão que a vista lhe proporcionava.

Era uma subida forte, principalmente sob o calor da tarde. Estava ofegante quando finalmente chegou ao local. Deixando a subida pedregosa e empoeirada para trás, seguiu para a beirada da rocha e se acomodou à sombra da fenda, cruzando os braços e olhando, a distancia, o coração disparado.

As coisas também estavam mudando deste lado do Nilo, assim como na cidade de Luxor. Não tão rápido ou radicalmente, talvez, mas mudando, de qualquer jeito. As moradias arruinadas de tijolos de barro da velha região de Qurna, que se espalhavam como um fungo pelas encostas do maciço tebano, foram todas derrubadas, os habitantes removidos para moradias impessoais em áreas do norte, em El-Tarif (mal podiam ser vislumbradas a distância — fileiras rigidamente ordenadas de prédios, mais parecidos com construções militares do que com residências). O próprio maciço, que há não muito tempo parecia rigorosamente igual aos tempos dos faraós, estava agora pontilhado com uma coleção de horríveis postos de vigilância de concreto, estações completas, com geradores, antenas de rádio e holofotes. Mais abaixo, bem no meio do Vale dos Reis, os retoques finais eram dados ao enorme novo museu e centro de visitantes. Financiado por alguma multinacional americana e construído em dois anos, a inauguração estava marcada para dali a

duas semanas, o que estava deixando o chefe Hassani agitado — aparentemente, metade do governo desceria até lá para a cerimônia.

Tudo o que Khalifa conhecia, todos os lugares, vistas e pontos de referência familiares estavam se transformando em algo diferente. E ele se transformava junto. Podia sentir. O Yusuf Khalifa, que dezesseis anos antes rira descuidadamente ao descobrir aquele lugar, não era o mesmo Yusuf Khalifa que se sentava lá agora.

Todos mudam com o tempo, é claro, mas existe uma essência que se mantém inalterada. Um leito de rocha. Khalifa sentia como se a rocha sob ele tivesse se deslocado e rachado. Havia momentos naqueles dias em que mal se reconhecia. Os humores sombrios, súbitos e inexplicáveis acessos de raiva, a sensação corrosiva de impotência, frustração e culpa.

Ele nunca fora assim. No passado, quaisquer que fossem as dificuldades que a vida lhe impusesse — e foram muitas —, sempre seguira em frente, recusando-se a deixar que as injustiças do mundo o desequilibrassem. Mas, naqueles tempos... Sua casa demolida, o poço envenenado dos Attia, o financiamento de Demiana, o garotinho na motocicleta, coisas com as quais ele lidaria com emoção no passado, as crueldades cotidianas da vida, pareciam agora penetrar mais profundamente e abrir ainda mais rachaduras em suas fundações já abaladas. Tudo estava se desfazendo. Mais de uma vez ele se perguntara se era esse o motivo de estar voltando para aquele lugar tão frequentemente. Não pela paz, pelo silêncio ou pelo espaço para pensar, mas pelo simples alívio de poder sentir algo sólido em torno de si.

Ele abriu a tampa da garrafa de água mineral Baraka que comprara no caminho e deu um gole, acendeu um cigarro e se aninhou ainda mais profundamente na fenda de pedra. Diante dele e um pouco para a esquerda, mal distinguia os restos das casas de tijolo de barro no alto da colina de Thoth; à direita, ficavam as ruínas dos alojamentos, onde os antigos trabalhadores das tumbas paravam durante suas caminhadas diárias indo e voltando do Vale dos Reis. Uma espécie de posto de parada da antiguidade. A superfície das pedras ao seu redor era coberta de inscrições dos

trabalhadores, dezenas e dezenas, marcando um breve momento em suas vidas, tão real quanto o seu próprio, e agora, totalmente perdido na história.

Havia uma dessas inscrições bem ao lado de sua cabeça: um trio de cartuchos — Horemheb, Ramesses I, Seti I — escavados na pedra amarela por alguém que se apresentava como “O escriba de Amum, Pay, filho de Ipu”. Um número dentro de um círculo acompanhava a inscrição — 817a — deixado pelo egiptólogo tcheco Jaroslav Černý, que tinha registrado as inscrições na década de 1950.

Khalifa muitas vezes se perguntara sobre esse filho de Ipu. Quem foi ele? Que tipo de pessoa? Tinha irmãos e irmãs? Uma esposa e filhos? Netos? Era feliz ou triste? Forte ou fraco? Saudável ou doente? Viveu muito ou morreu jovem? Tantas perguntas. Tanta coisa perdida. Uma vida inteira reduzida a nada, a pouco mais do que algumas marcas deixadas numa rocha calcária.

Era algo que o fazia pensar cada vez mais, ultimamente — a transitoriedade das coisas. A falta de sentido. Um dia, Pay fora um ser humano, vivo e respirando, assim como ele. Sua vida fora uma história, cheia de drama e emoção, de relacionamentos e mudanças. Havia sido um bebê, um menino, depois um homem, em seguida talvez um marido e um pai. Fora tanta coisa. Sua história fora tão rica. E então, de repente, a história acabou, e tudo o que restou foi este pequeno fragmento marcado na rocha. Fragmentos, nada mais além disso era o que restava. E, por mais fragmentos que fossem reunidos, por mais palavras, frases e parágrafos, nunca se poderia saber a história toda. Jamais conheceriam plenamente aquela pessoa. Certamente, jamais os trariam de volta. Haviam partido, e pronto.

Tragando o cigarro, ele pegou a carteira. Havia um bolso plástico no interior, e dentro do bolso, uma foto: Khalifa, sua esposa Zenab e os três filhos: Batah, Ali, o pequeno Yusuf — o time Khalifa, como eles se chamavam de brincadeira. Estiveram naquele exato lugar dois anos antes — apertaram-se juntos e Khalifa segurou a câmera na frente deles, o que explicava o ângulo levemente inclinado. Estavam todos rindo, especialmente Khalifa, que carregava

Ali no colo e mal conseguia manter o equilíbrio. Um segundo após disparar a foto, ele escorregou e foi escorregando com Ali pela descida, sob o lugar onde estava sentado, o que os fez rir ainda mais.

Havia tanto riso.

Ele olhou para a foto. Tocando-a com os lábios, colocou-a de lado e olhou para a vista árida por toda a volta.

JERUSALÉM

Quando Ben-Roi voltou para Kishle, Dov Zisky estava no escritório, curvado sobre a mesa como uma espécie de *Talmid hakham*. Yoni Zelba e Shimon Lutzisch tinham saído; portanto, só havia eles dois.

— Algum progresso? — perguntou ele, jogando o casaco e sentando em sua própria mesa.

— Não muito — respondeu Zisky. — Seis na horizontal é impossível.

Ben-Roi abriu a boca, prestes a perguntar por que diabos o garoto estava jogando palavras cruzadas com um assassinato para resolver. Mas, percebendo que era uma piada, bufou divertido. O garoto podia falar como a cantora Dana International, mas, justiça fosse feita, pelo menos tinha senso de humor. Era algo necessário na Polícia de Israel. Sem senso de humor, a pessoa acabava como um resmungão amargurado, como Amos Namir. Uma situação não muito confortável.

— Então, onde estamos?

Zisky girou em sua cadeira e abriu seu caderno moleskine.

— Rastreei a conta do celular da vítima. É da Pelephone. Estão levantando todas as ligações dela nos últimos seis meses. O mesmo com a linha fixa da Bezeq e a conta do Gmail. Estão todos fechando para o *Shabbat*, então não teremos nada até domingo, no mínimo.

Ben-Roi reclamou, mas não insistiu. Era assim que as coisas funcionavam nesta parte do mundo, até mesmo as investigações tinham um dia de descanso.

— E quanto ao complexo? — perguntou, os olhos percorrendo as manchetes do *Yedioth Ahronoth* que comprara no caminho para o apartamento de Kleinberg: escândalo de corrupção do governo, impasse nas conversas de paz, Hapo-el Tel-Aviv arrasado na liga dos campeões. Tudo velho, tudo velho. — Alguma coisa que preste por lá?

— Não muito — respondeu Zisky. — O porteiro da noite não acrescentou nada ao depoimento anterior. A vítima passou pelo portão em torno das sete da noite. Ele acha que pode ter vindo alguém atrás dela, mas estava ao telefone com a mulher e não prestou muita atenção. Com certeza não pode dar nenhum tipo de descrição. Com sorte, vamos conseguir alguma coisa mais detalhada com as câmeras do complexo.

— Com sorte — disse Ben-Roi.

— Ele mencionou que já a vira antes.

Ben-Roi levantou o olhar.

— Assim como várias outras pessoas. Parece que ela vinha visitando o complexo continuamente nas últimas duas ou três semanas.

Ben-Roi dobrou o jornal e voltou a se sentar, interessado.

— O que mais?

— Bem, o cara da noite passada contou que ela esteve lá umas duas vezes antes. E teve outro porteiro que disse ter registrado a entrada dela umas quatro ou cinco vezes. Também teve um padre, chamado...

Ele consultou o caderno, tentando achar o nome. Ben-Roi abanou com a mão para indicar que não importava.

— De qualquer modo — disse — ela compareceu a algumas missas, de manhã e de tarde. Ele achou que ela pudesse estar esperando por alguém, mas nenhuma das pessoas com quem eu falei conseguiu se lembrar de tê-la visto com outra pessoa. Os guardas ainda estão batendo de porta em porta, pode ser que levantem alguma coisa.

Ben-Roi concordou, batendo com os dedos na mesa.

— Também conversei com o arcebispo Petrossian — disse Zisky.

— E?

— Ele me deu apenas quinze minutos, então não foi uma entrevista muito profunda. Disse que não acreditava que alguém de sua própria comunidade pudesse fazer algo assim, e, por outro lado, não tinha nada mais a me dizer.

— Você acreditou nele?

Zisky encolheu os ombros.

— Com certeza está aborrecido com a história toda. Dava para ver em seus olhos. Fiquei com a impressão...

— De que estava mentindo?

— Mais do que isso... Tinha alguma outra coisa acontecendo com ele. Algo que não estava mencionando. Nada definitivo. Apenas uma intuição.

Intuição feminina, pensou Ben-Roi. Mas guardou o pensamento para si.

— Ele tem um álibi?

— Disse que ficou em seu apartamento durante a noite toda. Ainda não encontramos ninguém para corroborar. — Zisky levou a mão à cabeça e mexeu num dos grampos que mantinha seu *yarmulke* no lugar. — Eu posso investigar um pouco mais, se você quiser. Fazer um levantamento do cenário.

— Faça isso. E aproveite para ver o que descobre.

Ben-Roi enfiou a mão no bolso e jogou o bilhete da Egged que encontrara no apartamento sobre a mesa. Zisky se aproximou e pegou o papel, carregando um vago cheiro de loção pós-barba consigo.

— Kleinberg usou esse bilhete há cinco dias — disse Ben-Roi. — Para Mitzpe Ramon. Eu gostaria de saber o que nossa vítima estava fazendo no meio do Noguev.

Zisky examinou o bilhete.

— Além disso — disse Ben-Roi, realmente gostando de ter alguém sobre quem despejar o material — você poderia descobrir o que esta palavra significa?

Abriu o caderno, virou-o e, chegando para frente na cadeira, esticou-o sobre a mesa e apontou para a palavra que tinham encontrado marcada no bloco de Kleinberg: *Vosgi*. Zisky se inclinou para olhar, o rosto quase encostando no de Ben-Roi. O cheiro de loção pós-barba ficou subitamente mais forte.

— Com licença, rapazes, não estou interrompendo nada, estou?

Uri Pincas apareceu na porta. Ben-Roi chegou para trás abruptamente.

— Você não sabe bater na porra de uma porta, Pincas?

O colega sorriu e juntou os lábios na forma de um beijo. Ben-Roi o olhou com raiva.

— O que você quer?

— Só para vocês saberem que o material da câmera está pronto. Vamos assistir em cinco minutos. Espero que dê tempo para vocês... Sabe como é, se arrumarem.

— *Shak li b'tahat*, Pincas! Vá tomar dentro.

— Vou entrar na fila. Vejo vocês no anexo.

Ele piscou, mandou outro beijo e desapareceu no corredor.

— E se você já acabou com o meu CD do Yehonatan Gat, quero ele de volta — gritou.

— Babaca! — gritou de volta Ben-Roi.

Se Zisky percebeu alguma coisa — e teria sido difícil não perceber — não demonstrou qualquer sinal. Apenas anotou *Vosgi* no caderno e voltou silenciosamente para sua mesa. Ben-Roi imaginou se deveria dizer algo, mas Zisky já estava pegando o telefone e discando. Em vez disso, saiu e foi ao banheiro. Em seguida, serviu-se de um copo de água do bebedouro no corredor. Encheu outro copo para Zisky e voltou para o escritório.

— Ouro.

— Como?

— *Vosgi*. Significa ouro. Em armênio. — Ouro, dourado.

Caramba, o garoto foi rápido. Estivera fora poucos minutos.

— Certo — disse Ben-Roi. — Obrigado.

Zisky assentiu e pegou o copo de água.

— Você se incomodaria se eu saísse um pouco mais cedo? — perguntou ele. — Preciso pegar algumas coisas para o *Shabbat*.

— Claro — respondeu Ben-Roi. — Sem problemas.

Ele circulou por um momento e, repetindo "É claro", foi para a porta.

— Ah, e senhor?

Ben-Roi se virou.

— Se o senhor gosta de Yehonatan Gat, tenho todos os seus discos. Posso fazer algumas cópias com o maior prazer. Tenho vários de Ivri Lider e também de Judy Garland.

Zisky deu um sorriso e voltou para sua mesa. Apesar de si mesmo, Ben-Roi também sorriu. Estava começando a simpatizar com o garoto.

Pincas e Nava Schwartz produziram um DVD de dezessete minutos, com todas as filmagens relevantes que conseguiram encontrar da noite em que Kleinberg foi assassinada, tanto das câmeras da polícia quanto do complexo armênio.

Assistiram às filmagens numa sala lateral com uma parede envidraçada junto ao centro principal de controle da câmera. Todos os que estavam no *briefing* da manhã compareceram, menos Zisky, cujo lugar foi ocupado pelo superintendente chefe, Yitzhak Baum. Baum sempre estava participando das exposições das filmagens. Com muita frequência, as imagens mostravam a pista que ajudava a desembaraçar a investigação, e ele gostava de estar presente no momento de glória.

Hoje, ele estava desapontado. Todos estavam.

As câmeras da polícia rastrearam Kleinberg do momento em que ela saiu de um ônibus diante do Portão de Jaffa e pelo túnel no meio da avenida do Patriarcado Ortodoxo Armênio. O circuito de TV do complexo armênio a pegou no momento que passou pelo portão frontal, seguindo-a pela entrada da catedral.

Por todo o trajeto, uma mesma figura caminhava a cerca de trinta metros atrás dela. A pessoa entrou na catedral logo depois da vítima e saiu trinta e seis minutos depois. Posteriormente, refez os passos na direção inversa para a Cidade Antiga e desapareceu pela avenida Jaffa.

Que se tratava do assassino, não havia qualquer dúvida. Infelizmente, estava oculto por um casaco com capuz para se proteger da chuva e, mesmo com melhorias e *close-ups*, seu rosto permaneceu resolutamente oculto. Estava no ônibus com Kleinberg, tinha constituição média e deliberadamente a seguiu pela Cidade Antiga e para dentro da catedral — e foi até aí que conseguiram chegar. Nem sequer estavam certos de que se tratava de um homem.

Assistiram à filmagem três vezes, o ânimo na sala cada vez mais esvaziado, e estavam começando a quarta exibição quando o celular de Ben-Roi tocou.

El-Al. Eles examinaram os registros e encontraram uma entrada.

Na noite de sua morte, Rivka Kleinberg tinha reservado um lugar no voo das 23h para Alexandria, no Egito.

BUCKINGHAMSHIRE, INGLATERRA

— Pessoalmente, eu tentaria um cinco.

Sir Charles Montgomery sorriu. Um sorriso dissimulado, condescendente — não muito grande, para não parecer rude, porém mais do que suficiente para mostrar que não apenas discordava, mas que estava certo em fazê-lo. Tomou um gole de sua garrafa de bolso e retirou um ferro grafite Callaway número seis da bolsa de tacos de golfe.

— Pode ser bem difícil fazer o julgamento preciso — disse, o tom indicando que pensava exatamente o contrário. — Nunca se sabe realmente até o momento da tacada.

Fez dois balanços preparatórios, olhando para o *green* a 140 jardas de distância, a suavidade do movimento disfarçando seus 68 anos. Em seguida, plantando os pés calçados com Footjoy Classics brancos e canela, deu a tacada, protegendo os olhos enquanto acompanhava a trajetória da bola, que pareceu pairar no ar por uma era até finalmente descer e cair na inclinação atrás do *green*. Parou por um momento e, depois, rolou lentamente de volta na direção da bandeira, parando a uns dois metros de distância. Montgomery assentiu satisfeito e guardou o ferro de volta no encaixe da bolsa, agradecendo aos “bravos” dos demais jogadores.

— A brisa deve ter dado um impulso extra — disse, com evidente falsa modéstia.

A rodada estava sendo boa. Excelente. Assim como sua aposentadoria. Excelente aposentadoria.

Uns dois anos antes, com todos os desconfortos do subcontinente, as coisas não pareciam tão rosadas. Válvula de inertização corroída, sistema de monitoramento defeituoso, nuvem de sulfureto de hidrogênio, milhares de nativos cobertos de bolhas. Por algum tempo, parecia que a situação iria feder tanto quanto a história da Trafigura, em Bhopal, o que não seria nada bom para a companhia. Ou para ele, pessoalmente, uma vez que fora a sua

decisão, como CEO, adiar a instalação dos sistemas atualizados de segurança que há tempos já eram padrão nas instalações da Europa e dos EUA.

Não, não parecia nada bom. Por alguns meses, sou de verdade, especialmente quando começaram a chegar os relatórios de abortos e de defeitos de nascimento: bebês cegos, malformados ou retardados. Bebês cegos e retardados, especialmente os do Terceiro Mundo, nunca ficam bem na imprensa.

Felizmente, a situação se resolveu para a satisfação de todos. Pagamentos consideráveis a chefões da política acalmaram as coisas do lado indiano, enquanto um escritório de advogados londrinos realmente maravilhosos empregou todos os expedientes legais mais inteligentes para manter o assunto longe dos jornais britânicos. Nem foi preciso indenizar as vítimas. Para manter as aparências, fizeram algumas doações modestas para algumas instituições de caridade locais. Doações muito modestas.

Quando se aposentou no ano anterior, Charles Montgomery passou a receber um generoso pacote de pensão e um título de Cavaleiro do Reino por serviços prestados à indústria. Após embolsar suas opções societárias, até foi incluído na lista dos ricos do *Sunday Times*, apesar de figurar nas colocações mais baixas. A vida era boa. E, quando a vida era boa, o seu jogo também era. Seu *handicap* tinha melhorado continuamente nesses últimos meses. O mesmo não se poderia dizer daqueles bebês indianos.

Chegou a vez de Tristan Beak, um parlamentar do partido conservador que deixou a bola a cinco metros antes do *green*. O quarteto de jogadores seguiu então pelo gramado, puxando os carrinhos atrás de si. Além de Montgomery e Beak, estavam Sir Harry Shore, membro sênior do judiciário, e Brian Cahill, um australiano bronco mas espetacularmente rico, gestor de fundos de *hedge*. Tendo ou não vazado o gás, sir Charles Montgomery ainda circulava pelas rodas mais altas.

Percorreram trinta metros, e Shore, que estava um pouco à frente, diminuiu o passo e levantou o braço.

— O que aquele idiota está fazendo? — perguntou, apontando.

O *green* ficava junto ao bosque. Uma figura — a distância, era difícil dizer se era um homem ou uma mulher — saíra da cerca de árvores e rododendros e estava em pé junto à bandeira. Parecia estar segurando algum tipo de placa ou cartaz.

— Fora — gritou Shore. — Dê o fora daí. Este buraco está em jogo!

A figura não se moveu, apenas levantou a placa, o cartaz, ou o que quer que fosse, mais alto. Havia algo escrito, mas estava muito longe para discernir com precisão. Uma outra figura — essa, definitivamente uma mulher — saiu de dentro do mato. Também parecia carregar um cartaz.

— Pra fora! — gritou Montgomery, abanando o braço. — É propriedade...!

Seu celular tocou. Ainda gesticulando, ele tirou o aparelho da calça xadrez de golfe e o colocou na orelha, distraído demais para conferir o número.

— Sim — retrucou.

— Charles Montgomery?

Uma voz masculina. Desconhecida.

— Sim.

— *Sir* Charles Montgomery?

— Sim, sim. Quem é?

Agora, mais duas outras figuras apareceram no *green*. E parecia haver mais chegando. Uma multidão inteira.

— Filhos da puta! — berrou Tristan Beak, membro do parlamento. — Vocês vão estragar o gramado.

— O senhor tem acesso à internet, *sir* Charles?

— O quê? Quem é? Como você conseguiu esse...

— Por que, se tiver, existe um site que o senhor realmente deveria visitar. Chama-se www.thenemesisagenda.org.

O homem informou o endereço lentamente, soletrando as palavras.

— Tem algumas fotos adoráveis suas — acrescentou. — E muitos detalhes sobre o trabalho de sua empresa em Gujarat.

O rosto de Montgomery já tinha sido tomado por um tom avermelhado. Agora, tornou-se quase roxo.

— Quem diabos é você? — gritou. — O que você quer? Estou no meio de um campo de golfe.

— Eu sei onde o senhor está — disse a voz. — Estou olhando direto para o senhor. Belas calças, seu doente assassino de bebês.

A linha ficou muda. Ao mesmo tempo, a multidão no *green*, que agora chegava a mais de vinte pessoas, com mais gente chegando — homens e mulheres, velhos e jovens — começou a gritar, as vozes cruzando o campo normalmente silencioso do clube de golfe privativo para membros de Wetterdean Grange:

— Gujarat! Gujarat! Gujarat!

Começaram a se mover em direção aos quatro jogadores, as frases nos cartazes gradualmente ficando nítidas: ASSASSINO DE BEBÊS, JUSTIÇA PARA AS CRIANÇAS, WWW.THENEMESISAGENDA.ORG, FELIZ APOSENTADORIA, SIR CHARLES.

Montgomery hesitou, o rosto largo e opulento registrando fúria abjeta ao lado de um alarme crescente. Então, voltou-se e seguiu para a sede do clube o mais rápido que suas pernas conseguiam carregá-lo, os colegas acelerando atrás dele.

— Gujarat! Gujarat! Gujarat!

Subitamente, sua confortável aposentadoria pareceu um pouco menos assegurada.

JERUSALÉM

Com a tarde de sexta-feira avançando e o *Shabbat* se aproximando, as ruas de Jerusalém se esvaziavam inexoravelmente. Ao final da tarde, o centro da cidade estava absolutamente deserto.

O mesmo aconteceu no microcosmo da delegacia de David. Quando Ben-Roi chegou ao escritório de Leah Shalev, logo após as 17h30, eles eram as duas únicas pessoas que sobraram no Departamento de Investigações de Kishle.

Shalev fez café e Ben-Roi a atualizou sobre os acontecimentos do dia: as ameaças do *Ha'aretz*, os cadernos desaparecidos, as visitas de Kleinberg ao complexo armênio, o voo da El-Al para o Egito. E, também, o negócio de *vosgi*, o qual, ainda que sem qualquer motivo tangível, ele sentia ser algo importante.

Shalev ouviu em silêncio, bebendo em sua caneca do time de basquete Maccabi Tel-Aviv, o batom, como sempre, deixando uma mancha vermelha ao redor da borda. As oficiais em serviço não deveriam usar maquiagem, mas Leah Shalev ignorava as regras. Batom, esmalte, sombra nos olhos. Ben-Roi nunca conseguiu saber se ela fazia isso simplesmente para ficar bonita ou se para incomodar os tipos como Baum e Dorfmann, que achavam que as Investigações não eram lugar para mulheres. Se fosse a primeira opção, ela não seria muito bem-sucedida. Fosse a outra, o efeito desejado era mais do que obtido.

— Ideias? — indagou quando ele terminou todo o relato.

Ben-Roi deu de ombros.

— Roubo grosseiro. Psicopata solitário. Crime da máfia. Vingança pessoal. A combinação de qualquer uma das opções. Faça a sua escolha. Estão todas enquadradas.

— Qual seria a sua?

Era o jogo de sempre do início de uma investigação, Shalev o desafiando a botar a cara na porta e arriscar um palpite. Normalmente, ele ficava feliz em obedecer. Neste caso, mesmo num

estágio tão preliminar, parecia já existir um excesso de combinações e contradições que o deixava relutante em arriscar.

— Vamos lá, Arie — disse ela, sentindo sua hesitação. — Dê um chute.

— Tem ligação com o jornalismo — disse ele após uma pausa, sem responder inteiramente à pergunta. — Eu arriscaria minhas chances nisso. Considerando que os cadernos dos três últimos meses parecem ter desaparecido, acho que é algo relacionado ao assunto com o qual ela vinha trabalhando recentemente.

— A não ser que nosso homem esteja tentando fazer fumaça — disse Shalev. — Despistar o nosso faro.

Ben-Roi reconheceu que era um ponto razoável.

— E seu editor? — Shalev perguntou.

— Ainda não me respondeu. Já deixei quatro mensagens.

— Só quatro? Você não costuma ser tão retraído.

— E você não costuma fazer um café tão bom.

Os dois sorriram. Apesar de sua desconfiança inicial, ele acabou gostando de Leah Shalev. Muito. E não apenas porque ela era boa em seu trabalho. Ela era uma das poucas pessoas na força que ele realmente considerava chamar de amiga.

— Alguma notícia da autópsia? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

— Falei com Schmelling pouco antes de você chegar. Acharam cabelo nas roupas da vítima e mandaram para o exame de DNA, para ver se bate com alguma coisa do banco de dados. E certamente não houve qualquer interferência sexual. Fora isso e uma estimativa do horário da morte entre sete e nove da noite, o que já sabíamos pela filmagem, nada. Ah, sim, ela sofria de hemorroidas. Aparentemente, o pior caso que Schmelling já viu.

— Que bonito. E a perícia?

Ela levantou as mãos como se dissesse: “Nada.”

— Vizinhos?

— Até agora só conseguimos entrevistar cinco apartamentos — todo mundo está fora.

— E?

Mãos abanando novamente.

— Um bolo de bosta — disse ela. — Sem dúvida nenhuma. Um autêntico bolo de bosta.

Como Ben-Roi e seus frios na barriga, Leah Shalev tinha seu próprio vocabulário policial. Ela olhou para o relógio, terminou o café e se levantou.

— Preciso ir andando. Bolo de bosta ou não, o lar dos Shalev ainda precisa ser alimentado.

Ela começou a juntar suas coisas.

— Tudo bem com as crianças? — perguntou Ben-Roi, também ficando em pé.

— Tudo bem, apesar de Deborah não estar falando comigo. Um pequeno contratempo quanto a sua escolha de namorado.

Ben-Roi sorriu. Ainda iria passar por aquilo.

— Benny?

— Tudo bem. Vai expor em Ein Karem e está conversando sobre uma exposição nos Estados Unidos.

Em contraste com a linha de trabalho da esposa, Benny Shalev era um artista. Bem respeitado, por sinal. O casamento deles era um dos poucos relacionamentos envolvendo um policial que Ben-Roi sabia ter sobrevivido ao estresse de um dos parceiros ser membro da força. O casamento de Leah e Benny Shalev não poderia ser mais sólido. Sem jamais admitir, nem mesmo para si, sempre que os via juntos, Ben-Roi sentia um anseio, um lamento pelo que poderia ter sido. Às vezes, realmente sentia a falta de Sarah. Muitas vezes. Quase o tempo todo.

— Você vai passar o *Shabbat* com Sarah? — perguntou Shalev, como se lesse seus pensamentos.

— Ela está com os pais.

— Quer passar com a gente? Você é bem-vindo.

— Obrigado, Leah, mas já combinei outra coisa.

— Com certeza?

— Com certeza.

Saíram do escritório para o pátio nos fundos da delegacia. O Skoda Octavia de Shalev estava parado no final do pátio, junto ao cercado de treinamento dos cavalos. Ben-Roi caminhou com ela até lá.

— Quero manter Namir nos bastidores — disse ela enquanto caminhavam, voltando a falar do caso. — E também o ângulo armênio. Pincas pode seguir as ameaças dos russos e dos colonos do Hebron, ver se descobre alguma ligação. Ele fala russo, e sei que tem pelo menos um informante entre os colonos.

— E eu? — perguntou Ben-Roi.

Ele fez uma voz efeminada, imitando a pergunta de Dov Zisky no *briefing* matinal. Shalev lhe lançou um olhar fulminante.

— Fique com Kleinberg. Quero saber sobre o que ela estava escrevendo, a quem ela estava enfurecendo, por que estava indo para o Egito e por que tantas visitas ao complexo armênio.

Chegaram ao carro e Shalev o destrancou.

— E como vão as coisas com Zisky, afinal? — perguntou ela.

— Ótimas. Vamos começar a morar juntos na semana que vem.

— *Mazel tov*.

Ela deixou a bolsa no banco de trás, entrou no carro e bateu a porta. À esquerda deles, mais distante, um Polaris Ranger ATV entrou ruidosamente no estacionamento, o único veículo em condições de enfrentar as ladeiras esburacadas da Cidade Antiga. Shalev esperou que estacionassem e deu a partida.

— Você está de folga amanhã, certo?

Ben-Roi concordou.

— Fazendo a decoração com Sarah — respondeu. — Se você quiser, eu poderia...

— Quero que você faça a sua decoração. Mas, se for minimamente parecida com seu trabalho na polícia, temo em pensar como vai ficar. Até domingo.

Ela acenou de leve, engrenou o carro e se dirigiu para o túnel de entrada da delegacia. No meio do caminho, parou e baixou o vidro elétrico. Ben-Roi se aproximou. Ela estava olhando para a frente, as duas mãos no volante.

— Não sei explicar, Ariele — disse, o tom repentinamente mais sério. Pensativo. — Mas tenho um mau pressentimento sobre esse caso. Desde o princípio.

— Deve ser porque uma mulher foi enforcada no meio de uma catedral.

Ela não sorriu.

— Apenas parece que vai dar em alguma coisa...

— Ruim?

Ela moveu os olhos para fitar os dele.

— Tenha cuidado, Ariele. Tenha cuidado e me mantenha informada. OK?

Em cinco anos trabalhando juntos, Leah Shalev jamais falara com ele assim. Ben-Roi achou curiosamente inquietante.

— OK? — repetiu ela.

— Claro. OK. — respondeu.

Ela assentiu com a cabeça, desejou-lhe *Gut Shabbas* e seguiu para fora da delegacia. A garoa voltou a cair.

LUXOR

— Papai, estamos assistindo a *Merry Poppins!*

Khalifa mal tinha aberto a porta da frente do apartamento e seu filho caçula, Yusuf, veio correndo da sala e pulou em seus braços. O menino o abraçou com força, beijou-o nos lábios, livrou-se e correu de volta pelo corredor. Khalifa sorriu, balançou a cabeça e fechou a porta. Ficou ali por um momento, o buquê de lírios que comprou ao voltar de Qurn pendurado em uma das mãos, os olhos percorrendo o local como para se assegurar de que realmente era ali que morava. Então, com um suspiro, foi atrás do menino.

Moravam naquele apartamento havia seis meses. Quando seu velho prédio foi demolido, todos os outros moradores foram realocados em um horrível conjunto de concreto, dez quilômetros fora da cidade, perto da ponte na estrada do Nilo. Num momento atípico de generosidade, o chefe Hassani mexeu alguns pauzinhos e conseguiu um lugar para Khalifa em El-Awamaia, dobrando a esquina logo depois da nova delegacia.

Era maior do que o apartamento antigo, e mais conveniente para o trabalho, e havia uma mesquita e uma escola logo ao lado. Tinha até mesmo ar-condicionado, uma fonte de fascínio interminável para Yusuf, que ligava o sistema repetidamente no máximo e armava acampamentos para se proteger do frio.

Apesar dos confortos adicionais, o lugar não chegava a aquecer o coração de Khalifa. E não apenas pelos experimentos refrigerados de Yusuf. Mesmo depois de todos esses meses, ainda se sentia um estranho na própria casa.

Em parte, devido aos vizinhos. Uma senhora gentil morava no andar de baixo, e a família do apartamento ao lado era razoavelmente decente, apesar de insistirem em deixar a TV no volume máximo 24 horas por dia, todos os dias. Mas não havia nada da proximidade do outro prédio, nada do senso de comunidade decorrente de se morar num lugar por dezesseis anos. Ao velho

apartamento, eles tinham pertencido. Neste, não. Sempre que voltava para casa, Khalifa era atingido pela mesma sensação de isolamento. De ter descido do ônibus no ponto errado.

Pior do que aquilo era o vazio de sentimentos do lugar. Não guardava lembranças, nenhuma conexão. Nada de emoções. Qualquer coisa que os ancorasse. Perder o velho apartamento foi como perder uma parte de seu passado. Mesmo com todas as suas coisas lá dentro, o novo apartamento parecia... vazio.

Os móveis podiam ser carregados junto consigo. As associações, ele descobriu, eram estritamente intransferíveis.

Ele enfiou a cabeça na porta do quarto do filho mais velho, Ali, como sempre fazia ao chegar; depois, continuou para a cozinha, onde a filha Batah preparava o jantar.

— Teve um bom dia? — perguntou ele, abraçando-a e beijando-a na testa.

— Maravilhoso — respondeu ela, devolvendo o abraço. — Tia Sama esteve aqui.

— Que emoção.

— Com certeza. Tio Hosni acabou de levá-la a uma viagem de compras para Dubai e ela nos contou tudo. *Absolutamente* tudo.

O sarcasmo foi sutil, mas indisfarçável. Khalifa sorriu e lhe deu um peteleco no nariz. Ela estava com dezessete anos agora, muito parecida com Zenab quando mais nova. Na aparência — esguia, cabelos escuros, olhos grandes — mas também no senso de humor.

— Como está ela? — perguntou ele.

— Tudo bem. Está assistindo...

Batah indicou o outro lado do apartamento com a cabeça. Khalifa assentiu, beijou-a novamente e foi pelo corredor até a sala, onde Zenab estava aninhada no sofá com Yusuf nos braços. Estavam assistindo ao DVD de Ali, *Mary Poppins*, cantarolando as notas crescentes de "Let's Go Fly a Kite". Ou, como dizia a legenda egípcia: *Estamos mandando nossa pipa para o céu.*

Deixando as flores ao lado da esposa, ele passou os braços pelos ombros dela e lhe beijou a cabeça.

— Tudo bem?

Ela tocou a mão dele, mas manteve os olhos na tela.

— Estou de folga amanhã. Que tal passarmos algum tempo com nosso menino?

Ela lhe apertou a mão novamente, mas continuou sem erguer os olhos. Ele ficou ali parado por um instante, sentindo o perfume de seu cabelo. Depois, sussurrando “Eu te amo”, voltou para a cozinha para ajudar Batah com o jantar.

— Não precisa — disse ela, quando ele tirou uma faca da gaveta e se posicionou ao lado dela.

— Vamos lá, você sabe como eu adoro picar comida. Pelo menos, permita-me este pequeno prazer.

Ela lhe deu um empurrão divertido e continuou a fatiar os tomates. Por um momento, o olhar de Khalifa se perdeu pelo pedaço de concreto do tamanho de um punho no parapeito da janela, a superfície de cima revestida de pastilhas — um fragmento da fonte que ele construía na entrada do velho apartamento. Um souvenir de tempos mais felizes. Em seguida, voltando a se concentrar, começou a cortar a cebola. Na sala de estar, o DVD de *Mary Poppins* chegou ao fim e voltou a ser trocado.

JERUSALÉM

Ben-Roi mentira para Leah Shalev. Não tinha nada marcado para o jantar de sexta-feira. Em vez disso, o dia acabou, ele entrou no carro e foi para casa sozinho. Havia lugares aonde poderia ter ido, muitos — mesmo não sendo especialmente *frumm*, não era comum perder o *Shabbat*. Naquela noite, estava cansado e sem humor para socializar. Ler alguma coisa, quem sabe assistir a *Eretz Nehederet*, deitar cedo. Sua cabeça estava cheia de coisas girando e ele não sentia vontade de estar na companhia de outras pessoas. Ou de Deus, no caso.

Ao sair dirigindo da delegacia na direção do Portão de Sião — o único carro nas ruas àquela hora —, ligou para Sarah no viva-voz.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— O mesmo de quando nos falamos da última vez.

— Bubu?

— Espere aí.

Ele ouviu sussurros no fundo.

— Está ótimo — respondeu ela. — Se arrumando para fazer um pouco de ginástica.

Ele riu. Foram coisas assim, pequenas bobagens, o motivo para ele se apaixonar por ela no começo. Loucamente apaixonado.

— Seus pais estão bem? — perguntou ele.

— Sim. E os seus?

— Vou ligar para eles agora.

— Diga-lhes que estou mandando um beijo. E não se esqueça...

— Da decoração de amanhã. Não se preocupe, tatuei um aviso na minha testa. Quando eu fizer a barba de manhã, vou me lembrar.

Ela deu uma risada. Um riso de menina, contagiante. A risada de alguém que estava mesmo gostando. Um som delicioso.

— *Shabbat Shalom*, Sarah.

— Pra você também, Ariele. *Shabbat Shalom*. Até amanhã.

Ficaram em silêncio, como se ambos esperassem o outro dizer alguma coisa. Depois, repetiram *Shabbat Shalom*, e os dois desligaram.

Ele chegou ao Portão de Sião e manobrou pela passagem, apreciando a suavidade da direção auxiliada do Toyota, a facilidade com que avançava pelo caminho estreito e tortuoso. Tinha aquele carro há dois meses, desde que seu amado BMW finalmente entregou os pontos, e ainda estava se acostumando com um veículo cujos controles de fato faziam o que se esperava deles. O BMW, com toda a sua personalidade, fora um truculento encruado. Adorável, mas truculento. Como gostava de pensar de si mesmo em diversos aspectos. E, agora, dirigia um Toyota Corolla. Havia uma metáfora nessa história em algum lugar.

Saindo pelo portão, virou à direita na Ma'ale Ha-Shalom e desceu a colina pelo lado do monte Sião, o telhado e a torre do sino da abadia da Dormição aparecendo e sumindo entre os ciprestes acima dele. Ligou para a casa dos pais, na fazenda da família, para desejar-lhes *Gut Shabbas*, e depois para a avó, no asilo — “Está comendo, Arie? Por Deus, diga-me que está comendo?” — e para a irmã, Chava, em cujo apartamento conheceu Sarah, e que ficou a maior parte da conversa lhe dizendo o grande idiota que ele era por ter rompido com ela.

Finalmente, enquanto ia por Keren Ha-Yesod e entrava em Rehavia, passando pelas Mulheres de Preto, sempre protestando na esquina, ligou para Gilda Milan. Sua ex-sogra. *Quase* sua sogra. A filha, Galia, fora morta antes de entrar com Ben-Roi sob o *Huppah*.

— Então, já voltou para Sarah? — perguntou ela no momento em que ouviu a voz dele.

— *Shabbat Shalom* para você também, Gilda.

— Então, voltou?

— Da última vez que verifiquei, ainda não.

— Idiota.

Ben-Roi sorriu, cansado.

— Segunda vez que me chamam disso nos últimos cinco minutos.

— Por que não? É a verdade.

Gilda Milan era absolutamente direta. E igualmente corajosa. Não só tinha perdido a única filha num ataque terrorista, mas, quatro anos antes, o marido morrera da mesma maneira enquanto discursava numa manifestação pela paz diante do Portão de Damasco. Pessoas mais fracas teriam afundado com apenas uma dessas tragédias. Gilda Milan fez o *shivah* pelas duas pessoas que ela mais amou no mundo, e, ainda assim, se manteve desafiadoramente alegre. Com Yasmina Marsoudi, esposa do político palestino morto ao lado de Yehuda, ela agora viajava pelo mundo promovendo a causa da paz. Fora de Israel e dos Territórios, as duas mulheres eram celebradas. Aqui, suas vozes caíam em ouvidos moucos. Naqueles dias, as pessoas estavam mais preocupadas em pagar o aluguel e botar comida na mesa do que com a situação palestina. Os dias de esperança, aparentemente, pertenciam ao passado. Eram dias de resignação. Ainda assim, Gilda Milan se recusara a se curvar. Ela era, pensava Ben-Roi, tudo o que havia de bom no país. Mesmo tendo lhe dado um bocado de trabalho com Sarah.

Conversaram até ele estacionar diante do prédio, quando desejaram *Gut Shabbas* um para o outro e desligaram. Ele trancou o carro e entrou.

Após se separar de Sarah, dormiu por um mês no sofá de um amigo em Givat Sha'ul. Não foi um acerto muito feliz. Em parte porque o sofá era uns trinta centímetros menor do que sua estrutura relativamente grande, e principalmente porque Shmuel e a namorada eram amantes frequentes e extremamente ruidosos. Quatro semanas de gritos e sussurros noturnos, quando chegou ao ponto de a amizade e a sanidade de Ben-Roi ficarem por um fio, ele fez as malas e se mudou para um apartamento sórdido, de um cômodo, num prédio em Ha-Ramban. O lugar era uma caixa de sapato e o aluguel abocanhava um bom pedaço dos 12.000 shekel de seu salário mensal da polícia, mas pelo menos conseguia ter uma noite de sono adequada. Mais importante, era um pouco depois da casa de Sarah em Ibn Ezra e logo em frente ao *playground* aonde ela levaria o bebê quando ele ou ela chegasse. O que proporcionava

algun consolo pelo fato de que não estaria de fato morando com eles.

Uma vez lá dentro, tomou banho, pegou algumas roupas limpas e abriu as portas deslizantes do estreito retângulo de concreto empoeirado que se passava por uma varanda. Nos vinte minutos desde que deixara a delegacia, a chuva tinha parado e as nuvens se abriram, revelando o profundo azul do céu manchado com toques de rosa e verde. Um belo anoitecer em Jerusalém. O tipo de anoitecer em que a pessoa esquece toda a bosta que acontece pela cidade. Pegou uma Goldstar da geladeira — já não bebia tanto, mas, que merda, fora um dia longo —, arrastou uma poltrona até a porta e esticou os pés por cima do parapeito da varanda. Por um momento ficou ali ouvindo o silêncio, respirando os aromas de jasmim e das folhas molhadas, olhando para as pás do moinho de Rehavia. Depois, esticou o braço para pegar o livro que estava sobre o tapete, junto às portas deslizantes. *Shalom, Baby: 101 dicas para ser um bom pai.*

Abriu e começou a ler, bebendo da garrafa. Sua mente, no entanto, estava em outro lugar, e, passados apenas alguns minutos, baixou o livro.

Corpo garroteado. Voo para o Egito. Cadernos desaparecidos. *Vosgi*. Os pensamentos sobre a paternidade iminente recuaram e o caso novamente tomou conta de sua cabeça.

A família vem em primeiro lugar. Sempre. É para acreditar nisso que somos criados. Servimos à família. Aquilo que for preciso, seja onde e quando. Sem perguntas. Nada de alimentar dúvidas. Ela te ampara, você a ampara. A família é tudo.

Cumpri com meu dever ao longo dos anos. Aqui, lá e em todos os lugares. Muitas viagens, muita sujeira eliminada. É assim que eu penso: acabar com a sujeira. Sempre fui do tipo que gosta de limpeza.

A família tem outros recursos, é claro. Recursos abundantes. Mas algumas sujeiras demandam atenção especial. Atenção pessoal. Alguém que pertence à família. Que *seja* da família, que tenha o

bem-estar da família no coração. Alguém em quem, acima de tudo, se possa confiar.

É uma grande responsabilidade, a confiança. Um grande peso. Normalmente, é leve para mim, não penso muito nisso. Cresci para isso, afinal. Uma ideia martelada nos meus ouvidos desde pequeno. Faço o que me mandam fazer e assunto encerrado.

Só que, nesta situação, estou sentindo o peso. A salvo em minha rotina, a vida de volta ao normal, tudo em ordem e no lugar, não consigo deixar de pensar na catedral. Terei agido muito rapidamente? Deixei pontas soltas? Deveria ter esperado?

Deveria ter sido limpo, como todos os outros. Vá ao apartamento dela, descubra o que ela sabe, acabe com ela, limpe as provas, saia. Simples. Como todos os outros.

Mas quando cheguei ao apartamento, ela estava saindo pela porta da frente. Com a bolsa de viagem. Gente por todo lado. Olhos, testemunhas. Não tive escolha a não ser segui-la. Subindo no ônibus. Descendo do ônibus. Pela Cidade Antiga. Entrando na catedral. E o tempo todo, pensei na bolsa de viagem. Pensando se não deveria agir antes do planejado, enquanto ainda tinha a oportunidade. Tentando tomar uma decisão.

Agora, temo ter decidido errado. A sujeira se foi, com certeza. Assim como o *notebook* e os cadernos. Os outros estão lidando com as questões técnicas. Mas existem muitas pontas soltas. Pontas soltas demais. A foto, por exemplo. Deveria ter pegado? Não deveria ter simplesmente ateadado fogo no apartamento? Deveria ter continuado a segui-la? Deveria, deveria, deveria?

Não falei dessas dúvidas. A família não pergunta, eu não falo.

Mas elas estão aqui. Me corroendo. Me distraindo. Nenhuma das outras missões me distraiu. Nem sequer penso nelas. Mas Jerusalém, a catedral...

Tenho medo de ter falhado com a família. De não ter feito o que deveria ter feito. De que os problemas estejam a caminho, e de que tenha sido eu que os atraiu. Por favor, Deus, não me deixe ter trazido problemas para a família. A família é tudo para mim. Sem a família, não sou nada.

E assim espero. E aguardo. E sigo com meus deveres da melhor maneira.

Uma coisa curiosa: seu cabelo cheirava a amêndoas. Assim como os da minha mãe.

JERUSALÉM

Quando o celular tocou no meio da manhã, Ben-Roi ainda dormia profundamente, espalhado de bruços na cama como uma enorme estrela do mar.

Acabou indo se deitar às duas da manhã, tendo passado a maior parte da noite surfando na Internet em busca de informações sobre Rivka Kleinberg. Havia muito a ser descoberto, tudo confirmando o que Natan Tirat já lhe dissera. Kleinberg fora amplamente admirada, especialmente no início da carreira quando recebeu uma sucessão de prêmios por seu trabalho investigativo, incluindo dois Jornalistas do Ano, um por um artigo sobre a destruição de plantações palestinas de oliveiras por israelenses, o outro por uma matéria sobre a politização dos recursos hídricos da Cisjordânia.

Amplamente admirada e, mais ainda, perseguida. Tirat mencionou alguns grupos que ela incomodou ao longo dos anos, e a web trouxe muito mais: feministas, fazendeiros, Mossad, Hamas, a Polícia de Israel, a polícia da Palestina, grandes indústrias — a lista não tinha fim. Todos, aparentemente, tinham uma questão contra Rivka Kleinberg. Quando ele finalmente caiu na cama, sua cabeça zunia e mergulhou num sono inquieto e perturbado, sonhando com um bebê sendo atacado por gatos numa catedral coberta de teias de aranha e, por algum motivo, um corpo nas ondas de uma praia.

Agora estava deitado com a cabeça enfiada no travesseiro, grogue e mal-humorado, o celular tocando “Hava Nagila” no volume máximo, em sua mesa de cabeceira. Sentiu-se tentado a deixar cair na caixa postal, mas foi tomado pelo pensamento de que poderia ser Sarah, que alguma coisa poderia estar errada. Gemendo, esticou a mão e pegou o aparelho. Não era o número de Sarah na tela. Hesitou, novamente tentado a não atender. Então, aceitando que não voltaria a dormir e que, portanto, poderia falar com quem quer que quisesse falar com ele, rolou sobre as costas e atendeu.

— *Shalom*.

— Detetive Ben-Roi?

— *Ken*.

— Mordechai Yaron.

Por um momento, não conseguiu identificar o nome. Mas a lembrança lhe chegou. O editor de Rivka Kleinberg. Oscilou para o lado da cama, a mente clareando rapidamente.

— Eu estava tentando falar com você.

— Eu sei. Sinto muito. Estou fora da cidade. Acabei de receber suas mensagens.

A voz era baixa e rouca. Educado. Difícil de adivinhar a idade. Uns sessenta, talvez.

— Estou em Haifa — adicionou. — Nossa filha acabou de ter um filho. Estamos aqui para o *Bris*.

— *Mazel tov* — disse Ben-Roi.

Fez uma pequena pausa, com a estranha necessidade de separar as notícias de um nascimento das de um assassinato, e então explicou o que aconteceu. Yaron exclamou ocasionais "*Elohim adirim*" e "*Zikhrona livrakha*", mas, fora isso, ouviu em silêncio.

— Vou pegar o primeiro trem de volta — disse, quando Ben-Roi concluiu. — Nossa volta estava marcada para amanhã, mas posso encurtar a viagem.

Ben-Roi lhe disse para não se incomodar.

— Amanhã está bem. Tenho um compromisso hoje, de qualquer jeito. A que horas você volta?

— No meio da manhã.

Marcaram o encontro no escritório do *Matzpun ha-Am*, ao meio-dia.

— Uma pergunta rápida, aproveitando que você está na linha — disse Ben-Roi, levantando-se e caminhando pela cozinha. — Pode me dizer em que a senhora Kleinberg estava trabalhando?

— Ultimamente, numa matéria sobre tráfico sexual — respondeu Yaron. — Contrabando de garotas para Israel, sabe? Forçadas a trabalhar como prostitutas. Escravidão, basicamente. Muito angustiante. Estava nisso há mais de um mês.

Ben-Roi se lembrou da mesa no apartamento de Rivka Kleinberg, dos vários recortes sobre prostituição e a indústria do sexo. A explicação era essa. Pegou um pote de café Elite do armário suspenso e ligou a cafeteira.

— E antes disso? — perguntou.

— Fez uma grande matéria sobre o colapso da esquerda israelense e algo sobre financiamento americano de colonos extremistas. E antes disso... Deixa eu pensar... Ah, sim, uma denúncia sobre violência doméstica nos territórios palestinos. Ficou duas semanas no caso. Rivka certamente jamais era econômica em suas pesquisas.

Ben-Roi colocou o café em uma caneca e olhou para o relógio. Dez horas. Dissera a Sarah que estaria lá às onze para começar a decoração e não queria se atrasar. Tinha tudo o que precisava no momento, agradeceu Yaron, confirmou o encontro e desligou. Tomou um café da manhã rápido, fez a barba, vestiu-se e deixou o apartamento e todos os pensamentos sobre o caso para trás. Nada de trabalho naquele dia. Um dia para Sarah e o bebê.

Lá fora, a chuva de ontem era uma lembrança distante: o céu estava claro, o sol tinha saído, a atmosfera era morna e abafada. Parou um momento, respirando e partiu em seguida para a caminhada de cinco minutos até a casa de Sarah, assobiando sem qualquer melodia. Sentia-se bem. Chegaria cedo. Pela primeira vez. Que soassem as trombetas!

“*Hava Nagila*” tocando alto novamente.

— *Shalom*.

— Detetive Ben-Roi?

— *Ken*.

— Desculpe incomodá-lo no *Shabbat*. É Asher Blum.

Pela segunda vez naquela manhã, o nome soou familiar e, pela segunda vez naquela manhã, Ben-Roi precisou de alguns instantes para identificá-lo. E, então, lembrou. O bibliotecário da Biblioteca Nacional, o sujeito que identificou Rivka Kleinberg.

Tinham encontrado algo, disse-lhe Blum. Algo que poderia ser importante. Ele poderia ir até lá?

Ben-Roi parou por um momento, os olhos piscando, olhando para a rua no cruzamento com Ibn-Ezra, onde morava Sarah, e rua abaixo, onde estava seu Toyota.

— Estou indo para aí — disse, e deu a volta em direção ao carro.

O Patriarcado Armênio de Jerusalém é dirigido por um quarteto de arcebispos. Um dos quatro é o patriarca supremo, os outros três têm suas próprias esferas de obrigações.

O arcebispo Armen Petrossian era responsável pela administração da igreja, um cargo que, devido à saúde debilitada de Sua Beatitude, o Patriarca, o colocava no controle real de toda a comunidade. Ou, como preferia pensar, no controle real da família.

A família não era tão grande como já fora um dia. Em seu auge, chegou a mais de 25 mil pessoas. Agora, com as guerras entre árabes e israelenses e a situação econômica, o número caíra para apenas alguns milhares. Austrália, América, Europa — era onde os jovens viam o futuro, não em Israel.

Ainda assim, mesmo um rebanho pequeno implicava obrigações e Sua Eminência era bastante aplicado. Eram seus filhos, todos eles, e, se o voto de celibato o impedia de gerar sua própria prole, mesmo assim se considerava um pai. Para socorrer e proteger, nutrir e resguardar — eram as obrigações da paternidade. E foi com estas responsabilidades em mente que deixou o complexo naquela manhã, lançando olhares frequentes por cima do ombro para garantir que não estava sendo seguido, e fez o caminho para a Cidade Antiga.

Embora o complexo formasse a maior parte do Bairro Armênio, ao redor de seus muros havia uma teia de ruas e becos estreitos que constituíam a circulação exterior do bairro, separando-o do setor judaico para o leste. O arcebispo percorreu este labirinto num quase trote, parando a cada cinquenta metros para olhar ao redor antes de retomar o andar apressado. Muros altos se erguiam de cada lado, cânions ecoantes de pedra clara de Jerusalém, pontuados por portas de aço cinza, cada uma acompanhada de uma placa com o nome da família que morava ali dentro. Hacopian, Nalbandian, Belian, Bedevian, Sandrouni. Havia bandeiras armênicas e cartazes em

memória do genocídio de 1915 — os judeus, eles lembravam a quem quer que se preocupasse em parar para ler, não tinham o monopólio do sofrimento. Mas não havia pessoa alguma por lá. De todos os bairros da Cidade Antiga, o armênio era de longe o mais silencioso.

Ele prosseguiu descendo pela rua Ararat, onde, com um último olhar para trás, esgueirou-se por uma viela estreita. Na extremidade, havia uma porta, e a placa sobre ela mostrava o nome Saharkian. Apertou o botão do interfone com vídeo. Esperou um pouco e ouviu o som das trancas sendo removidas. Muitas trancas. A porta se abriu. Um homem estava em pé do lado de dentro, com uma pistola na mão. Atrás dele, mais dois homens, ambos segurando espingardas. O arcebispo os cumprimentou com a cabeça, satisfeito.

— Seguro?

— Seguro — responderam os homens, em uníssono.

Petrossian levantou a mão, abençoando, virou-se e se apressou pela viela. Atrás dele, ouviram-se a batida de uma porta e o estalar das trancas sendo fechadas.

Uma construção modernista retangular, erguida num terreno do campus da Universidade Hebraica de Givat Ram, a Biblioteca Nacional de Israel parecia um grande sanduíche de concreto.

Asher Blum, chefe do atendimento ao leitor, parecia uma caricatura. Magro como um pedaço de pau, óculos grossos, cabelo cortado em cuia, calças jeans pelo menos dois centímetros mais curtas do que deveriam, ele preenchia todos os itens imagináveis do estereótipo do bibliotecário.

— Fechamos no *Shabbat* — explicou ao conduzir Ben-Roi para dentro do prédio. — Só viemos hoje para terminar de guardar alguns livros empilhados. Eu contei a Naomi o que tinha acontecido e ela mencionou as anotações. Ela não estava aqui ontem e foi por isso que não entrei em contato com você antes.

Ele indicou as portas de vidro para Ben-Roi, trancou-as ao passarem e foi na frente, subindo a escada até uma grande área aberta num mezanino. As salas de leitura se abriam de cada lado; uma janela de vidro pintado, um tríptico de janelas, ocupava toda a

parede no alto da escadaria. Os painéis coloridos pareciam arder ao sol da manhã, lançando manchas de vermelho, verde e azul sobre o chão acarpetado.

— As janelas Mordechai Ardon — explicou Blum. — Nosso orgulho e alegria.

Ben-Roi concordou com a cabeça, um gesto que esperava parecer de apreço, e conferiu o relógio. 10h56. Chegaria um pouco atrasado, mas Sarah esperava por isso. Ainda tinha alguma margem de manobra.

Atravessaram o andar e entraram por uma porta marcada como Sala de Leitura Geral. A porta se abria para um espaço com pé-direito alto, suavemente iluminado, com mesas, pilhas de livros e janelas sujas com molduras de alumínio que davam para um pátio interno descuidado. Logo depois da porta, havia um balcão de madeira em formato de L, atrás do qual estava outra bibliotecária, ainda mais estereotipada: morena, atraente, com um cravo no nariz e vestindo uma camiseta um pouco apertada demais do Kings of Leon.

— Naomi Adler — disse Blum, apresentando-a. — Ela estava de serviço na última vez que a senhorita Kleinberg esteve aqui.

Ben-Roi apertou a mão dela, tentando não olhar para os seios da moça.

— Parece que você achou alguma coisa — disse ele.

A garota concordou e tirou uma folha A4 amassada de baixo do balcão.

— A senhorita Kleinberg deixou isso junto às máquinas de microfilme — disse ela, estendendo a folha. — Eu sabia que era dela, porque reconheci a letra. Ela sempre deixava coisas espalhadas.

— Quando foi isso?

— Sexta-feira passada. De manhã.

Uma semana antes do assassinato de Kleinberg.

— Você perguntou o que ela estava procurando nos microfilmes — assinalou Asher Blum. — Achamos que isso poderia ser importante.

Ben-Roi examinou a folha. Sua experiência mostrava que havia provas que pulavam em cima de você, gritando: “Olhe para mim! Eu vou resolver o crime!” E havia outras que nada diziam. Essa se enquadrava totalmente no segundo caso.

Era uma lista. De jornais. Quatro. Apenas os títulos e datas da publicação. Um era o *Jerusalem Post*, de 22 de outubro de 2010; os outros três eram do *The Times*, de 9 de dezembro de 2005; de 17 de maio de 1972; e de 16 de setembro de 1931.

— Ela estava consultando esses? — perguntou Ben-Roi.

A moça concordou.

— Você sabe o *que* exatamente ela procurava?

— Com toda a certeza, ela estava lendo alguma coisa na seção de negócios do *The Times*. Eu estava ajudando uma pessoa a preparar a máquina ao lado dela e pude ver por cima de seu ombro. Acho que era esse.

Ela tocou o de 9 de dezembro de 2005 com o dedo.

— Estava tomando notas — acrescentou. — Muitas notas.

— E os outros três jornais?

A garota sacudiu a cabeça.

Ele olhou para a lista de novo, depois para o relógio. 11h02. Ele realmente precisava sair, poderia seguir essas pistas numa outra hora. Mas, enfim, mais alguns minutos não fariam qualquer diferença. Ele hesitou, o interesse profissional disputando com a obrigação pessoal. O interesse profissional venceu.

— Podemos dar uma olhada?

— É claro.

A bibliotecária saiu de trás do balcão e o levou até uma fileira de armários de metal ao longo da parede de um lado da sala. Asher Blum os deixou e foi empilhar livros num carrinho.

Os armários estavam etiquetados com os nomes de meia dúzia de jornais, alguns em inglês, outros em hebraico: *Ha'aretz*, *Ma'ariv*, *Yedioth*, *Ahronoth*, *The Jerusalem Post*, *The Times*, *The New York Times*. Pegando a lista de Ben-Roi, a moça correu os olhos para cima e para baixo e começou a abrir as gavetas. Cada uma dela estava repleta e filas cuidadosamente ordenadas de caixas de papelão, cada uma etiquetada com as datas de publicação que os

microfilmes abrangiam. Ela pegou as relevantes, levou-as para as máquinas de leitura próximas e se sentou. Ben-Roi ficou atrás dela.

— Por onde você quer começar? — perguntou ela.

— Acho que pelo jornal que você a viu lendo. Lembra qual era a página?

— Não de cabeça. Provavelmente saberia se visse novamente.

Ela ligou a máquina. Abrindo uma das caixas, tirou o rolo de filme, carregou-o nos encaixes e girou o mecanismo para mostrar a imagem da primeira página. Conferiu se a imagem estava centralizada e em foco e avançou rapidamente, as páginas voando pela placa de projeção como um borrão cinzento, a sala ecoando com o zumbido da fita se desenrolando. Ela localizou a edição certa — sexta-feira, 9 de dezembro de 2005 —, desacelerou o carretel e percorreu as páginas uma a uma em busca da seção que vira Rivka Kleinberg lendo. Manchetes e pedaços de manchetes passaram rolando — “Hospitais podem banir tratamento de fumantes e alcoólicos”, “Blair tenta isolar...”, “...perdeu as pernas para andar pelo beco”, “morreu em paz aos 113” — até finalmente parar na página 66.

— É essa aqui — disse ela. — Reconheci a foto. Como está o seu Inglês?

— Bom.

— Nesse caso, vou deixá-lo aí e preparar os outros carretéis para ganhar um pouco de tempo.

Ela mostrou os botões de avanço e recuo, depois foi para a máquina ao lado e começou a carregar o filme seguinte. Ben-Roi se sentou e olhou para a página diante dele.

Havia a foto de um homem de quem ele jamais ouvira falar, chamado Jack Grubman, e meia página de anúncio — apropriadamente — de uma coleção de audiolivros de romances policiais. Apenas três artigos. Um sobre a economia indiana, um sobre uma disputa de investidores por um conglomerado bancário e outro sobre mineração de ouro.

Ouro. *Vosgi*.

Inclinou-se para a frente e começou a ler.

Romênia autoriza Barren a extrair ouro

Bucareste — A gigante americana de mineração e petróleo, Barren Corporation, ganhou uma concessão de 30 anos para a mina de ouro de Drăgeș, nas montanhas ocidentais de Apuseni. A Barren Corp., registrada em Barbados, terá uma participação de 95% da mina, e os 5% restantes pertencerão à estatal Minvest Deva.

Conhecido desde os tempos romanos, estima-se que o depósito de Drăgeș ainda contenha de 30 a 40 milhões de onças de ouro refratário, a uma alta concentração exclusiva de 35 gramas por tonelada.

Em um movimento inédito na indústria, a licença foi concedida apenas após a Barren oferecer garantias contratuais relativas à gestão de poluentes e proteção ambiental. O processo de extração do ouro de minério resulta em níveis significativos de resíduos tóxicos e o governo romeno está ansioso por evitar uma repetição do desastre de Baia Mare, em 2000, quando a represa de um reservatório tóxico rompeu e poluiu boa parte da bacia superior do Danúbio. Ainda que os termos da concessão de Drăgeș autorize o descarte local do material tóxico de rápida decomposição, a Barren assumiu o compromisso de transferir todos os resíduos não degradáveis para instalações de processamento nos EUA, para imobilização e aterro.

— Levamos nossas responsabilidades ambientais extremamente a sério — comentou Mark Roberts, diretor executivo da Barren. — Em Drăgeș, estamos muito felizes por iniciar uma nova era de cooperação entre a indústria da mineração e os interesses verdes.

Quando estiver totalmente operacionalizada, espera-se que a mina produza 1,5 milhão de onças de ouro anuais. A atual cotação do ouro é de \$525 por onça.

Ben-Roi chegou ao final e se recostou, intrigado. Não havia dúvida de que era isso que Kleinberg estava consultando. Não apenas pela conexão *ouro/vosgi*, mas também porque no meio da confusão de papéis sobre a mesa do apartamento dela havia, ele parecia lembrar, muita coisa sobre fundição de ouro e também um atlas com a página da Romênia marcada. *Por que ela estava*

consultando aquilo era uma outra questão. Segundo o editor, Kleinberg estava trabalhando num artigo sobre tráfico sexual quando foi morta. Como aquilo estava vinculado a uma operação de mineração de ouro na Europa era algo que Ben-Roi nem conseguia começar a cogitar, ainda que o nome Barren soasse um tanto familiar. Ele coçou a cabeça, tentando lembrar onde já o ouvira antes. Não conseguia fixá-lo e, após algumas anotações, decidiu ir em frente.

O próximo — já carregado e pronto — era o *Jerusalem Post*. Edição de sexta-feira, 22 de outubro de 2010. Primeira página praticamente tomada por artigos sobre *ha-matzav*, a situação política atual, com um pequeno registro fotográfico de xadrez e, no canto inferior direito, um anúncio elogiando Rabbi Meir Kahane — “O mais verdadeiro e nobre líder judeu de nossa geração”. Balançou a cabeça, dividido entre o humor sombrio e a absoluta estupidez daquilo, e a irritação por um babaca como aquele receber cobertura de primeira página num jornal expressivo. Então, deixando o assunto de lado, apertou o botão de avanço e começou a percorrer o jornal.

Precisou de menos de um minuto para estabelecer a ligação. Página 4. Notícias curtas. Barren, novamente.

Escritório invadido em Tel-Aviv

Os escritórios da multinacional Barren Corporation, em Ramat Hachayal, foram invadidos na noite de quarta-feira. Um grupo anticapitalista que se identificou como Agenda Nêmesis manteve os seguranças sob a mira das armas, removeu documentos e invadiu sistemas de computador da empresa. Qualquer pessoa com informações pode contatar a Polícia de Israel no (03) 555-2211.

Agora ele se lembrou de onde conhecia o nome Barren. Ontem, quando ficou preso no tráfego do Portão de Jaffa. Houve uma manifestação a partir da impressão de um artista sobre como a área ficaria quando todas as obras na rua estivessem concluídas. O *slogan* dizia: “Barren Corporation: Orgulho de patrocinar a história futura de Jerusalém.”

Por que Rivka Kleinberg estaria interessada na empresa ou em uma invasão de seus escritórios, ele não fazia ideia — assim como com o artigo sobre mineração de ouro, não havia qualquer relação óbvia com a matéria que aparentemente ela investigava. Rapidamente, percorreu o resto do jornal para ver se alguma outra coisa soava familiar. Nada, e após mais algumas anotações, ele foi para a máquina seguinte. *The Times*, 17 de maio de 1972. Foto de primeira página de um homem algemado, com a manchete: “Sr. Wallace, fora da lista crítica, avança para uma grande vitória nas primárias de Maryland.”

Até ali, as coisas tinham avançado relativamente rápido. Agora, pareciam ter começado a se arrastar. Apesar de ter apenas 28 páginas, o jornal estava repleto de ponta a ponta com uma massa densa de texto: novas matérias, destaques, editoriais, cartas, resenhas, nascimentos, casamentos, obituários, classificados, tudo em letras tão pequenas que seus olhos se perdiam e a cabeça doía. Por um momento, pensou ter encontrado o que buscava na página sete, onde havia uma grande matéria sobre a inauguração de uma nova hidrelétrica na Romênia. Também incluía um viés israelense: dois parágrafos no final descreviam como Ceausescu, o presidente romeno, recentemente se reunira com Golda Meir para discutir a situação palestina. Romênia e Israel. Vínculos claros. Algo, no entanto, uma certa intuição, dizia-lhe que era apenas coincidência e não o que Rivka Kleinberg estivera procurando. Leu todo o artigo duas vezes e depois prosseguiu.

No final, passou quase uma hora com o jornal, percorrendo laboriosamente todos os assuntos: tentativa de assassinato do governador do Alabama, George Wallace, guerra do Vietnã, preocupação com a indústria no Reino Unido, *boom* da população no Japão, uma mulher que deu à luz oito pares de gêmeos no Irã, uma outra que caiu num buraco no Egito. Naomi Adler e Asher Blum percorreram a sala devolvendo livros para as prateleiras, saíram para almoçar, voltaram e Ben-Roi ainda estava lá, alheio a eles, ao tempo, a tudo a não ser o texto diante de si. Já ouvira dizer que Jerusalém tinha a maior concentração *per capita* do mundo de pessoas com problemas de visão devido ao fato de todos os estudantes de

yeshiva não fazerem outra coisa além de mergulhar, da manhã à noite, nas impressões miúdas dos textos sagrados judeus. Quanto mais lia, mais Ben-Roi suspeitava de que era uma estatística na qual em breve estaria incluído. E, mesmo assim, não encontrava nada que pudesse explicar o interesse de Rivka Kleinberg por aquela publicação específica.

Finalmente, terminou a leitura e, derrotado, desistiu da busca, aceitando que não encontraria o que Kleinberg estivera procurando, fosse o que fosse. Trocou de cadeira uma vez mais, focado no último dos jornais da lista de Kleinberg: *The Times* — 16 de setembro de 1931.

Para seu desespero, os artigos ali eram ainda mais apinhados, e o texto ainda menor do que das edições de 1972. As primeiras três nem tinham notícias, apenas listas melosas de nascimentos, casamentos, mortes e anúncios classificados. Em vez de percorrer tudo com um pente-fino, como fizera com o jornal anterior, decidiu percorrer superficialmente, pulando de uma página para outra com a esperança de que algo chamasse sua atenção.

E foi o que aconteceu. Finalmente. Na página 12. Noticiário imperial e estrangeiro. Uma pequena nota de três linhas, encaixada entre matérias sobre enchentes na China e um furacão em Belize. Era tão curta que ele já passara por ela e avançara quando um súbito clique fez com que voltasse.

Inglês desaparecido

(De nosso próprio correspondente)

Cairo, 15 de setembro

O senhor Samuel Pinsker, engenheiro de mineração de Salford, Manchester, foi considerado desaparecido na cidade de Luxor. A busca continua.

Estava cansado, com dor de cabeça e precisou de algum tempo para lembrar onde vira aquele nome antes. Mas a lembrança lhe veio. Levantou-se e voltou para a máquina de leitura anterior, com a edição do *Times*, de 17 de maio de 1972. A última página do jornal ainda estava lá. Ele voltou o carretel. Até a página dois, depois

avançou, procurando. Passou pelas páginas três, quatro, cinco, seis e sete, depois retornou, finalmente isolando sua busca no canto inferior direito da página cinco. A matéria sobre a mulher que caíra num poço, no Egito. Inclinou-se para a frente, lendo:

Uma escapada de sorte

Luxor, Egito, 16 de maio — Uma mulher britânica teve sorte ao sobreviver após cair dentro de um poço de uma tumba remota durante sua viagem de lua de mel para Luxor. O acidente aconteceu enquanto Alexandra Bowers caminhava com o marido pelas colinas ao redor do Vale dos Reis. Apesar da queda de seis metros, a senhora Bowers nada sofreu além de um pulso quebrado e escoriações. Uma outra pessoa, no entanto, não teve tanta sorte. Enquanto estava no fundo do poço, a senhora Bowers descobriu o corpo de um homem, perfeitamente conservado devido às condições secas do deserto. Apesar de uma identificação formal ainda não ter sido feita, acredita-se que o corpo seja de Samuel Pinsker, um engenheiro britânico que desapareceu há mais de quarenta anos e se acredita ter caído no poço durante a exploração nas colinas de Tebas. O senhor e a senhora Bowers já retornaram para o Reino Unido.

Leu a notícia três vezes, voltou e releu a nota anterior, depois se sentou, esfregando os olhos. Um engenheiro de mineração desaparece no Egito, uma multinacional americana abre uma mina de ouro na Romênia e tem o escritório invadido em Israel. Rivka Kleinberg se interessa por todas essas coisas, Rivka Kleinberg é garroteada. Havia um fio na história. Fios e conexões, o equivalente a toda uma teia de aranha. Tudo se ligava de alguma maneira, formava um padrão. Trabalhar com as ligações, compreender o padrão, e o caso se resolvia. Simples. Era como montar um quebra-cabeça. A não ser pelo fato de que parecia haver mil peças diferentes e nenhuma indicação de qual seria a imagem final.

Era, usando as palavras de Leah Shaley, um bolo de bosta. A origem de todos os montes de bosta. E, quanto mais pensava nisso, mais confuso parecia ficar e mais sua cabeça doía.

Gemeu e esticou as pernas, olhando casualmente para um relógio de parede do outro lado da sala de leitura. 13h20.

Instantes depois, Asher Blum e Naomi Adler ergueram os olhos, sobressaltados com um grito, "Ai, merda!", quebrando o silêncio.

Quando Ben-Roi saiu correndo para o estacionamento do campus, estava com tanta pressa para entrar no Toyota e ir para a casa de Sarah que nem percebeu a pista de atletismo a duzentos metros de distância, que dirá se preocupar em olhar para lá. Tivesse olhado, veria uma figura solitária correndo em torno da pista. E, se esperasse até que a figura chegasse ao ponto mais próximo do circuito, teria reconhecido seu colega, o detetive Dov Zisky.

Era comum Zisky ir para lá após o *shul* matinal de sábado. Havia rabis que diziam ser proibido correr no *Shabbat*, que era um dia de descanso, e praticar exercícios era contrário à lei, mas Zisky observava a fé de um jeito próprio. Tinha um jeito próprio de observar quase tudo. Era aplicado, mas não a ponto de ser subserviente. E, de qualquer modo, *Tanach* apreciava *oleg Shabbat* — o prazer do Sabat — e manter a forma dava-lhe prazer. *Ergo*, tudo OK. *Ha-Shem*, imaginava ele, provavelmente tinha preocupações maiores em Sua mente.

Acelerou e disparou por cem metros, depois diminuiu e socou o ar, relaxando os braços. Sabia o que as pessoas viam quando olhavam para ele, o que pensavam. Que era fraco. Degenerado. Tolo. As aparências podem enganar. Ele não fazia muito alarde, sempre procurava evitar os confrontos, mas quando a situação se agravava, era mais do que capaz de cuidar de si mesmo. As pessoas aprenderam isso ao longo dos anos. Pessoas como Gershmann, na Academia de Polícia. Zisky normalmente ignorava as zombarias de menino *gay* — já as aturava há bastante tempo. Algumas vezes, no entanto, as coisas iam longe demais e ele respondia. Aparentemente, Gershmann costumava ser modelo nas horas vagas. Não mais. Agora, teria um nariz deformado pelo resto da vida.

Disparou em mais um *sprint*, depois parou na grama ao lado da pista e começou a fazer flexões, acelerando forte, apreciando o esforço dos músculos dos braços e do peito. Enquanto subia e

descia, uma *Magen David* de prata escorregou para fora da gola da camiseta e ele teve que parar para colocá-la de volta. Pertencera a sua mãe e não queria danificá-la. Verificou se estava protegida, terminou as flexões, rolou de costas para uma seção de abdominais e voltou para a pista.

Sua mãe morrera havia dois anos, só que parecia ter sido ontem. Câncer. Linfático, pulmões e estômago. Tudo, basicamente. Uma semana antes do fim, emaciada, todo o seu belo cabelo dourado se fora devido à quimioterapia e ela insistira em deixar o hospital para comparecer a sua formatura na polícia. O irmão dela fora um policial, morrera no cumprimento do dever, e agora seu filho também conquistara o distintivo. Ela chorou, orgulhosa. E Zisky também chorou. Não na frente dela, mais tarde, de volta ao prédio da academia. Foi quando Gersmann o encontrou e começou com a história de viadinho. Um metro e oitenta, noventa quilos, mas Zisky o fez em pedaços. Ignorante de merda.

Aumentou a velocidade, pouco menos do que um *sprint*, os tênis batendo num ritmo surdo na superfície da pista, o pêndulo frio da *Magen David* de sua mãe deslizando de um lado para outro sobre o osso esterno banhado de suor.

Pensava muito na mãe. Um clichê, ele sabia, o cara *gay* que adora a mãe, mas as coisas eram assim. Ela fora uma boa mulher. Forte. Forte, manteve a família unida em tempos bem difíceis. No final, ele ficou segurando a mão dela, acariciando sua cabeça careca, e ela o fez prometer que seria um bom filho para o pai e um bom irmão. E, além disso, um bom policial. Que sempre tentaria fazer a coisa certa e levar os malfeitores à justiça.

E era esse o motivo pelo qual, após tomar um banho e comer alguma coisa, iria dar uma olhada no apartamento de Rivka Kleinberg, porque ele queria fazer a coisa certa. Levar os malfeitores à justiça. Os fiéis não deveriam trabalhar no Sabbath, assim como não deveriam praticar *jogging*, fazer abdominais ou praticar golpes de Krav Maga. Mas Dov Zisky jamais fora do tipo que seguisse passivamente as regras. Tinha um jeito próprio de observar as coisas.

Era algo que herdara da mãe.

Ben-Roi ainda tinha as chaves do apartamento de Sarah — a separação não fora tão acrimoniosa a ponto de ela exigir que lhes fossem devolvidas. Como ela não respondeu às batidas na porta e o celular caía direto na caixa postal, ele resolveu abrir.

Diferentemente de Galia, que tinha um temperamento feroz, Sarah não era alguém que se entregasse rapidamente à ira. Ela falava o que tinha em mente, com certeza, e se estivesse aborrecida, deixaria isso claro. Em geral, porém, era do tipo calmo, relaxado. Admiravelmente, considerando-se o tipo de merda que ele aprontara com ela ao longo dos anos. Era uma das coisas que o atraía no começo. Uma de várias outras. Assim como uma das quais ele sentia falta. Uma de várias outras.

Hoje ela *estava* com raiva. Com muita raiva. Tanta que nem estava lá quando ele chegou ao apartamento. Em vez disso, deixou uma pilha de material de decoração no meio do corredor — baldes de tinta, pincéis, caixa de ferramentas, prateleiras — com um bilhete em cima, devastador em sua concisão. *Fui para a casa da Deborah. Deixe tudo pronto.*

E foi o que ele fez pelo resto do dia, a alegria de preparar o quarto para a chegada do primogênito maculada pela consciência de que a mãe da criança o considerava um perfeito babaca.

HOUSTON, TEXAS

William Barren fitou a mesa de reunião — uma peça contínua de bordo vermelho profundamente polida — e desejou não ter cheirado uma carreira tão longa de coca antes de vir para a reunião.

Na verdade, tinha separado uma curta — fina, menos de três centímetros de purinha boliviana alinhada com a borda de seu Amex negro. Só para dar uma ligada rápida e colocá-lo de pé depois de uma noite pesada (por que sempre faziam as reuniões do conselho aos sábados?).

Após alinhar a carreira, no entanto — uma linha pousada sobre sua mesa de trabalho como um verme esqualido — parecera-lhe tão insubstancial, tão completamente inadequada para a hora de tédio corporativo que teria pela frente que reabriu o pacote e despejou outro morrinho de pó cristalino, esmagando-o com a beirada do cartão Amex e juntando ao que já estava lá. Ainda assim, parecia insuficiente e acabou despejando todo o resto — a maior parte de um terço de grama —, e esticou uma carreira do tamanho de seu dedo mínimo. Aspirou tudo com uma única fungada experiente, usando o canudo de prata para coca que mandara fazer especialmente para aquele fim. Depois, após lamber o pacote e passar o braço pela mesa para remover qualquer evidência, pegou o elevador para a sala de reunião se sentindo verdadeiramente fodão.

Passados vinte minutos, começava a se arrepender. O coração estava disparado, não conseguia parar de trincar os dentes, os pensamentos fugiam para todos os lados dentro de sua cabeça a uma velocidade frenética, mal conseguia acompanhá-los. Em vez disso, ficou ali sentado à cabeceira da mesa, agitando as pernas e retorcendo a boca idiotamente enquanto os demais membros do conselho tagarelavam sobre alavancar aquisições, reestruturar fundos *offshore* e sobre a concorrência egípcia pelo campo de gás, que, se ganhassem, tornaria ridículo tudo o que a empresa fizera até

então e os colocaria logo atrás da Cargill na lista da *Forbes* das maiores empresas de capital fechado.

Eles o desprezavam, sabia disso. Todos eles, especialmente Mark Roberts, o CEO. Achavam-no um constrangimento. Um peso morto. Nenhum deles. Só estava no conselho por ser o bisneto do reverenciado Joe Barren, cuja pequena concessão de ouro em Sierra Nevada se multiplicou no império multibilionário que era a Barren Corporation. Um humilde abstêmio temente a Deus — nascido, segundo a lenda familiar, numa cabana de um aposento —, Joe jamais imaginaria que três gerações de seu pequeno empreendimento levariam a um colosso de mineração e petroquímica, com presença em seis continentes e uma linha direta com a Casa Branca. Tampouco, ainda nessa linha, que seu bisneto estaria sentado no conselho da empresa, com a cabeça cheia de pó depois de uma noite animada com uma dupla de prostitutas, que eram mãe e filha, comemorando ter escapado mais uma vez de uma batida de carro em que dirigia bêbado (dirigir bêbado, a ponta da porra do iceberg!).

Sim, eles o desprezavam. Mark Roberts, Jim Slane, Hilary Rickham, Andy Rogerson — William percorreu a mesa com os olhos e sentiu a desaprovação queimando em cada um dos doze membros do conselho sentados em toda a extensão. Acima de tudo, sentia-a emanando da tela de videoconferência na outra ponta da mesa, onde a cara gorda e grisalha de seu pai pairava no ar como algum tipo de zangão monstruoso.

Se Joe Barren iniciara a empresa e o filho George a expandira, fora Nathaniel Barren — neto do velho Joe e pai de William — que a transformara no Beemot que era hoje. Fora Nathaniel quem diversificara para petróleo e gás; Nathaniel quem tornara o negócio global, com subsidiárias por toda a parte, da Rússia a Israel, da China ao Brasil; Nathaniel quem cultivara os laços políticos e espalhara a trama de favores que prendeu governos de todo o mundo na teia da Barren.

Nathaniel *era* a Barren Corporation, e, a despeito de a idade e da saúde debilitada terem feito com que se recolhesse após quase

quarenta anos no leme, mesmo agora, como presidente do conselho, ainda definia os rumos.

Mas não por muito tempo mais. Não se William tivesse alguma coisa a ver com isso. O velho estava doente, perdendo o tino e William estava mais do que pronto para assumir o posto. Podia ter uma inclinação pela coca, carros e prostitutas — lésbicas, de preferência, trocando carícias e se esfregando enquanto ele as filmava com uma mão e se masturbava com a outra —, mas isso não significava que era idiota. Longe disso. Estivera estendendo alguns fios de sua própria teia nos últimos anos. Pequenas teias, belas e estreitas. Tinha conexões, pessoas em posições altas e úteis. Gente de dentro. Olhando ao redor da mesa, contou pelo menos sete dos doze que estariam do lado dele quando chegasse o momento. Pois, mesmo o desprezando, temiam-no bem mais. Como Michael Corleone, em *O poderoso chefão*, William Barren em breve estaria deixando os negócios da família. Todos os negócios da família. E a desgraça cairia sobre qualquer um que ficasse no seu caminho.

— Está se divertindo, Billy-Boy?

Um ronco de urso saiu da tela de conferência. Preencheu toda a sala, arrancando William de seus devaneios. Assim como eles o viam, uma pequena câmera no alto da tela transmitia a imagem da sala do conselho e de seus membros para Nathaniel Barren, que, naqueles dias, raramente saía da mansão da família em River Oaks. Ele olhava fixamente para o outro lado da mesa, diretamente para o filho.

— Está se divertindo? — repetiu, sua cara inchada como uma bola de basquete irradiando reprovação.

— Não senhor — gaguejou William, as palavras se atropelando para fora da boca como dados numa mesa, o que sempre acontecia quando cheirava coca. — Nem um pouco.

— Mas você está rindo, Billy-Boy. As pessoas não riem, a não ser que estejam se divertindo. Por favor, compartilhe com a gente.

William nem se dera conta de que estava rindo. Apertou a boca e se ajeitou desconfortavelmente enquanto treze pares de olhos o atravessavam. Sentiu-se como quando era um garoto e o velho o humilhava diante dos empregados, fazia com que se sentisse um

imbecil. Um derrotado. Mas ele não era um imbecil. E certamente não era um derrotado. Era um vencedor. E logo seria...

— Billy-Boy?

Aquela voz, rouca e ameaçadora. Orson Wells sem a bonomia. A voz dos pesadelos de William.

— Acho que estava pensando na concorrência egípcia — resmungou, lutando para dominar as descargas da cocaína, para manter o tom baixo e controlado. Exagerou e acabou soando como Forrest Gump. — Se fecharmos o negócio, vamos... para outro patamar. Vamos realmente botar a Barren no mapa.

Seu pai o observou da tela de vídeo, uma cobra olhando para um guaxinim. Ou melhor, um rinoceronte olhando para... Porra, o que quer que um rinoceronte olhasse. Era o momento do clímax. A hora da agonia. O momento em que, mesmo aos 33 anos e vice-presidente de uma multinacional com faturamento de 50 bilhões de dólares, William quase sujava as calças. Será que o velho daria o golpe? Será que o faria em pedaços e o esfolaria, como fazia desde que ele se entendia por gente? Ou será que aliviaria e deixaria o assunto morrer. A perna de William se agitava para cima e para baixo. Os demais membros do conselho guardavam um silêncio de pedra. A tensão atravessava a mesa de uma ponta a outra. Os segundos corriam.

— A Barren já está no mapa — disse seu pai finalmente, no ponto exato em que William estava prestes a começar a gritar. — Por todo o mapa.

O velho fez outra pausa, aumentando um pouco mais a pressão, apertando o filho com mais algumas voltas do torniquete. Então, com um grunhido satisfeito, acomodou-se na cadeira.

— Que diabos, somos os donos da porra do mapa.

Os risos se espalharam pela sala e a tensão se dissipou. William riu mais alto do que todos.

— Certo pra baralho! — gritou, batendo palmas. — É a porra do nosso mapa. Estamos em toda parte, como moscas na bosta.

Foi um comentário estúpido, com seu alívio e a coca tomando conta. Lamentou-o imediatamente ao ver os sorrisos em torno da mesa se transformarem em pigarros constrangidos. Felizmente, seu

pai pareceu não notar. Colocando uma máscara plástica de oxigênio no rosto, inspirou profundamente pela garganta irritada — nossa, como William gostaria de encher aquela máscara com gás sarin e ver aquele velho babaca sufocar! — e acenou para a reunião prosseguir. O diretor financeiro, Jim Slane, começou a mastigar os números, a voz nasal e monótona enchendo a sala, drenando toda a vida e cor do lugar.

William apoiou os cotovelos na mesa e cruzou as mãos, sentado, o mais imóvel que conseguia, tentando parecer intenso e focado, voltando-se para si mesmo. Eles achavam que ele não entendia nada, mas não era o caso.

Conhecia o negócio de dentro para fora e de trás para a frente. Os números, os ângulos, os negócios e as negociatas. Tudo, até mesmo as coisas que seu pai achava que ele não sabia. Eram *e/es* que não o compreendiam — não sabiam como era inteligente, determinado e implacável. Exatamente como Michael Corleone. Logo ele estaria acertando os negócios da família. Tinha planos. Tinha amigos. Tinha apoio. Haveria uma sangria desatada e ele estaria no controle. Controle total.

LUXOR

A grande fachada decorada com treliças e a cavernosa portaria com piso de mármore faziam da nova delegacia em El-Awamaia uma construção extremamente feia, com delírios de grandiosidade arquitetônica.

Os habitantes locais a chamavam de *El-bandar*, “o núcleo”.

Os que trabalhavam lá a chamavam de várias maneiras: a mesquita, o castelo, o bolo de noiva e o carnaval de Hassani.

Khalifa chegou lá na manhã de domingo, após seu dia de folga, passou pelas portas de vidro empoeiradas, acenou para o sargento na recepção e subiu as escadas até sua sala, no quarto andar. Na delegacia antiga, sempre fazia questão de estar na sua mesa às 8h, no máximo — o chefe Hassani poderia reclamar dele por qualquer outro motivo, mas falta de pontualidade não estava na lista. Desde a mudança, deixava as coisas correrem mais soltas. Agora, raramente estava lá antes das 9h e, naquela manhã, já eram quase 10h quando finalmente chegou ao final da escada e entrou na sala.

— Boa noite — disse Ibrahim Fathi, o detetive com quem dividia o espaço. *El-homaar*, como todos o chamavam: o burro.

Khalifa ignorou o sarcasmo e se afundou na cadeira atrás da mesa. Ligou o computador e acendeu um Cleopatra.

— Algum recado?

— Não recebi nenhum — respondeu Fathi, pegando um pente e passando pelos cabelos extremamente oleosos.

— Sariya já chegou?

— Já veio e já foi. Roubaram o diesel de um outro barco. O terceiro naquela semana. Está lá na *Corniche*, falando com o proprietário.

Khalifa deu uma longa tragada no cigarro. Não havia motivo para ele ir até o rio também — Sariya era perfeitamente capaz de lidar com as coisas sozinho. Portanto, fez uma ligação rápida para casa — saíra de lá havia apenas dez minutos, mas gostava de

manter contato, verificar se Zenab estava bem — e começou a examinar os arquivos sobre sua mesa. O esfaqueamento na boate Tutotel iria a julgamento em poucas semanas, mas ele já enviara o relatório e não havia mais nada para fazer além de comparecer ao tribunal e apresentar suas provas. A história de tráfico de drogas no mercado ainda precisava de investigação e ele, provavelmente, iria até Karnak em algum momento conferir os relatos sobre furtos do armazém de *talatat*. No passado, teria ido direto para lá. Naquela manhã, resolveu que aquilo podia esperar. E o mercado também. Como quase sempre ultimamente, simplesmente não estava no clima. Pensou em ligar para Demiana Barakat, continuar a conversa de dois dias atrás, mas, se ela tivesse ouvido alguma coisa, ela mesma teria ligado; portanto, resolveu deixar para lá. Em vez disso, continuou a examinar as anotações com uma das mãos enquanto entrava na internet com a outra, para abrir uma sala de bate-papo que andava visitando naqueles dias. Não para ele mesmo participar da conversa — era por demais consciencioso, mesmo sob um nome falso —, mas para ler o que outras pessoas estavam dizendo. Pessoas no mesmo barco que ele. Ajudava um pouco saber que não estava sozinho.

O site abriu e ele chegou para a frente, para ler. Em seguida, o celular começou a tocar. Bem, bem... era Demiana.

— *Sabah el-khir, sahbitee* — disse ele, os olhos ainda detidos na tela. — Estava mesmo pensando em ligar para você. Tudo bem?

— Tudo — respondeu ela. — Ouça, estou de saída para a igreja, então é rápido. Gostaria de te passar algumas informações que podem ser relevantes para o que estávamos discutindo anteontem.

Khalifa continuou a olhar para a página um pouco mais — outro *post* de Gemal de Ismaliya, que, depois de dois anos, ainda lutava para aceitar a perda da esposa — e depois se virou para dar atenção integral à amiga.

— Estou ouvindo — disse.

— Depois que conversamos, espalhei a história para ver se alguém tinha ouvido sobre incidentes como os que você descreveu — continuou ela. — Você sabe, poços envenenados, pessoas expulsas de suas fazendas. Ninguém ouviu nada. Pelo menos, não

na área que você descreveu. Mas hoje de manhã, estava conversando com Marcos, que cuida da livraria aqui, e ele mencionou alguma coisa que soou familiar. Aconteceu há anos, num lugar totalmente diferente. Então não deve ter nenhuma ligação, mas achei que você gostaria de saber assim mesmo.

— Continue.

— Já ouviu falar de Deir el-Zeitum?

Khalifa não ouvira.

— É um mosteiro, um lugar pequeno, lá no meio do Deserto do Leste. Praticamente não tem nada lá, umas duas construções, um poço artesiano e um velho pomar de oliveiras, que é de onde o monastério tirou o nome. Acredita-se que foi o próprio São Pacômio que plantou, o que, provavelmente, é um pouco de boa vontade, já que Pacômio viveu no século IV. As árvores certamente são antigas, algumas boas centenas de anos, pelo menos. De qualquer forma, há uns três ou quatro anos, todas morreram de repente. Todas elas. A horta do mosteiro também. Simplesmente murcharam e secaram.

Um barulho alto de mastigação veio do outro lado da sala, quando Ibrahim Fathi se serviu de um punhado de *torshi* de um pacote que parecia ter sempre em cima da mesa. Khalifa se virou um pouco mais, tentando bloquear o som.

— O pomar foi regado com água do poço? — perguntou.

Ela soltou um “aham” afirmativo.

— Os jardins também — disse. — A água potável dos monges vem de caminhão, e por isso não foram afetados. Apenas as árvores e as verduras. Khalifa ponderou. Então, pegando um cigarro, levantou-se e foi até o grande mapa na parede atrás da mesa de Ibrahim Fathi. O Deserto do Leste aparecia como uma vasta extensão de um amarelo pálido, espremido entre o Mar Vermelho e o fino arco verde do Vale do Nilo. As rodovias cruzavam de oeste para leste como degraus de uma escada; fora isso, não havia mais nada. Apenas rocha, areia e montanhas.

— Onde fica esse mosteiro, exatamente? — perguntou.

— Meio dia de viagem entre Luxor e Abu Dahab, no litoral. Um pouco a oeste de Gebel-el-Shalul.

Khalifa passou o dedo sobre o papel, localizando a *gebel*. O mosteiro não estava marcado, mas sendo pequeno não apareceria mesmo. Deslizou o dedo mais para oeste, localizando Bir Hashfa, a aldeia perto da fazenda de Attia. Ficava a quase quarenta quilômetros de distância, o que, diante dos acontecimentos, parecia longe demais para haver qualquer vínculo direto entre os incidentes. Mas, mesmo assim...

— Os monges ainda estão lá? — perguntou.

— Eles se mudaram. Aparentemente, havia uma lenda de que o mosteiro só sobreviveria enquanto tivesse suas oliveiras. Quando o pomar morreu, eles fizeram as malas e abandonaram o local. E não eram muitos, de qualquer modo.

— Já tinham tido algum problema antes?

Não que ela soubesse.

— Alguma ameaça?

— No meio do nada. Praticamente ninguém sabia que estavam lá. Podia perfeitamente ser na lua.

— E você não ouviu mais nada daquela região?

— Não acho que tenha mais qualquer outra coisa naquela região. Como eu disse, é no meio do nada.

Ele ouviu sussurros por trás da voz dela.

— Sinto muito, Yusuf, a missa está prestes a começar, tenho que sair.

— É claro. Obrigado por me avisar. Se souber de mais alguma coisa...

Ela desligou. Khalifa olhou para o mapa, percorrendo o retângulo de deserto entre as Rodovias 29 e 212. Em seguida, voltou para sua mesa. O poço de Attia, o primo do senhor Attia, e agora, Deir el-Zeitun. Três fontes de água envenenadas, todas coptas. Uma poderia ser azar, até mesmo duas, mas três — mesmo com toda essa distância entre elas — parecia um padrão. Acendeu outro cigarro e olhou para a tela do computador.

Abdul-hassan43, outro participante regular do *chat*, publicou uma série de versos do sagrado Alcorão. E também um poema sobre não ser vergonhoso chorar. Leu até a metade, fechou o site, pegou o telefone fixo e discou para o ramal do chefe Hassani.

Do outro lado da sala, veio o barulho de outra mastigação forte, quando Ibrahim Fathi se serviu de mais uma porção de *torshi*.

ESTRADA PARA TEL-AVIV

Quando conversaram na manhã anterior, Mordechai Yaron se ofereceu para vir a Jerusalém conversar com Ben-Roi e poupá-lo do aborrecimento da viagem de uma hora de carro até Tel-Aviv. Ben-Roi lhe dissera que não era incômodo algum. Como uma mãe superprotetora, Jerusalém às vezes se tornava excessiva. De vez em quando, era preciso se afastar por algum tempo. Limpar a cabeça.

Era isso que fazia naquela manhã, dirigindo para fora da cidade pelo trajeto sinuoso da Rota 1, descendo pelas colinas da Judeia em direção ao planalto costeiro, o domo azul cristalino do céu por cima, o ar morno golpeando seu braço pela janela aberta. Há não muito tempo, os subúrbios da cidade terminavam abruptamente logo depois de Romema. Agora pareciam avançar sem limites, arrastando-se inexoravelmente pela paisagem como algum tipo de alga de crescimento contínuo, cobrindo o mundo de concreto. Construções, sempre tantas construções. Se continuasse nesse ritmo, não sobraria mais terra alguma.

Apenas depois de Mevaseret Zion, a dez quilômetros do centro, as casas e prédios finalmente diminuía e as colinas voltavam ao estado natural. Encostas rochosas, com árvores esparsas, pareciam brotar e se espalhar, como se suspirassem de alívio. Ben-Roi respirou mais facilmente também. Aumentou a velocidade e ligou na rádio *Kol Ha-Derekh*, a voz da estrada. Alicia Keys pulsando pelos alto-falantes. "Empire State of Mind." Ele sorriu. Uma das canções favoritas de Sarah.

Estavam quase voltando a se equilibrar, após seu atraso no dia anterior e apesar de todo o seu esforço, com unhas e dentes, para conseguir, ao menos, sair da lista negra dela. Acabou ficando no apartamento dela até depois da meia-noite, fazendo a decoração do quarto do bebê, e voltara naquela manhã para terminar o serviço. O resultado foi que o quarto ficou lindo, ela preparou *blintzes* para o café da manhã dele — um sinal claro de que o degelo estava

próximo — e ele não fizera absolutamente nada para ir atrás dos artigos de jornal que encontrara na biblioteca.

O que era chato, pois quanto mais pensava naquilo — e onze horas lixando, pintando e colocando prateleiras proporcionaram bastante tempo para pensar — mais forte era o sentimento de que, por algum motivo que lhe escapava, as notícias contavam uma história central que explicaria o que havia por trás da morte de Rivka Kleinberg. Ouro, Egito, mineração, Barren Corporation. Os elementos ficaram girando em sua cabeça, como os tambores de um cofre. Bastaria movê-los na sequência certa e a combinação faria com que o caso subitamente se revelasse. Caso contrário, o segredo se manteria resolutamente fechado, por mais que se martelasse nele.

Houvera um desdobramento interessante. Muito interessante. De volta a Jerusalém, preso no engarrafamento que sempre parecia se formar diante dos faróis de Sderot Ben Tsvi, recebeu uma ligação de Dov Zisky. As companhias de telefonia fixa, celular e e-mail de Kleinberg haviam respondido logo cedo. Todas, aparentemente, com a mesma história. Não tinham como fornecer uma discriminação das chamadas e mensagens da vítima dos últimos dois trimestres, pois os registros estavam em branco. Antes disso, tudo estava registrado e listado normalmente. Desde o início do ano, no entanto, todos os dados de suas comunicações pareciam ter sido limpos. Estavam investigando, mas, nesse estágio, as únicas explicações que podiam oferecer eram um erro do computador da parte deles — o que parecia uma coincidência impossível, três sistemas defeituosos e Rivka Kleinberg a única cliente afetada — ou, mais provavelmente, que alguém invadira suas redes e alterara a conta dela.

— Conversei com um amigo meu — disse Zisky. — Ele trabalha com cibersegurança. Ele disse que as empresas de comunicação geralmente não pisam na bola em questões de segurança de rede. Não são fáceis de invadir. Isso foi alguém que sabia o que estava fazendo.

O que aponta para duas possibilidades imediatas. Os crimes de computador em Israel, assim como em qualquer outra área do crime organizado, eram dominados pela *Russkaya Mafiya*. A mesma *Russkaya Mafiya* que tinha, de acordo com seu amigo jornalista,

Natan Tirat, feito uma ameaça de morte específica contra Kleinberg alguns anos antes. E o grupo anticapitalista do artigo do *Jerusalem Post* que ele lera ontem, a Agenda Nêmesis, aparentemente também se dedicara a invadir alguns computadores. Coincidência? Conexão?

Seria preciso cavar mais fundo. Bem mais fundo. Mas isso teria que esperar. Naquela manhã, queria se concentrar no jornalismo de Kleinberg. A investigação tinha apenas uns dois dias e ele já se sentia boiando numa sopa de informações desconexas. Agora era o momento de dar atenção aos detalhes. Começando por separar cada fio da meada. Ele acelerou até passar dos 120 km/h, enquanto “Empire State of Mind” dava lugar para a batida mais insistente e embalada de “Sympathy for the Devil”, dos Stones. Uma das músicas favoritas *dele*. Jerusalém desapareceu lá para trás, o verde contínuo da planície costeira se abriu à frente. Era bom seguir para o oeste.

* * *

O antigo porto palestino de Jaffa — *Urs al-Bahr*, a Noiva do Mar — ocupa um promontório em forma de vírgula na extremidade sul do litoral de Tel-Aviv. Um dia, uma cidade por si só fora engolida pela expansão urbana do norte, a população árabe foi empurrada para os subúrbios de Ajami e Jabaliya, os prédios decadentes das eras otomanas e do mandato britânico ocupados pelos novos proprietários israelenses.

O escritório do *Matzpun ha-Am* ficava num desses prédios: um sobrado decadente em Rehov Olei Tsyon, plantado no meio do mercado de pulgas de Shuk ha-Pishpeshim.

Chegando lá pouco antes do meio-dia, Ben-Roi estacionou na esquina e colocou as placas vermelhas com o número de identificação policial para que o Toyota não fosse multado. Seguiu então pelo meio do aglomerado de barracas coloridas de antiguidades, tecidos, bricabraque e *falafel* até a entrada do prédio. Mordechai Yaron apertou o botão da tranca elétrica para ele entrar.

— Foi fácil chegar? — perguntou do alto do patamar, enquanto Ben-Roi subia a escada.

— Sem problemas. Eu morava em Tel-Aviv. Vinha bastante para esses lados. Não mudou nada.

— acredite, os aluguéis mudaram. O Irgun fez com os árabes o que os proprietários estão fazendo com a gente. Mais um aumento e seremos todos despejados.

Ben-Roi chegou ao patamar e os dois homens apertaram as mãos. Baixo e careca, com orelhas de abano e uma testa alta e redonda, emoldurada por tufo grisalho, o editor era incrivelmente parecido com David Ben-Gurion. Ou seria, se não fossem as roupas: sandálias, bermudas largas e uma camiseta do Gush Shalom. Um hippie velho, não um patriarca fundador.

— Aceita um café? — perguntou, indicando a porta do escritório para Ben-Roi. — Ou algo mais forte?

— Café está ótimo.

Yaron lhe indicou uma poltrona e se ocupou com uma chaleira. A sala cheirava a fumo de cachimbo velho e era apertada e confusa: chão de tábuas corridas, mesa, prateleiras, uma velha copiadora num canto. As janelas abertas davam para o norte, para o estádio de futebol de Bloomfield e para os arranha-céus do centro de Tel-Aviv, as paredes eram decoradas com cartazes emoldurados de divulgação de, entre outras coisas, um comício Hadash, uma vigília por Mordechai Vanunu e uma apresentação da peça de Shmuel Hasfari, *Hametz*.

— Ela está em todos os jornais — disse Yaron, enfático, enquanto colocava o café numa caneca, de costas para Ben-Roi. — Nas páginas internas. Você imaginaria que o assassinato de uma das melhores jornalistas deste país seria manchete, mas, aparentemente, a vida sexual do prefeito de Jerusalém é mais importante.

Ben-Roi não tinha visto os jornais. Parece que seus temores de um frenesi da imprensa eram infundados. Ao menos por enquanto.

— O *Ha'aretz* fez um belo obituário — acrescentou o velho. — O que era o mínimo que podiam fazer diante das inúmeras exclusivas que ela conseguiu para eles. Pobre Rivka. Que coisa horrível. Ainda não consigo acreditar. Ele suspirou e balançou a cabeça. — Era uma

boa mulher. Difícil de trabalhar, mas uma boa mulher. E uma senhora jornalista. *Zikhrona livrakha*.

A chaleira ferveu — já devia estar quente, pois estava ligada há menos de um minuto — e Yaron encheu a caneca. — Acho que não tenho leite.

— Açúcar?

— Isso eu consigo.

— Duas colheres, por favor.

Yaron colocou duas colheres cheias e entregou o café para Ben-Roi, junto com um exemplar da *Matzpun ha-Am*.

— A edição deste mês — disse ele. — Só para você ter uma ideia do que estávamos fazendo, tem uma matéria de Rivka sobre o colapso da esquerda israelense. Você não vai ler uma análise melhor do que essa sobre os motivos para este país estar politicamente fodido.

Ele deu a volta na mesa e se sentou. Ben-Roi olhou a capa da revista. Era um contorno do mapa de Israel feito de forma a deixar o país parecido com um funil, com a abertura na extremidade sul. Um amontoado de palavras — Labor, Meretz, Paz Agora, Pluralismo, Tolerância, Democracia, Sanidade — escorria pelo funil para dentro de uma grande lata de lixo. A manchete dizia: "A esperança vai para o Sul."

— Bela imagem, não acha? Eu mesmo desenhei.

— Certamente... Provocativa.

— Você se interessa por política?

Ben-Roi deu de ombros. Algumas vezes sim; outras, não. Hoje não, certamente. O editor percebeu sua expressão e não levou o assunto adiante.

— A esquerda está morta — foi tudo o que disse. — Morta desde que convidamos um milhão dos malditos russos para *aliya*. Puxaram o país para a extrema-direita a tal ponto que até mesmo Ze'ev Jabotinsky deve estar dando voltas na sepultura.

Soltou um tsc-tsc de desaprovação, pegou o cachimbo e começou a enchê-lo com tabaco de um saquinho de couro surrado.

— De qualquer modo, é assim que as coisas são. Por favor, diga-me em que posso ajudar.

Ben-Roi deu um gole no café, que tinha gosto de água suja açucarada, e ajeitou a cadeira para olhar diretamente para Yaron.

— Quero saber sobre o jornalismo da senhora Kleinberg — começou, colocando a revista no chão e abrindo o caderno. — Quando conversamos ontem, o senhor disse que ela estava escrevendo sobre prostituição.

— Prostituição *forçada* — Corrigiu Yaron. — Tráfico sexual. Há uma diferença. Embora eu conheça muita gente que considera toda a prostituição como coerção, certamente do ponto de vista econômico.

— Você sabe os detalhes? — perguntou Ben-Roi. — O que exatamente ela estava escrevendo?

— Bem, a ideia original era usar o tráfico como via para uma polêmica mais ampla — disse Yaron, pressionando mais fumo no cachimbo e apertando com o polegar. — A situação nacional, escravidão sexual como metáfora da desintegração moral da sociedade israelense. Mas Rivka, sendo Rivka, logo deixou isso de lado.

Ele pegou um isqueiro e o passou por cima do forninho, os lábios emitindo estalos secos enquanto ele puxava o ar para acender a brasa, o rosto momentaneamente encoberto por um véu de fumaça cinza azulada.

— Primeiro ela resolveu se concentrar mais no aspecto humano — disse ele. — Perder o contexto sociopolítico mais amplo e se concentrar nas mulheres. Dar a elas uma voz. Deixar que contassem suas próprias histórias. Depois, a coisa começou a se transformar numa grande investigação sobre a mecânica real do tráfico: como está organizado, como as mulheres são levadas de um lugar para outro, quem toma conta da indústria. Era para ter apenas umas mil palavras, mas começou a crescer e a crescer, e o prazo a se estender.

Ele balançou a cabeça, abanando com a mão para desfazer a fumaça.

— Típico de Rivka. Lembro bem dela no início da carreira, quando trabalhávamos para uma pequena revista de arte em Haifa — foi como nos conhecemos, aliás, nos anos setenta — e ela foi

enviada para escrever sobre as tecelãs de Druze. Acabou escrevendo quatro mil palavras sobre Golda Meir e a traição do feminismo judeu.

Ele sorriu e tragou o cachimbo mais uma vez.

— Ela era assim mesmo. Sempre saindo pela tangente. E pelas tangentes das tangentes. Uma ideia levava a outra, e a gente acabava com um artigo com semanas de atraso, sem qualquer semelhança com a ideia original. Foi por isso que recebeu o cartão vermelho do *Ha'aretz*.

— Um contato me disse que foi porque ela ficou um pouco — Ben-Roi consultou suas anotações, procurando as palavras exatas de Tirat — obsessiva por conspirações. Paranoica.

Yaron resmungou.

— Do jeito que vai esse país, ela tinha razão para ficar assim. Na minha experiência, quando Rivka via fumaça, havia fogo, e geralmente, em algum lugar não muito longe.

Ele deixou a cabeça cair para trás, juntou os lábios e soprou um anel de fumaça. Do lado de fora, alguém gritava: “*Shkadim!* Amêndoas!”, repetidamente, um vendedor de rua querendo atrair clientes.

— Ela era difícil — disse Yaron após uma pausa. — Cada vez mais, com a idade. Irritante, às vezes, especialmente se estivéssemos editando seu texto. Mas era uma jornalista danada de boa. Era só saber levá-la. O que basicamente significava deixar que seguisse em frente e cruzar os dedos para que ela entregasse alguma coisa no final. O que, para falar a verdade, ela sempre fazia.

— E você não sabe os detalhes? — disse Ben-Roi, repetindo a pergunta feita pouco antes, trazendo a conversa de volta para o artigo de Kleinberg. — O que *exatamente* ela estava escrevendo? Com quem ela estava falando?

— Sei que ela fez algumas entrevistas em Petah Tikvah. Tem um abrigo lá para meninas vítimas do tráfico. O único do tipo no país, aparentemente. Mais do que isso... — Ele deu de ombros. — Como eu disse, costumava apenas deixar ela ir em frente.

— Você sabe o nome do abrigo?

— Hofesh, eu acho. Isso, Hofesh. O Abrigo da Liberdade.

Ben-Roi tomou nota.

— A senhora Kleinberg confidenciou se tinha recebido alguma ameaça por causa desse artigo? Se estava correndo algum perigo?

— Não que ela tivesse me dito — disse Yaron. — Mas ela não me contava muita coisa. Costumava jogar escondendo muito bem as cartas.

— Ela já tinha recebido *alguma* ameaça?

Ele soltou uma risada sem graça.

— Provavelmente receberia se alguém de fato lesse a revista. Antes de atirarem em Rabin, vendíamos cento e oitenta mil exemplares por mês. Agora, caímos para dois mil. Não saem nem de graça. Ninguém mais está interessado. Que a esquerda descanse em paz. Que todo esse maldito país descanse em paz.

Deu uma tragada profunda do cachimbo, soltando melancólicos fios espiralados de fumaça pelos cantos da boca. Lá fora, os gritos do vendedor de amêndoas haviam se somado aos de alguém vendendo uvas e tâmaras: "*Anavim! Tamar!*" Ben-Roi sorveu o café, que ficava com o gosto menos ruim à medida que bebia.

— Quando você viu a senhora Kleinberg pela última vez? — perguntou.

— *Vi* há umas seis semanas. Ela veio a Tel-Aviv e almoçamos juntos. Um pequeno restaurante palestino lá em Dakar. Belo lugar. *Falei* com ela pela última vez há oito dias, quando me ligou para pedir outra prorrogação do prazo. Disse que tinha achado algo interessante e precisava de mais tempo para dar uma olhada.

Os olhos de Ben-Roi se estreitaram.

— Ela disse o que era?

— Bem, geralmente quando Rivka dizia ter achado algo interessante era uma abreviação para "eu estou prestes a transformar o artigo em algo completamente diferente". Eu teria perguntando mais alguma coisa, mas nossa filha tinha acabado de entrar em trabalho de parto e eu tinha outras coisas em mente. Obviamente, se eu soubesse que era a última vez que falaria com ela, teria dado um pouco mais de atenção.

Ele suspirou, ergueu o isqueiro e começou a passar a chama sobre o forninho do cachimbo novamente. Ben-Roi conferiu suas anotações. Estava pensando nos artigos dos jornais que Kleinberg

estivera pesquisando seis dias antes do assassinato. Apontavam para outra direção.

— A palavra *vosgi* significa alguma coisa para você? — perguntou. — Significa ouro, em armênio.

Yaron ponderou e, em seguida, balançou a cabeça.

— Barren Corporation?

— Já ouvi o nome. Uma multinacional americana, não é?

— A senhora Kleinberg parecia estar interessada nela. Numa mina de ouro que estavam operando na Romênia.

Yaron levantou as sobrancelhas. Claramente, aquilo era novo para ele.

— Ela mencionou alguma coisa sobre ouro ou mineração de ouro?

— Não que eu me lembre.

— E sobre o Egito? Na noite em que ela morreu, tinha uma reserva em um voo para Alexandria.

Novamente, as sobrancelhas do editor se ergueram com a surpresa.

— Certamente ela não comentou nada comigo. Ela escreveu uma matéria sobre túneis de contrabandistas há algum tempo. Palestinos furando o bloqueio de Gaza, levando suprimentos do Sinai. Mas isso tem mais de um ano.

— Ela poderia estar indo para lá a passeio?

— Rivka? Para o Egito? Sinceramente, duvido muito. Não era o tipo que tirava férias. E, de qualquer maneira, nunca teve dinheiro.

Ben-Roi bateu com a caneta no caderno.

— Samuel Pinsker? — arriscou. — Já ouviu falar dele?

— Já ouvi falar de Leon Pinsker. O sionista do século dezenove?

— *Samuel* Pinsker. Um engenheiro de mineração britânico.

— Esse eu não conheço.

— E a comunidade armênia? Ela mencionou isso alguma vez?

— Não.

— O complexo armênio? A Catedral de São Tiago?

— Não e não.

— E o movimento anticapitalista? Interessava a ela?

Yaron lhe lançou um olhar que dizia: “Você está perguntando isso a sério?”

— Claro que sim. Interessa a todos nós. O capitalismo fodeu com o mundo. Como alguém pode não ser contra um sistema que deixa dois bilhões e meio de pessoas vivendo com menos de dois dólares por dia e concentra oitenta e cinco por cento da riqueza mundial...

— A Agenda Nêmesis? — interrompeu Ben-Roi, sem querer ser arrastado para uma palestra sobre política. — Esse nome apareceu alguma vez? São um grupo anticapitalista, invadem escritórios, *hackers* de...

— Computadores — completou Yaron, cortando Ben-Roi por sua vez. — Sim, conheço eles. Fez uma pausa, examinando o cachimbo, e acrescentou: — E sim, o nome já apareceu.

Ben-Roi chegou para a frente. Finalmente, um acerto.

— Recentemente?

Yaron balançou a cabeça.

— Dois, três anos atrás, quando Rivka começou a escrever para nós. Ela sugeriu uma matéria sobre eles. Disse que tinha uma pessoa dentro do grupo que seria capaz de qualquer coisa para conseguir uma entrevista com alguém de lá. O que seria um tremendo furo, pois até onde eu sabia, nunca ninguém conseguira que um deles falasse com a imprensa.

Ele relaxou por um momento. Então, inclinando-se para frente, digitou alguma coisa no laptop Toshiba que estava em cima da mesa, ao lado dele, os dedos gorduchos e enrugados batucando ruidosamente no teclado com surpreendente velocidade e destreza. Quando acabou, virou a tela e chamou Ben-Roi para dar uma olhada.

— Uma turma interessante — disse enquanto o detetive se levantava para se aproximar. — Um tipo de site extremista de denúncias. Wikileaks com ameaças. Eles certamente causaram um impacto. As multinacionais estão se borrando, aparentemente.

Ben-Roi apoiou as mãos sobre a mesa e se inclinou, olhando para a tela. Mostrava a *homepage* de um site chamado www.thenemesisagenda.org. Mais funcional do que elegante,

começava com a manchete: “A Agenda Nêmesis — Trabalhando para expor os crimes do capitalismo global.” O A de “Agenda” fora estilizando para se parecer com um crânio. Havia um endereço de e-mail — Tellus@nemesisagenda — uma barra de menu com opções como: Alvos, Arquivo, Vídeo, Notícias, Ações, Quem somos?, e diversas imagens em preto e branco de paisagens devastadas, crianças emaciadas, corpos cobertos de cicatrizes e mulheres chorando. O centro da página mostrava um vídeo pausado no rosto inchado de um homem vestindo um roupão ensanguentado. O título dizia: “Confissão sobre o Congo de Monsieur Semblaire.”

Ben-Roi olhou tudo de relance. Em seguida, arrastou o cursor até “Quem Somos ?” e clicou. Uma nova página foi carregada, em branco a não ser por cinco palavras: *Você não gostaria de saber*. Mal teve tempo de ler a frase antes que as letras se transformassem em labaredas. Houve um estalar intenso, e a tela brilhou, vermelha, antes de voltar abruptamente para a página inicial. Ele olhou para cima. Os olhos de Yaron brilhavam maliciosamente.

— Os tempos certamente estão mudando — riu. — No meu tempo, quando alguém queria protestar, fazia uma marcha ou distribuía alguns folhetos. Podia fazer alguma ocupação, ou pichar alguns muros, se estivesse realmente revoltado. Essas pessoas são mais como o Mossad. Eles entram nos escritórios fazendo rapel, invadem os computadores, interrogam executivos com uma arma apontada, filmam tudo e publicam na web. Radicalismo do século XXI.

Ele colocou o cachimbo no cinzeiro e se reclinou.

— E que bom para eles, eu acho. Essas multinacionais se livram de assassinato. Literalmente. Elas roubam, exploram, despejam, poluem, enganam, sonegam, até mesmo se associam a alguns dos regimes mais grotescos do planeta. Não há nada que não façam pelo lucro, não existe abuso que seja excessivamente imoral, nenhum truque é muito sujo. E como a maior parte disso ocorre em países demasiadamente fracos, pobres ou corruptos para enfrentá-los, essas empresas jamais são responsabilizadas. Mas no momento em que seus pequenos segredos sujos são expostos na internet... — ele acenou com a mão para o laptop. — A web não é apenas a

grande democratizadora do nosso tempo, é o grande tribunal da justiça. A informação é captada pelo público e se torna... Qual é a palavra... Virulenta?

— Viral.

Exatamente. De repente o mundo inteiro sabe o que estão fazendo, e as portas do inferno se abrem. Seus escritórios sofrem piquetes, os executivos são assediados, os sistemas de computador são tomados por outros *hackers*, e sua imagem entra em queda livre, fazendo com que suas ações despenquem... Balançou a cabeça, satisfeito. — Nunca fui muito simpático aos linchamentos, mas não dá para não sentir um certo prazer quando vemos os bastardos provando um pouco do próprio veneno. O nome diz tudo, Nêmesis, Deusa da Vingança. Dê uma olhada no site. Ele fala por si.

Pegou o cachimbo de volta e o sugou para reavivá-lo. Ben-Roi estava olhando para o homem com cara inchada no vídeo, perguntando-se como é que qualquer daquelas coisas se encaixava com o assassinato de Rivka Kleinberg.

— É um grupo israelense? — perguntou.

— Na minha opinião, eles têm células diferentes em países diferentes. É assim que esse tipo de organização costuma trabalhar — um coletivo solto, em vez de uma única entidade homogênea. Para ser honesto, não sei muito sobre eles. Acho que ninguém sabe. Por isso seria um tremendo golpe conseguir uma entrevista com um de seus membros. Ou teria sido, se realmente acontecesse.

— Não foi publicado?

— O contato de Rivka deu pra trás no último minuto. Estava tudo pronto, aparentemente, mas quando ela foi fazer a entrevista... — ele fez um movimento de corte com a mão. — Devo confessar que uma parte de mim estava em dúvida se ela realmente tinha um contato. Quero dizer, esse pessoal da Nêmesis nunca falou com ninguém. Então por que diabos resolveriam se abrir de uma hora para outra para uma publicação sem circulação como a nossa?

Ele soprou outro anel de fumaça e cruzou os braços.

— Ela não admitiria isso, mas a demissão do *Ha'aretz* realmente abateu Rivka, derrubou sua confiança. Me passou pela cabeça o pensamento de que talvez ela estivesse apenas tentando... Sabe?

Tentando provar que ainda tinha o dom. Que ainda conseguiria as grandes matérias. Não tinha que provar nada para *mim*, mas talvez precisasse para si mesma... — Ele deu de ombros. — Quem sabe? Talvez eu esteja sendo injusto. Ela certamente não cantava e dançava sobre essas coisas. Disse apenas que tinha alguém dentro do grupo que talvez conseguisse uma entrevista, mas quando foi para a entrevista em Mitzpe Ramon...

Ben-Roi começara a deixar de prestar atenção. Mas, com a menção de Mitzpe Ramon, levantou a cabeça num pulo. O destino da passagem de ônibus que Kleinberg tinha usado quatro dias antes do assassinato. Pela primeira vez desde que iniciara a entrevista, sentiu uma descarga de adrenalina. O sinal de alarme que sempre sentia quando achava ter encontrado algum rastro.

— Você sabe quem era esse contato? — perguntou, inclinándose sobre a mesa.

— Lembro de Rivka dizendo que era algum velho amigo — respondeu Yaron, os olhos registrando a surpresa com a súbita urgência na voz de Ben-Roi. — Fora isso... — Deu de ombros, desanimado. — Rivka era notória por proteger suas fontes. Tudo o que sei é que ela percorreu todo o caminho até o Neguev apenas para o contato dizer a ela que não queria fazer a entrevista afinal. E assim o assunto foi encerrado.

A mente de Ben-Roi estalava, como uma central telefônica tentando fazer conexões.

— A senhora Kleinberg mencionou essa pessoa recentemente?

— Para mim não. Por quê?

Ben-Roi contou-lhe sobre a passagem de ônibus. Yaron não tinha qualquer explicação.

— Alguma ideia de por que ela tentaria entrar em contato com eles novamente?

— A menor.

— Ela conhecia alguma outra pessoa em Mitzpe Ramon?

— Só Deus sabe. Acho que não. Mas, enfim, ela não me contava tudo.

— E sobre a Agenda Nêmesis? Ela voltou a falar deles?

Yaron balançou a cabeça.

— Ela comentou alguma coisa sobre eles terem invadido um escritório em Tel-Aviv?

A cabeça voltou a balançar

— Barren Corporation?

O balanço prosseguiu.

Ben-Roi forçou e forçou, cercou todo o assunto tentando obter algum gancho. O editor nada tinha a acrescentar ao que já dissera e, no final, Ben-Roi foi forçado a deixar o assunto morrer. Era importante, ele podia sentir, outro elemento crucial para decifrar o enigma do assassinato de Rivka Kleinberg. Infelizmente, como em todos os elementos cruciais aos quais chegara até então, não o deixava nem um pouco mais perto de compreender, que dirá de resolver o caso. Pelo contrário, parecia apenas adicionar mais uma camada de complexidade a um algoritmo já extremamente difícil. Três anos atrás Rivka Kleinberg estivera interessada na Agenda Nêmesis. E agora, poucos dias antes de ser assassinada, o grupo subitamente voltava a aparecer no radar dela novamente. Isso era tudo o que ele podia então afirmar. O que não era muito, na verdade.

Os dois continuaram a conversar por mais trinta minutos, mas nada mais de uso óbvio surgiu e, por fim, Ben-Roi encerrou os trabalhos e concluiu a entrevista. Yaron voltou a consultar a internet e descobriu o telefone do Abrigo Hofesh. Depois, após enfiar uma dúzia de exemplares da revista numa bolsa plástica e presentear Ben-Roi, acompanhou o detetive pela escada, até a rua.

— É engraçado — disse ele enquanto desciam — mas conversar com você me fez perceber como eu conhecia pouco a Rivka. Éramos amigos há quarenta anos e ainda existem partes inteiras de sua vida que me são completamente desconhecidas. Ela tinha as coisas todas compartimentadas. Tinha o mundo distribuído em diferentes caixas e mantinha todas as caixas separadas. Eu estava na caixa de jornalismo e política. Se você quiser saber a opinião dela sobre os acordos de Oslo, o Kadima, Peres, Netanyahu, posso lhe dizer. Mas havia um outro lado dela com o qual eu nunca tive contato. Sabe, em todos esses anos, jamais vi o interior da casa dela. — Ele

balançou a cabeça. — Talvez eu não fosse um amigo tão íntimo como achava que fosse.

Chegaram ao térreo e Yaron abriu a porta da frente.

— Se você estiver interessado em uma assinatura, posso fazer um bom preço — disse ele.

— Voltaremos a nos falar — disse Ben-Roi. — No momento, tenho outras coisas...

— É claro, é claro. Não estou tentando te converter. Apenas que se engaje. Ninguém mais nesse país parece se engajar com nada. É como se tivéssemos perdido a vontade de pensar.

Apertaram as mãos e Ben-Roi saiu para a rua. Estava prestes a partir quando Yaron estendeu a mão e o pegou pelo braço.

— Rivka era uma boa pessoa, detetive. Podia ser terrível quando ficava de mau humor, mas, no fundo, era uma boa pessoa. A justiça significava muito para ela, defendia o mais fraco, ajudava as pessoas em dificuldades. Podia te xingar com todos os palavrões sob o sol se você mudasse uma única palavra de seu texto e depois esvaziava a bolsa para qualquer mendigo viciado em *crack* que encontrasse na rua. Ela tinha uma empatia instintiva pelas pessoas que estivessem sofrendo. Provavelmente porque ela mesma sofria muito. Ela se preocupava. Realmente se preocupava. Por favor, faça tudo o que puder por ela.

Fixou os olhos de Ben-Roi por um momento e, com um aceno de cabeça, soltou o braço dele e desapareceu de volta para dentro do prédio. Ben-Roi começou a andar. Caminhou por algumas centenas de metros e jogou as revistas numa lixeira. O engajamento teria que esperar. Tinha um assassinato para resolver.

LUXOR

— Ah, não me foda a paciência, Khalifa. Poupe-me de mais uma dessas suas teorias da conspiração de merda. Você é um sonhador, sempre foi, sempre será! Uma porra de um sonhador!

Era isso o que o inspetor chefe Abdul ibn-Hassani teria dito há não muito tempo se Khalifa aparecesse diante dele com notícias sobre um plano para expulsar os coptas do Deserto do Leste.

Os dois nunca tinham se entendido, desde que Khalifa fora transferido para Luxor. Um homem ranzinza, truculento e sem imaginação, o chefe jamais confiara na abordagem mais livre do subordinado em relação ao trabalho policial, em sua disposição para seguir mais o instinto do que as regras escritas. Por sua vez, Khalifa sempre se irritara com a presunção do chefe de que a maneira de conseguir o melhor de seus homens era pela intimidação e pelo grito, com sua obsessão pelos procedimentos e, acima de tudo, com o fato de que suas prioridades pareciam ser menos a resolução real dos casos do que garantir que fossem resolvidos estritamente conforme o manual da polícia egípcia.

Não era uma avaliação inteiramente justa — apesar de toda a sua obtusidade, Hassani reconhecia um bom detetive quando via um, e, apesar da relutância, acabou dando bastante liberdade para Khalifa ao longo dos anos. Mesmo assim, o relacionamento jamais fora confortável e, se alguma coisa com certeza deixava o chefe contrariado, era ele ter que ouvir os discursos exagerados do subalterno sobre contos de conspiração e intrigas. Uma reprimenda completa acompanhada de uma homilia sobre a necessidade de se ater aos fatos e controlar a imaginação era a reação usual, desdobrando-se numa explosão total caso Khalifa se recusasse a deixar o assunto de lado.

Tinha sido assim até então. Ultimamente, desde que voltara da licença, Khalifa percebera uma suavidade diferente nos modos de Hassani. Estava controlando o temperamento, não falava mais

palavrões — o que sempre fora parte de qualquer encontro verbal entre os dois — e até mesmo passara a chamá-lo de Yusuf, uma maneira estranhamente informal de tratamento, em geral reservada para a pequena corte de puxa-sacos e favoritos do chefe.

Isso tudo, apesar das inquestionáveis boas intenções, servia apenas para aumentar a sensação de deslocamento de Khalifa. De que as coisas não estavam como deveriam. Como o velho apartamento, como sua amada Luxor antes de abrirem uma trincheira de três quilômetros pelo meio dela, como a risada de Zenab, sua esposa, a beligerância mal-humorada do chefe Hassani sempre fora uma das constantes em sua existência. E agora, justo quando precisava de seu efeito confortador, essas constantes pareciam ter se evaporado, deixando-o exposto e desconcertado.

Sentando no escritório de Hassani naquela tarde, relatando a história sobre os poços envenenados, uma parte dele clamava por uma volta do chefe ao velho estilo, lançando-se em uma de suas longas diatribes sobre “você é uma porra de um sonhador, Khalifa”. Em vez disso, ele ouviu pacientemente, ainda que um pouco inquieto, enquanto Khalifa descrevia a situação. Então, em vez de bater com o punho na mesa e dizer que ele era um idiota sem noção, sentou-se, tamborilando com os dedos gorduchos na beira da mesa e projetou o queixo para a frente, como costumava fazer quando tentava transmitir a impressão de estar mergulhado em profunda reflexão.

- Interessante — disse. — Muito interessante.
- Sei que os incidentes estão muito distantes — disse Khalifa.
- Ou pelo menos o mosteiro fica muito longe das duas fazendas.
- Quarenta quilômetros, não é?
- Provavelmente mais para trinta.
- E as oliveiras morreram?...
- Há três ou quatro anos. Sei que tudo parece um pouco vago, mas mesmo assim... Três poços coptas envenenados, os três *praticamente* na mesma região. Parece sugerir... parece haver algum...

Deixou a frase em suspenso, esperando que Hassani soltasse algum comentário. Não disse nada, apenas ficou sentado, em

silêncio, os dedos batucando, o queixo para a frente, as sobrelanceiras — grossas e peludas, encontrando-se como trens em colisão — franzidas numa expressão de expectativa. No passado, o hábito do chefe de disparar suas opiniões logo após ele apresentar as dele só servira para assegurar Khalifa de que provavelmente estava certo. Numa desconcertante inversão das práticas usuais, o silêncio de Hassani agora o deixava inseguro, perguntando-se se estava vendo coisas demais na situação.

— Apenas achei estranho — disse, deixando escapar um tom de dúvida na voz. — Mais do que uma coincidência. O abastecimento de água em Bir Hashfa, a aldeia perto da fazenda Attia, que não foi afetado. Apenas os três poços copta.

Hassani juntou as mãos e inclinou ligeiramente a cabeça para um lado, o rosto emoldurado por uma sombra retangular na parede atrás dele, onde antes estivera pendurada uma foto de Hosni Mubarak. Ele a tirara de lá no momento em que ficou claro que o presidente era carta fora do baralho. Apesar da constituição maciça, o chefe sempre seguia os ventos da situação.

— É claro que, a rigor, nenhum desses lugares está dentro de nossa jurisdição direta — disse ele, após ficar em silêncio. — Certamente, não Deir el-Limoon.

— Zeitun — corrigiu Khalifa.

— Exatamente. Mas vamos deixar isso de lado no momento. Ele deu um empurrão teatral com a mão, como se tirasse algo do caminho. — E vamos também deixar de lado o fato de que os poços, às vezes, se estragam espontaneamente. Acontece, não é mesmo? Não se estragam por vontade própria?

Khalifa reconheceu que isso era um fato conhecido.

— O que você está sugerindo é que alguém está circulando pelo Deserto do Leste e deliberadamente envenenando os poços coptas.

Khalifa concordou.

— Ou melhor, que há quatro anos envenenaram um poço e agora, nos últimos dois meses, envenenaram mais dois.

Khalifa concordou com a cabeça novamente, com um pouco menos de convicção.

— Sei que tudo parece um pouco vago — repetiu ele.

Hassani sorriu e balançou a cabeça, como se dissesse: “Nem um pouco.” A expressão era forçada e seus olhos o entregavam. Os olhos diziam: *Você está coberto de razão, é vago.*

— Então, quem você acha que podem ser esses misteriosos envenenadores de poços? — perguntou ele, a voz subindo levemente enquanto se esforçava para manter um tom razoável.

Khalifa pegou o cigarro. Ele não abriu o maço, apenas o virou nas mãos.

— No começo, achei que poderia ser alguém de Bir Hashfa — disse ele. — Certamente, são esses que o senhor Attia acha que são os culpados. Mas com o mosteiro tão longe — ele girou o maço algumas vezes — a Irmandade Muçulmana, talvez.

— No meio do Deserto do Leste! — Hassani elevou a voz e depois baixou o tom novamente, retomando o controle. — Tenha dó, Khalifa... Yusuf... Os rapazes da irmandade são da cidade. Ratos de periferia.

— Salafistas, então. Eles são de fora da cidade.

Hassani não parecia nem um pouco convencido.

— Bem, *alguém* brandindo o machado religioso — disse Khalifa. — Não vejo nenhuma outra explicação possível. Se os afetados fossem apenas o senhor Attia e o primo, poderia ser uma briga local ou uma *vendetta* de família. Mas quando a gente pensa no mosteiro... Que outro motivo haveria para alguém viajar centenas de quilômetros para o meio do nada e envenenar uma fonte usada apenas por meia dúzia de monges? É fanatismo, só pode ser. Isso, ou algum maluco cuja viagem seja circular pelo deserto envenenando poços ao acaso, apenas por diversão.

— Ou os poços se estragaram sozinhos e o fato de serem coptas foi apenas coincidência.

Khalifa girou o maço mais algumas vezes e depois o colocou de volta no bolso, sem pegar nenhum cigarro. Sentia-se subitamente confuso. Não tinha mais muita certeza dos próprios pensamentos. — Apenas tenho a sensação de que tem alguma coisa errada — ele murmurou sem convicção. — De que alguma coisa está acontecendo e devemos dar uma olhada.

Poucas coisas irritavam Hassani mais do que ouvir alguém dizer que tinha uma sensação sobre alguma coisa. “Mulheres e bichas têm sensações, policiais usam pistas”, era uma de suas asserções mais frequentes. A seu favor, não a usou daquela vez, apesar de a contração da boca sugerir que era o que ele adoraria ter dito. Em vez disso, levantou-se e foi até a janela.

Seu escritório — a cobertura, como o chamavam — ficava no último andar da delegacia, um espaço que mais parecia um palácio, com piso de mármore e onde tudo parecia diminuir. Quando se mudaram para lá, seis meses antes, as janelas ofereciam uma vista espetacular da cidade até o Nilo, com o maciço tebano ao fundo. Isso foi antes de o prédio do Ministério do Interior, que ficava nos fundos, decidir ganhar mais dois andares. Agora, ao olhar para fora, o chefe Hassani se deparava com uma parede lisa de concreto pontilhada por aparelhos de ar-condicionado. Uma mente mais estética provavelmente ficaria decepcionada. Hassani mal notara. Um cenário bonito nunca o interessara muito.

Ele olhou para fora, para a não paisagem, de costas para Khalifa, as costuras do casaco parecendo esticar com a pressão dos ombros largos de lutador. Então, estalando os dedos, virou-se.

— Eu vou ser honesto, Khalifa... Yusuf... Essa não é a melhor hora para me trazer um assunto desses. Não estou dizendo que você está errado por vir falar comigo ou que suas preocupações não sejam válidas. Mas é que estamos com a mesa cheia no momento e não precisamos de mais um bando de fanáticos religiosos para estragar a nossa sopa.

Por um breve momento, ele contraiu os olhos, baixou a cabeça, imaginando se a metáfora da sopa funcionara ou não. Concedeu o benefício da dúvida e deu mais um passo para a frente, apontando com o polegar para a janela atrás dele, por cima do ombro.

— Essa história com o novo centro de visitantes do museu do Vale dos Reis, menos de quinze dias para a cerimônia de inauguração... Vou te contar, está tomando um bocado de recursos. Recursos *demais*. O ministro está vindo, o embaixador americano, o presidente da empresa que financiou a porcaria. Tenho que cuidar do transporte de quarenta e nove dignatários do aeroporto para a

margem ocidental e garantir a segurança deles enquanto estiverem lá. Sabe de quantos homens eu vou precisar para fechar e cercar o vale inteiro? Centenas! Atiradores de elite, forças especiais, polícia, exército...

Uma pequena veia verde começou a pulsar sob seu olho direito, um sinal inequívoco de que começava a se enervar. Com um considerável esforço de vontade, conseguiu se controlar, levantando e abaixando as mãos, como se empurrasse para baixo uma maré crescente de pânico e fúria.

— O que estou dizendo é que estamos sob muita pressão e talvez não seja o melhor momento para iniciar uma investigação em grande escala sobre um par de poços que pode ou não estar dentro de nossa jurisdição, que pode ou não ter sido envenenado por alguém, que pode ou não ser um maluco fundamentalista. Vê aonde quero chegar? Em qualquer outro momento, eu ficaria feliz em acomodar suas inquietações, mas neste exato momento...

Ele se calou e suavemente massageou a veia pulsante. Khalifa olhou para o chão. Nos velhos tempos, se suspeitasse de alguma coisa, ele se manteria firme, defendendo o ponto com Hassani até conseguir o que queria. Hoje, não conseguia reunir a energia ou a convicção de que de fato ele *tinha* algo. Talvez o chefe estivesse certo. Talvez os poços realmente tenham se estragado por causas naturais e o fato de todos serem coptas fosse apenas uma coincidência. Talvez o sentimento de pena pelo senhor Attia pudesse ter anuviado seu julgamento. Ele costumava ter certeza de seus instintos. Agora, não tinha mais certeza de nada. Não pela primeira vez nos últimos meses, foi acometido pelo pensamento de que não era metade do detetive que costumava ser. Nem sequer um quarto do detetive.

— Podemos ao menos colocar uma dupla de guardas uniformizados na fazenda de Attia? — perguntou, voltando a pegar o maço de cigarros e a girá-lo na mão. — Apenas para ficar de olho nas coisas.

Hassani pareceu surpreso, como se esperasse que seu subordinado se empenhasse mais na luta. Olhou para Khalifa, esperando para ver se ele pediria mais alguma coisa. Quando

nenhuma outra solicitação foi feita, ele assentiu satisfeito e caminhou pesadamente de volta para a mesa.

— Por que não? — respondeu, sentando-se e cruzando as mãos, parecendo mais relaxado do que quando a conversa teve início. — Vou lhe dizer uma coisa, vamos colocar três policiais uniformizados, apenas por garantia.

— Acho que dois, provavelmente, são o suficiente.

— Não, não — insistiu Hassani, transbordante de bonomia agora que ficara claro que não teria realmente que fazer qualquer coisa. — Você tem preocupações e eu estou atento a elas. Vamos enviar três homens para a fazenda para fazer a vigilância e, quando essa aporrinhção do Vale dos Reis estiver acabada, reavaliaremos a situação. Se de fato houver uma situação. E se você achar que as coisas precisam ser reavaliadas. OK?

— OK — resmungou Khalifa. — Obrigado.

— Pelo contrário, eu é que agradeço. Você fez muito bem em chamar minha atenção para isso.

Ele sorriu, uma expressão que, em seu rosto, parecia especialmente fora de lugar, como se alguém a tivesse rabiscado de brincadeira.

— Algo mais? — perguntou.

— Não senhor.

— Tem certeza?

— É claro.

— Certo. Bem, obrigado por ter vindo. Continue assim.

Era mais uma dispensa do que um cumprimento. Khalifa se levantou e foi em direção à porta, os passos soando estranhamente altos no piso de mármore. Ao sair para o corredor, Hassani gritou.

— Lembranças para Zubaidah.

— Zenab.

— Exatamente. Diga-lhe que estamos pensando nela.

O chefe sustentou o sorriso por mais alguns segundos, depois a expressão de desfez e ele baixou o olhar para mesa.

Khalifa puxou a porta. Quando ela fechou, ouviu Hassani resmungando para si:

— Um idiota de um sonhador de merda.

Exatamente como nos velhos tempos. Estranhamente, aquilo não fez com que se sentisse melhor.

TEL-AVIV

No momento em que voltou para o carro, Ben-Roi ligou para o abrigo Hofesh, falou com a diretora e combinou de ir diretamente falar com ela. Petah Tikvah, a insípida cidade satélite onde ficava o abrigo, ficava a metros dez quilômetros a nordeste de Tel-Aviv, e ele não deveria levar mais de quinze minutos para chegar lá, o dobro, caso houvesse trânsito. Naquele dia, o rodoanel de Tel-Aviv estava tomado de carros e, mesmo com a sirene da polícia acionada no teto, ainda levou quase uma hora para chegar lá.

O que pelo menos lhe deu a chance de ligar para Dov Zisky e conferir se tinha algum avanço sobre o bilhete de ônibus encontrado no apartamento de Rivka Kleinberg.

Não tinha.

— Enviei a foto dela para a delegacia de Mitzpe Ramon — disse Zisky. — Eles a estão distribuindo, mas ainda não retornaram com nada. Também fui a Egged, para tentar ver se algum dos motoristas se lembrava dela. São apenas quatro naquela rota, mas, inevitavelmente, aquele com quem a gente precisa falar está de licença. Eles estavam tentando entrar em contato com ele, mas ainda não conseguiram.

— Continue, OK? — disse Ben-Roi. — É importante. Talvez, muito importante.

Ele atualizou Zisky sobre sua conversa com Mordechai Yaron. E, também, sobre os artigos que Kleinberg estivera lendo na biblioteca.

— Você quer que eu dê uma conferida nesse grupo Nêmesis? — perguntou Zisky quando Ben-Roi terminou. — Meu amigo que trabalha com cibersegurança, o que eu mencionei hoje de manhã, pode saber alguma coisa.

— Por que não? E, enquanto estiver mexendo nisso, veja se consegue alguma coisa sobre essa tal de Barren Corporation. Especialmente, qualquer coisa que encontre sobre uma mina de ouro que estão explorando na Romênia. Tenho um contato no

Ha'aretz. Você pode ligar para ele se quiser. Ele cobre algumas coisas de negócios, talvez possa te dar algum contexto.

Ele passou os contatos de Natan Tirat, mal ouvindo o roçar da caneta no papel vindo pela linha telefônica enquanto Zisky tomava nota.

— Alguma outra coisa acontecendo? — perguntou Ben-Roi.

— O relatório do legista chegou há uma hora. Examinaram o cabelo encontrado nas roupas da vítima. Têm quase certeza de que é de uma mulher, pelo comprimento, mas não há nenhuma correspondência de DNA.

Ben-Roi não ficou surpreso. De forma alguma poderiam ter certeza de que o cabelo fosse do assassino de Kleinberg, e, se fosse, eram mínimas as chances de que o DNA fosse identificado. O assassino, ele pressentira desde o começo, não seria ninguém conhecido deles. O fato de que era um cabelo de mulher era relativamente interessante, mas não o levava a lugar algum e, por hora, simplesmente arquivou a informação no fundo da cabeça e seguiu em frente.

— Alguma boa notícia com a vizinhança de Kleinberg? — perguntou.

— Ainda tem um casal com quem ainda não conseguimos falar. Nenhum dos outros viu ou ouviu nada.

Uma pequena pausa e: — Uma senhora mencionou um cheiro.

— Cheiro?

— Sabão, perfume. Algo assim. "Almíscar", acho que foi a palavra que ela usou. Disse que morava no prédio há trinta anos e jamais sentira aquele cheiro antes. Só na noite do assassinato de Kleinberg. O detetive Pincas veio me contar isso. Disse que eu poderia querer seguir o rastro.

Ben-Roi apertou a boca com uma expressão aborrecida. Sabia exatamente o que Pincas queria dizer e tinha certeza de que Zisky também: *sabonete, perfume, trabalho para o viadinho*. Quarenta e oito horas antes ele teria feito as mesmas piadinhas. Agora, após conhecer o garoto um pouco melhor, achou a piada menos divertida.

— Diga ao detetive Pincas que eu disse que ele é um saco de merda e que ele mesmo pode ir atrás disso — rosnou. — Entendeu?

— Entendi.

Ele não estava certo, mas achou ter percebido uma pitada de gratidão na voz de Zisky.

— Algo mais?

Não tinha mais nada, de fato, realmente. Pincas e Amos Namir ainda estavam aguardando seus informantes; Namir não tinha achado nada em casos antigos ou nos arquivos.

— Apesar de eu ter achado alguma coisa sobre o arcebispo Petrossian.

Havia tantos fios soltos voando na cabeça de Ben-Roi que ele se esquecera completamente do arcebispo.

— Surpreenda-me — disse.

— Acontece que seus aposentos têm uma porta privativa para a rua. Dá para a rua de São Tiago. O que significa que ele pode entrar e sair do complexo...

— Sem que ninguém o veja. — Ben-Roi concluiu a frase. Pôs o braço para fora da janela e tamborilou com os dedos na porta do Toyota. Ele sabia perfeitamente que não havia câmeras da polícia na São Tiago. E com exceção do Kotel, o Muro das Lamentações, não havia nenhuma no Bairro Judeu, que era onde terminava a São Tiago. (Piada palestina: os judeus têm a terra, a água, as fronteiras e o espaço aéreo, mas pelo menos nós temos as câmeras.) Assim, teoricamente, Petrossian podia entrar e sair do complexo, seguir até o Bairro Judeu e sair da Cidade Antiga sem que ninguém soubesse.

— Você diz que ele não tem um álibi para a noite do assassinato? — perguntou.

— Nada que pudéssemos corroborar. Ele afirma que ficou em seus aposentos toda a noite, mas não encontramos ninguém que pudesse confirmar isso.

Ben-Roi pensou por um momento, o metal do Toyota ecoando com as batidas da ponta de seus dedos.

— Faça-me um favor, leve essa informação para Leah Shalev — acabou por dizer. — Isso precisa ser aprofundado e você já está com muita coisa. No momento, quero que se concentre no material de que já falamos: Mitzpe Ramon, Nêmesis, Barren. Devo voltar no final da tarde. Veja o que consegue desencavar até lá.

Ele desligou, olhando para as filas de carros parados em direção às brilhantes torres de Ramat Gan. Trinta segundos se passaram e ele pegou o celular e escreveu uma mensagem: "Bom trab., Zisky."

Hesitou e trocou Zisky por Dov, apertou Enviar e acionou a sirene da polícia. Menos por achar que isso ia fazer o trânsito andar do que propriamente para mostrar para o mundo que ainda era um tira durão e não estava amolecendo com a idade.

LUXOR

Após a reunião com Hassani, Khalifa tentou tirar a história dos poços envenenados da cabeça. Talvez houvesse algo acontecendo, talvez não — de qualquer forma, não havia muito mais que ele pudesse fazer. Voltou para o escritório e tomou as providências para que dois guardas uniformizados fossem enviados para a fazenda de Attia. Então, como estava no horário de almoço, dirigiu-se para o centro de treinamento de tiro da polícia para uma hora daquilo que o cabo Ahmed Mehti — o gigante bigodudo de cabelo reco que cuidava do centro há tanto tempo quanto qualquer um lembrava — eufemisticamente chamava de “meditação pela bala”.

Quando queria pensar sobre as coisas, realmente pensar sobre elas, Khalifa seguia para a margem ocidental e subia para o seu “lugar de pensar”, na base do Qurn. Quando *não* queria pensar sobre as coisas, quando não queria mesmo pensar sobre elas, ia dar tiros. Tinha sido o melhor atirador em seu ano na academia de polícia no Cairo e sempre mantivera a mão firme. Ultimamente, vinha visitar o centro de tiro cada vez mais frequentemente, apreciando o foco que aquilo lhe proporcionava, a possibilidade de empurrar os problemas para longe e, por apenas alguns momentos, reduzir o mundo à fina faixa da mira do rifle Lee-Enfield .303.

O centro era num local fechado — um *bunker* abafado de concreto na fronteira do deserto, para além dos limites orientais da cidade. Ele ligou antes para avisar que estava a caminho e o cabo Mehti deixou tudo pronto — protetores de ouvido, alvos de papel na forma de um soldado em posição de ataque, caixa de pentes de cinco cartuchos, e até mesmo uma xícara de chá. Khalifa era a única pessoa lá naquela hora, e era assim que gostava. Assinou o recibo do seu Enfield, dirigiu-se para o centro de tiros e deu início aos trabalhos. O primeiro tiro passou raspando, o segundo foi alto demais, mas, depois de tudo estar calibrado, a sala ecoou com o estalar ritmado do ferrolho e com as explosões surdas de cordite,

tiro após tiro no rosto e no tronco do alvo, cada novo impacto o afastando um pouco mais de si mesmo. Houve poucos momentos em que precisou sacudir a cabeça para afastar a imagem de Zenab prostrada com os olhos baços na unidade de emergência do hospital; e, por uma vez, a voz do senhor Attia lhe chegou lá da sua fazenda no Deserto do Leste: *Lutarei, se for preciso. Para proteger a minha família, meus filhos. É o maior dever de um homem.*

A não ser por isso, sua cabeça estava abençoadamente vazia. Quando ele foi embora, quarenta minutos depois, descarregara doze pentes de dez tiros, reduziu cinco alvos a tiras e se sentia bem mais calmo. Meditação pela bala, de fato.

PETAH TICVA

Maya Hillel, a diretora do abrigo Hofesh para mulheres vítimas do tráfico, era desconcertantemente atraente. Quase trinta anos, esbelta, com grandes olhos cinzentos e cabelos negros e desgrenhados se espalhando pelos ombros como uma cascada de águas escuras, ela se parecia mais com uma modelo do que com uma trabalhadora de causas sociais. Considerando a natureza do trabalho dela, Ben-Roi sabia ser uma perversidade considerá-la nesses termos, mas não pôde evitar. Ele era um homem, e é assim que os homens pensam. Atraente é atraente. Assunto encerrado.

Ela o recebeu do lado de fora do abrigo — um prédio branco, discreto, numa rua de *shikunim* empoeirados, a cinco minutos do centro da cidade. Entraram por um pesado portão de aço e seguiram por um pátio asfaltado.

— Temos que ter cuidado — explicou, indicando o portão, o guarda de vigia e a cerca de segurança em torno do prédio. — Vários cafetões vêm até aqui tentar atrair as meninas para longe. Tem um do outro lado da rua agora.

Ben-Roi olhou por cima do ombro, mas o portão já fora fechado.

— Quer que eu vá falar com ele?

— Não vale a pena. Ele simplesmente vai se afastar e voltar assim que você for embora. Segundo a maneira de ele enxergar, nós estamos com uma propriedade dele, e ele a quer de volta. Mas obrigada pela oferta.

Ela o conduziu dando a volta pela lateral do prédio, entraram por uma porta e deram num vestíbulo ladrilhado. Uma cozinha vazia se abria à esquerda; as paredes exibiam alguns cartazes alertando para o tráfico de mulheres, incluindo um que mostrava uma dúzia de mulheres nuas encolhidas e embaladas em bandejas de isopor como uma fileira de frangos à venda. “Carne fresca”, dizia o letreiro. Ben-Roi olhou para ele e ficou para trás enquanto Hillel começava a subir uma escada.

— Quantas mulheres vocês têm aqui? — perguntou enquanto subiam, tentando não olhar para as costas dela.

— Quatorze — respondeu ela. — A maioria está trabalhando no momento; por isso está tão silencioso. Nós encontramos trabalho para elas, garçonetes, faxineiras, esse tipo de coisa. Na verdade, temos espaço para trinta e cinco, mas os encaminhamentos diminuíram nos últimos dois anos. Quando abrimos, em 2004, tivemos mais de cem mulheres chegando aqui. Este ano foram apenas vinte.

— Bom saber que as coisas estão melhorando.

— É uma maneira de ver as coisas, eu acho. Pessoalmente, sou da opinião de que é porque a polícia não está mais priorizando o problema e menos mulheres são resgatadas.

Ela chegou ao primeiro andar e se virou para olhar para ele, sustentando seu olhar por um momento antes de continuar a subir.

— As coisas *estão* melhores do que há dez anos, até concordo — prosseguiu ela. — Nos anos noventa, tínhamos duas, três mil mulheres traficadas para o país por ano. Agora, são centenas. Mas ainda é um problema. E vocês da polícia não estão alocando o mesmo nível de recursos de alguns anos atrás. Principalmente, justiça seja feita, porque os políticos não estão alocando os recursos. O Ministério do Interior não dá a mínima. Salvar prostitutas *goy* não é exatamente uma fonte de votos.

Eles chegaram ao segundo andar. Portas fechadas ocupavam os corredores que iam para a esquerda e para a direita. Num quarto imediatamente diante deles, uma garota de calça de moletom estava em pé sobre uma balança enquanto uma mulher roliça, de meia-idade, anotava seu peso numa prancheta. A mulher os cumprimentou com a cabeça; a moça se manteve impassível. Dolorosamente magra, com o rosto encovado, cabelos escorridos e pele com um tom amarelado, mais parecia a sobrevivente de um campo de concentração.

— Tudo bem, Anja? — Hillel a chamou em voz alta.

A garota deu de ombros, com desânimo.

— Ela está indo muito bem — exclamou a mulher alegremente.
— Ganhou trezentos gramas.

— Isso é ótimo — disse Hillel. — Muito bom mesmo.

Ela se desviou para o quarto e afagou as costas da menina, depois subiu mais um lance de escadas com Ben-Roi até o último andar.

— Moldava — explicou ela, baixando a voz para que não fosse ouvida no andar de baixo. — A polícia a recolheu numa blitz em Eilat há algumas semanas. — Vi alguns casos bem ruins no meu tempo, mas ela.... — Hillel parou, olhando de volta para a escada. — Tuberculose, hepatite, praticamente todas as DSTs que você pensar em mencionar, menos HIV — e isso não é nada comparado ao dano aqui.

Ela bateu com os dedos na lateral da cabeça.

— Ela recebeu um visto de trabalho para poder ficar no país por um ano e se reabilitar, mas se recusa a depor e por isso, quando acabar o prazo, será deportada. E, quando voltar para a Moldávia, logo será procurada pelas pessoas que a trouxeram para cá em primeiro lugar e será traficada novamente. É assim que essas coisas funcionam. De partir o coração. Ela tem apenas dezenove anos.

Ben-Roi levantou as sobrancelhas. Estimara a idade da moça como perto dos trinta.

— Ela não consegue uma residência humanitária?

— Ora, faça-me o favor! Quando foi que uma pessoa não judia recebeu status humanitário neste país? Que nada, o melhor que ela pode esperar é encontrar alguém que queira se casar com ela. E sabendo o tipo de homem que é atraído por ex-prostitutas, isso não vai tornar a vida dela muito melhor do que antes.

Ela suspirou, virou-se e subiu até o final da escada, desembocando num amplo escritório aberto. Outras três mulheres estavam sentadas atrás das mesas, funcionárias, Ben-Roi supôs, pela idade e aparência. A não ser pelo segurança no portão da frente, ele ainda não vira nenhum outro homem no lugar. O que não era de surpreender depois do que acabara de ouvir.

Pedindo a uma das mulheres que trouxesse café, Hillel lhe indicou um pequeno escritório mais reservado, com teto em meia-água e uma grande janela panorâmica dando para os telhados de

Petah Tikva. Indicou-lhe a cadeira e se sentou na mesa diante dele, balançando as pernas.

— Então? — perguntou ela. — Rivka Kleinberg. O que posso contar para você?

Por um momento, os olhos de Ben-Roi percorreram as fotos emolduradas penduradas acima da mesa — Hillel apertando as mãos de Hillary Clinton, Hillel recebendo algum tipo de prêmio de Shimon Peres, Hillel com o marido e a filha, supôs ele com alguma surpresa, pois, por algum motivo, não imaginou que ela tivesse uma família. Então pegou o caderno e começou a trabalhar.

— O editor dela me disse que a senhora Kleinberg visitou o abrigo — começou ele, folheando até uma página em branco.

Hillel concordou.

— Ela me ligou há umas quatro semanas. Disse que estava escrevendo sobre o tráfico e perguntou se poderia vir dar uma olhada por aqui.

Uma pausa e:

— Você acha que foi por isso que ela foi morta? Por causa do artigo?

Ben-Roi encolheu os ombros, sem se comprometer com uma resposta.

— Por enquanto, estamos abertos para possibilidades.

— Não me surpreenderia — disse ela. — O tráfico é um grande negócio, como tenho certeza de que você sabe. E os caras que cuidam disso não gostam de ninguém agitando as coisas. Especialmente os russos — eles controlam oitenta por cento do negócio e não são do tipo que apreciam outras pessoas bisbilhotando em seus assuntos.

Ben-Roi olhou para a página aberta. *Russkaya Mafiya* novamente. Pareciam ter uma boa participação nessa história. Ele tomou nota para informar Pincas, que estava cuidando dos russos.

— Então ela visitou o abrigo — continuou ele — e conversou com você.

— Certo.

— Sobre?

— Sobre um monte de coisas: de onde vinham as meninas, como eram trazidas para dentro de Israel, o que acontecia com elas após chegarem, o que estava sendo feito a respeito. Ela passou um dia inteiro com a gente e conversamos novamente pelo telefone uma semana depois. Não era a pessoa mais socialmente ajustada que já conheci, mas claramente estava preocupada com o que fazia. E foi maravilhosa com as meninas. Realmente solidária. Ben-Roi se lembrou das últimas palavras de Mordechai Yaron: *Rivka tinha uma empatia instintiva pelas pessoas que estivessem sofrendo. Provavelmente porque ela mesma sofria muito.*

— Algum detalhe em especial sobre o que ela queria conversar? Algum ângulo mais específico no enfoque dela?

— Falamos bastante sobre o que o governo vinha fazendo para lidar com o problema — disse ela, pegando um elástico de cabelo do bolso da camisa e o abrindo com os dedos. — Ou não fazendo, aliás. Quero dizer, até recentemente, não estávamos chegando nem perto do *mínimo* que o Departamento de Estado dos EUA considerava o padrão para o combate ao tráfico. Em termos de atitude, a maioria dos nossos políticos ainda estão presos na idade das trevas. E a maior parte da polícia também, sinceramente. Eles parecem achar que ficar trancafiada num bordel e forçada a fazer sexo com vinte homens por dia é algum tipo de opção consciente de carreira.

Ben-Roi se mexeu desconfortavelmente. Ele mesmo passara por um breve período na área de prostituição, recém-saído da Academia de Polícia, e sabia exatamente que tipo de mentalidade ela estava descrevendo. Ele procurou avançar, sem querer ficar preso a essa questão.

— Algo mais? — perguntou. — Outras áreas em que a senhora Kleinberg tenha demonstrado algum interesse particular?

— Falamos bastante sobre a demografia do tráfico — respondeu ela, ainda mexendo com o elástico. — De onde vinham as mulheres, o fato de haver cada vez mais meninas israelenses incluídas à força no negócio, compensando o fato de que já não há mais tantas estrangeiras disponíveis. E ela queria saber tudo sobre a clientela, especialmente os ultraortodoxos. Eles são um grande mercado. Os

bordéis ficam cheios deles às sextas-feiras para aproveitar a folga antes do *Shabbat*.

Hillel teve um arrepio de repulsa.

— Ela também perguntou bastante sobre as rotas do tráfico — continuou, puxando o cabelo para trás e prendendo com o elástico. — Especialmente a que passa pelo Egito.

Ben-Roi levantou os olhos. Egito, novamente. Como a *Russkaya Mafiya*, parecia estar por todo o caso. Ele começou a pedir mais informações, mas foi interrompido por uma batida na porta. Uma das mulheres que ele vira ali fora entrou com uma bandeja de café e biscoitos. Ele esperou que ela deixasse na mesa, entregasse uma carta para Hillel e retomou a conversa.

— A rota do Egito — disse ele. — Muitas meninas vêm por lá?

— Não tantas quanto há dez anos — respondeu Hillel, mexendo o café. — Naquela época, era disparado o principal canal de contrabando. Após a repressão no início da década de 2000, os traficantes abandonaram a rota por um tempo e acharam outros caminhos para trazer as meninas. Passaportes falsos, certidões de casamento falsas, esse tipo de coisa. São muito espertos, sempre se adaptando, mantendo-se um passo adiante.

— Mas a rota voltou a abrir?

— Bem, é difícil ter estatísticas precisas, mas existem vários relatos que sugerem que é o que está acontecendo. Tinha um grande cafetão de Tel-Aviv chamado Genady Kremenko — aparentemente, ele trouxe a maioria das mulheres por aquele caminho.

Ben-Roi reconheceu o nome.

— Ele foi preso há uns dois meses, certo?

— Esse mesmo. Uma piada desagradável circulou na época. Moisés trouxe os israelenses do Egito e Kremenko trouxe as mulheres. Não é um bom homem. Mas, enfim, nenhum deles é.

Ben-Roi colocou açúcar no próprio café e mexeu.

— Sabe se ao menos elas são trazidas via Alexandria? — perguntou ele, pensando no voo da El-Al que Kleinberg reservara para a noite de seu assassinato.

— Normalmente é pelo Cairo ou por Sharm el-Sheik. Elas voam da Europa oriental, Rússia, Uzbequistão, e são levadas pelo Sinai e pela fronteira por beduínos.

— E a senhora Kleinberg queria investigar tudo isso?

— Nem tanto na primeira vez em que visitou o abrigo. Tocamos no assunto, mas sem muitos detalhes. Foi quando ligou na semana seguinte que realmente começou a perguntar.

— E você disse a ela...?

— Praticamente o mesmo que acabei de dizer a você. Os cafetões têm recrutadores fora do país que vão atrás dessas meninas e voam com elas para o Egito. Depois, uma rede de beduínos as traz pelo Sinai até o Neguev. Isso é tudo o que eu sei. Sou uma assistente social, não uma policial.

Ela assoprou o café e deu um gole, envolvendo a xícara com as mãos. Ben-Roi olhou para o caderno. Mitzpe Ramon ficava no Neguev, a apenas 20 km da fronteira egípcia. E Rivka Kleinberg pegara um ônibus para Mitzpe Ramon quatro dias antes do assassinato. Da mesma forma que estivera lá três anos antes, para a entrevista abortada com a Agenda Nêmesis. Então, outro aspecto do caso parecia se repetir, piscando para ele como a luz de um farol. *Russkaya Mafiya*, Egito, Neguev. Ele bateu com a caneta no braço da cadeira, considerando as peças do quebra-cabeça, tentando juntá-las para formar algum desenho coerente. Nada parecia se encaixar, nenhum dos elos se conectava, e, com Hillel sacudindo as pernas à espera da próxima questão, ele fez uma anotação, deixou o assunto de lado e prosseguiu.

— Você disse que a senhora Kleinberg falou com algumas das mulheres?

— Com três delas — respondeu ela. — Lola, Sofia e Maria.

— Você acompanhou?

— Sim, com Lola e Sofia. Temos que ter cuidado com estranhos — muitas das meninas são extremamente frágeis, desconfortáveis com pessoas que não conhecem. Mas Rivka foi fantástica com elas. Extremamente gentil, extremamente cuidadosa. Foi impressionante como elas se abriram.

Ela deu mais um gole do café. Ben-Roi pegou um biscoito e o enfiou na boca, aquilo era o mais próximo de um almoço que ele chegaria.

— A respeito de que elas falaram? — perguntou, mastigando, com voz pastosa.

— Sobre as experiências delas, basicamente. O tipo de coisa que eu descrevi para você.

Ele acenou com a mão, indicando que ela contasse mais. Ela cruzou as pernas, equilibrando a xícara sobre um joelho.

— Lola é uzbeque — disse ela. — Ela respondeu a um anúncio na cidade dela para um emprego de garçonete e acabou sendo vendida para um cafetão em Haifa. A história de sempre. Tudo parece certo até chegarem ao país, quando lhes tomam os passaportes, são estupradas para ficarem abaladas e colocadas para trabalhar dezoito horas por dia num bordel. Ela já estava aqui havia cinco anos antes de ser resgatada.

— Ela veio pelo Egito?

Hillel balançou a cabeça negativamente.

— Desceu em Ben-Gurion, com um visto de trabalho. Mas Sofia veio por lá. Ela é ucraniana. O namorado disse que podia conseguir um emprego para ela em Israel, só que ele era um recrutador, não um namorado, é claro. Os alvos são meninas como ela. Vulneráveis, pobres, com um histórico de abusos, baixa autoestima. O perfil clássico.

— E ela foi traficada pelo Sinai?

Hillel concordou.

— Passou por coisas terríveis durante a travessia do deserto, pobrezinha. Todas passam, é claro, mas as experiências dela foram especialmente ruins. Estuprada por um bando. Estupro anal. Viu uma das outras meninas ter os joelhos quebrados por tentar fugir. Não gosto nem de pensar nisso.

Ben-Roi estava pegando outro biscoito. Retirou a mão, subitamente sem apetite.

— Elas estão aqui agora, essas meninas? — perguntou.

— Estão trabalhando — respondeu Hillel. — Como eu disse, encontramos trabalho para elas. Como serventes, mas ainda assim é

uma parte importante da reabilitação. Ajuda a desenvolverem respeito próprio, interagir com pessoas sem que isso inclua abuso. Sofia arruma prateleiras numa loja de conveniência. Lola faz limpeza.

— E a outra? — perguntou Ben-Roi, procurando o nome no caderno. — Maria?

Ela fez uma pausa. Quando respondeu, falou mais baixo do que antes.

— Maria não está mais com a gente.

— Ela foi deportada?

— Ela... desapareceu.

Ben-Roi levantou os olhos.

— Fugiu?

— Isso ou o cafetão veio e a levou. Estamos rezando para que tenha fugido.

Apesar de sua atitude continuar profissional, ficou claro que estava aborrecida com a situação.

— O visto dela estava prestes a expirar — prosseguiu — e o ministério tinha acabado de recusar um pedido de prorrogação, o que pode perfeitamente ter provocado a fuga. Ela estava absolutamente aterrorizada com a ideia de ser mandada de volta. Tinha certeza de que voltaria a ser vítima do tráfico. Ou pior.

Ela não se estendeu sobre o que significava “pior”. Nem precisava.

— Isso foi recente? — perguntou ele.

— Poucas semanas. Logo depois da visita de Rivka ao abrigo. Maria saiu para trabalhar de manhã e nunca mais voltou. É tudo o que sabemos. Temos gente em campo atrás dela, e a polícia obviamente foi informada, mas por enquanto...

Ela suspirou e balançou a cabeça. Pela primeira vez, Ben-Roi percebeu que as raízes de alguns de seus cabelos eram brancas.

— E a senhora Kleinberg entrevistou essa menina?

— Não foi nada tão formal. Elas certamente conversaram. Também fizeram pinturas.

Ele franziu a testa.

— Pinturas?

— É algo que estimulamos as meninas a praticarem — explicou ela. — Desenho, pintura, escultura. Ajuda a se expressarem, a colocar coisas para fora sobre as quais não querem falar. Temos uma pequena sala de arte e Maria estava lá quando mostrei a casa para Rivka. Fui chamada para resolver alguma outra coisa e deixei Rivka com ela e, quando voltei, as duas estavam lado a lado, pintando juntas.

Uma imagem do apartamento de Kleinberg projetou na mente de Ben-Roi.

— Loura?

— Como?

— Uma mulher loura. Em papel azul.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

— Como você...?

— A pintura estava no apartamento da senhora Kleinberg.

— Certo — respondeu ela. — Bem, isso faz sentido. Ela perguntou a Maria se podia ficar com o desenho e o levou consigo.

O tênis de Ben-Roi começou a bater no chão, lenta e ritmadamente, um movimento involuntário que sempre parecia acontecer quando ele sentia que a conversa poderia estar tomando algum rumo interessante.

— Então você voltou e elas estavam pintando juntas...

Hillel concordou.

— E então sugeri que Rivka retomasse a visita comigo e ela perguntou se Maria poderia ser sua guia em meu lugar. E Maria concordou. O que me surpreendeu, pois ela era extremamente retraída, raramente falava com alguém, nem mesmo com nossos terapeutas especializados.

— Mas falou com a senhora Kleinberg?

— Certamente foi isso que pareceu. Eu as vi pela janela uma hora, sentadas no pátio de mãos dadas e conversando. Passaram bem mais de uma hora juntas.

Ela afastou uma mecha de cabelo dos olhos.

— Às vezes isso acontece. Algum tipo de estalo sem motivos óbvios. Uma garota que quase não falava subitamente derrama seu

coração para uma total estranha. Parece que foi alguma coisa no jeito de Rivka que a ajudou a se abrir.

As palavras de despedida de Mordechai Yaron ecoaram na cabeça de Ben-Roi novamente: *Rivka tinha uma empatia instintiva pelas pessoas que estivessem sofrendo.*

— E você não tem ideia do que falaram?

— Receio que nenhuma ideia. Maria não falou nada depois disso e não me cabia perguntar. Foi uma conversa particular e nós respeitamos isso aqui. Para ser honesta, fiquei feliz em vê-la se conectar a alguém. Ela era profundamente traumatizada, tinha um monte de coisas ruins guardadas. Precisava botar um pouco para fora.

— Será que a senhora Kleinberg comentou alguma coisa?

— Não muito. Apenas que Maria tinha contado algumas de suas experiências e que ela ficava de coração partido ao ver uma pessoa tão jovem ter passado pelo que a menina passara. Obviamente, ela ficou impressionada com Maria. Foi por isso que voltou a ligar uma semana depois. Para perguntar se poderia voltar e conversar com ela novamente. Fazer mais algumas perguntas.

Ela ficou em silêncio por um momento, as pontas dos dedos tamborilando na mesa, a cabeça levemente inclinada, como se estivesse refletindo, e disse:

— Na verdade, ela disse que precisava conversar com Maria *urgentemente*. Mas não me disse do que se tratava. Apenas que realmente precisava encontrá-la novamente. Ela ficou muito preocupada quando eu lhe disse que Maria desaparecera.

O ritmo da batida do pé de Ben-Roi no chão aumentou uma fração.

— E foi então que ela começou a perguntar sobre a rota do Egito?

Hillel ficou em silêncio novamente enquanto tentava se lembrar da cronologia e depois concordou.

— Maria veio pelo Egito?

— Nunca soubemos com certeza — respondeu ela, escorregando para fora da mesa e indo se sentar na cadeira articulada que havia atrás. — Ela se recusava a falar sobre isso.

Como muitas das meninas, ela sofria algum tipo de estresse pós-traumático. Construiu uma barreira em sua mente entre o passado e o presente, num esforço para bloquear o que tinha acontecido com ela. Conseguimos alguns detalhes sobre sua vida anterior, mas, em termos das experiências com o tráfico, tudo o que descobrimos foi que ela trabalhara num apartamento no sul, em Neve Sha'anán, e que fora para a Turquia em algum momento. O que sugere que veio de avião ou de barco de Chipre para Haifa ou Asdode.

Ela se reclinou, passando o dedo de um lado para outro na borda da mesa.

— Aquela mulher, aliás, a de cabelo louro, sempre estava em seus desenhos. A única coisa que ela desenhava. Jamais descobrimos quem era.

Ben-Roi fez uma anotação mental para dar outra olhada na pintura encontrada no apartamento de Kleinberg.

— Por acaso você não saberia quem foi o traficante que a trouxe... — questionou ele. — Quem era o seu cafetão?

Ela balançou a cabeça.

— Como eu disse, apenas cuidamos dos danos, não de seus causadores.

— E ela nunca disse nada? Nenhuma indicação de para onde poderia ter ido?

— Absolutamente nada. Achamos que pode ter voltado para Neve Sha'anán. Acontece com as fugitivas, elas são atraídas para os locais que já conhecem, mesmo que isso signifique serem jogadas de volta aos bordéis. Mas ninguém sabe dela por lá.

— Você tem uma foto?

— É claro.

Ela estendeu a mão e ligou o computador.

— Seu verdadeiro nome certamente não é Maria. Aliás, as meninas sempre adotam um nome diferente, o que ajuda a se distanciarem do que estão sendo obrigadas a fazer. Permite a elas acreditarem que é uma outra pessoa passando por aquilo, não seus verdadeiros eus.

Ela se encostou na cadeira, esperando a máquina ligar. Ben-Roi esvaziou o copo com o café, que já estava frio, levantou-se e foi até

a janela.

Lá fora, tudo estava tranquilo, silencioso e em paz, a paisagem coberta pelo brilho dourado do sol do fim da tarde, a um milhão de quilômetros do mundo sobre o qual conversavam. Ele olhou as fileiras de *shikunim* empoeirados e depois desceu os olhos para a calçada do outro lado. Um homem enxovalhado, de cabelos oleosos, estava lá, de pé, encostado no tronco de um sicômoro, olhando para o outro lado da rua, em frente ao abrigo. O cafetão que Hillel já havia mencionado. Sentiu-se tentado a abrir a janela e mandar que fosse se foder, mas resolveu que a mensagem seria mais eficiente se entregue pessoalmente. Talvez acompanhada de um tapinha, para que a levasse consigo para casa. Nunca gostara de cafetões. E menos ainda depois de tudo o que ouvira. Ele olhou fixamente para o homem, franzindo a testa. Em seguida, baixou os olhos para o pátio diante do abrigo. Havia uma mesa de piquenique de madeira com um par de cinzeiros em cima, um balanço, um varal de roupa e, no canto, um patinete da Barbie, e um trator de plástico com pedal. Não os tinha visto ao entrar.

— Vocês têm crianças aqui? — perguntou, surpreso.

— Cinco. — A voz dela veio de suas costas. — Estão na escola.

— Suas mães são... — quase disse prostitutas, mas se segurou a tempo, percebendo que a palavra não era apropriada — hóspedes aqui?

— É claro.

— Os pais?

— Cafetões, clientes. — O tom de voz era casual. — Não é exatamente a dinâmica familiar ideal, mas é assim que as coisas são. Quando elas são resgatadas, os filhos obviamente vêm juntos.

Ela continuou clicando, procurando pela foto. Ben-Roi olhou para os brinquedos. Como policial, é preciso engrossar o couro, desenvolver um mecanismo de filtragem que realmente deixe as coisas ruins de fora antes de penetrarem em seu sistema. Mas de vez em quando, apesar de todo o esforço, algumas coisas atravessavam. Aquela foi uma dessas ocasiões. Os brinquedos o perturbaram mais do que qualquer outra coisa que ouvira no abrigo. Mais do que qualquer outra coisa no caso até então. Havia algo tão

desesperadamente triste neles, tanto desamparo, as vidas destruídas que eles representavam, arruinadas antes mesmo de começar. Sentiu um nó se formando na garganta e uma necessidade súbita de falar com Sarah, dizer-lhe quanto a amava e ao bebê. Chegou a pegar o celular, mas Hillel o chamou e o momento se foi. Ele olhou para baixo por mais alguns segundos, depois afastou o pensamento da cabeça, colocou o celular de volta no bolso e se aproximou da mesa.

— Essa é ela — disse Hillel, virando a tela para ele.

Ele se inclinou, examinando a foto. Era um 3x4, o corte um pouco justo logo abaixo do queixo, uma menina pálida, com rosto solene, longos cabelos negros, lábios cheios e enormes olhos castanhos. Jovem. Muito jovem. Olhava direto para a câmera, a expressão ao mesmo tempo intensa e curiosamente baça.

— Pode imprimir para mim? — pediu ele.

— Claro. Temos uma outra, vai querer também?

— Por que não?

Ela mexeu com o mouse e clicou duas vezes. Houve uma pausa, e uma segunda foto apareceu, também um 3x4, mas com um corte mais amplo do que o da foto anterior e mostrando o pescoço e a camiseta da moça.

Mais cedo naquele dia, ao interrogar Mordechai Yaron em seu escritório em Jaffa, Ben-Roi sentiu uma descarga de adrenalina ao saber que Rivka Kleinberg visitara Mitzpe Ramon para sua tentativa abortada de entrevistar a Agenda Nêmesis. Sentiu uma descarga semelhante agora, só que muito mais intensa. Foi mais um impacto. Um intenso choque elétrico de reconhecimento. Não pela aparência física da moça, mas pelo que ela estava usando em torno do pescoço.

— Essa menina — disse ele, tocando com o dedo a cruz pendurada sobre o esterno dela — a cruz lisa de prata cujas hastes tinham um padrão intrincado, cada uma se abrindo em duas pontas distintas. — Você sabe de onde ela era originalmente?

A resposta veio simultaneamente, de ambos.

— Armênia.

Era algo que o incomodava desde o começo: a falta de uma ligação aparente entre a cena do assassinato de Kleinberg e todas as outras pistas que apareceram durante o caso. Agora, ao que parecia, ele encontrara a ligação. Havia ainda um longo caminho pela frente, mas, pela primeira vez, sentiu que começava a avançar.

LUXOR

— ... falta apenas remover aquelas últimas casas, e vocês poderão apreciar uma vista espetacular de onde estamos agora até o Templo de Luxor, uma distância de nada menos do que dois mil e setecentos metros. Mil trezentos e cinquenta esfinges! Não estou exagerando, senhoras e senhores, quando digo que a Avenida das Esfinges é verdadeiramente a oitava maravilha do mundo antigo.

O guia de turismo apontou seu guarda-sol teatralmente para o sul, em direção às dez colunas do Templo de Karnak, onde um amontoado de casas de tijolos de barro era atacado por todos os lados por círculos e tratores de terraplenagem — as ruínas remanescentes de uma exército de esfarrapados em sua última e desesperada resistência contra uma força bem mais poderosa. Uma sequência tediosa de cliques e bipes soou quando os turistas do grupo tiraram suas fotos.

— E quanto às pessoas que moram lá? — perguntou uma mulher corpulenta, queimada de sol, vestindo uma camiseta “Adoro o Rei Tut!”. — O que vai acontecer com elas?

— Ah, será ótimo para elas — riu o guia. — Além da indenização, também vão receber belos apartamentos novos, todos muito modernos, muito mais bonitos do que suas velhas casas. Quem dera a minha casa estivesse sendo derrubada! — Ele levantou os braços para o céu. — Por favor, Deus, derrube a minha casa para que eu possa ter uma nova cozinha e um banheiro com descarga!

O grupo deu risadas. Gostavam do guia. Era informado e educado, e também um pouco bagunceiro. O perfeito egípcio.

— Mas, falando sério — prosseguiu —, posso afirmar que essas pessoas estão felizes com a mudança para que essa antiga maravilha possa ser revelada. No Egito, sentimos um grande orgulho de nossa história. E muito orgulho de poder compartilhá-la. É por isso que a avenida foi escavada em tempo recorde, para que possa

ser usufruída por todo o mundo. Nosso passado é o seu passado. Assim como o meu coração é o seu coração!

O guia piscou para a mulher bronzeada, provocando mais risadas no grupo. Um toque de comicidade era sempre apreciado. Ele começou a explicar que a avenida datava do reino do faraó Nectanebo I e que fora usada durante o famoso festival de Opet, mas Khalifa já não estava mais ouvindo. Acendeu um cigarro e foi para a sombra sob a torre, onde estava quando o grupo chegou, e começou a caminhar de volta para o centro do complexo do templo. Uma parte dele questionava se não deveria ter dito algo; que sua própria casa fora demolida para dar passagem para a avenida, e que ele certamente não estava nada satisfeito com aquilo. Mas de que isso serviria? Eles pagaram um bom dinheiro para estar ali, e não queriam se aborrecer com esses problemas. O passado do Egito poderia ser o passado deles, mas o presente não lhes dizia nenhum respeito. Faraós e rainhas, tumbas e hieróglifos eram o que lhes interessava. Não um detetivezinho cujo mundo entrara em colapso e se transformara em ruínas a sua volta. Isso era apenas... chato. Irrelevante.

Ele passou pelo nono, oitavo e sétimo pilones, e chegou ao amplo pátio da Cachette. Um bando de crianças estava posando para uma foto aos pés das estátuas do Médio Império, diante do sétimo pilone; um homem sentado no chão com as pernas cruzadas desenhava uma cópia da estela "Israel", de Merenptah — o único texto já encontrado no Egito a mencionar o nome Israel. Apesar de a tarde já estar avançada e as sombras se alongarem, a temperatura ainda beirava os quarenta graus, um manto denso e abafado de calor amenizado apenas parcialmente pelas brisas ocasionais vindas da margem oriental do Nilo.

Khalifa passara a maior parte da tarde lá, após sua excursão da hora do almoço ao centro de tiro da polícia. Alguns blocos de *talatat* tinham desaparecido do armazém de segurança nos fundos do complexo — dois deles contendo cartuchos de Akhenaton — e ele estivera coletando depoimentos de todos que tiveram acesso ao depósito. Colocaria alguns informantes circulando, passando pelos conhecidos negociantes de antiguidades, mas não alimentava muitas

esperanças de recuperar os blocos. Poderiam ter sido roubados a meses, anos, talvez — o armazém raramente era inspecionado, e fora apenas por acaso que se percebera a ausência dos blocos. Àquela hora, certamente já estariam enfeitando o alto da lareira de algum milionário colecionador do outro lado do mundo. Como dissera o guia, a história do Egito era a história de todos. Mesmo se fosse preciso roubar para conseguir uma parte dela.

Tragando o cigarro, ele dobrou pelo acesso no canto noroeste do pátio e chegou à floresta de colunas do Grande Salão Hipostilo. Poucas horas antes, o lugar estivera absolutamente vazio, o insuportável calor do meio-dia levava os turistas de volta ao santuário de seus hotéis refrigerados. Agora começavam a retornar em bandos e o salão estava tomado. Ele se desviou de um grupo de turistas japoneses — ou seriam chineses?, jamais adivinhava — e seguiu na direção do segundo pilar e para a saída do templo. A meio caminho no salão, diminuiu o passo e parou, subitamente fulminado por um pensamento.

Franziu a sobancelha, olhou o relógio e, murmurando “Merda!”, virou-se e voltou pelo caminho. Atravessou o salão de volta, dessa vez saindo pelo terceiro pilone, passando pelo pináculo traseiro do obelisco de Tutmés I, pelo quarto pilone, pelo obelisco de Hatshepsut e deu a volta pela vasta área pontilhada de palmeiras do recinto do Lago Sagrado. Um retângulo de água esverdeada pelo lodo, levemente ondulada, abriu-se diante dele, com uma praça de alimentação coberta por um toldo ao lado e, na extremidade, a feia construção de concreto da arquibancada, de onde os turistas assistiam ao espetáculo noturno de luz e sons. Um pequeno barco a remo flutuava no meio do lago, a amurada quase no nível da superfície enquanto um homem gorducho de óculos, vestindo um apertado macacão azul e um chapéu de feltro se inclinava pelo lado, segurando alguma coisa dentro da água.

— Achei que você fosse estar aqui — murmurou Khalifa.

Ele esperou que o homem puxasse e vedasse um grande tubo de amostras e o colocasse numa caixa na proa do barco. Então, apagando o cigarro no tronco de uma palmeira e jogando a ponta numa lixeira, foi até um cais de pedra na beira do lago.

— *Salaam!* — gritou.

O homem olhou para cima, apertando os olhos por trás dos óculos grossos. Pareceu confuso por um momento, mas depois abriu um largo sorriso.

— Yusuf!

— Como vai, Omar?

— Estou no meio de um lago coletando água poluída, não poderia estar mais feliz! Quer subir a bordo? Está um dia perfeito para remar.

— Não nisso aí, obrigado. Parece já estar balançando o suficiente só com uma pessoa.

— Bobagem! — gritou o homem, ficando em pé e balançando o barco de um lado para outro. — Veja só! Tão seguro quanto a barca do Nilo.

Ele balançou com mais força para enfatizar a afirmação, mas serviu apenas para perder o equilíbrio e cair para a frente. O barco se inclinou perigosamente para um lado, a água entrando pela borda, encharcando seus pés e tornozelos.

— *Khara!* — Merda!

Khalifa sorriu.

— Aceita uma Coca?

— Uma muda de roupas seria mais útil — resmungou o homem, batendo no macacão encharcado. — Vá indo para lá. Eu te encontro na escada.

Bateu outra vez no macacão, tirou as luvas e foi balançando até o assento na popa.

— Na verdade, prefiro um Sprite — gritou, colocando os remos na água e começando a remar. — E também não recusaria um Snickers. Estou aqui já faz duas horas.

Khalifa levantou um braço, concordando, e foi para a lanchonete. Pegou uma Coca e um Sprite e, na ausência de barras de Snickers, um Kit Kat da geladeira, depois entrou na fila do caixa, ficando atrás de um jovem casal egípcio. Quando chegou sua vez, pagou e voltou para o lago para encontrar o amigo que já chegara ao cais, amarrara o barco e subira as escadas.

— Me desculpe, Yusuf — disse ele quando Khalifa se aproximou, juntando as mãos com um gesto de desculpas. — Aquilo lá no barco, não pensei. Fui um idiota...

Khalifa jogou o Sprite para ele, o gesto dizendo que não havia ofensas e não era preciso se desculpar. O Kit Kat foi logo em seguida e os dois se abraçaram, o homem beijando Khalifa uma vez em cada bochecha.

— Como vai Zenab? — perguntou ele quando se sentaram no cais, as pernas balançando de encontro às paredes de pedra que continham o lago.

— Melhor a cada dia — respondeu Khalifa, não totalmente sincero. — E Rasha?

— Está bem, apesar de estar sobrecarregada no momento. Eles estão com pouca gente e ela está tendo que fazer turnos dobrados. Mal consegue ficar de olhos abertos, pobrezinha. Ontem ela chegou depois da meia-noite.

Rasha al-Zahwi, mulher de Omar, era pediatra do hospital geral de Luxor. Omar trabalhava como analista da companhia de águas e esgotos de Luxor, com uma responsabilidade especial pela gestão da água em torno dos monumentos antigos, que foi como os caminhos dele e de Khalifa se cruzaram há mais de dez anos. Costumavam socializar com frequência. Menos, neste último ano.

— Que tal? — perguntou Khalifa, abrindo a Coca e indicando a superfície do lago com o queixo.

— Um cocô — respondeu Omar. — Literalmente. Toda a vibração da terraplenagem que eles estão fazendo para a Avenida rompeu a linha principal do esgoto neste lado da cidade. Tem mijo e merda indo para o lençol freático e sendo bombeados para o lago nos pontos onde se encontram. Estou monitorando já faz um mês e a coisa só faz piorar.

— Não sinto cheiro de nada.

— Pode acreditar, vai começar a sentir daqui a umas duas semanas. Ninguém vai conseguir chegar nem perto de tanto que a coisa vai feder. Vão ter que drenar todo o reservatório e encher com água do Nilo. Ai, cacete!

Um gêiser jorrou da lata de Sprite quando ele tirou a tampa, espirrando em suas mãos e no macacão. Ele segurou a lata longe e tirou o chapéu.

— Eu estava seco até você chegar — resmungou, passando o chapéu pelo macacão encharcado.

Khalifa o olhou com uma expressão debochada de desculpas e deu um gole em seu próprio refrigerante. Atrás deles, começaram a soar os apitos, avisando os visitantes que estava na hora de fechar e que deveriam se dirigir para a saída do templo. De mais longe, vinha o martelar ritmado dos bate-estacas, a trilha sonora predominante da vida em Luxor nos últimos dois anos.

— Você está testando a água no local? — perguntou Khalifa após uma pausa, espantando uma mosca do rosto e dando outro gole na Coca.

Omar concordou com a cabeça.

— Enviamos as amostras para o laboratório em Assiut. Tínhamos um acordo com o laboratório do hospital, mas foram tantos testes desde que começaram com essas malditas construções que o hospital não dava mais conta.

Khalifa sacudiu as pernas mais um pouco e disse:

— Posso pedir um favor?

— Pode pedir.

— Estou recebendo relatos de poços se estragando no Deserto do Leste e preciso de uma orientação.

Ele descreveu a situação — o senhor Attia, seu primo, Deir el-Zeitun — que, apesar de todos os seus esforços para afastá-la do pensamento continuava a incomodá-lo. Havia algo errado, alguma coisa acontecendo e, mesmo sem ser metade do detetive que costumava ser, ainda era do tipo que queria respostas diante de um padrão de eventos que não tinha explicação óbvia.

— Poderia ser natural? — perguntou quando terminou de contar a história. — Os poços se estragarem sozinhos?

Omar deu um longo e pensativo gole no Sprite.

— Duvido muito. Poços secam, com certeza, e também se estragam, só que, quando isso acontece, quase que invariavelmente é devido à poluição industrial. Ou, às vezes, por contaminação do

esgoto, como está acontecendo aqui. Mas você disse que estão no meio do Deserto do Leste?

Khalifa concordou:

— Então é bem mais difícil de explicar. Estou supondo que não tenha nenhuma grande indústria por perto, fábrica de cimento, de papel, esse tipo de coisa?

— Não que eu saiba.

— Certamente parece suspeito. Muito de vez em quando, as fontes de água se perdem devido a movimentos subterrâneos, mas estamos falando de grandes movimentos, terremotos, e não ouvimos falar de nada parecido. E o fato de que todos os poços pertencem a coptas...

Deu outro gole no Sprite, depois colocou a lata de lado e começou a desembalar o Kit Kat, metodicamente, passando a unha por baixo da dobra em cada extremidade do chocolate.

— Você quer que eu dê uma olhada nisso? — perguntou, quebrando um pedaço e oferecendo a Khalifa. — Pegar algumas amostras e mandar analisar a água?

— Você se incomodaria?

— Claro que não. Agora fiquei interessado.

— Eu mesmo posso ir lá e pegar as amostras, se ajudar.

— É mais fácil se eu for. Posso aproveitar para dar uma olhada no terreno, ver se existe alguma explicação óbvia. Pode levar alguns dias.

— Quando você puder. Não tem pressa. Eu pago a gasolina.

Omar descartou a oferta.

— Eu estou te devendo um Kit Kat e um Sprite — disse ele. — Ficamos quites.

— Isso não parece muito justo.

— Isso é o Egito. Nada é justo. É como você ficar com um pedaço e eu ficar com três.

Ele piscou para Khalifa e enfiou o restante do Kit Kat na boca.

— Mesmo sem Mubarak, ainda há muita injustiça — disse ele, mastigando alegremente. — É de partir o coração.

Khalifa sorriu e ficaram em silêncio, olhando para o lago enquanto os apitos continuavam a soar, apenas com menor

frequência agora que os turistas tinham percebido a mensagem e deixavam o complexo do templo em direção aos ônibus à espera. Khalifa terminou a Coca, comeu seu pedaço de Kit Kat e acendeu um Cleopatra, os olhos se perdendo numa faixa vazia do céu para além do retângulo elevado do décimo pilone. A essa hora, no ano passado, essa mesma faixa de céu era a moldura de seu velho prédio, um de uma fila de retângulos desmazelados de concreto erguidos na extremidade norte da cidade como uma fileira de lápides arruinadas. Quando visitava Karnak nos velhos tempos, sempre fazia questão de desviar até o pilone, ligar para casa do celular e mandar quem quer que atendesse ir até a janela da sala e acenar para ele. Uma brincadeira de criança da qual ninguém se cansava, especialmente Ali, que num evento memorável pendurara, certa vez, um grande lençol para fora da janela onde tinha pintado "Amamos você, pai". Gostaria de ter tirado uma foto. Havia tantas coisas que ele gostaria de ter fotografado. E agora tinham desaparecido para sempre, substituídas pelo céu vazio e uma trincheira de esfinges. Progresso? Certamente não era o que parecia para ele.

— Eu tenho que voltar ao trabalho — disse Omar, tomando o último gole do Sprite e se pondo de pé. — Ainda tenho que coletar algumas amostras e não creio que fossem gostar de me ver espirrando água por aqui durante o espetáculo de som e luz.

— Não sei — disse Khalifa se levantando também. — Podem achar que você faz parte do show. Amon desfilando na barca *manjet*.

— De macacão e gorro? Uma interpretação interessante.

Deram uma gargalhada. Ou pelo menos Omar. Khalifa apenas sorriu.

— Vou tentar ir até os poços nos próximos dias — disse Omar. — Pode me mandar os detalhes?

— Enviarei um e-mail assim que voltar para o escritório.

— Vou avisar ao laboratório que é urgente e você pode ter alguma coisa no final da semana.

Khalifa agradeceu.

— Uma outra coisa. Tenho certeza de que a fazenda em Bir Hashfa está canalizando a água potável ilegalmente. São pobres. Me

faça um favor, não conte para ninguém.

— Nosso segredinho — disse Omar, dando um tapinha conspirativo no nariz.

Abraçou Khalifa, afastou-se e pousou as mãos nos ombros do detetive.

— Você está bem?

— Nunca estive melhor.

A pressão das mãos de Omar aumentou.

— Você está bem? — repetiu.

Dessa vez, Khalifa hesitou antes de responder.

— Vou sobreviver — acabou dizendo.

— Faça isso, meu amigo. Viva bastante e com saúde. E o mesmo para Zenab e as crianças.

Ele sustentou o olhar de Khalifa, depois lhe afagou o cabelo, enfiou o gorro de lã e voltou para o barco.

— Aviso assim que tiver todos os resultados — gritou, subindo a bordo e soltando o cabo. — Tenho interesse em ver isso pessoalmente. Não desapareça.

Ele empurrou o barco, sentou-se, ergueu os remos e conduziu o bote de volta para dentro do lago. Khalifa o observou por um tempo e depois voltou a olhar para além do décimo pilone, para onde antes ficava seu velho prédio. Ao longo da fenda tectônica da avenida se viam pessoas com exatamente a mesma expressão no rosto, olhando desconsoladamente para o espaço, como se estivessem desejando que suas velhas casas reaparecessem miraculosamente. Lembravam pessoas de luto ao lado de uma tumba. Khalifa sentia como se metade de Luxor estivesse de luto pela maneira como as coisas tinham acontecido. Ele balançou a cabeça, pegou as duas latas de refrigerante e se dirigiu para a saída. Às vezes era muito difícil deixar para lá.

TEL-AVIV

Saindo do abrigo Hofesh, Ben-Roi atravessou a rua para dizer algumas palavras ao cafetão do outro lado. O homem viu sua aproximação e fugiu. Ben-Roi o perseguiu por meio quarteirão e depois desistiu. Ele voltaria, quase que certamente, como dissera Hillel, mas ao menos teria algo sobre o que pensar. Por outro lado, talvez não. Sujeitos como aquele não pensavam realmente. Apenas faziam o que faziam sem a menor noção de significados ou consequências. Certamente, sem qualquer vínculo emocional. Ficaria escondido na esquina, esperaria Ben-Roi ir embora e retomaria a vigília, sem se incomodar, como uma raposa voltando para uma lata de lixo. Animalesco, basicamente. E nada do que Ben-Roi fizesse ou dissesse faria diferença. A eterna dança de defensores da lei com os fora da lei. Não foi a primeira vez em que se perguntou por que ainda se incomodava.

Ficou mais alguns minutos por ali, marcando sua presença. Depois, gritando “Vou ficar de olho em você, bundão!”, voltou para o carro. Deixou as fotos que Hillel imprimira no banco de passageiros e ligou para Zisky, a fim de atualizá-lo sobre o que descobrira.

— Você acha que é por isso que Kleinberg estava visitando o complexo armênio? — perguntou Zisky quando terminou de ouvir o relato. — Por que estava procurando essa garota?

— Ou se encontrando com ela — disse Ben-Roi. — Seja o que for, é a melhor pista que temos. Estou enviando as fotos do abrigo por e-mail. Por favor, mande alguns policiais circularem com elas pelo complexo para ver se alguém a reconhece. Vou dar outra volta em Neve Sha’anán para verificar a possibilidade remota de alguém ter visto a garota por lá. Algum sucesso com a tal Nêmesis?

— Conversei com meu amigo e ele me passou algumas informações — respondeu Zisky. — Também desencavei algumas coisas sobre a Barren Corporation que podem ser relevantes. Quer me encontrar hoje à noite?

— Por que não? Você bebe?

— Apenas champanhe.

Ben-Roi começava a reconhecer o humor de Zisky e deu uma risada.

— A conta é sua então. Tem um bar no final da Cidade Antiga, na rua Jaffa. Putin's.

— Conheço.

— Te encontro lá as nove?

— Encontro marcado.

Ben-Roi desligou e fez uma outra ligação. Dessa vez para Sarah. Ao voltar para o abrigo, olhando pela janela para a triste coleção de brinquedos no quintal lá embaixo, foi acometido por uma emoção incomum, um desejo súbito e urgente de dizer a ela o quanto ainda a amava. *Ainda* a amava, desesperadamente, para ser honesto consigo mesmo — mas o impulso de expor o sentimento se fora. Em vez disso, quando ela atendeu, manteve a conversa num tom casual e rápido, perguntando pelo bebê, sugerindo que se encontrassem para almoçar no dia seguinte, respondendo evasivamente sobre o que estava fazendo em Tel-Aviv. Não porque achasse que ela não pudesse encarar a história — era uma mulher forte —, mas porque havia algumas partes de sua vida que preferia isolar de outras. Estupro, abuso, violência — não eram o tipo de coisa que gostaria de compartilhar com a mãe de seu filho. Conversaram alguns minutos, combinaram o lugar e a hora do almoço no dia seguinte e desligaram.

Após se despedir, Ben-Roi esperou um pouco e depois pegou uma das fotos do banco de passageiros, a da cabeça. Segurou-a junto ao volante. Os olhos grandes e amendoados da garota o fitaram, vazios e, ao mesmo tempo, com uma estranha força, as íris tão castanhas que quase pareciam pretas. Não era uma beleza convencional — o nariz era um pouco achatado demais, as sobrancelhas muito pesadas —, mas definitivamente havia algo nela que era atraente, algo no limiar entre o vulnerável e o rude, entre a mágoa e a força. Era quase como se duas faces diferentes, com duas expressões diferentes, tivessem sido superpostas — uma, da vítima; outra, da sobrevivente.

Ela era a chave para o caso. Ele sentiu isso no momento em que a viu. O ponto ao redor do qual tudo se resolveria. O fio que amarraria todas as pontas.

Ele olhou para ela por quase um minuto. Então, colocando a foto de lado, ligou o motor e voltou para o palheiro chamado Tel-Aviv, em busca de uma agulha chamada Maria.

Se Israel era a Terra Prometida, Neve Sha'anán era o lugar onde a promessa fora quebrada. Um canto decadente, sujo e arruinado de Tel-Aviv, imprensado entre a rodoviária velha e a nova da cidade, o distrito há muito tempo atraía imigrantes, bêbados, drogados e profissionais do sexo. Algumas pessoas chamavam o lugar de colorido. Um caldeirão de misturas. Para Ben-Roi, ele se parecia apenas com um buraco de esgoto.

Já passava das seis horas quando ele chegou e estacionou na rua Saloman, ao lado do pátio abandonado e coberto de mato da velha garagem. Ficou um instante olhando para o outro lado da rua, para um grupo de *schwartzes* em torno da porta de um bar. Depois, pegando a foto do rosto da moça, trancou o carro, pegou o casaco e saiu caminhando.

A área começava a ganhar vida, o pulso parecia acelerar. Em Neve Sha'anán, na rua de pedestres entre prédios sórdidos e decadentes que formava a espinha dorsal do bairro, o barulho caótico tomava conta do ar noturno: música; aparelhos de TV; ruídos eletrônicos das lojas de videogames; o tagarelar babélico das mulheres orientais amontoadas em torno das barracas de frutas e verduras. Havia becos atulhados de lixo, bares iluminados com luz néon e grafites sinuosos exigindo o fim da imigração, o retorno à Torah e a morte da escória islâmica. Bêbados e viciados em heroína se encolhiam junto às portas como criaturas em seus covis; o ar era tomado por um odor penetrante de lixo, peixe e *fast food*. E, também, por algo mais intangível: pobreza, miséria, violência a espreita. Com toda a certeza, não se tratava de material para folhetos turísticos. Ali era a cloaca. O porão fétido de Israel, onde todo o lixo era despejado.

Ben-Roi percorreu todo o trajeto da rua, passando pelas lojas de bebidas, lavanderias e bancas de relógios de grife falsificados, mostrando a foto para os transeuntes, na esperança de que alguém pudesse ter visto a menina. Um casal de vendedores ambulantes achava que a reconhecia vagamente, mas não se lembrava de onde, quando ou mesmo se era realmente a mesma pessoa; uma mulher idosa em uma loja bem-iluminada vendendo parafernália cristã — cruzeiros, Jesus de plástico e garrafas de água do rio Jordão — foi mais positiva sobre tê-la visto. Fora há muito tempo, no entanto, e com certeza não era nada recente. Um homem disse que *gostaria* de tê-la visto, que teriam passado um bom tempo juntos; outro, era um *meshugganah*.

Um *haredi* de olhos selvagens e longos *pe'ot*, duros como *dreadlocks*, chegando até a altura do peito, foi taxativo ao afirmar que a garota era um espírito maligno enviado por *Ha-Satan* para tentar os fiéis. Considerando que estava descalço e tinha um cartaz de cartolina pendurado no pescoço anunciando que iam todos para *Gehinnom*, Ben-Roi não o levou muito a sério. Ninguém podia oferecer qualquer informação concreta.

Ele fez o caminho até o fim da rua e parou diante da garganta sombria e cheia de lixo que era a passarela subterrânea de Levinsky. Apesar do portão instalado no túnel, ele via sombras escuras lá embaixo, monturos indefinidos de seres humanos vagando pela escuridão: viciados em *crack*, bêbados, malucos. Se alguém estivesse desesperado, realmente desesperado, precisando de abrigo para passar a noite, aquele era o tipo de lugar onde procuraria refúgio. À luz do dia, ele poderia ter considerado pular o portão e descer, circular com a foto e perguntar se alguém reconhecia a garota. Mas com toda a certeza não faria isso agora, não no escuro e com sua pistola Jericho trancada na caixa de segurança sob o assento do carro. Ele podia ser imprudente, mas não tanto. E seria uma perda de tempo, de qualquer modo — a maioria estava tão chapada que nem registraria estar vendo uma foto, que dirá lembrar se teria visto a pessoa retratada. Em vez disso, após olhar lá para baixo por um tempo, as narinas se fechando diante do odor de lixo e mijo azedo, percorreu Neve Sha'anán uma segunda vez e depois

entrou pelas ruas paralelas: Hagdud Haivri, Yesod Hamaala, Fin, Saloman.

Quando foi designado para Tel-Aviv, há dez anos, as prostitutas ocupavam essas ruas de ponta a ponta. Eles tinham feito alguma limpeza desde então, mas ainda era nitidamente uma zona de meretrício: *sex shops*, "*pip*" *shows*, lojas com as fachadas cobertas por tapumes e mulheres de minissaia nas portas, vadias e largadas. Cafetões também. Encostados em postes, circulando pelas esquinas, destacavam-se a distância com suas expressões de vigilância e olhos frios e calculistas. Desclassificados, todos eles. A escória. No entanto, ao fim e ao cabo, apenas atendiam a uma demanda. Os clientes eram igualmente parte da equação. E, embora fosse difícil desprezar os cafetões e traficantes, enquadrar os clientes era um pouco mais complicado. Metade de seus amigos já tinha saído com prostitutas uma vez ou outra. E todos os seus colegas de trabalho também, provavelmente, menos Leah Shalef. E ele, uma vez, há anos, quando estava no serviço militar na fronteira com o Líbano. Ele e Natan Tirat tinham enchido a cara uma noite com uísque vagabundo, foram para um prostíbulo em Metula, conseguiram uma chupada de uma mulher peituda e bruta que se chamava... Ele nem lembrava o nome dela. Foi motivo de riso na época, uma espécie de rito de passagem, e, ainda que pouco depois ele tenha começado a se sentir constrangido a respeito, e certamente jamais tenha comentado nada com Sarah, aquilo não lhe causou nenhum tipo de angústia especial.

De noite, andando por lá, a lembrança o deixou mais perturbado. Ele estava certo de que a mulher não tinha sido traficada ou, pelo menos, não de fora, mas, mesmo assim, não podia imaginá-la tendo uma vida especialmente feliz. E um par de recrutas bêbados esperando na fila para enfiar o pau em sua boca não deve ter ajudado muito a melhorar a situação. Ele olhou para foto em sua mão imaginando o tipo de coisa que a garota fora forçada a fazer — *sabendo* o tipo de coisa — e se sentiu nauseado. Culpado também, ainda que de uma maneira abstrata. Afinal, ele dera dinheiro para a indústria. Fez uso de seus serviços. Alimentou a besta. Se não fosse por usuários como ele, não haveria uma

indústria, assim como não haveria mão de obra escrava na indústria da moda não fossem os *fashionistas* compulsivos por roupas, tampouco narcoguerras caso não existissem os respeitáveis cheiradores de pó de fim de semana. Todos eram exploradores à sua maneira, todos usavam e abusavam, e, ainda que os cafetões e traficantes fossem a face óbvia da exploração, o círculo de responsabilidade se abria e bem mais do que isso. Mas ele não ficou remoendo o assunto. Metula fora, há muito tempo, um erro que ele não tinha a menor intenção de voltar a repetir. No momento, o que ele precisava era encontrar uma garota e solucionar um assassinato. Reflexões sobre a ética dos suprimentos e da demanda da indústria do sexo ficariam para outro dia.

Ele virou para entrar na Hagdud Haivri, passou pelo açougue da esquina com o nome anômalo de o Reino do Porco e parou diante de duas prostitutas, algumas portas depois. Uma loura oxigenada de *jeans* e tubinho, tinha um jeito acabado e machucado, os braços marcados de uma viciada de longa data; a outra era mais velha, meia-idade, morena, usava um vestido preto justo e saltos *stilletto*. Uma aparência mais saudável, o que não significava muito. Ambas israelenses, pela aparência. Ele mostrou sua insígnia e pegou a foto.

— Conhecem essa garota? — perguntou, sem se preocupar com as preliminares. — Costumava trabalhar por aqui?

A loura balançou a cabeça.

— Experimente olhar a foto.

Ela baixou os olhos e os levantou de novo.

— Não.

— Tem certeza?

— Se você está procurando carne nova, sei onde encontrar, mas vai custar caro. Bem novinha, se estiver interessado.

Ben-Roi ignorou o comentário e virou a foto para a outra mulher.

— E você? Reconhece?

A mulher tirou a foto da mão dele e deu um trago no Marlboro que segurava na outra mão. Apesar de estar ganhando peso na cintura e usar maquiagem demais, percebia-se que já fora atraente um dia. Ainda era, só que de um jeito cansado, quebrado pela vida.

Nenhum sinal óbvio de consumo de drogas, o que o levava a se perguntar sobre o que a jogara lá embaixo. Dívidas, talvez, ou um relacionamento abusivo, algum motivo entre centenas de opções. Droga, talvez ela gostasse, embora isso fosse a possibilidade mais improvável. Todas tinham suas próprias histórias. Cada uma com sua escada privativa direto para o submundo.

— Bem? — perguntou.

Seus olhos examinaram a foto e voltaram para ele.

— Por que você quer saber?

— Assunto policial. Então? Reconhece ou não reconhece?

Ela deu outra tragada. Ele percebeu que a mão dela tremia. Talvez fosse drogada, afinal.

— Não posso te ajudar — respondeu, devolvendo a foto.

— Tem certeza?

— Não posso ajudar — repetiu ela com mais firmeza.

Ben-Roi examinou seu rosto, tentando descobrir se ela estava escondendo alguma coisa. Ela apenas ficou lá, mexendo no cigarro, as mãos tremendo, desviando o olhar, e, algum tempo depois, ele aceitou que não ia conseguir nada mais e voltou a andar. A voz da loura veio ecoando atrás dele, aguda e provocadora.

— Carne nova mesmo, se você quiser, querido. Recém-saída do caminhão. Você pode voltar quando quiser, seu polícia!

Ele ainda ouvia a gargalhada dela ao dobrar a esquina no fim da rua.

Circulou por lá por mais uma hora, parando nos bares, *sex shops* e boates de *strippers*, conversando com as prostitutas e com os cafetões. Com alguns clientes também — figuras furtivas e curvadas, saindo disfarçadamente pelas portas de quartos que davam direto para a calçada, sujos, semelhantes a celas, com uma cama e uma pia. Uma dupla de europeus orientais, na Fin, lembrava-se de Maria de quando ela trabalhava na área, mas não sabia mais nada a respeito dela, muito menos onde ela poderia estar agora. Um porteiro do VIP Sex Bar na Saloman também a reconheceu, com o detalhe adicional de que ela aparecera em algumas fotos eróticas na Internet. Fora isso, ele continuava totalmente no escuro. Ninguém mais se lembrava da garota,

ninguém sabia nada sobre ela. Ou, pelo menos, ninguém admitia saber, o que dava no mesmo. Às oito, após varrer o bairro de ponta a ponta mais de uma vez, e sabendo que tinha que voltar para Jerusalém para se encontrar com Dov Zisky, decidiu que já era hora e voltou para o carro. Fora um tiro arriscado. Talvez pudessem ter mais sorte no Bairro Armênio.

Ele retirou as placas vermelhas da polícia do Toyota, jogou-as para dentro do carro e entrou. Ficou ali um instante, subitamente abatido, deprimido por tudo o que ouvira e vira ao longo do dia. Talvez fosse melhor cancelar a reunião, apenas ir para casa e desabar. Estava ansioso para saber o que Zisky descobrira sobre a Barren e a Nêmesis e, além disso, uma cerveja gelada cairia bem. Esperou ainda alguns segundos. Depois, virando o pescoço, deu a partida e estava engrenando o carro quando alguém bateu com força na janela. Subitamente tenso, olhou e relaxou diante do rosto que viu ao seu lado. A morena de Hagdud Haivri. Ele baixou o vidro e ela se inclinou, levantando o dorso e fazendo parecer que era uma trabalhadora das ruas negociando com um cliente.

— Por que você está perguntando sobre ela? — A linguagem corporal poderia ter sido sedutora, mas a voz era ríspida, com um tom de urgência. — Maria — sussurrou. — O que aconteceu com ela?

Ben-Roi colocou o motor em ponto morto e desligou o carro, reclinando-se um pouco e se virando para encará-la.

— Achei que você tivesse dito que...

— Sei o que eu disse! — Ela olhou nervosamente por cima do ombro. — Você acha que vou deixar todo o mundo me ouvir conversando com a polícia? Não é uma coisa muito boa por esses lados. Agora, o que aconteceu com ela? Achei que tivesse saído fora. Que estivesse num abrigo.

— Ela fugiu. Faz umas duas semanas. Achamos que pudesse...

— Ter voltado para cá? — Ela soltou um som gutural, um muxoxo meio riso, meio cético. — Você tá de palhaçada comigo? Depois do que ela passou? Ela não mostraria a cara por aqui nem em um milhão de anos.

— Vocês eram amigas?

Ela fez um gesto de impaciência com a mão.

— Ninguém tem amigos nesse negócio! É o mínimo que se pode fazer para continuar com a cabeça para fora da água.

Ela olhou em volta novamente, examinando a rua nervosamente, depois enfiou a cabeça ainda mais para dentro do carro, ficando tão próxima de Ben-Roi que ele sentiu seu hálito de cigarro e viu as rugas em torno dos olhos.

— Nossos caminhos se cruzaram algumas vezes — disse ela. — Eles nos puseram para... Você sabe...

— O quê?

— Pelo amor de Deus! Filmes, shows particulares. Você precisa que eu soletre?

Ele não precisava, sabia exatamente do que ela estava falando. A madura e a jovem, mãe e filha, a aluna de estimação da professora.

— Ela era apenas uma criança, por Deus. Já é ruim na minha idade, mas para alguém como aquela...

Ela mordeu os lábios, os dedos com medonhas unhas pintadas se agarrando à porta, o rosto, a expressão da humilhação.

— Eu não queria fazer aquilo. Nenhuma queria. Mas eles nos obrigam... E não se pode simplesmente recusar o serviço. Entende o que eu digo?

Novamente, ele entendia. Perfeitamente. Não era um negócio notório por respeitar os direitos de seus empregados.

— Você sabe quem era o cafetão dela?

Ela balançou a cabeça.

— Eles simplesmente a levavam para o lugar onde a gente... fazia. Boates, clubes, casas particulares. Ela sempre tinha uns dois caras de olho nela. Era tão apavorada. *Tão* apavorada. Eu tentei ajudá-la, facilitar um pouco as coisas, mas como se pode facilitar uma coisa daquelas?

Ela baixou os olhos e desviou o olhar novamente, incapaz de encará-lo. As mãos tão apertadas na porta que os nós dos dedos estavam brancos.

— Uma vez, ela chorou. Ficou lá deitada chorando, comigo em cima dela. Uma festinha só para homens, soldados. Eles adoraram.

Animais!

As imagens e sons passaram pela cabeça de Ben-Roi, o tipo de coisa que ele já vira na Internet. Sacudiu a cabeça, tentando se livrar das imagens.

— Você tem alguma ideia de onde ela está agora?

— Muito longe daqui, se ela sabe o que é bom para ela. Ouça, tenho que voltar, já fiquei longe muito tempo. Apenas achei que você pudesse saber de alguma coisa, queria verificar se ela não tinha sido...

— O quê?

— O que você acha, porra? Eles tiraram uma garota do Yarkon na semana passada. Cortaram as orelhas dela e amarraram pesos nos seus pés. É o que acontece com as garotas que tentam sair. Teve uma jornalista por aqui fazendo umas perguntas há algumas semanas e temi que alguma coisa pudesse ter acontecido com Maria. Agora, tenho que ir.

Ela começou a se levantar, mas Ben-Roi agarrou seu pulso.

— Era gorda? A jornalista, cabelos grisalhos?

Ela hesitou, depois concordou levemente com a cabeça, desconfiada.

— O nome dela era Rivka Kleinberg. Foi assassinada há três dias. Em Jerusalém. Na Catedral Armênia. Achamos que ela estava procurando por Maria. Ou possivelmente se encontrando com ela. Preciso encontrar Maria, urgentemente. Se tiver alguma coisa que você possa me dizer, qualquer coisa...

Por um instante, a mulher ficou lá, os olhos disparando de um lado para outro, como se estivesse processando o que acabara de ouvir, tentando calcular o que significava, como poderia afetá-la. Então, soltando o pulso bruscamente, afastou-se do carro.

— Eu não posso te ajudar — disse. — Não sei de nada. Agora, tenho que...

— Iris!

Ela congelou ao ouvir a voz vindo do outro lado da rua. Ben-Roi espiou pelo retrovisor lateral. Um homem se aproximava pela outra calçada: musculoso, de boina, jaqueta de couro, um mastiff ou bull terrier puxando furiosamente a guia em sua mão.

— Oh, Deus — ela murmurou, a boca contraída, os olhos arregalados de medo. — Por favor, vá! Agora! Se ele me vir com a polícia...

— O que está havendo, Iris? — gritou o homem. — Com quem você está falando?

— Só estou tentando arrumar um trabalho — respondeu ela, tentando sem conseguir disfarçar o pânico na voz. — A noite está fraca.

— Então, que conversa toda é essa? Ele quer ou não quer.

— Vá — ela sibilou entre os dentes. — Em nome de Deus, vá embora. Ele vai me matar.

O cafetão estava atravessando a rua, uns trinta metros de distância, o cachorro rosnando, as patas se cravando furiosamente no asfalto em sua ânsia de alcançá-la. Ben-Roi refletiu se deveria sair e mostrar o distintivo, dizer ao homem para se afastar, mas sabia que isso apenas complicaria a vida da mulher. Se não fosse agora, mais tarde.

— Pelo menos me dê alguma coisa — rosnou ele, ligando o motor, os olhos indo e voltando da mulher para o retrovisor. — Você tem que saber alguma coisa.

— Não sei! Deus Todo-Poderoso, ele vai...

— Ele está tentando te pegar, Iris?

O cafetão apressara o passo, estava agora a menos de vinte metros, perto o bastante para Ben-Roi ver a barba por fazer e as pontas na coleira grossa de couro do cachorro.

— Você diga para ele que o preço é o preço, porra! Tá me ouvindo? O preço é o preço!

— Por favor — suplicou ela, a voz tomada pelo terror — estou implorando, vá...

— Não até você me dar alguma coisa!

Por uma fração de segundo ela se manteve congelada. Então, com o cafetão a não mais do que dez metros deles, ela se aproximou, inclinou a cabeça e sussurrou apressadamente algo na orelha de Ben-Roi.

— Agora, suma daqui — disse ela entredentes, afastando-se novamente. Então, mais alto para o cafetão ouvir:

— Ah, vá se fuder, seu idiota!

Supondo que alguém tivesse insultado uma de suas funcionárias, o homem soltou um grito furioso e disparou em direção ao carro. Os olhos de Ben-Roi encontraram os da mulher, apenas por um instante e, com um aceno de cabeça, ele engrenou o Toyota e arrancou, o veículo sendo sacudido quando o cachorro se atirou ao parachoque traseiro. Ele acelerou, olhando pelo retrovisor. O cachorro corria atrás dele, a guia arrastada pela rua; o cafetão estava ao lado da mulher, com um braço protetor sobre seu ombro enquanto o outro esmurrava o ar furiosamente, gritando insultos que Ben-Roi não distinguiu em meio ao ronco do motor. Ele olhou pelo tempo necessário para ter certeza de que a mulher estava bem, o que parecia ser o caso — ou tão bem quanto fosse possível, considerando o mundo em que ela vivia — e então voltou a olhar para a frente. Chegou ao final da Saloman, virou na Harkevet e de lá para rodovia Ayalon, direto para Jerusalém. Dirigia no automático, mal percebendo o que fazia. Só conseguia pensar nas palavras que a mulher sussurrara para ele:

Seu nome verdadeiro era Vosgi.

HOUSTON, TEXAS

William Barren passou pelos portões da propriedade da família com seu Porsche Carrera GT e acelerou satisfeito pelo caminho asfaltado da entrada. O motor V10 de 612 cavalos o catapultou para 100 km/h em segundos. Quase em seguida, ele aliviou, tirando o pé logo antes da curva que dava para o maciço de granito coroado por torres que era a mansão da família e que, mesmo sob o sol da manhã, não perdia o ar maligno e sombrio. Não por acaso o lugar era chamado de Darklands, as terras sombrias.

Ele conferiu o relógio no painel — quase 10h20 — e estacionou debaixo de um dos enormes carvalhos macrocarpa que acompanhavam a estrada. Fora chamado para comparecer às 10h30, e seu pai não gostava de pessoas adiantadas. Também não gostava de atrasos. Não gostava que chegassem em nenhum outro momento que não fosse a hora marcada, exatamente quando determinara que estivessem lá. Quando garoto, William se esforçava muito para acertar. Por um motivo qualquer, nunca conseguia e sempre acabava chegando de um lado ou de outro da hora determinada. Às vezes, adiantado em sua ansiedade de se afirmar, outras, atrasado por ter se empenhado tanto para acertar e acabar numa espécie de transe resultante do estresse, o que fazia com que perdesse o rumo do que estava fazendo. Jamais na hora exata. E, então, lá vinha mais uma repreensão. Mais rosnados, dedos apontados, sermões sobre como uma criança que não consegue cumprir horários vai se tornar um adulto que não consegue seguir coisa alguma, e um adulto que não consegue seguir coisa alguma estava destinado ao fracasso, à ignomínia e à inutilidade. Mesmo agora, um homem feito, ainda era assombrado por esses sermões. *Você não é o que eu esperava que fosse, William. Não tem o que é preciso. Outros têm, mas você, acho que não.* Bem, ele *tinha* o que era preciso. E logo o velho descobriria isso por si mesmo. Ele poderia não ter sido o favorito nem ter

recebido amor e atenção, mas William era quem ia estar no topo, no final. Em breve. Muito breve.

Mas, não hoje. Hoje, ele apenas queria chegar na hora certa.

Ele esticou uma carreira curta na capa de um CD. Cheirou, abriu a caixa do CD e o colocou no aparelho. Eminem, *Bully*. Aumentado o volume, recostou-se e começou a bater com o punho no volante, no ritmo da música, murmurando a letra. *I ain't bowing to no motherfucking bully*. (Não me curvo para nenhum valentão de merda.) Isso mesmo. É você que vai ser curvar para *mim*, meu velho, se curvar naqueles seus joelhos inchados e gordos de elefante. Curvar, curvar, curvar. Ele bateu mais forte com o punho, todo o carro sacudindo no ritmo de seu ódio. Curvar, curvar, curvar.

Ele deu outra olhada no relógio.

Transtorno delirante fora o diagnóstico de um psiquiatra. Foram uns tantos ao longo dos anos. Psicólogos, analistas, orientadores, médicos da cabeça. Todos vieram com suas próprias variáveis e interpretações, seu palavreado próprio. Uma delas, com quem estivera há quatro anos, após a morte da mãe, a que tinha lábios de puta e mamilos grandes, fora direta e lhe dissera que ele era um sociopata limítrofe, ainda que isso pudesse ter sido por ele tê-la seguido até em casa após uma de suas sessões e perguntado se ela queria ir para cama (com o que ela, curiosamente, concordou — apesar dos demônios dele, ou talvez por causa deles, ele sempre atraía o sexo oposto. Isso e o fato de ele vir de uma família de bilionários).

Sim, fizera um bocado de terapias. Horas sentado em poltronas confortáveis em consultórios bem decorados enquanto o doutor isso ou o doutor aquilo perguntava sobre sua infância, sua família, sobre as drogas e prostitutas, e sobre como se sentia em relação à mãe ter sido incinerada até as cinzas daquele jeito.

Ela, eles sempre faziam um monte de perguntas sobre *ela*.

E durante todo esse tempo, vinte anos ou mais de perguntas, respostas, evasivas e ocasionais colapsos em lamentáveis crises históricas de choro e uivos diante de sua incapacidade de estar à altura das expectativas do pai, de ser o herdeiro que o velho esperava e amava — uma dúzia de terapeutas, uma dúzia de

diferentes consultórios e nenhum deles dissera qualquer coisa que ele já não soubesse. Obviamente, que seu pai era a raiz de todos os seus problemas. A fossa envenenada de onde escorriam todos os seus problemas. Como o odiava! E o adorava também, é claro, como se adora uma divindade irada do Velho Testamento que aterroriza até a última gota e cuja benevolência você igualmente deseja ardorosamente. Mas o odiava ainda mais. Seu pai arrebentara com sua vida. Arrebentara com a vida de todos (aquela noite no armário, ouvindo, *Por favor, não, isso dói, isso dói!*). Enquanto seu pai estivesse por ali, aquele inferno não teria fim. No momento em que se fosse, tudo ficaria bem. Como na peça de Shakespeare, que ele estudara antes de o expulsarem da escola, sobre o príncipe Hal e seu pai, o rei, em que o príncipe fora um completo desperdício até o rei adoecer, morrer, Hal assumir o trono e deixar a vida louca para trás. Transformou-se num grande homem. *Ele* iria se transformar num grande homem. Já era um grande homem, se ao menos seu pai saísse da porra do caminho e o deixasse provar isso. Não faltava muito agora. Logo ele estaria acertando os negócios da família. E, ao contrário do príncipe Hal, ele não se preocuparia com nenhum tipo de reconciliação comovente com o papai antes de assumir o controle do reino. Em vez disso, assim que papai tivesse sete palmos de terra por cima, ele calçaria os sapatos de sapateado e dançaria em cima de sua maldita sepultura.

Deu outra olhada no relógio e percebeu, com um pulo, que já eram quase 10h30. Xingando, tirou o Eminem, ligou o motor e disparou pelo caminho, os carvalhos borrados na beira da estrada enquanto o motor roncava pela curva até parar diante da casa. Parou com uma derrapagem, subiu a escada de dois em dois degraus e conferiu o relógio: 10h30 em ponto. Com um riso de triunfo, apertou o botão da campainha de metal polido por bem mais tempo do que seria necessário, o som ressoando raivosamente pela casa, sem deixar dúvida para ninguém lá dentro de que ele não só estava lá, mas que estava lá na hora certa. Pontualmente.

— Bom dia, patrão William.

Stephen, o mordomo do pai, abriu a porta e estava diante dele: reto como uma vara, terno preto, um cheiro distante de brilhantina,

sapatos tão engraxados que chegavam a mostrar um reflexo tênue do teto. Assentiu respeitosamente e se afastou para o lado, sinalizando para que entrasse na casa.

— Acredito que o senhor esteja bem — disse delicadamente, fechando a porta atrás dos dois, a voz suave e sibilante, sem qualquer sinal de sua idade ou caráter.

— Muito bem e elegante, obrigado, Stephen. Mas estarei muito melhor daqui a vinte minutos, quando estiver de saída.

William forçou um sorriso, para o qual não obteve qualquer reação visível, o rosto pálido e os lábios finos do mordomo se mantiveram em estudada neutralidade. Sempre fora assim, desde que William conseguia se lembrar. Quando criança, ele alimentou a fantasia de que o homem era, na verdade, um robô e que, se ele soltasse os parafusos que existiam atrás das orelhas dele, poderia remover o rosto e revelar seus circuitos. Talvez pudesse reprogramá-lo para fazer algumas coisas engraçadas. Como estuprar o pai. Ou arrastá-lo até o lago ornamental nos fundos da casa e afogá-lo, libertando a todos daquele sofrimento. Por uma ou duas vezes, chegou mesmo a tentar — subiu numa cadeira e apalpou em torno daquela máscara pálida e inexpressiva, procurando com os dedos sob o cabelo oleoso com a esperança de encontrar um botão ou achar um interruptor, algum meio de entrar lá e assumir o controle. E Stephen permitiu seus movimentos, deixando a brincadeira ir até o fim. William sempre fora grato por aquilo — a aquiescência passiva com as fantasias de uma criança pequena. Apesar da expressão rigidamente formal, Stephen era um dos mocinhos. Reconhecia o potencial para o qual seu próprio pai era deliberadamente cego. Um dia, ele o recompensaria por isso. O rei jamais esqueceu aqueles que demonstraram lealdade enquanto ele esteve no exílio. Assim como jamais esqueceu os que o mandaram para o exílio em primeiro lugar.

— Na biblioteca? — perguntou.

— É onde ele está, senhor. Deixe-me acompanhá-lo.

O mordomo o levou pelo saguão — todo coberto de carvalho escuro, janelas com painéis de chumbo e portas pesadas com arremates de metal, mais se parecia com um caixão do que com

uma casa —, até a escadaria principal. Retratos os observavam enquanto subiam, olhando-os da parede com a impassividade estudada de quem não deseja revelar nada sobre si além da aparência física, e mesmo isso, com relutância. Seu bisavô, o patriarca da família, magro como uma picareta e rígido como aço; seu avô, curvado, bigodudo, um cão de caça aos pés e um charuto na mão; seu próprio pai, monstruoso, barbudo, olhos de cobra, irradiando malevolência, ao menos era assim que parecia para William. Havia outros, figuras de expressão sombria que os acompanhavam ao longo de toda a escada até o primeiro andar, tios e tios-avôs, de alguns, ele mal lembrava, e a maioria era de totais desconhecidos. E mais outros tantos ao longo do corredor revestido que ia para a ala oeste da casa, as mulheres, as matriarcas Barren: esposas e irmãs, tias e filhas. Todas mostrando a mesma expressão cansada, ligeiramente desapontadas, como se, mesmo como todas as joias, roupas finas e elevada posição social, suas vidas não tivessem sido exatamente tão felizes quanto esperavam ou desejavam.

Bem no final da passagem, ao lado da porta da biblioteca, ficava a última pintura da fila e a única iluminada com a própria luminária, a mãe de William. Cabelos louros, olhos tristes, dolorosamente magra. Fora uma boa mulher, de uma maneira própria, fizera o máximo para proteger e confortar, mas, no limite, não havia como se levantar contra o bate-estacas maligno que era Nathaniel Barren. Ela murchou, como todas as Barren tinham murchado. William lançou um olhar acusatório para o retrato, mas não permitiu que os olhos ou os pensamentos se demorassem nele. Sua mãe não poderia ajudá-lo agora, não mais do que fora capaz de ajudá-lo enquanto ele crescia. Ele estava sozinho.

— Aqui estamos, senhor.

Não inteiramente sozinho. Sempre haveria Stephen.

— Obrigado, Stephen. Eu assumo daqui.

— Como quiser, senhor.

O serviçal assentiu educadamente, deu meia-volta e retornou por onde tinham vindo, os pés se movendo sem emitir ruído pelo corredor acarpetado como se não estivessem sequer tocando no

chão. William o observou — um bom homem, Stephen, confiável —, depois se colocou diante da porta da biblioteca, o estômago se contraindo, como sempre acontecia quando estava naquela posição, a mão instintivamente deslizando para o bolso e mexendo no papelote de coca. Ele resistiu à tentação de voltar atrás e ir até o lavabo para uma cheirada rápida. Depois, podia ser, mas, no momento, ele queria manter a clareza. Ele não tinha problema com as drogas, poderia usá-las ou não. Estava no controle. Forte. Não podia esquecer disso, disse a si mesmo. *Você está no controle. Você é forte.*

Ele respirou e bateu.

— Entre.

O comando chegou como o rumor distante de um trovão. William hesitou, tomando coragem *Você está no controle. Você é forte* — e abriu a porta.

O pai estava sentado atrás de mesa, do outro lado da biblioteca, gigantesco, cabelos brancos, vestindo um pesado terno de *tweed*. Embora o aposento fosse enorme, a altura duplicada pelo teto em cúpula e uma galeria alta ao longo das paredes, Nathaniel Barren ainda assim dominava o espaço, seu corpanzil bloqueando a luz das janelas atrás da mesa, sua presença parecendo permear cada canto do aposento como uma névoa escura. Mesmo a essa distância, William sentia o cheiro da loção pós-barba — pesado, ácido, como uma máquina superaquecida — e ouvia a respiração dolorosamente rascante.

— Você está atrasado — resmungou ele, com sua voz profunda e inflexível, subterrânea, o tipo de som que uma rocha teria se pudesse falar.

— Não creio que esteja, senhor.

— Não me contradiga. Você está atrasado.

O velho apoiou um cotovelo na mesa e bateu no relógio. William brincou com a ideia de se defender, insistindo em que chegara pontualmente às 10h30, conforme instruído, mas não valeria a pena. Nunca ganhara uma discussão com o pai em sua vida e não seria hoje. Ninguém jamais ganhara uma discussão com seu pai. Se Nathaniel Barren dissesse que a Terra era plana e que a Lua era feita

de queijo, era assim que seria, não havia como questioná-lo. Em vez disso, William permaneceu em silêncio, o resto da coca zumbindo pelas bordas do cérebro, reafirmando que ele estava no controle, que era forte, aguardando até o pai sinalizar com o dedo que ele estava autorizado a se aproximar. Havia duas cadeiras diante da escrivaninha — cadeiras antigas, ornamentadas, com encostos curvos e assentos de seda gastos — e, novamente, ele aguardou um sinal. Que não veio e por isso ele se manteve em pé. Um relógio fazia tique-taque sobre a lareira, os pulmões do pai roncavam. Em vez de perturbar o silêncio, os sons pareciam apenas intensificá-lo, deixando o clima ainda mais denso e opressivo. Sufocante. Sempre que William ia lá, ele sentiu como se estivesse sendo enterrado vivo.

Você está no controle. Você é forte.

— Como você está se sentindo, pai? — perguntou ele.

— Muito bem, obrigado.

Não houve reciprocidade na pergunta para saber sobre a saúde de William. Ele arrastou os pés, tentou bloquear o ritmo metronômico do som oco do relógio, que já começava a atravessar seu crânio. Talvez tivesse sido bom ter cheirado aquela raspa, afinal. Houve uma pausa constrangedora, e então:

— Achei que a reunião do conselho correu bem.

— Achou mesmo?

— Jim fez um bom trabalho com as finanças.

Seu pai o fulminou com um olhar de desprezo, como se dissesse: “Que diabos você entende disso?”

Na verdade, tudo, seu escroto.

O pai afastou o olhar, mexendo nos papéis sobre a mesa. O som do relógio seguia, seu pai ofegava, os livros o oprimiam por todos os lados: centenas e centenas de volumes, aos milhares, as lombadas dispostas em fileiras cerradas e ordenadas, de uma extremidade à outra do aposento, do chão ao teto. Davam ao lugar uma atmosfera desagradável, coriácea e segmentada, como o interior monstruoso de um estômago ossificado. Até onde William tinha conhecimento, nenhum deles jamais fora sequer aberto, que dirá, lido. Havia sido comprados pelo avô, em lote, e colocados lá simplesmente para exibição, para criar uma ilusão de profundidade e intelecto. Os

Barren não tinham muito tempo para o aprendizado ou para a cultura. Dinheiro, era para isso que dedicavam o tempo. Dinheiro e controle. Quanto a isso, pelo menos, William era um autêntico herdeiro da tradição familiar.

— Eu estive conversando com Hilary, depois da reunião — começou ele, esforçando-se ao máximo para manter a voz equilibrada. — Ela acha que a concorrência no Egito poderia...

O pai o interrompeu com um gesto da mão. Pegando um documento da mesa, ele o segurou no alto e o balançou para a frente e para trás diante de William, algo nitidamente acusatório no movimento, como se ele fosse um advogado brandindo uma prova arrasadora.

— Você gostaria de me explicar do que isso se trata?

O motivo para a convocação. Sem preâmbulos. Direto ao assunto. Exatamente o que ele esperava.

Você está no controle. Você é forte.

— São algumas ideias que tive para o futuro da companhia, papai. Maneiras de avançar, de nos levar para o próximo nível. Achei que você e o conselho poderiam se interessar. Assinalei algumas possíveis...

— Você acha que a empresa precisa de ideias?

William mordeu o lábio. Sabia que o documento desencadearia um confronto, estivera se preparando para isso, mas agora que estava lá, no olho do furacão...

— Uma empresa sempre precisa de ideias, papai. Qual a palavra que os japas usam? *Kaizen*. Melhoria contínua.

Seu pai se mexeu na cadeira, sua massa se erguendo como uma onda prestes a estourar na praia.

— Você acha que a empresa precisa de *melhorias*?

Pode ter certeza que sim, pensou William. Claro que somos grandes, mas também somos pesados. Muitas ramificações, muita coisa acontecendo, muito peso morto. Outras empresas estão se ajustando e ficando mais ágeis, se adaptando, reorientando. Nós apenas descansamos sobre os louros. As marés estão mudando e nós não estamos acompanhando. Em alguns anos, seremos

ultrapassados, estagnados. Tire as mãos do leme, velho. Está na hora de um novo capitão. Eu sou o futuro da Barren.

Ele permaneceu em silêncio.

— Ideias — entoou o pai, folheando o documento, a voz um baixo profundo rascante. — Melhoria. Ele balançava a cabeça, os olhos empapuçados brilhando com o ridículo.

— São apenas alguns pensamentos, papai — disse William, esforçando-se para se controlar. — Me preocupa estarmos depositando muitas esperanças na concorrência pelo gás egípcio. Se não acontecer...

— Vai acontecer.

— Houve uma mudança de regime por lá...

— Agora você é um especialista em geopolítica?

— Só estou dizendo que...

Seu pai soltou um resmungo de desdém, passou um braço sobre o peito e atirou o documento na cabeça de William. Errou e foi além dele, aterrissando no tapete como um pássaro abatido.

— Eu não o coloquei no conselho para ter ideias, garoto! Você está lá para fazer o que eu mandar, e apenas o que eu mandar. Você acha que sabe como tocar a empresa melhor do que eu? Sabe melhor do que eu o que é bom para ela?

William resistiu à tentação de gritar, *Claro que sei, porra!*

— Eu dirijo a Barren há quarenta anos. *Eu sou a Barren!* Eu a tornei o que ela é hoje e agora, de uma hora para outra, meu desperdício de filho cheirador de drogas, negociante de prostitutas, acha que pode entrar no salão e vir me dar lições...

O velho começou a tossir, sacudindo-se para a frente e para trás, a colmeia doentia que eram seus pulmões se contraindo sob o peso da fúria, o rosto assumindo um tom púrpura arroxeadado. *Talvez sufoque até a morte, aqui e agora mesmo,* pensou William, *e nos poupe a todos de um monte de problemas*

— Vagabundo negociante de prostitutas! — O velho começou de novo, apontando o dedo trêmulo para William. — Tentando me ensinar o meu negócio. Virar o conselho contra mim. Ideias... Você nunca teve uma só que prestasse, porcaria...

A bronca foi interrompida por um acesso renovado de tosse. Ele tirou um lenço do bolso e o segurou na boca, pegou a máscara plástica da mesa ao lado e a colocou no rosto, inspirando o oxigênio freneticamente pelo tubo ligado ao tanque no chão, os olhos ardendo como gotas de ferro fundido. William se obrigou a encontrar o olhar do pai e sustentá-lo, embora, meu Deus, como isso era difícil, exigindo cada uma de suas fibras. Conseguiu, por alguns segundos, depois, sentindo estar prestes a marcar seu ponto, mostrar que não se deixaria intimidar (apesar de já estar intimidado, pronto para mijar e se borrar nas calças de tão ameaçado), virou-se e foi até o documento no chão. Abaixou-se, pegou e alisou as páginas amassadas, a respiração rouca do pai pressionando suas costas como um predador se preparando para dar o bote.

Certa vez, quando criança, quando sua mãe ainda estava viva e *ela* ainda estava por perto, William tinha desenhado uma árvore genealógica. Ficara linda, toda intrincada, o modelo fora um dos carvalhos na beira do caminho da entrada, os nomes de todos os membros da família pendendo como bolotas dos ramos espalhados da árvore. Passara quase um mês trabalhando, acertando os detalhes, cuidando para não deixar ninguém de fora, os nomes da linhagem masculina principal — bisavô, avô, o pai e ele mesmo — ao longo do tronco e destacados em dourado para enfatizar a posição como o núcleo autêntico da família. Emoldurou com as próprias mãos, com ajuda de Arnold, o jardineiro, que entendia desse tipo de coisa, e presenteou o pai em seu aniversário de cinquenta anos, acreditando que aquilo faria com que o velho abrisse o seu coração e o persuadiria de que ele, William, era um sucessor digno do nome da família. O pai lhe dispensara apenas o olhar mais superficial, antes de o deixar de lado.

— Não estou certo se o *seu* nome deveria estar em dourado — fora o único comentário.

William lembrou da árvore da família agora, enquanto olhava o documento em sua mão. Vinte e cinco anos antes, ele fora esmagado pela ingratidão do pai. Hoje, tendo há muito abandonado qualquer esperança de ganhar a boa vontade do velho, sentia-se mais confiante diante da reação dele. Não estava procurando,

tampouco esperando, por sua aprovação. Em vez disso, o documento fora a luva no rosto do pai. Estava pondo a cabeça para fora da água e alertando não apenas o velho, mas todo o conselho, de que ele estava pronto para começar a flexionar a musculatura. E o pai sabia disso. Por isso a fúria. Com um súbito arrepio de compreensão, William foi golpeado pela ideia de que o pai sentia medo *dele*. O velho elefante líder bufando diante do surgimento de um rival mais jovem e saudável no meio da selva.

Ele se virou, retendo o pensamento, pronto para o desfecho.

— Quero mais controle, papai — disse, incapaz de ocultar o tremor na voz. — Eu já pedi antes e estou pedindo de novo agora. Você não pode seguir para sempre. É hora de começar a passar o cetro. Estou pronto.

Os olhos do pai ardiam com mais fúria do que nunca, a borracha transparente da máscara de oxigênio embaçando com a respiração ofegante.

— Jamais — resmungou ele.

— Está na hora, papai. Está na hora, já faz algum tempo.

Por um momento o velho apenas olhou para ele, o peito arfando. Então, lenta e deliberadamente, ele baixou a máscara de oxigênio, sem desviar os olhos de William, enquanto sua massa monstruosa crescia na direção dele como uma rocha sobre um despenhadeiro. O tique-taque do relógio parecia se aprofundar, como se colhesse e ampliasse a tensão do ambiente.

— Jamais será hora! — Nathaniel Barren bufou, erguendo a mão do tamanho de uma luva de beisebol e batendo na superfície de couro da mesa. — Está me entendendo, garoto? Você jamais vai dirigir a Barren Corporation. Nem agora, nem nunca. Você não tem o que é preciso. Nunca teve, jamais terá. E quanto antes você se acostumar com essa ideia, melhor.

Ele puxou a máscara de volta para o rosto, arfando para recuperar o fôlego. William se manteve em silêncio na frente dele. Sempre soube que seria uma perda de tempo, que seu pai jamais cederia, mas precisava de uma confirmação. Assegurar-se de que o caminho que estava tomando era o único aberto para ele. Gostaria de deixar correr um pouco mais, colocar mais algumas peças no

lugar, mas, depois de ter bancado o idiota viciado na reunião do conselho, sentiu a necessidade de se reassegurar. E por isso o documento. E essa reunião. O início da partida final. Sentia a cabeça curiosamente leve. *Você é forte. Você está no controle.* Continuou lá por mais um instante, forçando-se a sustentar o olhar furioso do pai. Então, com um aceno de cabeça, virou-se, caminhou até a porta e a abriu. Assim que saiu para o corredor, olhou para trás.

— Ela está morta, papai — disse. — Morta, para sempre, e não vai voltar. Sou só eu agora. Eu sou a Barren. E essa é uma ideia com a qual é melhor *você* começar a se acostumar.

A voz do pai trovejou no salão quando ele fechou a porta.

— Sobre o meu cadáver!

— Essa é a ideia, exatamente — murmurou William.

Do lado de fora, ele se encostou por um momento na parede revestida, respirando pesadamente, recompondo-se, depois voltou pela mansão, descendo a escadaria principal, passando pelos rostos sombrios dos antepassados. Stephen aguardava ao pé da escada.

— Acredito que sua reunião tenha sido produtiva, senhor.

— Exatamente como o esperado, Stephen. Exatamente como esperado.

O mordomo não fez nenhum comentário, apenas se manteve impassível. William lançou um olhar de volta para a escada, pensando no dia em que seu próprio retrato estaria pendurado lá, no lugar de direito na galeria de honra dos Barren. No alto da galeria de honra dos Barren. Então, batendo no ombro de Stephen, retornou para seu carro e saiu em disparada pela entrada. Não tinha tocado na coca. Algumas viagens aconteciam naturalmente.

ISRAEL

No caminho de volta para Jerusalém, pisando fundo para não se atrasar para a reunião com Dov Zisky, Ben-Roi fez uma ligação urgente para George Aslanian, da Taberna Armênia. Sim, George confirmou, a palavra armênia para ouro, *vosgi*, realmente podia ser usada como nome próprio, assim como um substantivo comum ou um adjetivo.

— É como... Qual seria um exemplo em hebraico?... *Chaim* ou *Ilan*. Podem ser usados como nomes ou significar “vida” e “árvore”. O mesmo princípio.

O que deixou Ben-Roi com um dilema. Se a palavra deixada por Rivka Kleinberg gravada por todo o bloco de mesa no apartamento fosse realmente um nome e não uma referência específica a ouro, talvez então toda a história da mina de ouro envolvendo a Barren e a Romênia não passasse de uma distração. E, se a Barren fosse uma distração, talvez a abordagem da Agenda Nêmesis também fosse. Talvez metade das pistas que estivessem seguindo não fosse pista alguma. Por um momento, foi tomado pelo pânico diante de todo o caso ou pelo pouco que havia dele, revelando-se diante de seus olhos.

O momento passou rapidamente. Revisando as provas retroativamente, a massa escura e rochosa das montanhas da Judeia lentamente se fechando ao redor dele com a estrada serpenteando para o alto, concluiu que havia conexões mais do que suficientes sugerindo que estava na pista certa, mesmo sem o elemento *vosgi*. Os artigos fotocopiados sobre fundição de ouro que encontrara na mesa de Kleinberg; o atlas com o marcador no mapa da Romênia; o engenheiro britânico que caíra num poço no Egito. *Como aquilo tudo se encaixava, droga?* Meia dúzia de sinais para assegurá-lo.

Via de regra, detetives não confiavam em coincidências. Neste caso, Ben-Roi concluiu que ele estava realmente lidando com uma coincidência. Improvável, certamente, mas, ainda assim, uma

coincidência. Rivka Kleinberg se interessara por uma prostituta armênia vítima do tráfico, cujo nome traduzido significava “ouro”, e, ao mesmo tempo, talvez por alguma coisa que essa prostituta lhe tivesse dito ou por algum outro motivo totalmente diferente, ela também se interessara por uma operação de mineração de ouro da Barren Corporation. A única outra interpretação possível era a de que *ela* estava completamente errada e todas as outras conexões não passassem de coincidências. E se tem alguma coisa que um detetive odeie mais do que uma única coincidência é uma coleção delas.

Quando chegou a Jerusalém e entrou no rodoanel rumo à Cidade Antiga, tinha repassado tudo novamente e se sentia satisfeito, pisando em terreno sólido. Não tinha avançado muito, mas, para seu alívio, tampouco tinha andado para trás.

Uma coisa era certa: fizera por merecer uma cerveja gelada.

O Putin’s Pub ficava na extremidade leste da rua Jaffa, com os muros da Cidade Antiga à vista. Um ambiente longo e estreito, com um bar de um lado, baias do outro e uma sala escura com pista de dança e uma tela para projeções, costumava ser chamado de Champs. Alguns anos atrás, os novos donos assumiram e criaram uma decoração russa para o lugar: nome novo, nova decoração, nova lista de cervejas e destilados. Apesar da nova maquiagem, o lugar manteve um aspecto de pobreza retrô e também a ausência geral de clientes. Em todos os anos como frequentador, Ben-Roi jamais vira o lugar cheio além da metade, e quando entrou lá naquela noite — com quinze minutos de atraso — havia apenas seis clientes. Uma mulher atraente de meia-idade sentada num banco, conversando com o *barman*, duas mulheres mais jovens numa das baias e, na outra, Dov Zisky e um homem musculoso e bronzeado de camiseta e um diamante numa das orelhas. Ben-Roi comprou uma garrafa de Tuborg e deslizou para o assento ao lado deles.

— Joel Regev — disse Zisky, apresentando o colega. — Meu amigo especialista em computadores. Achei que seria bom ele vir falar pessoalmente com você.

Ben-Roi apertou a mão do homem, que tinha a pegada de um fisiculturista e nenhuma semelhança com o que se poderia imaginar ser o estereótipo de um *nerd* de computador. Ele e Zisky estavam enfileirando garrafas de Staropramen, sentados com as pernas quase coladas, o que fez Ben-Roi pensar que talvez fossem mais do que apenas amigos. Não disseram nada, e Ben-Roi não perguntou.

— Dov me disse que você trabalha com cibersegurança — começou, dando um grande gole na Tuborg.

Regev concordou e deu um gole de sua própria garrafa. Seus bíceps eram enormes, o esquerdo decorado com uma tatuagem: um punhal com uma rosa em volta dele.

— Consultoria em proteção de redes para empresas — explicou ele. — Introdução de *malware*, invasões, esse tipo de coisa. Também fazemos perícias de informática para vocês da polícia. No momento, estamos numa consultoria para a Russian Yard em um caso de ciberfraude.

Tinha uma voz profunda, masculina, a antítese do tom efeminado de Zisky. Por um momento, Ben-Roi observou os dois homens, perguntando-se sobre a dinâmica do relacionamento. Caso fosse, de fato, um relacionamento. Do outro lado da mesa, a boca de Zisky esboçou um sorriso quase imperceptível, como se ele fosse capaz de ler seus pensamentos e estivesse se divertindo. Ben-Roi tomou outro gole da cerveja — bom e gelado, refrescante — e procurou parecer ostensivamente atento a Regev.

— Dov mencionou que você sabe alguma coisa sobre um grupo chamado Agenda Nêmesis.

— Alguma coisa — respondeu Regev. — O que consegui com alguns contatos e pela Internet. Na verdade, fomos consultores de uma de suas vítimas há uns seis meses, uma grande empresa de defesa e segurança lá em Bersebá. A Nêmesis invadiu o sistema deles e plantou um vírus que derreteu todos os discos rígidos da rede. Tiveram que fechar por quase um mês.

Ele olhou para Zisky, brincando com o polegar na boca de sua garrafa de Staropramen.

— Provavelmente eu não deveria estar dizendo isso, mas, na época, não consegui não desejar boa sorte para eles. Segundo o site

da Nêmesis, a empresa estava fazendo negócios com alguns regimes muito desagradáveis, fornecendo minas terrestres e sistemas de gestão de interrogatório — ele levantou as mãos e sinalizou um par de aspas no ar —, pelo que, entenda-se, equipamentos de tortura. Não posso dizer que me senti particularmente feliz comigo mesmo por ajudá-los a voltar a funcionar, mas o que sei eu? Sou apenas um *nerd* de computador de baixo escalão.

Ben-Roi sentiu um movimento sob a mesa e achou que Zisky poderia estar dando um tapinha confortador na coxa do amigo. Não tinha certeza e não quis tentar olhar, ainda que, novamente, percebera um sorriso dissimulado no rosto de Zisky.

— Imprimi alguma coisa da *web* que pode ser útil — prosseguiu Regev. — Uns dois artigos, algumas conversas de salas de bate-papo — ele cutucou Zisky, que pegou um envelope pardo e entregou para Ben-Roi —, mas, para ser honesto, a maior parte disso são suposições. Fatos concretos sobre a Agenda são praticamente inexistentes. É o que os torna tão interessantes. Ninguém realmente sabe alguma coisa sobre eles. Não são como, digamos, o Wikileaks, que todo mundo sabe quem está por trás. Os caras da Nêmesis são sombras, completamente invisíveis. Ben-Roi abriu o envelope e tirou uma resma grossa de papel lá de dentro.

— Então, o que nós de fato sabemos?

— Bem, eles são bons — disse Regev. — Você pode começar com isso. As autoridades estão atrás deles há anos, e estamos falando de alguns dos melhores cibercérebros da indústria, mas a Agenda sempre conseguiu se manter um passo à frente. A única pista concreta que qualquer pessoa tem é o site deles, só que são espertos demais e o mantêm fora de alcance. Estão hospedados em servidores estrangeiros, servidores *proxy*, servidores *ping*, espelhados em diferentes servidores, trocam de servidor no momento em que qualquer um começa a se aproximar. Também parecem usar tecnologias de anonimato muito sofisticadas.

Ele registrou o olhar confuso de Ben-Roi e deu uma risada.

— Ignore a linguagem *geek* — disse, com um gesto da mão. — Você só precisa saber que ninguém nunca conseguiu derrubar o site

da Nêmesis. E também jamais conseguiram chegar até as pessoas por trás do site. Esses caras são verdadeiros gênios tecnológicos.

— E o alvo deles são as multinacionais, as grandes empresas.

Regev concordou.

— Em especial, multinacionais envolvidas com negócios duvidosos. Exploração do Terceiro Mundo, poluentes ilegais, más práticas. Basicamente, empresas com esqueletos no armário. A Nêmesis obtém provas, divulga na *web*, o público tem acesso, a imprensa.. Pode acreditar, eles têm criado muitos problemas para muitas empresas. Grandes problemas.

Exatamente o mesmo quadro descrito por Mordechai Yaron de manhã.

— Aparentemente, eles têm células diferentes em diferentes países — disse Ben-Roi.

— Essa é uma teoria — reconheceu Regev —, ainda que, até onde eu sei, ninguém jamais comprovou isso de forma conclusiva. Temos certeza de que começaram nos EUA — existem diversos pequenos e complexos indicadores tecnológicos que apontam para isso. Não vou te chatear com os detalhes — tem alguma coisa sobre isso nesse material. Ele bateu no envelope.

— E parece haver uma conexão com Israel — prosseguiu. — Várias pessoas que foram alvo do grupo afirmam que eles usaram palavras em hebraico e parece haver um número desproporcional de incidentes em solo israelense. Não exatamente uma certeza, mas sugere a presença deles aqui. Se é uma célula ou um grupo dissidente, ou se o pessoal original simplesmente se realocou — ele deu de ombros —, não há como dizer. Nem se eles têm gente em outros países. Eles divulgam um e-mail de contato no site, roteado para dezenas de endereços fantasmas em dezenas de diferentes servidores, portanto, novamente, impossível de rastrear, o que sugere que pelo menos uma parte de suas informações é obtida com pessoal de dentro das empresas. E o fato de tudo ser canalizado por um único site indica algum tipo de estrutura centralizada. Como é organizado, no entanto, e quem organiza, quantas pessoas fazem parte, onde estão baseados...

Ele encolheu os ombros de novo e bebeu o resto da cerveja. Ben-Roi perguntou se poderia lhe oferecer mais uma, mas Regev estendeu a mão por cima da sua garrafa, assim como Zisky. Da sala dos fundos, veio o ruído abafado dos comentários de futebol, os destaques do clássico em Haifa, Maccabi *versus* Hapo-el. Ben-Roi era torcedor do Maccabi e gostaria de assistir ao jogo, mas, naquele momento, afastou a ideia e se concentrou na conversa.

— Estive conversando com uma pessoa hoje de manhã e ela me dizia justamente que esse pessoal da Nêmesis não são apenas *hackers*. Aparentemente, estão quebrando tudo, usando armas, violência física. Mais como o Mossad do que como delatores, foi como ele descreveu.

Regev sorriu.

— Isso talvez seja um pouco exagerado. Não estão saindo por aí assassinando gente. Pelo menos, não que eu saiba. Mas, sim, são cruéis. E violentos também, quando estão a fim. Nesse sentido, definitivamente aumentaram a escala nos últimos anos.

Os olhos de Ben-Roi se estreitaram.

— Como assim?

— Bem, quando entraram em cena há uns seis ou sete anos, estavam *apenas* hackeando. E lançando alguns ataques de vírus ocasionais. Mas tudo coisa de computador, basicamente. Até que, há uns três ou quatro anos, explodiram um escritório em Tel-Aviv, alguma grande multinacional, a primeira vez que fizeram alguma coisa do tipo. Ninguém saiu ferido, mas mesmo assim foi uma grande estreia. E, de lá para cá, as táticas deles vêm ficando bem mais... confrontadoras: entradas forçadas, sabotagem, sequestro de executivos, que são forçados a fazer confissões. Tem um bem pesado no site deles, no momento. Um sujeito francês. A empresa dele se envolveu em negócios escusos lá no Congo. Está no ar há apenas 24 horas e, aparentemente, já causou uma onda de protestos do lado de fora da sede da empresa em Paris e meia dúzia de ataques virtuais contra a rede deles. Esse é o tipo de impacto da Agenda.

Ele se recostou e cruzou os braços, dando uma olhada na baia vizinha, onde as duas mulheres tinham explodido em gargalhadas.

Ficou em silêncio por um momento e depois voltou a olhar para Ben-Roi.

— Curiosamente, essa mudança de tática parece ter coincidido com o aparecimento desta célula em Israel — disse ele. — Um grupo dissidente, uma facção, como você quiser chamá-los. Parecem estar por trás da maioria, se não de todas, as ações violentas diretas. Podem ser os responsáveis pela mudança da Nêmesis de uma organização baseada em ações puramente virtuais para algo mais parecido com um grupo de guerrilha. Ou de terroristas, dependendo do ponto de vista.

— Alguma ideia do que causou a mudança? — A pergunta foi de Zisky, sua primeira contribuição à conversa.

— Ninguém sabe ao certo — respondeu Regev —, apesar de isso ter gerado muita conversa pela *web*. Incluí algumas nas impressões.

Ele bateu no envelope novamente.

— A opinião da maioria é que algumas pessoas da Nêmesis queriam adotar uma abordagem mais direta e, por motivos que só eles sabem, escolheram se instalar em Israel para isso. Mantiveram-se como membros da Nêmesis, uma vez que continuaram a enviar material para o *site*, mas, paralelamente, passaram a seguir sua própria agenda, mais militante. Um tipo de agenda dentro da Agenda, se você quiser. Parece ser uma explicação razoável. Certamente mais razoável do que as teorias da conspiração que afirmam que tudo não passa de um plano elaborado para desacreditar a Nêmesis, concebido pelos serviços de segurança e/ou pelas multinacionais. Eu realmente não consigo ver sentido nisso.

Uma outra gargalhada explodiu na baía ao lado. Na sala dos fundos do bar, os comentários do jogo de futebol ficaram mais animados e de repente explodiram numa gritaria, provavelmente pelo gol de um dos times. Ben-Roi baixou a cabeça, tentando ouvir de quem tinha sido. Hapo-el. Merda! Ele escutou mais um pouco e voltou a isolar a interferência.

— Esse grupo israelense — disse, voltando a dar atenção a Regev — você viu alguma menção a eles relacionada a Mitzpe Ramon?

Regev balançou a cabeça.

— Dov me disse que você achava poder haver alguma conexão. Se houver, eu certamente nunca ouvi falar. — Ele mexeu na boca da garrafa. — Embora pareça haver uma conexão com uma empresa chamada Barren Corporation. Dov disse que você estava interessado neles também.

Ben-Roi chegou para a frente.

— Que tipo de conexão?

— Bem, a Nêmesis parece ter alguma coisa com a Barren — disse Regev. — Ou *contra* a Barren. Eu fiz uma pequena listagem... espere aí — ele abriu o envelope, folheou o conteúdo e pegou uma folha A4.

— Essas foram todas as vezes em que a Nêmesis atacou a Barren. Pelo menos, as vezes em que os ataques foram informados. Como você pode ver, é um número bem razoável. Muito mais do que contra qualquer outra empresa, pelo que sei.

Ben-Roi olhou para a folha, contou dezenove incidentes separados, ao longo de sete anos.

— Foram uma das primeiras empresas a sofrer um ciberataque da Nêmesis — prosseguiu Regev — e parece que continuaram a perseguir a Barren desde então, especialmente nos últimos anos, desde que o grupo israelense entrou em cena. O ataque a bomba que mencionei em Tel-Aviv, o primeiro ato violento da Nêmesis...

— Barren?

Regev concordou.

— Também invadiram seus escritórios, sabotaram umas duas instalações... Quase como se tivessem alguma *vendetta* contra eles. Quase não, eles claramente têm uma *vendetta* contra a Barren.

— Alguma ideia do motivo? — perguntou Zisky.

— De novo, tem muita especulação sobre isso nas salas de bate-papo — respondeu Regev. — De todo o tipo. Desde um empregado insatisfeito usando a Nêmesis para acertar as contas até uma multinacional rival que deseja minar as bases da concorrência. Nada disso se sustenta. Meu palpite, e é apenas um palpite, é que a Nêmesis está furiosa porque não consegue nada contra a Barren. O pior que já conseguiram revelar sobre eles foram algumas falhas de

saúde e segurança nas operações australianas. Nada muito retumbante. É como se a Barren estivesse conseguindo livrar a cara, e eles acham isso imperdoável. Um insulto pessoal para eles. Ele deu de ombros. — Mas, e daí? Eu posso estar falando apenas um monte de bobagem. Como eu disse, em se tratando da Agenda Nêmesis, sobram teorias, mas quase nenhum dado concreto. Pelo que sabemos, a operação poderia ser administrada por marcianos.

Ben-Roi sorriu. Regev inclinou a cabeça e murmurou algo para Zisky, que Ben-Roi não conseguiu pegar. Em seguida, olhou para o relógio, um enorme Tag Heuer prateado que mais parecia ter sido tirado do painel de instrumentos de um avião do que um relógio.

— Acho que já está na minha hora — disse.

— Tem certeza de que não quer que eu te pague mais uma?

— Melhor não. Acordo cedo amanhã.

Apertou o ombro de Zisky num gesto rápido e se levantou. Ben-Roi deslizou para fora da baía para deixá-lo passar. Os dois apertaram as mãos.

— Vou perguntar por aí — disse Regev. — Aviso Dov se me lembrar de mais alguma coisa.

— Agradeço — disse Ben-Roi. — E obrigado pela papelada.

Regev acenou com a mão, começou a se virar, mas voltou-se de repente.

— Ouça, não é problema meu, mas Dov me disse que isso tem a ver com aquela mulher da cathedral. Não se preocupe, ele não me passou nenhum detalhe...

Ben-Roi balançou a cabeça para mostrar que ele realmente não se importava com o que Zisky tivesse falado.

— Pelo que eu sei, realmente não vejo a Nêmesis envolvida com algo assim. Certamente não apoio seus métodos, mas, até agora, eles jamais tinham atacado alguém que não...

— Merecesse?

Regev resmungou.

— Só acho que eles têm um objetivo muito específico. E assassinar uma jornalista realmente não combina com o perfil do grupo. É só uma opinião, como eu disse. Quem sou eu para saber alguma coisa? Sou apenas um *geek* de computador. Quis apenas

comentar isso. Não o segure até muito tarde. Ele precisa do sono reparador de sua beleza.

Piscou para Zisky, acenou para Ben-Roi e saiu.

Ben-Roi pediu outra rodada.

— Cara legal — disse ele, deslizando de volta para o seu lugar e entregando o Jack Daniel's que Zisky tinha pedido.

— Com certeza — concordou Zisky — aceitando a bebida e se afastando para abrir mais espaço. — Muito legal.

Zisky não teceu mais comentários, apenas tomou um gole do uísque e deu outro daqueles sorrisos discretos. Ben-Roi pensou em insistir com a conversa, tentar descobrir mais alguma coisa — se Regev fosse uma mulher, ele certamente teria pressionado por detalhes, feito algumas brincadeiras picantes com Zisky. No caso, isso não parecia apropriado. Em vez disso, tomou um gole da cerveja e o atualizou sobre a questão *vosgi*. O sorriso do rapaz desapareceu.

— Lamento — disse ele. — Eu deveria ter...

Ben-Roi acenou com a mão.

— Acontece. Caso eu recebesse um shekel por tacada para fora, teria shekels suficientes para...

— Comprar um taco melhor?

Ben-Roi sorriu, passou o braço pelo alto do assento. Estava cansado quando chegou ao bar. A Tuborg o deixou mais ligado e deu-lhe uma recarga.

— Você disse que descobriu alguma coisa sobre a Barren?

Zisky pegou um outro envelope pardo. Estava repleto de papéis. Não pela primeira vez, Ben-Roi teve que tirar o chapéu para a eficiência do rapaz. Havia material suficiente ali para mantê-lo acordado a noite toda.

— Receio não ter tido tempo para um relatório completo — disse Zisky, pegando um bloco de folhas grampeadas do envelope e as estendendo para Ben-Roi. — Eu listei alguns pontos que podem ajudar.

Tirando o chapéu, de novo. Ben-Roi passou os olhos pela folha.

— Pode me dizer quais são os pontos principais?

— Bem, a empresa é grande. Um giro de cinquenta bilhões de dólares, escritórios por todo o mundo, dezenas de subsidiárias, participação em quase tudo, perfuração de poços de petróleo, mineração de ouro, biocombustíveis... Muito discreta, também. Não aprecia publicidade. O chefe é um sujeito chamado Nathaniel Barren...

Ele mexeu nas folhas do envelope e tirou uma foto — um homem enorme, barbudo e com expressão irada, vestindo um terno de *tweed*.

— Este é o presidente, há quarenta anos. Um cara durão, em todos os sentidos, apesar de não gozar de boa saúde, atualmente. O filho é um descontrolado, aparentemente.

Outra foto apareceu, dessa vez de um homem mais jovem, cabelos louros e atraente, a boca torcida com uma expressão que ficava entre um sorriso e o escárnio.

— Teve alguns problemas com a lei. Drogas, agressão. Foi acusado de estrangular uma prostituta há alguns anos. O pai teve que mexer muitos pauzinhos para livrar a cara do filho. Está tudo aí. — Zisky tocou em um dos pontos listados.

— Alguma coisa sobre a mina romena?

— Tudo às claras, aparentemente. Barren explora a mina desde 2005 e não houve qualquer controvérsia. Boas relações com o governo romeno e com a comunidade local. *E* com os ativistas verdes — parece que chegaram a algum acordo sobre a reciclagem dos piores resíduos nos Estados Unidos, o que significa que não têm os típicos embates com os ambientalistas. Todos estão felizes, basicamente.

Ben-Roi tomou mais um gole. O pensamento voltou a perturbá-lo: Talvez eu tenha entendido errado. Talvez seja tudo uma distração.

— Mas umas duas coisas me chamaram a atenção — continuou Zisky.

— Continue.

— Uma enorme ligação com Israel, por um lado. A Barren tem interesses por todo o país: ações numa mina de potassa no mar Morto, um campo de gás *offshore* em Haifa, uma grande operação

de lapidação de diamante em Tel-Aviv. Influência política também. Conversei com seu amigo do *Ha'aretz* e ele me disse que a Barren é uma grande benfeitora do Kadima, do Likud e do Yisrael Beiteinu. Isso lhes dá uma base muito boa. "Uma das intocáveis", foi como ele descreveu.

Ele levantou os olhos para um grupo de rapazes entrando pela porta, rindo e conversando. Instalaram-se ao longo do bar e pediram tulipas de Kasteel.

— Tem também um aspecto pessoal — acrescentou, voltando a olhar para Ben-Roi. — Parece que a esposa de Nathaniel Barren era israelense. Morreu há alguns anos. Acidente de carro. Ele jamais superou, aparentemente.

Ben-Roi deu mais um gole e ponderou, novamente tentando computar como tudo isso poderia estar ligado ao assassinato de Kleinberg, e novamente sem conseguir chegar a qualquer explicação óbvia. No bar, a mulher atraente de meia-idade havia se virado ligeiramente na banquetta para avaliar os recém-chegados. Uma pantera de olho em uma presa potencial. Um dos homens, sardento, rosto pálido, sorriu para ela e acenou com a mão. *Muita areia para o seu caminho*, pensou Ben-Roi. Ele observou por um momento, divertindo-se com a situação.

— Qual era a outra coisa?

— Como?

Zisky também analisava a dinâmica no bar.

— Você disse que duas coisas tinham chamado a sua atenção.

— Ah, sim, certo. Bem, a Barren também tem uma conexão egípcia. De acordo com o seu amigo, eles cultivaram algumas relações comerciais e políticas bem chegadas por lá, ao longo dos anos. Eles têm um escritório no Cairo e participação em diversas minas. Parece que, no momento, estão participando de uma concorrência para um grande campo de gás no Saara. Aparentemente, se ganharem, será um dos maiores negócios que já fizeram. O maior negócio. Parece que Nathaniel Barren está apostando sua reputação nisso.

No bar, os homens pegaram suas bebidas e começaram a se dirigir para a sala dos fundos para assistir ao futebol. O rapaz

sardento disse alguma coisa para a mulher mais madura, mas ela apenas deu de ombros e lhe deu as costas, desinteressada. Ben-Roi lamentou por ele. Era a mesma história de quando ele tinha aquela idade.

— Você não achou nada relacionado ao tráfico sexual, não é? — perguntou ele.

— Tipo, como se a Barren estivesse envolvida?

O tom de Zisky já respondia à pergunta. Seja lá no que for que a Barren esteja botando a mão, é improvável que prostituição ilícita esteja na lista. Ben-Roi tomou mais um gole.

— E quanto a um sujeito chamado Samuel Pinsker?

A expressão de Zisky era a de ter reconhecido o nome.

— Soa familiar.

— Engenheiro de mineração britânico. Caiu num poço em Luxor. Kleinberg estava lendo sobre ele num desses artigos que comentei com você.

— Certo. Não, ele não apareceu. — Ele agitou o meio centímetro de burbom que restava no fundo do copo. — Mas Luxor apareceu.

Ben-Roi chegou para a frente, estimulando Zisky a falar mais.

— Bem, parece que a Barren está despejando um bocado de dinheiro na cidade, ultimamente, financiando alguns projetos sociais. Tudo a ver com a tal concorrência pelo campo de gás de que falei.

— Suborno?

— Seu amigo Natan Tirat chamou de “investimento no perfil”, mas aposto que dá no mesmo. De qualquer forma, um dos projetos é um grande museu em Luxor, no Vale dos Reis. A Barren pagou tudo, aparentemente, deixou lá uns tantos milhões. Parece que o próprio Nathaniel Barren virá para a inauguração. Acho que isso é algum tipo de ligação, apesar de eu não conseguir perceber a relevância.

Ele encolheu os ombros, deu outra volta no Jack Daniel's e virou o copo. Ben-Roi fez o mesmo com a Tuborg. Na sala dos fundos, os homens começaram a cantar o hino dos Macacos Verdes, os torcedores do Maccabi Haifa — totalmente desafinados, mas pelo menos, torciam para o time certo. As garotas na baia ao lado se

levantaram e saíram, ainda dando risadas; pouco depois, a mulher bonita de meia-idade fez o mesmo, sobrando apenas eles e o *barman* no salão da frente.

— Mais uma? — perguntou Zisky.

Ben-Roi olhou para o relógio, passava das dez, e balançou a cabeça.

— Acho que já está bom por uma noite. Podemos repassar isso tudo mais detalhadamente amanhã. Como seu amigo disse, um garoto novo como você precisa de um sono embelezador.

Zisky revirou os olhos com ar de deboche, mas não discutiu. Deslizou do assento e pegou o casaco.

— Eu pago da próxima vez.

— Vou te lembrar disso. E obrigado pelas anotações. Ótimo trabalho.

Os olhos de Zisky brilharam, como se estivesse satisfeito com o comentário. Não disse nada, apenas assentiu, acenou e saiu do bar.

— Lembranças ao Joel — disse Ben-Roi atrás dele.

Recebeu um dedo do meio em resposta, o que o fez rir. O garoto era bacana, estava se integrando ao time.

Depois que ele saiu, Ben-Roi mudou de ideia e pediu um último drinque, um Jameson com gelo. Ele colocou a cabeça na porta da sala dos fundos para dar uma olhada no placar do futebol — ainda um a zero para o Hapo-el — depois voltou para o seu lugar e mandou um torpedo para Sarah, desejando boa-noite para ela e para o bebê. Recebeu a resposta imediatamente, desejando o mesmo e quase em seguida uma segunda mensagem, essa endereçada para o “Papai” e assinada “Bubuxx”. Ele sorriu. Lançou um olhar para o barman para se assegurar que ele não estava olhando, levou o celular até os lábios e o beijou.

— E você acha que o *gay* é o Zisky — murmurou, guardando o celular no bolso e esticando as pernas. — Amoleça mais um pouco e você vai virar *marshmallow*!

Deu uma risada, mais um gole no Jameson’s e girou o copo na mesa, olhando distraidamente para uma imagem emoldurada na parede, um anúncio retrô de cigarros russos. O som ambiente tocava “Brothers in Arms”, do Dire Straits. A introdução densa e

enfumaçada da guitarra atravessou a sala como névoa levada pelo vento. Seus pensamentos foram tomados pelo ritmo e seguiram com ele, flutuando para lá e para cá, primeiro para Sarah e o bebê, depois para o cara sardento tentando falar com a mulher no bar, depois, Zisky e Regev, até chegar, como era inevitável, ao caso.

Essa sempre fora a hora em que ele pensava melhor, bem no final do dia, quando seu corpo desacelerava e a cabeça começava a organizar as ideias. Ele deixava a mente seguir para onde quisesse, sem forçar nada, apenas reclinando e deixando os pensamentos vagarem, percorrendo aleatoriamente tudo o que ouvira naquela noite, durante o dia, nos últimos dois dias, atento aonde aquilo o levaria.

E Ben-Roi era levado, de novo e de novo, como um visitante sempre atraído pelas mesmas pinturas numa galeria, a dois aspectos específicos da investigação.

A garota Maria/Vosgi era aquela pessoa para quem tudo convergia, sem sombra de dúvida. E, também, o Egito. Esse era o *lugar* para onde tudo afluía. Iguamente, sem dúvida. Barren, Nêmesis, Pinsker, o voo de Kleinberg para Alexandria, a rota do Sinai usada pelos traficantes de sexo — todas as linhas pareciam se cruzar no Egito em algum ponto, todos os caminhos levavam para lá. O Egito era onde as respostas estavam. Talvez a resposta.

Tomou outro gole do uísque e deixou o olhar correr do cartaz para o *barman*, acompanhando sua movimentação no balcão limpando a sujeira com um pano de pia. Seus olhos se encontraram e o homem fez o gesto de entornar uma garrafa, perguntando se Ben-Roi queria mais uma dose. Ele agradeceu com a mão e recusou com a cabeça. Da sala dos fundos veio um grito: “Todo mundo pegou tua mulher, Joni!”, seguido por uma explosão de gargalhadas; a guitarra de Knopfler sussurrava imperturbável, os cubos de gelo tilintaram quando Ben-Roi os girou dentro do copo.

Egito. Algumas coisas ele mesmo poderia ir atrás; outras, pediria para Zisky investigar. Era possível fazer alguns telefonemas, reunir informações, pesquisar mais a fundo. Boa parte disso só poderia ser feita pelo telefone, e-mail ou pela internet, no entanto. Mas o que o caso realmente precisava era de alguém em campo.

Alguém com conhecimento do país e do idioma. E isso significava fazer um requerimento à Sede da Polícia Nacional para que autorizasse oficialmente quaisquer contatos com autoridades estrangeiras, especialmente árabes. E a autorização oficial poderia levar dias. Muitos dias, conhecendo a velocidade reduzida com que a burocracia da Polícia Nacional se movia. Acioná-los seria a primeira coisa a fazer, colocar as engrenagens em movimento, mas o Egito, a princípio, por mais importante que obviamente fosse, teria que ficar em banho-maria.

Ele suspirou e levantou o copo, pronto para beber o último gole do Jameson's e ir para casa, sentindo-se cansado, o dia começando a pesar. Mas, naquele instante, seus olhos se abriram, como se tivesse sido fulminado por um pensamento. Era claro que havia uma outra opção. Alguém que já estava em campo. Um antigo contato. Um velho *amigo*. Haviam trabalhado juntos algum tempo, naquele caso extraordinário da Hannah Schlegel; mantiveram-se em contato, apesar de não se falarem há algum tempo, mais de um ano, talvez, motivo pelo qual não pensou nele imediatamente. Ben-Roi olhou para o relógio — era tarde, mas não tarde demais — e quase sem pensar no que estava fazendo, pegou o celular.

Quatro anos atrás, abatido no fundo do abismo em que a morte de sua noiva, Galia, o lançara, convencido de que passaria o resto dos seus dias na escuridão e na dor, duas pessoas se aproximaram para apontar o caminho de volta à luz do dia. Sarah fora uma delas. A outra...

Ele abriu a lista de contatos e a percorreu até chegar à letra K. Havia apenas um nome. Sorriu ao vê-lo. Tempo demais havia se passado, seria bom ouvir sua voz novamente.

Ele conferiu o relógio uma segunda vez, deslizou o polegar pela tela e pressionou o discar.

LUXOR

Khalifa estava no telhado do prédio quando o celular tocou, sentado em cima de um caixote, olhando o piscar noturno das luzes de Luxor.

Subia até ali quase todas as noites, após deixar Zenab dormindo. Ele segurava sua mão, alisava seus longos cabelos negros e cantava sem muita afinação até a respiração dela finalmente se acalmar, seu corpo relaxar, a linha contraída da boca se transformar numa curva suave — não chegava a ser um sorriso, era mais uma expressão de alívio por não estar mais acordada e poder, uma vez mais, entregar-se ao vazio do sono. Mais tarde, começavam os pesadelos, cacos de lembranças fragmentadas arranhando seu subconsciente, transformando o sono no mesmo tormento da vigília. Mas, por algumas poucas horas ela ficaria em paz, protegida sob uma coberta de esquecimento sem sonhos, e ele estava livre para subir até ali e também buscar um pouco de paz, sabendo que a janela do quarto estava logo abaixo e, se ela chamasse, ele ouviria e desceria em poucos segundos.

Gostava do telhado. Era a parte de sua nova casa pela qual conseguira sentir algum grau de afinidade, especialmente à noite. De dia, Luxor era uma visão maçante e monocromática, a luz inclemente do sol apagando as cores da cidade, amplificando sua paisagem monótona. Com a escuridão, paradoxalmente, a cor voltava: o verde brilhante e transluzente nos minaretes das mesquitas, o branco-gelo dos cafés e lojas, o néon escandaloso dos hotéis cinco estrelas, os milhares de pontos laranja e amarelo da janelas, dos postes e dos faróis dos carros.

A noite transformou a cidade, apagando toda a arquitetura de concreto arruinada e sem graça, reduzindo tudo a cores primárias: limpo, claro e simples. Sentar em seu caixote e olhar para longe sempre acalmava Khalifa, da mesma forma que subir o Qurn e fazer os disparos no centro de tiro da polícia permitia que se sentisse, se

não melhor em relação a tudo, pelo menos um pouco menos dolorosamente consciente.

Mas agora seu celular estava tocando e o encanto se quebrara.

Levantou-se e buscou o telefone no bolso, a ansiedade começando a pulsar em suas entranhas, como sempre acontecia ultimamente quando recebia uma ligação inesperada, fora de hora. Por um breve momento, alguns cenários passaram por sua cabeça, cenários terríveis: sirenes, hospitais, correrias, choros lastimáveis. Então, ele viu o nome do chamador, e sua respiração se acalmou. Voltou a se sentar e olhou para o telefone, esfregando a têmpora com o polegar e o indicador. Houve uma época em que ele ficaria feliz com a ligação, muito feliz. Devia sua vida àquele homem, afinal; tinham passado por muita coisa juntos. Naquela noite, sua reação imediata foi de aborrecimento por ele ter ligado tão tarde e o assustado daquele jeito. Aborrecimento e também o receio de que teria que passar por tudo de novo, contar novamente o que tinha acontecido e como tudo dera tão errado para ele e sua família. Reviver tudo de novo. E então o silêncio constrangido do outro lado da linha, as palavras confusas, o “eu sinto muito, se tiver algo que eu possa fazer” dito de uma só vez — o lembrete, como se Khalifa precisasse de um lembrete em algum momento, de que ele se tornara alguém indelevelmente marcado pela tragédia. O que ele tivesse feito ou viesse a fazer em sua vida era o que agora o definia.

Ele balançou o telefone, o toque estridente ecoando pela noite quente de Luxor, incapaz de se decidir se atendia ou se deixava a ligação cair na caixa postal. Mas, enfim, estaria simplesmente adiando o inevitável. Não poderia evitá-lo para sempre, teriam que conversar em algum momento. E ele *tinha* salvado sua vida, naquela noite, há quatro anos, na Alemanha, quando o carregou para fora da mina em chamas. Era seu devedor. Fossem qual fossem seus próprios problemas pessoais, Khalifa levava as dívidas de amizade muito a sério.

— Porcaria — murmurou.

Ele deixou o celular tocar mais algumas vezes, reunindo forças, olhando para além da mesquita de Elnas, a torre pontiaguda de seu

minarete parecendo espetar a lua como uma agulha perfurando um ovo de pato.

Mas, no momento em que a ligação estava prestes a cair na caixa postal, ele tomou fôlego, decidiu atender e colocou o aparelho junto ao ouvido.

— Olá, meu amigo — disse em voz baixa.

JERUSALÉM

No momento em que ouviu a voz de Khalifa, Ben-Roi abriu um largo sorriso e levantou o copo, como se brindasse o egípcio.

— Olá para você também, seu muçulmano safado!

Era como sempre se cumprimentavam, com um insulto alegre às respectivas culturas, uma homenagem à primeira vez que se encontraram, quando discutiram e quase chegaram às vias de fato. Tradicionalmente, Khalifa responderia chamando Ben-Roi de “judeu bastardo e arrogante”. Naquela noite, ele simplesmente resmungou, *hrumph*, em resposta à brincadeira e perguntou como estava Ben-Roi.

— Ótimo, fantástico. E você?

— Bem, obrigado.

— Eu não te acordei, não é?

Khalifa lhe assegurou que não.

— Quanto tempo faz? Um ano?

— Pelo menos — respondeu Khalifa.

— O tempo voa.

— Com certeza.

— Sabe Deus para onde.

Khalifa murmurou alguma coisa que Ben-Roi não entendeu. Não tinha certeza, mas teve a impressão de que o egípcio não estava nos seus melhores dias. Quase sempre um bom papo, naquela noite parecia realmente desanimado. Ben-Roi se perguntou se não teria sido melhor ter deixado a ligação para o dia seguinte.

— Como está Zenab? — perguntou Ben-Roi, pensando se deveria insistir na conversa, agora que já tinha começado.

— Ela está... OK. — A resposta foi hesitante, quase evasiva. — E Sarah?

— Nós nos separamos.

Uma ligeira pausa.

— Sinto muito. Quando?

— Há alguns meses.

— Sinto muito.

— Eu também. Tudo culpa minha, é claro. Eu sou um babaca.

Ben-Roi achou que Khalifa poderia aproveitar a deixa e fazer algum comentário espirituoso, mas não disse nada. Uma outra pausa, desconfortável — o egípcio certamente não estava num bom momento. Mais para a direita de Ben-Roi, a porta do bar se escancarou e as duas jovens que tinham saído quinze minutos antes voltaram, abraçadas. Ele as observou cambalearem até o bar e pedirem Coca-Cola com vodka e disse:

— Ei, tenho novidades.

Ele ouviu o clique de um isqueiro, seguido do som de uma inalação.

— Não me diga: vocês fizeram as pazes com os palestinos?

Agora sim! Esse era o Khalifa que ele conhecia e amava!

— Melhor ainda! — riu Ben-Roi. — E certamente mais incrível.

Ele deixou o comentário no ar, criando suspense, e então:

— Sarah está grávida. Eu vou ser pai!

Falou em voz alta, apreciando a notícia. Tão alto que o *barman* e as duas moças o ouviram. O *barman* levantou o polegar; as moças aplaudiram e gritaram *Mazel tov!* De Khalifa, não veio nada.

— Eu vou ser pai — repetiu Ben-Roi, achando que o egípcio não o tinha escutado.

— *Mabruk* — disse Khalifa. — Fico muito feliz por você.

Não era o que parecia, o tom de sua voz era desanimado e inexpressivo, o que surpreendeu Ben-Roi. Incomodou-o, na verdade. Khalifa era uma das poucas pessoas para quem ainda não tinha contado — a única pessoa, praticamente — e ele aguardava sua reação, imaginava-a no fundo de sua mente no momento em que resolveu ligar. A falta de reação era... quase um insulto. Certo, quase um ano já havia se passado desde seu último contato; quatro anos, na verdade, se considerarem o fato de não terem se encontrado pessoalmente, e Khalifa obviamente não estava muito bem-humorado, mas mesmo assim, era de se esperar algum entusiasmo por parte dele. A paternidade, afinal, era uma coisa grandiosa, algo a comemorar. E Khalifa não estava comemorando. Ben-Roi se

perguntou se talvez ele não aprovasse o acerto doméstico de ele ter um filho sem estar casado. Sim, devia ser isso. Culturas diferentes, maneiras diferentes de fazer as coisas.

— Obviamente, o fato de eu e Sarah não estarmos juntos deixa as coisas um pouco mais complicadas — admitiu ele, enfrentando a questão de frente — mas ainda estamos próximos, e, acredite em mim, aconteça o que acontecer eu vou estar lá para ela e o bebê. E, quem sabe, quando ele chegar... Na verdade, ainda não sabemos se é ele, mas, cá entre nós, tenho a sensação de que vai ser um menino... De qualquer modo, bebês mudam as coisas, você sabe disso, então, talvez quando ele ou ela chegar, Sarah e eu poderemos tentar mais uma vez, ver se podemos consertar as coisas, você sabe, começar de novo, nós três juntos...

Ele estava errático. Não deveria ter tomado o Jameson's, não de estômago vazio.

— A questão é que eu não vou ser um desses pais ausentes — prosseguiu. — Estou lá para tudo. O fato de eu e Sarah não estarmos morando juntos não vai afetar em nada. Esse bebê vai ter a melhor casa do mundo e será muito amado pelos pais. Estou muito animado, Khalifa. *Tão* animado. Eu vou ser pai!

Ele sentia que a voz começava a falhar, que seus olhos ficavam úmidos. Definitivamente, não deveria ter bebido o Jameson's.

— *Mabruk* — repetiu Khalifa. — Estou muito feliz por você. Por vocês dois.

O mesmo tom vazio, a mesma ausência de emoção. Ben-Roi apertou os dentes. *Que filho da mãe, pensou ele. Aqui estou eu, derramando meu coração e você nem mesmo faz um esforço para fingir que está dizendo a verdade. Talvez seja contra os princípios islâmicos, mas você poderia pelo menos fingir, pela nossa amizade. Uma bela situação essa, em que um barman e um par de garotas chapadas reagem melhor do que alguém que já salvei a vida.*

— Ouça, talvez não tenha sido uma boa ideia ligar tão tarde — disse, incapaz de disfarçar a irritação na voz. — Tinha uma coisa que eu queria te pedir, sobre um caso no qual estou trabalhando, mas, obviamente, essa não é a melhor...

— Não, não, por favor, está tudo bem. Se houver alguma coisa que eu possa fazer por você...

O homem parecia estar no espaço, completamente desconectado, como se tivesse drogado. Talvez *estivesse* drogado, pensou Ben-Roi. Doente, alguma coisa do tipo. Talvez essa fosse a explicação.

— Você está bem, Khalifa?

Silêncio.

— Você está bem? — repetiu. — Você não parece... Quero dizer, não que seja um grande problema, mas estou prestes a ter um filho e fiquei com a impressão de que você não ficou especialmente feliz por mim. Nem mesmo muito interessado.

Ele ouviu mais um pigarro suave quando o egípcio trágico trouxe novamente. Quando voltou a falar, pareceu querer se desculpar sinceramente.

— Me perdoe, meu amigo. *Estou* interessado. E feliz por vocês. *Muito* feliz. Ter um filho é uma coisa maravilhosa. É só que...

Outro pigarro, outra expiração. A irritação de Ben-Roi foi substituída por uma vaga inquietação.

— Só que o quê?

Na sala dos fundos, os comentários do jogo começaram a se animar de novo, acompanhados por gritos de "Go, Katan!" e "Cruza!".

— Só que o quê, Khalifa? Tem alguma coisa errada?

Os copos tilintaram no bar, acompanhados por uma nova explosão de risadas. O Dire Straits parecia, de alguma forma, ter se transformado em Britney Spears cantando "Toxic".

— Khalifa?

— Cruza, porra!

— Khalifa?

— Na verdade, sim, tem algo errado. Algo...

Um pigarro abafado ecoou pela linha, que Ben-Roi poderia ter achado que era um soluço, não fosse por todo barulho do ambiente. O sentimento de inquietação ficou mais forte.

— O que aconteceu? Me diga, Khalifa.

Uma outra pausa — era como se a conversa sofresse de algum atraso — e então o egípcio começou a explicar, alguma coisa sobre um barco, um acidente. A voz dele se perdeu numa súbita erupção, ensurdecadora, de gritos vindos da sala dos fundos quando o Maccabi Haifa finalmente colocou a bola no fundo da rede e empatou o jogo. Ben-Roi tampou o ouvido com uma das mãos e abaixou a cabeça, quase encostando no tampo da mesa, tentando bloquear o barulho.

— Me desculpe, não ouvi. O que foi que você... ?

Todos urravam e gritavam, até mesmo as garotas.

— Khalifa, me desculpe, não consigo...

Um dos jovens desceu pulando os degraus até o bar e cruzou todo o salão, agitando os punhos para cima. Outro veio atrás dele, e mais outro, os três improvisando uma conga, o que fez as garotas gritarem, animadas. Ben-Roi acenou com a mão, tentando fazer com que se calassem, mas sem sucesso. Sem qualquer sinal de que as comemorações diminuiriam, disse a Khalifa para esperar, levantou-se e foi para fora, fechando a porta atrás de si.

Subitamente, tudo ficou em silêncio.

— Assim está melhor — disse ele, caminhando pela rua deserta.

— Estava tudo uma zona lá, não ouvi nada. — Então, o que você estava dizendo? — O que aconteceu?

Dessa vez, a voz de Khalifa chegou alta e clara. Fez com que Ben-Roi parasse de andar.

— Meu filho morreu. Houve um acidente no Nilo, e meu filho Ali foi morto. Eu perdi o meu menino. Oh, meu Deus, Ben-Roi, eu perdi o meu menino.

LUXOR

Mesmo agora, quase um ano depois, Khalifa não estava nem perto de se conformar com o que tinha acontecido. Não era capaz sequer de imaginar o dia em que se sentiria conformado com aquilo. Perdera o filho mais velho, seu menino de ouro. Como alguém poderia algum dia descansar com um peso desses no coração?

Pareciam estar naquilo há meses, desde que encontraram o bote abandonado entre os juncos. Ali e um grupo de amigos, invencíveis aos catorze anos de idade, em busca de diversão e aventura. Haviam remendado o barco, surrupiado um remo de um estaleiro de falucas de Karnak, fabricado outro com alguns pedaços de madeira velha, e começaram a sair pelo Nilo. Nada muito ousado, a princípio: uma remada para cima e para baixo da margem direita, uma pequena travessia do canal estreito até a ilha Banana, onde montavam acampamentos, comiam balas e fumavam cigarros roubados. Tudo perfeitamente inofensivo.

Com o tempo, no entanto, foram ficando mais ousados. Uma vez convenceram o proprietário de uma lancha a rebocá-los rio acima, até a ponte da estrada do Nilo, para que descessem os dez quilômetros levados pela correnteza; em outra ocasião, remaram por fora da ilha Banana, até seu lado mais distante, indo até as boias que marcavam os bancos de areia à esquerda da ilha.

Na noite da tragédia, seis deles, incluindo Ali, partiram para a aventura mais ousada, uma travessia de todo o rio, até a outra margem, para depois voltar.

Planejaram tudo meticulosamente. Há semanas que vinham armazenando comida, bebida e cigarros para a jornada épica; na noite escolhida, cada um deles disse que iria dormir na casa do outro amigo, para que os pais não desconfiassem. Encontraram-se após o anoitecer numa pequena enseada bem ao sul de Luxor, carregaram o barco, fizeram um voto de amizade eterna para o caso

de um naufrágio ou ataque de inimigos — uma brincadeira que, naquele momento, se revelou uma antecipação dolorosa.

E, quando zarparam, se sentiram os maiores exploradores da história. Nenhum colete salva-vidas, é claro, mas, afinal, todos sabiam nadar, quem precisaria?

Sofreram um revés inicial quando mal tinham começado a navegar e o bote começou a vaziar água. Deveriam ter dado a volta imediatamente, mas haviam esperado tanto pela aventura, estavam tão animados e motivados com a história toda que continuaram a remar, dois dos meninos tirando a água com vasilhas plásticas enquanto os outros remavam com os remos e mais duas tábuas que haviam conseguido para ganhar um pouco mais de força.

Após o início pouco promissor, as coisas voltaram para o lugar, com o vazamento sob controle e o Nilo fluindo lento e calmo, foram até o meio do rio sem maiores percalços.

Lá, no entanto, tudo começou a desandar.

O primeiro de uma série de eventos aleatórios que se combinariam para levar uma situação inofensiva rumo à tragédia. Uma lancha da polícia em patrulha bem mais ao sul do que seu trajeto normal enxergou o bote, aproximou-se e mandou que voltassem para a terra.

Os outros meninos ficaram apenas esperando que a lancha desaparecesse para prosseguir com a aventura. Ali — filho de um policial — insistiu que deveriam cumprir a ordem. (Quantas vezes Khalifa se repreendeu por não ter ensinado o filho a não respeitar tanto a autoridade?)

E assim eles deram a volta — reclamando e desapontados, zombando do Senhor Certo que sempre fazia o que mandavam — e começaram a remar pelo mesmo caminho de onde tinham vindo. Apenas para descobrir que a correnteza, perfeitamente controlável na vinda, por algum motivo qualquer se tornara muito mais agressiva na direção oposta.

— Era como se o rio não quisesse deixar a gente voltar para a margem — recordava um dos meninos que sobreviveu à tragédia, cujo testemunho permitiu que a história fosse lentamente

reconstituída. — A correnteza ficou nos empurrando para o norte e de volta para o meio do rio. Cada centímetro era uma luta.

O remo improvisado se partiu, uma das tábuas caiu na água e sumiu na noite. O vazamento piorou rapidamente e a água entrava mais rápido do que era possível tirar com os baldes. Quando chegaram na metade do caminho de volta para a margem direita, o bote se tornou impossível de ser manobrado e os garotos estavam exaustos.

E foi quando viram a balsa.

A princípio, não ficaram alarmados. Estava muito longe, bem mais de um quilômetro, uma mancha escura na superfície prateada pela lua, e, apesar de aparentar vindo diretamente em direção a eles, totalmente fora do canal de navegação usual ao longo da margem esquerda, nenhum deles duvidou que o vigia da proa os veria a tempo e sinalizaria para que a balsa fizesse uma mudança de rumo.

O ajuste da rota nunca aconteceu. Com a corrente os empurrando para o norte e a barca seguindo inexoravelmente sua rota para o sul, os meninos começaram a ficar preocupados e, depois, assustados. Começaram a gritar e acenar com os braços, tentando avisar a balsa para se desviar, enquanto remavam furiosamente tentando sair do caminho.

Sem sucesso algum. O bote foi arrastado rio abaixo, a balsa avançou, e as duas embarcações entraram numa trajetória de colisão aparentemente irreversível, a distância entre eles diminuindo em segundos.

— Como dois trens indo um em direção ao outro no mesmo trilho — foi a descrição de uma das testemunhas que estava na margem.

— A gente meio que congelou — disse o sobrevivente. — A gente viu a balsa se aproximando, mas era como se tudo estivesse em câmera lenta, como num sonho. Lembro de Ali gritar que a gente tinha que pular, mas ninguém conseguiu se mexer. Até o último minuto, a gente achou que eles nos veriam e mudariam a rota.

Finalmente, o vigia de proa da barca viu o bote, avisado pela buzina da lancha da polícia, que voltara para verificar se os garotos tinham feito o que haviam mandado. O vigia gritou para o timoneiro, que virou o timão freneticamente num esforço para evitar a colisão, mas então já era tarde demais, menos de cem metros separavam o bote da gigantesca proa afilada da barca.

Segundo um dos policiais da lancha, no último momento, todos os meninos se levantaram e se deram os braços, como se a mera força da amizade fosse suficiente para manterem milhares de toneladas de metal a distância. Até o dia de sua morte, aquela imagem assombraria Khalifa, seis crianças aterrorizadas ligadas por um derradeiro e desesperado abraço.

E então, como um bate-estaca pulverizando uma caixa de fósforos, a barca os atingiu.

Quatro dos meninos morreram instantaneamente, sugados sob a água e feitos em pedaços pelas hélices gigantes do navio (apenas dois corpos reconhecíveis foram encontrados). Um quinto conseguiu, por milagre, se afastar da cena e ser resgatado pela lancha da polícia, tão profundamente traumatizado que não conseguiu emitir uma única palavra por toda a semana seguinte ao desastre.

Um sexto menino também sobreviveu — Ali. Seu corpo inconsciente e encharcado foi encontrado trinta minutos depois pela lancha da polícia, de bruços, preso aos ramos de uma moita flutuante de *ward-i-nil*. Foi retirado do rio e levado às pressas para a margem e para o hospital geral de Luxor, onde foi reconhecido por Rasha AL-Zahwi, a pediatra casada com Omar, um amigo de Khalifa, que estava no plantão noturno da unidade de emergência do hospital. Foi ela quem ligou para o casal Khalifa para dar a notícia.

Quando chegaram ao hospital e viram seu menino ligado aos aparelhos — o rosto cinza, coberto de fios, um tubo saindo da boca como um verme gigantesco —, Zenab desmaiou. Khalifa a ajudou a se levantar e sentar numa cadeira junto à cabeceira da cama, assegurando-a de que tudo ficaria bem, mesmo sabendo, instintivamente, que isso não era verdade. Então, sem se importar com o que qualquer um pensasse dele, alheio aos médicos e enfermeiras se movimentando para todo lado, ele subiu na cama ao

lado do seu menino e o segurou, dizendo-lhe o quanto o amava, implorando para que ficasse com eles, implorando para que Alá fosse misericordioso, cantarolando “Vamos soltar pipa”, do filme *Mary Poppins*, que, mesmo aos catorze anos, ainda era o DVD favorito de Ali.

Por seis dias e seis noites eles mantiveram a vigília, sem nunca deixar a cabeceira da cama do filho. Jamais houve qualquer esperança. Ele permanecera sob a água por tempo demais. Seu coração poderia continuar batendo, mas o cérebro, segundo os médicos, para toda e qualquer finalidade, estava morto. Ele jamais recuperou a consciência; Alá, em Sua infinita sabedoria escolheu, naquela ocasião, não conceder um milagre. Os seis dias foram, em certa medida, simplesmente uma longa despedida.

No sétimo dia, concordaram em deixá-lo partir.

Khalifa insistiu que era ele quem deveria fazer aquilo — era algo muito pessoal, muito íntimo, para ser confiado a um estranho. Eles beijaram Ali, ficaram abraçados a ele, disseram-lhe repetidamente o quanto o amavam, quanta alegria ele trouxera para suas vidas, como ele sempre seria uma parte de suas vidas. Em seguida, cada um deles segurando uma das mãos do menino, ambos chorando descontroladamente, disseram um último adeus e Khalifa se inclinou até o equipamento e o desligou.

Quatorze anos antes, ele havia assistido ao filho vir ao mundo, em casa, no quarto do apartamento, que em um mês seria demolido para que os turistas tivessem algo interessante para fotografar.

Agora, ele assistia a sua partida, a vida linda, preciosa e insubstituível de seu menino, lentamente desaparecendo, transformando-se numa monótona linha reta na tela do monitor cardíaco do hospital.

A agonia foi indescritível, o sofrimento além de qualquer sofrimento que ele algum dia pudesse achar possível suportar.

Zenab jamais se recuperou. Mal falara qualquer coisa desde então, apenas passava os dias olhando álbuns de fotos, assistindo ao DVD de *Mary Poppins* de Ali e tirando o pó do quarto que tinham feito para ele no novo apartamento. Até hoje, nove meses depois,

ela ainda acordava todas as manhãs com o mesmo lamento desconsolado, “Sinto falta dele!”.

Khalifa tinha tirado uma licença prolongada para cuidar dela na pior fase, e, também, para estar presente junto a Batah e Yusuf, ambos devastados pela perda do irmão (embora, com a resistência dos jovens, tivessem rapidamente assimilado a perda e seguido com suas vidas). Numa demonstração incomum de decência, o chefe Hassani não apenas conseguira o novo apartamento para eles, mas também insistira para que Khalifa recebesse o salário integral enquanto estivesse de licença, o que tinha ao menos facilitado as coisas no nível prático. Khalifa ainda não tinha certeza se sentia gratidão pelo gesto ou ressentimento pelo fato de agora ter se tornado uma figura digna de pena, a ponto de mesmo um renomado cabeça-dura como o chefe compadecer-se dele.

Nos primeiros dias — vazios, cinzentos, inacreditáveis, como um sonho monocromático do qual ele jamais acordava — tudo o que conseguia pensar era sobre os momentos em que brigara com Ali; as ocasiões, numerosas demais para que pudessem ser contadas, em que ele não fora o pai que gostaria de ter sido.

Com os dias virando semanas, e as semanas, meses, as lembranças mais felizes retornaram. As peladas de futebol; os feriados com a família na praia de Hurghada; o dia em que ele e Ali ganharam uma visita particular às tumbas fechadas do Vale dos Reis de sua amiga egiptóloga Ginger; as visitas ao McDonald’s de Luxor, nas quais Khalifa, para ser honesto consigo mesmo, vira o menino mais feliz do que indo a todos os monumentos do Egito juntos. Tantas memórias felizes. Valiam por uma vida inteira.

Mas não o suficiente para absolver Khalifa da culpa que sentia por suas últimas palavras para o filho terem sido uma repreensão por ele não ter feito o dever de casa.

Tampouco para bloquear a imagem que o tomava dia e noite do filho debatendo-se freneticamente sob as águas do Nilo — sozinho, assustado, morrendo.

Nem, muito menos para trazer Ali de volta. Por mais valiosas que fossem, as lembranças não tinham o poder de ressuscitar os mortos.

Ele foi enterrado num pequeno cemitério, num promontório diante do Nilo, não muito longe da enseada de onde partiu com os amigos na noite da grande expedição. Era um local bonito, com *flamboyants* e hibiscos, uma vista maravilhosa para além do rio, até o maciço tebano e o deserto além. Khalifa gostava de pensar que, em seu descanso final, seu filho podia olhar para longe e, de seu próprio jeito especial, sonhar com aventura.

Nenhuma investigação formal foi realizada sobre o acidente, nenhuma ação foi tomada contra o capitão ou contra os proprietários da barca. Uma das maiores companhias de carga do Egito, não era o tipo de gente que se podia enfrentar. Alguns fatos da vida, nem mesmo uma revolução podia mudar.

JERUSALÉM

— Ah, meu Deus, Khalifa eu sinto muito.

Ben-Roi caminhou ao longo da rua até chegar a um banco e se sentou, curvando-se.

— Lamento tão profundamente — repetiu ele. — Por sua perda e também por ter... você sabe, Sarah e eu, o bebê...

— Você não precisa se desculpar, meu amigo. Se alguém precisa pedir desculpas, sou eu. Por... como você disse... ter arrasado com suas notícias maravilhosas. Estou feliz por vocês. Realmente feliz.

Ben-Roi olhou para os tênis, tentando encontrar alguma coisa adequada para dizer, sentindo-se o pior homem do mundo por não ter compreendido Khalifa. Ele não era muito bom nesse tipo de situação, sempre conseguia fazer a coisa errada. No final, ele apenas se desculpou novamente e perguntou se havia algo que pudesse fazer.

— Você é muito gentil, mas não, estamos bem.

— Quer que eu pegue um avião, vá até aí?

— Obrigado, mas isso não é necessário.

Ben-Roi se inclinou para o lado e apoiou o cotovelo no braço do banco. Pensava na própria perda, quando sua noiva, Gália, morreu num atentado a bomba, cinco anos antes. Como a bondade, a simpatia e as palavras de condolência de algum jeito só tornavam as coisas piores, serviam apenas para enfatizar a enormidade da tragédia que se abatera sobre ele. Nada, ele sabia por experiência — nenhuma palavra, nenhum cartão, oração ou flores —, podia aliviar a dor dessas situações. A pessoa estava sozinha, só lhe restava viver aquilo até o fim. Luto, após tudo ter sido dito e feito, era um assunto profundamente solitário.

— Estou aqui, se você precisar de mim — disse desanimado.

— Obrigado. Você é um bom amigo.

Ficaram em silêncio. Não o silêncio constrangido de alguns momentos atrás, mas o silêncio de duas pessoas que apreciavam a

companhia uma da outra e se sentiam suficientemente seguras de sua relação para não precisar falar quando não havia nada específico a dizer. Um *Haredi* mais velho passou apressado, a bengala batendo na calçada; pouco depois, o barulho do vento feito por um dos novos bondes de Jerusalém que se aproximava vindo de Jaffa, em sua direção, o vagão elegante de aço e vidro parecendo um tanto deslocado diante dos velhos e arruinados prédios do período do Mandato. O velho e o novo, o passado e o presente, o antigo e o moderno — em Jerusalém, tudo parecia misturar-se. Literalmente.

— Você queria me pedir alguma coisa — disse Khalifa por fim.

— Como?

— Sobre um caso no qual está trabalhando.

— Ah, sim. Isso.

Ben-Roi havia perdido completamente a noção do motivo pelo qual havia ligado. Após o que tinha ouvido, aquilo parecia totalmente irrelevante. Inapropriado, também, pedir ajuda ao egípcio com todas as coisas que ele já estava tendo que enfrentar. Poderia seguir pelos canais oficiais, procurar alguma outra pessoa. Atrasaria as coisas um pouco mais, mas não seria um grande desastre. Mesmo ele aceitava que havia momentos em que era preciso pegar leve (uma vergonha não ter se dado conta disso quando ainda estava com Sarah).

— Esqueça — disse.

— Vamos lá, Ben-Roi.

— Não, honestamente, esqueça. Não era nada. Apenas uma desculpa para te ligar.

— Tem certeza?

— É claro.

Uma outra pausa — o ruído do bonde deslizando sobre os trilhos cada vez mais alto na direção de Ben-Roi — e então Khalifa disse que precisava ir.

— Não gosto de deixar Zenab sozinha por muito tempo — explicou.

— É claro, eu compreendo. Por favor, diga a ela que eu espero que tudo fique bem. E, repito, sinto muito por Ali.

— Obrigado, meu amigo.

— Não podemos deixar passar tanto tempo.

— Com certeza.

Uma hesitação e Khalifa acrescentou:

— Foi bom ouvir sua voz, seu judeu bastardo e arrogante.

Ben-Roi sorriu.

— Foi bom te ouvir também, seu muçulmano você sabe o quê.

Prometeram ficar em contato, despediram-se e Ben-Roi começou a baixar o telefone, pronto para desligar, mas repentinamente o trouxe de volta ao ouvido.

— Khalifa!

Quatro anos atrás, quando ele havia despencado no abismo, ainda atormentado pelo sofrimento de ter perdido a noiva, o egípcio o envolveu na investigação sobre Hannah Schlegel, e, com esse envolvimento, Ben-Roi renovou suas forças e propósitos, começando lentamente a escalada para se recuperar. As situações eram diferentes, é claro, mas talvez, pensou, quem sabe ele pudesse retribuir o favor. Duvidava que fosse fazer algum bem — perder um filho, meu Deus, qual a profundidade do abismo em que a pessoa mergulhava? — mas, se não servisse para mais nada, ao menos proporcionaria uma pequena distração para Khalifa. Com toda a certeza, não conseguia pensar em nenhuma outra forma prática de ajudar o amigo.

— Tem uma coisa que talvez você possa fazer para me ajudar — disse.

— É claro. Qualquer coisa.

Barren, Nêmesis, a rota do Sinai, o voo de Kleinberg para Alexandria — todas essas ligações com o Egito poderiam ser seguidas por outras vias. Mas havia um desses fios, no entanto, que parecia sob medida para Khalifa.

— Você já ouviu falar de um sujeito chamado Samuel Pinsker?
— perguntou ele.

Khalifa não ouvira.

— Foi um engenheiro de mineração britânico. Desapareceu em Luxor em algum momento no início do século XX. Seu corpo foi encontrado numa tumba em 1972.

— Estou intrigado.

— Eu também. Ele parece ter alguma ligação com um assassinato que estou investigando, apesar de eu não fazer ideia de como ou por quê. Achei que talvez você, estando aí em Luxor...

— Posso fazer uma pequena exploração.

— Se você já não estiver com muita coisa...

— Não, não, fico feliz em ajudar. Você pode me mandar alguns detalhes?

— Vou enviar um e-mail para você logo cedo. Pelo amor de Deus, não perca muito tempo com isso, apenas o bastante para...

— Resolver o caso para você?

Ben-Roi riu.

— Exatamente.

Ficou em silêncio por alguns segundos, olhando na direção da Cidade Antiga, o monumental muro de pedra iluminado pelo brilho laranja da iluminação de rua. Então, tomado por um súbito afeto pelo velho amigo, soltou:

— Que tal isso, hein, Khalifa? Você e eu trabalhando juntos de novo. O time A. Como nos velhos tempos.

A resposta do egípcio foi menos animada.

— Nada jamais será como nos velhos tempos, meu amigo. Eles se foram para sempre. Eu te retorno assim que conseguir alguma coisa.

E, com isso, ele desligou.

PARTE 2

CINCO DIAS DEPOIS

Cuide das pequenas coisas, que as grandes se cuidam sozinhas.

Isso foi o que meus pais me ensinaram. Ainda vivo conforme essa mesma regra. Estou tocando as coisas — as pequenas, as rotinas diárias — e confiando que as questões em torno da limpeza na catedral vão se resolver por si. Como parece estar acontecendo. Não houve telefonemas, nenhuma chegada imprevista, nenhum contato problemático com gente de fora. A poeira parece estar baixando. Normalmente, não gosto da poeira depositada, mas, nesse caso, é algo a ser bem recebido.

Meus pais me influenciaram muito. Continuam a influenciar, cada um no seu próprio jeito, para o bem e para o mal. Ouço suas vozes com frequência. Sinto seus cheiros, também. Meu sentido do olfato sempre foi muito sensível e o cheiro dos meus antepassados está vivo na minha memória. Por isso que, na catedral, ao contrário da prática normal, fiquei deitado com a mulher gorda por um tempo, sob a mesa, após arrastá-la para lá. Desliguei minha lanterna e me enrosquei junto dela, no escuro, segurando sua mão, apertando o meu rosto no dela, respirando o delicioso perfume de amêndoas de seu cabelo. Foi quase como se minha mãe tivesse voltado para mim, o que me tranquilizou. Ainda que a responsabilidade pela família fosse minha e somente minha há muito tempo, eu ainda preciso ser tranquilizado de vez em quando. Preciso saber que sirvo com o melhor de mim.

Preciso disso mais do que nunca no momento, pela decisão que estou sendo solicitado a tomar. A grande decisão — maior do que a que tomei na catedral, quando realizei a limpeza mais cedo do que planejado. Uma decisão sobre a qual todo o futuro da família está depositado.

Se decidir certo, o futuro estará assegurado. Se errar...

Em certo sentido, é claro, já fiz a minha escolha, mas ainda me sinto inquieto. Imaginando o que meus pais teriam feito na minha

situação. Eles colocavam a família acima de tudo, como eu, mas mesmo assim — para agir dentro do círculo: nunca houve nada assim. Tais são os dilemas do dever. Não se trata meramente de obedecer. Trata-se de decidir *a quem* obedecer. E por qual motivo.

A tradição não me preparou para esses desafios. Não há qualquer precedente para me confortar. Eu clamo aos meus ancestrais, mas eles não respondem. Estou sozinho. Sei o que precisa ser feito, pelo bem da linhagem, mas ainda me sinto transtornado.

Ainda que, por um aspecto ao menos, estou tranquilo. *Se e quando* eu agir, não será com o garrote. Nesse caso, uma discrição ainda maior do que a usual será necessária.

Agora, no entanto, preciso ir. Tenho coisas que demandam minha atenção. Coisas de rotina. Pequenas coisas. As grandes, assim espero, tomarão conta delas mesmas.

DESERTO DE NEGUEV, ISRAEL

O corredor se movia silenciosamente, atravessando o deserto enluarado com a agilidade de uma pantera. Aqui e ali, parava e examinava as elevações rochosas, ouvindo. Depois, voltava a avançar, seguindo em direção à montanha íngreme, de cume plano, que dominava a paisagem. Chegou até a base da montanha, parou novamente, por mais tempo agora, recuperando o fôlego, e começou a subir agilmente para o topo, o ruído quase inaudível do tênis sobre o cascalho era a única indicação de seu progresso. Ao chegar no topo, tirou uma Glock 17 da mochila e seguiu até a beirada mais distante do cume, levando a arma diante de si, os olhos correndo para a direita e para a esquerda.

O chão se inclinava abruptamente ali, descendo por uma série de largas prateleiras rochosas até a pista asfaltada da rota 40 mais abaixo. Seu alvo estava sentado na prateleira mais alta, a cabeça dela inclinada para trás, os olhos fechados, os fones do iPod enfiados nos ouvidos.

O homem ficou olhando para a moça por alguns instantes, o alto da cabeça dela a poucos centímetros da ponta de seus sapatos, o som quase inaudível da música saindo de seus fones de ouvido. Então, com um sorriso, ele se abaixou e pegou um punhado de areia com a mão livre. Mirou com a Glock e esticou o braço, pronto para começar a soltar a areia sobre o cabelo dela.

A mulher se moveu tão rapidamente que o cérebro dele nem teve tempo de registrar que ela estava se mexendo. Num instante ela estava sentada ali sob ele. No instante seguinte, pusera-se de pé e girara, tirando os fones de ouvido de alguma forma no mesmo movimento. Ele tentou recuar para sair do alcance, mas ela já tinha segurado seu pulso com a força de um torno. Com a outra mão, segurou-o pelo casaco e o puxou para a frente, pela beira do declive. Por um breve e surreal momento, ele se sentiu conduzido pelo ar como algum tipo de acrobata de circo antes de despencar

sobre as costas — com força suficiente para deixá-lo atordoado, mas não o bastante para machucar. Um pé prendeu seu pulso direito, uma outra Glock apareceu do nada e pairou a três centímetros de seu nariz. Dos fones de ouvido veio o ritmo abafado da música — Pink Floyd: “Breathe”, respire.

— Você deseja alguma coisa?

Passaram-se alguns segundos até ele ser capaz de fazer o que a música mandava. Quando conseguiu ar suficiente nos pulmões para conseguir falar, a voz saiu áspera e ofegante.

— Achei que tinha te pegado dessa vez.

— Não conseguiu.

— Deu pra perceber.

Ficou ali um pouco mais, deitado olhando para ela, seu rosto pálido e intenso, um leve sorriso brotando nos lábios. Então, erguendo a mão livre, ele acariciou seu rosto e desceu até a nuca. Ela deixou a mão ficar ali por alguns segundos até afastá-la gentilmente e sair.

— Você nunca desiste, Gidi?

— E você nunca deixa, Dinah?

— Não esta noite, garotão.

Ele achou graça.

— Meu Deus, como você é gostosa. Fiquei com um tesão que vai daqui até Haifa.

Ela soltou um suspiro. Gideon estava sempre dando em cima dela, há quatro anos, desde que se conheceram. Sempre tentava pegá-la quando ela subia até lá para esvaziar a cabeça. Ele não tinha qualquer intenção de lhe fazer mal, assim como ela tampouco se ofendia. Gidi era um homem bom. O melhor. Só que homem bom não era o que lhe interessava.

Ela desligou o iPod e o enfiou na mochila, que estava encostada no fundo da prateleira de pedra, fez o mesmo com a Glock. Gidi se ergueu e se sentou, esfregando o pulso.

— Como você soube que eu estava aqui?

— Senti o cheiro do seu pós-barba.

Ele resmungou.

— Derrotado por ser cheiroso.

Ela colocou a mochila nas costas e estendeu a mão. Ele a segurou e ela o ajudou a ficar de pé.

— Uma corrida de volta? — perguntou ela.

— Acho que vou ficar por aqui mais um pouco. Fumar um baseado, olhar as estrelas, lidar com a rejeição. A noite está linda.

Ele ainda segurava a mão dela.

— Fique comigo, Dinah. Sem gracinhas. Sente-se aqui comigo. A história da catedral... Pelo menos deixe eu te abraçar.

Ela o ficou encarando, sem tentar soltar a mão. O luar parecia aumentar a suavidade de seus traços, a maçã do rosto delicada, os olhos grandes e tristes. Alguns segundos se passaram. Então, apertando a mão dele, ela se inclinou para a frente e o beijou na bochecha.

— Te encontro no complexo.

Com isso, ela se foi, saltando pelos degraus de pedra na direção da estrada lá embaixo.

— Daqui até Haifa! — gritou ele atrás dela.

— Coloque uma compressa de gelo em cima! — a voz dela retornou.

Quando chegou ao plano, ela contornou a montanha e pegou a trilha que saía da rota 40 em direção ao deserto, os únicos sons eram o de seus pés no cascalho e o uivo distante e melancólico de uma hiena. A trilha seguia reta por cerca de cem metros, ladeada por rochas e ocasionais cactos murchos, depois passava por uma fenda e fazia uma curva fechada para a direita. Mais à frente, pouco mais de dois quilômetros, um grupo de construções brilhava ao luar: tetos em domo, paredes caiadas, como cubos de açúcar espalhados. Ela acelerou o passo.

Estavam ali há três anos. Nos primeiros dias, os quatro tinham operado de seu apartamento em Tel-Aviv. Mas havia muitos olhos, muitas oportunidades para suas idas e vindas atraírem atenção indesejada, especialmente à medida que as missões começaram a ficar mais ousadas, a temperatura aumentando. Levantaram acampamento e se mudaram para uma pequena vila na periferia de

Bersebá. Sentindo falta de ainda mais privacidade, mudaram-se depois para lá.

Na década de 1960, o lugar fora uma *moshav* próspera, ainda que distante. Fora abandonada há muito tempo, as casas tomadas por escorpiões e salamandras, as plantações perdidas sob uma coberta de poeira e ervas. Eles assumiram o aluguel, reformaram o lugar, instalaram painéis solares para a eletricidade e um sistema de satélite para o telefone e a internet. Não ficariam lá para sempre. A regra número um do negócio: jamais crie raízes, sempre esteja pronto para partir sem precisar pensar muito. No momento, entretanto, o lugar atendia as suas necessidades perfeitamente.

Ela pagara por tudo, como fazia sempre, e não lhes disse como, eles não perguntaram. Regra número dois: nada de perguntas desnecessárias. Os quatro eram íntimos, uma família, mas ainda havia partes de sua vida cuja privacidade precisava ser mantida. Eles nem sabiam seu nome verdadeiro. E era exatamente assim que as coisas continuariam a ser. O passado era o passado.

Ela chegou à base em menos de oito minutos, correndo nos últimos quatrocentos metros. A luz de Tamar estava desligada, devia ter ido se deitar cedo. Faz, a julgar pelo brilho cinza fantasmagórico emanando de sua janela, estava na sala dos computadores, como sempre, curvado diante de uma das telas, vagando pelas regiões abissais do ciberespaço. Faz era a ovelha negra — árabe-israelense, grosseiro, introvertido. Sempre fora um gênio tecnológico, um dos melhores *hackers* no negócio; portanto, o fato de raramente falar alguma coisa era irrelevante. Todos serviam a sua própria maneira. Ele sabia invadir, plantar um vírus e usar uma arma. Isso era tudo o que importava. No final da história, nenhum deles estava lá para conversar.

Ela se apoiou numa parede, perto de um dos 4x4, e alongou as panturrilhas, enchendo os pulmões de ar. Depois, passou pela sala dos computadores e colocou a cabeça na porta. Faz estava sentado de costas para ela, os olhos colados na tela, a cabeça envolvida pela fumaça do cigarro.

— Alguma coisa?

Ele esticou um braço e apontou o polegar para o chão, como um imperador romano sinalizando a morte para um gladiador. Estava sendo assim nos últimos seis dias, desde que a notícia do assassinato havia sido divulgada e eles tinham invadido o sistema da Polícia de Israel para acompanhar a investigação. O que quer que estivessem fazendo, os idiotas de uniforme certamente não estavam chegando nem perto do assassino.

— Barren?

Outro polegar para baixo.

— Tem certeza?

— Sim.

Isso era o máximo que se podia conseguir de Faz. Ela lhe disse para prosseguir, saiu e cruzou o pátio até seu próprio quarto, onde se despiu e foi direto para o chuveiro. Fechou a cortina, abriu as torneiras e entrou direto no chuveiro, sem esperar a água esquentar, colocando a cabeça na água e deixando o jato correr pelo rosto e seios. Um minuto se passou. Ela então se contraiu subitamente e se virou quando uma figura atrás dela apareceu por trás da cortina de plástico opaco. Instintivamente, seus punhos se fecharam para lutar, para então relaxar ao ouvir a voz de Tamar.

— Sou só eu. A porta estava destrancada.

Ela puxou a cortina para o lado, sem tentar esconder o corpo nu. Tamar estava em pé do outro lado: ágil, a pele morena, o cabelo curto, uma camiseta grande até os joelhos.

— Você está bem? — Tamar perguntou gentilmente.

Dinah concordou.

— Estou preocupada com você.

— Estou bem.

— De verdade?

— De verdade.

Elas ficaram olhando uma para a outra, a água continuando a cascatear pela cabeça e pelas costas de Dinah, espalhando-se por todo o chão do banheiro. Então, com um sorriso, ela chegou para o lado. Tamar pegou a camiseta e a tirou pela cabeça, revelando seios pequenos e firmes, além de tufo negro de pelos púbicos. Ela entrou no banheiro e as duas mulheres se abraçaram.

— Nós vamos pegá-los, Dinah. Eu juro, nós vamos pegá-los.

Ela não disse nada, apenas fechou a cortina com a mão enquanto a outra acariciava o cabelo da companheira e a puxava para perto.

Nenhuma das duas percebeu a câmera no exaustor sobre o chuveiro. Não teriam percebido mesmo se olhassem diretamente para ela. Estava muito bem escondida. Como todas as outras câmeras. O observador as via, e ninguém fazia a menor ideia.

ENTRE LUXOR E QENA, EGITO

Yusuf Khalifa pegou seu Cleopatra e olhou pela janela, trem sacolejando lentamente para o norte. Passava por cidades construídas com tijolos de barro, campos de milho e de cana de açúcar, a venda de um açougueiro com um mostruário mórbido de tripas e cabeças de ovelhas cortadas. Em determinado ponto, o trem freou subitamente e ele parou diante de um grupo de meninos brincando com uma jangada improvisada no meio de um canal de irrigação. Ficou tenso, resistindo ao impulso de colocar a cabeça para fora da janela e gritar para que saíssem da água. Era uma luta — toda lembrança era uma luta — e ele suspirou profundamente aliviado quando o trem voltou a avançar e a cena ficou para trás. Deu um trago no final do cigarro e jogou a ponta sob o calcanhar, com cuidado para não incomodar o homem idoso que fazia o *salat* do meio-dia no chão do vagão, à sua frente.

Não havia acontecido mais nada na fazenda dos Attia. Ele ainda esperava os resultados da análise da água de seu amigo Omar, mas estava cada vez mais inclinado a concordar com a opinião do chefe Hassani de que toda a história não passava de uma perda de tempo. Ele colocara alguns olheiros no caso dos blocos de *talatat* desaparecidos de Karnak e fora investigar uma história sobre uma operação de tráfico de drogas na feira livre de Luxor, que acabou não passando mesmo de uma história. Fora isso, sua mesa estivera limpa e, com o chefe e a maioria do efetivo obcecados pela inauguração do museu no Vale dos Reis, estava livre para a investigação de Ben-Roi sem que ninguém prestasse maior atenção.

E a investigação se revelou surpreendentemente interessante.

O israelense lhe enviara as informações gerais do caso, incluindo uma possível conexão com uma empresa chamada Barren Corporation. A mesma Barren Corporation responsável pelo novo museu do Vale dos Reis, o que era uma coincidência muito curiosa.

Samuel Pinsker era um nome totalmente novo para ele. Ben-Roi lhe enviara *links* para uma série de referências na internet, mas os sites não diziam nada além do fato de que Pinsker era inglês, envolvera-se com a pesquisa arqueológica na necrópole de Tebas, desaparecera em 1931 e sofrera algum tipo de desfiguração facial crônica. Mesmo a dramática descoberta de seu corpo em 1972, no fundo do poço de uma tumba distante, no maciço ocidental, parecia ter atraído apenas um interesse casual, destacando principalmente a suposição mórbida sobre a morte longa e solitária que ele provavelmente enfrentara. Ele morou e trabalhou no Egito, e conheceu seu fim nas montanhas acima do Vale dos Reis — mais do que isso, Khalifa não encontrou nenhuma outra ligação óbvia com os detalhes do caso fornecidos por Ben-Roi.

Os registros da polícia egípcia se mostraram mais informativos, como também mais intrigantes.

O fato de os registros ainda existirem já fora uma surpresa. Tudo acontecera há muito tempo — muito tempo mesmo em se tratando do desaparecimento de Pinsker — e Khalifa suspeitava de que qualquer anotação que porventura existisse sobre o caso tivesse se perdido ou sido destruída. Felizmente, a fixação da polícia egípcia não apenas em gerar papelada, mas também em guardar — normalmente tão repugnante para Khalifa —, dessa vez atuara a seu favor. Ele precisou de algum tempo para encontrar aquilo de que precisava, mas finalmente chegara a algum lugar dois dias antes. Duas resmas de anotações — uma relacionada à descoberta do corpo de Pinsker, outra ao seu desaparecimento original —, ambas atadas com barbante e enfiadas numa prateleira de um arquivo do governo em Esna.

Movendo-se cuidadosamente para não atrapalhar o homem que rezava no chão, Khalifa pegou a pasta de plástico que estava junto aos seus pés e tirou os arquivos.

O de 1972 era de longe o maior dos dois. Metade da pasta era composta por um bloco de fotos preto e branco: da tumba — um poço profundo com uma única câmara mortuária escavada na pedra no fundo —, do corpo mumificado de Pinsker no local e uma do corpo na mesa do necrotério. Havia o relatório do legista, do

detetive, declarações do casal que descobriu o corpo, até mesmo um relatório do dr. Geoffrey Reeves, um especialista em arquitetura de tumbas tebanas, analisando as dimensões e o corte da tumba, concluindo que datava do Império Novo, certamente da 18ª Dinastia. No final da pilha, o último item da pasta, uma carta da senhora Yahudiya Aslani, do Comitê para o Bem-Estar Judeu-Egípcio. Dizia que, na ausência de parentes vivos, o comitê aceitava receber o corpo de Pinsker para ser enterrado no cemitério Bassatine do Cairo. — Apesar de que, infelizmente devido a restrições financeiras, não poderiam fornecer uma lápide.

O arquivo de 1931 — um verdadeiro documento histórico, o conteúdo amarelado após oitenta anos — era bem mais esparso. Apesar disso, foi o que chamou a atenção de Khalifa imediatamente.

Havia declarações de diversas pessoas que conheceram ou eram ligadas a Pinsker, a mais longa delas de uma mulher chamada Ommsaid Gumsan, proprietária do quarto que Pinsker alugava em Kom Lolah.

Na noite de seu desaparecimento, o inglês aparentemente tinha acabado de voltar de Luxor após uma ausência de quase três meses — fazia isso com frequência, ela explicou, desaparecia por semanas sem fim até reaparecer de uma hora para outra, vindo do nada, motivo pelo qual ela insistia para que pagasse o aluguel adiantado. Ela ouvira a motocicleta vindo pela alameda nos fundos da casa um pouco antes do amanhecer. Ele não tinha realmente entrado no prédio, e não havia sinal dele na manhã seguinte, apesar de a motocicleta ainda estar lá, as bolsas de bagagem na traseira semiabertas. Acostumada com suas idas e vindas erráticas, ela normalmente não teria prestado atenção. Naquela manhã, por motivos que não sabia explicar, teve um pressentimento trágico. Tinha falado com o irmão, que foi quem procurou a polícia. Fim do depoimento.

Os outros testemunhos eram menores e menos informativos, apesar de um homem, alguém chamado Mohammed el-Badri, de Shaykh Abd al-Qurna, afirmar ter visto Pinsker caminhando pelas montanhas carregando uma garrafa, aparentemente bêbado como um gambá. Havia uma foto da motocicleta do inglês, a cópia de um

cartaz pedindo para que qualquer pessoa que tivesse alguma informação entrasse em contato com a polícia ou com o chefe da vila, um telegrama do alto comissário britânico, sir Percy Loraine, pressionando as autoridades de Luxor para que fizessem todo o possível para localizar o senhor Pinsker.

Tudo isso era muito interessante, de fato. Mas o documento que realmente fez o pulso de Khalifa disparar estava escondido num bolso nos fundos da pasta do arquivo. Uma carta manuscrita de duas páginas de um dos colegas arqueólogos de Pinsker, acompanhada de um pequeno desenho feito à mão do desaparecido — uma imagem simples, mas fascinante de uma figura vestida com uma roupa de couro, o rosto escondido atrás de uma espécie de máscara — e assinada com um nome que, ao contrário de Pinsker, era extremamente familiar para Khalifa: Howard Carter.

Abrindo o arquivo, ele retirou a cara e a leu de cima a baixo pela décima vez, chegando para o lado quando o homem idoso terminou suas orações e retomou o assento ao lado dele.

Elwat el-Diban
Luxor
14 de setembro de 1931

Prezado capitão Suleiman,

Em resposta às perguntas relativas ao senhor Samuel Pinsker, o relato a seguir pode proporcionar algum auxílio.

Na noite do desaparecimento do senhor Pinsker, em 12 de setembro, eu me recolhi cedo após jantar com os senhores Newberry, Lucas, Callender e Burton.

Pouco antes das dez, fui acordado pelo som de uma motocicleta vindo de Dra Abu el-Naga. Pouco depois, ouvi baterem na minha porta da frente e a voz do senhor Pinsker. Parecia estar completamente embriagado e gritava incoerentemente alguma bobagem que parecia “Encontrei, Carter” e “Tem quilômetros de extensão”. A perturbação prosseguiu por vários minutos, até eu ordenar que ele se fosse e ele partiu. Não nos comunicamos frente a frente.

O senhor Pinsker me conhece há três anos e, no ano passado, trabalhou por algum tempo comigo e com o senhor Callender na reconsolidação da entrada da tumba de Tutankamon. Acredito que ele também assistiu o senhor Winlock, em Deir el-Bahri, e *monsieur* Chevrier, em Karnak.

Apesar de não apreciar ser acordado desta forma, não desejo mal ao senhor Pinsker e acredito que ele será encontrado a tempo e gozando de boa saúde.

Se houver mais algum serviço que esteja ao meu alcance oferecer etc.

Atenciosamente,
Howard Carter.

— *Tazkara.*

Sem levantar os olhos, Khalifa pegou sua insígnia e a abriu. O inspetor a examinou, resmungou e passou adiante, deixando Khalifa com os olhos no documento, alheio aos olhares desconfiados que a insígnia despertou nos passageiros em torno.

Uma carta original de Carter — não se encontrava uma coisa dessas todos os dias, especialmente acompanhada de um desenho feito pela mão do grande arqueólogo. As referências a outros escavadores da época a tornavam duplamente interessante, permitindo um vislumbre de como eram as coisas na era de ouro das explorações e descobertas no Egito. Quando Khalifa alertou o curador da Casa de Howard Carter, na margem esquerda, o homem praticamente pulou para fora do telefone, tamanha a ansiedade de pôr as mãos no documento.

Mais do que o significado histórico da carta, no entanto, o que realmente deixou Khalifa intrigado foram as palavras que Pinsker gritou ao visitar a residência de Carter na noite de seu desaparecimento. *Eu encontrei, Carter! Tem quilômetros de extensão.* O que isso significava? O que tinha “quilômetros de extensão”?

Seu primeiro pensamento foi que ele poderia estar se referindo à tumba onde encontrou seu fim — um poço funerário da 18ª Dinastia até então desconhecido, mesmo vazio, certamente seria

motivo para muita euforia. Talvez Pinsker tivesse encontrado o poço, ido até a casa de Carter para anunciar sua descoberta e depois voltado para as montanhas e, bêbado, caiu dentro do buraco. Mas o inglês descreveu a coisa ou lugar misterioso com “quilômetros de extensão”, o que certamente não correspondia à tumba modesta de uma única câmara que aparecia nas fotos da polícia. Exagero de um bêbado? Possível, ainda assim, “quilômetros de extensão” parecia uma hipérbole estranhamente inadequada. Khalifa mencionou a dúvida para o curador da Casa de Carter, mas o homem foi incapaz de auxiliá-lo — nem sequer ouvira falar de Samuel Pinsker. Seu velho amigo e mentor, professor Mohammed al-Habibi, do museu do Cairo, já tinha ouvido falar, mas não lançou qualquer luz sobre o mistério. E o próprio Carter estava morto desde 1939 portanto, não ofereceria qualquer explicação.

Eu encontrei, Carter! Tem quilômetros de extensão.

Seria esse o nó que resolveria o caso de Ben-Roi? O motivo pelo qual a jornalista morta se interessara por Samuel Pinsker? Ou apenas mais uma perda de tempo, como toda a história dos poços coptas envenenados? Ele não fazia ideia. Precisava conversar com outras pessoas. Mary Dufresne, para começar. Ela sabia tudo o que havia para saber sobre aquela época.

Mas isso teria que esperar, no entanto. No momento, tinha outras coisas em mente. Dando uma última lida na carta, recolocou-a cuidadosamente no bolso da pasta, fechou e amarrou o arquivo de 1931 e abriu o de 1972.

A carta sobre o cemitério Bassatine obviamente chamara sua atenção — se Pinsker fosse judeu, isso certamente possibilitaria alguma vaga ligação com Israel. Mas não era isso que o estava incomodando. Ele pegou o maço de fotografias, percorreu as fotos até chegar à do fundo do poço: um retângulo empoeirado de pedra cinzelada semicoberto por uma pilha de galhos e ramos.

Galhos e ramos. Os galhos e ramos não faziam sentido. Motivo pelo qual estava a caminho de Qena. Pois, se os envolvidos no caso de 1931 estavam todos mortos e enterrados há tempos, alguns de 1972 ainda estavam por lá. Incluindo Ibrahim Sadeq, então chefe da Polícia de Luxor, e o homem que encabeçara a investigação após a

descoberta do corpo mumificado de Samuel Pinsker. Sadeq talvez pudesse lhe oferecer algumas respostas.

Ele olhou para a foto. Mas quando o trem passou diante da enorme e enfumaçada fábrica de papel de Qena, recolocou-a no arquivo e voltou a se sentar. Mais atrás do vagão, um vendedor abria caminho pela massa de passageiros, carregando uma bandeja cheia de tiras de cana-de-açúcar e chamando os clientes. Um homem de terno acenou para ele, comprou um pedaço e deu para o menino sentado ao lado dele. Seu filho, adivinhou Khalifa, pela maneira como o homem passava o braço pelos ombros do menino e o trazia para junto de si. O menino se aconchegou junto ao pai, mordeu o pedaço de cana e o estendeu para que o homem desse uma mordida, ambos abençoadamente ignorantes da importância extraordinária dessas interações transientes. Khalifa os observou por algum tempo e depois enxugou os olhos e desviou o olhar.

Cada lembrança era uma grande luta.

ENTRE JERUSALÉM E TEL-AVIV

Ben-Roi também se movimentava, de carro, no caso, para oeste pela rota 1, seguindo entre as Colinas da Judeia rumo à planície costeira e o litoral.

Cinco dias frustrantes haviam se passado.

Dizer que a investigação estava empacada seria pessimismo demais, mas tampouco estava avançando de fato. Arrastando-se, mais exatamente. E agora que a imprensa tinha atacado a história com unhas e dentes — a reticência inicial se mostrara apenas um alívio temporário, a calmaria antes da tempestade —, a pressão para que alguém fosse condenado subiu para além da escala. Leah Shalev era convocada duas vezes por dia para apresentar boletins com o comandante Gal e com o superintendente-chefe Baum — uma experiência nada confortável considerando que ela pouco tinha a apresentar. Dois dias antes, Baum chegara a sugerir que ela não estava à altura de um caso daquele porte e talvez ele mesmo devesse assumir. A seu favor, Gal apoiou sua investigadora, apesar de este suporte vir acompanhado de uma ressalva: “Preciso que isso ande, Leah, e rápido. Você tem uma semana. Se não estivermos mais perto de alguma coisa até lá, teremos que reavaliar a situação.”

Tudo contribuía para uma atmosfera de trabalho pesada. Duplamente, com o segundo caso de assassinato na Cidade Antiga — o estudante *yeshiva* esfaqueado — sem nenhum progresso. Em seus nove anos na delegacia, Ben-Roi jamais vira tamanha tensão no Kishle. O lugar parecia uma caldeira prestes a explodir. Francamente, ele estava feliz por passar o dia longe.

Buzinou e acelerou para ultrapassar um caminhão da Força de Defesa de Israel transportando um par de tanques Merkava para o litoral. Após se livrar dele, voltou para a pista do meio, ligou para Sarah pelo viva-voz — ela estivera enjoada durante a noite e ele queria ter certeza de que ela estava bem — e dar um gole no café morno que tinha comprado num posto Paz, alguns quilômetros

atrás. Na rádio *Kol Ha-Derekh*, "She is Dead" do Pulp deu lugar a uma cantora americana chamada Susan Tedeschi cantando "Looking for Answers". Pelo amor de Deus, até a porcaria do rádio estava se metendo no caso!

Ainda estava seguindo a investigação por três vias. Uri Pincas continuava na linha dos russos e colonos do Hebron, seu ângulo agora ampliado para incluir todas as ameaças de morte que Kleinberg recebera ao longo dos anos como resultado de suas atividades jornalísticas. Amos Namir trabalhava no lado americano dos acontecimentos, além de continuar atrás da menina Vosgi, obviamente relacionada às questões armênicas. Nenhum dos homens avançava muito rápido. Nenhum dos homens avançava coisa alguma, de fato.

Do seu lado, Ben-Roi ainda tentava abrir caminho pelo emaranhado de pistas reais e falsas deixadas pelas atividades mais recentes de Kleinberg. Tráfico sexual, Egito, Barren e a Agenda Nêmesis — todas as peças ainda em jogo, apesar de ele não estar nem perto de entender sua função no tabuleiro ou como se relacionavam entre si.

Justiça fosse feita, houve algum progresso. Dov Zisky, que se revelava cada dia mais indispensável, apresentara algumas pequenas pepitas muito interessantes.

Uma delas se referia ao plano de Rivka Kleinberg de viajar para o Egito. Não só ela tinha uma reserva para Alexandria na noite de sua morte, mas também havia outra para um hotel barato em Roseta, uma pequena cidade a sessenta quilômetros depois de Alexandria. O que ela pretendia fazer lá continuava um mistério, mas, fosse o que fosse, nitidamente não esperava que demorasse. A reserva era apenas para uma noite, depois da qual tinha marcado um voo de volta para Tel-Aviv.

A outra pepita envolvia a onipresente Barren Corporation. Zisky garimpou mais a fundo e encontrou uma conexão armênia, ainda que antiga. Nos anos 1980, através de uma subsidiária chamada YGE — Yerevan Gold Exploration —, a Barren detinha o controle de uma grande operação de mineração de ouro a céu aberto no leste do país, na fronteira com o Azerbaijão. Conflitos de licenciamento

com o governo armênio levaram a Barren a se desfazer da empresa em 1991, mas ainda era uma conexão intrigante e com potencial.

Houve mais dois desdobramentos, incluindo — e mais uma vez, por cortesia de Zisky, que vasculhou a Internet — um outro ataque da Agenda Nêmesis contra a Barren, dessa vez uma invasão na rede de computadores da empresa.

Porém, a pista mais promissora até então era algo que o próprio Ben-Roi descobrira — para seu alívio, uma vez que Zisky parecia ser quem mais avançava nos últimos dias.

Durante seu encontro com Maya Hillel, no abrigo Hofesh, ela mencionara um cafetão chamado Genady Kremenko. Um imigrante ucraniano, Kremenko — com esposa e dois filhos —, administrava os maiores círculos de prostituição de Tel-Aviv, usando garotas traficadas do Egito pelo Sinai. Segundo Hillel, Rivka Kleinberg demonstrara um interesse especial por aquela rota e, uma vez que Kremenko, por tudo o que se sabia, praticamente monopolizara o negócio, Ben-Roi decidira encará-lo mais de perto.

Kremenko fora preso dois meses antes e, atualmente, estava detido em Abu Kabir, uma prisão que ficava a uma esquina do Centro Nacional de Medicina Legal, ao sul de Tel-Aviv. Ben-Roi passara pela unidade antitráfico do Crime Organizado e eles lhe enviaram cópias de tudo o que tinham sobre o homem, o que não era pouca coisa. Estivera explorando a prostituição de centenas de mulheres, aparentemente, a maioria do leste europeu, embora, ultimamente, estivesse se voltando cada vez mais para as orientais e africanas. Ele as colocava para trabalhar em duplas ou trios em apartamentos espalhados pela cidade — incluindo diversos em Neve Sha'anán. Os serviços eram anunciados pela internet, e cartões de visitas eram deixados nas caixas de correio e nos para-brisas dos carros, a movimentação das moças era controlada por uma rede de vigias, empregadas domésticas e sub-cafetões. O medo que ele inspirava era tão grande que, apesar dos números envolvidos, e das garantias de proteção, a unidade para o crime organizado não foi capaz de encontrar uma única garota disposta a testemunhar contra Kremenko, motivo pelo qual, mesmo com uma massa de provas circunstanciais, a procuradoria decidira que a melhor chance de

conseguir uma condenação seria por sonegação fiscal e lavagem de dinheiro, e não por tráfico e exploração sexual.

Os arquivos da operação pelo Sinai de Kremenko, que era o que realmente interessava a Ben-Roi, não continham quase nada. As garotas eram recrutadas em seus países natais, enviadas para o Egito, transportadas pela fronteira por beduínos. Praticamente o que Hillel já lhe contara.

Parecia um beco sem saída. Só que, num desses golpes de sorte capazes de provocar a virada de um caso, Ben-Roi tinha um contato em Abu Kabir, um carcereiro que frequentara a academia de polícia com ele antes de ser transferido para o serviço na prisão. Os carcereiros sempre estavam com o ouvido atento e, apenas como uma tentativa, Ben-Roi entrou em contato, passou os detalhes para o homem e perguntou se ele sabia alguma coisa que pudesse ser útil.

E, vejam só, ele sabia.

Dezoito dias antes, na verdade, Genady Kremenko recebera uma visita. Uma mulher. Chamava-se Rivka Kleinberg.

Então, era para lá que ele ia agora. Até Abu Kabir para uma conversa com o homem cujo apelido era Mestre Escola, em função da idade de algumas das meninas que ele explorava. Olhando rapidamente para a pilha de bolsas da Toys "R" Us no banco de passageiros, Ben-Roi desviou para ultrapassar outro caminhão de transporte de tanques e acelerou, o velocímetro avançando para mais de 120 km/h. Ele tinha apenas uma hora com Kremenko e não queria se atrasar.

QENA, EGITO

Diferentemente de Luxor, que ficava sessenta quilômetros mais ao sul, a cidade de Qena — junto à curva do Nilo que recebeu seu nome — fazia poucas concessões aos visitantes estrangeiros. Não havia hotéis sofisticados, nenhum restaurante servindo refeições inglesas ou café da manhã completo, toda a sinalização era em árabe. Uma cidade que recebia poucos turistas, e os que lá iam — normalmente para visitar o templo de Hathor do outro lado do Nilo, em Dendera — eram rigidamente policiados. Nos anos 1990, o grupo Al-Gama'á al-Islamiyya lançara uma série de ataques na área, e ninguém queria correr risco algum.

Ibrahim Sadeq morava num prédio de frente para o rio, a cinco minutos do centro. Não fora fácil conseguir a entrevista — o antigo chefe da polícia preservava sua privacidade e não gostava de visitantes. No entanto, pareceu ficar curioso com o pedido de Khalifa para conversar sobre o caso de Pinsker e, após algumas idas e vindas, cedeu e aceitou recebê-lo para uma audiência, com a condição de que fosse curta. Khalifa ligou no momento em que saiu do trem e foi recebido segundos depois de tocar o interfone do prédio. Sadeq esperava por ele do lado de fora da porta do apartamento, um *saiidee* alto e magro, com cabelos grisalhos curtos, olhos frios e dentes ruins. Os dois homens apertaram as mãos, trocaram as amabilidades usuais e entraram.

Sadeq era anterior a Khalifa. Já o encontrara duas vezes, rapidamente, em funções oficiais, mas não tinha falado com ele. Mas sabia dele por sua reputação. Sadeq era um homem duro. Não da mesma maneira que o chefe Hassani e Ehab Ali Mahfouz, o predecessor imediato de Hassani. Esses eram duros fisicamente, com os punhos. Sadeq fazia mais o tipo pensador: manipulador e esquemático. Enquanto Hassani e Mahfouz não hesitavam em arregaçar as mangas e espancar um suspeito, Sadeq preferia mover-se pelas sombras, mexendo os fios enquanto os outros sujavam as

mãos. Todos o temiam, tanto policiais quanto civis. Sob Sadeq, diziam os rumores, os torturadores do Estado nunca estiveram tão ocupados.

Ele levou Khalifa para a sala — espartana, arrumada, funcional — onde uma mulher bem-vestida, que Khalifa supôs ser a esposa de Sadeq, lhes serviu chá. Depois que ela se retirou, o antigo chefe se acomodou na cadeira e cruzou as pernas, balançando o chá sobre o joelho. O zumbido baixo do ar-condicionado percorria a sala; da cozinha vinha o estalar intermitente de um mata-moscas elétrico. Khalifa achou o som desconcertante. Eletricidade, pelo que ouvira, fora um dos métodos de interrogação favoritos de Sadeq.

— Então, inspetor, o senhor se encontrou com o homem sem rosto.

Sem perda de tempo, direto ao ponto, uma sugestão de ênfase no “inspetor”, apenas para lembrar a Khalifa de seu lugar correto na hierarquia. Teria que lidar cuidadosamente com o homem. Mesmo aposentado, Sadeq não era alguém a quem irritar.

— O senhor foi o encarregado da investigação — começou Khalifa, pegando o arquivo mais recente da bolsa plástica a seus pés. — Eu gostaria apenas de esclarecer umas poucas coisas.

— Quarenta anos depois do evento?

— Um amigo mencionou o caso. Achei até interessante dar uma olhada. Apenas por interesse pessoal.

Ele achou melhor deixar Ben-Roi fora daquilo. O irmão de Sadeq, ouvira Khalifa, fora prisioneiro dos israelenses em 1973, na guerra do Ramadan, e ele não acreditava que o homem fosse se sentir especialmente disposto a auxiliar uma das investigações do inimigo, mesmo que indiretamente. O *said* o observou, algo ligeiramente reptiliano no olhar, a maneira como os olhos pareciam não piscar. Por um momento, pareceu-lhe que ele iria insistir em mais detalhes. Mas, para alívio de Khalifa, ele pôs o chá de lado e esticou a mão.

— Deixe-me ver.

Khalifa se inclinou e lhe estendeu o arquivo. Sadeq colocou os óculos e abriu a pasta.

— Já faz tempo que vi isso — murmurou, folheando o conteúdo.
— Foi meu primeiro caso após ser nomeado inspetor sênior. Uma estreia memorável.

Ele pegou uma foto e a segurou na luz. O corpo de Pinsker estava sentado, encostado num canto no fundo da câmara, mumificado pelo calor seco do deserto, a cabeça caída para trás, a pele seca e estranhamente esticada, como se o esqueleto tivesse sido envolvido por um papel branco e encardido. Numa das mãos, segurava uma máscara de couro, com tiras e fivelas presas a ela; onde deveria estar seu rosto, havia apenas uma espécie de espaço vazio, liso, a não ser por um par de órbitas oculares, uma linha sem lábios no lugar da boca e, no meio, uma pequena ruga que sugeria um nariz.

— Rapaz bonito — resmungou Sadeq, colocando a imagem de volta na pasta. — Vi algumas mortes terríveis no meu tempo, mas essa aí... Suponho que o senhor tenha lido o relatório da autópsia.

Khalifa lera, de fato. Uma leitura horripilante. Além de quebrar as duas pernas, o braço direito e três costelas ao cair no fosso, Pinsker também rompera o baço e tinha vários cortes atrás da cabeça. Apesar dos ferimentos, sobrevivera à queda de alguma maneira, como evidenciava o fato de ter se arrastado para dentro da câmara e construído talas toscas para os membros quebrados, além de uma compressa para a cabeça. Ainda que a idade e o estado ressecado do corpo não permitissem uma avaliação definitiva, o legista estimou que o inglês sobreviveu por pelo menos dois ou três dias até finalmente sucumbir devido à combinação de desidratação, perda de sangue e traumatismo interno. Certamente, não se tratou de um fim indolor.

Sadeq fechou o arquivo e tirou os óculos.

— Então, o que você deseja esclarecer?

— Tem mais relação com o depoimento da mulher — respondeu Khalifa, chegando para a frente a fim de pegar a pasta de volta. — A *ingileezaya*, senhora... — ele folheou as anotações para encontrar o nome — Bowers. Há uma coisa que não fez sentido para mim.

Sadeq pegou o chá, tomou um gole e sinalizou para que Khalifa continuasse.

— Bem, segundo o relato, ela estava caminhando pelas montanhas com o marido para... — ele consultou as notas novamente, procurando as palavras exatas — “fazer o que uma dama precisa fazer”. Presumo que isso signifique...

— Dar uma mijada.

— Exatamente. Ela perdeu o apoio, escorregou, rolou pela encosta e caiu no fosso. Ele olhou para Sadeq, que confirmou levemente com a cabeça, indicando que a cronologia estava correta. — Ela também disse que não tinha visto o fosso, pois estava coberto de galhos.

Dessa vez, Sadeq não concordou, apenas fixou Khalifa, um sorriso muito sutil aparecendo no canto dos lábios.

— Foi o senhor que recolheu o depoimento, certo? No dia do acidente, após ela ser transportada de helicóptero para o hospital geral de Luxor.

— É assim que eu lembro.

— Sei que faz muito tempo, mas o senhor não recordaria como ela estava? Parecia ter sofrido alguma concussão, confusa...?

— Ela era uma *hawaga*. Na minha experiência, são todos confusos.

Khalifa achou graça da piada.

— Aonde eu quero chegar...

— Sei exatamente aonde o senhor quer chegar. — Os lábios de Sadeq se abriram um pouco mais, o sorriso começando a ficar mais pronunciado, como se compreendesse para onde Khalifa estava seguindo e apreciasse o passeio. — E não, a mulher não parecia nada confusa. Pelo contrário, considerando que há pouco tempo ela tinha caído num buraco de seis metros e encontrara um homem morto no fundo, ela estava notavelmente lúcida.

— E ela foi positiva sobre os galhos? De que estavam cobrindo o fosso?

— Ah, muito positiva. *Extremamente* positiva.

— É isso que não compreendo. Se os galhos estavam no topo do fosso...

Ele não disse mais nada. Sadeq levantou a mão, sinalizando para que se calasse. O antigo chefe ria abertamente agora, ainda

que seus olhos continuassem frios, uma desconexão enervante, como se parte dele quisesse alegrar Khalifa, e outra, amedrontá-lo. Da cozinha veio um estalo abafado, quando uma outra mosca se imolou. Houve uma pausa e então:

— Disseram que senhor era perspicaz.

— Perdão?

— Hassani, Mahfouz. Outros com quem falei. Um dos mais perspicazes da força, aparentemente. Vê coisas que outras pessoas não veem.

Ele colocou o chá de lado e apoiou as mãos nos braços da cadeira, fechando os dedos nas extremidades de madeira, que tinham a forma de escaravelhos. As unhas dos polegares, Khalifa notou, eram bem maiores do que a dos outros dedos, como se ele deliberadamente as estivesse deixando crescer.

— Insubordinado também, pelo que me disseram. No meu tempo, você não se safaria com isso. No meu tempo, *ninguém* era insubordinado.

Apertou mais o sorriso, o olhar ficou ainda mais frio. Khalifa se mexeu na cadeira, incerto de para onde isso o levava, imaginando se teria cometido um erro por ir até lá. As coisas podiam estar mudando no Egito, mas ainda era preciso se cuidar, especialmente perto de escorpiões como Sadeq. Fez-se um novo silêncio desconfortável. Então, para sua surpresa, o antigo chefe levantou as mãos e as moveu lentamente, como que aplaudindo.

— Bem observado, inspetor. Mesmo o professor que estudou a tumba não se deu conta do problema com os galhos. Mas eu percebi. E, agora, o senhor também. Muito perspicaz.

Ele voltou a colocar as mãos nos braços da cadeira, batendo com o dedo indicador. Do corredor da entrada veio um clique surdo quando a porta abriu e fechou, presumivelmente a esposa saindo.

— Assim que a *ingileezaya* me contou dos galhos, eu soube que havia algo errado. Meu primeiro pensamento, como deve ter sido o seu, foi de que ela estava confusa, que não se lembrava corretamente. Mas ela foi inflexível quanto a isso. Os galhos cobriam o fosso. O que significava que tinham chegado lá *depois* de Pinsker cair; caso contrário, ele os teria deslocado. E como não existe

qualquer árvore num raio de dez quilômetros do local, alguém deliberadamente os carregou e os colocou lá. Existem explicações possíveis, mas a mais óbvia era a de que alguém não queria que a tumba, ou Pinsker, fossem encontrados. E a explicação óbvia para isso era que...

— A queda de Pinsker não foi acidental.

Sadeq voltou a aplaudir lentamente. A consulta de Ben-Roi, aparentemente, estava se mostrando não ser a rotina que ambos esperavam.

— Não havia nada disso em seu relatório — disse Khalifa.

— Nas circunstâncias, achei melhor manter a narrativa simples.

— Mas um homem foi assassinado.

— É uma maneira de ver as coisas.

— Existe alguma outra?

— Sempre existe outra maneira de ver as coisas, inspetor. Se alguma lição eu aprendi em quarenta anos na força, é que nada é certo.

Ele deu outro gole no chá, os olhos fixos em Khalifa, como se o desafiassem a insistir na questão. Khalifa já lidara com pessoas como Sadeq — vinha lidando com gente assim ao longo de toda a sua carreira —, mas sabia que havia momentos em que era preciso insistir e momentos em que o melhor era ficar calado. Esse era o caso para que se calasse. Continuaram em silêncio um pouco mais, Khalifa mexendo os pés, Sadeq bebendo chá. Então, com um aceno da cabeça, o antigo chefe terminou o chá e colocou a xícara de lado.

— Interesse pessoal, o senhor diz?

— Sim, senhor.

— Tem certeza? — Ele fixou Khalifa com um olhar duro.

— É claro.

— Neste caso, não vejo motivo para mantê-lo no escuro. Já faz muito tempo, afinal. E, a sua maneira, a justiça *foi* feita.

Ele indicou a bolsa plástica nos pés de Khalifa.

— Suponho que seja o arquivo do desaparecimento de Pinsker?

Khalifa confirmou que era. Sadeq pediu com um gesto que lhe passasse.

— Identificamos o corpo de Pinsker bem rapidamente — disse, voltando a colocar os óculos e folheando o conteúdo da pasta. — Ele não carregava nenhum documento pessoal, mas as pessoas não esquecem um rosto assim tão facilmente. Ainda havia alguns *Qurnawis* que se lembravam dele, mesmo após quarenta anos. Uma vez com o nome, foi só uma questão de encontrar os registros do caso relativos ao seu desaparecimento. E, uma vez com as anotações do caso, não demorou muito para chegar ao fundo das coisas.

Ele retirou uma folha do arquivo e a estendeu. Era o depoimento de um homem que afirmava ter visto Pinsker bêbado subindo as colinas tebanas. Mohammed el-Badri de Shaykh Abd al-Qurna.

— Eu conheci os el-Badri — disse Sadeq. — Raça ruim, arruaceiros. O velho Mohammed ainda estava por lá, fomos atrás dele e o apertamos. Um sujeito duro, mas acabou botando para fora. Sempre acabam.

Ele colocou a folha de volta na pasta.

— O fato é que Pinsker tinha estuprado a irmã deles. Uma garota chamada Iman. Cega, não tinha nem vinte anos. Arrastou-a rio abaixo, espancou-a e se serviu. Aparentemente, ela resistiu, tentou lutar com ele, mas ele era muito forte. Eu não confiaria num fio de cabelo dos el-Badri, mas Mohammed tinha uma testemunha ocular para corroborar a história. Um morador local, respeitável. Era um garoto na época, tinha saído para pescar naquela noite, ouviu a garota gritando e viu a coisa toda. Ele contou para os el-Badri, Mohammed e os dois irmãos... Bem, isso era 1931, as pessoas não tinham esquecido Danishaway. E você sabe como são os *fellaheen*. Orgulhosos. Fazem as coisas do seu próprio jeito.

Ele tirou os óculos, dobrou-os e os colocou na mesinha de café, ao lado da xícara de chá vazia.

— Eu desaprovo a justiça dos vigilantes — disse ele. — Caso tivesse acontecido no meu turno, eu teria lidado de outra maneira, mas quarenta anos do evento tinham se passado. Dois dos três irmãos já tinham morrido, Mohammed já tinha passado dos setenta e não faltava muito para sua hora, Pinsker não tinha parentes vivos,

ao menos nenhum que nós pudéssemos encontrar. Começar a abrir velhas feridas não serviria a ninguém. Já era ruim o suficiente a menina ter sido violada. Por que voltar a lembrar o mundo inteiro de sua vergonha. Melhor deixar as coisas intocadas. Eu mandei dar uma surra no velho para ensinar-lhe uma lição e deixei por isso mesmo. Caso encerrado. Que é como vai continuar.

Ele olhou para a pasta, fechou-a com um gesto brusco e a devolveu.

— Acredito que isso esclarece as coisas.

Khalifa se inclinou para pegar o arquivo. Sentia-se curiosamente não convencido pela história. O estupro era chocante, obviamente — a garota tinha a mesma idade de sua própria filha, Batah. E cega, ainda por cima. Mas o destino de Pinsker... Um ano antes ele teria ficado horrorizado com o que acontecera a ele. Linchamentos, as pessoas assumindo a justiça com as próprias mãos — coisas que sempre o horrorizavam instintivamente, por mais grotesco que fosse o crime. Ultimamente, porém, sua bússola moral parecia menos orientada. O homem sofrera uma morte terrível, mas também fizera uma coisa terrível. Como disse Sadeq, nada era certo. Nada mais estava muito certo. Não havia certeza sobre mais nada, nada era preto e branco. A vida se tornara... impenetravelmente cinza.

Ele ajeitou as pastas no colo, seus pensamentos revolvendo sobre como, se havia alguma maneira, qualquer uma daquelas coisas podia ter relação com uma mulher estrangulada em Al-Quds. Ele não via nenhuma ligação óbvia: dois assassinatos, oitenta anos entre um e outro, diferentes nacionalidades, países diferentes.

— Não havia qualquer sugestão religiosa no assassinato, havia? — perguntou, tateando em busca de alguma conexão. — Pinsker sendo judeu...

Sadeq olhou para ele.

— Uma garota foi espancada, estuprada e quase morta. Uma garota *cega*. Eu acharia que isso é motivo mais do que suficiente para ainda precisar incluir religião. E, de qualquer modo, isso foi antes da *naqba*. Não nos incomodávamos tanto com os judeus naquela época.

Ouviram-se o clique da porta da frente se abrindo novamente, acompanhado do roçar das sacolas de compras. Sadeq levantou os olhos, depois consultou o relógio. Acreditava claramente já ter abordado tudo o que havia para ser coberto do assunto e já estava na hora de levar a conversa para sua conclusão.

— O senhor não saberia o que aconteceu com os bens pessoais de Pinsker, não é? — perguntou Khalifa, tentando conseguir o que fosse possível antes de ser levado para a porta.

Sadeq resmungou, impaciente.

— Até onde me lembro, tudo o que encontramos na tumba foi enterrado com Pinsker, no Cairo. Não havia muito. Apenas as roupas e aquela máscara.

— Nenhum tipo de documento? Papéis? Cartas?

Os dedos do velho começaram a tamborilar nas extremidades em forma de escaravelho dos braços da cadeira. Qualquer que tenha sido a dose de paciência concedida a Khalifa, seu fim se aproximava rapidamente.

— Nenhum documento — respondeu secamente. — Agora, se o senhor não se importar...

— E seus pertences de 1931? O senhor não faz ideia do que aconteceu com eles? O tamborilar parou, os dedos se contraíram em torno dos escaravelhos.

— Não faço a menor ideia. Jogados no Nilo, pelo que sei. Foi há oitenta anos e não é relevante.

— Mais chá? — a voz da esposa chegou da cozinha.

— Não será necessário — respondeu Sadeq em voz alta. — Já estamos acabando, não estamos?

Era uma afirmação, não uma pergunta. A paciência chegara ao fim. Khalifa assentiu, agradeceu ao velho pelo seu tempo e, colocando as pastas de volta na sacola plástica, levantou-se. Sadeq o conduziu pelo corredor.

— Por interesse pessoal, o senhor parece estar levando o caso muito a sério, inspetor — disse ele ao chegarem à porta de entrada. — Não faço objeções que oficiais tenham iniciativa, desde que seja empregada *com cautela*. Talvez eu deva conversar com Hassani. Fazer com que ele lhe passe algum trabalho mais apropriado.

Ele abriu a porta, e Khalifa saiu para o corredor. Havia ultrapassado a marca, podia sentir isso, não devia se arriscar mais. Pessoas como Sadeq podiam se tornar desagradáveis. Muito desagradáveis.

— Uma última questão.

Sadeq olhou com fúria.

— Na pasta de 1931 havia uma carta, de Howard Carter, o arqueólogo. Aparentemente, na noite de seu assassinato, Pinsky disse a Carter que encontrara algo. Algum objeto ou lugar que tinha “quilômetros de extensão”. Isso significa alguma coisa para o senhor?

Ele agora esperava que o velho perdesse as estribeiras. Mas não. Em vez disso, inesperadamente, ele apoiou uma das mãos no ombro de Khalifa.

— Soube de sua tragédia, inspetor. Por favor, aceite minhas sinceras condolências. Espero realmente que sua família esteja bem. E que *continue* assim.

Do jeito que ele falou, pareceu mais uma advertência do que uma gentileza.

— E, respondendo a sua pergunta, a carta de Carter não significa coisa alguma para mim. Agora, se não se importa, está na hora do meu almoço. Desejo-lhe uma viagem segura de volta para casa. Não voltaremos a nos encontrar.

Ele apertou o ombro de Khalifa, os dedos realmente afundando. Então, com um aceno de cabeça, entrou em casa e bateu a porta em sua cara. Do apartamento veio o estalo abafado de outra mosca sendo torrada nas grades eletrificadas do mata-moscas.

TEL-AVIV

Ben-Roi fez dois desvios rápidos antes de seguir para Abu Kabir para interrogar o grande cafetão Genady Kremenko.

O primeiro foi para o abrigo Hofesh, em Petah Tikvah, a fim de deixar os brinquedos que comprara na Toys "R" Us de Jerusalém. Não fez muito alarde daquilo, apenas deixou as bolsas na guarita e pediu ao guarda que cuidasse para que fossem entregues às crianças do abrigo. O homem quis chamar Maya Hillel, mas Ben-Roi disse que estava com pressa e seguiu o seu caminho. Não queria que a mulher pensasse que ele tentava impressioná-la. Ou, pior, que ele era do tipo coração de manteiga.

O segundo desvio foi para o centro de Tel-Aviv para pegar Dov Zisky. Ele estava passando o fim de semana na cidade com alguns amigos e perguntou se poderia acompanhar a entrevista, o que, para Ben-Roi, não tinha problema algum, ainda que lhe fugisse à compreensão o motivo por que o garoto queria desperdiçar seu dia de folga com um lixo como Kremenko.

Ele esperava na calçada do Grand Beach Hotel, em Nordau, apoiado num poste, vestindo *jeans* justos, uma camiseta apertada, sandálias e óculos Ray-Ban. Ben-Roi estacionou junto ao meio-fio e abriu a porta de passageiros do Toyota.

— Você vai à *shul* vestido assim? — perguntou, enquanto Zisky entrava no carro junto um bafo de loção pós-barba.

— Claro que vou.

— Você está com cheiro de michê.

— Bem, eles dizem que o perfume agrada as narinas do Senhor. Ele bateu a porta e entregou um saco de papel para Ben-Roi. — Almoço.

Ben-Roi cheirou a bolsa e sorriu.

— E também dizem que *latkes* agradam as narinas do seu chefe. Bom garoto!

Ele pegou uma das panquecas de batata, deu uma mordida e virou na esquina para Ha-Yarkon. Dirigiu em silêncio por um tempo, até que:

— Você costuma sentir muito cheiro de michê, então? — perguntou Zisky.

Os dois homens se olharam e caíram na gargalhada.

A penitenciária de Abu Kabir — também conhecida como o Jaffa Hilton — ficava no extremo-sul da cidade, do outro lado da esquina do Centro Nacional de Medicina Legal, onde fora feita a autópsia do corpo de Rivka Kleinberg. Um prédio imponente de três andares, com janelas gradeadas e uma grande torre de observação na esquina, cercado por um muro caído encimado por um alambrado. Alguma alma sensível tivera a ideia de enfeitar o muro com esculturas de terracota, tentando animar o lugar um pouco. Perda de tempo e de dinheiro, na opinião de Ben-Roi. Uma prisão era uma prisão, e, a não ser que derrubassem o muro, além de remover as barras e as portas também, jamais seria possível fazer algo que alegrasse o lugar.

Deixaram o carro no estacionamento ao lado dos portões de aço automáticos da instalação e se apresentaram na janela principal de segurança. O guarda de serviço abriu a porta para eles e fez uma ligação para o prédio principal para avisar que tinham chegado. Poucos minutos depois, outro guarda apareceu e os guiou pelo complexo.

— Adam Heber não está? — perguntou Ben-Roi ao cruzar o pátio de concreto frontal, referindo-se a seu amigo carcereiro.

— Eles está no turno da noite, no momento — respondeu o guarda. — Mandou lembranças. Mandou votos para uma visita divertida.

— Estou certo de que será emocionante — resmungou Ben-Roi.

Chegaram ao bloco principal da prisão e deixaram a luz do sol para entrar no interior sombrio. Era preciso preencher a papelada, depois o carcereiro os levou por um corredor, passou pelo pátio interno coberto por uma tela e seguiram para outra ala. Ouvia-se o som de rádios e vozes conversando e, de algum lugar acima deles, o

alarido de uma panela de metal batendo nas grades. Não podiam ver ninguém. Como em todas as prisões em que Ben-Roi já estivera, tinha a inquietante sensação de que não eram humanos de verdade que estavam fazendo os ruídos, mas o próprio prédio.

— Aqui estão vocês — disse o guarda, finalmente parando diante de uma porta e colocando a chave na fechadura. Vou buscar o prisioneiro. A advogada já está aqui.

Ele abriu a porta e se afastou, sinalizando para entrarem na sala: chão de linóleo, janelas gradeadas no alto da parede, mesa de madeira com uma garrafa d'água, copos de papel e cinzeiro. Uma mulher alta, de meia-idade, os encarava do outro lado da mesa, vestida com elegância, uma expressão tensa e contrariada. Os detetives se sentaram.

— Era para ser apenas uma conversa informal — disse Ben-Roi, quando a porta atrás deles se fechou e foi trancada. — Ele não precisa de orientação legal.

— Meu cliente prefere manter tudo sobre a mesa.

— Uma pena que não faça o mesmo com os seus negócios.

A mulher fez um muxoxo e cruzou as mãos. Sem aliança, observou Ben-Roi. Uma daquelas viciadas na carreira, tão dedicada a conseguir livrar a cara de patifes como Kremenko que não tinha tempo para uma família. Isso ou uma sapata. De uma forma ou de outra, não gostou dela. Não gostava de ninguém do tipo. Gente arrogante e escorregadia que voltava para casa todos os dias satisfeita por saber ter feito a polícia de idiota e por ter ajudado mais um pedófilo a voltar para as ruas. Filha da puta.

— Creio que possamos manter a civilidade — disse ela. — Hoje é aniversário da minha filha e gostaria de voltar para casa com um humor razoável.

OK, erro de avaliação.

— Então, essas são as regras — prosseguiu a mulher. — Meu cliente concordou em responder a quaisquer perguntas, e ajudar, como for possível, em sua investigação. Em troca, solicitamos que o senhor mantenha as perguntas dentro do que foi acordado e, como o senhor Kremenko não foi oficialmente considerado suspeito no seu

caso, tampouco condenado por nenhum outro crime, deverá ser tratado com respeito e cortesia.

— Quer que eu troque suas fraldas também?

— Cresça, detetive. E rápido, para que essa entrevista não acabe aqui mesmo.

Foda-se, pensou ele.

— E esse é? — Ela apontou Zisky com a cabeça. Ben-Roi fez as apresentações.

— A solicitação da entrevista era apenas para o senhor.

— Ele está apenas acompanhando. Quero mostrar a ele como as coisas funcionam. Ensiná-lo a importância do respeito e da cortesia.

Ela sorriu, ainda que a expressão mantivesse a amargura.

— Certo, eu vou permitir. — Ela anotou os dados de Zisky em seu bloco. — Vou gravar a conversa — ela pegou um gravador e o colocou sobre a mesa —, o que constituirá uma gravação legalmente admissível caso o senhor decida sair do acordo. Também estarei atenta ao tempo. Creio termos combinado sessenta minutos.

— Está pensando certo.

— Vamos nos ater a isso.

Encerradas as preliminares, ela se recostou e cruzou os braços. De algum lugar fora da sala chegou o eco distante de uma música. Ben-Roi resistiu à tentação de perguntar se ela queria dançar.

Passaram-se alguns minutos, ouviram o som de passos no corredor e o clique da chave. A porta se abriu e o entrevistado entrou na sala. A advogada se levantou; os dois detetives continuaram sentados.

Cafetões e traficantes aparecem nos mais diversos modelos e feitios, e das mais diversas demografias também, mas, se havia um estereótipo, esse era Genady Kremenko. Um homem grandalhão, obeso, careca, queixo duplo, olhos rosados e carnudos, combinava afabilidade jovial com uma expressão sombria e ameaçadora por trás. Ostentava uma profusão de pesadas joias de ouro — colar, pulseira, anéis com sinetes — e, para desgosto de Ben-Roi, uma vez que era o time *dele*, uma camisa branca e verde do Maccabi Haifa. Em grande destaque no antebraço, a tatuagem de uma

mulher com as pernas abertas, os membros, o tronco e cabeça em tinta verde, a vulva explicitamente realçada em rosa.

— Bem, não é aconchegante? — disse com uma risadinha, o hebraico impregnado por um forte sotaque do leste europeu. — É sempre um prazer dar as boas-vindas aos nossos bravos meninos de azul. Especialmente para esses tão bonitos.

Ele sorriu para Zisky, que, a seu favor, não reagiu.

— Eu daria um abraço em ambos, mas infelizmente... Ele levantou as mãos, que estavam algemadas.

— Não acho que isso será necessário aqui — disse a advogada.

O guarda olhou para Ben-Roi, que concordou. As algemas foram então removidas.

— Não posso culpá-los — riu Kremenko, esfregando os pulsos e girando as mãos. — Basta olhar para mim para ver que sou um assassino treinado. Há uns dois anos, derrubei um regimento de tanque inteiro com um único peido. Ele assoprou ruidosamente e deu uma gargalhada.

— Acho melhor começarmos — disse a advogada, cortante.

O guarda indicou um botão na parede, que poderiam pressionar se precisassem de algo, e os deixou com seus assuntos. Kremenko contornou a mesa e se sentou ao lado da advogada.

— Posso tocar a campainha para pedir champanhe? — perguntou ele, apontando para o botão na parede e soltando outra gargalhada.

Ignorando o comentário, a advogada conferiu o relógio, chegou para a frente, ligou o gravador e o empurrou para o meio da mesa, posicionando-o entre Kremenko e Ben-Roi. Informou o local, data, hora e nomes dos presentes na sala e, depois, se recostou e indicou que a entrevista podia ter início.

— Apenas para registro, gostaria de dizer que o mais jovem dos dois detetives tem uma pele muito bonita — disse, disfarçando o riso.

Zisky sorriu e cruzou as pernas, imperturbável. Ben-Roi colocou a pasta que levava consigo sobre a mesa e começou a trabalhar.

— Senhor Kremenko, recentemente o senhor...

— Genady, por favor. Somos todos amigos aqui.

— Recentemente, o senhor recebeu a visita de uma jornalista chamada Rivka Kleinberg.

— Recebi?

— Sim, recebeu.

— Se é o que você está dizendo. Estou terrivelmente esquecido ultimamente. Algo a ver com o ar daqui. Afeta o cérebro.

Ben-Roi apertou os dentes. Aquele seria um trabalho duro.

— Deixe-me tentar refrescar sua memória, *Genady*. No dia trinta de maio, a senhora Kleinberg entrou em contato com o *Shabas* solicitando uma entrevista. Esse pedido foi apresentado e o senhor concordou.

— Sem o meu conhecimento — interrompeu a advogada.

— O motivo dado para a entrevista foi “pessoal”. A senhora Kleinberg compareceu à prisão na tarde de seis de junho, quando, entre as 13h30 e as 14h05, você ficou a sós com ela nesta sala.

— Nada de sexo, posso garantir a vocês — resmungou Kremenko.

— Lembrou agora?

— Agora eu lembrei. Uma piranha gorda e intrometida, com enormes... — ele colocou as mãos em concha diante do peito. — Não era uma visão agradável. Devo ter bloqueado.

Ao lado dele, a advogada se mantinha com cara de paisagem.

— Bem, agora que já desbloqueou — disse Ben-Roi —, se incomodaria de me dizer o que a senhora Kleinberg veio fazer aqui?

Kremenko deu de ombros.

— A impressão que eu tive é que estava solitária. Você sabe como é: gorda, incomível, a idade avançando. Acho que queria um pouco de companhia. Viu a minha cara no jornal, me achou com jeito de ser do tipo amigável e decidiu que talvez eu fosse alguém com quem ela pudesse bater papo.

Ben-Roi deu corda, deixando-o levar a brincadeira adiante.

— E sobre o que exatamente vocês papearam?

Kremenko cruzou os braços e se recostou, olhando pensativamente para o teto.

— Bem, deixe-me pensar. O clima, com certeza, foi mencionado. Tem feito um calor atípico, não acha? E lembro de alguma coisa

sobre política: as eleições municipais, *ha-matzav*, se Tzipi Livni dá a bunda...

Ao lado dele, a advogada se empertigou e corou. Kremenko percebeu o constrangimento dela e sorriu.

— Brincadeira. Não falamos realmente disso.

— Não me diga — murmurou Ben-Roi.

Enfiando a mão sob o ombro da camiseta de futebol, Kremenko pegou um maço de Marlboro. Segurou um cigarro com os dentes e usou um isqueiro, que tirou de dentro do maço, para acendê-lo, apoiando os cotovelos na mesa.

— OK, chega de mijar para fora do penico — disse ele, com uma baforada densa de fumaça na direção de Zisky, que abanou com uma das mãos. — Essa mulher disse que queria vir aqui falar comigo. Nunca a tinha visto mais gorda, mas pensei, ora, por que não? A gente se aborrece aqui, qualquer distração é bem-vinda. Quem sabe? Ela podia ser bonita, valer uma punheta. O que, é claro, não era. Parecia mais a porra de uma daquelas bolas pula-pula. Uma grande decepção.

Soltou outra baforada de fumaça, forçando Zisky a recuar alguns centímetros com a cadeira.

— Me desculpe, querido.

— E sobre o que a senhora Kleinberg queria conversar? — perguntou Ben-Roi, retomando sua pergunta anterior.

— Isso e aquilo.

— Sendo isso e aquilo... ?

— Meu negócio, as garotas...

A advogada interviu.

— Acho que, nas atuais circunstâncias, precisamos nos ater...

Kremenko levantou um dedo, silenciando-a. Um pequeno gesto, quase imperceptível, mas que soava no volume máximo para Ben-Roi. Esse era um homem acostumado a ser obedecido, especialmente pelas mulheres.

— Relaxe — disse ele. — Estou aqui para ajudar os cavalheiros. Não tenho nada a esconder, nada do que me envergonhar.

Ele se recostou e deu outra longa tragada no Marlboro, segurando-o na base do filtro, do jeito que todos os criminosos

pareciam fazer. Ao lado dele, a mulher entrelaçou os dedos e olhou por sobre a mesa, os lábios cerrados.

— Eles entenderam tudo errado, sabe? — disse Kremenko. — A polícia, os jornais. Dizem que sou um traficante, um cafetão, mas nem sei o que essas palavras significam. Sou um homem de negócios, apenas isso. Um investidor. O único crime que cometi, e isso eu confesso — ergueu as mãos teatralmente —, foi o pecado de ser excessivamente bondoso. Essas jovens chegam a Israel, não conhecem ninguém, não falam a língua. Eu as ajudo, forneço acomodações baratas, empresto algum dinheiro quando precisam, ajudo-as a se colocarem de pé.

— Pelo que ouvi, é mais um caso de colocá-las deitadas — disparou Ben-Roi.

Novamente, a advogada foi cortante.

— Mais uma dessas piadas baratas e essa conversa...

— Sossega, leoa! — riu Kremenko, acenando para se calar. — Ele só está de brincadeira. Não precisa se ofender a cada vez que alguém faz uma piadinha. Não é mesmo? Hein, Bambi?

O último comentário fora para Zisky, que, mais uma vez, deixou passar. Ponto para o rapaz por manter o sangue frio. Se fosse Ben-Roi, já teria partido para cima de Kremenko.

— E foi isso que você disse para a senhora Kleinberg? — perguntou ele.

— Exatamente. Eu disse para ela que sou como um pai para essas garotas. Como eu podia saber que elas se meteriam com um monte de sem-vergonhice nas minhas costas? Acredite em mim, eu sou a vítima aqui. Vítima de minha própria natureza crédula.

Ele sacudiu a cabeça, fingindo-se ultrajado. Ben-Roi trocou um olhar com Zisky, depois para a advogada, cuja expressão se mantinha resolutamente neutra, mesmo sendo óbvio que seu cliente só estava falando um monte de mentiras. Perguntou-se se ela não se sentiria incomodada por defender um bosta como Kremenko. Provavelmente, não. A lei é imparcial, diria ela, todos têm direito a uma defesa justa. Ela podia não gostar do homem, mas, segundo sua maneira de pensar, estava a serviço de uma causa maior. Segundo a maneira de pensar de Ben-Roi, ela era uma puta, tanto

quanto as garotas que Kremenko explorava. Pior ainda, ela ao menos podia fazer uma escolha.

— Fale-me sobre a rota do Egito — disse ele.

— O que é isso agora? — O ultraje fingido dando lugar à falsa surpresa.

— A rota pela qual as garotas são traficadas para Israel. Pelo Sinai, até Neguev.

— Eu não sei absolutamente nada sobre isso.

— Dizem que você é o operador.

Kremenko deu de ombros.

— As pessoas falam qualquer coisa. Dizem que você é um babaca, um cara de boceta, o que não significa que você tenha um grelo na cabeça e mije sangue todo mês.

A advogada fez uma careta. Se Ben-Roi não estivesse tão frustrado com o muro impenetrável de Kremenko, ele até acharia graça do desconforto dela.

— A senhora Kleinberg falou sobre o Egito?

— Talvez. Se falou, eu devo ter dito a ela o mesmo que acabei de lhe dizer.

— E que seria...?

— Que eu não sei de porra nenhuma!

O cafetão fez um gesto impaciente com o pulso, as pulseiras tilintando. Ben-Roi retrocedeu.

— Vamos voltar às garotas — disse ele. — A senhora Kleinberg perguntou sobre alguma delas em especial? Mencionou algum nome?

— Não que eu me lembre.

— Maria? Esse nome apareceu?

Kremenko esfregou seus olhos, como se estivesse pensando e, depois, balançou a cabeça.

— Vosgi?

A cabeça balançou novamente.

— Como eu disse para a gorda, tenho muitas inquilinas, não lembro dos nomes de todas elas.

— Talvez você lembre de um rosto. Ben-Roi abriu a pasta, tirou a foto de Vosgi e a colocou na mesa, diante de Kremenko. — Essa

seria uma de suas *inquilinas*?

A advogada percebeu o sarcasmo e fuzilou Ben-Roi com um olhar de advertência.

Kremenko não percebeu, ou preferiu não perceber. Pegou a foto, examinou-a exageradamente.

— Nunca a vi antes — respondeu após uma pausa extravagante, devolvendo a foto.

— Com certeza.

— Tanta certeza quanto eu ter um buraco no meio da bunda.

— Ela é armênia. Desapareceu de um abrigo, algumas semanas atrás.

Ben-Roi soltou a informação para ver se ele esboçava alguma reação. Nada. Kremenko apenas olhou para ele, os olhos inchados e cor-de-rosa, um ar ligeiramente divertido. Tentou ler o que havia por trás do olhar, forçar a entrada, mas a barreira era cerrada e ele não conseguiu perceber nada, nem sequer uma dica. Kremenko começou a rir.

— Você está pescando, detetive. Pescando com uma vara quebrada, num lago vazio e se perguntando por que nenhuma porra de um peixe está mordendo.

Uma metáfora desajeitada, mas não muito distante da verdade. O cafetão deu a última tragada do cigarro e, inclinando-se, enterrou a ponta no cinzeiro.

— Vou lhe dizer uma coisa, vou te ajudar — disse. — Vocês parecem um casal simpático — piscou novamente para Zisky — e eu sou um camarada gente boa, sempre disposto a agradar. Então, a situação é a seguinte.

Ele voltou a se sentar e cruzou os braços, os seios masculinos espremidos sob os cotovelos, a vulva tatuada no antebraço parecendo se abrir diante de Ben-Roi como um olho inflamado.

— Mão sobre o coração, não gostei da tal de Kleinberg. Aceitei encontrar com ela, deixei que tomasse o meu tempo e, como agradecimento, ela foi grossa, agressiva e mal-educada. Fez todo tipo de pergunta descabida, insinuou várias coisas desagradáveis sobre minha vida pessoal e profissional. No final, receio ter perdido a paciência e mandei que fosse se foder, porque, sinceramente, acho

que ninguém mais toparia ir com ela. Em resumo, e não tenho por que negar, nós não nos entendemos. Mas se você está me perguntando — e desconfio que é isso que você quer perguntar com todas essas voltas — se eu tive alguma coisa a ver com o assassinato dessa mulher...

A advogada começou a protestar, dizendo que isso não era relevante para a entrevista, mas Kremenko a mandou se calar novamente com um gesto.

— Se for *isso* que você está me perguntando, então lhe digo, novamente com a mão no coração, pela honra judaica, não fui eu. E se você for sugerir em contrário é melhor arrumar alguma prova muito boa para se garantir, ou esta senhora charmosa aqui do meu lado vai cair em cima de vocês com cem toneladas da merda mais grossa que já saiu de um cu humano.

Ele encarou os dois detetives, os punhos fechados, o disfarce de bufão se abrindo como uma cortina para revelar a natureza verdadeira do homem por trás: duro, brutal, intimidador. E então, tão subitamente como a tempestade viera, ela se dissipou e Kremenko voltou a ser todo sorrisos.

— Certo, agora que já esclarecemos as coisas, vamos voltar aos negócios. — Ele sorriu e pegou a jarra d'água. — Alguém aceita uma bebida?

A entrevista prosseguiu por mais quarenta minutos, mas Ben-Roi apenas seguia o protocolo. Não esperava que Kremenko lhe dissesse alguma coisa, e o homem correspondeu às expectativas. Fechado como uma concha, rebatia as perguntas do detetive com o jeito despreocupado de alguém que passara toda a vida no jogo de gato e rato com a lei e se sentia mais do que confiante em suas habilidades para dar a volta em seu perseguidor. Obviamente, mentira sobre suas atividades de cafetão e traficante, e mentira da mesma forma sobre Rivka Kleinberg. A questão era menos o que ela conseguira dele e mais o que ela esperava obter. E, de novo e de novo, Ben-Roi voltava ao mesmo ponto — a garota era a chave para aquilo tudo. Kleinberg solicitara a visita a Kremenko no dia seguinte de quando soube do desaparecimento de Vosgi, e, quaisquer que

fossem as informações que ela estivera tentando arrancar dele, Ben-Roi tinha certeza de que tinha relação com a armênia desaparecida. Vosgi era uma das garotas de Kremenko? O pessoal de Kremenko a tinha sequestrado, talvez para impedi-la de testemunhar contra a operação? Teria Kleinberg se aproximado muito da verdade e por isso foi calada também? Era um cenário possível — o mais provável que conseguira pensar — apesar de deixar várias pontas soltas e perguntas em aberto. Por várias vezes, ele levou a entrevista nessa direção, pressionando Kremenko, mostrando a foto da garota para ele, tentando abrir uma fenda na armadura. Sem sucesso algum. Talvez numa outra data ele viesse a ser mais duro, levar Kremenko para Kishle, botar pressão de verdade nele, mas mesmo isso ele duvidava que fosse ter algum efeito. Como o homem dissera, ele estava pescando — várias suposições e nenhuma porcaria de prova concreta. E Kremenko sabia disso. Com a entrevista chegando perto da conclusão, ele tinha o ar de um homem que desfrutara de uma tarde muito agradável.

Exatamente na marca dos sessenta minutos — nem um segundo a mais — a advogada encerrou a conversa. Desligando o gravador, ela se levantou, foi até o botão na parede e chamou o guarda. Kremenko se esticou para trás e estendeu o braço por cima do encosto da cadeira vazia da advogada.

— Foi realmente um prazer, cavalheiros — disse sorrindo. — Ou melhor, damas e *cavalheiro*.

Outro olhar provocador para Zisky.

— Se houver algo mais com que eu possa ajudá-los, por favor, não hesitem em entrar em contato. Esta será minha residência por mais algumas semanas. Depois espero voltar para casa.

Ele lançou um olhar para a advogada, que tinha a expressão de quem passara a última hora sentada num cacto. Ela deu um passo de volta para a cadeira, viu o braço de Kremenko e permaneceu em pé. Houve um silêncio desconfortável e depois o som de passos se aproximando. Ben-Roi e Zisky se levantaram, a fechadura estalou e a porta se abriu. Um outro guarda, dessa vez.

— Vão com cuidado — disse Kremenko, levantando a mão gorda e cheia de anéis, acenando apenas com os dedos. — Não

sumam.

Ben-Roi tentou se sair com uma última tirada cáustica, algo que ao menos servisse para que partisse com a dignidade intacta, mas não conseguiu pensar em nada e, com um aceno de cabeça para Zisky, os dois detetives se dirigiram para a porta. Quando chegaram, o guarda se afastou para o lado para lhes dar passagem, mas Zisky subitamente se virou de novo para a sala.

— Genady, o que exatamente você estava fazendo para a Barren Corporation? — Era um tiro no escuro, como o outro de Ben-Roi, sobre a vinda de Vosgi da Armênia. Diferente da tentativa de Ben-Roi, essa parece ter pego Kremenko desavisado. Apenas por um instante muito breve, um ou dois segundos, mas algo na maneira como o cafetão abriu os olhos, a leve contração dos lábios, mostrou que a pergunta romperia sua guarda e atingira um nervo. Ele se recuperou quase que imediatamente.

— Ah, eu gosto dela — disse com um sorriso. — Uma mocinha nervosa. E muito bonita. Se eu *fosse* um cafetão, o que todos sabemos que não sou —, reconheço que ela faria alguns bons negócios para mim.

Sorrindo para Zisky, ele levantou o braço, lambeu a ponta de um dedo e o esfregou para cima e para baixo da vagina tatuada. Tudo bravatas. Ficara abalado. Sem dúvida alguma. Seriadamente abalado.

Ao saírem da cela e seguirem rumo à saída da prisão, Ben-Roi passou um braço pelos ombros de Zisky.

— Bom garoto — disse.

EGITO

Khalifa chegou de volta a Luxor já no meio da tarde. Naquela hora, a maior parte da população se fechava dentro de casa levada pelo calor, e as ruas ficavam anormalmente tranquilas e silenciosas. Um grupo de velhos jogava *sigá* ao lado do chafariz seco na rotatória diante da delegacia, *shaals* enrolados na cabeça para se protegerem do sol. Uma caleche subia e descia desconsoladamente a Sharia al-Mahatta na chance improvável de conseguir algum cliente. Fora isso, o lugar estava morto. Ele comprou uma caixinha de Easy Mouzoo de manga e, sentando-se nos degraus da delegacia, fez algumas ligações. Primeiro para casa, para ver como estava Zenab — a noite tinha sido pior do que o usual e ela agora estava dormindo, vigiada por Batah. Depois, para Mohammed Sariya, na sede da polícia. O chefe Hassani, aparentemente, estava em pé de guerra, gritando com quem passasse pela sua frente por causa de um ataque anônimo de pôsteres espalhados pela cidade acusando a força policial de incompetência e corrupção. A ausência de Khalifa nem fora percebida, que dirá questionada. Sadeq, ao que parecia, ainda não tomara a iniciativa de colocar em prática a ameaça de contatar Hassani. Não ainda.

— Faça-me um favor, Mohammed — disse ele, enquanto ainda o tinha na linha. — Se você tiver um momento, poderia verificar a situação de uma família da antiga Qurna? O nome é El-Badri. Se algum deles ainda estiver vivo, terão sido removidos para El-Tarif, quando a área foi posta abaixo.

— Alguma coisa específica que você queira saber? — perguntou Sariya.

— É uma história antiga, mas havia irmãos e uma irmã. Um dos irmãos se chamava Mohammed, a irmã era Iman. Todos morreram faz tempo, mas quero saber se existe algum parente vivo. Nada urgente. Só se você tiver algum tempo.

Sariya disse que ia cuidar do caso e Khalifa desligou. Ficou ali por um minuto, bebendo o suco, observando um ônibus de turismo da Travco dar a volta pesadamente ao redor da rotatória, os passageiros com rostos pálidos e entediados. Então, dando o último gole da caixinha e jogando na lixeira, levantou-se e partiu para a margem esquerda, rumo ao Vale dos Reis. Se algum anônimo tivera a decência de espalhar cartazes e proporcionar uma distração, ele podia muito bem tirar proveito disso.

“Vale dos Reis” era um nome equivocado. A antiga necrópole não era nem um lugar exclusivo de preservação dos reis — era também o lugar do descanso final de rainhas, princesas, nobres e animais de estimação reais —, nem tampouco um único vale. Pelo contrário, constituía-se de uma bifurcação de dois *wadis*: o Vale Oriental, mais conhecido, onde estavam todas as tumbas reais, inclusive a de Tutankamon, e o Vale Ocidental, mais vasto, ou Vale dos Macacos, um corredor de sepulturas bem mais desolado e menos frequentado que começa numa bifurcação próxima à entrada do vizinho mais célebre, serpenteando profundamente por entre as montanhas.

Após cruzar o rio, Khalifa pegou uma carona no transporte do parque, no encontro dos dois vales. Permaneceu um momento olhando para o enorme cartaz publicitário erigido ao lado da estrada anunciando o novo museu no Vale Oriental. “Barren Corporation”, anunciava o cartaz em letras menores. “Honrando o passado do Egito, promovendo o futuro do Egito.” Depois, jogando o cigarro longe, partiu pelo lado oeste da necrópole.

Em contraste com o aglomerado contínuo de turistas no vale oposto, esse era deserto e sem vida, uma avenida desolada de calcário branco ofuscante, confinado entre as colinas elevadas e carregado com o silêncio denso e sufocante do deserto. No alto de um rochedo próximo à boca do vale, ficava a residência arruinada do zelador e, pouco mais adiante, havia uma construção com um domo, um pouco mais expressiva, que um dia fora a residência do egiptólogo John Romer. Além disso, e de um par de placas de metal enferrujadas apontando para as tumbas de Amenófis III e de Akhenaton, não havia mais nada. Apenas rochas e poeira, e uma

brisa ocasional roçando a superfície das montanhas. Se um egípcio da antiguidade estivesse caminhando ao lado de Khalifa, não perceberia grandes diferenças de como era aparência do vale então e o que estariam vendo agora.

Precisou de quase quarenta minutos para caminhar por toda a extensão do *wadi*, o calor fazendo com que fosse mais devagar. Finalmente, quando começava a achar que talvez tivesse sido melhor esperar uma hora mais fresca do dia, a trilha fez uma curva para a direita e desapareceu num profundo anfiteatro natural cercado por paredes rochosas. Ao lado de um abrigo de madeira ficava a entrada da tumba do vizir da 18ª Dinastia que foi feito o faraó Ay. Uma empoeirada motocicleta Jawa estava estacionada ali perto, o que era um alívio — ele teria odiado fazer todo esse caminho e perder a viagem.

Descendo os degraus da tumba até a porta aberta, colocou a cabeça lá para dentro e chamou pela descida íngreme da passagem.

— Professora Dufresne!

Nenhuma resposta.

— Professora Dufresne! A senhora está aí?

Silêncio, ainda. Então, lá do fundo, incorpórea como uma voz do submundo:

— Yusuf Khalifa, eu já lhe disse mil vezes, é Mary!

Khalifa sorriu.

— Sim, professora.

O eco distante de passos subindo chegou até ele, e uma cabeça apareceu lá embaixo, todo o corpo abaixo do pescoço escondido pela descida íngreme do corredor.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Eu queria lhe fazer uma pergunta.

— Com certeza deve ser importante.

— Posso descer até aí?

— Não, eu já estava subindo para pegar um pouco de ar, de qualquer modo. Está com sede?

— Muita.

— Sorte a sua. Tenho uma garrafa de *seer limoon* gelada.

A velha e boa Mary Dufresne.

— Me dê só um momento — gritou, e desapareceu de volta para o fundo da passagem. Khalifa voltou para a sombra do abrigo de descanso. Alguns momentos se passaram até ele perceber um movimento à sua esquerda e uma figura emergir da entrada da tumba — alta, grisalha, vestindo *jeans*, camisa cáqui e um *shaal* de linho branco em torno do pescoço. Ela acenou alegremente e subiu o restante da ladeira na direção dele, movendo-se com surpreendente velocidade, uma vez que devia beirar os noventa anos. Khalifa se levantou e se apertaram as mãos.

— Como vai você, moço adorável?

— Vou bem, *hamdulillah*. — E você?

— Até que muito bem para uma rata velha. Zenab?

— Ela está... OK.

A mulher fechou os olhos. Sentindo que ele não queria seguir por essa linha, esfregou seu braço amigavelmente e levantou a garrafa térmica que estava segurando.

— Aceita?

— Achei que não ia perguntar nunca mais.

Eles se sentaram, ela desatarraxou a tampa da garrafa, serviu um copo e entregou para ele. Serviu outro copo para si mesma e eles brindaram.

— Que bom te ver, Yusuf.

— A senhora também, *ya doctoral*.

Ela o fuzilou com o olhar.

— Mary — corrigiu-se, atropelando sua tendência natural à formalidade ao tratar com os mais velhos e superiores. Ela aprovou com a cabeça e deu um gole na limonada.

Mary Dufresne — *ya doctora amrekanaya*, como era conhecida por todos em Luxor — era um achado. O último elo sobrevivente da era de ouro da arqueologia egípcia. Seu pai, Alan Dufresne, fora um conservador no Met e viera no final dos anos 1920 para trabalhar com o grande Herbert Winlock. Trouxera a esposa e a filha e, a não ser por uma breve passagem por Harvard, estudando para seu doutorado, Mary continuara lá desde então. Winlock, Howard Carter, Flinders Petrie, John Pendlebury, Muhammad Goneim — ela conhecera todos eles. Um bando enaltecido, do qual ela mesma era

membro por mérito. Mary Dufresne era, por aclamação popular, a melhor desenhista de arqueologia que já trabalhara no Egito. Dizia-se que até mesmo o notoriamente arrogante Zahi Hawass se assombrava com o trabalho dela.

— Então, como vai o trabalho? — perguntou Khalifa, bebendo a limonada de um gole e aceitando outro copo.

— Lento — respondeu ela. — Que é como deve ser. O mundo está rápido demais para o meu gosto.

Na última década, Mary vinha produzindo desenhos em escala de todas as pinturas e inscrições do Vale Ocidental. A tumba de Ay ocupara três desses dez anos.

— Parece que você estava precisando disso — disse ela ao vê-lo bebendo tudo novamente de um só gole.

— Foi uma caminhada mais longa do que eu lembrava.

— É assim no verão. Quando o clima começa a refrescar, fica bem mais curta. Em dezembro, você chega aqui num pulo.

Ela sorriu e encheu o copo dele pela terceira vez.

— E então? Qual é a pergunta misteriosa que você queria me fazer?

Khalifa deu outro gole, saboreando; Mary fazia a própria limonada e sabia encontrar a medida certa entre o amargo do limão e a doçura do açúcar de cana. Limpando a boca, colocou o copo de lado.

— É sobre um homem chamado Samuel Pinsker — disse ele. — Um inglês. Trabalhava aqui. Queria saber se, por acaso, a senhora se lembra dele.

— Samuel Pinsker. Ela pronunciou o nome como se experimentasse o efeito do som. — Meu Deus, isso é uma volta ao passado.

— A senhora lembra dele?

— Vagamente. Desapareceu quando eu ainda era criança. Encontraram o corpo dele lá pela década de setenta. Caiu no fosso de uma tumba na *gebel* alta.

Khalifa já decidira guardar para si o fato de que Pinsker fora assassinado. Como o chefe Sadeq dissera, é melhor manter certas

narrativas mais simples. Em vez disso, perguntou se ela conseguia lembrar alguma coisa sobre o homem.

— Ele me deixava apavorada, disso eu lembro com certeza — falou ela, abanando as moscas que voejavam em torno da beira do copo. — Ele costumava usar aquela máscara: uns buraquinhos para os olhos e uma fenda para a boca. Deixava ele parecido com algum tipo de... Sei lá, um monstro, um *ghoul*, algo assim.

Ela espanou as moscas novamente, terminou a limonada e atarraxou a tampa de volta na garrafa.

— Samuel Pinsker — repetiu. — O que, na face da Terra, fez você vir me perguntar sobre ele?

— O nome apareceu num caso em que um amigo está trabalhando. Eu disse que ia tentar descobrir alguma coisa.

Ele acendeu um cigarro.

— Meu amigo é israelense — adicionou.

Dufresne levantou as sobrancelhas, surpresa.

— Como, diabos, Samuel Pinsker está relacionado a uma investigação policial em Israel?

— Eu esperava que a senhora me dissesse.

Ela balançou a cabeça.

— Lamento, Yusuf, não acho que possa ajudar muito com isso. Gosto de pensar que não estou ficando senil, mas oitenta anos é um bocado de tempo. Eu tinha só uns seis ou sete anos quando ele desapareceu. As coisas tendem a ficar borradas e desaparecer.

Ela tirou um cabelo do olho e sentou para trás, cruzando as pernas e ajeitando o *shaal* em torno do pescoço.

— Lembro bem dele acelerando com a motocicleta — disse ela após uma pausa — e também eu quase me borrando de medo dele num templo, certa vez. Perdão pelo vocabulário. Não faço nem ideia de que templo era ou o que eu estava fazendo lá. Lembro apenas dele vindo para cima de mim saindo de trás de uma coluna. Tive pesadelos por semanas.

— Ele te machucou? — perguntou Khalifa, pensando na garota que Pinsker estuprara.

— Como assim? Me molestou?

Khalifa deu de ombros.

— Certamente não que eu me lembre. Lembro apenas de ele aparecer de repente, eu começar a gritar e sair correndo e ele vir atrás de mim, com aquela máscara horrível.

Ela abaixou a cabeça, pensando, depois voltou a olhar, com uma expressão de desculpas.

— Isso é tudo, receio. Para ser honesta, não consigo nem ter certeza se foi realmente assim que aconteceu. Você sabe como as lembranças se misturam, ficam todas confusas. Cuidado aí.

Ela apontou para o banco de concreto onde uma enorme vespa pousara, bem ao lado da mão de Khalifa. Ela circulou por ali e depois voou para a beira do copo dele. Ele a afastou com a ponta do cigarro, bebeu o resto da limonada e, levantando-se, levou o copo para fora do abrigo e o colocou em cima de uma pedra. A vespa foi atrás.

— Max conheceu ele — disse ela, quando Khalifa voltou a se sentar.

— Max?

— Legrange. Arqueólogo francês. Gênio da cerâmica. Trabalhou com Bruyere e Černý em Deir el-Medina.

— Nunca ouvi falar.

— Antes do seu tempo, meu jovem. Já morreu, é claro. Todos já morreram. Só sobrou eu daquela safra.

Ela suspirou brevemente, o olhar se perdendo pelo vale, a mente parecendo atravessar para uma outra época. Durou apenas alguns segundos. Em seguida, ela já retornara para a conversa.

— Logo depois de acharem o corpo, lembro de tomar chá com Max e de ele falar de Pinsker, sobre como ele era. Não tinha muito a dizer sobre o sujeito. Um beberrão, aparentemente, sempre discutindo com as pessoas. Entrou numa briga com alguns *Qurnawis* certa vez, deixou um deles no chão.

Novamente, Khalifa pensou na garota estuprada. Ela também era de Qurna. Sentia que a imagem de Pinsker começava a entrar em foco. A deformação facial obviamente o deixava à parte, mas quanto ao caráter parecia um estereótipo: o inglês violento e entediado que alegava ter direitos sobre o legado egípcio e para quem os próprios egípcios eram uma raça subalterna, a ser

ensinada, além de abusada e violada. O típico colonizador da velha escola.

— Carter gostava dele, aparentemente — dizia Dufresne. — O que acho que faz sentido, pois o próprio Howard era também um tanto temperamental. Sabia que ele foi demitido do serviço de antiguidades por espancar um turista francês em Saqqara?

Khalifa não conhecia a história.

— Algo mais? — perguntou ele, tentando trazer à tona alguma conexão com o caso de Ben-Roi.

— Bem, não lembro de cada palavra da conversa — disse Dufresne. — Quarenta anos ainda é muito tempo atrás.

Ela baixou a cabeça, ponderando.

— Acho que lembro de ele mencionar que Pinsker era um engenheiro extremamente habilidoso, que cuidou do escoramento de diversos monumentos aqui e lá na margem oriental. Ah, sim, e que tinha o hábito de desaparecer no deserto por semanas sem fim.

Khalifa estava inclinado para apagar o cigarro no chão de concreto do abrigo. Ergueu os olhos ao ouvir isso. A senhoria de Pinsker em Kom Lolah tinha dito praticamente a mesma coisa no depoimento que dera à polícia depois do desaparecimento do inglês, ainda que não houvesse menção a um deserto.

— O seu amigo disse que deserto era? — perguntou, levantando-se novamente, interessado.

— Oriental, eu acho. Sim, com certeza no Deserto do Leste.

— Você sabe o que Pinsker fazia lá?

Ela balançou a cabeça, incapaz de responder. A cabeça de Khalifa dava voltas, os dentes das engrenagens se encaixando. Na noite de seu assassinato, Samuel Pinsker volta de outra de suas viagens misteriosas no meio do nada, fica bêbado, estupra uma garota, depois aparece na casa de Howard Carter e anuncia que encontrou algo que tinha “quilômetros de extensão”. O cenário parecia estar levando-o a algum lugar, ele sentia isso, mas se esse lugar tinha alguma relação com o caso de Ben-Roi era uma questão muito diferente. Certamente era intrigante.

— Você alguma vez ouviu falar de Samuel Pinsker tendo descoberto alguma coisa? — perguntou ele.

— Como assim, descoberto alguma coisa?

— Não sei, uma tumba, talvez, um... — Ele tentou pensar em algo que pudesse corresponder à descrição de “quilômetros de extensão”. Uma descoberta da qual Pinsker quisesse se vangloriar. Nada que fosse óbvio lhe veio à mente. Mesmo uma tumba realmente não fechava a conta. — Algo grande — disse, desanimado.

Dufresne o olhou de maneira inquiridora, sem entender aonde ele queria chegar. Para ajudar a explicar, ele tirou o arquivo de 1931 da bolsa plástica, pegou a carta de Carter e entregou a ela. Ela leu até o fim, os olhos se abrindo com a surpresa.

— Que coisa extraordinária — disse ela ao chegar ao fim. — Quase posso ouvir a voz de Howard. “Tommyrot”, ele sempre usava esse termo.

— Significa alguma coisa para você? Aquela parte que diz... — Khalifa se aproximou e apontou para o trecho relevante.

— Absolutamente nada, receio. Estou tão no escuro quanto você. Certamente é um mistério.

Ela começou a devolver a carta, mas, antes que Khalifa pudesse pegá-la, subitamente retirou a mão e leu tudo de novo. Algo em seu comportamento quando fez isso, a maneira como seus olhos se moviam para o lado, como se buscassem uma lembrança distante, indicava que alguma conexão começava a se formar.

— Não — murmurou ela. — Não poderia ser.

— O quê?

— Foi há muitos anos. Um contexto completamente diferente. Só que *era* Howard. E a linguagem certamente é similar.

Ela parecia falar mais consigo mesma do que com Khalifa. Por um pequeno instante, ele se questionou se a idade finalmente começava a afetá-la, se suas faculdades mentais começavam a se embaralhar. Então, ela olhou para ele e estava claro que sua mente continuava tão lúcida quanto sempre fora.

— O quê? — perguntou ele novamente.

— Bem, eu realmente não quero deixar as coisas mais confusas. E quase certamente não tem nenhuma relação, mas... Ela olhou para a carta novamente, depois se recostou num dos postes que

sustentavam o teto do abrigo. — Foi só uma coisa que ouvi. Cerca de oito anos depois do desaparecimento de Pinsker. Ficou na minha cabeça e, lendo isso agora, aquela linha, “Eu encontrei, Carter”, meio que trouxe de volta. Como eu disse, provavelmente é algo que não tem nenhuma relação, mas... — Ela se calou, balançando a cabeça.

— Você quer me contar?

— Claro. Na verdade, é uma das muitas coisa daquele período de que me lembro muito bem. Provavelmente porque foi a última vez que vi Howard vivo.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, reunindo os pensamentos.

— Foi uns três ou quatro meses antes de ele morrer. O que significa ter sido... Digamos, no final de 1938, início de 1939. Ele tinha voltado a morar em Londres na época, mas costumava vir passar o inverno em Luxor e costumava vir jantar com a gente. Sempre me mandavam subir, mas, como a maioria das crianças, eu me esgueirava até a escada para tentar ouvir o que os adultos estavam conversando. Não consigo lembrar exatamente quem estava lá, meu pai e Howard, com certeza, talvez Herbie Winlock e Walt Hauser.

Ela fez uma pausa, pensando, depois abanou com a mão.

— Não importa. A questão é que houve uma grande discussão, e Howard começou a gritar. Ele era sempre irascível e ficou pior perto do fim, por causa da doença de Hodgkin. Não tenho ideia de o que causou a discussão, mas lembro de Howard gritar muito alto: “Ele *não* achou! A história toda é uma tolice. Um mito. Você pode escavar o maldito Deserto do Leste inteiro e não vai achar, pela simples razão de que o labirinto nunca existiu.”

Khalifa franziu os olhos. — *Lab-rin?*

A palavra não era familiar para ele.

— *Mahata*, traduziu ela.

— O que significa?

— Honestamente, não sei dizer. O único labirinto de que já ouvi falar é o do complexo da pirâmide de Amenemhat, mas isso fica

depois de Hawwara, no Faium. E, de qualquer modo, Petrie descobriu isso no final da década de 1880.

Ela examinou a carta novamente e a devolveu.

— É isso? — perguntou Khalifa, recolocando a folha dentro da pasta. — Não consegue lembrar de mais nada?

— Receio que não.

— Nenhuma ideia do que eles estavam falando? Quem “ele” era?

— Lamento, Yusuf. É só esse pequeno fragmento. Talvez fosse sobre Petrie e Hawwara, e Howard apenas tivesse trocado as bolas, leste e oeste. Talvez *eu* tenha trocado — lá se vão oitenta anos, afinal. A memória engana. Apenas me chamou a atenção a semelhança do tom. E a menção ao Deserto do Leste...

Ela encolheu os ombros, desculpando-se. Khalifa se curvou e enfiou a pasta de volta na sacola plástica. Houve um momento em que achou que ela diria algo iluminador. Em vez disso, apenas lançara mais sombras sobre o assunto. Samuel Pinsker afirmava ter encontrado algo com “quilômetros de extensão”, possivelmente em algum lugar do deserto. Uma outra pessoa, que podia ou não ser Pinsker, afirmava ter encontrado um labirinto, possivelmente lá no Deserto do Leste. As duas afirmações eram vagas, nenhuma delas parecia ter qualquer relevância óbvia para o caso de Ben-Roi. Era, para cunhar uma das frases favoritas do chefe Hassani, como jogar *tawla* usando óculos feitos de bosta de búfalo.

A perplexidade deve ter transparecido na expressão dele, pois Dufresne segurou seu braço e o apertou levemente.

— Mas existe *uma* pessoa com quem você pode falar — disse ela.

Ele levantou os olhos.

— Um inglês. Digby Girling. Um homem engraçado, gorducho, parece um balão. Há uns poucos anos — na verdade, mais do que poucos — ele escreveu um livro sobre os principais participantes da escavação de Tutankamon. Estou certa de que Pinsker foi mencionado. Digby pode saber alguma coisa mais.

— Você sabe como eu entro em contato com ele?

— Bem, ele mora na Inglaterra, em Londres, Birkbeck, eu acho, mas nessa época do ano provavelmente vai encontrá-lo dando palestras nos cruzeiros no Nilo.

Khalifa fez uma anotação mental e conferiu o relógio. Era mais tarde do que imaginara.

— Preciso voltar. Não gosto de... Você sabe... Zenab.

Ela apertou o braço dele novamente.

— Eu entendo, Yusuf. Lamento não ter podido ajudar mais.

— Você ajudou muitíssimo.

— Pelo menos consegui reidratá-lo — ela sorriu, batendo de leve na garrafa de limonada. — Posso te dar uma carona até Dra Abu el-Naga?

Ela indicou a motocicleta com a cabeça. Khalifa declinou da oferta, sem querer ser inconveniente, mas ela insistiu, dizendo que precisava sair por lá mesmo para pegar algumas coisas. Uma mentira deslavada, mas a perspectiva de caminhar todo o vale de volta, sob o calor implacável da tarde, persuadiu Khalifa a engolir o orgulho e aceitar a carona.

— Obrigado — disse ele.

— Eu que agradeço. Não é comum nos dias de hoje eu andar por aí com um rapaz bonito na minha garupa.

Ela levou a garrafa de limonada de volta para a tumba, trancou o portão de entrada, e os dois pipocaram pelo *wadi*, da estrada asfaltada que serpenteava pelas montanhas abaixo do Vale dos Reis até a planície esverdeada pelas plantações mais além. Em vez de deixá-lo em Dra Abu el-Naga, ela prosseguiu por todo o caminho até o rio, um desvio para o qual ele manifestou apenas uma leve resistência. Era bom sentir o vento no rosto.

Despediram-se no porto de Gezira, ele pagou as cinquenta piastras, subiu a bordo da barca local e fez toda a travessia barulhenta para a margem esquerda pensando em Samuel Pinsker, no crime que ele cometera, na morte solitária que enfrentou, além do misterioso objeto ou lugar que afirmava ter descoberto. Somente quando desembarcou em meio à multidão compacta, após a barca aportar e ele começar a subir os degraus para a avenida junto ao

Nilo, foi que Khalifa parou subitamente, rígido sobre os próprios passos.

Pela primeira vez, em nove meses, estivera sobre a água e não pensara em seu filho, Ali. Voltou-se para o rio, chocado, inseguro se deveria estar se sentindo aliviado pela momentânea distração do sofrimento ou horrorizado pela ideia de que o filho começava a se distanciar dele.

T_{EL}-A_{VIV}

Após deixar Zisky no centro de Tel-Aviv, Ben-Roi ligou para seu amigo jornalista, Natan Tirat, para ver se ele aceitava tomar um drinque. A segunda intenção era espremer os miolos dele sobre a Barren Corporation. Tirat estava fechando uma matéria — alguma história fascinante sobre um buraco negro no fundo de pensão da IDF —, mas disse que terminaria em uma hora, caso Ben-Roi pudesse esperar um pouco. Ele não tinha nenhum motivo urgente para estar em Jerusalém e respondeu que tudo bem, que se encontrariam para uma cerveja num bar que ambos conheciam, em Dizengoff.

Fez uma segunda ligação para Sarah e deixou recado na caixa postal. Com tempo livre, estacionou numa lateral de Ha-Yarkon e foi caminhar pela orla.

A beira-mar estava movimentada, como sempre era aos sábados — pessoas caminhando e correndo, ciclistas, patinadores; cafés lotados; uma fileira de casais jogando *matkot* atrás do Sheraton Moriah, o barulho das bolas batendo nas raquetes podia ser ouvido a centenas de metros, em qualquer direção. Havia música e uma multidão de pessoas praticando movimentos de salsa, na areia da praia, pessoas tomando banho de sol em trajes tão sumários que poderiam perfeitamente estar nuas. Não aparentava apenas ser uma cidade diferente de Jerusalém, mas um mundo diferente — muito mais relaxado e tranquilo, tão menos intenso e voltado para si. Em Jerusalém, havia sempre um peso sobre os ombros — da religião, da história, da política irreconciliável em relação à situação palestina. Lá no litoral, o fardo era mais leve, quase parecia que Israel era um país normal. Não foi a primeira vez em que se perguntou por que se mudara de lá.

Comprou um sorvete — duas bolas, morango e pistache — e caminhou para o sul pelo calçadão, o mar à direita, as fachadas dos prédios dos hotéis formando uma muralha contínua de concreto à

esquerda. Pensou em fazer o caminho até o parque Clore, dar uma boa esticada nas pernas, mas no final foi apenas até o maciço em forma de zigurate da Opera Tower antes de perder o fôlego. Ficou ali algum tempo, ouvindo um quarteto de cordas fazendo um concerto improvisado debaixo de uma palmeira. Depois, mastigando o final da casquinha, começou a voltar pelo caminho. Seus pensamentos seguiam aleatoriamente com ele, distante das diversas distrações de Tel-Aviv, Sarah e o bebê, os rumos que sua vida estava tomando, de volta para o caso Kleinberg. Graças à incerteza de Zisky na prisão, ficou claro que havia algum tipo de interface entre Genady Kremenko e a Barren Corporation, embora que diabo de interface seria essa ninguém fazia ideia. E o envolvimento de Kremenko com o tráfico sexual obviamente tinha ligação com Vosgi, que, por sua vez, era a conexão com o lado armênio das coisas. Até lá, tudo bem. Mas e quanto à Agenda Nêmesis e à viagem inexplicada de Kleinberg para Mitzpe Ramon? Teria a Nêmesis descoberto algo relevante para o artigo que Kleinberg pesquisava na época de seu assassinato? Teria Kleinberg *levado* alguma informação para eles? Como um palpite, isso poderia se encaixar, ainda que de uma maneira não totalmente satisfatória. Assim: Barren, Kremenko, tráfico, Vosgi, a Catedral Armênia, Nêmesis — tudo potencialmente interconectado, com alguns elos mais fracos, no máximo.

O elemento problemático eram todos os artigos que Kleinberg estivera olhando sobre mineração de ouro e Samuel Pinsker. A mineração de ouro obviamente se relacionava à Barren e, de forma muito tênue, a Samuel Pinsker, que aparentemente fora um engenheiro de mineração. E Pinsker estava relacionado ao Egito, que era um núcleo de tráfico. Apesar disso, as duas histórias pareciam totalmente fora de lugar, digressões inexplicáveis do foco principal do trabalho de Kleinberg.

Pinsker, em especial, lhe provocava dor de cabeça. A experiência lhe ensinara que cada caso tinha ao menos um elemento perdido, uma peça do quebra-cabeça que simplesmente se recusava a se encaixar no restante do quadro. Pinsker era essa peça. O inglês parecia fazer parte de um quadro totalmente diferente. Ele esperava que Khalifa pudesse aparecer com alguma coisa, mas cinco dias

havam se passado e ele não ouvira nada do egípcio. O que o deixava numa situação delicada. Precisava desesperadamente compreender o papel de Pinsker, mas, ao mesmo tempo, não queria pressionar Khalifa para que lhe atualizasse, não com tudo o que o homem já estava tendo que enfrentar naquele momento. Já tinha ligado para ele uma vez, deixado uma mensagem, não recebeu resposta e não gostava da ideia de incomodá-lo. No entanto, não podia esperar indefinidamente. Tinha um assassinato para resolver, e Samuel Pinsker, de alguma maneira, estava ligado ao crime. Teria que fechar os olhos e ligar novamente? Teria que começar a fazer suas próprias pesquisas, colocar Zisky para cavar um pouco mais? Ainda estava tentando decidir quando o telefone tocou.

Ora, ora. Khalifa. Judeu e muçulmano tão afinados!

— Eu estava pensando justamente em você — disse, afastando com um gesto um vendedor que queria empurrar-lhe um chapéu de sol.

— Nada de coisas ruins, espero — disse Khalifa.

— Nada além de um céu azul e muito amor, meu amigo.

Se o comentário divertiu Khalifa, ele não demonstrou. Desculpou-se por não ter ligado antes, explicou que queria falar com algumas pessoas antes de retornar para Ben-Roi, e passou para seu extenso relatório sobre o que desenterrara até então: o estupro, o assassinato por vingança, a carta de Howard Carter, a misteriosa descoberta que Pinsker afirmava ter feito pouco antes de sua morte, que poderia ou não ter algo a ver com um labirinto. Se Ben-Roi estivesse à espera de uma revelação dramática, ficara lamentavelmente desapontado. E não pela primeira vez neste caso.

— O que você conclui disso tudo? — perguntou no momento em que Khalifa encerrou.

— Eu realmente não sei — respondeu o egípcio. — A história do labirinto é intrigante, mas se era nisso que sua vítima de assassinato estava interessada...

Ele interrompeu, gritando nervosamente em árabe para alguém do seu lado da linha.

— Desculpe, umas crianças atravessando a rua — explicou. — Idiotas. Precisam olhar para os lados antes de atravessar.

Ben-Roi começou a sorrir, mas parou ao se dar conta da ressonância que essas coisas deviam ter para o amigo. Em vez disso, perguntou a Khalifa se ele achava que poderia haver alguma conexão entre os dois assassinatos: Luxor, 1931, Jerusalém, no presente. O egípcio soltou um *humpf* abafado, o equivalente verbal a jogar as mãos para o céu.

— Não consigo ver nada óbvio. A não ser o fato de as duas vítimas serem judias. Mesmo isso parece... Como você diz?... Frágil, considerando os oitenta anos entre os dois assassinatos. Mas, enfim, não conheço todos os detalhes de seu caso, posso estar perdendo alguma coisa.

Era um argumento justo. Ben-Roi lhe fornecera apenas a visão geral mais básica da situação. Em parte devido ao fato de que o poder constituído consideraria muito nebuloso que ele fosse, por trás de suas costas, despejar um monte de informações confidenciais sobre um caso para terceiros, especialmente esse terceiro sendo um árabe. Mas principalmente porque não queria que Khalifa fosse muito a fundo para não parecer que ele se aproveitava da amizade.

Mas, sem abrir a história para Khalifa, era possível que algumas conexões se perdessem. Conexões vitais.

Ele hesitou, tentando encontrar o equilíbrio entre o imperativo de obter respostas e a relutância em pressionar o velho amigo. Foi Khalifa quem resolveu o dilema.

— Você pode me enviar mais informações? — perguntou ele.

— Você *quer* que eu envie mais informações?

— Por que não? Qualquer coisa que ajude a causa das relações árabe-israelenses. — Dessa vez, Ben-Roi achou graça.

— Vou te mandar alguma coisa amanhã — disse ele. — Agradeço se isso for mantido entre nós dois.

— É claro. Farei um apelo na televisão estatal, mas, fora isso, será nosso segredo.

Ben-Roi sorriu de novo. Apesar de tudo pelo que passara, o velho Khalifa ainda estava lá. Machucado, mas ainda lá.

— Eu talvez tenha uma provável pista — continuou o egípcio. — Um acadêmico inglês. Aparentemente, pesquisou um pouco sobre Pinsker, talvez possa preencher algumas lacunas. Ele está dando

palestras num cruzeiro pelo Nilo, no momento, mas verifiquei o itinerário, e seu barco chega a Luxor amanhã de tarde. Vou até lá conversar com ele, ver o que pode me dizer.

— Agradeço — disse Ben-Roi.

— Sem problemas.

— Agradeço realmente.

— Realmente, sem problema.

Parecia não haver mais nada a dizer, não sobre o caso, pelo menos, e eles ficaram em silêncio. Ben-Roi caminhava pelo calçadão, diante do mar; em Luxor, Khalifa estava olhando alguns retratos de famílias na vitrine de uma loja Fujifilm, na esquina da Al-Medina com El-Mahdy. Não sabiam explicar, mas ambos se sentiam curiosamente relutantes em desligar.

— Como está Zenab?

— Como está Sarah?

Falaram ao mesmo tempo. Desculpam-se ao mesmo tempo também.

— Você primeiro — disse Ben-Roi. — Como está Zenab?

— Está bem — respondeu Khalifa. Um breve silêncio, e depois:

— Bem, na verdade, não está não. Ela não está nada bem. Não dorme bem, tem pesadelos, acorda chorando. A morte de Ali a derrubou. Derrubou nós dois.

Ben-Roi tentou pensar em algo confortador para dizer, mas não encontrou nada que não soasse insuportavelmente clichê.

— Sinto muito — murmurou.

— É assim que é — disse Khalifa. — A gente vai levando.

Uma das fotos na vitrine da Fujifilm era de um menino, mais ou menos da idade de Ali, olhando com uma expressão séria para a câmera. Khalifa deu uma olhada e continuou descendo a Sharia al-Madina al-Minawra.

— E Sarah? — perguntou ele. — Ela está bem, espero.

— Tudo bem — disse Ben-Roi. Na verdade, ela esteve enjoada na noite passada, mas aquilo, guardadas as proporções, lhe parecia insignificante em comparação ao que Khalifa vinha passando e não considerou que valesse a pena mencionar.

— E o bebê?

— Também está bem. Obrigado por perguntar.

Voltaram a ficar em silêncio, apreciando a presença um do outro, sem a necessidade de verbalizar essa satisfação. Khalifa caminhava vacilante para casa, passando pelo restaurante inglês Puddleduck e pelo prédio da secretaria de segurança de Luxor; Ben-Roi parou diante do hotel Crowne Plaza e observou os dançarinos da tarde de sábado: pouco mais de vinte casais, velhos e jovens, bons e ruins, movendo-se ao som da música ensurdecidora que saía de um aparelho de som. Quando passara por ali antes, estavam executando algum tipo de salsa. Agora, a música mudara para uma valsa.

— O que é isso que estou ouvindo? — perguntou Khalifa.

Ben-Roi explicou.

— Gostei — disse o egípcio. — Pessoas dançando na rua. Não fazemos esse tipo de coisa no Egito, a não ser pelos dançarinos Zikr. E nas revoluções. Sempre dançamos durante as revoluções.

— Detesto dançar — disse Ben-Roi. — Um elefante tem mais ritmo.

Khalifa soltou uma risadinha. Não foi grande coisa, mas era uma risada, mesmo assim.

— Zenab costumava dançar o tempo todo — disse ele, após novo silêncio. — No nosso antigo apartamento. Eu chegava da delegacia e ela tinha colocado uma fita de Amr Diab no volume máximo e ficava pulando para todo lado. Ela adorava dançar. Agora, não mais, infelizmente.

Ben-Roi tentou novamente encontrar algum outro comentário apropriado, algo que mostrasse que ele compreendia a situação de Khalifa sem parecer banal ou piegas. Sarah saberia exatamente o que dizer. Ela tinha uma sensibilidade instintiva para coisas do tipo, parecia sempre encontrar as palavras certas. Era um dom que, apesar de suas melhores intenções, Ben-Roi não possuía. Ele hesitou um momento e, sentindo que precisava dizer alguma coisa, saiu-se com “Um dia, ela vai dançar novamente”. Enquanto falava, já sabia que aquilo soava estupidamente grosseiro, como o título de uma música cafona. Deveria apenas ter se mantido de boca fechada.

— *Inshallah* — foi a única resposta de Khalifa.

Continuaram na linha por mais algum tempo, sem falar nada em especial, Ben-Roi lamentando intimamente o comentário sobre a dança, tentando pensar em algo mais apropriado, alguma maneira de mostrar a Khalifa como ele realmente se sentia. Só depois de desligar e andar mais um pouco pela marina da cidade, olhando distraidamente para os veleiros e lanchas, sentindo-se o mais inútil dos amigos, foi que o nome subitamente lhe ocorreu. Esperou um pouco para a ideia assentar e depois ligou para Sarah para perguntar o que ela achava.

— Acho uma ideia maravilhosa — disse ela. — Mas, e se for uma menina?

Ele não sabia o que responder a isso. E tinha o palpite de que não precisaria responder. Lá no fundo, sabia que seria um menino. Simplesmente sabia.

NEGUEV

Ela lera todo o bate-papo e as especulações on-line, e as teorias convolutas sobre quem eram e como exatamente estavam ligados à Nêmesis. Tudo um monte de besteira. Não houve qualquer luta interna pelo poder na Nêmesis, nenhum grupo dissidente, certamente nenhum agente provocador infiltrado ou multinacionais dissidentes. A verdade pura e simples era que ela enviou um e-mail para o website da Nêmesis, instando um engajamento mais radical, e o pessoal por trás do site entrou em contato e lhe mandara seguir em frente. Um contato rápido e superficial e a ala militante da Agenda Nêmesis estava criada. Mesmo agora, ela continuava surpresa pela simplicidade com que a coisa acontecera.

É claro que havia mais coisas além disso. Não foi apenas porque ela, do nada, sentira vontade de enviar-lhes um e-mail; que um dia abrisse os olhos de manhã e pensara, *Quero foder com o sistema*. Houve muito trabalho pesado. Anos de dedicação. Primeiro, nos EUA, depois de escapar, pulando de um grupo de protesto para outro — anticapitalistas, antiglobalização, comunistas, anarquistas, ambientalistas radicais —, marchando, cantando, carregando faixas e entrando em conflitos, enterrando seu passado, reconstruindo sua identidade.

Depois, mais tarde, em Israel, para onde fugira após o acidente e onde sua raiva atingira patamares antes impensáveis. Sua vergonha também, apesar de saber que ela não tinha nada do que se envergonhar. Não era nada que tivesse buscado para si. Nada daquilo fora sua culpa.

Fora em Israel que ela se juntara a Tamar — conheceram-se em um camburão da polícia após serem presas numa manifestação — e através de Tamar, Gide e Faz. A ideologia comum obviamente fora parte da equação. Mais do que as crenças, no entanto, foram suas personalidades que as atraíram, o fato de que tudo era motivado por uma razão oculta, algo mais íntimo do que simplesmente o desejo

de jogar uma chave inglesa no meio das engrenagens esmagadoras do capitalismo. Faz, o árabe israelense que passara a vida inteira sofrendo ataques discriminatórios e tendo sua cidadania questionada; Gidi, o recruta da IDF que fora vilanizado por denunciar atrocidades do exército em Gaza; Tamar, filha de pais *Haredi* ultraortodoxos que fora envergonhada e proscrita devido a sua sexualidade. Cada um projetava na tela mais ampla da injustiça global algo de sua própria paisagem interna. Cada um, como ela, tinha seus demônios secretos. Cada um, como ela, em busca de exorcismo.

E o mais importante, cada um, como ela, chegara à conclusão de que as linhas tradicionais de protesto — as marchas, manifestações, ocupações e abaixo-assinados — não passavam de uma perda de tempo ridícula. Era uma guerra e, no limite, guerras só podiam ser vencidas pela violência.

Então, começaram a trabalhar juntos. Pequenas operações, a princípio — invasão de um escritório aqui, um incêndio ali. Depois, missões mais complexas. Sabotagem de um oleoduto na Nigéria; explosão de uma fábrica de munição na França; sequestro e execução simulada de um especulador americano da indústria de alimentos, cujos negócios rendiam milhões para seu banco de investimentos em Wall Street, ao mesmo tempo que condenava um número igual de seres humanos à inanição na África e na Índia. Levar a briga até o inimigo.

Trabalhavam juntos, formavam um bom time, unidos: Faz no seu computador, coletando informações internas; e Tamar cuidando da logística; Gide providenciando as armas.

E ela? Ela era o cérebro, a mente por trás do grupo. Mesmo as coletividades precisavam de um líder, e ela era, com toda a certeza, a líder.

Era ela quem escolhia as missões, que planejava tudo até o menor dos detalhes, ela que percebera logo cedo que apenas as missões jamais seriam suficientes. Para cada alvo que atingiam, havia milhares de outros que também mereciam ser derrubados, mas que escapavam. Seu alcance era muito pequeno. Uma gota no oceano. Pois, ultimamente, não era apenas uma questão de

violência por si. Era também pelas ondas que a violência causava, a maior amplitude que o choque alcançava. E eles estavam aumentando o alcance das ondas de impacto.

Foi esse o motivo que ela usou para propor o contato com a Agenda Nêmesis. Ir de reboque nas atividades do site da Nêmesis para atrair a atenção global que jamais teriam sozinhos, por mais executivos que aterrorizassem, por mais instalações que explodissem. Inicialmente, os outros foram céticos, mas ela forçou a ideia, insistir que a Nêmesis já tinha um perfil e seguidores, que, com uma aliança, eles realmente poderiam começar a mudar as coisas. Fora preciso alguma persuasão, mas, finalmente, ela conseguiu.

Filmaram-se explodindo uma bomba no escritório de uma multinacional em Tel-Aviv. Como cartão de visitas, enviaram para a caixa postal segura do site e sugeriram unirem as forças. Por um mês, não ouviram nada. Até que, numa noite, ela e Faz estavam diante do computador dele, e o monitor subitamente se apagou. Antes que Faz pudesse descobrir o que estava errado, um pequeno ponto apareceu no meio da tela. E lentamente foi aumentando e se espalhando antes de formar as letras: OFERTA ACEITA. LUTAMOS JUNTOS.

Conexão estabelecida. Simples assim.

Quem era a Nêmesis na verdade, eles nunca descobriram. Uma dupla de *geeks* numa sala escura, em algum lugar? Uma intrincada matriz mundial de ativistas? Ninguém sabia dizer, ainda que, olhando em retrospecto, ela suspeitava que, quem quer que fosse, tinha ela no radar já há algum tempo. No instante em que ela se envolveu com o movimento, passou a se sentir observada. Ainda se sentia assim, às vezes, mesmo lá, no meio do deserto. Ela tentava não deixar que isso a incomodasse. Tinha entrado, era tudo o que importava. Servir à causa com o máximo de suas habilidades. Punindo aqueles que precisavam ser punidos. Abusar dos abusadores.

Após a quebra de gelo inicial, o contato foi mantido no mínimo. Eles executavam suas missões, encaminhavam o material para a Nêmesis e eles publicavam no site. Isso era praticamente tudo. A

equipe dela estava concentrada nas ações diretas e o pessoal da Nêmesis cuidava dos aspectos virtuais, ainda que a Nêmesis ocasionalmente enviasse algumas dicas e sugestões, e, graças à habilidade tecnológica de Faz, eles mesmos não fossem avessos a lançar ciberataques vez ou outra. Não havia nenhum tipo de manual de procedimentos. Estavam todos lutando pela mesma causa.

Em apenas um aspecto as esferas de atividade haviam sido claramente demarcadas. A Barren Corporation era dela. Era algo que ela insistira desde o começo. A Nêmesis não mexia com a Barren. Se era para fritar a empresa, ela era a pessoa que fazia isso. Porque, ao fim e ao cabo, era disso que se tratava. A *única* coisa que interessava. Foram seus ciberataques contra a Barren que atraíram a atenção da Agenda Nêmesis em primeiro lugar. Fora a Barren que ocupara sua vida, dia e noite, especialmente depois da catedral. Tudo tinha suas raízes na Barren, era para onde seguiam todas as estradas. A Barren era a *sua* motivação oculta. Sempre fora, e sempre seria.

— Merda!

Ela pisou fundo no freio. O Land Cruiser rabeou e derrapou no asfalto quente. Estivera tão envolvida com os próprios pensamentos que passara o buraco na cerca. Resmungando, ela engatou a ré, manobrou e deu a volta. Um quilômetro ao norte na rota 10, freou novamente e saiu da estrada, sacolejando pelo cascalho, rumo à cerca de arame farpado que marcava a fronteira. Deste lado, Israel e o Neguev. Do outro, Egito e Sinai. O governo estava no processo de erguer uma barreira menos permeável para segurar os contrabandistas de drogas e de pessoas — duzentos e quinze quilômetros de postos de vigilância e cercas eletrificadas atravessando todo o caminho, de Gaza até Eilat. Ainda que o trabalho já houvesse começado, naquelas remotas seções intermediárias, no momento, ela ainda podia atravessar a cerca sem muito problema. Normalmente, teria trazido os outros com ela, mas, para essa missão, ela estava sozinha. Onde a Barren estivesse envolvida, ela sempre voava solo.

Ela saiu e examinou a paisagem. Poderia perfeitamente estar em Marte, no que se referia à presença de vida humana. Esperou

um minuto, depois se aproximou da cerca e puxou o arame para o lado no local onde eles haviam cortado. Ela passou com o Land Cruiser, prendeu as placas com a numeração egípcia, colocou a cerca de volta e seguiu em frente. Era a melhor parte dos quatrocentos quilômetros até o Cairo e ela queria chegar lá e voltar antes do amanhecer.

TEL-AVIV

— Você acha que a Barren Corporation pode estar envolvida com o tráfico sexual?

Natan Tirat quase cuspiu sua Goldstar.

— Isso é algum tipo de piada?

A expressão de Ben-Roi sugeria que ele não estava bem certo se era ou não.

— Sei que parece improvável...

— É mais do que improvável, é absolutamente surreal.

Tirat se jogou para trás na cadeira, a garrafa de Goldstar balançando na mão.

— Quero dizer, vamos lá, Arie. Essa é uma empresa que... O quê? Um giro de cinquenta bilhões de dólares? Dez bilhões de lucro, numa estimativa conservadora. Provavelmente, mais perto de vinte. E você está sugerindo que eles estão querendo aumentar isso com o caixa dois da prostituição ilegal? Sério, você acha que faz algum sentido?

Ben-Roi admitiu que não via sentido algum. Jamais conseguira ver qualquer sentido, desde a primeira vez em que a Barren e o tráfico sexual apareceram como parte de uma mesma equação.

— Mas daria uma ótima matéria — prosseguiu Tirat. — Uma *excelente* matéria. “Gigante Global da Mineração Envolvida com Escândalo de Cafetinagem na Terra Santa.”

Ele passou a mão pelo ar como se estivesse traçando uma manchete de jornal invisível.

— Um furo desses definiria a minha carreira. Resolvia toda a minha vida.

Ben-Roi disse para que não se animasse muito e deu um gole em sua Tuborg. Estavam sentados a uma mesa na calçada, num bar na Dizengoff, sendo eles os mais velhos no lugar por uma margem de uns bons dez anos. Ao redor deles, a juventude descolada com roupas da moda, bebendo os drinques da moda, e batendo papo e

rindo, aproveitando o sol do fim da tarde antes de saírem para a noite nas boates. Ele estava na faixa dos trinta, mas a vizinhança fazia se sentir como se já estivesse descendo ladeira. Ainda que nem tanto quando Tirat, cuja pança considerável, o casaco de couro e os cabelos grisalhos presos num rabo de cavalo o deixassem mais parecido com uma relíquia de uma banda de *rock* sem muito sucesso dos anos 1970.

— Você já ouviu falar a respeito do fato de a Barren estar envolvida em *qualquer* negócio obscuro? — perguntou ele.

Os olhos de Tirat se desviaram para uma garota na mesa perto da porta, o decote pressionando o peito do vestido curto. Ben-Roi teve que repetir a pergunta para obter sua atenção.

— Seu colega me fez a mesma pergunta quando me ligou outro dia — respondeu Tirat, relutantemente trazendo o olhar de volta.

— E?

— E nada. Ou pelo menos nada que alguém tenha sido capaz de descobrir sobre eles. Quero dizer, são uma multinacional global, eu ficaria surpreso se não estivessem metidos com *alguma coisa*. Todas estão. Uma contabilidade mais criativa, algum atalho ambiental, boatos plantados contra a concorrência... Como eu disse para o seu amigo, essas empresas estão aí para ganhar dinheiro, não por causa do prêmio de melhor aluno da turma.

Ele deu dois goles grandes para acabar a Goldstar e colocou a garrafa na mesa, ao lado da outra que já tinha esvaziado.

— Um bom garoto aquele lá, por sinal — completou. — Inteligente. Você deve manter ele por perto. Pode até te ajudar a resolver alguns casos.

Ele acendeu um cigarro e pegou um punhado de amêndoas salgadas da tigela sobre a mesa, os olhos momentaneamente resvalando de volta para a garota de vestidinho.

— Não há dúvida de que a Barren é reservada — prosseguiu ele, os olhos voltando para Ben-Roi. — Mesmo dentro dos padrões das multinacionais. Eles mantêm a imagem em rédea curta, não gostam de perguntas. E, sendo uma empresa de capital fechado, obviamente não estão abertos ao tipo de escrutínio a que teriam que se submeter se tivessem ações na bolsa. Então, quem sabe, *talvez*

tenham alguns esqueletos escondidos no armário. Mas, honestamente, Arieh, não consigo vê-los envolvidos com alguma coisa do tipo tráfico sexual. Ou assassinato, muito menos, que é para onde eu acho que isso está indo.

Ele levantou as sobrancelhas para Ben-Roi, que não respondeu à sugestão, apenas deu outro gole na cerveja. Duas militares passaram lentamente, brigada Givati, de sandálias, fuzis M-16 a tiracolo nas costas. Em Jerusalém, os soldados eram parte do tecido visual. Aqui se sobressaíam mais. Ben-Roi as observou um pouco, depois retomou a conversa.

— Aparentemente, a Barren tem cobertura política — disse ele, desviando o assunto. — Amigos nos altos escalões.

Tirat concordou que esse era o caso.

— Não é exatamente incomum. Todas essas multinacionais frequentam os corredores do poder. Apesar de a Barren parecer especialmente bem conectada. Ao fim e ao cabo: o dinheiro compra influência. E a Barren tem dinheiro. Muito. Pelo que ouvi, estão financiando metade do Knesset. Metade do Congresso também, se você acreditar no que dizem.

Ele usou a mão como um funil para entornar um bocado de amêndoas na boca, mastigou e tragou o cigarro. Ben-Roi brincou com a garrafa de Tuborg no joelho, tentando encontrar algum outro ângulo.

— Você sabe alguma coisa sobre os negócios deles no Egito?

Tirat não sabia, a não ser pelo que já contara para Dov Zisky.

— E quanto ao manda chuva? A mulher dele era israelense, certo?

Tirat concordou, agarrou outro punhado de nozes.

— Conheceram-se em algum evento na embaixada de Washington. Ela trabalhava como adida cultural. Parece que ele lhe mandou flores todos os dias, durante um ano, até ela aceitar se casar com ele. Ela morreu numa batida de carro um tempo atrás. Ele nunca superou, pelo que todos dizem.

— E o filho? Dov me disse que ele faz o gênero *bad boy*.

— E tanto — resmungou Tirat. — Heroína, temperamento violento, espancamento de prostitutas, material clássico das colunas

de fofoca. Ainda que, justiça seja feita, ele é bem mais esperto do que as pessoas costumam dizer e o escândalo não passa de fachada.

Ele agitou as amêndoas na mão.

— A verdade é que ele é uma incógnita. Todos são, para ser franco. Tem muita especulação e disse-me-disse, mas em se tratando de fatos concretos sobre os Barrens... Se são reservados sobre os negócios, são incomparavelmente mais discretos em relação às vidas pessoais. Praticamente ninguém sabia que *havia* um filho até ele subitamente aparecer no conselho da empresa, há dez anos. Estudou com um falso nome, ficou fora dos holofotes — com a quantidade de dinheiro que eles têm, não compram apenas influência. Mas privacidade também.

Deu uma outra sacudida nas amêndoas, depois jogou a cabeça para trás e as deixou cair na boca, mastigando vigorosamente.

— Ele vem muito a Israel, se isso interessa.

Ben-Roi inclinou a cabeça.

— A negócios?

— Se você chama de negócio cheirar coca e pegar putas... Tem uma cobertura em Park Heights. Central das festas, se os rumores são verdadeiros.

Ben-Roi ponderou, pensando se essa seria a ligação entre a Barren e o tráfico sexual. Genady Kremenko fornece prostitutas para o herdeiro do império; Rivka Kleinberg descobre e ameaça expô-lo; Barren Júnior vem para Jerusalém, segue Kleinberg até a catedral, confronta-a, perde o controle... Novamente, apenas mais um dos cenários que combinava com algumas partes do caso, mas não casava com outras. Para onde quer que ele puxasse o tapete, não havia jeito de cobrir todo o chão.

— Teve um pequeno mistério que talvez te interesse — disse Tirat, limpando os grãos de sal dos lábios.

Mais um não, pensou Ben-Roi.

— Pode falar.

— Tem a ver com o acidente de carro. Aquele em que a mulher de Nathaniel Barren morreu.

— O que houve?

— Bem, o veredito da investigação foi morte por acidente. Um trágico acidente.

— E?

— E várias perguntas ficaram sem resposta.

— Tais como?

Tirat sugou o cigarro.

— Como por que um carro recém-saído da revisão, numa estrada aberta, em plena luz do dia, subitamente faz um desvio sem qualquer motivo óbvio e bate de frente com um poste de telégrafo.

Ele terminou o cigarro e jogou a ponta na sarjeta.

— Sua rodada, eu acho.

CAIRO

Chegando ao apartamento em Gezira que a empresa alugara para ele, Chad Perks passou direto pela sala e saiu para a varanda. Apoiou-se na balaustrada, olhou para além do Nilo, soltou um peido alto, como fazia pelo menos dez vezes por dia, e pensou: *Putá que pariu, a vida é bela.*

Diretor regional da Barren para o norte da África, o cargo possivelmente sugeria mais do que o que realmente estava envolvido. Toda negociação pesada era administrada diretamente em Houston. Sua função estava mais na linha das relações públicas. Como diretor do escritório do Cairo, ele se encontrava com os poderosos do Egito, levava-os para jantares caros — como o daquela noite, no Justine — pagava as pessoas que precisavam ser pagas, voava até Luxor todos os meses para conferir as obras do novo museu, que agora estava a apenas uma semana da inauguração. A cara da Barren no país, basicamente. E também os olhos e ouvidos da Barren. Com tanta agitação em torno da concorrência pela concessão do campo de gás no Saara, a empresa estava ansiosa para acompanhar o clima político do país — especialmente depois que botaram Mubarak para fora —, e Chad Perks sabia acompanhar as coisas bem de perto. *Se e quando* a concessão fosse concedida, seu papel, como ele gostava de pensar, teria sido tão importante quanto o das pessoas que de fato cuidaram dos detalhes do contrato. Um fato que se refletia no bônus de cair o queixo que receberia por seu desempenho uma vez que o negócio estivesse finalmente assinado.

Salário generoso de expatriado, uma bela e gorda pensão de aposentadoria, apartamento de luxo de frente para o Nilo, um cargo que soava importante, ainda que um pouco exageradamente — *é isso aí*, pensou Chad, *a vida é bela, com certeza.*

Pelo menos era até ele sentir alguém se aproximar por trás, passar uma corda por seu pescoço e puxá-lo para trás, afastando-o

da grade da varanda e o derrubando.

Chad Perks tinha muitos atributos admiráveis, mas a bravura não estava incluída entre eles. Esperneou e lutou um pouco, mais por instinto do que pelo desejo inato de lutar com seu atacante. Depois, ficou imóvel. Vislumbrou rapidamente o Ramsés Hilton num borrão, do outro lado do rio, e também um vago perfume almiscarado de algum desodorante — coisas engraçadas que uma pessoa registra quando está sendo enforcada. E, de repente, estava com a cara no tapete da sala e a corda não estava mais lá. Ele se encolheu numa bola, tossindo e engasgando, desesperadamente tentando formar a frase “Por favor, não me machuque” em árabe (idiomas, assim como a bravura, jamais foram o forte de Chad).

Ele não precisava se preocupar. Quando seu atacante falou, foi em inglês. O fato de a voz ser de uma mulher lhe deu um momentâneo sopro de esperança. O toque de uma pistola contra a têmpora afastou o sentimento.

— Quero saber o que sua empresa está fazendo aqui no Egito — rosnou a voz. — *Exatamente* o que vocês estão fazendo. E se você tentar me enrolar, eu arrebento a sua cabeça.

Chad lhe assegurou que não tinha nenhuma intenção de fazer algo que não fosse para cooperar integralmente.

— Certo. Comece a falar.

Chad começou a falar.

JERUSALÉM

Na manhã de domingo, Ben-Roi acordou cedo. Digitou rapidamente uma lista de quatro páginas com os pontos principais do caso e enviou para Khalifa por e-mail. Em seguida, apenas por desincargo, entrou no Google e pesquisou sobre o acidente de carro que matou a mulher de Nathaniel Barren. Não havia nada muito diferente do que Natan Tirat já lhe dissera. O carro saiu da estrada ao norte de Houston, bateu num poste de telégrafo, e ela morreu instantaneamente. Uma testemunha afirmou ter visto outra pessoa no veículo pouco antes da batida, mas ninguém mais corroborou isso, e uma investigação detalhada concluiu que o acidente fora apenas isso — um acidente. Após navegar por quarenta minutos, concluiu que a coisa não passava de marola, que parecia não faltar em torno desse caso, e desligou o computador. Ligou para Dov Zisky para dizer que se atrasaria, comprou um buquê de rosas no quiosque de flores diante de seu prédio e caminhou até a casa de Sarah.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela ao abrir a porta.

— Senti vontade de ver você.

Ele tirou as flores de trás das costas.

— Estive tão preso ao trabalho... Achei que podíamos tomar café da manhã e depois levá-la à escola.

— Eu só tenho que estar lá ao meio-dia.

— Ótimo. Podemos passar a manhã juntos.

Ela o olhou desconfiada.

— Isso não se parece com você, Ariele.

— O que não se parece comigo?

— Tirar uma manhã de folga no meio de uma investigação. Tem alguma coisa acontecendo. O tom era mais de provocação do que de confronto. — Vamos lá, pode confessar. Você fez alguma coisa. Ou você está querendo alguma coisa.

— Quero apenas passar algum tempo com você e com Bubu. Fiquei com saudades dos dois.

O que era verdade. Alguma coisa no caso — toda a história do tráfico de mulheres, Khalifa perdendo o filho daquele jeito — parecia estar fazendo alguma corda vibrar de maneira inesperadamente profunda nele. Na noite anterior, quando voltou de Tel-Aviv, ficou na cama apenas pensando em Sarah e no bebê, desejando que estivessem ao seu lado, reprovando a si mesmo por não estarem. Normalmente, do jeito que eram as coisas, especialmente numa investigação tão intensa como aquela, o caso o arrastava para longe das pessoas a quem mais amava. Esse parecia estar empurrando-o na direção delas. Mais e mais ele pensava que deveriam tentar mais uma vez. *Ele* tinha que tentar mais uma vez. Fora ele que estragara a coisa toda, afinal.

— Você vai pegar isso?

— É claro. Obrigada. São lindas.

Ela aceitou as flores.

— Tenho uma outra coisa — disse ele. — Veja isso.

Pegando o celular, agitou-o diante dela, como um mágico preparando um truque. Com um floreio, traçou um arco no ar com o dedo e apertou o botão de desligar, acompanhado da música de fundo “Ta-dá”. Ela deu uma gargalhada e o abraçou, a barriga com o bebê apertando a dele, uma sensação maravilhosa.

— Achei que o supremo rabi estaria comendo coquetel de camarão antes de eu ver você fazer isso algum dia — brincou ela.

— Bem, aí está. Milagres acontecem. Posso preparar o café da manhã?

— Sim, por favor.

E foi o que ele fez, a tortilha espanhola sofrendo uma mutação para se transformar em ovos mexidos, a torrada disparando o alarme de fumaça. Ela debochou de sua inépcia culinária, provocando alguns comentários retaliatórios do tipo estar mordendo a mão que a alimentava — humor leve e amistoso. O tipo de brincadeira que costumavam fazer o tempo todo e que estivera marcadamente ausente neste último ano. Meu Deus, como ela estava bonita.

Depois de comerem — na varanda, a atmosfera curiosamente elétrica, como se fosse um primeiro encontro —, ele perpetró seu segundo milagre matinal ao lavar a louça.

— Quem é o deus do lar sobre a terra? — perguntou ela, fingindo espanto.

— Nada a ver comigo. Você deve ter deixado entrar um estranho na casa. Melhor ligar para a emergência.

Mais risadas. O melhor som do mundo.

Ela então se deitou no sofá para que ele pudesse pressionar sua barriga com uma mão e sentir a criança se movimentar no que parecia uma vigorosa sequência de Pilates. Depois, por sugestão dela, foram até o Mamilla Mall comprar roupas de bebê. Ben-Roi odiava fazer compras, classificava a atividade no mesmo nível de fazer a declaração do imposto de renda. Assumiu uma expressão corajosa, feliz por passar o tempo com ela, mesmo que passar o tempo significasse gastar os sapatos por duas horas enquanto ela avançava incansavelmente em meio a roupinhas e sandálias Crocs em miniatura.

— Tem certeza de que não está chateado? — perguntava ela, insistente.

— Nem um pouco — mentia ele da mesma forma.

E então, subitamente, era meio-dia e ele estava dando a volta nas muralhas da Cidade Antiga, levando-a para a creche que ela administrava em Silwan — um bairro árabe apinhado na montanha ao sul da Cidade Antiga. O esquema da escola era experimental, tentando integrar crianças israelenses e palestinas, estimulando-as a se divertirem juntas. Quatro anos antes, conseguira reunir trinta crianças. Agora o número caíra para menos de uma dúzia, o que dizia praticamente tudo o que havia a ser dito sobre o processo de paz.

— O que está havendo com os colonos? — perguntou ele ao saírem da Ma'ale Ha-Shalom para subirem a ladeira íngreme de Wadi Hilwah.

— O que você acha que está acontecendo? A mesma merda de sempre.

Um grupo de colonos — ultraortodoxos, financiados pelos americanos, como a maioria deles — comprou a casa ao lado da escola e começou a criar problemas desde a sua chegada.

— No outro dia, um deles jogou um saco de mijo no pátio — disse ela. — Quase acertou uma criança, merda! Um garoto *judeu!* — Ela balançou a cabeça com desgosto. — Mas o devido crédito seja dado. Na semana passada, um grupo do *shebab* atirou bombas incendiárias no nosso micro-ônibus.

Isso tudo era novidade para Ben-Roi. Ele estivera tão envolvido com o próprio trabalho que nem perguntara sobre o dela.

— Pelo menos você deu aos malucos algo com que eles concordam — brincou ele, um comentário tolo que nem provocou um sorriso.

— Para ser honesta, não acho que possamos aguentar por muito mais tempo — disse ela. — Houve uma época em que parecia que ia funcionar, mas do jeito que as coisas estão indo ultimamente...

Ela esfregou as têmporas.

— Uma coisa eu te digo, Arie, os lunáticos estão tomando conta do asilo. Já tomaram. Dos dois lados da linha. Às vezes me pergunto se esse é um país onde eu gostaria de criar meus filhos.

Ben-Roi diminuiu a velocidade e segurou a mão dela.

— Nossos filhos terão o melhor lar do mundo, Sarah. O lar mais feliz e seguro. Eu juro. Com todo o meu coração.

Ela apertou a mão dele, aproximou-se e o beijou na bochecha.

— Eu te amo, Arie. Você me deixa louca, mas eu te amo. Agora, vamos lá, vou me atrasar.

Ele afagou os cabelos dela e continuaram a descer a ladeira para escola — um bloco de concreto com janelas gradeadas e um portão de aço pintado de grafite. Ele a ajudou a sair do carro e seguiram para a entrada, ignorando a casa vizinha com sua gigantesca bandeira azul e branca de Israel oscilando no telhado. Sarah tocou a campainha.

— Obrigada pela manhã maravilhosa.

— *Eu* que agradeço.

— Precisamos fazer de novo.

- Com certeza.
- A torrada estava deliciosa.
- Vá a merda.

Eles riram e se apertaram as mãos. Ele queria falar mais, ir mais a fundo, dizer como ela era especial, o quanto ela significava para ele, como o que ele mais queria no mundo era que tivessem um futuro juntos. Antes que ele pudesse falar, o portão se abriu. Sarah virou os olhos — talvez estivesse pensando as mesmas coisas.

- Me liga — disse ela.
- Claro!

Ela o beijou no nariz, encostou a barriga suavemente contra a dele, sussurrando, “Tchau, papai”, e entrou no prédio. Um aceno rápido e o portão se fechou. Ben-Roi olhou para ele, pensando em como a vida seria bem mais fácil se ele simplesmente tivesse um trabalho normal, algo que não estivesse sempre sobrecarregando seu sistema com morte, violência e tragédia. Então, abanando a cabeça, ele pegou o celular, ligou-o e voltou devagar para o carro. Enquanto se aproximava, uma série de bipes alertou para as chamadas e mensagens perdidas. Muitas chamadas e mensagens perdidas. Muito mais do que o normal. Franzindo a sobrancelha, acessou a caixa postal e se inclinou sobre o teto do carro para ouvir.

Dentro do prédio, Sarah caminhava pelo pátio com sua colega, Rivka, contando a ela a manhã divertida que tivera, como talvez, e apenas talvez, ela e Ben-Roi pudessem tentar uma vez mais. Subitamente, uma voz familiar rugiu do outro lado do muro da escola.

— Ah não, não, não, seu ignorante de merda! Que diabos você está fazendo?

O sorriso dela se apagou.

— Foi bom enquanto durou — suspirou

Ben-Roi dirigiu feito um louco, pisando fundo, a sirene em disparada, a luz da polícia piscando freneticamente no teto do Toyota. Fez o caminho de volta para Kishle em cinco minutos. A Omar Ibn al-Khattab estava engarrafada — centenas de armênios cantando,

gritando, vociferando insultos para a barreira de policiais uniformizados que fora montada na frente da delegacia. Tudo observado por um batalhão de jornalistas, fotógrafos e equipes de noticiários de TV. Exatamente o que ele esperava, considerando-se que o arcebispo armênio Petrossian acabara de ser preso por suspeita de assassinato de Rivka Kleinberg.

Ele avançou lentamente com o Toyota até o portão de segurança da delegacia, mostrou a identificação e acelerou até o estacionamento nos fundos do prédio. Ligara antes para Zisky, que já esperava por ele.

— Isso é coisa do Baum, não é? — gritou, batendo a porta do carro. — É o Baum que está por trás disso!

— Usou o posto para enquadrar a sargento Shalev — confirmou Zisky. — Disse que já tinha provas suficientes para uma acusação.

— Que provas, pelo amor de Deus?

Zisky não sabia os detalhes, apenas que o superintendente-chefe afirmava que já tinha um caso fechado, à prova d'água.

— Como a porra do casco do Titanic, conhecendo o histórico de Baum. Onde está Leah?

Parece que foi mandada para casa para se acalmar. Surtou quando soube o que estava acontecendo. Ben-Roi bateu com o punho no teto do carro e saiu em direção ao prédio, com Zisky em seus calcanhares.

— Chefe Gal?

— Do outro lado da cidade, atualizando o ministro.

— Mas que completo imbecil! A única comunidade que realmente se comporta e ele consegue que saiam às ruas para protestar. Na frente de toda a imprensa! Imbecil!

Ben-Roi chegou na sala dos detetives e entrou bufando. Uri Pincas, Amos Namir e o sargento Moshe Peres estavam todos sentados por lá, com os pés em cima das mesas. Pareciam achar que o assunto estava resolvido.

— Que bom que você...

— Onde está Baum? — lançou Ben-Roi, cortando Pincas no meio da frase.

— ... se juntou a nós — prosseguiu Pincas, concluindo a frase.
— Lá em cima. Atendendo as ligações da imprensa.

— Aposto que está — rosnou Ben-Roi, dando a volta, andando rápido de volta para o estacionamento e seguindo para o túnel de entrada da delegacia. Do outro lado, a multidão pressionava os portões de segurança, os gritos enchendo o ar, a barreira de policiais lutando para o mantê-la afastada. Ben-Roi entrou por uma porta baixa e começou a subir a escada.

— Quer que eu vá junto? — perguntou Zisky, ainda atrás dele. Ben-Roi se virou. — O que eu quero que você faça é dar o fora daqui e ir falar com um cara chamado George Aslanian. É o dono da Taberna Armênia, todo mundo conhece ele. Diga a ele que estou no caso e veja se ele consegue fazer alguma coisa para acalmar esse bando. OK?

— OK.

— E leve uns dois guardas com você. Não gostaria que nada acontecesse com essa sua carinha de pêssego.

Ele deu um tapinha no rosto do rapaz, virou-se de novo e subiu a escada ruidosamente, de dois em dois degraus, até o topo.

O superintendente-chefe Yitzhak Baum estava em seu escritório, sentado atrás da mesa, falando ao telefone. Um homem baixo e gorducho, vestindo um uniforme impecável, a insígnia da folha e da estrela do posto de *sgan nitzav* brilhando nos seus ombros, Baum sempre ostentara um ar de autossatisfação, amplificado naquela manhã enquanto declarava que realmente não podia comentar nada além do fato de que, naquele estágio, não estavam mais procurando qualquer outra pessoa em conexão com o assassinato de Rivka Kleinberg. Ben-Roi entrou sala adentro e meteu a ponta do polegar no gancho do telefone, cortando a ligação.

— Que diabos você está fazendo? — Baum soltou um grito agudo, ultrajado. — Eu estava falando com o *Jerusalem Post*.

— Que se foda o *Jerusalem Post* — devolveu Ben-Roi, inclinando-se sobre a mesa diante do rosto do superior. — O que está acontecendo?

Baum precisou de algum tempo para recuperar a voz, a boca carnuda tremendo e se contorcendo como se tentasse controlar a

raiva.

— O que está havendo, *detetive* Ben-Roi, é que estou resolvendo um assassinato. O que é um pouco mais do que a merda que você vem fazendo nos últimos dez dias.

— Petrossian — a voz de Ben-Roi soou incrédula. — Um padre de setenta anos! Como você chegou a isso?

— Eu cheguei através de um conhecido processo de reunir pistas e segui-las!

— Ah, me poupe de sua esperteza, Baum!

— E você me trate com mais respeito, Ben-Roi!

— Foda-se!

— Foda-se *você!*

Baum se pusera de pé, os dois se encarando, olho no olho. Uma jovem policial colocou a cabeça na porta para perguntar que barulho todo era aquele.

— Cai fora! — gritou Baum.

Ele atravessou o escritório, bateu a porta e voltou para a mesa.

— Você trate de se cuidar, Ben-Roi — rosnou ele. — Falando comigo desse jeito! Você que trate de se cuidar direitinho ou vou te enquadrar.

— Estou tremendo!

— E deveria estar! Você é uma desgraça. Você e aquele investigador frutinha...

— Não ouse...!

— Não ouse *você!*

— *Maniak!*

— Veja como fala!

— *Maniak!*

Continuaram com o barulho por mais algum tempo, trocando gritos e insultos, até finalmente esgotarem o repertório e se calarem, ambos ofegando pesadamente, os gritos dos manifestantes armênios vindo lá de fora. Dez segundos se passaram e Baum se sentou de novo. Ben-Roi levantou as mãos e se afastou um passo da mesa.

— O chefe Gal sabe disso?

— É claro que sabe. Você acha que eu agiria pelas costas dele? Mostrei-lhe as evidências, ele concordou e assinou o mandado. Ben-Roi balançou a cabeça. O chefe Gal não era idiota — se tinha autorizado a detenção, certamente era porque Baum fizera com que o caso parecesse mais sólido do que realmente era.

— Então, que provas são essas? Essas provas *à prova d'água*.

Baum se recostou na cadeira, enchendo o peito.

— Ele tem antecedentes.

— Petrossian?

— Atacou um padre ortodoxo grego no Santo Sepulcro. Quase o estrangulou. Totalmente descontrolado.

— Isso foi em...?

— 2004.

Ben-Roi soltou um riso de desdém.

— Um agressor serial, então.

Baum bufou, mas não respondeu ao deboche.

— Tem mais.

— Conte-me.

— Nos anos setenta, ele foi pego esquentando a contabilidade da catedral. Era encarregado das finanças, estava desviando dinheiro das contas para reinvestir em títulos duvidosos. Os títulos caíram, quase levaram a igreja à falência. O *Ha'aretz* fez uma grande denúncia.

Ben-Roi mal podia acreditar no que estava ouvindo.

— Isso tem alguma relevância?

— Certamente que sim.

Baum encheu ainda mais o peito.

A jornalista que fez a denúncia era uma jovem estagiária em sua primeira grande matéria. Chamada...

— Rivka Kleinberg.

— Ben-Roi concluiu a frase. Baum esboçou um sorriso, como se tivesse demonstrado seu ponto.

— Namir levantou isso. Um bom detetive, Amos. *Cuidadoso*.

Deixou o comentário no ar por um momento, depois prosseguiu.

— Por cortesia de Kleinberg, Petrossian foi mandado de volta para a Armênia, em desgraça, e teve que passar três anos expiando

seus pecados fazendo trabalho comunitário num fim de mundo. Perdeu qualquer chance que pudesse ter de algum dia ser nomeado Patriarca. O que, na minha opinião, lhe dá um motivo para lá de bom.

— Trinta e cinco anos depois do evento! — Ben-Roi balançava a cabeça. — Tenha dó, Baum, mesmo para os seus padrões, isso é uma porcaria. Não vale um peido.

— Peça por peça, Ben-Roi. — É assim que funciona. Peça por peça, construindo o caso. E permita-me te dar mais uma peça. Petrossian mentiu sobre onde estava na noite do crime.

Ben-Roi abriu a boca e fechou de novo. Isso parecia alguma coisa. Baum viu que o tinha pegado no contrapé, e o sorriso se abriu mais um pouco.

— Disse que estava em seus aposentos particulares quando Kleinberg foi morta. Graças, um pouco, ao trabalho bem-feito de seu amiguinho *gay*, sabemos que esses aposentos têm uma porta privativa para a rua. E conseguimos a filmagem de Petrossian caminhando pelo quarteirão armênio na hora em que ele disse estar enfiado na cama.

Ben-Roi deveria tê-lo interpelado pelo comentário sobre o amiguinho *gay*, mas deixou passar na hora.

— Que filmagem? Não existem câmeras no quarteirão armênio.

— Não existem câmeras da *polícia*. Mas naquela loja na esquina da Ararat com a São Tiago, *Sammy's*, eles têm uma câmera de segurança em cima da porta. Namir deu uma olhada nela, só por garantia. Como eu disse, um bom detetive, Namir. Cuidadoso. E o que você acha que ele encontrou? Imagens cristalinas do seu doce arcebispozinho descendo a Ararat às 18h04 da noite do crime e voltando às 20h46. O que o coloca no meio da cena, Ben-Roi. Bem no meio de tudo.

Ele agora estava realizado, regozijando-se.

— Temos o personagem duvidoso, o motivo claro, o falso álibi. — Ele enumerou os elementos nos dedos. Dedos macios, rechonchudos, que nem uma vez em suas vidas se aproximaram de algo que se pudesse chamar de trabalho duro. — E, caso ainda lhe reste alguma dúvida, também temos uma confissão.

A boca de Ben-Roi se abriu novamente e se fechou, sem que nada saísse dela. Baum assentiu, satisfeito, consciente de que agora estava por cima. Pegando uma folha de papel na mesa, leu o que estava escrito. Lentamente, saboreando as palavras.

— A morte dela pesa em minha consciência. Sou eu que devo ser culpado. Fui eu que a matei.

Ele olhou para Ben-Roi e leu tudo de novo, considerando a lição encerrada.

— Obviamente, estou perdendo algum significado oculto aqui, mas por minha vida que não sei o que possa ser. Talvez você possa me ajudar.

O sarcasmo era pesado, provocador.

— Ele disse isso para você?

— Para um dos outros arcebispos. Um dos informantes de Namir ouviu e passou adiante.

— Então não se trata de uma confissão formal.

Baum não respondeu, apenas se recostou e cruzou os braços, balançando-se na cadeira de executivo. Estava no banco do motorista e sabia disso.

— Isso te deixa tão puto da vida, não é mesmo?

Ben-Roi não disse nada, apenas o fulminou com o olhar.

— *Tão* puto. O grande *balash*, ganhador de três citações por excelência no trabalho policial. Sempre chegando ao fundo de um caso. E, dessa vez, jogado para escanteio. Outra pessoa resolveu o assunto e todas suas lamentáveis pistas foram para o esgoto. Meu Deus, isso deve doer, não?

— O que dói — rebateu Ben-Roi — é você ter detonado toda a comunidade armênia e praticamente causado uma revolta num caso que qualquer advogado de defesa meia-boca vai desmontar no momento que puser as mãos em cima. É tudo circunstancial, Baum. Você não tem nada, nada que ligue Petrossian diretamente ao crime.

Baum parou de balançar e se inclinou sobre a mesa.

— Nós vamos chegar lá, detetive. Pode confiar que vamos. Petrossian é o nosso homem, e, se não foi ele quem estrangulou a mulher, com toda a certeza ele sabe quem foi. A perícia está trabalhando no apartamento dele enquanto conversamos. Eu e

Namir estamos indo apertá-lo. E você — ele apontou o dedo agressivamente —, quero você lá na sua mesa preenchendo as lacunas.

— Estarei no interrogatório.

— Você vai estar com sua bunda na minha cara! — gritou Baum, parando um momento ao perceber que o insulto não saíra como ele pretendia antes de voltar a atacar.

— Você sempre foi um babaca metido, Ben-Roi, e eu não vou mais tolerar isso. Essa é nossa linha de investigação agora e você vai segui-la. Compreendeu? Caso contrário, Deus me ajude, mas vou te rebaixar para *shoter* e te mandar patrulhar o assentamento mais longe e esquecido de Deus que eu puder encontrar. Agora, pode ir descendo e começar a trabalhar. E isso é uma ordem direta.

Ben-Roi olhou para ele, sem qualquer esforço para disfarçar seu ódio, e se virou para a porta. Antes de sair, voltou-se.

— Você sabe o que isso me lembra?

Baum levantou as sobrancelhas.

— O omelete que eu fiz hoje de manhã.

Baum pareceu confuso.

— Ovos — explicou Ben-Roi. — Uma enorme panela borbulhante de ovos que estão destinados direto para sua cara, *senhor*. Você pegou o homem errado e, se fosse você, deixaria uma toalha pronta, pois, quando isso tudo entornar, você vai ter uma bela lambança para limpar.

Ele saiu pela porta, mas voltou a se virar.

— E apenas para os registros, se você falar novamente do meu parceiro daquele jeito de novo, eu vou te denunciar. O mesmo vale para Leah Shalev. *Maniak*.

Ele já chegara na metade da escada antes que Baum conseguisse pensar em qualquer resposta à altura.

LUXOR

O *Olho de Horus* ancorou no meio da tarde, parte de um comboio de navios de cruzeiro que subiram de Assuão e manobraram na costa como uma trupe de nado sincronizado, um trio amarrado lado a lado.

Khalifa estava em pé no cais, aguardando. No momento em que as pranchas foram baixadas, ele subiu a bordo e saiu à procura do doutor Digby Girling, o homem que Mary Dufresne sugerira como alguém que poderia saber alguma coisa a respeito do misterioso Samuel Pinsky. Acabou por encontrá-lo num salão na proa do navio, dando uma palestra sobre os cosméticos do antigo Egito para um grupo de mulheres de meia-idade. Khalifa perambulou pelos fundos do salão até a palestra chegar ao fim e o público começar a se dispersar, aproximou-se então e se apresentou, explicando por que estava lá.

— Um detetive! — retumbou Girling, a voz afetadamente volumosa. — Mas que coisa adoravelmente intrigante! Terá sido cometido algum crime?

De certa maneira, concedeu Khalifa. Ele não podia entrar em detalhes.

— É claro que não, é claro. Em boca fechada não entra mosca!

O inglês tocou o nariz com ar conspiratório. Mary Dufresne o achava parecido com um balão. Para Khalifa, era mais como uma pera. Uma pera muito madura, vestida com um terno de linho branco, gravata borboleta e sandálias.

— Podemos conversar aqui? — perguntou ele. — Ou o senhor prefere encaminhar-se ao tombadilho?

— Onde se sentir mais confortável — respondeu Khalifa.

— Ao tombadilho, então. A aula de dança do ventre nível intermediário começa em vinte minutos e não gostaria que fôssemos perturbados. Um detetive da vida real! Minha nossa, sinto-me como num episódio de *Inspector Morse*!

Ele pegou os apontamentos de sua palestra, enfiou um enorme chapéu de sol na cabeça e, com um aceno floreado do que restara de seu público, atravessou o salão.

— Não se esqueça de hoje à noite, doutor Digby! — chamou uma das mulheres.

— Serei um autêntico Salomão — gritou Girling. — Justo, mas *muito* firme!

Um outro floreio teatral e saíram do salão, subiram por uma escadaria acarpetada com as risadinhas das mulheres ecoando atrás deles.

— Domingo à noite é o concurso de múmias — explicou o inglês enquanto subiam. — Trinta divorciadas inebriadas desfilando, enroladas em papel higiênico. E a mim cabe a honra de escolher a vitoriosa. Deveras embaraçoso!

Ele balançou a cabeça desconsolado, prosseguiu até o alto da escada e saiu no convés superior do navio. Havia uma pequena piscina num dos lados, cercada de cadeiras de sol. Do outro, um toldo cobria um grupo de cadeiras plásticas. O navio estava ancorado na ponta externa da fila de barcos, e, por um momento, os olhos do inglês se perderam sonhadores na distância enevoadada dos contornos do maciço tebano. Então, com uma batida de palmas, foi até o toldo, sentou-se numa cadeira e indicou outra ao seu lado para Khalifa.

— Então, inspetor — disse ele. — Samuel Pinsker. Espero poder ajudar de alguma forma.

Não era o único a esperar. Após uma reunião interminável em que o chefe Hassani martelou por uma hora e meia sobre a iminente inauguração do museu no Vale dos Reis — dali a apenas quatro dias —, Khalifa passara o que restara de sua manhã analisando as anotações detalhadas sobre o caso que Ben-Roi lhe enviara. Uma ligação para o hotel em Roseta onde Rivka Kleinberg fizera a reserva de um quarto nada revelou além do que já haviam dito ao pessoal de Ben-Roi. A unidade de crimes graves de Alexandria não conhecia qualquer ligação entre Roseta, tráfico sexual, invasões de computador ou qualquer outra forma de crime organizado de fato, além dos casos ocasionais de pesca ilegal de lagosta. Caso a Barren

fosse vitoriosa na concorrência pelo campo de gás no Saara, este seria um dos maiores negócios que o governo egípcio já teria feito com uma empresa estrangeira, segundo um contato de Khalifa no *Al-Masry al-Youm*. Ainda assim, não havia qualquer ligação óbvia com um assassinato em Jerusalém. Em resumo, ele não acrescentara rigorosamente nada ao que o israelense já sabia. Se ele fosse ajudar Ben-Roi neste caso — e quanto mais ele mexia nisso, mais Khalifa se sentia impelido a ajudar — tudo se concentraria em descobrir por que Rivka Kleinberg estivera interessada em Samuel Pinsker. E descobrir isso, aparentemente, estava diretamente vinculado ao encontro com Digby Girling. Portanto, sim, havia um bocado de expectativa sobre essa conversa.

— Fui informado de que o senhor fez algumas pesquisas sobre Pinsker — começou ele.

— Para uma modesta monografia que escrevi há alguns anos — confirmou o inglês. — *Todos os homens do rei-menino — membros esquecidos da equipe de escavação*. Vendeu principescos vinte e seis exemplares na livraria do museu Petrie. Um verdadeiro *best-seller* pelos padrões egiptológicos. Pinsker aparece devido ao seu trabalho de paisagismo na entrada da tumba. Por obséquio, Salah!

Dirigia-se a um garçom de branco que patrulhava o entorno da piscina. O homem se aproximou e perguntou o que poderia oferecer-lhes. Khalifa levantou a mão, indicando que não precisava de nada. Girling pediu um Pimms's.

— Sempre adquira algumas garrafas no *duty-free* — confidenciou ele. — O Ahmed lá do bar tem a mão perfeita para a mistura. Bastante menta, esse é o segredo.

Ele piscou, sacou um lenço e começou a secar a testa, que, nos dois minutos fora do ar refrigerado do interior do navio, já estava encharcada de suor. Khalifa acendeu um cigarro e já ia retomar a conversa quando Girling fez isso por ele.

— Sujeitinho interessante, o nosso Samuel — disse ele. — Aparece brevemente no livro, mas acabei por pesquisar bastante sobre ele. Completamente esquecido atualmente, é claro, mas em sua época foi uma figura bem importante. Frequentemente, considero aproveitar minhas anotações para um outro livro.

Bateu com o lenço uma última vez na testa, tirou o chapéu e começou a se abanar com ele.

— Ele era um engenheiro por formação. Um engenheiro de mineração, judeu mancomuniano, para ser exato, o que não consigo imaginar como sendo uma demografia particularmente vasta. Veio para o Egito originalmente para instalar um sistema de guindastes numa mina de fosfato para os lados de Kharga e acabou ficando, dando consultorias em algumas das missões arqueológicas em Luxor. Pinsker foi o primeiro a observar a importância de ventilar as tumbas mais profundas do vale adequadamente. Não fosse por ele, não haveria mais qualquer decoração atualmente. Não que isso fosse incomodar muito aquele bando.

Ele virou a cabeça em direção à piscina, onde duas mulheres de biquíni estavam sentadas nos ombros de dois homens gordos, gritando às gargalhadas enquanto disparavam com pistolas d'água uma contra a outra.

— O canto da sereia da *Femina britannica* — suspirou Girling, revirando os olhos e virando a cadeira para tirar a piscina de seu raio de visão. Por cima de seu ombro, a ampla avenida esmeralda do Nilo brilhava sob o sol da tarde e, por um breve momento, Khalifa ficou observando uma barca navegando rio acima ao longo da margem esquerda, a proa cortando a água espumante profundamente. Antes de se deixar afundar nos devaneios, a voz de Girling ribombou novamente.

— ... numa favela de Manchester, sabe? Filho de um sapateiro analfabeto, falante do ídiche. Sobreviveu à penúria mais profunda e à discriminação religiosa para se formar em engenharia. Um homem brilhante, pelo que diziam, ainda que um tanto difícil. Sempre pronto para entrar numa briga, fortes princípios socialistas, o que, obviamente, o colocava em lados opostos em relação aos demais colonizadores por aqui. Estava sempre se metendo em confusão com as pessoas, notoriamente generoso com os seus, você sabe...

Ele fez um movimento de box com os punhos. Khalifa se lembrou da história que Mary Dufresne lhe contara sobre o ataque de Pinsker contra um homem de Qurna.

— Sim, parece que houve algum tipo de altercação — concordou Girling quando Khalifa mencionou o incidente. — Jamais encontrei os detalhes exatos, apenas que Pinsker se ofendeu com algo que o homem disse e o surrou até virá-lo do avesso. Deixou muita gente querendo a sua cabeça, ainda que, verdade seja dita, não tenha sido algo típico de Pinsker. Segundo a maioria dos relatos, ele era extremamente respeitoso com todos os nativos egípcios. Provavelmente teve algo a ver com o velho, você sabe... — Ele virou uma das mãos diante da boca como se estivesse bebendo. — Aquela história com seu rosto. Sua aparência era um assunto bastante delicado.

— Eu ia lhe perguntar sobre isso — disse Khalifa. — Seu rosto era... como se diz? ... Uma deformidade de nascença?

— De nascença? — Girling balançou a cabeça. — Não, não. A desfiguração veio muito mais tarde. Na verdade, ele foi um jovem muito bonito, se as poucas fotos que temos de sua juventude forem dignas de crédito. Olhos escuros, fortes traços semíticos. O rosto foi por causa do gás.

Khalifa não entendeu.

— Gás mostarda — explicou o inglês. — Primeira Guerra Mundial. Batalha de Passchendaele. Pinsker era sapador. Liderava uma equipe de escavação sob as linhas alemãs, os boches descobriram, abriram um contratúnel e bombearam uma carga de gás para dentro da trincheira britânica. Queimaram os pobres desgraçados vivos. Pinsker arriscou a vida tentando fechar a abertura para que os outros pudessem escapar. Recebeu uma Cruz da Rainha Vitória por se dar ao trabalho, apesar de ter sofrido por isso pelo resto da vida. Sentia dores contínuas, aparentemente. Precisava da embriaguez e da morfina só para funcionar. Uma figura trágica, sob vários aspectos.

Khalifa duvidou que a garota estuprada por Pinsker pudesse pensar da mesma forma. Guardou o pensamento para si, sem querer ouvir uma dissertação detalhada sobre o estupro. Em vez disso, pegou uma fotocópia no bolso para direcionar a conversa para o aspecto da história de Pinsker que realmente o interessava: a carta de Howard Carter.

— Suponho que isso não signifique nada para o senhor, será? — perguntou, estendendo-lhe a cópia.

Girling colocou o chapéu de volta na cabeça, tirou os óculos meia-lua do bolso e leu toda a carta. Os olhos se arregalaram à medida que avançava.

— De onde você desencavou isso? — perguntou ele ao chegar ao final e levantar os olhos.

— Estava no arquivo da polícia. Descobri há uns dois dias.

— Quisera ter sabido disso. Poderia ter incluído em minha monografia. Extraordinário. Absolutamente extraordinário.

— O senhor tem alguma ideia do que significa? Essa parte sobre ter descoberto alguma coisa?

— Bem, obviamente, não posso estar cem por cento seguro — disse Girling, examinando a carta novamente — mas, considerando tudo, eu arriscaria um bom dinheiro que ele se refere ao Labirinto de Osíris.

A convicção com que ele falou pegou Khalifa de surpresa. Não antecipara uma resposta tão direta, achava que teria que cavar um pouco mais. Ele chegou para a frente, um arrepio percorrendo a espinha, esquecendo tudo o que fora dito até aquele ponto.

— O que é esse *Lab-rin*?

— Labirinto — corrigiu Girling. — Uma das duas maravilhas egípcias assim batizadas pelos gregos. A outra, é claro, sendo o complexo mortuário de Amenemhat III, em Hawwara. Ainda que, na minha opinião, dos dois, o Labirinto de Osíris é de longe o mais interessante.

— É uma tumba, esse *Lab-rin*?

— Não, não, não. A papada de Girling balançou quando ele abanou a cabeça. — Era uma mina. A mina, na verdade. A principal fonte de ouro para os faraós do Império Novo.

O arrepio ficou bem mais forte. Segundo as anotações que Ben-Roi enviara, Rivka Kleinberg estivera lendo sobre minas de ouro.

— Eu jamais sequer ouvi falar disso — disse Khalifa.

— Bem, provavelmente não teria ouvido falar mesmo, a não ser que tivesse um interesse especial pela tecnologia de materiais do antigo Egito. Para ser honesto, eu não sabia muito sobre isso até

aparecer em minha pesquisa sobre Pinsker e eu me aprofundar um pouco mais sobre o assunto. Faz sombra a todas as outras minas de ouro, aparentemente. Os tesouros de Tutankamon, o cofre de Tell Basta, as joias de Ahhotep, a câmara mortuária de Djehuty — dê uma olhada neles e existe uma boa chance de estar olhando para ouro extraído do Labirinto. Uma verdadeira cidade subterrânea, se quiser dar crédito a Heródoto.

— E Pinsker estava em busca dessa mina?

— Certamente — disse Girling. — Parece ter se tornado algum tipo de obsessão dele. Não tenho ideia de onde ele ouviu falar disso pela primeira vez, mas, desde que pôs os pés no Egito, fazia expedições contínuas para o Deserto do Leste, tentando encontrar o labirinto. O que acredito fazer sentido, sendo ele um engenheiro de mineração. Existe uma carta dele no arquivo Bracken, em Manchester — Joseph Bracken, um ativista da união em 1920, velho camarada de Pinsker dos tempo da guerra — em que ele fala incansavelmente sobre isso, sobre como seria incrível encontrar o lugar. Não tanto pelo aspecto do ouro, mas pela luz que a mina poderia lançar sobre as antigas práticas de trabalho. Em uma era em que todos aqueles desocupados não encontravam nada para fazer além de ir atrás dos faraós e seus tesouros, tudo o que Samuel Pinsker desejava era pesquisar o proletariado. Um autêntico discípulo de Marx. Aha! A cavalaria se aproxima!

O garçom se aproximou deles, equilibrando a bandeja na ponta dos dedos. Ele descarregou o Pimm's de Girling e apesar de nenhum pedido, um copo de água gelada para Khalifa.

— À sua saúde! — saudou o inglês, levando o copo até os lábios e bebendo um terço do conteúdo num só gole, a garganta carnuda se abrindo e fechando como a de um pelicano. Khalifa deu um gole na água, satisfeito agora por tê-la em mãos. Ficaram em silêncio e em seguida:

— *Tão profundos são seus poços, tão numerosas suas galerias, tão assombrosa sua complexidade, que adentrar por seu portal é perder-se completamente, o próprio Dédalos se confundiria.*

Girling deu outro gole cheio e acomodou o copo na curva da barriga.

— É assim que Heródoto descreve o Labirinto — disse ele. — Ou, ao menos, a paráfrase de Heródoto, não consigo lembrar a passagem textualmente. Aparentemente, o lugar era tão abundante em ouro que era possível cortá-lo aos pedaços da parede com uma faca, como se fossem pedaços de carne, e ao sair sob a luz do sol, supondo que a pessoa *conseguisse* sair, seu cabelo estaria brilhando, incendiado pela poeira dourada. Jamais espere meias palavras de Heródoto. Ele deu uma risadinha e rodopiou a folha de menta dentro do que restava do Pimm's. Khalifa deu o último trago no cigarro.

— É claro que apenas os gregos se referiam ao lugar como um labirinto — acrescentou Girling. — Os egípcios não conheciam tal conceito. Conheciam o lugar pelo título mais prosaico de *shemut net wesir*, as Passagens de Osíris. Osíris, obviamente, como o deus do submundo.

Shemut net wesir soava familiar, ainda que de maneira vaga. Apesar do fascínio pelo passado do país, mineração antiga não era uma área deste passado à qual Khalifa dedicara muitos de seus pensamentos.

— Heródoto é nossa única fonte sobre essa mina? — perguntou ele.

— Não, não, ela é mencionada em diversos outros lugares — respondeu Girling, girando a menta outra vez antes de tirá-la do corpo, inclinar-se para a frente e beber ruidosamente. — Certamente não posso alegar com grande autoridade sobre o assunto, mas, definitivamente, existe uma passagem em Diodoro Sículo. Descreve como, no auge da mina, o trabalho era feito por dezenas de milhares de escravos, produzindo ouro suficiente para desequilibrar um elefante numa balança. E creio lembrar de alguns fragmentos também em Agatárquides. Além das antigas fontes egípcias, que por serem antigas fontes egípcias são bem mais enigmáticas e abertas à interpretação.

Deixou a folha de menta escorregar de volta para o copo, bebeu o resto do Pimm's e, pegando o lenço novamente, o aplicou à camisa e às calças, respingadas. Da beira da piscina, veio a voz estridente de uma mulher querendo saber onde Janine colocara o Ambre Solaire, seu filtro solar. Uma lancha turística se aproximava

pelo Nilo, o teto exibindo o nome não muito apropriado de *New Titanic*.

— É claro que existem aqueles que gostam de jogar caquilha na história toda — disse Girling, retomando o assunto, novamente sem precisar de qualquer estímulo de Khalifa. — Afirmam que não passa de um mito. Uma espécie de Eldorado egípcio. Carter, por exemplo, foi um dos que desprezou a ideia, mas ele tinha tendência a desprezar qualquer coisa que pudesse lançar sombras sobre sua própria descoberta. Os textos, no entanto, surpreendem pela coerência, com certeza segundo os padrões da antiguidade, e acredito que algumas novas inscrições possam ter surgido recentemente para reforçar as evidências. O percalço óbvio, o fato de ninguém jamais ter encontrado realmente essa porcaria. E, agora, parece que alguém esteve lá. Pelo menos é o que diz. — Ele brandiu a carta. — Extraordinário. Absolutamente extraordinário.

— Você acha que ele dizia a verdade? — perguntou Khalifa.

— Não vejo motivo algum para que ele mentisse. Era um sujeito abusado do norte, não muito dado a se deixar levar pela fantasia. Se afirma ter encontrado, não creio que tenha sido ouro de tolo. Absolutamente extraordinário. O senhor se incomodaria se eu ficasse com uma cópia disso?

— Por favor, fique à vontade — disse Khalifa. — O original está no meu escritório.

— Muito agradecido. Realmente, parece-me que eu deveria começar a trabalhar nesta história do Pinsker. Ele parece ainda mais interessante do que eu pensava. Uma espécie de Mallory da egiptologia.

Khalifa não entendeu a referência, mas não insistiu. Sua mente viajava, explorando os ângulos possíveis para explicar por que uma jornalista israelense, escrevendo um artigo sobre tráfico sexual, estaria interessada pela descoberta de uma antiga mina de ouro egípcia. Não era sua obrigação fazer isso, o caso era de Ben-Roi, mas não conseguia evitar. Alguma coisa no caso o fisgara. Fisgado de um jeito como nada antes, desde...

— Sabemos mais alguma coisa sobre essa mina?

— Hmmn? — Girling lia a carta de novo, perdido nos seus próprios pensamentos.

— A mina. Sabemos mais alguma coisa sobre ela?

— Bem, como eu disse, não é exatamente minha área de especialização. O inglês dobrou a carta e a enfiou no bolso da camisa. — Sempre estive mais para um greco-romanista. Com toda a certeza era grande, todas as fontes concordam sobre isso. A mãe de todas as antigas minas egípcias. E parece ter sido explorada durante todo o Novo Império. Cerca de quinhentos anos de escavações e túneis, e se você pensar que mesmo as tumbas mais profundas no Vale dos Reis não levaram mais de vinte anos para serem escavadas, dá para ter alguma ideia da provável escala do lugar. Totalmente explorado nos tempos antigos, é claro, mas, ainda assim, seria uma grande descoberta.

— E ficava em algum lugar lá no Deserto do Leste — disse Khalifa.

— É lá que as fontes costumam situá-lo. Os mais antigos trabalhos em ouro foram encontrados nessa parte do mundo. Lá ou na Núbia. O que, é claro, vem de *nub*, a antiga palavra egípcia para ouro.

Ele pegou o lenço e voltou a aplicá-lo à testa.

— As pessoas com quem você realmente deveria estar falando são os Raissoulis — disse ele. — Perambulam por aquele canto do Egito há uns vinte anos, conhecem tudo o que há para saber sobre mineração antiga. Novamente, o nome soou familiar para Khalifa.

— Irmão e irmã?

— Exatamente. Uma dupla notável. Aquelas novas inscrições que mencionei, estou quase certo de que foram os Raissoulis que as encontraram. É com eles que você precisa falar, se quiser saber mais sobre o Labirinto. Trabalham na Universidade do Cairo, creio.

Khalifa fez uma anotação mental para entrar em contato com eles. Lançou mais algumas perguntas, mas Girling nada mais tinha a acrescentar ao que já dissera e, quando o inglês começou a consultar o relógio disfarçadamente, Khalifa agradeceu pela ajuda e concluiu a entrevista.

— Espero não estar apressando o senhor — disse Girling, em tom apologético. — Mas preciso receber um grupo na Avenida das Esfinges às cinco e o horário está um pouco apertado.

Khalifa lhe disse para não se preocupar, pois já tinha tudo aquilo de que precisava.

— Uma beleza o trabalho com a avenida, aliás — acrescentou Girling, levantando-se da cadeira. — Uma realização notável. Transformou toda a cidade. Como alguém nascido em Luxor, o senhor deve estar muito orgulhoso.

Khalifa não respondeu, apenas deu um último gole na água e se levantou. Por um breve instante, seu olhar pairou sobre uma enorme ilha flutuante de *ward-i-nil*, descendo pelo meio do rio, uma garça cinza pousada orgulhosamente no meio das plantas, como um barqueiro conduzindo sua embarcação.

Então, abanando a cabeça, acertou o passo ao lado do inglês.

— Tem só mais uma coisa — disse, enquanto caminhavam de volta pelo convés. — Em sua pesquisa sobre Pinsker, o senhor não encontrou nenhuma ligação dele com Israel, não?

O inglês franziu as sobrancelhas.

— Não me ocorre nada de imediato. Israel nem sequer existia na época de Pinsker. Era na época do mandato britânico sobre a Palestina. Ou seria do mandato da ONU sobre a Palestina? Jamais consigo lembrar. De uma forma ou de outra, estou bem certo de que Pinsker jamais foi para lá. Na verdade, era bastante cético em relação a toda essa história de sionismo. Ainda que, uma vez estando no Egito, não seria impossível ir até lá fazer uma visita. Se foi, jamais ouvi falar disso.

Ele chegou à porta para o interior do navio e se virou para Khalifa ao passar.

— Espere aí, houve um membro da família que se mudou para lá. Em algum momento no final dos anos 30. Um primo, talvez. Muito distante. Ficou lá por uns dois anos e voltou para a Inglaterra, por desilusão. Não consigo lembrar o nome.

Ele pensou por um momento, depois deu de ombros, desculpando-se, e entrou. Khalifa ficou parado onde estava, observando o amontoado de *ward-i-nil* flutuar para o norte, em sua

jornada para o mar, girando lentamente levado pela corrente. Então, acendendo outro Cleópatra, seguiu Girling para dentro do navio.

— Devo dizer que isso me soa um caso intrigante — chegou-lhe a voz do inglês da escada mais adiante. — Antigas minas de ouro, arqueólogos desaparecidos, mistérios na Terra Santa. Mais parece a trama de um romance. Adoraria saber do que isso tudo se trata.

Khalifa segurou o cigarro.

— Somos dois então — murmurou.

JERUSALÉM

Às sete horas, Ben-Roi e Leah Shalev estavam sentados na varanda do apartamento dela, em Ramat Denya, bebericando vinho e apreciando o vermelho furioso do pôr do sol. De trás deles, vinha o som abafado de panelas batendo enquanto Benny, o marido de Shalev, se ocupava com o jantar. Um cachorrinho os observava do outro lado da varanda, uma pequena bola de pelo funguenta que atendia pelo improvável nome de Gorgeous — lindo.

— O que você conclui disso tudo? — perguntou ela.

— As palavras que me ocorrem são “absolutamente porra nenhuma”.

— Com certeza, isso descreve a situação.

Ela apoiou os pés no parapeito da varanda e empurrou, inclinando as pernas da cadeira para trás. Aparentemente, ela colocou a delegacia abaixo quando eles trouxeram Petrossian naquela manhã. Agora, tinha voltado ao normal — calma, contida, focada.

— O velho certamente tem perguntas a responder — disse ela.

— Ele mentiu sobre o álibi. E a ligação telefônica não cheira bem.

A ligação era um dado novo. Amos Namir passara a tarde verificando os registros telefônicos do arcebispo, e, veja só, acabou encontrando uma ligação vinda do telefone de Kleinberg. Três semanas antes da morte dela. Uma conversa de cinco minutos.

— Quando o vimos na catedral, ele afirmou não conhecer Kleinberg.

— Ela ainda não tinha sido identificada.

— Ainda assim, é um vínculo direto com a vítima — disse Shalev. — E o nome dela estava em todos os jornais. Ele poderia ter se apresentado. É evasivo, não há dúvida disso.

— Você parece estar concordando com Baum.

— O dia em que eu concordar com Yitzhak Baum, será o dia em que entregarei minha insígnia. Mas a história com Petrossian não

está fechando. E, neste exato momento, ele é o suspeito mais forte que temos. É o *único* suspeito.

Ben-Roi também pôs os pés no parapeito e tomou um gole do vinho Barkan Chardonnay. Nada do seu agrado, mas a cerveja de Shalev tinha acabado e, depois de tudo dar errado naquele dia, ele precisava de um drinque.

— Trata-se de um velho, Leah. Você mesma disse.

— Então, de uma hora para outra, idade passou a ser uma qualificação? Amon Herzig não era exatamente um frangote.

Herzig fora o primeiro caso de assassinato em que tinham trabalhado juntos. Assassinou a mulher. Manchete de primeira página. Tinha 83 anos.

— Não foi Petrossian — insistiu Ben-Roi. — Você sabe disso tão bem quanto eu. O que quer que ele esteja escondendo, e obviamente está escondendo alguma coisa, não há como ele ter enforcado Rivka Kleinberg.

— Então Petrossian sabe quem foi e está protegendo o culpado.

Isso era um pouco mais viável, ainda que Ben-Roi não conseguisse ver exatamente como.

— A coisa não fecha, Leah. Simplesmente não fecha.

— E o que é que fecha, então? — Ela o olhou atravessado. — Diga-me, Ariele, por favor. Por que, com toda a boa vontade do mundo, já estamos a dez dias nisso e você não trouxe nenhuma outra sugestão melhor.

Parecia justo. Tráfico sexual, Vosgi, Barren, Egito, Nêmesis, Samuel Pinsker — no final, tudo não passava de pinceladas aleatórias, entrecruzadas em alguns aspectos, mas nunca de forma a produzir qualquer coisa próxima a um quadro coerente. Ele estava na pista certa, podia sentir isso — com cada célula de seu corpo de policial —, mas estar na pista certa e ter um caso viável nas mãos eram duas coisas muito diferentes.

— Estou chegando lá — disse, desanimado.

— Fico encantada. Infelizmente, estar chegando lá não vai servir de nada com Baum. Ele quer Petrossian. E é o primeiro de uma longa fila.

Ele franziu a testa.

— Significando?...

— Significando que o arcebispo não despertou muitas simpatias ao longo dos anos. Fez alguns comentários bem inflamatórios sobre as ocupações, o bloqueio de Gaza, corrupção na cidade... Fez inimigos nos altos escalões. Muitos inimigos.

— Você está dizendo que vão colar isso nele?

— O que estou dizendo é que tem muita gente influente que não se incomodaria de vê-lo pagando alguns pecados. Ainda seguimos a lei neste país, apenas — e, se as provas não estiverem lá, eles não vão arriscar mandá-lo para julgamento. Mas há muita pressão para descobrir essas provas. E o arcebispo não está fazendo nenhum favor a si mesmo.

Ben-Roi baixou a cabeça e esfregou as têmporas. Fora um longo dia. Mais um.

— O que o chefe Gal está dizendo? — perguntou ele.

— Não muito. No momento, o show é do Baum.

— Ele vai detê-lo?

Shalev encolheu os ombros.

— O superintendente-chefe não se dignou a partilhar seus pensamentos comigo, mas meu palpite é que, a não ser que ele consiga alguma coisa bem sólida, não vai mantê-lo detido — os protestos não são boa publicidade. Vai segurá-lo pelas 24 horas, apenas para marcar posição, e depois colocá-lo em prisão domiciliar.

— Preciso falar com ele.

Alguma coisa no jeito que ela contraiu a boca advertiu Ben-Roi de que aquilo não seria fácil. Baum protegia sua galinha dos ovos de ouro. Ele baixou os pés e girou a cadeira para encará-la de frente.

— É sobre a garota, Leah. Vosgi. Ela é a chave. Não sei como, não sei por quê, mas Vosgi é a chave. E algo me diz que Petrossian sabe mais sobre ela do que está deixando passar. Preciso falar com ele.

Da cozinha, veio a voz de Benny Shalev anunciando que o jantar estava pronto. A esposa olhou por cima dos ombros, baixou o braço e estalou os dedos. O cachorro atravessou a varanda, as patas fazendo barulho no chão, e pulou no colo dela, bufando com prazer

enquanto ela coçava atrás de suas orelhas. Ela ficou ali por um instante. Então, erguendo o cão, deu-lhe um beijo no focinho.

— Verei o que posso fazer — disse ela. — Não posso prometer nada além disso. E é melhor você olhar onde pisa. Olhar *muito* bem. Baum é um babaca inescrupuloso, mas é amigo das pessoas certas. Pode criar muitos problemas. Não vá pisar nos calos dele. OK?

Ben-Roi bufou, divertido.

— Pelo que Zisky me contou sobre hoje de manhã, você precisa provar um pouco de seus próprios conselhos.

— Isso foi hoje de manhã — disse Shalev. — Amanhã de manhã, vou chegar lá e dar uma boa babada de ovo no superintendente. Dei duro para chegar onde estou e não estou disposta a jogar tudo fora.

— Mesmo que isso signifique pegar o homem errado?

Ela não respondeu nada. Em vez disso, colocando o cachorro no chão, bebeu o restante do vinho e se levantou. Ben-Roi fez a mesma coisa e os dois voltaram para o apartamento. Benny Shalev se agitava na cozinha com uma grande panela, seguido pela filha mais nova, Malka, que segurava uma pilha de pratos.

— Vai jantar com a gente, Arie? — perguntou ele. — Tem mais do que suficiente para repetir.

Ben-Roi agradeceu, mas disse que precisava ir andando.

— Vou levar Sarah para jantar. Preparei o café da manhã para ela e acho que tenho que compensá-la por isso.

Os dois bateram as mãos e Leah o levou até a porta da frente.

— Fique firme — disse ela, quando ele saiu para o corredor e apertou o botão da minuteria. — Vou te dar cobertura, um pouco mais de espaço. Mas fique de cabeça baixa. E cuidado onde pisa. Tenho um mau pressentimento sobre esse caso.

— Você disse isso antes.

— Eu sei. E o sentimento está ficando pior.

Ela hesitou. Então, erguendo-se na ponta dos pés, deu-lhe um beijinho na bochecha. Trabalhavam juntos há cinco anos e ela jamais fizera algo assim. O gesto pareceu surpreendê-la tanto quanto a ele. Ela corou, e, murmurando, “Cuide-se, Arie”, fechou a

porta. Ben-Roi estava apenas no meio da escada quando a minuteria da luz desarmou e o deixou no escuro.

LUXOR

Logo depois de seu encontro com Digby Girling, Khalifa ligou para a Universidade do Cairo, esperando descobrir algo mais sobre o Labirinto de Osíris. A mulher com quem ele falou — uma secretária do departamento de arqueologia — confirmou que a equipe de irmãos, Hassan e Salma Raissouli, de fato era uma das mais eminentes autoridades em mineração de ouro antiga. Infelizmente, estavam fazendo pesquisa de campo, no momento, no meio do Sinai, e só retornariam para o Cairo em duas semanas. Khalifa lhe disse que era urgente e ela concordou em tentar contatá-los pelo telefone via satélite, apesar de alertá-lo de que a comunicação era notoriamente esporádica e poderia levar dias até conseguirem uma resposta. Ele deixou por conta dela, foi para casa, ajudou Batah com o jantar, colocou Yusuf na cama e depois, movido por uma súbita necessidade de ver como era ser um casal normal novamente, pegou Zenab para darem uma caminhada pela noite de Luxor.

Eles praticamente não saíram mais. Antes de Ali morrer, faziam isso o tempo todo: jantar do outro lado do rio com Mahmoud, no Tutankamon; café e *shisha* no mercado popular; caminhada até Karnak para um passeio noturno pelo complexo abandonado do templo (uma das vantagens de ter um passe policial). Depois, o máximo que conseguia era fazer com que ela fosse de uma ponta a outra do apartamento. Naquela noite, como ela sempre fazia, lhe dissera que não queria ir, não conseguia encarar, mas ele insistiu e, por fim, ela cedeu, sentindo que era importante para ele. E para ela também, de certa maneira. Assim, deram-se os braços e seguiram pela Medina al-Manawra para o centro da cidade, sem dizer coisa alguma, de fato, apenas caminhando em meio à multidão noturna, parando por um instante para observar os festejos de um enorme casamento ao ar livre, até acabar num pequeno café do outro lado do parque do Medina Club, onde estavam sentados.

— Mais chá? — perguntou ele.

— Não, obrigada.

Ela falava tão baixo naqueles dias, quase não se ouvia.

— Um trago?

Ele ofereceu o bocal da *shisha* que estava fumando. E ela balançou a cabeça.

— É *tufah*.

A cabeça balançou novamente

— Você costumava amar *tufah*.

Dessa vez, ela deu de ombros. Uma carroça puxada por um burro carregada de botijões de gás passou sacolejante diante deles.

— Talvez a gente já pudesse ir voltando — disse ela.

— Mas acabamos de sair.

— Não gosto de deixar as crianças. Você sabe como Yusuf acorda, fica...

Khalifa passou o braço pelos ombros dela.

— As crianças estão bem, Zenab. Batah é uma menina crescida, é mais do que capaz de cuidar do irmão por umas duas horas. Ela liga, se precisar de nós.

Ele bateu no celular no bolso da camisa.

— Vamos ter um tempo para nós, que tal? Tente aproveitar a noite.

Pareceu-lhe que ela ia discutir, mas, com um aceno leve de cabeça, ela esticou o braço e entrelaçou os dedos com ele.

— Você está certo — respondeu ela. — É bom para nós sairmos. É só que... — Ela mordeu o lábio.

— Eu sei — disse ele, puxando-a para perto. — Acredite, Zenab, eu sei. Mas temos que tentar tocar em frente.

Ele lhe apertou a mão e soprou a *shisha*, exalando lentamente a fumaça do tabaco aromatizado com maçã. Das mesas em torno vinha o som misturado das conversas e da bulha dos dominós; no parque do outro lado da rua, crianças gritavam aos pulos nas camas elásticas e deslizando pelos escorregadores.

— Ei, Mohammed Sariya me contou uma boa outro dia — disse ele, tentando melhorar o clima, deixá-la menos ensimesmada. — Mubarak, Gadaffi, Ben Ali e um camelo estão juntos num balão. Aí, uma tempestade começa...

O celular tocou. Zenab se contraiu.

— Está tudo bem — disse ele. — Tudo bem.

Colocando o bocal do narguilé de lado, tirou o telefone do bolso. Não era o número de casa. Não era nenhum número que ele reconhecesse. Mostrou-lhe a tela para tranquilizá-la e atendeu. Uma descarga de estática estalou em seu ouvido.

— Alô?

Mais estática.

— Alô?

Nada. Número errado. Ou uma daquelas ligações automáticas para tentar vender alguma coisa. Fez uma terceira tentativa, e, sem ouvir resposta, já ia desligar quando subitamente:

— ... com a gente sobre mineração de ouro. Disse que era urgente.

A voz, de mulher, chegou alta e clara, a estática se transformando num chiado de fundo. Khalifa tirou o braço do ombro de Zenab.

— Senhorita Raissouli?

— Por favor, me chame de Salma.

— E eu sou Hassan. — Uma voz de homem ecoou pela linha. — Perdoe a demora para responder.

Pelo contrário, disse Khalifa, não esperava conseguir falar com eles tão cedo.

— Normalmente, deixamos o telefone desligado — veio a voz da mulher de novo.

— Para economizar bateria — completou o homem.

— Mas precisamos combinar um envio de mantimentos...

— ... e por isso recebemos o recado de Yasmina, na faculdade.

Pareciam falar intercaladamente, a linha da conversa passando de um para outro, sem interrupções. Khalifa imaginou os dois sentados lado a lado, segurando o fone entre eles, cada um se inclinando para falar na sua vez.

— Então, como podemos ajudá-lo? — perguntaram simultaneamente.

Cobrindo o telefone, voltou-se para Zenab.

— Me desculpe — disse — preciso falar com essas pessoas. Você se importa?

Ela acenou, indicando que continuasse com a conversa.

— Tem certeza? Posso pedir que liguem outra hora.

Ela balançou a cabeça e sinalizou novamente para que ele continuasse. Ele ficou incomodado, sabia que deveria adiar a conversa, mas, quem sabe, não fosse demorar e ele realmente queria saber a respeito daquela mina de ouro. Ele tocou o antebraço dela, moveu os lábios para dizer sem som que seria rápido, virou-se e atualizou os Raissoulis sobre a situação. Não o assassinato — apenas a história de Samuel Pinsker. Quando lhes contou sobre a carta de Howard Carter, um dos dois engasgou e o outro assobiou — era difícil saber qual fizera o quê.

— Circularam alguns rumores de que alguém tinha encontrado — disse Salma —, mas, para ser honesta, nunca acreditei neles. Nem sequer já tinha ouvido falar desse tal de Pinsker.

— Mas já tinha ouvido sobre o Labirinto?

— Com certeza. É uma das poucas minas de ouro que ficaram conhecidas por um nome específico e não pelo termo genérico *bia*.

— A antiga palavra para mina — completou o irmão.

Após a interferência inicial, a linha ficara cristalina. Difícil acreditar que falava com pessoas que estavam no meio do deserto.

— E a mina existiu com certeza? — perguntou Khalifa.

— Ah, sim — respondeu Salma. — Todos os historiadores gregos a mencionam, ainda que sabidamente escrevendo quinhentos anos mais tarde...

— Quase mil, no caso de Diodoro — cortou o irmão.

— ... mas também existem algumas poucas referências contemporâneas. Incluindo um par de inscrições que nós mesmos descobrimos.

Digby Girling mencionara alguma coisa sobre isso. Khalifa deu uma olhada em Zenab — ela estava sentada com as mãos no colo, observando a festa de casamento no parque do outro lado da rua — ele então pediu mais informações.

— Uma delas era um grafito no fundo do Wadi el-Shaghab — Hassan novamente. — A linguagem é um pouco obscura...

— Alguma vez foi clara? — a voz da irmã ecoou no fundo.

— ... mas basicamente registra a passagem de uma caravana de ouro da mina em direção ao vale do Nilo. Provavelmente deixada por um dos soldados da caravana. Tem um cartucho de Ramsés VII...

— Ou Ramsés IX, possivelmente.

— ... o que sugere que, mesmo ao final do Novo Império, a mina continuava produzindo.

Do outro lado, um coro de gritos explodiu quando uma enorme roda-gigante hidráulica foi erguida e começou a girar. Khalifa cobriu o ouvido com a mão para bloquear o som.

— E a outra inscrição?

— Aquela está na face de uma montanha acima do Wadi Mineh — disse Salma. — Nós só a encontramos no ano passado, não foi sequer publicada ainda. É especialmente interessante, pois, até agora, é a mais antiga referência à mina de que se tem conhecimento.

— Início da 18ª Dinastia — completou a voz do irmão. — O reino de Tutmés II.

— De novo, a linguagem estava bem complicada — disse Salma —, mas, até onde conseguimos desvendar, é algum tipo de proclamação real anunciando a rededicação da mina. Se você puder esperar um instante, eu vou...

Ouviu-se um ruído de páginas sendo viradas, possivelmente ela consultava um caderno.

— Aqui vamos nós. Ela começou a ler: *As terras da mina de ouro, reveladas ao meu pai e antes domínio de Hathor, são agora domínio de Osíris, e o ouro é Dele, e é Ele o dono de seus muitos caminhos, de tal forma que agora deve ser chamada de shemut net wesir — Passagens de Osíris.*

O caderno, ou o que quer que fosse, foi fechado com um estalo.

— Obviamente, existem diversas interpretações possíveis — prosseguiu ela —, mas o que achamos...

— O que temos *certeza* — cortou o irmão.

— ... é que a mina foi iniciada no reino de Tutmés I...

— Ou Amenófis I, possivelmente...

— ... e ficou tão profunda que o patrono dela deixou de ser Hathor, a divindade egípcia tradicional da mineração, e se tornou Osíris, o deus do submundo. O que, se estivermos certos, é absolutamente extraordinário. Quero dizer, a maioria dos trabalhos de extração de ouro no Egito não passava de escavações a céu aberto. Mesmo os subterrâneos nunca passavam de algumas dezenas de metros.

— E isso foi bem no princípio da vida da mina, lembre-se — completou o irmão. — Tem mais... o quê? Uns quatrocentos anos de escavação? Mesmo considerando períodos em que não houve trabalho, o tamanho potencial do lugar ainda desafia a crença. Não surpreende que também seja chamado de *bia we aa nub*.

— A maior de todas as minas.

Khalifa tateou para pegar o bocal da *shisha* e deu uma tragada. Por mais interessante que fosse tudo aquilo, ele ainda tentava traçar alguma linha direta entre uma mina de ouro de três mil anos e uma mulher garroteada numa igreja em Jerusalém. Claro que a Barren Corporation estava envolvida com mineração de ouro. E, pela experiência dele, ouro e violência jamais estavam muito distantes. Mesmo assim, tudo parecia muito tênue. Ainda mais quando entrava o fator tráfico sexual na equação. Tragou mais uma vez, deu uma olhada em Zenab — ela ainda estava olhando direto para a frente, perdida nos próprios pensamentos — e então fez a pergunta óbvia:

— E a mina foi certamente esgotada no passado?

Ouviu alguns sussurros e:

— É uma questão discutível — disse Salma Raissouli.

Não exatamente a resposta inequívoca que estava esperando.

— Como assim, discutível?

— Bem, Heródoto é bem claro sobre isso — veio a voz de Hassan. — Diz que a mina foi abandonada no final do Novo Império, pois todo o ouro fora extraído. Mas Diodoro Sículo, que parece trabalhar com uma fonte diferente da de Heródoto...

— E, sobre esse assunto em particular, geralmente é considerado o mais confiável dos dois — interrompeu a irmã.

— ... Diodoro simplesmente diz que o paradeiro da mina foi esquecido no final do Novo Império. Deduzindo, então, que não foi

esgotada, apenas perdida. Certamente não existem referências contemporâneas sobre a exploração ter continuado depois da 12ª Dinastia...

— No entanto, *existe* um papiro da Época Baixa que descreve uma expedição para tentar encontrar a mina novamente — disse Salma. — O que obviamente não teriam feito, a não ser que acreditassem que ainda havia alguma coisa que valia a pena ser extraída. Infelizmente, a expedição se perdeu no deserto e todos morreram de sede, jamais tiveram a chance de descobrir alguma coisa.

— O fato, simplesmente, é que ninguém sabe. — Hassan, novamente. — Pessoalmente, sou mais inclinado a Heródoto. Salma, como é próprio de minha irmã, tem opinião contrária. É impossível dizer, com certeza.

— E assim será até alguém realmente encontrar a mina — completou Salma.

— O que parece ser o que Samuel Pinsker fez — murmurou Khalifa, dando uma outra tragada profunda e pensativa na *shisha*. Ao lado dele, chegou um rapaz e começou a colocar pedaços de carvão em brasa com uma pinça no fole do cachimbo, substituindo os anteriores, que começavam a apagar. Khalifa mal o percebeu. Começava a sentir um daqueles calafrios pela espinha. Não era forte, mas com certeza sentia. Ele chegou para a frente da cadeira.

— Aparentemente, Heródoto disse algo sobre a mina ser tão rica que era possível...

— ... cortar o ouro da parede aos pedaços com uma faca — Hassan completou a frase para ele.

— Algum fundo de verdade nisso?

Risadas. Dos dois.

— Obviamente, você não sabe muita coisa sobre mineração de ouro — disse Salma. Khalifa concordou que com certeza era esse o caso.

— É uma boa história, mas é só fantasia — disse Hassan. — Os egípcios extraíram a maior parte do ouro de veios de quartzo aurífero. Basicamente, quartzo branco com partículas de ouro presas no interior. Para conseguir o ouro, precisavam arrancar pedaços de

quartzo da montanha, triturar até virar pó e lavar com água para extrair a parte preciosa. Portanto, não tão simples quanto sugere Heródoto. Diodoro Sículo se aproximou bem mais da realidade.

— Ainda que não exista qualquer dúvida de que os antigos depósitos *eram* muito ricos — completou Salma — e as fontes concordam que o depósito de Osíris era o mais rico de todos. Então pode haver uma ponta de verdade em Heródoto. As análises que fizemos dos montes de escória antigos sugerem que mesmo as minas mais pobres tinham cinquenta ou sessenta gramas de ouro por tonelada de minério, o que é praticamente o dobro do que podem chegar as minas modernas. E a pureza era excepcional. Algo como 23 ou mesmo 24 quilates.

Os termos técnicos cruzaram a mente de Khalifa, mas ele reteve a ideia. O arrepio ainda estava lá, subindo e descendo incomodamente pela espinha. Alguma coisa estava saindo daquilo tudo, ele podia sentir. Coalescendo. Tentando se revelar. Se havia alguma relevância para o caso de Ben-Roi, era uma outra questão.

— E tudo o que podemos dizer com certeza sobre a localização da mina é que fica em algum lugar do Deserto do Leste?

— É possível reduzir isso um pouco mais — respondeu Salma. — Os dois *wadis* onde encontramos as inscrições, El-Shaghab e Mineh, parecem ter sido usados como rotas principais para a mina, El-Shaghab pelo oeste e Mineh pelo norte. E há mais uns dois grafitos que mencionam Bir el-Gindi. Triangulando esses três pontos, dá para situar a mina em algum local nas terras altas centrais do deserto. O que ainda é uma área muito grande...

— E extremamente remota — acrescentou Hassan. — Poderia muito bem ser a Lua, pelos sinais de vida.

Aquilo fez Khalifa lembrar-se de outra pessoa usando aquela analogia recentemente. Não conseguiu lembrar o contexto exato e não quis perder tempo tentando. Em vez disso:

— Essa mina teria algum valor? Se alguém encontrasse?

A pergunta saiu de sua boca quase que por vontade própria. O corolário tácito seria: valor suficiente para se matar alguém?

— Suponho que tudo depende de como definir valor — disse Hassan. — Arqueologicamente, seria uma descoberta fantástica.

Especialmente se tiver se mantido com alguma integridade, sem que tenha desabado sobre si mesma.

— Estava pensando mais em termos financeiros — disse Khalifa.
— Supondo que ainda houvesse ouro lá.

— Bem, isso é uma grande pressuposição — disse Hassan. — O que quer que Diodorus quisesse dizer, realmente não vejo como possa ter sobrado alguma coisa dos depósitos originais. Não depois de cinco séculos de mineração contínua.

— Mas e se tivesse?

— Então, sim, é claro que seria valiosa. Quero dizer, ouro é ouro. Objeto de cobiça das pessoas.

— Ainda que exista um pouco mais sobre isso — exclamou Salma. — Como eu disse antes, não é simplesmente uma questão de marchar até lá com uma picareta e arrancar um bocado de ouro das paredes. Extrair o ouro do minério é um processo complexo e, considerando como a área é distante, seria preciso trabalhar em escala industrial para que a coisa fosse economicamente viável. Com os faraós, isso obviamente era possível, pois eles tinham um exército de escravos à disposição. Atualmente, existem alguns custos a mais. Para responder a sua pergunta, sim, teria valor, mas não para qualquer pé-rapado das ruas. Somente seria possível por meio dos recursos do governo ou com um grande conglomerado de mineração, capaz de empregar os recursos necessários para de fato conseguir algo rentável.

Um conglomerado como a Barren Corporation, pensou Khalifa.

Ele se recostou, soprando colunas de fumaça pelas narinas, filtrando as informações, sentindo que estava a caminho de alguma coisa, mas ainda se esforçando para transformar um monte de escória de uma mina de ouro egípcia num corpo em Israel, com a indústria de tráfico sexual fazendo a ligação entre os dois países. Alguns segundos se passaram. Então, percebendo que os Raissoulis esperavam por ele, assim como sua mulher, e também que não era responsabilidade dele descobrir esse elo, de qualquer modo, cabia-lhe apenas fazer o possível para ajudar Ben-Roi nisso, agradeceu o irmão e a irmã pela ajuda, disse que entraria em contato, caso

precisasse de algo mais e desligou. Permitiu-se mais alguns segundos, deixando a entrevista assentar em sua mente, e se virou.

— Me desculpe por ter...

A cadeira de Zenab estava vazia. Ele olhou em volta, achando que ela tinha entrado no café para pegar alguma coisa ou talvez olhar a vitrine de uma das lojas próximas. Nenhum sinal dela. Ele se levantou, percorrendo a rua de cima a baixo com os olhos, tentando encontrá-la no meio da multidão, o temor se transformando rapidamente em alarme.

— Zenab — chamou. Depois, mais alto: — Zenab!

Alguém tocou seu pulso. Ele se virou, achando que era ela, mas era o homem da mesa ao lado.

— Lá — disse ele, apontando para o outro lado. Khalifa seguiu a direção para onde o dedo apontava. Ela estava em pé junto à grade do parque, olhando para as crianças lá dentro, as mãos agarrando as barras como se fossem as da cela de uma prisão.

— Ah, Zenab — murmurou. — Ah, minha querida.

Deixando algum dinheiro na mesa, ele disparou na direção dela. Seus ombros estavam sacudindo. Ele a abraçou, puxando-a para perto e gentilmente a afastando de lá, amaldiçoando-se por não ter vigiado com mais atenção.

— Está tudo bem — disse ele. — Eu estou aqui.

Ela se encostou nele e escondeu o rosto em seu peito, soluçando descontroladamente.

— Sinto tanta saudade dele, Yusuf. Ah, Deus, tanta saudade dele. Simplesmente não aguento o silêncio.

A cidade estava cheia de sons — risadas, música, buzinas dos carros, o barulho das carroças —, mas ele sabia exatamente o que ela queria dizer. Sem Ali, sempre haveria um canto em suas vidas estranhamente silencioso, como uma casa deserta.

— Está tudo bem — repetiu ele, apertando-a, ignorando os olhares dos passantes, os comentários daqueles que desaprovavam esse tipo de demonstração pública de intimidade entre um homem e uma mulher. — Vamos superar isso. Prometo a você, Zenab, nós vamos superar.

Eles ficaram assim por algum tempo, abraçando-se apertadamente, alheios à multidão ao seu redor, fechados num mundo particular de dor. Então, ele apertou a mão dela na sua e a levou para casa, a conversa com os Raissoulis completamente esquecida.

NEGUEV

Desde a infância, ela prestava atenção nos ruídos noturnos e, no momento em que ouviu os passos estranhos lá fora — pesados demais para serem de Tamar, lentos e arrastados demais para serem de Gidi ou Faz —, ela estava totalmente desperta e buscando a Glock sob o travesseiro. Os passos pararam, começaram de novo, vieram direto para sua porta. Dava para ouvir a respiração — baixa, feroz, como a de algum predador —, e então a maçaneta começou a girar. Ela apontou a Glock, mirando com o cano. Uma volta, testando a tranca, depois outra, mais forte, mais insistente. A tranca cedeu na terceira tentativa e a porta começou a abrir, pesados painéis de carvalho se movendo com um rangido das dobradiças mal lubrificadas.

— Vá embora — sibilou ela, o dedo se contraindo no gatilho. — Vou matar você. Vá embora.

— Quero apenas conversar.

— Você nunca quer conversar! Vá embora! Vá embora!

— Não me faça forçar você, Rachel.

Ela puxou o gatilho. Ficou preso. Tentou de novo e de novo, a garganta queimando, o coração disparando com tanta força que ela achou que iria arrebentar para fora do tórax. A Glock não ia disparar. Ela começou a chutar e a agitar os braços. Ele tinha chegado em sua cama. Uma das mãos entrou sob a coberta, começou a forçar para abrir suas pernas.

— Não, não, por favor, não...

— Sssshhh.

— Você está me machucando. Por favor, pare, você está me machucando...

— Mas eu paguei. Todo aquele dinheiro.

— Isso machuca. Machuca.

— Sssshhh.

— Pare! Está doendo. Está me rasgando... Ah, Deus, não, por favor...

Ela acordou com um pulo.

Ficou ali deitada, a cena tão viva na cabeça que apenas lentamente conseguia fazer a transição do sonho para a realidade. Então, forçando-se a sentar, procurou o interruptor da lâmpada de cabeceira e encolheu os joelhos para junto do peito, soluçando.

Sempre o mesmo sonho. Noite após noite. Os detalhes variavam — às vezes, ele entrava no quarto; outras, já estava lá; às vezes o reconhecia; outras, era um estranho. A essência, no entanto, a respiração, o peso, o choque nauseante da penetração, nunca mudava. Nunca mudou, pelo tempo que conseguia lembrar. Todas as noites ia dormir implorando por um filme diferente. Todas as noites, seu subconsciente passava sempre o mesmo e insuportável filme de estupro. E ela era a estrela. Enxugou os olhos e apertou as pernas com força, a vagina doendo mesmo sem que nada realmente tivesse acontecido lá.

Vários minutos se passaram. Lentamente, os soluços diminuíram, o coração começou a bater mais devagar. Ela olhou para o relógio. Duas e dezessete da manhã. Ela pensou em ir para o quarto de Tamar, encolher-se ao lado dela, buscar abrigo no calor de seu corpo, mas estava acordada agora, sabia que não conseguiria se acalmar. Em vez disso, inclinou-se para pegar o *notebook* na mesa de cabeceira e o ligou. Um protetor de tela com a foto de um alto edifício de vidro e aço apareceu, as janelas brilhando à luz do sol — a sede da Barren Corporation, em Houston. Ela entrou com o *login* que tinha arrancado de Perks Chade e recomeçou a procura pelo disco rígido em busca de algo, qualquer coisa que pudesse ser considerada incriminadora. Que pudesse ajudar a derrubar a empresa. A dor entre as pernas diminuiu enquanto se concentrava de corpo e alma na missão.

JERUSALÉM

- O senhor está mentindo.
- Lamento se dou essa impressão.
- O senhor sabe quem é a garota.
- Receio que não.
- O senhor sabe onde ela está.
- Novamente, receio que...
- E Rivka Kleinberg achava a mesma coisa. Foi por isso que ela ligou para o senhor três semanas antes de ser assassinada.
- Infelizmente, não lembro dos detalhes da conversa.
- Infelizmente, não acredito no senhor.
- Sinto muito por isso.
- Onde a garota está?
- Não tenho como dizer.
- Por que mentiu sobre seu álibi?
- Simplesmente esqueci de mencionar que fui dar uma caminhada.
- Por que disse que era culpado pelo assassinato de Rivka Kleinberg?
- Eu disse que eu era *culpável* pelo assassinato. Fui eu quem ordenou a abertura tardia da catedral, afinal. Se não tivesse feito isso, ela não teria sido morta lá dentro.
- Não acredito no senhor.
- É uma opinião que lhe cabe.
- O senhor está escondendo alguma coisa.
- Se é o que o senhor diz...
- O senhor tem medo de alguma coisa.
- Todos temos medo de alguma coisa, detetive.
- Onde está a garota?
- Não tenho como dizer.
- O senhor está mentindo.
- Lamento se dou essa impressão.

Ben-Roi fechou o punho, frustrado. Estavam nisso há quarenta minutos, como uma fita sendo repetida infinitamente, de novo e de novo, avançando e voltando, para a frente e para trás, indo a lugar nenhum. O mesmo nas últimas vinte e quatro horas, pelas suas contas. O arcebispo não dizia nada, não admitia nada e, com a perícia sem encontrar coisa alguma no apartamento dele, o caso de Baum despencava como um pinto mole. E foi por isso que ele finalmente cedeu e deixou Ben-Roi iniciar sua entrevista. Um último e desesperado lance de dados antes de o período de vinte e quatro horas chegar ao fim e uma tonelada de ovos estourar em sua cara. Se Ben-Roi estava frustrado, isso não era nada comparado ao que seu amado superintendente-chefe devia estar sentindo naquele exato momento.

Ele consultou o relógio: 8h40. Levantou-se e saiu da cela por alguns minutos para esticar as pernas, limpar a cabeça. O arcebispo ficou sentado, em silêncio meditativo, um leve sorriso nos lábios. Sem arrogância ou deboche, como os sorrisos de calhordas profissionais como Genady Kremenko. Era um tipo diferente de expressão — calma, estoica, segura. Quase piedoso. O sorriso de alguém que acredita estar fazendo a coisa certa e mais do que feliz em sofrer quaisquer consequências que essa crença possa trazer consigo. Um sorriso de mártir, foi o que ocorreu a Ben-Roi. E, se havia algo que sabia sobre mártires, era que jamais se dobravam, por mais que batessem neles. Voltou para a mesa, sentou-se e pegou a foto de Vosgi.

— Certo, vamos repetir novamente. O senhor conhece essa garota?

— Receio que não.

— Por que o senhor está mentindo?

— Eu não estou mentindo.

— Do que o senhor tem medo?

— Como eu disse, todos temos medo de alguma coisa, detetive.

E assim por diante, as mesmas perguntas, as mesmas evasivas, por mais trinta minutos até ele finalmente desistir e aceitar que estava batendo a cabeça contra uma parede de tijolos. O que quer que o arcebispo soubesse, estava trancado em seu interior e, por

mais que Ben-Roi forçasse e insistisse, ele não deixaria sair. Ben-Roi levantou-se, foi até a porta da cela e bateu no metal para que alguém viesse abrir. O arcebispo permaneceu ali, as mãos cruzadas diante de si, o anel de ofício brilhando púrpura na luz fraca da cela. Ainda com o mesmo sorriso no rosto.

— O senhor sabe, bem no início deste caso, um amigo meu disse que nada acontece no bairro sem que o senhor saiba — disse Ben-Roi, enquanto esperava a porta ser aberta.

O arcebispo olhou para ele.

— ... Ele estava errado. Não acho que o senhor faça a menor ideia de quem matou Rivka Kleinberg. E o diabo me carregue se tiver sido o senhor.

— Fico grato por ouvir isso.

— Mas o senhor sabe o que aconteceu com a garota — prosseguiu Ben-Roi. — E, ao esconder essa informação, não só está obstruindo uma investigação policial, como também está deixando um assassino em liberdade. Possivelmente para matar novamente. Será que sua consciência lida bem com isso, vossa eminência?

Ainda que o sorriso continuasse, os olhos de Petrossian se moveram levemente, a íris se contraindo uma fração. Poderia ter sido um lampejo de dúvida ou nada mais do que a reação a um grão de poeira. De qualquer modo, sumiu quase que imediatamente.

— Na minha experiência, as questões da consciência jamais são tão simples quanto parecem — disse o arcebispo. — Invariavelmente, provocam dilemas e consequências indesejadas. O homem que perde a vida combatendo um regime corrupto deixa para trás uma família que é então perseguida por esse regime. O crente que é queimado defendendo sua religião é um exemplo de sofrimento que outros se sentem compelidos a seguir. A consciência é um mestre duvidoso, detetive. Neste caso, no entanto, tanto quanto o possível, a minha está limpa. Agora, se o senhor não se importar, eu imploro por alguns momentos de oração.

Atrás de Ben-Roi, a porta da cela foi aberta. Ele se levantou, observou o ancião baixando a cabeça e começar a murmurar, e saiu da cela.

— Bem?

O superintendente-chefe Baum esperava por ele no final do corredor, o rosto inchado e tenso. Ben-Roi balançou a cabeça, provocando uma erupção de palavrões e chutes na parede. Um pequeno consolo pelo fato de a entrevista ter sido uma total perda de tempo.

LUXOR

Quando Khalifa chegou à delegacia na segunda-feira de manhã, um visitante esperava por ele na recepção — Omar al-Zahwi. Os dois amigos desejaram-se *sabah el-khir* e se abraçaram.

— Rasha está bem? — perguntou Khalifa, acenando para um dos guardas levar-lhes chá e conduzindo Omar para as escadas.

— Tudo bem, obrigado. Zenab?

— Melhor a cada dia.

Pela primeira vez em nove meses, Khalifa pode dizer isso sem sentir que estava dizendo uma mentira deslavada. Ele temia que o incidente da noite anterior — as lágrimas diante do parquinho — poderia voltar a derrubar a esposa. Em vez disso, parece ter provocado algum tipo de mudança em seu íntimo. Naquela manhã, ela acordou antes de todos e preparou o café da manhã — algo que não fazia havia muito tempo — e insistira em levar Yusuf a pé para a escola. A dor ainda era palpável — uma sombra em seus olhos, gravada em seu rosto, abafando sua voz — mas, além disso, havia um princípio de determinação que Khalifa ainda não tinha visto. Quando ele saiu para sua caminhada de dez minutos até a delegacia, sentia-se de um jeito como não se sentia há eras.

— Meu palpite é de que essa é uma visita de negócios, nada social — disse ele enquanto subiam a escada.

— Extraordinário poder de dedução — ironizou o amigo, levantando a maleta e o mapa enrolado que estava carregando.

— O resultado do exame da água?

— O próprio. Desculpe te deixar esperando.

O pedido era desnecessário. Desde que começara a investigar a história de Samuel Pinsky, o curioso caso de envenenamento dos poços coptas havia se recolhido no fundo de sua mente. Não havia relatos de novos incidentes, tudo estava tranquilo lá na fazenda dos Attia. A história ainda não saíra de seu radar, mas ele já tinha

aceitado a ideia de que tudo não passava de uma tempestade num copo d'água.

— Você vai me dizer que a água se estragou naturalmente, não é? — disse ele.

— Nada disso — respondeu Omar. — Os poços foram envenenados, sem dúvida. Todos os sete.

— Três — corrigiu Khalifa.

— Sete. Eu fiz uma varredura em torno e, junto aos que você me indicou, descobri outros quatro que também tinham sido afetados.

Khalifa parou. De repente, era o Labirinto de Osíris que recuava.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. E aqueles foram apenas os reportados. E, se fosse mais fundo, haveria outros, certamente. Sem trocadilhos. Entendeu? Ir mais fundo, poços...

Khalifa ignorou a piada.

— Todos coptas?

— Quatro deles são.

— Pelas minhas contas, sobram ainda outros três.

— Na mosca, como sempre, *sahebi*.

— E?

— Os outros são muçulmanos. Um é o local onde beduínos recolhem água, perto de Bir el-Gindi, o outro fica numa pequena propriedade na direção de Barramiya, e o terceiro... Não lembro exatamente onde era, tenho os detalhes aqui.

Ele mostrou a maleta. A cabeça de Khalifa estava disparando, tentando se ajustar a um quadro que parecia mostrar algo muito diferente do que ele imaginara inicialmente.

— Foi bem interessante — disse Omar. — Muito interessante. Importante, na verdade. Acho que devemos conversar. Podemos...

Ele voltou a subir a escada. Khalifa foi na frente, até o quarto andar, cruzou o corredor até seu escritório apenas para achar Ibrahim Fathi sentado lá com os pés em cima da mesa, mastigando *torshi* e papeando ao telefone. A sala ao lado estava livre e eles foram para lá.

— Fiz um resumo rápido da situação — disse Omar quando a porta se fechou; ele pegou a maleta e tirou uma resma de papel grampeada de dentro dela. — “Relatório preliminar sobre anomalias hidrogeológicas na região saariana de al-Sharqiya”, dizia o título na primeira página. — Mas provavelmente será mais fácil eu simplesmente te explicar a coisa toda. Se você não se incomodar de abrir algum espaço aqui.

Ele começou a abrir o mapa enquanto Khalifa abria espaço para ele numa mesa próxima, ajudando o amigo a alisar o papel e colocando pesos nos cantos, respectivamente com um cinzeiro, um furador e um exemplar do *Manual completo da polícia egípcia* — a primeira vez em vinte anos que Khalifa encontrava alguma utilidade para este último item. Diferentemente do mapa na parede do escritório de Khalifa, que mostrava todo o Egito, esse cobria apenas um pequeno pedaço do país: o retângulo de deserto limitado pelo Nilo a oeste, o Mar Vermelho ao leste e as rotas 29 e 212, ao norte e ao sul. Dentro da confusa filigrana de *wadis*, trilhas, *gebel* e contornos, sete pequenas cruces tinham sido marcadas com tinta vermelha. Os poços envenenados, supostamente. Khalifa acendeu um Cleopatra, e os dois se inclinaram sobre a mesa.

— Tentarei ser breve e não te aborrecer com uma aula... — começou Omar.

— *Hamdulillah.*

— ... mas antes de chegar aos poços... — ele indicou as sete cruces — provavelmente vale a pena dar um mínimo de contexto para você pelo menos compreender de que diabos estou falando.

Khalifa tragou o cigarro e sinalizou para o amigo prosseguir.

— Então: o Deserto do Leste central. Omar bateu com a palma da mão no meio do mapa. — Geologicamente fica na borda do que é conhecido como o Aquífero de Arenito Núbio — basicamente uma vasta lâmina subterrânea de arenito permeado com água, imprensada entre, e cortando, camadas de rocha não porosa: basalto, granito, argila, esse tipo de coisa. Um “aquífero confinado”, como chamamos nos negócios, o que significa que a água está trancada lá no fundo.

Khalifa deu outra tragada. O que quer que estivesse descobrindo para ajudar Ben-Roi, certamente se mostrava instrutivo.

— A maior parte da água em si é fossilizada e não renovável — prosseguiu o amigo. — O que significa que a água drenada para o interior das rochas há dez, ou mesmo centenas de milhares de anos, está lá desde então. Há uma quantidade limitada de condutividade hidráulica devido às mudanças na gravidade e diferenças na pressão atmosférica, não vou entrar em detalhe da física envolvida...

— *Hamdulillah...* — repetiu Khalifa, que já começava a se perder —, mas a água é estática para toda e qualquer finalidade. Não se move, não vai a lugar nenhum, não é renovada, não se dissipa. Apenas fica lá, nas porosidades do arenito, encerrada nas camadas não porosas antes mencionadas. Imagine uma esponja fechada dentro de um bloco de concreto e você terá uma ideia aproximada.

Pela parede, Khalifa ouvia a voz de Ibrahim Fathi ao telefone, ainda que, felizmente, a mastigação de *torshi* estivesse fora de alcance. Era um som que Khalifa sempre achara irritante e ele já tinha dificuldades suficientes para se manter em dia com as coisas e ainda ter que lidar com distrações extras.

— Praticamente todos os poços no Deserto do Leste — continuou Omar — e no Ocidental também, aliás, são perfurados para o interior deste sistema de água estática. A profundidade dos poços obviamente varia de um lugar para outro, dependendo da proximidade do aquífero da superfície — qualquer coisa entre vinte metros e dois quilômetros —, mas o princípio básico é sempre o mesmo. Para aproveitar a analogia com a esponja, é como forçar um canudo através do concreto para dentro da esponja e sugar a água. — Ele fez uma pausa para que Khalifa pudesse absorver a ideia.

— Existem, no entanto, algumas raras e interessantes exceções. — Algo em sua entonação fez Khalifa aguçar os ouvidos.

— Como assim, exceções?

— Bem, em alguns lugares a geologia do sistema do aquífero é bem mais confusa — explicou Omar. — As rochas não porosas se quebram, o próprio arenito é fragmentado, interpõe-se com o calcário fraturado... Mas não vou te aborrecer com os detalhes hidrogeológicos de novo. Tudo o que você realmente precisa saber é

que lá no fundo do subsolo existem falhas em zigue-zague através do aquífero. Rachaduras, basicamente. Na maioria das vezes, há apenas algumas centenas de metros de comprimento, mas, ocasionalmente, podem atravessar quilômetros ou mesmo dezenas de quilômetros. Quase como tubulações subterrâneas.

Bateram na porta, e o policial lá de baixo entrou na sala, trazendo o chá que Khalifa pedira. Omar esperou que ele depositasse a bandeja e retomou o fio da meada.

— O espaço extra nessas fendas, obviamente, permite que a circulação da água aumente — explicou, enquanto colocava três colheres de açúcar no copo e misturava. — Não estamos falando de rios subterrâneos jorrando, nada do gênero, mas a água viaja, de uma forma que não acontece na maior parte do aquífero. Normalmente devagar, algumas dezenas de metros por ano, no máximo. No entanto, se a fenda estiver num gradiente agudo ou se, em qualquer lugar ao longo de sua extensão, a água de precipitações, como de enchentes, puder penetrar até lá, o movimento poderá ser consideravelmente mais pronunciado. Fizeram uma experiência no ano passado, em Gebel Hammatas, em que colocaram corante numa das fendas pouco antes de uma inundação, e a água percorreu uns cinco quilômetros em alguns meses.

— Fascinante — murmurou Khalifa, imaginando aonde isso tudo ia chegar. Omar viu o que ele estava pensando e levantou um dedo, indicando que deveria ser paciente, que estavam chegando ao ponto.

— Apenas recentemente as pessoas começaram a observar essas falhas com algum detalhe — disse ele. — Principalmente porque não possuíamos a tecnologia necessária. Mas existe uma equipe na Universidade de Helwan que está usando sensoriamento remoto aéreo para mapear as fendas, pelo menos as principais. E, por sorte, uma das áreas que eles pesquisaram é exatamente essa que nos interessa. — Ele deu outro tapa no mapa. — Apenas por palpite, entrei em contato e passei para eles as coordenadas dos poços envenenados. E o que você acha que eles descobriram?

— Todos estão sobre falhas? — arriscou Khalifa.

— Exatamente. Todos os sete poços por acaso foram escavados para dentro das falhas hidrocondutoras. A água que estão extraindo é água em movimento. Fique com isso na cabeça — ele bateu na têmpora de Khalifa — e agora observe a distribuição dos poços.

Ele indicou as sete cruzes vermelhas novamente.

— À primeira vista, parecem totalmente aleatórias, não é? Apenas uma série de poços sem qualquer padrão óbvio de ligação entre eles. A questão, entretanto, é *quando* foram envenenados, e então aparece o padrão. O primeiro incidente reportado foi aqui, em Deir el-Zeitun.

Ele tocou a cruz mais próxima do centro do mapa, marcando o mosteiro de Demiana Barackat sobre o qual Khalifa lhe falara.

— E o mais recente fica aqui. — Tocou a cruz que marcava a posição do poço dos Attia. — E daqui — Deir el-Zeitun — para cá — fazenda Attia — os envenenamentos seguem uma clara sequência de datas. Basicamente, quanto mais para dentro das terras altas, mais demorada foi a contaminação.

Um dedo de cinza começava a se formar na ponta do Cleopatra de Khalifa. Ele não percebeu. Sem razão aparente, o arrepio na espinha tinha voltado.

— Só que existem diversas formas de interpretar esse padrão — prosseguiu Omar. — É possível que seja apenas uma coincidência. Ou, possivelmente, por razões que a razão desconhece, alguém planejou uma campanha de envenenamento dos poços, começando pelo mais distante. Para mim, no entanto, a explicação óbvia — a *única* explicação possível — é que os poços não estão sendo envenenados pela superfície, mas por debaixo. E o que quer que esteja causando o envenenamento, de alguma maneira está chegando ao aquífero por aqui — ele bateu com o nó do dedo no meio do mapa, na ondulação delineada de Gebel-el-Shalul — e vazando para fora e para baixo ao longo das linhas de falha hidrocondutoras.

A cinza na ponta do cigarro de Khalifa se soltou como chuva sobre o mapa. Ele a varreu para fora. O arrepio estava ficando mais forte. Bem mais forte.

— E tudo isso nos leva diretamente para a análise da água — disse Omar, esticando o braço para pegar o relatório, que Khalifa deixara na mesa ao lado. — Levou algum tempo e tive que cobrar alguns favores, mas consegui amostras de todos os sete poços. Os resultados chegaram ontem. Como eu esperava, todos os poços estão envenenados com a mesma substância, com alguma pequena variação para mais ou para menos em termos de concentrações específicas. *O que* os contaminou, no entanto, foi um pouco surpreendente.

Ele abriu o relatório, virou algumas páginas e começou a ler:

— Mercúrio em nível de traço. Níveis elevados de selênio, fluoreto e cloreto. Níveis fora da escala de... — ele lançou um olhar para Khalifa — arsênico.

Khalifa abriu a boca.

— Alguém está jogando arsênico na água?

— Certamente é o que parece. Ainda que o interessante não seja tanto o arsênico por si só, mas encontrá-lo em combinação com esses outros elementos. Isso está saindo um pouco da minha área, mas conversei com alguns conhecidos e o consenso parece ser que estamos lidando com o resíduo de uma precipitação gasosa de um processo de torrefação de enxofre.

A expressão boquiaberta se transformou num olhar de espanto.

— Que diabos quer dizer isso tudo?

— Tive que fazer a mesma pergunta — disse Omar, rindo. — Aparentemente, é um estágio do processo de separar o minério da rocha. É usado em diversas formas de extração de metais: cobre, zinco, chumbo. Ainda que, nesse caso, os altos níveis de arsênico apontem mais para os resíduos deixados por...

— Mineração de ouro.

Khalifa completou a frase. O arrepio cessou. Em seu lugar, sentiu um golpe duro e profundo na boca do estômago. Olhou para o mapa, para as montanhas no deserto central, esmagou o Cleopatra no cinzeiro e segurou o mapa pelo canto sudeste.

— Você me dá licença um instante, Omar? — pediu. — Preciso fazer umas ligações urgentes.

JERUSALÉM

No meio da manhã, o arcebispo Petrossian já estava cumprindo sua prisão domiciliar no Bairro Armênio. A multidão na Omar Ibn al-Khattab se dispersara, os jornalistas tinham se recolhido, Baum levava um pito do chefe Gal pela maneira como conduzira a história toda. Ben-Roi e Zisky voltaram para o escritório e tinham acabado de se sentar para conversar sobre os próximos passos quando seus telefones tocaram. Ao mesmo tempo. Zisky atravessou o escritório e atendeu o telefone fixo em sua mesa; Ben-Roi girou na cadeira e atendeu o celular. Khalifa. Nenhum dos gracejos usuais.

— Acho que encontrei alguma coisa.

Ele atualizou Ben-Roi: Pinsker, o Labirinto, a possibilidade de a mina ainda ser viável, os poços envenenados. Ben-Roi anotou algumas coisas para si, mas ficou a maior parte do tempo apenas ouvindo, inicialmente, com uma expressão de interesse; depois, de surpresa e, diante do relato sobre os poços, de descrença.

— Tem que haver uma coincidência — disse quando Khalifa acabou. — O meu caso, o seu caso, o mesmo caso... Não, não, não, não dá para engolir. É tudo muito certinho. Certinho demais.

— Foi o que eu pensei — disse Khalifa. — Quero dizer, não é possível que a mina de Pinsker seja a única no Deserto do Leste. Mas, quando eu conferi com o Ministério do Petróleo e Recursos Minerais, eles me disseram que não existe nenhuma outra mina de ouro em operação em qualquer lugar próximo àquela área. As mais próximas ficam no monte Sukari e Hamash, bem depois de Marsa Alam. Mais de duzentos quilômetros além.

Do outro lado da sala, Ben-Roi ouvia a voz de Zisky, algo sobre um ônibus, uma parada não programada. Ele estava por demais envolvido com o que Khalifa estava dizendo para dar alguma atenção.

— Ainda não estou convencido — disse ele. — Tem que haver outra explicação.

— O que você conclui disso, então? — perguntou Khalifa. — Por telefone, pedi para a mulher do ministério verificar se alguma mina já tinha sido explorada naquela região. Nunca houve. Ao menos em tempos modernos. A única coisa que ela encontrou foi uma concessão de exploração vencida, de quinze anos atrás, de uma companhia chamada Prospecto Egypt. Ficaram dezoito meses pesquisando exatamente naquela parte do deserto.

— E?

— E a Prospecto é uma subsidiária da Barren Corporation.

Ben-Roi mordeu os lábios. Na frente dele, Dov Zisky se levantara e fora até o mapa de Israel na parede.

— Então, o que você está sugerindo? — perguntou ele. — Que a Barren encontrou essa mina e está trabalhando nela em silêncio?

— Não estou sugerindo nada. Apenas informando os fatos. Ainda que seja para onde os fatos parecem apontar. Licenças de concessão não são baratas, afinal. A Barren economizaria muito dinheiro trabalhando ilegalmente na mina. E se a sua jornalista tivesse descoberto isso de algum jeito, ameaçado jogar no ventilador...

Zisky chamou, mas Ben-Roi levantou uma mão, indicando estar ocupado. Engraçado, pensou, uma semana antes pedira a Khalifa para investigar um pouco o caso pelo lado de lá, agora o egípcio parecia estar resolvendo o caso para ele. Ele repassou o cenário mentalmente, tentando encaixar todas as outras pistas que tinham aparecido. Não tinha ideia se seria viável operar uma mina em segredo, ainda que, pelo que dissera Khalifa, o local fosse extremamente remoto, o que poderia tornar a coisa possível. Melhor deixar isso de lado por um momento. Diversas outras peças se encaixavam. Os artigos de jornal, Pinsker, Barren, Egito. A Agenda Nêmesis também, se Kleinberg estivesse se aproximando deles com a esperança de que tivessem descoberto alguma coisa sobre a mina em uma de suas invasões de computador. Ou talvez ela fosse dar a dica para eles. De um modo ou de outro, a coisa funcionava do mesmo jeito. O elemento problemático agora era Vosgi e a história de tráfico sexual. De que maneira aquilo poderia ter relação com uma mina de ouro ilegal no meio do deserto egípcio? Não tinha

como, pelo menos não de uma forma que ele pudesse discernir de imediato. Como antes, ele achava que tinha puxado o tapete para cobrir um lado da sala, mas deixando um outro descoberto. Por mais que tentasse, jamais conseguiria cobrir todo o chão.

— Ben-Roi? — a voz de Khalifa ecoou pela linha.

— Me desculpe — disse ele —, eu estava repassando a coisa toda. Ouça, vou ficar te devendo muito por isso, meu amigo. Muito mesmo. Vamos seguir adiante e eu vou te manter informado...

Antes que ele pudesse dizer “sobre o andamento de tudo”, Khalifa o interrompeu.

— Vou ver o que mais posso descobrir — disse ele. — Pode ser distante, mas mesmo assim não creio que pudessem explorar uma mina lá sem que *ninguém* soubesse de nada. Alguém há de ter visto ou ouvido alguma coisa.

Ben-Roi disse ao egípcio que ele já fizera mais do que o suficiente, mas Khalifa insistiu e, no final, Ben-Roi pensou, *Que diabos, se ele quer ajudar, quem sou eu para dissuadi-lo? Talvez, de alguma forma, esteja ajudando-o também. Como o caso de Hanna Schlegel me ajudou.* O que, afinal, fora o motivo para envolver Khalifa em primeiro lugar.

Eles combinaram que iriam se manter em contato e Khalifa desligou. Ben-Roi ficou ali por um momento, matutando e girando na cadeira, digerindo a história toda. Em seguida se levantou e foi até a mesa de Zisky.

— Me desculpe, Dov. Alguns desdobramentos interessantes no Egito. O que você conseguiu?

— O motorista retornou a ligação — disse Zisky.

O cérebro de Ben-Roi ainda estava na conversa com Khalifa, e ele precisou de alguns segundos para entender o que o garoto estava dizendo. É claro. O bilhete da Egged. Na lata de lixo do apartamento de Kleinberg. Retorno para Mitzpe Ramon. O motorista de ônibus estivera de férias.

— E?

— E acho que encontrei alguma coisa.

A segunda vez que alguém usava a mesma frase em quinze minutos.

— O que a gente estava procurando.

— Prossiga.

— O homem reconheceu a foto de Kleinberg de cara. Disse que viajara no ônibus algumas vezes.

— Quantas?

— Oito ou nove, nos últimos três anos. Ida e volta sempre no mesmo dia. Ele a levava e depois a pegava mais tarde.

— Suponho que é esperar demais que ele soubesse o que ela estava fazendo em Mitzpe Ramon?

— Isso é que é interessante. Ela nunca foi a Mitzpe. Pelo menos não o caminho todo. Ela costumava descer dez quilômetros antes da cidade. E depois ele a pegava no mesmo local na volta.

Ele se levantou e chamou Ben-Roi com a mão para olhar o mapa na parede.

— Aqui — disse, tocando num ponto com o dedo na linha nortesul da rota 40. Era no meio de lugar nenhum, apenas o deserto, e, sob o dedo dele, um cruzamento com uma estrada secundária menor, indo para o oeste, cruzando a reserva natural de Har Ha-Neguev. E de lá para... a fronteira egípcia. Ben-Roi olhou fixamente, as engrenagens assobiando em sua cabeça. Então, levantando os braços, começou a soltar as tachinhas azuis do mapa.

— Faça-me um favor, Dov. Dois favores, aliás. Veja o que consegue desencavar sobre uma empresa chamada Prospecto Egypt — é uma subsidiária da Barren e andou pesquisando alguma coisa no deserto egípcio há um tempo. E entre em contato com o escritório da Barren em Tel-Aviv. Diga-lhes que estamos investigando um assassinato e queremos falar com alguém que conheça as atividades da empresa no Egito. Alguém lá de cima, nada de subalternos. Veja se consegue alguma coisa para mais tarde, hoje ou amanhã de manhã. Já está na hora de descobrirmos o que esse pessoal tem a dizer sobre si mesmos.

— O que você vai fazer? — perguntou Zisky.

— Eu? — Ben-Roi pegou o mapa e o enrolou. — Vou sair para dar uma volta de carro pelo país.

HOUSTON

Duas da manhã, horário de Houston, e William Barren estava totalmente acordado. Nada a ver com cocaína — estava deixando todas essas coisas para trás. Nada disso, acordado e lúcido. Desperto e energizado. O tipo de disposição que vinha sentindo na maioria das noites ultimamente, à medida que todos os seus planos começavam a convergir. Ele observou a paisagem noturna de Houston, todos os arranha-céus com luzes bruxuleantes e os riscos distantes do tráfego, como algo saído de *Blade Runner*, considerou se iria subir até a cobertura para nadar na piscina ou então, quem sabe, ir até a academia queimar um pouco de energia na esteira. Em vez disso, levantando-se da cama, desferiu uma série de golpes de caratê na direção da janela, depois foi até o estúdio e se sentou diante da escrivaninha.

Mais cedo, levara Barbara para jantar no *country club*. Vinha pensando em Barbara cada vez mais como a escolha certa. Era burra feito uma porta, e sexualmente monótona, beirando a catatonia (a primeira e única vez em que tentara sodomizá-la, ela gritou como um porco no matadouro e se desfez em lágrimas). Mas parecia adequada: sabia se comportar socialmente, além de ser uma WASP puro-sangue — exatamente o tipo de esposa de que o presidente de uma das maiores multinacionais do país precisa. Ele providenciaria para que fosse examinada, precisava ter certeza de que era fértil, que poderia dar continuidade à linhagem, e faria o pedido no ano seguinte, uma vez que os assuntos da empresa estivessem resolvidos. Ou talvez no outro ano. No casamento, como em qualquer negócio, era preciso priorizar.

Ele se recostou e apoiou os pés no canto da mesa. A superfície estava tomada com a papelada — arquivos, relatórios, planilhas, análises: o leviatã que era a Barren com toda a sua anatomia exposta. Ele pegou uma folha ao acaso — as cifras de uma proposta para a compra de uma empresa canadense de biocombustíveis — e

a largou de novo, não estava com ânimo para digerir os números. Na tela do computador, a *webcam* ainda estava ativa — mostrava um cubículo sórdido na Europa Oriental com umas mulheres “levando um trato” — mas também não estava no clima para isso. Passou a mão pelo cabelo, contraiu o abdômen e, conferindo o Rolex, pegou o telefone e discou. Cinco toques e a ligação foi atendida.

— Acordei você? — perguntou.

— Sim, mas não tem problema — uma voz suave o tranquilizou.

— Você pode falar?

— Perfeitamente.

— Apenas queria conferir, saber se você pensou um pouco mais sobre aquilo que conversamos.

Sim, a voz respondeu, pensara um pouco mais. Pensara muito mais. E tomara uma decisão. William estava certo. Teria que ser feito. Para garantir o futuro. Assegurar a continuidade.

William sorriu.

— Sabia que você compreenderia. Você faz parte da família, afinal. Temos que ajudar uns aos outros.

De fato.

— Estive pensando e acho que deveríamos fazer com que combinasse com a história no Egito. Melhor manter tudo ao alcance da mão. Menos perguntas assim.

Uma ótima ideia.

— Estamos combinados, então?

Combinados.

William disse que manteria contato, aconselhou a pessoa do outro lado a ficar de cabeça baixa e desligou. Por um momento, ficou sentado, batendo com os dedos na mesa. Então, levantou-se, voltou para o quarto para pegar a toalha e a sunga de banho. Talvez fosse dar uma nadada, afinal.

ISRAEL

Mitzpe Ramon ficava a cento e sessenta quilômetros ao sul de Jerusalém, uma viagem de três horas de carro, considerando o tráfego e os limites de velocidade.

Ben-Roi completou o trajeto em apenas duas.

Pelos primeiros oitenta quilômetros, deixou a sirene ligada, abrindo caminho pelas vias mais cheias até Bersebá. Passando de lá, chegou ao vazio rochoso do Neguev, desconectou o fio da sirene e acelerou até o fundo. Perto do meio-dia, chegara à interseção onde o motorista do ônibus da Egged costumava deixar e buscar Rivka Kleinberg. Ele estacionou, saiu do carro, esticou as pernas e olhou em torno.

O lugar parecera desolado no mapa do escritório, e era ainda mais desolado agora, que ele de fato estava lá. Ali estava a faixa de duas pistas da rota 40; a via secundária que ia para o oeste e três placas de metal: uma indicando a distância de dez quilômetros até Mitzpe, uma propaganda turística para a reserva natural de Har Ha-Neguev, um aviso sobre camelos soltos.

Fora isso, mais nada. O sol batia forte, o deserto se espalhava. A cinco metros, uma carcaça de cabra apodrecia, soltando um vago odor de putrefação. O zumbido errático das moscas era o único som dentro do silêncio que, a não ser por isso, envolvia tudo ao redor.

Ele examinou a paisagem sem muita certeza do que esperava obter após percorrer todo aquele caminho, mas sentindo que, o que quer que Kleinberg estivera fazendo por lá, as chances de ele descobrir eram maiores pessoalmente do que seguindo as pistas sentado atrás da mesa. Então, dando a volta, abriu o bagageiro do Toyota e pegou o binóculo. Subindo no teto do carro, examinou a paisagem novamente, a cobertura de metal estalando sob as botas Timberland enquanto ele dava uma volta lenta de trezentos e sessenta graus. O binóculo lhe proporcionou uma visão mais detalhada daquilo que já vira antes: rochas, areia, montanhas, valas

e ocasionais moitas mirradas de erva sanguinária. Nem sequer um ser humano à vista.

Deu duas voltas, considerando todo o panorama do deserto, depois focalizou as curvas da estrada que seguia para o oeste. Era algo que saltara do mapa quando Zisky apontou para este ponto pela primeira vez lá na delegacia; e ainda lhe parecia o mais provável motivo para Kleinberg descer do ônibus naquele local específico. Estaria ela se encontrando com alguém que vinha clandestinamente da fronteira com o Egito? Estaria *ela* pretendendo entrar clandestinamente no Egito? Ou iria até lá por uma razão completamente diferente, e a proximidade com a fronteira não passava de uma mera coincidência? Fosse qual fosse o caso, tinha ligação com a Agenda Nêmesis, sem dúvida alguma. Três anos antes ela fizera esse caminho para entrar em contato com alguém de dentro da Agenda. E pelo que o motorista do ônibus da Egged dissera, ela vinha repetindo o passeio desde aquela época.

— Mas por que naquele ponto específico? — murmurou. — Por que ali? O que você estava fazendo?

Ele percorreu a linha da estrada desde a junção com a 40 até o ponto onde desaparecia atrás de uma saliência rochosa na distância, indo e voltando com o binóculo por toda a extensão, como se o próprio asfalto pudesse revelar as respostas que ele buscava. Nenhuma resposta apareceu e, após dez minutos, ele desistiu. Desceu do teto do carro e colocou o binóculo de volta no bagageiro. Voltando para dentro do carro, pegou a garrafa de água Neviot e o pacote de Doritos que comprara num posto de gasolina na saída de Jerusalém. Deu um gole na água, abriu o pacote e começou a mastigar. Já tinha comido um quarto do pacote quando ouviu o som distante de um veículo se aproximando, o primeiro a passar por ali desde que ele parara. Largou o Doritos e a água no banco do passageiro, pegou a foto de Rivka Kleinberg que trouxera e saiu para a estrada.

O veículo era um caminhão de combustível, vindo de Bersebá em direção ao sul, a silhueta tremeluzindo e crescendo no mormaço. Ele observou por quase um minuto a aproximação tediosamente lenta. Quando estava a cerca de quinhentos metros, entrou no carro

de novo, ligou a chave e acionou a luz giratória do teto. Os freios cantaram na distância e o caminhão diminuiu, parando ruidosamente a dez metros no meio da rodovia. Ben-Roi se aproximou e sinalizou para o motorista baixar o vidro.

— Fui inspecionado há três semanas — disse o homem, um cigarro balançando para cima e para baixo no canto da boca. — Estou com a papelada aqui, se você quiser conferir.

Ben-Roi disse que não seria necessário.

— Você costuma passar por aqui com frequência? — perguntou.

— Duas vezes por semana. Asdode para Mitzpe Ramon, voltando via Yerukham e Dimona.

— Já viu essa mulher? — Ben-Roi lhe entregou a foto. O motorista a examinou e depois devolveu, balançando a cabeça.

— Ela poderia estar parada aqui. Como se estivesse esperando alguém.

— Nunca a vi antes.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Certo, vá em frente.

Ben-Roi se afastou e apontou o polegar para a estrada.

— E apague esse cigarro! — gritou quando o motorista começou a se mover. — Você está dirigindo a porra de um caminhão de combustível.

O homem resmungou, jogou o cigarro por cima do ombro e acelerou. Ben-Roi voltou para o carro e enfiou a mão no pacote de Doritos.

Sinalizou para mais quatorze veículos nos noventa minutos seguintes, inclusive uma picape cheia de beduínos, um ônibus militar vindo da base aérea de Ramon e um Audi R conversível cujo motorista era o homem mais gordo que já vira, acompanhado de duas mulheres maravilhosas — uma lição prática, se fosse o caso, do poder de atração do dinheiro farto.

Um as duas pessoas reconheceram Rivka Kleinberg pela foto dos jornais; nenhuma delas jamais a vira pessoalmente, e com certeza não naquele lugar distante. Com o Audi acelerando a distância, a música alta se afastando e os cabelos das mulheres voando no

vento, Ben-Roi aceitou que estava perdendo tempo. Resolveu seguir a estrada menor para oeste em direção à fronteira egípcia para ver se alguma coisa chamava sua atenção; depois iria até Mitzpe Ramon conversar com a polícia local e então voltaria para casa. Ganhavam-se algumas, perdiam-se outras. Mas valera a tentativa.

Deu uma última olhada em torno com o binóculo, uma mijada junto à estrada e voltou para o Toyota. A distância, vindo do sul, um outro carro se aproximava, uma remota mancha branca sacolejando no calor de derreter. Ele hesitou, pensando se deveria fazer uma última tentativa. Decidiu que não valia a pena, que tinha que encerrar a tarefa em algum momento, que poderia perfeitamente ser aquele. Bateu a porta, afivelou o cinto de segurança, desligou a luz giratória e começou a andar. Quase que imediatamente, mudou de ideia e parou novamente. Colocou o carro em ponto morto, ligou a luz de novo e soltou o cinto.

— Décima sexta vez é a da sorte — murmurou para si, pegando a foto de Kleinberg e descendo do carro.

O outro carro se movia rápido e, em quinze segundos, desde o momento que o vira, deixara de ser uma miragem do calor para começar a entrar em foco. Uma SUV, aparentemente. Foi até o meio da estrada. O veículo vinha realmente acelerado, comendo a distância entre eles. Quando estava a uns quatrocentos metros, ele levantou a mão, mas o carro não fez menção de diminuir. Trezentos, duzentos metros, ele estava prestes a sair da estrada quando o motorista freou repentinamente. Com força. Os pneus cantaram, as rodas de trás soltaram um pouco de fumaça, e o carro — um Toyota Land Cruiser — parou no acostamento, a apenas cinco metros. A mesma dinâmica dos ocupantes do Audi — homem dirigindo, duas mulheres acompanhando, só que, neste caso, o homem era magro e elegante. Ben-Roi se aproximou da janela e mostrou o distintivo.

— Caso eu tivesse um desses medidores de velocidade, você perderia sua carteira — disse ele.

— Me desculpe — disse o homem. — Eu estava a quilômetros daqui.

— Não é o melhor lugar se estiver dirigindo naquela velocidade.

— Me desculpe — repetiu o homem.

Ben-Roi colocou a mão no teto e baixou a cabeça, dando uma olhada no carro. A mulher no banco da frente tinha uma constituição leve, cabelos pretos curtos, o desenho dos seios claramente visível através do tecido da camiseta. A que estava atrás tinha o cabelo castanho preso num coque e as pernas longas esticadas na direção do encosto do motorista. Eram ambas atraentes, ele não pôde deixar de notar, mas não da mesma maneira que as companheiras do motorista do Audi. Aquelas eram pistoleiras, com a palavra sexo estampada de cima abaixo. Essas duas eram mais discretas, tinham... atitude.

— Vocês são da região? — perguntou, dirigindo-se ao motorista.

— Tel-Aviv. Fomos passar alguns dias em Eilat.

Sorte a de vocês, pensou Ben-Roi.

— Costumam passar por aqui com frequência?

— A cada dois meses, mais ou menos.

Ben-Roi olhou de relance para a mulher no banco de trás e lhe entregou a foto.

— Não creio que algum de vocês já a tenha visto por aqui algum dia?

Eles examinaram a foto, a mulher de trás baixando os pés e chegando para a frente.

— Eu já — disse ela.

Ben-Roi abaixou a cabeça um pouco mais, enfiando-a pela janela.

— Por aqui?

— Não, no jornal. É aquela mulher que foi morta em Jerusalém.

Falava com sotaque. Leve, mas inegável. Americana, supôs, ou britânica, talvez. Olhos cinzas intensos, algumas sardas pelo nariz — muito atraente.

— Mas você nunca a viu nessa parte do mundo? — repetiu ele.

Ela balançou a cabeça.

— E vocês?

Ambos balançaram a cabeça.

— Ela era dessa região? — perguntou o homem ao devolver a foto.

— Apenas seguindo algumas pistas.

— Bem, espero que você pegue o cara — disse a de cabelo castanho, sentando para trás e esticando as pernas de novo. Os olhos de Ben-Roi se demoraram nela um pouco mais, alguma coisa sinalizando no fundo da cabeça. Só não conseguia identificar o que era e, após um momento, agradeceu pelo tempo deles, endireitou-se e se afastou do carro.

— E cuidado com a velocidade — disse. — Nem todos os policiais são legais como eu.

O homem sorriu, fez uma saudação rápida e arrancou. Ben-Roi os observou se afastarem, olhando para a silhueta na janela de trás, o incômodo ainda ali. Então, dando de ombros, voltou para o carro, entrou e deu a volta para sair da 40 e entrar na rodovia menor, que ia para o oeste, na direção da fronteira egípcia. Percorreu quase um quilômetro quando subitamente as palavras saíram de sua boca: *Sally, Carrie, Mary-Jane.*

Sentiu-se confuso por um instante, como se fosse alguma outra pessoa falando. Então, gritando “Putá que o pariu!”, enfiou o pé no freio. Abrindo o porta-luvas, pegou a Jericho, girou o carro e acelerou de volta pelo caminho de onde viera com a sirene berrando.

Gidi manteve a velocidade reduzida até o carro da polícia sumir no retrovisor, depois pisou fundo no acelerador de novo. No banco de trás, Dinah se virou, olhando para trás na estrada, observando algum sinal de perseguição.

— Acho que está tudo bem — disse Gidi.

— Não está tudo bem. O jeito que ele me olhou...

Ela se voltou para a frente, pegou o telefone via satélite — celulares comuns não funcionavam lá — e discou um número. Três toques.

— Faz, comece a fechar tudo. Talvez a gente precise ir embora.

Ela desligou, abaixou-se e tirou uma Glock da mochila. No banco da frente, Tamar fez o mesmo. Gidi forçou o velocímetro para mais de cento e sessenta, levando-os por uma série de longas curvas até desacelerar bruscamente e parar com uma freada forte no acostamento. Tamar já tinha aberto a porta. Pulando para fora,

ela subiu a colina para vigiar a rodovia. Gidi arrancou e fez a curva cantando pneu para entrar na estrada que levava até a base deles; Dinah subiu na frente do carro e usou o telefone de novo, equilibrando-se para frente e para trás enquanto o Land Cruiser sacolejava pelo terreno irregular. Seis toques e a voz de Tamar:

— Quase lá. — O som dos pés pisando em pedras, a respiração ofegante. — Pronto, estou aqui em cima.

— E?

— Não estou vendo ele.

O Land Cruiser chegou a um barranco e desviou, lançando-a contra a janela. Ela jogou a Glock no banco de trás, passou o telefone para a mão esquerda e agarrou a alça da porta para se firmar.

— Alguma coisa?

— Nada.

Mais uma guinada violenta ao passarem por um buraco e derraparem numa curva mais fechada. Gidi lutou com a direção, acertou o carro na pista e disparou em direção a um grupo de construções com tetos em domos a distância.

— Ainda não estou vendo ele — chegou a voz de Tamar. — Acho que ele pode... Espera aí, estou ouvindo...

— O quê?

Silêncio.

— O que foi, Tamar?

— Sirene! Ele está vindo.

— Merda!

Dinah agitou a mão, insistindo para Gidi acelerar. Do alto do morro, Tamar continuou comentando.

— Está a uns dois quilômetros... Está vindo rápido. Muito rápido. Já está na curva... Um quilômetro... Acelerado. Abaixo de mim... Passou! Não viu a entrada! Está indo para o norte.

Eles chegaram à base e frearam forte diante da porta aberta da sala dos computadores. Lá dentro, Faz desligava os cabos furiosamente e guardava os discos rígidos. Gidi entrou para ajudar. Dinah ficou no carro, o celular no ouvido, a Glock pendurada na

outra mão. Quase sem conseguir ouvir, ela achou que escutava apenas o barulho da sirene.

— Fale comigo, Tamar — disse ela.

— Ele ainda está indo.

— Que distância?

— Cerca de um quilômetro. Está subindo em direção ao cume.

— Mesma velocidade?

— Parece que sim.

— E agora?

— Ainda subindo.

Silêncio.

— Chegou ao topo... se foi. Não o vejo mais.

Dinah estalou os dedos. Gidi e Faz interromperam o que estavam fazendo e vieram para fora. Os três ficaram esperando, olhando-se nervosamente. Trinta segundos se passaram.

— Tamar!

— Nenhum sinal dele.

— Espere mais um minuto.

Ela esperou.

— Nada. Tudo bem. Ele se foi.

Dinah sinalizou com a cabeça para Gidi e Faz e todos respiraram aliviados.

— Não, não foi não! Está voltando!

— Merda!

Os outros dois se aproximaram. Ela virou o telefone para cima a fim de que todos pudessem ouvir o que estava acontecendo.

— Está descendo a montanha — disse a voz de Tamar. — Rápido. Já está no plano... Menos de um quilômetro... Quinhentos metros. Passou da entrada. Diminuiu. Parou. Está... Espera aí... O que ele está fazendo? Dando a ré! Entrou na estradinha. Estamos ferrados!

— Vigie a estrada — disse Dinah. — Precisamos saber se ele tem amigos. Fique de cabeça baixa.

Ela desligou e guardou o telefone no bolso. Faz já tinha voltado para a sala dos computadores. Gidi vasculhava o interior do Land Cruiser. Saiu de lá segurando uma Mini-Uzi.

— Está pronto para isso? — perguntou ela.

Ele encaixou um pente de balas.

— Pronto.

— Certo. Vamos fazer o que for preciso.

Bateram os punhos e sumiram entre os prédios à medida que a sirene se aproximava.

Ben-Roi desacelerou, seguindo a estradinha que saía da principal e avançava para dentro do deserto, dirigindo com a mão esquerda, e a Jericho pronta na direita. Passados quatrocentos metros, a estrada entrava por uma fenda estreita e fazia uma curva acentuada para a direita. Dois quilômetros mais à frente, ele distinguiu um conjunto de construções, brancas contra o monótono fundo amarelo-amarronzado do deserto. Ele parou, desligou a sirene e pegou o binóculo para dar uma olhada.

O Land Cruiser estava lá, estacionado diante de um dos prédios, a porta do motorista estava aberta. Havia outro estacionado à sombra, sob uma meia-água na lateral do mesmo prédio. Além de quatro outras construções, ele viu alguns painéis solares, uma grande antena parabólica, e o que parecia uma horta. Nenhum sinal de vida.

Percorreu o deserto ao redor, aproximou o *zoom* de volta para os prédios, tentando pegar alguém desavisado. Nada. Ou tinham fugido, ou estavam escondidos. A segunda opção era a mais provável. Ele estalou a língua, considerando as opções. Eram pelo menos três, possivelmente mais. Armados, quase que com certeza. E, pelo que ouvira da Agenda Nêmesis — e ele não tinha a menor dúvida de que aquelas pessoas *eram* a Agenda Nêmesis —, perigosos. Muito perigosos. Era melhor pedir reforços. Ele jogou o binóculo para dentro do carro e pegou o celular. Sem sinal. O mesmo com o telefone do carro. Merda. Então, ou recuava para a rodovia e tentava parar alguém para que fosse atrás da cavalaria, ou entrava lá sozinho, o que seria algo absolutamente insano de se fazer.

Foi sozinho.

Avançou ainda mais devagar do que antes, e o carro engrenado em segunda, seguindo a estrada, parando a cada cem metros para dar uma outra olhada nos prédios com o binóculo, a Jericho engatilhada. Não viu ninguém, ninguém veio em sua direção. A cem metros do lugar, parou e saiu do carro. Silêncio absoluto, nem mesmo o zumbido de uma mosca.

— Olá!

Nada.

— Olá!

O calor sufocava sua voz, abafada e pastosa, como se gritasse com a boca enfiada num cobertor. Começou a avançar, as botas esmagando o cascalho, apontando a Jericho para a esquerda e para a direita à sua frente.

— Eu vi sua foto no apartamento — gritou ele. — No apartamento de Rivka Kleinberg. — Você era apenas uma menina. Precisei de algum tempo para me dar conta de que era você, mas jamais esqueço um rosto.

Nada. Nenhum movimento, nenhum som. Ele chegou até o Land Cruiser. Encostando-se nele, conferiu o interior. As chaves ainda estavam na ignição. Fez uma pausa. Então, agachando-se, apontou a Jericho para o céu e disparou um único tiro. Nenhuma reação. Talvez *tivessem* fugido. Ou estivessem escondidos em algum lugar do deserto, observando, esperando.

— Ela veio falar com você — gritou. — Quatro dias antes de ser morta. Ela estava vindo aqui regularmente. Por quê?

Silêncio.

— Estava só ajudando vocês? É isso? Rivka Kleinberg participava da Agenda Nêmesis?

Nada ainda. Silêncio absoluto, nada se movia, como se o mundo inteiro tivesse sido congelado no tempo, dentro de um compartimento de vácuo. Ele piscou para afastar uma gota de suor, levantou-se, circulou em torno do carro e foi até a parede do prédio mais próximo. A porta estava aberta. Examinou o carro sob a coberta ao lado, depois, contando até três, entrou pela porta. Equipamentos de informática estavam espalhados por toda parte — monitores, unidades de disco, cabos, modem, como se alguém os

estivesse desmontando às pressas. Ele passou os olhos em torno e voltou a sair. As portas das outras quatro construções estavam fechadas. Ele foi verificar uma a uma, circulando pelo pátio central. As três primeiras estavam destrancadas — aposentos simples, espartanos, vazios. A última porta estava trancada. Ele olhou em volta e, em seguida, chutou a porta, toda a moldura se soltando da parede numa chuva de gesso quebrado.

O interior estava fresco, na penumbra, as persianas baixadas contra a luz do sol, um cheiro leve de desodorante pairando no ar. Havia uma cama, um armário, uma mesa de cabeceira e um banheiro separado por uma porta. Deu uma olhada no banheiro, voltou a conferir o pátio e se aproximou da mesa de cabeceira. Um *notebook* fora deixado em cima dela, sendo carregado, a tela ligada. A proteção de tela subia e descia, mostrando um prédio alto de vidro e aço, com um céu azul brilhando atrás. Na base do prédio, brilhando diante da entrada, um letreiro dourado dizia “Barren Corporation”. Ele observou a tela, sentou-se na cama e experimentou a gaveta da mesa. Trancada. Forçou, mas a gaveta não cedeu. Puxou de novo, e, perdendo a paciência, chegou para trás, mirou e disparou contra a fechadura. Abriu a gaveta e examinou o conteúdo. Dois pentes de munição; um envelope cheio de cartas; dois passaportes, um israelense e outro americano, ambos com a foto da mulher que estava no carro. Cada um com um nome diferente. Dinah Levi e Elizabeth Teal. Examinou os documentos e depois sacudiu o envelope. Cartas e cartões-postais se espalharam pela cama. E, também, um envelope menor. Dentro dele, fotos presas com um elástico. Segurou as fotos, olhando a primeira. Era uma mulher embalando um bebê. Uma mulher jovem, gorda, cabelo encaracolado e uma constituição pesada, sentada no que parecia uma poltrona de hospital. O tempo cobrara seu preço, mas ele a reconheceu instantaneamente. Assim como na foto da mulher uniformizada no apartamento dela, lá em Jerusalém. Rivka Kleinberg.

— Fodeu — murmurou.

— Fodeu mesmo, se você se mexer um milímetro — veio uma voz da porta. — E, acredite, é exatamente isso que vou fazer com

você.

Por um momento, ela achou que ele fosse tentar alguma coisa, os olhos indo da Glock dela para a Uzi de Gidi e de volta, avaliando a situação. Então, aceitando estar em desvantagem, ele balançou a cabeça e levantou os braços. Sob a cobertura de Gidi, ela se aproximou e o aliviou da pistola. E também das fotos, arrancando-as de sua mão e as jogando na cama, sem querer que ele pusesse os dedos nelas.

Levaram-no para fora e o revistaram, encontraram a chave do carro e o celular. Ela guardou a chave e jogou o telefone para Faz, que desapareceu com ele no interior da sala dos computadores. Levaram-no até o carro dele e o algemaram — o pulso direito na direção, o tornozelo esquerdo no pedal do freio.

— Você é filha dela, não é? — perguntou quando ela se inclinou para conferir se as algemas estavam seguras. — Você é filha de Rivka Kleinberg. Ela era sua mãe.

— Não importa.

Ela revistou o interior do carro para ter certeza de que ele não tinha nenhuma arma escondida, arrancou o fio do telefone do carro e, com um último puxão nas algemas, voltou com Gidi para as construções. Gidi seguiu para um dos depósitos para pegar explosivos e temporizadores; ela foi para outro, pegar os galões de combustível.

Tinham ensaiado numerosas vezes, com variações, dependendo de quanto tempo teriam para deixar o local: uma partida imediata, deixando tudo para trás; uma fuga em dois minutos, juntando o essencial; uma saída mais organizada, com tempo suficiente para juntar as coisas e apagar os rastros. Não havia notícias de Tamar do alto do morro, o que sugeria que a situação era a de que teriam tempo para se organizar. Isso a deixava satisfeita. De todos os lugares em que morara ao longo da vida, aquele era o único em que se sentira de alguma maneira em casa. Sempre soubera que teriam que partir em algum momento, mas pelo menos poderiam se despedir corretamente.

Abriu o depósito e levou cinco galões para o meio do pátio e depois foi pegar suas coisas no quarto. Não era muito: algumas roupas, as cartas de sua mãe, as fotos.

O passado era uma outra vida, uma que deliberadamente mantinha enterrada. As cartas e as fotos eram as únicas lembranças, os únicos feixes de luz em meio à escuridão. Aquilo e os sonhos, é claro. Nos sonhos, o passado sempre vinha assombrá-la.

Ela jogou tudo numa bolsa de mão, além de duas pastas cheias de papéis e o *notebook* da Barren. Os passaportes ficaram por último. Dinah Levi, Elizabeth Teal — apenas dois dos muitos nomes que adotara ao longo dos anos. Dinah, Elizabeth, Sally, Carrie, Mary-Jane — foram muitos. Alteregos atrás dos quais se esconder, disfarces com os quais se cobrir. Dinah talvez fosse o mais apropriado de todos, com suas diversas conotações não só de justiça e julgamento, mas também pela história bíblica de Dina e Siquém, de estupro e vingança.

Tantos nomes diferentes. Tantas diferentes máscaras. Tantas diversas elas.

Mas apenas Rachel era verdadeiramente real.

Ela fechou o zíper da bolsa, deu uma última olhada em volta e saiu para o pátio. Gidi ia de casa em casa, colocando as cargas; uma ligação de celular para Tamar no alto do morro confirmou que a rodovia estava limpa, que não havia mais ninguém a caminho. Ela mandou que voltasse para a base, jogou a bolsa de mão para dentro do Land Cruiser e foi conferir o policial. Assim que a viu, começou de novo com a história da mãe. Ela não se preocupou em explicar.

— Ela estava trabalhando com você, não é? — ele insistiu, puxando inutilmente as algemas, o metal ferindo os pulsos e o tornozelo. — Rivka Kleinberg participava da Agenda Nêmesis. Por isso continuava vindo aqui.

Mesmo sem querer, ela sorriu. Não só porque ele acertava tão longe do alvo, mas também por simplesmente continuar atirando. Algemadas a um carro num calor de cem graus, sem a menor ideia se iriam estar vivas na próxima hora, a maioria das pessoas estaria implorando misericórdia. Mas ali estava aquele sujeito, ainda

testando as possibilidades. Merecia algum crédito, mesmo entendendo tudo errado.

— Rivka não tinha nada a ver com a Agenda Nêmesis — disse a mulher, considerando que ele merecia ao menos uma explicação parcial. — Ela vinha visitar, só isso.

— Passar algum tempo com a filha.

Ela não se manifestou sobre isso.

— Rivka sabia o que você estava fazendo? — perguntou ele, agitando a algema do pulso.

— Claro que sabia. Eu confiava nela.

— Não o bastante para conceder uma entrevista — disse ele. — Três anos atrás. Quando ela quis escrever uma matéria para a revista.

Mais crédito para ele. Tinha feito o dever de casa.

— Ela se precipitou com aquilo — respondeu a mulher. — Disse ao editor que podia conseguir a entrevista sem ter confirmado com a gente. Estava num mau momento na época, tinha perdido o emprego, não estava pensando com clareza. Eu disse que era muito arriscado, que havia muita pressão em cima da gente e que, no momento em que ela escrevesse o artigo, a pressão ia crescer em cima dela também. Que teríamos que parar de nos ver. Ela compreendeu a situação. Depois disso, não houve mais menções à Agenda.

— Mesmo em sua última visita? Quatro dias antes de ser morta?

Ela hesitou. Com ou sem crédito, ainda era um policial e ela não queria começar a conversar com ele. Ficar calada, jamais contar, nosso segredinho — fora uma lição que ela aprendera da maneira mais difícil. Ao mesmo tempo, uma parte dela queria falar. O bastante apenas para que os registros ficassem corretos. Ele sentiu a incerteza dela e a pressionou.

— Rivka queria que você invadisse a Barren, não é? Por isso veio aqui na última vez. Queria sua ajuda para descobrir o que a Barren estava fazendo no Egito.

Sentiu o estômago contrair, como sempre acontecia quando a Barren era mencionada. Ela olhou para ele, pensando na melhor maneira de jogar, calculando o melhor curso para atender seus

propósitos. Então, chegando a uma conclusão, tirou a Glock de trás dos *jeans*. Ele ficou tenso, forçando as algemas.

— Relaxe — disse ela. — Não matamos policiais.

Olhando o relógio, ela se sentou numa pedra na beira do caminho e apoiou a Glock no joelho. Ele relaxou, massageou o pulso, que tinha ficado de um vermelho vivo.

— Acertei?

Uma pausa e ela concordou.

— Ela nos disse que encontrara uma ligação entre a Barren e um artigo que estava escrevendo sobre tráfico sexual. Rivka sabia que a gente rastreava a Barren, que estávamos sempre entrando no sistema deles. Queria que entrássemos para ver se descobríamos alguma coisa sobre uma mina de ouro no Egito. E também sobre o porto de Roseta.

Ele piscou.

— Ela disse o que era? O que achava que ia descobrir?

A mulher balançou a cabeça.

— Acho que ela mesma não sabia exatamente. Ou, se sabia, não disse nada. Ela era assim, sempre escondendo o jogo. Estávamos de saída para outro lugar, mas eu disse que íamos dar uma olhada na volta. Quando chegamos, ela já estava morta.

Ela baixou a cabeça — não era bom demonstrar que sofria, não para estranhos, nem para ninguém —, depois voltou a erguer os olhos.

— Estamos rastreando a Barren desde então, mas não conseguimos absolutamente nada. Nada em Roseta, nada de mina de ouro, nada. O que quer que esteja rolando, estão mantendo bem escondido.

O policial ainda esfregava o pulso, a testa franzida, processando aquilo tudo.

— Você sabe se ela fez contato com a Barren? Jogou alguma dessas coisas em cima deles?

Ela deu de ombros.

— Duvido. Não era o estilo dela confrontar as pessoas até ter provas concretas.

— Você acha que a Barren a matou?

Ela deu uma risada pela ingenuidade óbvia da pergunta.

— Claro que foram eles que a mataram! É o tipo de coisa que fazem. Rivka descobriu alguma coisa sobre eles e por isso a executaram. É assim que operam. Afundados na merda.

— E mesmo assim você não conseguiu nada?

Ela deu de ombros novamente.

— São espertos. Mas vamos pegá-los.

Tamar se aproximava pela estrada, correndo devagar. Chega de conversa, hora de limpar a área. Ela se levantou.

— Você está entrando em águas profundas demais — disse-lhe ela. — Não faz a mais remota ideia do poder que essas pessoas têm, como são... nojentas. Um policial caipira como você, seguindo as regras, agindo dentro da lei — você não tem a menor chance de pegar a Barren. A única maneira de derrubar uma empresa dessas — derrubar qualquer uma delas — é jogar tão sujo quanto elas. É por isso que a Agenda Nêmesis existe. Para fazer o que a lei não pode.

— Então me ajude — disse ele. — Me mostre o que você tem.

Ela balançou a cabeça.

— Não é assim que funciona, garotão. Você pode ser o policial mais certinho do mundo, mas ainda assim é apenas uma peça na engrenagem da máquina. E a máquina sempre cuida de gente como Barren. São valiosas demais. Profundamente entranhados no esquema. Você está perdendo seu tempo. Mas boa sorte, mesmo assim.

— Ao menos me diga o que descobriu sobre eles — insistiu Ben-Roi, lutando para manter a conversa ativa. — Como você tem certeza de que foram eles que a mataram? O que quer dizer com “nojentos”?

A mulher descartou as perguntas com um aceno. Dissera tudo o que queria dizer. Ela baixou os olhos para ele — a imagem da frustração e da impotência, com as articulações algemadas e manchas de suor sob os braços —, e então Tamar chegou e as duas voltaram para a casa. Faz estava carregando o segundo Land Cruiser com o equipamento; Gidi tinha acabado de posicionar as cargas. Enquanto ele e Tamar iam pegar suas coisas, ela foi de prédio em

prédio para espalhar o combustível e programar os temporizadores. Quando terminou, deu uma última circulada. Mas, cedendo a um capricho, abriu a bolsa de mão, procurou entre as pastas e tirou uma folha de papel. Quando ela terminou de dobrar a folha e guardá-la no bolso, os Land Cruisers já estavam carregados e todos estavam prontos para partir.

Gidi e Faz partiram imediatamente. Ela e Tamar foram até o carro do policial e pararam. Deixaram-lhe duas garrafas de água e um galão vazio, onde ele poderia urinar. Jogaram o celular, as chaves do carro e a das algemas dentro do porta-malas. Limparam tudo com um pano umedecido, inclusive as algemas, para garantir que não deixariam digitais.

— Vamos ficar com algumas horas de vantagem para nos afastarmos — disse-lhe ela —, depois avisamos à polícia em Mitzpe que você está aqui.

— Muita gentileza — resmungou ele.

— Colocamos explosivos em todos os prédios — prosseguiu ela. — Nada muito pesado, mas, se eu fosse você, ficaria abaixado às quatro horas. Apenas por garantia.

Ele murmurou alguma coisa. Parecia ter desistido da história com a mãe.

— Não se preocupe em rastrear as placas dos carros, pois vamos trocá-las. E não perca seu tempo tentando nos achar. Somos inteligentes demais para vocês.

Com a mão livre, ele lhe mostrou um dedo, o que a fez sorrir. Ela enfiou a mão no bolso, tirou a folha de papel dobrada de lá e a deixou no colo dele.

— Essa é toda a ajuda que você vai conseguir de nós. É uma lista de todas as empresas ligadas à Barren no Egito. Pode haver alguma coisa aí. Pode não haver nada. — Você é o detetive. Você que descubra.

Ela se virou para o Land Cruiser. Ele a chamou.

— O que há entre você e a Barren? Por que tanto ódio?

Ela reduziu o passo. Como poderia lhe dizer? Como poderia dizer a qualquer pessoa? Nem mesmo sua equipe sabia a verdade. Certas motivações seriam melhores se mantidas em segredo.

Algumas identidades também. Era a sua missão, isso era tudo o que importava. As explicações eram supérfluas.

— Eles feriram uma pessoa próxima de mim — murmurou ela, baixo demais para ele ouvir. Ele chamou novamente, repetiu a pergunta, mas ela o ignorou. Com um último olhar para as casas, a mulher subiu no Land Cruiser, bateu a porta e, sinalizando com a cabeça para Tamar, partiram numa nuvem de poeira.

No final, passaram-se quase quatro horas até que finalmente uma patrulha de Mitzpe Ramon chegasse para soltar Ben-Roi. O sol já estava se pondo no horizonte, o grupo de construções se reduzira a um amontoado de escombros fumegantes e o seu mau humor não tinha como piorar.

— Preciso de um telefone — disse rispidamente, esforçando-se para sair do Toyota e esfregando o tornozelo inchado. — Algum que funcione aqui.

— No nosso carro — respondeu uma policial uniformizada, uma moça bonita de pele escura e corpo de modelo. O que, por algum motivo, tornou a coisa ainda mais humilhante.

— Vão até lá e vejam se descobrem alguma coisa — ordenou ele, indicando o restante dos prédios para os policiais. Menos por achar que eles fossem encontrar algo do que por desejar um pouco de privacidade. — E tire esse sorriso da cara.

Ele a fulminou com o olhar e foi mancando até o carro-patrulha, pegou o telefone e discou. Primeiro uma ligação rápida para Sarah, só para conferir. Ela soou feliz por ouvir a voz dele e perguntou se ele queria ir jantar no dia seguinte, apenas os dois. Em outras circunstâncias, ele ficaria encantado com o convite — ela não cozinhava para ele desde que tinham se separado. Mas, naquele momento, um jantar romântico à luz de velas era a última coisa que tinha em mente. Ele respondeu que achava ótimo, que ia adorar, a voz saindo menos animada do que ele queria transparecer, e desligou. A segunda ligação foi para Dov Zisky.

— Onde diabos você se meteu? — perguntou Zisky. — Tentei falar contigo a tarde inteira.

— Estive preso — respondeu Ben-Roi, o trocadilho intencional.
— Você falou com a Barren?

Zisky disse que sim. Uma reunião fora marcada para aquela noite, às 9h, para que os graúdos de Houston pudessem participar.

— Mas, se você ainda está em Mitzpe, não vai ter como...

— Estarei aí — interrompeu Ben-Roi, olhando o relógio. — Alguma coisa sobre a Prospecto?

Não muito. A empresa fora uma subsidiária da Barren, criada na década de 1990 para explorar possíveis minas de ouro no Egito. Fora encerrada depois de uns dois anos. William Barren fora o CEO, o que era interessante.

Ben-Roi ouvia, em seguida mandou que Zisky fosse ao apartamento de Rivka Kleinberg.

— Na verdade, eu estava de saída do escritório — respondeu Zisky. — Ia encontrar...

— Cancele tudo e vá para lá — resmungou Ben-Roi, sem ânimo para bancar o senhor compreensivo. — Tem uma foto no quarto. Uma menina. Acho que é filha de Kleinberg. Atualmente usando os nomes de Dinah Levi e Elizabeth Teal. Preciso que você descubra tudo o que puder sobre ela. E dê uma olhada na outra foto também, em que Kleinberg aparece no serviço militar. Devíamos ter feito isso há dez dias.

Ou seja, ele devia ter feito aquilo tudo. Tinha feito merda, não fora tão meticuloso quanto deveria ter sido. O que, para ser honesto, era também o motivo de seu mau humor, além de ter passado as últimas quatro horas mijando dentro de um galão.

Mandou que Zisky enviasse os detalhes da reunião com a Barren por SMS e desligou. Chamando os dois policiais uniformizados, deu-lhes o número das placas dos Land Cruisers e a descrição dos quatro ocupantes e mandou que circulassem as informações. Aquilo seria, quase certamente, uma perda de tempo, mas era preciso esgotar as possibilidades. Isso feito, ele voltou para o Toyota batendo os pés, ligou o motor e disparou levantando uma chuva de areia e cascalho. Duzentos metros depois, ele freou, escancarou a porta do carona e jogou o galão na estrada. O pior humor de todos os tempos.

LUXOR

— E você não viu nada incomum por lá? Construções, equipamentos, caminhões...?

Uma voz de homem ecoou pela linha, informando Khalifa que não, que não tinha visto nada fora do comum. Só pedra, areia e mais pedra — exatamente o que se pode esperar encontrar no meio de um deserto.

— Se bem que, para falar a verdade, a paisagem é tão confusa e montanhosa que a pessoa pode passar a cem metros de um estádio de futebol sem fazer a menor ideia de que ele está lá.

— Pessoas?

— Ninguém, com certeza. Nenhum tipo de fauna além de um ocasional íbex ou uma lebre do deserto. A região era tão remota que nem mesmo os beduínos passavam por lá.

— Você *ouviu* alguma coisa diferente?

— Como o quê?

— Não sei. Barulho de mineração? Escavação, perfuração, batidas?

— Não posso dizer que sim.

— Tem certeza?

— Positivo.

Suspirando, Khalifa agradeceu pelo tempo do sujeito e foi até a janela, com um Cleopatra pendurado desconsoladamente no canto da boca. O homem operava uma pequena agência de safári pelo deserto em Hurghada, uma das poucas a se aventurar por áreas um pouco mais próximas das terras altas no meio do Deserto do Leste. Ao longo do dia, Khalifa, tinha falado com todas elas. Ninguém tinha visto ou ouvido nada que pudesse sugerir uma operação ativa de mineração de ouro. Ninguém tinha visto ou ouvido nada que pudesse sugerir uma operação *inativa* de mineração de ouro. O mesmo com as companhias aéreas que operavam voos pelo deserto, de Luxor para Hurghada e para o porto de Safaga, e as diversas

agências de passeios de balão que levavam os turistas para ver o nascer do sol acima das montanhas do Mar Vermelho. O Ministério do Petróleo e Recursos Minerais não acrescentou nada ao que já lhe tinham dito; ele ainda esperava o retorno de uma ligação dos Raissoulis, ainda que não alimentasse muitas esperanças — se tinham visto algo para aqueles lados, esperava que tivessem mencionado na conversa na noite anterior.

Apenas duas possíveis pistas sinalizaram que ele não estava totalmente fora do rumo. Uma das empresas de safári com que tinha falado relatou ter passado pelos rastros de caminhões pesados em um dos *wadis* remotos que desciam de Gebel el-Shalul. Por si só, isso não lhe dizia muito — na imobilidade inalterada do deserto, onde nada se deslocava e jamais mudava, esses rastros poderiam ter sido deixados há décadas. Todavia, apenas para não descartar uma chance, ainda que remota, ele falou com a equipe da universidade de Helwan, responsável pela pesquisa aérea das falhas hidrocondutivas mencionadas por seu amigo Omar. Apesar de não terem visto nada que sugerisse a presença de uma mina de ouro em operação, poucos meses antes, um dos pilotos *tinha* visto o que parecia um comboio de caminhões em direção ao oeste, no meio do deserto, entre as terras altas e o vale do Nilo. De onde vinham ou para onde iam, o piloto não soube dizer, mas eram muitos. Pelo menos vinte, talvez mais. Algo? Nada? Khalifa não fazia ideia. Uma coisa era certa — se a Barren tivesse encontrado o Labirinto e começado a trabalhar lá novamente, estavam mantendo a operação miraculosamente bem-escondida.

Voltou a suspirar, pensando por que diabos estava tão obcecado com aquele caso que nem sequer era dele. Com um último trago no cigarro, inclinou-se na janela com os braços apoiados no parapeito e olhou para fora. Quinhentos metros além, depois de um matagal cheio de lixo, podia ver seu prédio: decadente, caído, meio escondido por uma fila de casuarinas empoeiradas. Para além, as franjas do leste da cidade se perdiam nos campos, para então dar lugar ao vazio amarelado do deserto. Um jato acabara de decolar do aeroporto de Luxor, subindo acentuadamente em direção ao sul, possivelmente a caminho de Assuão, ou talvez de Abu Simbel; bem

mais ao leste, quase além do que a vista alcançava, as montanhas do deserto pareciam flutuar no ar como uma bruma marrom subindo. E em algum lugar sob aquelas montanhas...

— Onde está você? — disse em voz alta. — Onde diabos está você?

— Logo atrás de você.

Ele se virou. Mohammed Sariya estava na porta segurando um prato de papel com duas fatias de *basboussa*.

— Fazendo serão? — perguntou ele.

— Apenas acompanhando umas coisas — respondeu Khalifa. — Já estava de saída.

— Bem, antes de ir, você pode me ajudar com isso.

Sariya mostrou as fatias de *basboussa*. Khalifa protestou, disse que não tinha fome, mas o assistente insistiu.

— Você vai me salvar de mim mesmo — disse sorrindo. — Já estou suficientemente gordo.

Khalifa relaxou e os dois homens se sentaram.

— Então, quem é “você”? — perguntou Sariya, oferecendo uma das fatias e dando uma mordida na outra.

— Hmm?

— *Onde diabos está você?*

— Ah, sim. Uma longa história.

— Do tipo que você não quer me contar?

— Do tipo que não parece estar fazendo o menor sentido — respondeu Khalifa, mordiscando um canto do doce. Por um momento, seus pensamentos enveredaram rumo a uma manhã distante no passado, quando ele e Ali comeram *basboussa* no Groppi's, no Cairo. Ali insistira que queria uma outra fatia, já tinha comido metade e teve que sair correndo para o banheiro, subitamente enjoado. Khalifa guardou a lembrança por um instante, apreciando-a, depois, afastando-a, atualizou Sariya sobre o que descobrira nas últimas vinte e quatro horas. Apenas uma pincelada básica — a mina, os poços envenenados, os resultados da análise da água. Não mencionou Ben-Roi nem Kleinberg. Mesmo Sariya sendo uma das pessoas mais razoáveis da corporação, até ele teria

manifestado desagrado diante da ideia de fazer o trabalho pesado para os israelenses.

— Você já comentou com os Attia sobre isso? — perguntou quando Khalifa concluiu.

— Ainda não. Esperava esclarecer alguns detalhes primeiro.

— Quer que eu vá? Estou de folga amanhã e poderia ir até lá para dizer a eles. Tranquilizá-los de que não é nenhuma ação anticristã, afinal.

— Você faria isso?

— Seria um prazer. Uma boa desculpa para não passar a manhã com minha sogra. Ela me contou uma história outro dia que era tão chata que achei que eu ia desmaiar.

Khalifa achou graça.

— Quer que eu passe por Bir Hashfa também? — perguntou Sariya.

— Deixe isso de lado no momento. Não quero que as pessoas entrem em pânico. Vou tentar encontrar a mina e depois podemos ir falar com eles quando tivermos os fatos.

Sariya concordou e deu outra grande mordida no doce. Ficaram em silêncio e em seguida:

— Achei aquela família, aliás.

Khalifa não sabia do que o assistente estava falando.

— Você sabe, aquela lá da velha vila de Qurna. Os El-Badris.

É claro. A família da garota que Pinsker estuprara. Ele pedira que Sariya os investigasse. Não parecia mais relevante agora que ele descobrira a respeito da mina de ouro.

— E? — perguntou, mais por educação do que por interesse, não queria que Sariya sentisse que tinha perdido tempo.

— E nada demais — respondeu o sargento, mastigando com a boca cheia. — Como você disse, a maioria se mudou para El-Tarif quando puseram a velha vila de Qurna abaixo. Ainda que a irmã já tenha ido embora.

— Irmã?

— A que você mencionou. Mora numa vila mais abaixo, perto de Edfu. Está lá há uns trinta anos ou mais.

Khalifa estava confuso.

— Três irmãos e uma irmã — Sariya o lembrou, o tom de um pai explicando algo para um filho esquecido. — Os irmãos estão todos enterrados há muito, mas a irmã vive perto de Edfu.

— Iman el-Badri?

— Exatamente.

Khalifa balançou a cabeça.

— Acho que alguém trocou as bolas, Mohammed. Iman el-Badri morreu há vários anos. Deve ser uma outra.

— Não foi o que me disseram — disse Sariya. — Eram três irmãos, Mohammed, Said e outro cujo nome eu não lembro. Acho que era Ahmed. E a irmã, Iman. E ela está morando lá na periferia de Edfu. Algum tipo de santa, aparentemente. Passa o dia distribuindo bênçãos para grávidas.

Khalifa esboçou uma objeção, queria dizer que Sariya estava enganado, mas ficou em silêncio. Parando para pensar naquilo, ninguém realmente lhe dissera que a mulher estuprada por Pinsker tinha morrido.

— Mas não é possível — murmurou. — Ela deve ter mais de cem anos.

— Exatamente cem, na verdade. E ainda bem forte, pelo que todos disseram.

O desinteresse inicial de Khalifa subitamente dera lugar a total atenção.

— Tem certeza disso?

Sariya lançou-lhe um olhar admoestador.

— Você sabe o nome da vila?

Lambendo o mel das pontas dos dedos, Sariya pegou uma caneta e escreveu numa folha de papel. Khalifa leu a anotação, dobrou e guardou no bolso.

— Perto de Edfu, você disse?

— A uns cinco quilômetros para o norte.

Khalifa consultou o relógio, calculando. Então, com um tapa no ombro de Sariya, levantou-se e se dirigiu para a escada, enfiando o restante da *basboussa* na boca pelo caminho. Levava pelo menos uma hora de carro até Edfu, e aquilo, provavelmente, seria o único jantar que conseguiria.

ESTRADA PARA JERUSALÉM

Mais cedo naquele dia, Ben-Roi pisara fundo para ir de Jerusalém para Mitzpe Ramon.

No caminho de volta, praticamente atravessou o chão do carro, cobrindo a distância vinte minutos mais rápido do que na ida, a sirene tocando por todo o caminho era um reflexo preciso de seu humor.

Enquanto dirigia, passava e repassava os eventos da tarde pela cabeça, tentando enquadrá-los dentro da estrutura do caso que já montara.

O fato de a mulher da Nêmesis ser a filha de Kleinberg certamente explicava algumas coisas. Ao mesmo tempo, suscitava todo um emaranhado de novas questões, e a menor não era querer saber por que diabos Kleinberg se mantivera tão discreta quanto ao fato de ter uma filha (ainda que seu editor tivesse comentado que ela mantinha a vida rigidamente compartimentada).

Com um pouco de sorte, Zisky poderia desencavar algumas respostas. A preocupação mais premente de Ben-Roi era com o que a tal Dinah lhe dissera sobre a Barren Corporation. Especificamente, sua insistência de que tinha sido a Barren ou alguém a serviço deles que matara Kleinberg.

Não era uma ideia que viera do nada — a Barren pairava pelo caso quase que desde o princípio. O que o impressionava era a convicção absoluta com que ela os apontara. Para Dinah Levi, Elizabeth Teal, fosse qual fosse seu verdadeiro nome, a Barren seria culpada. Não possivelmente. Não provavelmente. Definitivamente.

Como podia ter tanta certeza? Estaria ela escondendo alguma coisa? Não teria contado a história completa? Teria a Agenda Nêmesis descoberto algum tipo de prova concreta? Mas, então, por que não revelar? Se não para ele, no próprio site da Nêmesis? Considerando a história deles com a Barren, era de pensar que iriam

a público no momento em que descobrissem qualquer coisa, ainda que remotamente incriminadora.

Não, reconheceu ele, ela falava a verdade — ao menos quanto ao que tinham descoberto sobre o assassinato. No que se referia a provas, tinham as mãos tão vazias quanto as dele. Então a pergunta se mantinha: como ela podia ter tanta certeza de que a Barren era responsável? Seria seu ódio pela empresa — quaisquer que fossem suas raízes — tão grande que ela simplesmente não imaginaria que eles pudessem *não* ser os culpados? Estaria ela fazendo algum tipo de jogo elaborado com ele, apontando para falsos ângulos por motivos que só ela compreendia?

Ou saberia ela algo mais sobre a Barren? Algo tão sórdido, tão terrível (“nojentos” fora a palavra que usara para descrevê-los), que o assassinato de Kleinberg seria, de alguma forma, um corolário inevitável? O que, uma vez mais, trazia à tona o “porquê”. Se eles detinham esse conhecimento, o que os impedia de publicá-lo?

Não fazia sentido. Nada fazia. Mas ao menos uma coisa estava clara — quem quer que fosse Dinah Levi, ela tinha alguma questão pessoal com a Barren. Algo que ia muito além da simples antipatia de uma militante anticapitalista contra uma megacorporação global. Ele viu nos olhos dela; na linguagem corporal; na maneira como sua expressão se contraiu quando o nome Barren foi mencionado, como se apertassem um parafuso no fundo de seu crânio.

Para a filha de Rivka Kleinberg — se de fato o fosse —, a Barren Corporation era o demônio.

E agora ele estava correndo de volta para Jerusalém para um encontro com o próprio. Como dissera para Zisky de manhã, antes de sair: já passara da hora de se encontrar com essa gente e descobrir o que tinham a dizer sobre si mesmos.

Os representantes da Barren haviam solicitado que a entrevista ocorresse no King David, o mais famoso e exclusivo hotel de Jerusalém. A empresa mantinha uma suíte lá, aparentemente usada como uma espécie de escritório informal em Jerusalém, com uma conexão para videoconferência sempre disponível com a sede em Houston. Normalmente, as entrevistas durante as investigações de

assassinato eram realizadas em dependências policiais, mas Ben-Roi deixara o barco correr. Ao fim e ao cabo, falar era falar, onde quer que se estivesse. Contanto que respondessem as suas perguntas, a reunião poderia ser até em um banheiro público.

Ele chegou com dois minutos de antecedência. Em 1946, boa parte da ala sul do hotel fora destruída num atentado a bomba do Irgun, a maior atrocidade terrorista já perpetrada na história da região. Não se via mais qualquer sinal. O lugar era um testamento à tranquilidade opulenta, à decoração luxuosa e ao rico mobiliário, tão afastado das preocupações do mundo real quanto se poderia conceber. Ben-Roi já estivera lá algumas vezes ao longo dos anos e jamais se sentira à vontade, e menos ainda naquela noite, dado o motivo de sua visita. Sem nem sequer olhar para o ambiente a seu redor, atravessou o saguão acarpetado e pegou um elevador até o quarto andar, dividindo o transporte com um casal idoso que viera da Inglaterra para o Bar Mitzvah do neto.

O apartamento da Barren ficava nos fundos do prédio, no final de um longo corredor suavemente iluminado. Ele parou do lado de fora por um momento, recompondo-se, rapidamente repassando o plano de ataque mentalmente, e então bateu na porta. Abriram imediatamente e ele foi levado para dentro.

O quarto era um dúplex, um grande salão, uma escada para o dormitório, janelas com uma vista espetacular para o leste, do vale Hinnom ao monte Sião, com o aglomerado de luzes da Cidade Antiga. Havia cinco pessoas esperando lá dentro, o que lhe pareceu um pouco demais: dois homens de terno — executivos da Barren — e, lado a lado no sofá, um homem e uma mulher cujas expressões rígidas e olhar gelado imediatamente os identificaram como advogados.

Eram os extras, o elenco de apoio. A quinta pessoa foi a que chamou a atenção imediata de Ben-Roi e claramente era quem mandava, sua presença dominava o espaço, mesmo ele não estando fisicamente lá. Em vez disso, seu rosto brilhava numa gigantesca tela de TV na extremidade do quarto — barbudo, rosto inchado, grisalho, como um profeta carrancudo do Antigo Testamento. Nathaniel Barren.

— O senhor está atrasado.

A voz era um rosnado rouco. O tipo de som que se imaginaria sair de um dos rostos do monte Rushmore.

— Não aprecio ser deixado esperando. Deveríamos ter começado às treze horas, horário de Houston.

Dois minutos tinham se passado. Dificilmente um atraso ultrajante, mas Ben-Roi se desculpou assim mesmo, sem querer criar rugas antes mesmo de a entrevista ter início. Havia tempo suficiente para isso. O velho olhou para ele da tela — uma experiência desconcertante, como ser observado por um personagem de um programa de TV. Com um gesto, ele indicou que o detetive se sentasse.

— Quando eu disse que queria falar com alguém no comando, não esperava que fosse o presidente da empresa — disse Ben-Roi ao se sentar na única cadeira livre.

A onze mil quilômetros de lá, os ombros de Nathaniel Barren se abriram levemente, o terno franzindo sob as axilas.

— Quando *eu* sou informado que o bom nome da Barren Corporation foi arrastado para o meio de uma investigação de homicídio — rosnou ele —, não se trata de algo que eu entenda que possa delegar. Posso ter me afastado um pouco das operações cotidianas da empresa. Ainda assim, trata-se da *minha* empresa. E do nome da *minha* família. Devo crer que o senhor perceba o que estou dizendo, senhor...?

— Ben-Roi — interrompeu um dos executivos.

— Detetive sênior Ben-Roi — disse Ben-Roi. E, sim, eu compreendo.

— Fico feliz que tenhamos nos entendido.

A tecnologia de conferência nitidamente era de ponta, mesmo com toda a distância, não havia qualquer lapso de tempo na voz do velho. Sua imagem era tão nítida que era possível distinguir cada uma das manchas senis de suas mãos gigantescas. À esquerda, pelo que vira Ben-Roi, segurava uma máscara plástica de oxigênio.

— Aceita uma bebida, senhor Ben-Roi?

Ben-Roi disse que não precisava.

— Neste caso, sugiro irmos direto aos negócios. Pergunte o que o senhor precisa saber.

Os dedos da mão direita de Barren tamborilaram lentamente na superfície da mesa diante da qual estava sentado. Apesar de ainda estar no início da tarde em Houston, a sala em torno dele — algum tipo de estúdio ou biblioteca — parecia mergulhada nas sombras. Mesmo visto através de uma tela de TV com um quarto do planeta entre eles, Ben-Roi sentia a opressão do lugar. Ele esfregou o pulso, ainda dolorido pelas algemas, abriu o caderno numa página em branco e iniciou os trabalhos.

— Há doze dias, uma jornalista chamada Rivka Kleinberg foi assassinada em Jerusalém — começou ele. — Na Catedral Armênia. Foi garroteada.

A declaração não provocou qualquer reação visível em Barren. Apenas batucou com os dedos e fitou Ben-Roi com olhos ao mesmo tempo empapuçados e penetrantes. Os demais também olhavam para ele — cinco pares de olhos o atravessando de todos os lados. Não exatamente ameaçadores, mas tampouco confortadores. Teria que jogar com muito cuidado.

— Por acaso, o senhor teria conhecimento de um contato recente entre a senhora Kleinberg e sua empresa? — perguntou ele.

Na tela, os olhos de Barren se voltaram para os dois executivos e ambos balançaram as cabeças.

— Obviamente, o senhor acredita que houve um motivo para que esse contato ocorresse.

— Ao longo do curso de nossas investigações, verificamos que, pouco antes da morte da senhora Kleinberg, ela estava pesquisando algo sobre a Barren Corporation — explicou Ben-Roi.

Um dos advogados perguntou que tipo de pesquisa. Ben-Roi os informou a respeito do artigo sobre a mina de ouro romena.

— Ela também investigava um homem chamado Samuel Pinsker. Em 1931, parece que Samuel Pinsker descobriu as paragens de uma antiga mina de ouro egípcia, há muito perdida, conhecida como Labirinto de Osíris.

A advogada foi cortante, perguntando qual a possível relevância que isso poderia ter para a Barren Corporation. Nathaniel Barren a

silenciou com o aceno de um dedo. Praticamente o mesmo gesto usado por Genady Kremenko para calar a advogada dele. Dois homens acostumados a serem obedecidos sem questionamentos.

— Prossiga, senhor Ben-Roi.

Ben-Roi se ajeitou na cadeira.

— Parece que essa antiga mina de ouro foi localizada em algum lugar no meio do Deserto do Leste egípcio. Há não muito tempo, uma subsidiária da Barren, chamada Prospecto Egypt, esteve fazendo pesquisas precisamente naquela região.

O outro advogado entrou na conversa, perguntando o que isso poderia ter a ver com uma investigação de assassinato em Jerusalém. Novamente, Barren sinalizou para que se calasse.

— Poderia me falar um pouco da Prospecto? — pediu Ben-Roi.

— Mickey?

Barren se voltou para um dos executivos de terno, um jovem elegante com costeletas bem-aparadas e um enorme relógio de *designer*.

— Era uma subsidiária pequena — explicou o homem, a voz seca e precisa, como sua aparência. — Operou uma licença de prospecção de dois anos nas montanhas do Mar Vermelho central. Quando a licença venceu, a empresa foi encerrada.

Praticamente o mesmo que Zisky dissera a Ben-Roi mais cedo.

— Operava como uma entidade independente?

— Não — o homem respondeu — e era operada diretamente de Houston, com um subescritório no Cairo.

— Achou alguma coisa?

— Alguns poucos depósitos de esmeralda, aparentemente. Baixa qualidade, uma graduação baixa demais para viabilizar a extração. E uns dois leitos de fosfato. Igualmente limitados para justificar maiores explorações. Fora isso, muita areia e pedra.

— Nada de ouro?

— Nada de ouro.

— E nenhum labirinto também — cortou o outro executivo, provocando uma onda de risadas.

Ben-Roi sorriu, deixando a coisa seguir, depois mudou o rumo.

— Pelo que sei, a mineração de ouro produz uma quantidade significativa de lixo tóxico.

Mais uma vez, os advogados interromperam e novamente Barren os silenciou, o que levou Ben-Roi a pensar por que teriam se incomodado em levá-los até lá. Levantando a máscara de oxigênio, o velho respirou uma série de vezes, inspirações rascantes e profundas, sem jamais tirar os olhos do detetive. Quando terminou, baixou a máscara e se recostou.

— Devo confessar, senhor Ben-Roi — disse ofegante — que não nos parece imediatamente claro, para mim ou para meus colegas, como a compreensão dos meandros técnicos da mineração do ouro pode ajudá-lo a levar um assassino à Justiça. Mediante o pressuposto de que *será* de algum auxílio, no entanto, e também considerando que nós sempre desfrutamos de excelentes relações com o Estado de Israel, fico feliz em lhe conceder o benefício de meus cinquenta anos de experiência na indústria.

Ele não parecia especialmente feliz, mas Ben-Roi não se dispôs a insistir nesta questão.

— Assim, para responder a sua pergunta: sim, a mineração de ouro produz níveis expressivos de resíduos tóxicos. Os processos foram aprimorados ao longo dos anos, mas, qualquer que seja, ainda é um negócio sujo. Sempre foi, sempre será. Como todas as coisas belas, o ouro tem seu lado obscuro.

— Arsênico faz parte deste lado?

Ele observou Barren intensamente ao fazer a pergunta, atento a qualquer reação discernível. Como antes, não havia nada.

— Pode ser — respondeu o velho. — Cianeto é o principal resíduo, mas, se o ouro for extraído de arsenopirita, então, sim, haverá uma boa quantidade de resíduo de arsênico também. O que, a longo prazo, acaba sendo mais danoso, pois a degradação do arsênico é muito mais lenta do que a do cianeto. O senhor gostaria de mais detalhes?

Algo em seu tom de voz parecia desafiar Ben-Roi a dizer que sim. Não querendo ter uma aula de química, ele declinou. Após os eventos do dia, podia sentir o cansaço permeando as margens de

seu cérebro e queria cobrir a maior área possível enquanto tinha a mente clara. Modificou a abordagem novamente.

— Segundo o artigo de jornal que mencionei, os resíduos de sua mina na Romênia são levados de volta para os EUA.

Houve uma pausa enquanto Barren o observava.

— Está correto.

— Vocês fazem isso com os resíduos de todas as suas minas?

Barren bufou, com desdém.

— O diabo que fazemos! Os restos das outras operações são descartados no local. Conforme, é claro, as leis do país em que o local por acaso esteja. Apenas nos damos ao trabalho em Drăgeş, pois se tratou de uma estipulação para obtermos a concessão. Uma estipulação extremamente cara, devo dizer, considerando os custos de navegação, imobilização e aterramento. Mas, enfim, se trata de um depósito rico, podemos absorver o custo. Quarenta milhões de onças de ouro a uma concentração de 35 gramas por tonelada. Creia-me, senhor Ben-Roi, em termos de mineração, trata-se de um filão e tanto.

— E é claro que, na Barren Corporation, ficamos felizes em fazer a nossa parte na proteção do meio ambiente — interrompeu o segundo executivo, um homem careca com bolsas sob os olhos e uma enorme pança transbordando pela cintura da calça do terno Armani. — Nós levamos nossa responsabilidade ecológica extremamente a sério.

— Extremamente a sério — ecoou Barren, o tom sugerindo que sua opinião era exatamente o contrário. Ben-Roi mexeu os pés, olhando para o velho, com a sensação de que estava perdendo algum truque, de que não estava fazendo as perguntas certas. Talvez ele devesse adiar a entrevista, deixar para o dia seguinte quando estivesse menos cansado. Mas estava lá agora e duvidava que fosse ter outra oportunidade, e resolveu ir adiante.

— A sua empresa tem alguma ligação com o porto de Roseta?
— perguntou. — No litoral norte do Egito.

Barren começou a tamborilar com os dedos novamente.

— Não que eu saiba — respondeu. — E uma vez que nada acontece nesta empresa *sem* que eu esteja inteirado, a resposta é

não.

Os empregados sorriram.

— E quanto a um homem chamado Genady Kremenko?

— Nunca ouvi falar.

— Dinah Levi?

Uma fração de silêncio, rápida demais para Ben-Roi poder dizer se tinha algum significado.

— Nunca ouvi falar dele também.

— É ela.

Barren deu de ombros. Ben-Roi observou-o, tentando ler sua expressão, avaliar se dizia a verdade ou se apenas era extremamente hábil na arte da mentira. Não soube dizer, sua impressão tendia pela segunda opção, ainda que não tivesse qualquer prova, e, após uma pequena pausa, mudou novamente o rumo, dançando em círculos como um boxeador tentando encontrar uma abertura.

— Voltando à Prospecto por um momento — disse ele. — Entendo que a empresa era dirigida por seu filho, senhor Barren.

O olhar do velho endureceu levemente, como se não recebesse bem a menção a seu rebento. A primeira reação desde o início da entrevista.

— Ainda estamos tratando de sua investigação aqui? — rosnou, a mão direita tateando em torno da máscara de oxigênio. — Ou apenas interessados na maneira como estruturo meu negócio?

Ben-Roi ignorou a farpa, assegurando-o de que estavam perfeitamente dentro da inquirição. Barren o fixou da tela, sua enorme cabeça parecendo tremer ligeiramente, com uma rocha prestes a se soltar e cair rolando. Então, com um grunhido, cruzou as mãos.

— Sua compreensão está correta — disse ele, mexendo na fina aliança dourada de casamento com o polegar. — Estávamos colocando William no conselho, na época, familiarizando-o com a empresa. Cuidar da Prospecto era parte do processo.

Ben-Roi hesitou, rabiscando no caderno e então soltou:

— Ele é um sujeito bem pitoresco, esse seu filho.

Uma provocação deliberada e ele cruzou os braços ao fazê-la, antecipando uma resposta atravessada. Os advogados chegaram para a frente, como Dobermanns puxando as correntes, mas Barren não os soltou. Em vez disso, ficou em silêncio por algum tempo até que, inesperadamente, sorriu. Uma expressão desconcertante, como uma ferida se abrindo na base do rosto.

— Sou um homem direto, senhor Ben-Roi — rosnou —, então vamos falar francamente aqui. Como o senhor obviamente está a par, meu filho tem um... histórico. Graças à imprensa marrom, isso não chega a ser exatamente informação privilegiada. E, com base nesse histórico, o senhor talvez esteja pensando que, sob a direção dele, a Prospecto fez o quê? Corrompeu-se? Encontrou algum tipo de caverna de Aladim e começou a trabalhar nas nossas costas? E então talvez tenha acabado com uma jornalista porque ela descobriu tudo? Estou tocando em alguma corda?

Um as duas, reconheceu Ben-Roi, ainda que ele não teria apresentado as coisas de maneira tão explícita.

— Gosto de ser explícito, senhor. Assim não há espaço para dúvidas. E estou lhe dizendo, explicitamente, que o senhor está fora da linha. Muito além da linha e bem distante do alvo. Primeiramente, porque, como já lhe disse, nada acontece nesta empresa sem que eu tenha conhecimento, *nada*. Em segundo lugar, porque, mesmo se fosse o mais distante e maldito deserto do planeta, não é possível explorar algo tão grande quanto uma mina de ouro sem que as pessoas descubram. E, em terceiro, e o mais importante — ele se inclinou diretamente para a câmera enquanto falava, seu rosto ocupando toda a tela — porque seja o que ele for, para o bem ou para o mal, meu filho, certamente, *não* é algum tipo de Al Capone andando por aí e apagando qualquer um que por acaso atravesse o caminho dele. Isso está no plano da fantasia, senhor Ben-Roi e, francamente, eu esperava mais de um representante de uma das melhores forças policiais do mundo. Creio que isso encerra o assunto.

Ben-Roi reconheceu que sim.

— Ótimo. Se o senhor colocar minha família no meio dessa conversa novamente, a entrevista será encerrada. Assim como sua

carreira, no que me diz respeito. Coloque ali, por favor, Stephen.

Dirigia-se a uma figura que entrara na tela à esquerda de Barren. Algum tipo de valete ou mordomo, a julgar pelo uniforme escuro e comportamento diferente. Continuou em foco por tempo suficiente para pousar um copo de água sobre a mesa, diante do velho, e então recuar e desaparecer. Pegando o copo, Barren deu um gole, a testa contraída numa sanfona de rugas raivosas.

— É só isso — resmungou, os olhos pairando sobre a beira do copo como um par de moscas varejeiras. — Ou será que existe alguma outra teoria de merda que o senhor queira me impingir?

Ben-Roi sustentou o olhar, recusando-se a se deixar intimidar. Havia outras bases que ele gostaria de cobrir: a oferta da Barren pelo campo de gás egípcio, para começar, e também a lista de empresas que a tal de Dinah lhe dera mais cedo. Mas sentia que já estava entrando na prorrogação e, além disso, o comentário sobre encerrar sua carreira o irritara. Em vez de continuar dando golpes curtos pelos flancos, decidiu-se logo por um gancho de direita.

— Senhor Barren, o senhor faz alguma ideia de por que a Agenda Nêmesis acredita que a sua empresa assassinou Rivka Kleinberg?

O comentário causou um clamor furioso e instantâneo por parte dos advogados que, desta vez, não foram contidos pelo chefe. Ben-Roi deixou que viessem em cima dele, mantendo-se totalmente atento ao rosto de Barren, analisando o efeito de suas palavras quase do mesmo jeito que um geólogo analisaria as leituras de um terremoto no sismógrafo. O velho estava furioso, sem dúvida, o queixo para frente, a boca cerrada numa careta ameaçadora. Ao mesmo tempo, algo nos seus olhos não combinava exatamente com o restante da expressão. Difícil definir o quê, exatamente — mesmo com a imagem cristalina na tela, o fato de ele não estar lá pessoalmente, de algum modo, dificultava a interpretação desses indícios tão sutis. Certamente, não era medo. Tampouco, culpa. Mais parecia algum tipo de conhecimento cauteloso, como se o comentário não o surpreendesse da mesma maneira que aos demais participantes da entrevista.

— Explique-se, senhor — rosnou.

— Com prazer — disse Ben-Roi. — Mais cedo hoje, fui mantido sob a mira da arma de Dinah Levi, a mulher que mencionei mais cedo, e que tenho razões para crer ser filha de Rivka Kleinberg. Ela também é membro da Agenda Nêmesis.

Barren nada disse, apenas o olhava furioso, ainda com aquela estranha diferença entre o rosto e a expressão dos olhos, como se um registrasse uma coisa, e a outra, algo completamente diferente.

— O senhor já ouviu falar da Agenda Nêmesis, creio.

A máscara de oxigênio foi esmagada pela força da mão do velho.

— O senhor pode apostar que já ouvi sim. Há apenas dois dias eles brutalizaram um dos meus empregados no Cairo. Se o senhor tiver uma descrição dessa mulher, espero sinceramente que a tenha passado para as autoridades relevantes.

— *Eu* sou as autoridades relevantes — disse Ben-Roi. — E sim, uma descrição foi distribuída.

Subitamente, sentia-se muito desperto, a cabeça totalmente clara.

— Quatro dias antes de ser morta — prosseguiu — Rivka Kleinberg se encontrou com essa mulher. Ela pediu que a Agenda Nêmesis invadisse o sistema de sua empresa para buscar informações sobre uma mina de ouro no Egito e sobre o porto de Roseta.

Ele concedeu alguns segundos para que a informação fosse digerida.

— Dinah Levi acreditava que a mãe dela estava atrás de uma história com potencial para prejudicar a Barren Corporation. Também acreditava, e muito firmemente, que, para evitar que essa história vazasse, a Barren Corporation, ou alguém associado a ela, matou Rivka Kleinberg. Portanto, repito a pergunta: o senhor tem alguma ideia dos motivos dela para pensar dessa forma?

Ben-Roi já encarara olhares ameaçadores em sua vida — como um policial israelense em Jerusalém, raro era o dia em que não os enfrentava —, mas nenhum sequer remotamente se aproximava daquilo que emanava no momento da tela de conferência. A intensidade maligna era tamanha que mesmo os advogados foram

reduzidos ao silêncio, toda a sala em torno de Ben-Roi parecendo se estreitar e diminuir, de forma que apenas Barren e Ben-Roi pareciam estar no ringue. Houve uma pausa, e os únicos sons eram o ronco raivoso da respiração do velho e um carrinho do serviço de quarto do lado de fora do apartamento. Lentamente, Barren se recostou, a massa corporal coberta pelo terno se espalhando e ocupando a cadeira como uma corrente de magma que endurecia.

— Posso lhe dizer exatamente por que ela pensa isso, senhor Ben-Roi — disse ele, a voz um ronco gutural, como se tivesse a garganta revestida com lixas. — Ela pensa assim precisamente pelo mesmo motivo que as pessoas que se opõem ao Estado de Israel gostam de acreditar que seus policiais deliberadamente atiram em crianças árabes e que os antissemitas acham que os judeus bebem o sangue dos bebês. Porque ela e seus amigos psicóticos nos odeiam. Não por nada que tenhamos feito, imagine o senhor, não por termos quebrado alguma lei, mas pelo que nós representamos. E o que representamos é o triunfo do capitalismo. Dinheiro, é disso que se trata, senhor Ben-Roi, e eu não tenho por que esconder ou me desculpar por isso. Nós cumprimos a lei, pagamos nossos impostos, damos apoio a diversas causas válidas, mas, ao fim e ao cabo, o resultado é que nós ganhamos dinheiro. E eles não suportam isso. Não suportam o fato de eu dormir a noite inteira sem acordar suando frio, em agonia, porque uma porcaria de árvore foi derrubada no meio da Amazônia. Eles vêm nos caçando há uns sete anos e jamais conseguiram qualquer prova de estarmos fazendo algo errado; portanto, francamente, não me surpreende nem um pouco estarem querendo nos empurrar um assassinato. Fico surpreso por ainda não terem nos acusado também da morte de Kennedy.

Ele se calou, ofegando para respirar, o rosto com um tom arroxeadado, bolhas de saliva brotando dos cantos da boca. Voltou a respirar com força várias vezes pela máscara de oxigênio, os olhos se dilatando a cada inspiração e se contraindo na saída do ar, baixando a máscara, aceitou o lenço que lhe era estendido e entrava na tela pela esquerda, possivelmente pelo mordomo que ainda estava ali.

— Fiquei feliz por conceder-lhe esta entrevista, senhor Ben-Roi — rosnou, secando a boca com o lenço —, mas, uma vez que me parece estarmos saindo do âmbito policial para entrarmos no âmbito da difamação e da insinuação, não estou mais disposto a dar prosseguimento à conversa. Desejo-lhe toda a sorte em sua busca do assassino, mas me sinto obrigado a dizer que, com base no que ouvi nesses últimos vinte minutos, o senhor não chegará lá tão cedo. E, creia-me, farei com que minhas impressões cheguem aos seus superiores. Tenha um bom dia, senhor.

Sua mão se moveu para desligar a conexão de vídeo. Ben-Roi o chamou antes:

— Uma última pergunta, senhor Barren.

O velho hesitou. Assim como Ben-Roi, indeciso sobre qual seria a pergunta. Talvez sobre Roseta, novamente. Ou pressionar Barren com mais força sobre a questão do tráfico sexual. Ou ainda desafiá-lo sobre a lista de empresas egípcias que tinha numa folha de papel dobrada em seu bolso. Em vez disso, sem saber muito bem o motivo, disparou uma bola com efeito.

— O senhor acha que a Agenda Nêmesis teve algo a ver com a morte de sua esposa?

Dois dias antes, um chute enviesado como aquele de Dov Zisky pegou Genady Kremenko desavisado. Ele não teve a mesma sorte com Barren. O velho fuzilou a tela, o rosto se contorcendo de fúria, o peito arfando. Resmungando um “Tirem ele daqui”, esticou a mão e a tela ficou vazia.

EDFU, EGITO

Enquanto Ben-Roi era conduzido para fora de sua reunião com Nathaniel Barren, Khalifa era chamado para seu encontro com Iman el-Badri, a mulher que, oitenta anos antes, fora brutalmente violada por Samuel Pinsker.

Chegara à vila há duas horas e, àquela hora, achou que já estaria voltando para Luxor, se já não estivesse em casa. Ao estacionar diante da casa, no entanto — uma construção de tijolos de barro, com uma torre de pombos de um lado e um burro zurrando em algum lugar nos fundos — encontrou uma dúzia de mulheres cobertas de preto sentadas em fila diante da fachada. Sariya lhe dissera que a vítima de Pinsker era agora algum tipo de figura sagrada e aquelas mulheres esperavam para serem benzidas por ela.

Em outras circunstâncias, ele mostraria o distintivo e entraria direto. No entanto, o instinto lhe dizia que, neste caso, uma abordagem tão peremptória não seria adequada. Ligou para Zenab para avisar que chegaria mais tarde do que esperava e pegou seu lugar no final da fila para esperar a vez, estudadamente evitando os olhos das suplicantes para não comprometer-lhes o recato. Em áreas tão retiradas, tais coisas eram importantes.

E agora, finalmente, duas horas e dez Cleópatras depois, uma voz de mulher o chamava para entrar, a última pessoa da fila. Levantou-se, alisou as calças e ajeitou o cabelo, consciente de sua aparência, mesmo indo visitar uma pessoa cega. Entrou na casa então passando pela cortina de contas.

O interior era o mais oposto possível à suíte onde Ben-Roi conduzira a *sua* entrevista. Sem eletricidade, nenhum carpete, nada de decoração ou móveis bacanas. Em vez disso, Khalifa se viu numa sala com chão de terra batida, parede nua de tijolos de barro e o teto escurecido pela fumaça. Uma porta do outro lado da sala levava para a intimidade da casa, nos fundos; um único lampião de

querosene iluminava apenas o bastante para deixar o aposento visível, sem perturbar as sombras acumuladas pelos cantos. Quanto à mobília, nada mais havia além de um par de bancos simples encostados às paredes. No da direita, uma mulher velha, mais parecida com uma boneca, estava sentada de pernas cruzadas, encostada nos tijolos. Toda ela, a não ser seu rosto carregado de rugas, estava coberta por uma *djellaba suda*, o que não permitia saber imediatamente onde terminava seu corpo e começavam as sombras.

— Dizem que minhas bênçãos confortam aquelas que carregam uma criança — disse ela, a voz rascante e, ao mesmo tempo, curiosamente gentil. Tranquilizante. Como o estalar das folhas de palmeira na brisa. — Infelizmente, senhor, temo que não há qualquer bênção que possa ajudar com a *sua* gravidez.

Ela sorriu com a própria piada e indicou o outro banco. Como ela sabia que ele era um homem, ele não tinha como dizer — provavelmente percebera algo no som de sua respiração, no peso de seus passos. Dirigindo-se para o banco à esquerda, sentou-se.

— Você não é daqui — disse ela, inclinando a cabeça na direção dele.

— Luxor. — Fez uma pausa e completou — Sou um policial.

Ela assentiu lentamente, como se, de algum modo, já tivesse adivinhado isso. Outras pessoas cegas que conhecera tinham olhos baços, íris enevoadas que denunciavam sua condição. Os dela eram de um esmeralda vivo e brilhante, uma claridade quase anormal, como se a cegueira não se manifestasse pela falta de cores, mas pelo excesso delas.

— Posso lhe oferecer algo para beber? — perguntou-lhe. — A noite está quente e você fez um longo caminho.

Khalifa tinha sede, mas recusou, sem querer incomodá-la. Ela sorriu novamente, como se compreendesse o motivo da recusa. Levantando-se do assento, ela arrastou os pés para os fundos da casa, os movimentos lentos, porém seguros — se já não soubesse, ele jamais suspeitaria que era cega. Ela retornou alguns minutos mais tarde com um copo de chá.

— Uma menina me ajuda com as tarefas domésticas — explicou, estendendo-lhe o copo e voltando para o banco, sem jamais precisar tatear — mas as coisas simples eu consigo fazer sozinha. Por favor, beba.

Khalifa obedeceu, sem qualquer menção ao fato de que sempre bebia seu chá com açúcar. Já estava adoçado. Duas colheres, ele supôs. Exatamente como gostava.

— *Lazeez* — murmurou ele.

— *Afwan* — respondeu ela.

Silêncio.

— Sinto muito por sua perda.

Ele agradeceu por sua compaixão e deu outro gole, apenas para se dar conta, com espanto, de que não mencionara Ali.

— Como a senhora...?

— Algumas coisas se pode ver sem os olhos — respondeu ela em voz baixa. — Sua dor está toda ao seu redor. Está pendurada em você como um manto.

Ele não sabia o que dizer.

— Era meu filho — foi tudo o que conseguiu expressar.

— Sinto muitíssimo.

Ela olhou para ele, ao menos foi o que pareceu, os olhos cintilando à luz bruxuleante do lampião de querosene, as sombras pressionando em torno. Então, cruzando as mãos enrugadas no colo, voltou a se recostar na parede.

— Algo o incomoda — disse ela. — Algo que o deixa inquieto na minha presença. Diga-me, por favor, por que o senhor está aqui.

Khalifa se ajeitou no assento, desconfortável. Já ouvira falar que os cegos tinham os sentidos apurados, conseguiam perceber coisas que escapavam aos outros, com a visão perfeita, mas aquilo era alguma outra coisa. Era como se ela pudesse olhar diretamente para o seu interior, saber exatamente o que ele pensava e sentia. Inclinou-se para a frente, girando o chá no copo, subitamente relutante em fazer a pergunta que o levava até lá.

— Vamos — insistiu ela, não pode ser tão ruim. Diga o que precisa dizer. — Você vai se sentir melhor depois. Nós dois talvez nos sintamos.

Ela abriu as mãos, indicando que ele devia falar. Ficaram em silêncio, as sombras da sala aparentemente se aprofundando e ficando mais espessas, como que à espera. Então, respirando fundo:

— Como eu disse, sou da Polícia de Luxor — começou ele. — E estou trabalhando num caso... Ajudando num caso... Uma mulher foi morta, em Jerusalém. Não vou entrar em detalhes. Parece haver uma conexão com um homem que acho que a senhora... conheceu. Um *hawaga*, um *ingileezi* chamado... Samuel Pinsker.

Ela levantou a cabeça e baixou em seguida.

— Ah — murmurou.

Foi sua única reação.

— Sei o que aconteceu — prosseguiu ele, mantendo o tom mais gentil que conseguiu, tentando transmitir não apenas que compreendia o que ela pudesse estar sentindo, mas também que não havia motivo para sentir vergonha. — Por favor, perdoe-me por fazê-la lembrar disso.

— Você não me fez lembrar — murmurou ela. — Lembrar implica que é algo que se tirou da mente. Não se passa um dia sem que eu não pense naquela noite. Nem um só minuto do dia. Aquilo vive comigo, sempre. Oitenta anos e poderia ter sido ontem.

Ela levantou a mão e tocou a têmpora com a ponta dos dedos.

Khalifa olhou para o chão. Há apenas poucos minutos, a visita parecera-lhe uma boa ideia. Agora que estava realmente diante da presença dela...

— Perdoe-me — repetiu. — Eu não queria...

— Não há motivo para você se desculpar. Eles fizeram o que fizeram. Aprendi a viver com isso.

Ele devia estar cansado, pois, assim como com o comentário sobre Ali, precisou de um instante para registrar corretamente suas palavras. Ele levantou os olhos, franzindo as sobrancelhas.

— Eles?

— Os que cometeram o crime.

Contraíu a testa ainda mais.

— Não entendo, *Ya Omm*. Achei...

— O quê?

— Que foi Samuel Pinsker... — ele não queria usar a palavra “estupro” para não humilhá-la — o responsável.

Ela baixou a mão. Seus olhos pareceram arder nas sombras à meia-luz.

— Eles eram três.

Khalifa sentiu a garganta apertar.

— Três criminosos que jamais foram levados à Justiça. Três monstros que morreram em paz em suas camas, enquanto a vítima deles... Ela afundou a cabeça, o rosto desaparecendo nas sombras de forma que era impossível ver sua expressão. Khalifa ficou ali sentado, amaldiçoando-se por seu egoísmo insensível, por remexer em tudo aquilo de novo, fazer uma anciã reviver um evento que parecia ter sido bem mais traumático do que ele imaginara, como se isso fosse possível. Alguns segundos se passaram e ele então se levantou.

— Eu não deveria ter vindo. Já faz muito tempo, não me diz respeito. Por favor, *Ya Omm*, me perdoe. Já vou embora.

Ele se voltou para a porta. A voz dela o puxou de volta, surpreendentemente firme:

— Você vai ficar.

Ela ergueu a cabeça, o rosto voltado para ele. Era tão profundamente marcada que parecia haver mais rugas do que pele.

— Oitenta anos guardando esse segredo. Já está na hora de a verdade ser dita. Deus me ajude, eu teria feito isso antes se achasse que teria alguém para me ouvir. Mas ser uma mulher no Egito, especialmente uma *fellaha*, não é coisa de que se fale. Não se fala nada quando se sabe o que é melhor para si. Mesmo que eu tivesse falado, não teria feito diferença. Eram inteligentes os meus irmãos.

Khalifa sentiu a garganta apertar ainda mais. O estômago também.

— *Alla-u-akhbar*, a senhora diz que seus próprios irmãos estavam envolvidos no estupro!

Dessa vez, ele foi direto com a palavra, por demais chocado para se preocupar com delicadezas semânticas. Para sua surpresa, a anciã sorriu, ainda que, jamais em sua vida, ele vira um sorriso carregando tão pouco humor.

— Jamais houve qualquer estupro — sussurrou ela, a voz não muito mais alta do que o chiado do lampião de querosene. — Ninguém pôs um dedo em mim. Muito menos Samuel Pinsker.

Ela pronunciou *Sam-oo-elPeens-ka*, sem que o nome carregasse a menor nota da amargura que se poderia esperar referindo-se a alguém que a tinha atacado. Pelo contrário. O tom sugeria uma ternura que beirava a reverência. Khalifa se aproximou um passo.

— Mas houve uma testemunha. Um garoto. Ele viu...

— O quê? O que ele viu?

— Pinsker atacando a senhora.

Khalifa podia ouvir o chefe Sadeq descrevendo o ataque.

— A senhora estava chorando, lutando...

Ela suspirou, balançando a cabeça lentamente.

— Ver nem sempre é compreender, inspetor. Especialmente através dos olhos de uma criança. Quando uma criança vê lágrimas, não lhe ocorre que possam ser de alegria. Quando se vê um homem apertando uma mulher, imagina-se que seja um ataque. O que o menino viu não foi o que ele achou que viu.

Não havia rancor na voz, nenhum sinal de acusação. Apenas tristeza. Uma tristeza infinita. Khalifa parou um instante. Em seguida, cruzou a sala e se abaixou de cócoras diante dela. Ela era tão pequena e encolhida, o banco tão baixo, que mesmo acororado era ainda uma cabeça mais alta do que ela.

— O que aconteceu naquela noite, *Ya Omm*?

A pergunta provocou outro sorriso. Genuíno, desta vez.

— O que aconteceu? Uma coisa maravilhosa. O homem que eu amava me pediu em casamento. E eu disse sim. Foi a noite mais feliz da minha vida. Pelo menos por algum tempo.

Ela suspirou e inclinou a cabeça, o olhar, por assim dizer, voltado para além do ombro de Khalifa, em direção às sombras no canto superior da sala. Os pensamentos de Khalifa eram um turbilhão, tentando dar sentido àquilo tudo, reajustar-se. Tudo o que ouvira sobre Pinsker, tudo o que supusera nos últimos dias, tudo parecia se desfazer, como uma fotografia virando cinzas sob seus dedos. Arrastando-se mais para a frente, apoiou-se nos joelhos e tomou as mãos dela nas suas.

— Conte-me — disse ele. — Por favor, *Ya Omm*. Quero entender.

Lá fora, o burro começara a zurrar de novo, um ronco nasalado que parecia fazer parte de uma realidade separada. Dentro da sala, o silêncio era tão intenso que quase se podia sentir seu gosto. Os segundos se passaram, ou talvez os minutos; desde o momento em que se colocara na presença dela, Khalifa parecia ter perdido completamente a noção do tempo. Então, lentamente, ela deslizou suas mãos das dele e lhe tocou o rosto. Tateou suas feições com as pontas dos dedos — boca, nariz, bochechas, sobrancelhas, testa — percorrendo os traços dele como se fossem sinais em braile.

— Você é um bom homem — sussurrou ela. — Um homem bondoso. Ouvei isso em sua voz, agora leio em seu rosto. Leio dor também, e raiva, muita raiva, mas a bondade prevalece acima de tudo. Exatamente como *Sam-oo-el*. Ele era um homem *muito* bom. O melhor que já conheci. Então talvez você seja a pessoa certa para ouvir a verdade.

Segurou-lhe o rosto um pouco mais. Então, baixou as mãos, sentou-se para trás, fechou os olhos e lhe contou a história.

Pinsker a salvara dos irmãos dela. Foi assim que começou.

Ele estava trabalhando numa tumba nas montanhas acima da velha vila de Qurna, retornando para a vila à noite quando a viu levar um tapa e interveio. Na briga que se seguiu, ele bateu num dos irmãos com tanta força que o deixou desacordado (a voz de Mary Dufresne ecoou na cabeça de Khalifa, clara como se ela estivesse ali, ao lado dele: *ele entrou numa briga com alguns Qurnawis certa vez, deixou um deles no chão*). Mais tarde, a moça descobriu que Pinsker a observava havia mais de um ano, envergonhado demais para tentar qualquer aproximação.

— Que bobo! — riu ela. — Que diferença teria feito para mim? O que vejo está no interior. E dentro dele era o homem mais bonito do mundo. Jamais ninguém me tratara com tamanho respeito. Com tanta dignidade.

Os dois começaram a se encontrar — a menina camponesa cega e o inglês sem rosto. Momentos furtados de convívio e amizade que rapidamente floresceram em romance. Tudo no mais absoluto

segredo, é claro. Mesmo hoje em dia, um relacionamento entre um *hawaga* e uma *fellaha* seria visto com reservas, quando não fosse absolutamente condenado. Em 1931, era algo impensável. Em diversas ocasiões, Pinsker lhe dissera que aquilo tinha que acabar, temendo pela segurança dela. Seus sentimentos, no entanto, eram demasiado intensos, o amor, grande demais, e os encontros continuaram.

— Ele tinha mais de trinta anos e eu, dezenove — disse ela. — Mas não se tratava apenas de um flerte de uma jovem. Eu era madura para a minha idade, sabia exatamente o que estava fazendo. Ele podia ser mais velho do que eu, mas tanto aqui — ela tocou a cabeça — como aqui — a mão desceu para o coração — éramos iguais. E aqui também, com os fardos de Deus que nos cabiam. Ela tocou os próprios olhos e a face, o gesto falando de sua cegueira e da deformidade de Pinsker.

— Ele sofria tanto com sua aparência — disse ela com tristeza. — Era forte, mas às vezes a força não era o suficiente. Os sussurros, os olhares, os comentários. Isso o deixava devastado. Certa vez, uma menininha, estrangeira, viu-o em Medinet Habu. Ela gritou e fugiu, como se ele fosse algum tipo de monstro. Ele chorou quando me contou a história. Encolhido em meus braços e soluçando feito um bebê. (Novamente, a voz de Mary Dufresne: *Lembro apenas de ele aparecer de repente, eu começar a gritar e sair correndo e ele vir atrás de mim, com aquela máscara horrível. Tive pesadelos por semanas.*)

Às vezes, Pinsker partia para o deserto, desaparecia por semanas sem fim (Khalifa queria buscar mais informações sobre isso, mas pensou melhor). Mas, sempre que voltava, os dois retomavam exatamente do ponto em que haviam parado.

— Ele era tão atencioso. Tão gentil. Jamais se aproveitava de mim. Caso desejasse, eu teria permitido, mas ele era decente demais. Dizia que não seria certo. Eu me sentia tão segura em sua presença. Tão... completa. Como se em toda a minha vida, até aquele ponto, eu não fora sequer metade de uma pessoa.

A corte prosseguiu por um ano. Namorando às escondidas pelos campos e entre as antigas ruínas dispersas ao longo do sopé do

maciço tebano. Então, certa noite, após uma ausência ainda mais demorada do que o usual (como Khalifa gostaria de insistir neste ponto!), os amantes se encontraram em seu local favorito na margem do Nilo, e Pinsker pediu que ela se tornasse sua esposa.

— Eu não acreditava que tamanha felicidade fosse possível. Achei que ele estava brincando, implorei que não me ferisse, que não brincasse com minhas emoções, mas ele apenas riu, disse-me para não ser tão boba. Mesmo agora ainda posso ouvir sua voz, sentir o cheiro de couro do seu casaco enquanto ele me abraçava, o óleo em suas mãos. Eu soluzei de alegria.

Ela quisera fugir de uma vez por todas, mas Pinsker insistiu em fazer as coisas da maneira correta. Ele iria falar com o pai dela na manhã seguinte, disse-lhe, para pedir oficialmente a sua mão. Até lá, ela deveria manter seu noivado em segredo, não podia contar para ninguém.

— Eu estava assustada — disse ela. — Sabia como era minha família, sabia que haveria problemas. Mas ele era honrado. O homem mais honrado que já conheci. Fosse um pouco menos, talvez tivesse sobrevivido.

Naquela noite, ela voltou para casa e separou sua *djellaba* mais fina, em preparação para a manhã seguinte. Exultando, ela então foi se deitar e sonhar com a felicidade que seria a vida ao lado de *Sam-oo-el Peens-ka*.

Na quietude da hora logo antes do amanhecer, ela acordou com um susto, sentindo uma terrível dor no peito.

— Soube imediatamente que alguma coisa tinha acontecido com ele — disse ela. — Algo terrível. Era como se meu coração estivesse gritando.

Pouco depois, seus irmãos chegaram ruidosamente em casa na charrete puxada a burro. Ela os confrontou, exigiu saber onde eles estavam, o que tinham feito. Haviam resolvido o assunto com o *hawaga*, era tudo o que lhe diriam. Ela jamais voltaria a vê-lo novamente. Ninguém jamais voltaria a vê-lo novamente. A vontade de Alá fora cumprida, a justiça fora servida.

— Justiça! — escarneceu. — Sabiam que não tinha me estuprado. Sabiam muito bem, mesmo antes de eu gritar a verdade

para eles. Aquilo fora apenas uma desculpa para eles. Por um ano, eles esperaram chegar a hora, uma oportunidade para se vingarem dele por tê-los enfrentado naquele dia. Quando o garoto chegou correndo com a história, eles aproveitaram a oportunidade. Homens maus é o que eles eram. Cruéis. Venenosos como cobras.

Ela chorou, amaldiçoou os irmãos, ameaçou ir à polícia. Motivo pelo qual eles a arrastaram para dentro pelos cabelos e a espancaram. Bateram tanto nela que precisou de um mês para conseguir voltar a andar.

— Sentia-me feliz pela dor. Grata por senti-la. Permitia-me sentir algo daquilo pelo que *Sam-oo-el* passara. Estávamos juntos na dor.

Ela foi mantida praticamente como uma prisioneira pelos quarenta anos seguintes, raramente saindo da casa da família, raramente falando. Como uma morta-viva. E então encontraram o corpo de Pinsky e ela morreu tudo de novo.

— Por que Alá teria permitido que uma tal coisa acontecesse é algo que nem sou capaz de começar a compreender — disse ela. — Um crime tão terrível, uma crueldade tão insuportável. E meus irmãos ainda saindo impunes, ainda que algum tipo de justiça *tenha sido* feita, pois nenhum deles foi capaz de deixar descendentes. Todos os três morreram sem deixar filhos. Tais são os mistérios de Seus caminhos. Mas isso me traz pouco consolo.

Com a morte do último irmão, ela deixara a vila, mudara-se para o sul e começara uma nova vida. Trabalhou para proporcionar aos outros a felicidade que lhe fora negada.

— Jamais visitei sua sepultura — disse ela. — Nunca quis fazer isso. Ele ainda vive aqui — disse tocando o coração. — E, para mim, isso é tudo o que importa. O nome dele está em meus lábios quando acordo de manhã, e quando vou para a cama de noite, e milhões de vezes entre uma coisa e outra. O mais belo nome do mundo. Meu marido. Meu querido marido. O melhor homem que conheci.

Ela passou um nó enrugado de dedo sob os dois olhos, como se para enxugar as lágrimas, embora os olhos estivessem secos.

— Essa — disse ela — é a história de Iman e *Sam-oo-el*.

Ao lado dela, Khalifa estava de cabeça baixa. Não sabia o que sentir, que dirá o que falar. Tudo em que conseguia pensar era na

imagem do corpo de Pinsker mumificado, abandonado lá no fundo da tumba. E também em seu filho Ali, pálido e imóvel na cama do hospital após terem desligado os aparelhos. Os caminhos de Alá são, de fato, misteriosos. Tão misteriosos que, pela primeira vez naqueles últimos nove meses, ele se viu questionando... Não se Alá existia, isso não se discutia, mas que espécie de Ser era Ele. Tanta dor, tanta tragédia, o equilíbrio parecendo pender tão mais pesadamente para longe da luz e em direção à escuridão...

— É sobre a mina, não é?

Ele ergueu os olhos.

— O motivo por que você veio aqui. Os olhos dela se voltaram na direção dele. — A mulher em Jerusalém. A conexão com *Sam-oo-el*. — É a mina, não é? A mina de ouro que ele encontrou.

Mais uma vez ela parecia estar bem mais à frente dele.

— Achamos que sim — respondeu ele.

— *Sam-oo-el* sempre disse que nenhum bem sairia de lá. Caso a notícia se espalhasse. Para ele, o ouro nada significava, mas para os outros... Há muita ganância no mundo.

Um gato se esgueirou para dentro da sala, vindo dos fundos. Pulou no banco ao lado da anciã e se enrodilhou junto à perna dela.

— Ele estava tão animado — disse ela, passando a mão ao longo da coluna do gato. — Naquela última noite, quando voltou. Há anos que ele procurava. Mês após mês, sozinho no deserto. Até que, naquela última viagem... Ficou lá três meses e me disse que não tinha explorado nem metade do lugar. Como uma cidade subterrânea, disse. Um *mundo* subterrâneo. Estava tão feliz. Estávamos ambos tão felizes.

Ela sorriu com tristeza e ficou em silêncio. Havia tantas perguntas que Khalifa queria fazer, coisas que precisava saber, mas, após tudo o que ouvira naquela noite, parecia ser incapaz de reencontrar a própria voz. O gato ronronou; o lampião de querosene chiou; quase um minuto se passou.

— Como ela se chamava? — perguntou ela por fim. — A mulher que foi morta.

Khalifa lhe disse.

— Era uma boa pessoa?

Ele confessou que não sabia muito a respeito dela.

— Acho que sim. Acredito que procurava ajudar as pessoas. Denunciar coisas erradas.

— E a mina, é importante? Saber sobre ela vai ajudar que a justiça seja feita?

Novamente, Khalifa não podia dizer ao certo.

— Acho que sim — repetiu. Tornaram a ficar em silêncio, os olhos da anciã parecendo se voltar para dentro de si, como se ela estivesse ponderando sobre algo. Então, lentamente ela afastou a mão das costas do gato. Apalpando as dobras da *djellaba*, ela tirou alguma coisa de lá. Na escuridão, não era possível identificar imediatamente o que era. Apenas quando ela estendeu o objeto para Khalifa foi que ele percebeu que era um caderno. Um velho caderno, a capa de couro enrugada e manchada, as páginas com orelhas nas pontas e amareladas pelo tempo.

— *Sam-oo-el* deu para mim — disse ela. — Naquela última noite, em que pedi minha mão. Disse-me que não tivera tempo para comprar um anel e então, em vez disso, deixava comigo seu bem mais precioso, como um voto de sua sinceridade. São suas anotações sobre a mina. Há oitenta anos junto ao meu coração. Ninguém jamais as viu. Eu, inclusive.

Khalifa baixou os olhos para o caderno, o pulso disparando subitamente, a respiração entrecortada e agitada. Levantando-se, foi até o lampião e colocou o caderno sob a luz. Começou a virar as páginas cuidadosamente.

Havia textos escritos com uma letra apagada e confusa, listas de números, que ele supôs que fossem medições, e desenhos. Página após página de desenhos: esboços de antigas ferramentas e objetos votivos; cópias de inscrições e grafitos heráldicos; um elaborado plano em folhas dobradas do traçado da mina ou pelo menos da parte onde Pinsker conseguira percorrer. Uma impressionante matriz de túneis, corredores, câmeras e canais de respiração, todos partindo de uma ampla galeria central, como um vasto sistema vascular subterrâneo.

E bem no final do livro, colado no interior da quarta capa, uma outra folha dobrada. Tratava-se de um mapa. Do Deserto do Leste.

Não tão detalhado quanto o que seu amigo Omar havia lhe mostrado naquela manhã, mas o bastante: Nilo, Mar Vermelho, *wadis*, montanhas. E ali, num pequeno *wadi* em forma de foice, cortando o flanco oeste do Gebel el-Shalul, uma pequena cruz feita a lápis, com a seguinte legenda ao lado: *L de O*.

— *Hamdulillah* — murmurou.

Ele dobrou o mapa de volta e fechou o caderno.

— É pedir demais, *Ya Omm*, mas seria possível...

— Leve-o — disse a velha mulher. — Com a minha bênção. E com a de *Sam-oo-el* também. É o que ele gostaria que fosse feito. A justiça era importante para ele. Como é para mim.

— Eu o guardarei com a minha vida — disse Khalifa. — Trarei de volta assim que tiver terminado.

Ela assentiu. Ele pesou o caderno nas mãos. Então, aproximando-se dela, abaixou-se e a beijou nas duas bochechas.

— *Shukran giddan, Ya Omm*.

— *Afwan*.

Ele começou a se levantar, mas ela segurou sua mão. Virou o rosto para ele. Uma face que, apesar de toda a idade, ainda carregava ecos de um eu anterior sob as rugas, como uma jovem que fosse apenas vislumbrada através de uma folha de pergaminho amassada.

— Ele está em paz — disse ela. — Há uma luz dourada, e Ali está em paz dentro dela. Jamais se esqueça disso.

Ela soltou sua mão e lhe indicou a porta. Khalifa mal pôs os pés do lado de fora e as lágrimas começaram a correr.

RAS AL-SHAITAN, GOLFO DE AQABA, EGITO

— Qual delas?

— Aquela. No final.

— Não acredito em você.

— Veja por si mesmo. São agentes secretos. Estou te dizendo.

Os garotos dispararam ao longo da fila de chalés, os pés afundando silenciosamente na areia. Ondas estouravam e batiam na praia à direita; atrás deles, um som fraco de música, quase inaudível, vinha do prédio principal do *resort*. A não ser por isso, tudo o mais estava em silêncio. Uma enorme lua cor de laranja pendia sobre o céu como um medalhão.

Chegaram ao último chalé da fila — o único nesta parte do condomínio de férias que estava ocupado — e se esgueiraram para os fundos. Dois Land Cruisers estavam parados lado a lado na baia de concreto do estacionamento.

— Eles chegaram no final da tarde. Quatro pessoas. Têm um monte de coisas de espões. Olha.

As cortinas vedavam completamente as janelas. Trepando na saída do ar-condicionado, porém, com muito cuidado para não fazer nenhum barulho, eles conseguiram espiar por meio de uma estreita abertura entre o alto de uma das cortinas e a moldura da janela. Lá dentro, através do apertado triângulo de vidro não coberto pela cortina, viam uma cama, algumas bolsas, uma pilha de caixas de metal e uma mesa. Duas pessoas estavam sentadas lá, um homem e uma mulher, olhando para um *notebook* aberto. Ambos usavam fones de ouvido. Outro homem estava ajoelhado no chão, mexendo com algum tipo de dispositivo eletrônico. Uma quarta pessoa, uma mulher, estava deitada na cama lendo uma revista. Em cima do travesseiro ao lado dela havia uma pistola.

— O que foi que eu te falei? — sussurrou o menino. — Espões.

A voz saiu mais alta do que ele pretendia. A mulher na cama olhou para cima, disse algo. Seus companheiros se viraram.

Aterrorizados, os meninos pularam de cima da caixa e dispararam para longe, passando pelo meio dos chalés, por demais assustados para olhar para trás.

Quando voltaram uma hora mais tarde, a bisbilhotice levando a melhor sobre eles, os Land Cruisers tinham desaparecido e o chalé estava vazio, como se jamais alguém tivesse passado por lá. Eles discutiram se contariam ou não para a gerência do *resort* o que tinham visto, mas resolveram não falar. O turismo já estava em baixa e eles apenas seriam acusados de afastar a clientela. E, de qualquer modo, provavelmente não acreditariam neles. E assim guardaram a história para eles mesmos. Seu segredo.

JERUSALÉM

Quando Ben-Roi chegou em Kishle às 7h de terça-feira, estava de bom humor. Melhor, certamente, do que no dia anterior. Dormira bem, era uma bela manhã e, naquela noite, iria jantar com Sarah, a primeira vez que ela cozinhará para ele desde que tinham se separado, o que era um bom sinal.

O humor azedou no momento em que entrou na delegacia.

Primeiro, esbarrou em Yigal Dorfmann, o investigador no caso do estudante *yeshiva* esfaqueado.

Baixo, dissimulado, maledicente, Dorfmann era um babaca insuportável a maior parte do tempo. Especialmente naquela manhã, quando passou o braço pelo ombro de Ben-Roi e alegremente informou que o assassinato do estudante era um caso resolvido.

— Um garoto árabe confessou, há umas duas horas — vangloriou-se, mastigando um charuto para comemorar. — Perícia à prova de bala. O comissário está nosso amiguinho. Tapinhas nas costas de todos. Mas chega disso: como vai indo o *seu* caso?

O subtexto não tão sutil: nem metade tão bem quanto o nosso.

Poucos minutos depois, ainda remoendo, Ben-Roi foi chamado ao gabinete do chefe Gal para levar uma bronca pela forma como tratara Nathaniel Barren na noite anterior. Os representantes de Barren foram tanto ao ministério da Justiça quanto ao gabinete do primeiro-ministro assim que a entrevista chegara ao fim, e encaminharam uma reclamação oficial sobre o teor dos questionamentos de Ben-Roi.

— Você não pode simplesmente atropelar e insultar esse tipo de gente — vociferou Gal.

— Mas Barren é esquivo, senhor. A companhia e a família. Estão espalhados por todo o caso.

— Mas também são melhores amigos de metade da porra do Knesset! Você tem alguma prova? Prova *real*?

Ben-Roi admitiu que não.

— Então, deixe quieto até ter. Compreendeu? Tive que aguentar um monte de coisa por causa disso e espero não ter que aguentar mais. Agora, fora daqui.

Quando Khalifa ligou pouco antes das 8h, o bom humor de Ben-Roi era uma lembrança distante.

— Por favor, diga-me que conseguiu alguma coisa para mim — disse, girando na cadeira para não ter que olhar para os colegas detetives Yoni Zelba e Shimon Lutzisch, ambos baforando charutos Gold Star e se gabando do sucesso da investigação deles.

— Certo — veio a voz de Khalifa. — Encontrei a sua mina.

Ben-Roi tinha afundado na cadeira. Diante da menção à mina, ele se endireitou com um pulo.

— Você está de brincadeira.

— A polícia egípcia jamais brinca.

O israelense riu do comentário. Subitamente, sentia a maré de humor virando novamente.

— Como você descobriu?

Khalifa lhe contou sobre o encontro com Iman el-Badri.

— Passei metade da noite lendo o caderno de Pinsker — disse ele. — É incrível, absolutamente inacreditável. A galeria principal da mina tem mais de um quilômetro e meio de profundidade. E existem, literalmente, centenas de fossos, túneis e subtúneis saindo dela. E isso é apenas a parte da mina que Pinsker conseguiu explorar. “Labirinto” não chega nem perto de descrever o lugar.

— Algum ouro?

Lamentavelmente, essa era a única pergunta que as anotações de Pinsker não respondiam. Ele registrou ter coletado algumas amostras de rochas da mina, mas, obviamente, fora morto antes de poder analisá-las adequadamente. Fora isso, não havia qualquer menção sobre o assunto.

— O que não significa que não tenha nada lá — disse Khalifa. — O sujeito com quem conversei no barco há dois dias, o inglês, me disse que Pinsker não estava interessado no ouro, apenas queria pesquisar os antigos trabalhadores. Então é possível que a mina ainda esteja cheia de metal precioso. Não vamos saber até irmos lá, de fato.

— Hoje?

Infelizmente, não.

— Numa descoberta grande como essa, tem muita burocracia envolvida para se resolver — explicou Khalifa. — Informei o ministério e eles vão mandar alguém aqui para examinar o caderno. E tenho uma reunião marcada com um representante do Conselho Supremo de Antiguidades. Realisticamente, será no final da semana na melhor das hipóteses, até todo mundo chegar a um acordo.

— Você não consegue agir mais rápido?

— Acredite-me, pelos padrões egípcios, o final da semana seria a velocidade da luz.

Ben-Roi resmungou. Era frustrante, mas não havia nada a fazer. Pelo menos, tinham realmente encontrado a mina. Era um grande passo na direção certa. Enquanto isso, havia uma porção de outras coisas que manteriam ele e Zisky ocupados. Toda a história com Vosgi ainda precisava ser resolvida e William Barren provavelmente merecia um exame mais próximo. E havia a lista de empresas egípcias que a mulher da Nêmesis lhe dera e que poderiam gerar alguns novos ângulos. Aliás, enquanto falava com o amigo ao telefone...

— Ouça, Khalifa, você já está fazendo mais do que o suficiente, mas posso abusar de sua inteligência com uma coisa a mais?

— É claro. Qualquer coisa.

Ben-Roi contou ao egípcio a respeito de sua experiência na tarde do dia anterior.

— Essa mulher me deu uma lista de empresas no Egito com as quais a Barren tem negócios. Podemos fazer todo o trabalho pesado por aqui, mas imaginei se alguma delas pudesse significar alguma coisa para você. Só para tentar reduzir o foco um pouco mais.

Tirando a folha do bolso, ele a abriu e esticou sobre a mesa. Tinha cerca de quarenta nomes, colocados em ordem alfabética.

— Pronto?

— Manda bala.

— Adarah Trading.

— Nunca ouvi falar.

— Amsco.

- Não.
- Bank Misr.
- É claro. É um dos nossos maiores bancos.
- Joga limpo?
- Até onde eu sei. O atendimento é notoriamente lento.

Ben-Roi sorriu e avançou.

— Delta Systems?

— Não.

— Durabi.

— Não.

— EGAS.

— Essa é a Egyptian Natural Gas Holding Company — disse Khalifa. — É um grande conglomerado estatal, controla todas as nossas reservas de gás. Deve estar ligada à oferta da Barren para o campo de gás saariano.

Ben-Roi fez um asterisco ao lado do nome, achando que poderia valer a pena aprofundar a ligação.

— Fawzer Electronics.

— Não.

— Fuzki Metals.

— Não.

— Gemali Ltd.

— Não.

E assim por diante lista abaixo. Khalifa ouvira falar de alguns nomes, de outros não. Nenhum deles o fez lembrar de associações a negócios escusos.

A EGAS continuava como a única que Ben-Roi assinalou com um asterisco.

Chegaram ao final da folha e ele virou a página. Havia mais três nomes do outro lado.

— Ummara Concrete.

— Não.

— Wasti Logistics.

— Não.

— Zoser Freight.

Silêncio.

— Zoser Freight — repetiu ele.

— Sim.

— Sim, o quê?

— Sim, ouvi falar deles.

A voz do egípcio soou subitamente distante. Como se sua mente tivesse enveredado por outra direção e ele não estivesse mais com a atenção voltada por completo para a conversa.

— E? — perguntou Ben-Roi.

Novamente, teve que repetir a pergunta antes de ouvir uma resposta.

— É uma empresa de transporte — murmurou Khalifa. — Grande. Muito grande. Rodovias, ferrovias, fluvial, esse tipo de coisa. Várias ligações com o governo.

— É isso?

— Acho que sim. Só que tem uma coisa.

— Diga.

O som de um suspiro profundo.

— Foi uma barcaça da Zoser Freight que matou meu filho Ali.

LUXOR

Depois que Ben-Roi desligou, Khalifa ficou sentado olhando para o espaço por um longo tempo, batendo com o pacote de cigarro na mesa.

Era uma coincidência, é claro. A Zoser era uma grande empresa, não havia nada de extraordinário em fazerem negócios com uma outra grande empresa. Mas, mesmo assim...

Desde o começo, sentira alguma coisa relacionada ao caso de Rivka Kleinberg, alguns aspectos tinham um apelo, uma atração pessoal. Algo além do simples desejo de ajudar um amigo ou de chegar ao âmago de um mistério intrigante. Algo que o levou a se aferrar à investigação, continuar cavando, não soltar a mão. Alguma coisa... inescapável. E, agora, subitamente, isso.

Ele abriu o maço e tirou um cigarro com os dentes, deixando-o pender apagado.

Jamais culpava conscientemente a Zoser pelo acidente. Não imediatamente, pelo menos. Sim, a barcaça estava fora de seu trajeto no rio, o vigia de proa não fazia o seu trabalho corretamente. Mas Ali e seus amigos jamais poderiam estar no rio, em primeiro lugar. Não havia nenhuma carga de culpa claramente atribuível.

Mas agora, ao pensar nisso — e curiosamente não tinha pensado muito sobre aquilo; apenas aceitara, como os egípcios aceitam tantas iniquidades e injustiças, como se a falsidade fosse uma coisa de alguma forma impressa em seu DNA —, e, ao pensar nisso, lhe ocorreu que *tinha* culpado a Zoser. Culpou-os da mesma maneira que culpava o governo local por ter botado metade de Luxor abaixo e todo o sistema por dar as costas para pessoas como os Attia e o menino aleijado no abrigo infantil de Demiana Barakat. Não pelo acidente por si só, mas sim por sua arrogância. Por não se importarem. Pelo fato de cinco meninos terem morrido sob uma de suas barcas e a empresa nem considerar adequado abrir um inquérito interno sobre a colisão. Deu de ombros e descartou toda a

história, prosseguindo normalmente, da maneira como os ricos e poderosos pareciam sempre descartar os impactos humanos mais vastos de suas ações.

E agora, subitamente, o nome entrava no radar de uma investigação por assassinato.

Será que isso significava alguma coisa, perguntou-se, essa inesperada interface entre duas histórias aparentemente separadas? Teria alguma relevância maior?

Ou estaria ele simplesmente tentando encontrar significado numa situação que não tinha nenhum?

Não fazia ideia. Seus pensamentos estavam misturados, confusos.

Tudo o que conseguia afirmar, com certeza, era que — coincidência ou não — de repente passara a sentir uma intensa ligação pessoal com o caso de Ben-Roi. Como se estivesse balançando os pés na beira de um redemoinho apenas para acabar sugado diretamente para suas profundezas. E também por razões que nem conseguia começar a explicar ou racionalizar, uma sensação de que ajudar Ben-Roi a resolver o caso dele, de alguma maneira, também seria uma ajuda para si. Se não fosse para superar a morte do filho, ao menos para seguir adiante.

O caminho para a luz do dia, aparentemente, passava por dentro do labirinto.

Reclinou-se, acendeu o Cleópatra, fumou-o inteiro, até o filtro, a fumaça pairando e se enredando acima dele. Então, esmagando a ponta, pegou o telefone e ligou para a garagem da delegacia.

Ontem ele pegara um modesto Fiat Uno para levá-lo até a vila de Iman el-Badri.

Para a viagem que estava prestes a realizar, precisaria de algo bem mais robusto.

Estive pensando bastante sobre a limpeza vindoura. A limpeza das limpezas, se preferir. Pensado tanto a ponto de as notícias de meu fracasso me afetarem menos do que o esperável em outras circunstâncias. Fiquei chocado, é claro, ao saber que a família agora fora afetada, por receber palavras de repreensão. No entanto, não

foi inesperado. Desde o princípio, tive minhas dúvidas a respeito da catedral. Eu sabia que não deveria ter agido antes do planejado.

As coisas são como são. O passado não pode ser reescrito. Minhas energias estão agora voltadas para a tarefa que tenho em mãos. Respeitar o passado, mas não se deixar distrair por ele — essa foi uma outra lição que aprendi com meus pais. Estou voltado para o futuro. O meu e o da família.

Cloreto de potássio é uma possibilidade. Assim como a insulina. A sutileza é essencial, e ambos não deixam rastros. Ainda que, com tão pouco tempo, a aquisição possa ser um problema.

Devo considerar essa questão com mais vagar. Diante das circunstâncias atuais, estou mais inclinado a optar pela simplicidade. Nada de agulhas ou bagagem, usar apenas o que houver no quarto. Fiz alguns testes práticos, usando os pulsos e os braços, calibrando a melhor postura a ser adotada para o exercício da força, mas não a ponto de deixar ferimentos. É um equilíbrio preciso, mas devo ser capaz de atingi-lo. E *irá* poupar-me de ter que olhar para o rosto. Ordinariamente, não tenho questões com tais coisas, mas, nesse caso, não se trata de uma limpeza ordinária. É, como creio que digam, uma lavagem completa.

E, por falar nisso, espero não chorar. Não sou uma pessoa francamente emotiva — isso não combina com minha linha de trabalho —, mas a magnitude do passo que estou prestes a dar é tamanha que não descarto a possibilidade. Independentemente da dinâmica exterior, ainda existe uma ligação. E rompê-la não será fácil, por mais necessário que seja a ruptura.

Devo acrescentar lenços à minha lista de bagagem. Espero não precisar deles, mas nunca se sabe. São tempos de incerteza. E, nos tempos de incerteza, estar preparado é tudo.

ESTRADA PARA O DESERTO DO LESTE

Um corvo voaria por menos de cento e quarenta quilômetros de Luxor até Gebel el-Shalul. Houvesse uma estrada em linha reta, Khalifa chegaria lá em uma hora.

Mas não havia estrada direta. As trilhas eram poucas e preciosas — apenas uma vastidão calcinada de montanhas, escarpas, extensões de cascalho e *wadis*. Um temerário labirinto natural protegendo o labirinto feito pelo homem de *shemut net wesir*. Mesmo num Land Rover Defender, um veículo projetado especificamente para terrenos desafiadores, seria um trajeto difícil. E arriscado também, com ele quebrando a primeira regra das viagens pelo deserto: jamais, em hipótese alguma, ir sozinho.

Mas ele tinha que tentar. Não poderia esperar a burocracia egípcia seguir seu curso interminável. Queria saber o que estava acontecendo na mina. *Precisava* saber. Se as coisas complicassem, sempre poderia dar a volta. E ele também pegara um dos telefones via satélite da delegacia para o caso de algum problema mais sério. Daria tudo certo, disse a si mesmo. Difícil, mas tudo bem.

Antes de partir, passou em casa para avisar Zenab de que teria que ir até Marsa Alam a trabalho, que provavelmente chegaria em casa tarde — uma mentira, mas ele não queria preocupá-la. Com ou sem telefones via satélite, as pessoas ainda morriam no Deserto do Leste. E ela já perdera um filho.

Mais duas paradas para pegar suprimentos — combustível extra, água, uma lanterna, cigarros, queijo, *taamiya*, *aish baladi* — e ele estava a caminho. No banco ao lado dele, estava o mapa de seu amigo Omar, das montanhas no centro do deserto. E também o caderno de Samuel Pinsker.

Localizar a mina não era o problema. Chegar até lá é que seria um desafio.

O plano, se é que tinha algum, era percorrer o maior trecho possível pelo asfalto. Assim, mesmo mais do que dobrando a

distância que teria que percorrer, iria primeiro para o sul, descendo por todo o caminho até Edfu, onde pegaria a Rodovia 212 leste, em direção a Marsa Alam e para o litoral do Mar Vermelho. Na metade da 212, ela fazia uma curva acentuada para o norte. Deixando a estrada no vértice daquela curva, calculou que seriam menos de cinquenta quilômetros de deserto antes de chegar aos arredores da mina. Ainda um longo pedaço, considerando o terreno extremamente hostil, mas cada quilômetro que evitasse aumentava suas chances de chegar ao destino.

Havia dois outros motivos para escolher especificamente aquela rota. Segundo o caderno, fora a direção pela qual Samuel Pinsker se aproximara da mina. E o comboio de caminhões que a equipe de pesquisa da universidade de Helwan vira do alto seguia exatamente por aquela parte do deserto. Se o comboio tinha ou não alguma coisa a ver com o Labirinto, ele não fazia ideia, mas sua presença sugeria que a área, ao menos parcialmente, poderia ser percorrida de carro.

O tráfego pela rota 2 estava mais pesado do que na tarde anterior e ele levou quase duas horas para chegar a Edfu. No entanto, quando virou à direita na 212, não havia nada, fosse na estrada ou fora dela. Apenas uma camada tremulante de asfalto negro serpenteando pela vastidão ensolarada de areia e pedra. Ele passou pelo posto policial logo depois de Edfu e por dois assentamentos, em El Kannayis e Barramiya — aglomerados desolados de concreto e tijolos de barro colados à estrada, como se lutassem por sua preciosa vida. A não ser por isso, não havia sinal de presença humana. Durante a hora que levou até a virada para o norte, passou apenas por um outro veículo — uma picape Isuzu, carregada de ovelhas. Poderia igualmente estar em Marte.

Finalmente, pouco depois das 11h, diminuiu e estacionou. Segundo o mapa de Omar, estava agora no ponto da estrada mais próximo a Gebel el-Shalul. Desceu do carro e olhou para o norte, protegendo os olhos contra o sol. Diante dele, uma extensão de areia e cascalho se elevava numa confusão de colinas baixas que, por sua vez, irrompiam em encostas íngremes de rochas marrom-amareladas. As encostas ficavam cada vez mais altas e inclinadas ao

se olhar para o norte, escalando mais e mais até finalmente se misturarem na névoa proibida das montanhas centrais do deserto.

Acendeu um cigarro, perguntando-se se era uma má ideia. *Sabendo* que era uma má ideia. Então, temeroso de que quanto mais pensasse, menos provavelmente ele faria aquilo, completou o tanque com diesel, tirou um pouco de ar de cada um dos pneus do Land Rover para melhorar a tração e sacolejou para fora da estrada rumo ao desconhecido. Alguém tinha deixado uma fita de Mohammed Mounir no som do carro e ele a ouviu repetidamente para manter o espírito animado.

Nos primeiros dez quilômetros, o trajeto foi inesperadamente fácil. Ele fez o caminho ao longo das encostas arenosas, mantendo a velocidade baixa, sempre em segunda ou terceira, antes de entrar por um *wadi* largo que o levou exatamente na direção que precisava ir. As montanhas subiam ao redor dele, ondas de rochas se impondo e o forçando a se desviar de um lado para outro.

O leito do *wadi* no entanto, era relativamente plano e ele fez um bom progresso.

Mas não durou. O mapa de Omar mostrava que o *wadi* desembocava num vale ainda maior, que fazia uma curva para o oeste antes de voltar a seguir para o norte. O que ele não mostrava eram os enormes rochedos espalhados no final do *wadi*, bloqueando seu avanço tão bem quanto uma fila de postes. Ele tentou deslocar dois deles, mas não conseguiu removê-los e, com as paredes do *wadi* inclinadas demais para tentar passar por elas com o Land Rover e desviar do bloqueio, não teve outra escolha a não ser dar a volta para tentar avançar por outro caminho.

Quatro horas mais tarde ainda estava tentando. Repetidas vezes ele seguiu por um *wadi* que parecia estar levando-o na direção certa só para afunilar-se subitamente numa fenda impenetrável, dar diretamente contra uma parede vertical de rocha ou fazer uma volta de cento e oitenta graus e levá-lo na direção oposta que deveria seguir. Em certo momento, os pneus atolaram num banco de areia e ele passou meia hora cavando para sair de lá; por duas vezes voltou até a rodovia para tentar abordar o problema de um ponto de partida diferente. O caderno de Pinsker não ajudava em nada —

simplesmente indicava que ele tinha chegado à mina pelo sul — e, apesar de todos os detalhes topográficos, o mapa de Omar parecia ser constantemente contrariado pelos fatos do terreno. Com a tarde avançando e a paisagem continuando a provocá-lo e a obstruir sua passagem, começou a pensar que talvez o melhor fosse mesmo encerrar a missão e ir para casa. Deixar para os especialistas.

Em torno das três horas, após percorrer quinze quilômetros subindo mais um corredor aparentemente promissor só para se deparar com a base de uma insuperável duna de areia de quarenta metros de altura, Khalifa parou o Land Rover, desligou o motor e saiu do carro. Esticou as pernas, deu alguns chutes e bebeu um enorme gole d'água. Depois, pegou o binóculo e a bolsa com comida que trouxera de Luxor e subiu até o alto da colina mais próxima para dar uma olhada no aspecto da região.

Estava agora bem a oeste do ponto onde primeiro avançara para o deserto. Para o sul, a faixa asfaltada da rota 212 serpenteava rumo ao litoral; para o norte, as montanhas centrais se erguiam pesadamente na distância — uma fortaleza maciça de rochedos marrons enevoados que não parecia nem um pouco mais próxima agora do que quatro horas antes. Separando-o das montanhas, era como se olhasse um gigantesco quebra-cabeça do alto, um mar de cristas, escarpas e cumes entremeados, sem qualquer passagem visível até a alta *gebel* mais além.

— Maldito seja — resmungou.

Ele inspecionou o cenário ao redor, desanimado. Sentou-se então com as pernas cruzadas, enrolou um *shaal* na cabeça para se proteger do sol e começou a desempacotar a comida. Tentaria por mais duas horas, concedeu, tentando ainda por uma outra direção, depois, encerraria a tarefa. A noite caía rápido no deserto e, apesar de o Land Rover estar equipado com um par de faróis instalados na barra de proteção dianteira além das luzes normais, ele não apreciava a ideia de ficar preso lá após escurecer.

Dobrou um pouco de queijo dentro de um pedaço de *aish baladi* e deu uma mordida, o olhar percorrendo o árido vazio antes de descer pelo *wadi* do outro lado da crista. Era paralelo àquele em que deixara o jipe, apesar de mais largo e, em vez de seguir reto para o

norte, fazia uma curva rumo ao leste. Havia uma árvore lá, uma acácia, o tronco curvo e retorcido, a copa em forma de disco inclinada num ângulo precário, como se estivesse exausta pelo calor. Era o primeiro sinal de vida que via por lá e ficou olhando para ela enquanto mastigava o sanduíche, grato por ter algo em que botar os olhos além de terra e pedras. Ficou bastante absorto, imaginando quantos anos a árvore teria, como poderia ter sobrevivido em condições tão implacáveis e foi só após vários minutos que se deu conta das marcas ao longo do chão, do outro lado do *wadi*. Muitas marcas. Profundas, compactadas, retas, como se alguém tivesse raspado a areia com um garfo gigantesco.

Marcas de pneu.

Ficou de pé e pegou o binóculo. A terra era tão desigual que era impossível dizer de onde vinha ou para onde ia o *wadi*. Ele percorreu a crista, procurando uma maneira de chegar lá do *wadi* onde deixara o Land Rover. Não conseguia ver nada. Como duas estradas separadas por uma parede alta, sem qualquer ligação entre elas. Ele examinou as marcas. Eram largas — bem mais largas do que de um 4x4 ou de uma picape — e visivelmente marcadas, como se os pneus tivessem sulcos especialmente profundos. Caminhões, sem dúvida. Grandes, pela aparência. Seriam os mesmos que a equipe de pesquisa da Helwan tinha visto? Ele não tinha ideia, mas definitivamente valia a pena ir ver para onde levavam. Descendo até o Land Rover, ligou o motor, deu a volta e retornou descendo o *wadi*, procurando uma falha da parede.

Teve que andar quase quatro quilômetros até achar uma. A crista baixava subitamente naquele ponto, formando uma sela profunda antes de voltar a subir e seguir seu caminho. O vento formara uma duna contra o lado da sela, criando uma inclinação suave que lhe permitiu subir com o Land Rover. Precisou de quatro tentativas para chegar ao topo, os pneus derrapando e escorregando na areia, mas finalmente conseguiu e desceu pelo outro lado esburacado da encosta até o *wadi* adjacente.

Depois disso, o caminho melhorou radicalmente. O que quer que estivessem fazendo por lá, os caminhões pareciam estar usando o *wadi* com frequência, pois os rastros eram densamente

compactos. Encaixando as rodas do Land Rover nos rastros, conseguiu uma superfície para dirigir quase tão boa quanto uma estrada adequada. Conseguiu acelerar até cinquenta, e, em alguns lugares, chegou a sessenta quilômetros por hora, avançando e reduzindo as marchas, os acordes melífluos de Mohammed Mounir fluindo das caixas de som. Dez quilômetros, o *wadi* desembocava em outro *wadi* e depois em outro, e mais outros além, levando Khalifa para dentro de uma teia de aranha cada vez mais complexa de leitos secos, dentro da qual estaria irremediavelmente perdido não fossem as marcas para guiá-lo. Cada sucessivo *wadi* era um pouco mais estreito que o predecessor, as encostas cada vez mais inclinadas dos lados, a paisagem se estreitando em torno dele. Às vezes se via avançando para o oeste; outras, para o leste. Sempre, no entanto, a direção predominante era para o norte, aprofundando-se mais e mais no coração do maciço, cada vez mais próximo de seu objetivo e mais longe da rodovia, que agora lhe parecia relativamente populosa. Sentia-se cada vez menor e mais só. E também mais nervoso. Se os rastros *estivessem* levando até a mina — e a cada quilômetro parecia menos provável que fossem para algum outro lugar — e se a mina *estivesse* sendo explorada ilegalmente, a distância do lugar seria a última de suas preocupações. Ele desligou a música e confirmou se o telefone via satélite estava funcionando, ao seu lado. E também a Helwan 9 mm, destravada e pronta.

Foi dirigindo sempre em frente, a luz do dia diminuindo ao redor, as sombras ficando mais compridas, até que, finalmente, após mais uma longa e lenta subida por outro vale sinuoso, as marcas de pneu viraram para a direita e desapareceram numa garganta estreita entre as montanhas altas. Ele reduziu, parou e desligou o motor. Pegando o caderno de Samuel Pinsker, folheou-o até um desenho a lápis apagado. Sob ele, uma legenda: *A entrada do labirinto*. Levantou o caderno, comparando o desenho com a vista à sua frente. A equivalência era perfeita.

Tinha conseguido.

Ficou ali parado por um minuto, ouvindo, a cabeça inclinada, tentando captar qualquer som. Não havia nada, a não ser se o

próprio silêncio fosse considerado um ruído. Satisfeito, ligou o motor do Land Rover de novo e avançou mais uma centena de metros subindo pelo *wadi*, onde estacionou fora de vista, numa vaga sob uma rocha protuberante. Saiu do carro e ligou para Ben-Roi. Correio de voz.

— Estou na mina — disse, sem perder tempo com explicações.
— Vou dar uma olhada. Ligo de novo para você daqui a trinta minutos.

Ele jogou o telefone de volta para dentro do carro — não valia a pena levá-lo, não haveria sinal sob a terra — e pegou a lanterna no bagageiro. Com a Helwan a postos, desceu o *wadi* e retomou as marcas.

A garganta por onde entravam era estreita, pouco mais de dez metros de largura, mal acomodaria um único caminhão. As paredes de pedra se erguiam acima dele — projetavam-se como velas infladas de um navio em direção a uma nesga azul de céu lá no alto. Andorinhões vojavam de um lado para outro, apesar da hora avançada, o ar ainda denso pelo calor. Ele colocou as mãos em concha em torno da boca e gritou.

— *Salaam-alaam-alaam-alaam-alaam*.

Sua voz ecoou pelo cânion, batendo nas paredes, repetindo o chamado por um tempo improvavelmente longo antes de se perder no silêncio. Chamou repetidamente e começou a andar, o dedo apertado em torno do gatilho da Helwan. A garganta virou para a esquerda, depois para a direita e fez outra curva fechada para a esquerda novamente. Ao final, as paredes se abriram repentinamente e ele chegou à beira de um grande espaço aberto, cercado por montanhas — um vasto anfiteatro natural enfiado no fundo do flanco sul de Gebel el-Shalul.

— *Allah-u-akhbar* — murmurou.

Lá no alto, os cumes da *gebel* ainda brilhavam alaranjados no sol do final da tarde. Ali embaixo, o crepúsculo se instalara firmemente, as cores desbotadas num amarelo cinzento, as rachaduras e fissuras cobertas por sombras. Montes de pedra e cascalhos jaziam empilhados junto à base das montanhas — detritos, desconfiou, de cinco séculos de mineração. Logo à sua

esquerda, uma punhado de pedras vagamente simétricas sugeriu os restos de antigas cabanas. Fora isso, e vários cacos de cerâmica misturados com a areia do chão do anfiteatro, não havia nada — nenhuma construção, nenhuma máquina ou equipamento, nenhum sinal de qualquer tipo de atividade industrial recente.

Nenhuma mina também, pelo que ele conseguia ver. As marcas de pneu emergiam da garganta atrás dele e se perdiam num emaranhado pelo anfiteatro — supostamente pelos veículos manobrando para dar a volta — e saíam de novo. Não havia nenhum motivo óbvio para a presença delas.

Ele examinou o cenário, tentando descobrir o que estava acontecendo, caminhou para a frente, minúsculo como uma formiga num estádio de futebol. Chegou ao centro do espaço. Por um breve instante, ele pensou ter ouvido um murmúrio distante de motor, um ronco muito baixo, nos limites da audição. Desapareceu no momento em que ele tentou localizá-lo. Inclinou a cabeça, ouvindo. Não conseguiu reencontrar o ruído e supôs que tinha imaginado. Olhando para cima, examinou a face das rochas. Nada. Nenhum portal, nenhuma caverna, nenhuma abertura de qualquer tipo. Apenas a pedra nua.

Girou trezentos e sessenta graus, depois foi até a parte mais distante do espaço e subiu numa das pilhas de pedras para conseguir uma visão melhor do terreno. Do ponto mais elevado, conseguiu ver que, apesar de as marcas de pneu estarem por toda parte, pareciam se concentrar em torno da parede de rocha na face norte do anfiteatro. Olhou naquela direção, apertando os olhos contra a penumbra que aumentava. Ainda não conseguia encontrar nada que explicasse a presença dos caminhões lá. Um minuto se passou e ele estava prestes a se virar quando uma brisa súbita soprou por seu rosto, afunilando-se para dentro da garganta. Ele captou um leve movimento. Ou pelo menos achou ter captado. Durou apenas uma fração de segundo e depois tudo parou. Ele se inclinou para a frente, apertando os olhos. Outra rajada, outro tremor, exatamente na base da montanha, como se a pedra se mexesse. Ondulando.

— Mas que... ?

Ele desceu a encosta e foi naquela direção, ainda incerto se teria de fato visto alguma coisa ou se era simplesmente alguma brincadeira do crepúsculo. A trinta metros do penhasco, ele parou e chamou.

— *Salaam-alaam-alaam-alaam!*

Sua voz ricocheteou em torno do anfiteatro. Não provocou qualquer resposta. Nenhum outro movimento também, ainda que, agora que estava mais próximo, tenha notado uma seção retangular no pé da encosta com um tom levemente diferente do restante da pedra. Assim como uma textura ligeiramente diferente também. Como se alguém...

— Espertos. *Muito* espertos.

Pegando a Helwan da parte de trás das calças, foi naquela direção. Inspecionou a encosta. Então, esticando o braço, fechou as mãos em torno da pedra e puxou. Houve uma agitação ruidosa quando uma lona se soltou de seus grampos e despencou no chão a seus pés. Atrás dela, grosseira, mas eficazmente escondida — visível apenas se olhado bem de perto, o material amarelado indistinguível da pedra em torno — havia um par de portões de aço trancados com uma corrente e um cadeado. Na face de pedra acima, numa inscrição profunda, havia uma única palavra. O conhecimento dos hieróglifos de Khalifa não era mais o que já tinha sido, mas isso não era nada difícil. Especialmente pelo deus determinante.

Wesir. Osíris.

— Achei — sussurrou.

Ele deu um empurrão nas portas, depois pegou a arma, apontou e disparou contra o cadeado. O tiro ribombou contra as paredes de pedra, fazendo com que meia dúzia de andorinhões levantasse voo, alarmada. Por um breve momento, ele pensou ter ouvido o som de máquinas novamente. Ou de um motor. Algo mecânico. Era impossível dizer de onde vinha, se de fato *estivesse* vindo de algum lugar e não fosse apenas sua imaginação lhe pregando peças. Ele prestou atenção, mas não conseguiu ouvir novamente. Imaginação. Tinha que ser. Balançou a cabeça, segurou uma das alças da porta e puxou.

O painel de metal veio para trás e o Labirinto se abriu diante dele.

JERUSALÉM

Ben-Roi estava ao telefone com Sarah quando Khalifa ligou, perguntava se ela queria que ele comprasse algo no caminho para o jantar.

No momento em que recebeu a mensagem do egípcio, ligou de volta. Agora era o telefone de Khalifa que estava na caixa postal. A saudação era em árabe, uma voz de mulher — Khalifa devia ter pegado o aparelho emprestado. Um telefone via satélite, desconfiou Ben-Roi, se estivesse pegando o sinal no meio do deserto. Ele deixou sua própria mensagem, manifestando sua preocupação por Khalifa ter ido sozinho para a mina, mandando que tivesse cuidado e que não corresse riscos desnecessários.

— Ligue para mim assim que receber essa mensagem — concluiu. — *Assim* que receber essa mensagem. Estarei esperando.

Ele desligou. Do outro lado da sala, Dov Zisky interrompeu as investigações sobre Dinah Levi e se virou para encará-lo.

— O que foi tudo isso?

Ben-Roi explicou. Zisky levantou as sobrancelhas.

— Você acha que ele vai ficar bem?

— Espero que sim. É um bom amigo e eu detestaria pensar que...

Ben-Roi não disse o que ele detestaria pensar. Olhou para o relógio da parede — acabara de passar das seis horas — e cruzou os braços. Tinha mais uma hora e meia para chegar na casa de Sarah e esperava receber notícias de Khalifa bem antes disso.

Do outro lado da sala, Zisky se virou, pegou o celular e começou a digitar uma mensagem.

GEBEL EL-SHALUL

Khalifa entrou na mina. Acendendo a lanterna, percorreu o espaço com o facho. Estava numa grande câmara. Numa câmara *enorme*, profunda e semelhante a uma caverna, embora as marcas reveladoras de cinzel no teto e nas paredes indicassem que o espaço fora criado pelo homem e nada tinha de natural. O guano de morcego se acumulava no chão, havia um forte cheiro de amônia. Pegando o lenço no bolso, cobriu o nariz e avançou alguns passos.

Túneis se abriam para a esquerda e para a direita, meia dúzia de cada lado — aberturas escuras e ameaçadoras saindo do centro da câmara, como se vermes gigantescos tivessem escavado a rocha em busca de comida. Alguns eram no nível do solo, outros, bem mais no alto. Debaixo de um dos túneis superiores, uma antiga escada de acesso ainda estava encostada na parede. Khalifa percorreu munido de uma lanterna os degraus amarrados com couro. Pareciam tão firmes quanto no dia em que o último pé pisou neles, há três mil anos. Descendo o feixe, ele iluminou a passagem abaixo. Havia portas ali, muitas portas — ele contou nove até onde a luz era engolida pela penumbra. De acordo com os diagramas de Pinsker, elas davam para uma série de aposentos onde os escravos da mina eram abrigados. Uma existência de um pesadelo troglodita, em que a expectativa de vida era medida em meses, quando não em semanas. Khalifa fez a luz circular, percebendo marcas de antigos grafitos nas paredes, uma fila de urnas de armazenamento, uma cesta de vime virada. Depois, recuando com a luz, cruzou toda a câmara com o feixe, na direção de uma abertura retangular na outra extremidade.

A entrada para a galeria principal da mina. Além das portas deslizantes, até agora não vira nada que sugerisse atividades modernas na mina. Ali, na boca da galeria, havia sinais claros, ainda que não do tipo que ele esperava. Ainda com o lenço apertado

contra o rosto, atravessou a câmara, segurando a lanterna diante de si, levantando a poeira do guano em torno dos pés.

A maior parte da abertura estava tomada por uma grande plataforma de aço. Algum tipo de doca de carga, foi seu primeiro pensamento, uma vez que tinha a altura da traseira de um caminhão, e as marcas de pneu entravam pela porta da mina e seguiam direto para lá. Presos no alto da plataforma, com uma distância de dois metros, havia dois trilhos em formato de L. Eles desciam até o piso da galeria — como um escorrega sem o fundo — e, de lá, seguiam para dentro da escuridão.

Khalifa iluminou em torno e se abaixou para passar sob a plataforma e chegar até a galeria, ficando em pé entre os trilhos, que corriam rente às paredes. Aparentemente, alguma coisa estava sendo trazida lá de baixo. Rolando ou sendo guinchada pelos trilhos até a plataforma e depois carregada nos caminhões e levada embora. Minério? Ouro? Não fazia ideia. Ele avançou alguns passos. A escuridão o envolveu — tão densa que até podia senti-la, como se estivesse abrindo caminho através de teias de aranha. Formas passavam raspando e voando baixo — morcegos, assustados pela iluminação súbita. Os trilhos seguiam adiante. Ele deu mais alguns passos. Os trilhos continuavam a avançar. Pinsky medira os passos na galeria e estimou que ela descia por pouco mais de um quilômetro. Será que os trilhos desciam até o fundo? Ele não tinha ideia, apesar de algo lhe dizer que sim. O que quer que estivesse sendo trazido para cima, vinha dos níveis mais profundos da mina. E, para descobrir o que era, teria que ir até lá embaixo.

Ele recuou. O coração estava disparado, a respiração vinha curta, rápida e entrecortada.

Não se assustava facilmente. Escuridão, espaços confinados — jamais o intimidaram. Diversas vezes saíra explorando por conta própria as tumbas mais obscuras nas montanhas em torno do Vale dos Reis — tumbas que nenhum turista jamais visitara e onde era preciso andar de quatro, ou mesmo se arrastando com a barriga, para poder penetrar. Ele gostava da emoção.

Hoje não. Hoje, estava bastante intimidado. Com mais medo do que jamais sentira. Havia algo de proibido na escuridão, com a

massa de pedras ao redor, a espantosa catacumba de túneis com uma atmosfera suspensa de tragédia humana. Mais do que proibitivo. Ameaçador. A mina inteira parecia... maligna.

Ele se afastou mais, saiu da galeria e voltou para a câmara de entrada. E todo o caminho até as portas.

Nos dez minutos em que estivera lá dentro, escurecera visivelmente do lado de fora. Ainda parecia claro, em comparação à escuridão que ele acabara de experimentar. Respirou sofregamente.

Não conseguiria. Não tinha como descer até o fundo. Não sozinho. Cinco metros já tinham sido o bastante. Descer um quilômetro e meio? Impossível. Iria para casa, voltaria outro dia. Com colegas, apoio. Já sabia onde era a mina agora, sabia como chegar lá. Rivka Kleinberg, Barren Corporation, Zoser Freight — as respostas podiam esperar. Teriam que esperar, pois não havia como, nesta terra de Deus...

Voltou lá para dentro. Atravessou até a plataforma, abaixou-se para passar e entrou de novo na galeria. Não fosse por mais nada, a escuridão parecia ainda mais maligna, como se o próprio ar o advertisse a ficar longe. Ele iluminou com a lanterna para a frente e para trás, cortando a escuridão e se perguntando como diabos teria Samuel Pinsker enfrentado aquilo — que tipo de loucura obsessiva fora aquela que não só arrastara o inglês para dentro da mina, mas o mantivera lá dentro sozinho por semanas sem fim, arrastando-se em meio ao breu absoluto, dolorosamente mapeando e fazendo registros do lugar. A ideia fez com que Khalifa se sentisse mal.

Oscilou a lanterna um pouco mais. Faixas da parede e do teto se revelaram momentaneamente antes de mergulhar de volta na sombra impenetrável. Um minuto se passou, dois, os únicos sons eram sua respiração dificultosa e entrecortada, além do bater de asas ocasional dos morcegos lá embaixo. Então, com uma careta, como se fosse enviar a mão no meio do fogo, guardou o lenço no bolso, tirou a arma dos fundos da calça e começou a andar entre os trilhos.

— Alá me proteja — entoou — Alá me guie, Alá me ilumine.

Caminhou cuidadosamente no começo, dando poucos passos de cada vez, arrastando os pés relutantemente para baixo, pela descida

inclinada da galeria. Virava-se frequentemente, olhando para cima, na direção do sopro de luz quase indistinto que vinha da entrada principal da mina. Todas as células de seu corpo gritavam para que ele desse a volta e corresse para cima. Ele resistiu aos apelos e continuou avançando. Quando, após algumas centenas de metros, a luz desapareceu, ele acelerou o passo, ansioso por chegar aonde quer que os trilhos o estivessem levando e depois sair de novo, o mais rápido possível.

— Alá me proteja, Alá me guie, Alá me ilumine.

Outros túneis e passagens se abriam para cada lado. Ele tentou contá-las, mas eram tantas que logo abandonou a tentativa. Algumas iam para cima, outras para baixo, algumas eram tão largas quanto à galeria principal, outras tão estreitas que mal dariam passagem para uma única pessoa. Segundo o caderno de Pinsker, ramificavam-se e se dividiam em outros túneis e passagens, que, por sua vez, se ramificavam e se dividiam igualmente à medida que o labirinto se abria para dentro da rocha, crescendo, espalhando-se e se multiplicando como algum tipo de organismo monstruoso autorreprodutor. Pensar naquilo fez com que se arrepiasse. Já era suficientemente ruim ali na galeria, que pelo menos seguia uma linha reta. A ideia de se aventurar fora daquela linha, perdendo sua posição no emaranhado impossível da teia de túneis por todo o lado... ele expulsou o cenário para fora de seus pensamentos. Pinsker poderia ter sido tolo o bastante para sair explorando, mas ele, Khalifa, não se desviaria um único centímetro de seu caminho atual. Para baixo, para cima, para fora novamente. Quanto mais rápido, melhor.

— Alá me proteja, Alá me guie, Alá me ilumine.

Diversas vezes os trilhos cruzaram câmaras cavernosas, como aquela da entrada para a mina — vastos aposentos subterrâneos com colunas cinzeladas na própria rocha nua e tetos que ainda guardavam as manchas de fuligem das antigas tochas. Uma vez, ao passar por uma profunda galeria lateral, ele vislumbrou um buraco no chão como uma poça de tinta negra (Pinsker registrara esse buraco — enfiara uma corda com um peso para o interior, mas após sessenta metros não tinha conseguido localizar o fundo).

Em mais de uma ocasião, ele achou que teria que voltar, tamanho o terror que sentia crescer dentro de si. Havia algo ruim lá embaixo, ele podia sentir. Algo malvado. Algo que ele de forma alguma deveria estar indo buscar. Por duas vezes, ele chegou a dar meia-volta e começar a retornar para a superfície, apenas para se forçar a girar de novo e continuar a descer.

E a escuridão sempre a envolvê-lo e as pedras a pressioná-lo, os trilhos continuando a descer, cada vez mais para o fundo, rumo às entranhas da terra.

— Alá me proteja, Alá me guie, Alá me ilumine.

A descida na galeria começou a ficar ainda mais íngreme. O ar ficou mais quente, e ocasionais gotas e fios d'água apareceram nas paredes. Um vago odor de metal enferrujado se insinuou em meio ao cheiro acre de amônia dos excrementos dos morcegos.

Além de outro cheiro que ele não conseguiu identificar imediatamente. Apenas quando ficou mais forte foi que percebeu o que era — alho. Foi ficando mais forte à medida que descia, enchendo suas narinas, suplantando tudo o mais. Quando criança, crescendo à sombra das pirâmides, sua mãe costumava pendurar alho na porta da frente para afastar os *djinnns* que vagavam em torno dos antigos monumentos. E, agora, sentia o cheiro lá embaixo. Numa mina. Onde não havia absolutamente qualquer motivo para aquele cheiro. Aquilo o assustava ainda mais do que a escuridão e a inacreditável teia de passagens e túneis.

Desorientava-o, também. Fez com que achasse que sua mente estava começando a se perder. E se o cheiro não existisse, fosse simplesmente um odor fantasma conjurado pelo poder sugestivo do terror?

E no momento em que começou a duvidar de si mesmo sobre isso, outras dúvidas começaram a se infiltrar. Era uma batida distante que estava ouvindo lá nas profundezas ou simplesmente o eco de seus passos. Sussurros no escuro ou simplesmente sua própria respiração acelerada. Pensou ter capturado o som de máquinas novamente, por várias vezes esteve absolutamente seguro de ter visto figuras se movendo nos túneis laterais. Sombras, formas indeterminadas passando rapidamente pelo canto dos olhos. No

momento em que tentava capturá-los com a luz da lanterna, não estavam mais lá. O mesmo quando tentava se concentrar nos sons. Apenas o cheiro de alho resistia ao exame. Estava definitivamente lá. Não era imaginação. E ficando mais forte. Assim como o latejar nas têmporas. E o bater do coração. E a certeza de algo horrível esperava por ele no escuro, lá embaixo.

E ainda assim continuava a descer, forçando-se a avançar por todo centímetro do caminho, o desejo de saber o que estava acontecendo, mal superando o terror avassalador que sentia. Cada vez mais para baixo no poço até que, finalmente, após terem se passado o que lhe pareceram horas, mas que, segundo o relógio, não passaram de trinta minutos, a lanterna iluminou algo à frente.

A galeria estava agora tão inclinada que lances de degraus haviam sido escavados na pedra para ajudar a descida. Khalifa parou e se agachou. Segurando a lanterna, ele moveu a luz, tentando distinguir o que havia lá embaixo. Fosse o que fosse, estava bem no limite do alcance da luz e não dava para ver direito.

— Olá!

Sua voz saiu abafada e pesada. Como se algo bloqueasse a passagem, impedindo o eco.

— Olá!

Nada.

Arrastou-se por mais dois passos. O cheiro de alho ficara tão forte que estava até difícil respirar. Ficaria mais confortável com o lenço cobrindo a boca e o nariz, mas não conseguiria segurar o lenço e manter a arma apontada ao mesmo tempo, e não pretendia ficar indefeso; portanto, teve que aguentar o cheiro.

— Olá!

Ainda não era capaz de ter uma ideia clara do que estava lá embaixo, ainda que parecesse haver algumas formas, arestas curvas em meio às trevas. Aparentemente, ocupavam toda a galeria, do chão ao teto. E os trilhos corriam direto para o meio delas. Um desmoronamento de pedras? Ele desceu mais um degrau, realmente tendo que se forçar, a escuridão parecendo empurrá-lo para trás. A luz iluminou algo redondo, parecendo uma roda, a parte de fora de

algun tipo de aro ou alça amassados, inegavelmente feito pelo homem.

— Mas que...?

Ele esticou o pé para o degrau seguinte. Experimentando, como se mergulhasse um dedo na água gelada. Ao mesmo tempo, curvou o corpo para trás, com medo de que alguma coisa saísse voando para cima dele. Não saiu. Mais tranquilo, começou a se inclinar para a frente, mas ficou subitamente tenso. Girando, apoiou um joelho e apontou a arma para o escuro.

Em algum lugar lá em cima, bem distante, se podia ouvir o som de máquinas. Ou de um motor. Algo mecânico.

Havia percebido sons estranhos vindos lá de baixo, mas evaporavam no momento em que tentava situá-los. Desta vez, após começar, o som continuou — um rumor incerto e sinistro que parecia flutuar no ar como se o próprio Labirinto estivesse gemendo. Ele escutou, os ouvidos aguçados, a luz da lanterna se agitando pelo tremor de sua mão. Era impossível fixar a origem do som. Lá do alto, era tudo o que podia dizer com certeza. Lá do caminho por onde viera. Ele esperou um minuto, arfando com uma respiração ofegante e arrítmica. Então, deixando de se importar com o que causara o bloqueio mais abaixo ou com qualquer outra coisa que não fosse sair da mina, ele se levantou e começou a voltar pela galeria.

Percorreu vinte metros e parou. O ruído ainda estava lá, nem mais alto, nem mais baixo. Ele avançou e parou de novo. Ainda estava ouvindo, só que agora acompanhado de outro barulho. Uma espécie de batida metálica, como rodas distantes nos trilhos. Ele lançou a luz da lanterna contra a escuridão, apavorado, tentando descobrir o que estava acontecendo, amaldiçoando-se por ter descido até lá. O rumor parecia estar ficando mais alto. Não extremamente, mas com certeza, mais alto. Por um momento, ficou paralisado, os pés enraizados, os nervos tão tensos que parecia que o corpo inteiro poderia se partir. Então, com um passo para a direita, colocou o pé sobre o trilho. Uma vibração fraca ecoou pela perna. Fez o mesmo com o outro trilho. Ali, o metal parecia zumbir sob o sapato. Algo vinha em sua direção. Algo grande, a julgar pelo

volume crescente e contínuo da aproximação. Recuou, apontou a arma, voltou a colocar o pé no trilho. Em cinco segundos, a vibração crescera e ficara sensivelmente mais forte. O que quer que fosse, vinha descendo rápido.

— *Allah-u-akhbar* — murmurou.

Ele girou a lanterna. À esquerda, uma parede de pedra. À direita, uma passagem lateral, um dos muitos corredores estreitos, com não mais do que um metro de largura e não muito mais alto do que ele mesmo. Considerou se deveria se enfiar lá dentro, mas parecia tão apertado, tão claustrofóbico, tão malevolente, que não conseguiu se forçar a entrar. Não conseguia se forçar a fazer nada a não ser ficar entre os trilhos, segurando a arma e a lanterna diante de si, congelado como um coelho diante do farol de um carro. Ao seu lado, os trilhos começaram a tremer.

— Pare! — gritou. Depois, mais alto — Pare! Polícia!

Era um comando ridículo, cômico em sua impotência. O estrépito agora ficara tão forte que ele mal ouvia a própria voz. Se houvesse pessoas no que quer que estivesse descendo — algum tipo de carrinho de mineração, era seu melhor palpite —, não haveria a menor esperança de que pudessem ouvi-lo. E, mesmo que ouvissem, o que iriam fazer? Parar e colocar as mãos para cima? Pedir desculpas e deixar que ele as levasse presas? Uma insanidade. Mas o terror leva a pessoa a fazer coisas insanas. Gritou de novo e de novo, balançando a lanterna na esperança de que a luz fosse vista, que iriam notar que tinha alguém lá embaixo.

— O túnel está bloqueado! — gritou. — Parem agora! Polícia! Está bloqueado!

Nada. O barulho ficou mais alto e, depois, mais alto ainda. Ensurdecedor, como se um trem inteiro viesse descendo descontrolado pelos trilhos em sua direção. Os trilhos se moviam, forçando os parafusos que os seguravam ao chão da galeria. Estava perto. Muito perto. Ele gritou mais uma vez, berrou. Desesperado, apertou o dedo no gatilho da Helwan e disparou contra a escuridão, mirando para baixo. A coisa continuou a vir. Disparou outro tiro. Nenhum resultado. Toda a galeria vibrava. A escuridão diante dele parecia crescer como uma onda. Mais dois tiros e, subitamente, viu

um movimento na extremidade da luz da lanterna. Um movimento descontrolado. Teve uma fração de segundo para registrar o que parecia um grande cilindro ou barril descendo pelos trilhos em sua direção, antes de pular para o estreito túnel lateral.

Calculou mal a distância. A ponta do pé ficou presa no trilho da direita. Ele tropeçou e caiu para a frente, dentro da boca do túnel. Instintivamente, colocou a mão para a frente para segurar a queda. A lanterna escapou e caiu para a frente, lançando-o na escuridão. Arrastou-se desesperadamente atrás dela, apalpando o chão enquanto, a poucos centímetros atrás dele, o que quer que fosse aquilo passou com um estrondo.

Só que não passou de todo. Continuou vindo. Ou mais daquilo continuou a descer — na escuridão, ele não tinha como dizer se era um único objeto ou uma sucessão deles, um atrás do outro. Por um breve e confuso momento, achou que pudesse ser algum tipo de aparato gigante para deslocar a terra, enviado lá para baixo para limpar o bloqueio mais além. Se fosse isso, não estava à altura da tarefa, pois, passados apenas alguns segundos, ouviu um estouro, uma percussão de metal esmagado de estourar os tímpanos quando a coisa ou coisas foram de encontro ao bloqueio e, pelo barulho, pararam violentamente. Toda a mina pareceu ser abalada. Uma chuva de pó e lascas de pedra caiu sobre ele. O barulho continuou, cada vez mais alto e violento, enquanto mais e mais daquilo passava desabaladamente atrás dele para se espatifar de encontro à pilha mais abaixo na galeria. Tomado pelo pânico, debateu-se em busca da lanterna, agitando as mãos desesperadamente para a frente e para trás pelo chão, implorando a Alá que o deixasse encontrá-la. Suas preces não foram atendidas e, com o barulho das colisões lentamente vindo em sua direção, não tinha outra escolha a não ser esquecer a luz e se arrastar para o fundo do túnel e se pôr a salvo.

Poucos metros à frente, ajeitou-se e ficou de pé. A escuridão o envolvia. Esticou uma das mãos, apoiou-se pesadamente na parede do túnel para se firmar e ficou ouvindo enquanto tudo na mina ao seu redor reverberava com o estrondo do metal descendo, esmagando e batendo. Não tinha noção do que estava acontecendo, estava tão cego quanto Iman el-Badri. Alguma coisa — muitas coisas

— vinha descendo, despencando, lá de cima, era tudo o que podia afirmar com certeza. E, também, o ponto de colisão vinha em sua direção à medida que a galeria rapidamente se enchia com os destroços. Mais e mais perto, mais e mais alto, a vibração da pedra cada vez mais forte sob seus pés, como se estivesse cego ao lado de uma rodovia, e diante dele estivesse acontecendo o maior de todos os engavetamentos da história.

E, então, subidamente, o ruído ficou mais abafado e se moveu para a sua direita, subindo a galeria. A vibração diminuiu gradualmente, o barulho perdeu a intensidade, embora ainda estivesse lá.

Por quase um minuto, ficou preso ao lugar, mumificado na escuridão. Por fim, trêmulo, engasgado com o fedor de alho, que agora tomara conta de tudo e fazia seus olhos lacrimejarem, avançou alguns passos e esticou o braço.

A mão tocou em metal.

— Ah, Deus!

Apalpou para cima e depois para baixo. A mesma coisa. Calombos e arestas. E também algum tipo de poeira fina vazando pelas rachaduras do metal.

Barris, era o que havia tocado. Barris enormes. Havia rolado lá de cima, chocando-se uns contra os outros, amassados, rompidos, seu conteúdo vazando.

Mais precisamente, haviam fechado a boca do túnel. De cima a baixo, de um lado a outro, sem ao menos uma fresta por onde pudesse enviar os dedos. Sólidos como a porta de uma cela. A porta trancada de uma cela. Numa prisão de segurança máxima.

Estava sozinho, assustado, e encarcerado na escuridão do Labirinto.

JERUSALÉM

Às 18h45, Ben-Roi começou a ficar preocupado.

Ligou para Khalifa, caiu na caixa postal, deixou recado. Ligou de novo, quinze minutos depois, e outra vez, passados mais vinte minutos.

Deixou recado nas duas vezes. Nenhuma resposta.

Quando chegou na casa de Sarah, às 19h45, já estava extremamente preocupado.

— Tem alguma coisa com cheiro bom — disse ao entrar no apartamento, dando uma espiada discreta no celular.

— Cordeiro *cholent*.

— Numa terça-feira?

— Se você for ficar todo *frumm* com isso, posso pedir uma pizza.

Ele a segurou pelo braço, fez com que ficasse de frente para ele e a beijou no nariz. Cordeiro *cholent* era seu prato favorito. Ela tinha se esforçado. E não só com a cozinha. Estava incrível. Os cabelos soltos e escovados, um toque de perfume, a barriga modelando o tecido do vestido — linda como há tempos ele não a via. Ele pretendia se empenhar também — ela lhe dera uma camisa da Ted Baker no seu último aniversário, que ele pretendia usar. Passar um pouco de sua melhor loção pós-barba também. Mas, com toda a história de Khalifa, não tivera tempo de passar em casa e se trocar. Nem mesmo tivera tempo para comprar flores. Deu outra espiada no celular. Nada. Que diabos estava acontecendo?

— Tem cerveja na geladeira — disse ela ao entrarem na cozinha. — Ou vinho, se você preferir.

— Cerveja está ótimo.

Ele abriu a geladeira e pegou uma garrafa.

— Quer uma?

Ela o fuzilou com o olhar e apontou para a barriga.

— É claro. Me desculpe.

Abriu a tampa e deu um gole. Sarah se movimentava em torno do fogão. Música tocava na sala. Joni Mitchell. *Blue*. O primeiro CD que ele lhe dera. Ela realmente estava se esforçando. Ele tentou se concentrar.

— Bubu está bem? — perguntou ele.

— Ótimo. Você quer...

Ela virou a barriga na direção dele. Ele se aproximou e apertou a barriga com a mão.

— Quanto mais penso naquele nome que você sugeriu, mais eu gosto — disse ela.

— Eu também.

— E que tal Iris, se for uma menina?

Ele se contraiu. Iris era o nome da prostituta com quem ele conversara em Neve Sha'anán.

— Melhor não — disse ela, percebendo sua expressão. — Continuarei pensando.

Ela apertou a mão dele com a sua. Seus olhos se encontraram e ela sorriu.

— É bom ter você aqui, Ariele.

— É bom estar aqui. Muito bom.

Ficaram assim por um instante, a mão de Ben-Roi involuntariamente se fechando no celular no bolso do jeans. Ela então ficou na ponta dos pés e o beijou. Apenas um selinho, mas nos lábios. Mexendo no lobo da orelha dele, ela se virou de volta para o fogão e mexeu numa panela.

— Por que você não vai lá para a varanda. Já estou quase acabando aqui. Você pode ir acendendo as velas lá fora.

Ela lhe jogou uma caixa de fósforos. Ele pegou a caixa, repetiu para ela como era bom estar ali — esperando que a repetição pudesse compensar o fato de que nem se incomodara em vestir roupas limpas — e foi para a varanda. Uma mesa cuidadosamente arrumada estava posta com flores e velas, guardanapos, uma tigela de azeitonas e um cesto de pães pita. Pelo jeito, ele não era o único ali que estava pensando numa retomada.

Roubou duas azeitonas, acendeu as velas, deu um gole na cerveja. Depois, encostando a porta com o pé, pegou o celular e

ligou para Khalifa novamente.

— Estou começando a ficar preocupado por aqui. Realmente preocupado. Ligue para mim assim que receber essa mensagem. OK?

Ele desligou. Sarah veio para a varanda.

— Você está com cara de culpa — disse ela.

— Só porque estou tendo pensamentos inadequados sobre você — mentiu ele, enfiando o celular no bolso de trás.

Ela riu e passou os braços pelo pescoço dele.

— Acho que será uma boa noite.

— Eu também. Uma noite muito boa.

Ele retribuiu o abraço, puxando-a para mais perto, dizendo-lhe como ela estava linda.

E o tempo todo ele pensava no Labirinto e torcendo para o celular tocar.

O LABIRINTO

Khalifa ficou trinta minutos empurrando e chutando os barris que bloqueavam a entrada do túnel. Não conseguiu que se movessem um centímetro. A força da colisão fizera com que ficassem tão apertados que mais parecia terem se fundido. Mesmo que se por algum milagre ele tivesse conseguido soltar um, não teria feito muita diferença. As batidas surdas e contínuas das colisões de metal — audíveis, ainda que longínquas — lhe diziam que a galeria principal da mina deveria estar bloqueada agora por pelo menos mais cem metros do local onde ele estava agora, se não mais. Centenas, talvez milhares, de barris o haviam emparedado. Suas chances seriam maiores se escavasse a rocha nua com as mãos. Teria que encontrar uma maneira diferente.

Se houvesse alguma.

— Socorro! — gritou, a garganta ardendo pelo fedor acre de alho, que parecia exalar do pó que havia dentro dos barris. — Socorro! Por favor, socorro! Socorro!

Em vão. Mas pessoas desesperadas fazem coisas vãs. E a ideia de procurar o caminho às cegas pelo Labirinto era simplesmente insuportável...

Ele se virou, encarando o túnel. A escuridão era tão densa, tão impenetrável, era algo de alguma forma além da cor. Um vazio absoluto contra o qual mesmo o mais profundo tom de negro pareceria pálido. Ele apalpou o ar com a mão. Uma, duas, três vezes. Então, lentamente, começou a se mover para frente, as batidas distantes e metronômicas dos barris parecendo ecoar as batidas de seu coração.

Tão profundos são seus poços, tão numerosas suas galerias, tão assombrosa sua complexidade, que adentrar por seu portal é perder-se completamente, o próprio Dédalo se confundiria.

Deu um passo de cada vez, sentindo o chão com o pé, temendo algum outro buraco como o que vira lá em cima, na galeria. O túnel

era estreito, algo entre um metro e um metro e meio de largura, com não mais do que uns dois metros de altura. Ele esticou a mão esquerda para a frente, segurando a Helwan com a direita. Inutilmente, uma vez que não via coisa nenhuma, mas a sensação da arma ao menos lhe dava uma migalha de conforto. E, na sua atual condição, ele precisava de todas as migalhas que pudesse obter.

A passagem seguia direto em frente. O chão era plano, as paredes cuidadosamente talhadas, como nas tumbas do Vale dos Reis. Não havia túneis laterais, ao menos nenhum que ele tivesse encontrado. Em parte, isso o aliviava. Túneis laterais implicavam decisões, complexidade, a possibilidade de se perder, envolvido pela teia cruel do Labirinto.

Parte dele se preocupava, no entanto. E a preocupação aumentou a cada passo hesitante que dava. Qualquer esperança de sair, de encontrar o caminho pelos corredores, era crucial que se mantivesse o mais perto possível da galeria central. E o túnel parecia estar levando-o para cada vez mais longe de lá, mergulhando-o profundamente no desconhecido.

Não havia muito o que pudesse fazer a respeito e simplesmente seguiu em frente, avançando cuidadosamente, os únicos sons eram sua respiração aterrorizada e, de algum lugar na distância, o pulso contínuo das batidas dos barris. Num momento, sua mão passou por algum tipo de concavidade, do tamanho de uma mão fechada, na parede que, a não ser por isso, se mantinha lisa. Pouco mais adiante, seu pé esmagou alguma coisa, que ele se abaixou para investigar e descobrir que eram cacos de uma jarra ou pote. Fora isso, não encontrou nenhum outro traço, nenhum outro objeto. Nada, a não ser o chão, as paredes e a sufocante e devoradora escuridão.

E, então, subitamente, o túnel chegou ao fim.

— Oh, Deus, não.

Enfiando a Helwan na parte de trás da calça, apalpou com as duas mãos. Na frente dele estava a rocha sólida. Apalpou para a esquerda e para a direita, até o chão. Não havia falhas, nem mesmo uma rachadura. Era uma via sem saída.

Apalpou novamente, e mais uma vez, explorando cada centímetro da parede. Por fim, virando-se, apoiou-se contra a parede e escorregou até o chão. Ao mesmo tempo, o som surdo das batidas dos barris finalmente cessou. Abateu-se um sepulcral silêncio de morte. Ele dobrou os joelhos e se abraçou a eles.

Estava enterrado vivo.

JERUSALÉM

A entrada era a *baba ghanoush* feita em casa por Sarah, outro dos pratos favoritos de Ben-Roi. Eles apagaram as luzes da sala, sentaram-se na varanda, apenas com as velas. Estrelas brilhavam no céu; o perfume da magnólia vinha do jardim lá de baixo. Joni Mitchell fora substituída por Etti Ankri.

Teria sido perfeito caso ele não estivesse tão desgraçadamente preocupado.

— Parece que o esquema da creche está chegando ao fim — disse ela, pegando um pita do cesto e o cortando ao meio.

Ele pegou o celular sob a mesa disfarçadamente com uma das mãos e deu uma olhada na tela. Ergueu os olhos ao ouvir isso.

— Oh, não!

Ela mergulhou o pita na pasta.

— As cartas já vinham dizendo isso há algum tempo. E soubemos hoje que nosso principal doador está saindo.

— Vocês não conseguem encontrar outro?

— Não com esse clima atual. A reconciliação caiu lá para o final da agenda.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros, mordiscou a ponta do pita.

— Tem um lado estranho, parte de mim está aliviada. É como assistir a alguém que você ama morrer lentamente. É mais caridoso dar fim ao seu sofrimento. Temos ainda um mês de sobrevida e depois, bem...

“Hava Nagila” começou a tocar a todo volume no colo de Ben-Roi. Ele sacou o telefone, seu foco se voltando totalmente para a tela. Era apenas seu amigo Shmuel. Do outro lado da mesa, Sarah olhava para ele. Não estava zangada. Nem sequer aborrecida. Apenas... desapontada.

— Me desculpe — disse, deixando a ligação cair na secretária.

Ela esticou a mão, entrelaçou os dedos com os dele.

— Só por essa noite achei que você fosse desligar o celular, Arieh. Você já fez antes. Você é forte o bastante. Eu sei que você é. Vamos lá, lute contra o impulso. Resista! Resista!

Ela estava tentando levar com bom humor. O que o fez se sentir ainda pior. Apertou a mão dela.

— Olha, Sarah, não quero fazer disso uma coisa muito importante e não quero que nos atrapalhe esta noite, mas acho que meu amigo Khalifa está com problemas. Vou deixar o telefone aqui...

Ele pousou o aparelho no meio da mesa com um gesto exagerado.

— E se alguém ligar, qualquer pessoa, menos ele, juro por Deus que não vou atender. E no momento em que ele ligar, desligo o telefone e você pode fazer o que quiser com essa porcaria. Jogar na privada e dar a descarga, pouco me importa.

Algo nos olhos dela dizia que já tinha ouvido tudo aquilo antes, que não acreditava nele. Ela piscou para poder afastar a expressão e forçou um sorriso.

— Parece uma proposta justa para mim.

Ele voltou a apertar a mão dela. Levantou-se parcialmente, inclinando-se sobre a mesa, beijou-a na cabeça.

— Obrigado por ser você — disse.

— Obrigado por ser *você*. Mesmo que esse *você* seja o homem mais enervante que já conheci.

Ele achou graça e voltou a se sentar. No meio do caminho, seu olhar se desviou para a tela do telefone, apenas para conferir.

— Coma logo — disse ela. — Ou vou precisar requeentar o *cholent*.

O LABIRINTO

Khalifa não fazia ideia de por quanto tempo ficou ali sentado, no final do túnel, a cabeça apoiada nos joelhos, os braços agarrando as pernas, o desespero tomando conta dele tão completamente quanto a escuridão da mina. Poderiam ter sido uns dois minutos, poderiam ter sido umas duas horas. Ou mesmo uns dois dias. Lá embaixo, o tempo parecia não significar nada.

Finalmente, no entanto, soltou as pernas e se forçou a ficar de pé. Parou por um momento, um pedaço de conversa ecoando nas margens de suas lembranças, algo que um dia dissera alguém numa situação quase tão negra quanto aquela (Cria em Deus, senhorita Mullray. Acredite em qualquer coisa. Mas jamais se desespere).

Virou-se, então, novamente tateando a pedra no fundo do túnel. Para cima, para baixo, de um lado ao outro. Tão sólida quanto antes, sabe-se lá quando tenha sido isso, quando se deparou com ela na primeira vez. Nenhuma rachadura, nenhuma falha, nenhuma passagem. Uma via sem saída. Em todos os sentidos da expressão.

Ele socou a pedra. Se estivesse num filme, pensou, algum tipo de passagem secreta se abriria naquele momento. Começou então a apalpar o caminho ao longo das laterais do túnel, percorrendo com as mãos metodicamente do chão ao teto, imaginando se, numa chance única em um milhão, ele não teria perdido uma passagem lateral durante a descida. Sabia que não tinha. Mesmo na escuridão absoluta, as paredes eram próximas demais para que não tivesse sentido uma abertura, caso houvesse alguma. Qualquer coisa, no entanto, era melhor do que simplesmente ficar sentado lá contando os minutos, as horas e os dias até que a morte finalmente o alcançasse para dar cabo de sua infelicidade. Como Samuel Pinsky deve ter contado o tempo. Não queria morrer como Samuel Pinsky. Não queria morrer, ponto final.

Começou a seguir uma espécie de ritmo. Arrastava-se alguns centímetros, de joelhos, as palmas das mãos contra as paredes,

sentia o caminho para cima, ficava na ponta dos pés, arrastava-se alguns centímetros, ficava de joelhos, as palmas das mãos contra as paredes, sentia o caminho para cima...

Não precisava ser tão cuidadoso a ponto de explorar cada milímetro de rocha, mas havia algo vagamente tranquilizador em agir assim. E, além disso, indo devagar, ele adiava o momento quando teria a certeza, de uma vez por todas, de que estava condenado. Enquanto houvesse parede a explorar, ainda havia esperança. Apenas um fio tênue, mas ainda assim era esperança. Após cobrir cada centímetro do túnel e não ter encontrado uma saída — só então se entregaria ao desespero.

Arrastava-se alguns centímetros, de joelhos, as palmas das mãos contra as paredes, sentia o caminho para cima...

Ele chegou aos cacos de cerâmica que encontrara antes — pedaços grossos e maciços, presumivelmente de algum tipo de grande urna de armazenamento — e, poucos metros depois, arrastando as mãos na parede desde o chão, uma cavidade rasa na pedra. Tinha notado uma cavidade semelhante ao descer pelo túnel, ainda que tivesse a impressão de que ficava na altura do ombro e essa estivesse próxima ao joelho. Ou talvez fosse a mesma cavidade e sua memória estivesse lhe pregando peças. Na escuridão estígia, era impossível estar seguro de qualquer um de seus sentidos. Fez uma pausa, explorando o buraco com a ponta dos dedos. Tinha apenas alguns centímetros de profundidade, mais uma reentrância do que um buraco, com uma superfície arredondada. Lembrava claramente de a outra cavidade ser mais profunda e irregular, o que confirmava para ele que eram coisas diferentes. Moveu as mãos mais para cima da parede. Tocou outra reentrância — essa na altura da cintura — e mais outra (na altura do peito) e uma quarta, nivelada com seu ombro. Essa era a que ele tinha tocado antes, tinha certeza — a mesma profundidade, o mesmo ressalto na borda inferior. Quatro depressões numa parede que, a não ser por isso, era totalmente plana, cuidadosamente entalhadas — uma acima da outra. Interessante.

Ele apalpou com as mãos mais para cima, até o teto, sentindo a superfície e encontrou...

Um buraco.

Subitamente, seu pulso estava disparado. Na ponta dos pés, sentiu o contorno do buraco com a ponta dos dedos. Era quadrado, os lados com cerca de meio metro. Cuidadosamente recortado. Bem no meio do teto. Como a entrada inferior de uma chaminé. Tinha passado bem debaixo dela quando desceu o túnel antes.

Saltou e enfiou uma das mãos lá dentro. Não tocou em nenhuma pedra. Apressou-se de volta pela passagem e voltou com a mão cheia de cacos de cerâmica. Jogou-os para cima, um de cada vez. A chaminé parecia subir por uma boa distância. Outro buraco sem saída? Ou uma rota de escape. De qualquer forma, era apenas uma questão teórica, pois, após a excitação inicial, deu-se conta de que não tinha como subir até lá.

A não ser que...

Dando um passo para a parede oposta, ele percorreu a superfície de cima a baixo. Sentiu outras quatro cavidades com a ponta dos dedos. O mesmo tamanho das outras do lado oposto e praticamente na mesma altura.

Como uma explosão de luz, uma lembrança explodiu em sua mente. Algo que vira seis ou sete anos antes. No Vale dos Reis. Sua amiga Ginger, do Serviço de Antiguidades, o levava com Ali num passeio por algumas das tumbas fechadas. No caminho pelo centro do vale, Ginger parou para apontar um poço vertical na tumba KV56, recentemente desimpedido por uma equipe de arqueólogos britânicos. Dos dois lados do poço, depressões rasas haviam sido cortadas na parede de pedra.

— Degraus — explicou Ginger, quando Khalifa apontou para elas. — Os antigos trabalhadores ficavam em pé dentro do poço e usavam isso para subir e descer. Como aranhas num cano. Fácil para quem tivesse pernas longas.

Khalifa não tinha pernas longas. Mas o que lhe faltava de físico, no entanto, ele mais do que compensava pelo desespero absoluto. Enfiando a Helwan mais profundamente na cintura da calça, ele abriu as pernas até encostar os pés nas paredes do corredor. Era uma boa abertura, mas ele conseguiu chegar à distância exata — se o túnel fosse um pouco mais largo, teria sido demais para ele.

Colocou a ponta do sapato esquerdo na cavidade mais baixa daquele lado. Pressionando os dedos contra a pedra para se equilibrar, murmurou uma prece rápida e pulou com o pé direito para cima. Errou a cavidade correspondente e caiu para a frente. Tentou de novo e de novo, até finalmente conseguir na quarta tentativa. Por um momento, ficou lá, as pernas formando uma ponte no túnel, os músculos entre as coxas reclamando com a postura incomum. Em seguida, jogou o pé esquerdo na depressão seguinte. Acertou, levou o pé direito para cima, perdeu o equilíbrio e caiu.

— *Yalla!* — sussurrou, sabendo, realisticamente, ser essa sua única chance de sair do túnel, e que, se não o fizesse, estaria morto — *Yalla!*

Na tentativa seguinte, conseguiu subir um pouco mais antes de cair. Na outra vez, chegou a enfiar os braços e a cabeça dentro do buraco antes de as pernas fraquejarem e ele despencar de volta. Recusando-se a aceitar a derrota, iniciou mais uma tentativa, ignorando a agonia das coxas, o fedor crescente de alho, o fio de sangue escorrendo pela têmpora, pelo corte da última queda — concentrando todo o seu ser na tarefa de subir essas quatro reentrâncias e entrar no poço.

E, dessa vez, ele conseguiu. Chegou ao degrau mais alto, encontrou um entalhe cortado na parede do poço e se puxou para cima. Achou outro entalhe, e mais outro, puxou-se e escalou. E então deixou o túnel e entrou no tubo.

— *Hamdulillah, hamdulillah, hamdulillah.*

Descansou por um minuto, as pernas dobradas de encontro à parede do poço. E então começou a subir. Apoios profundos para os pés e mãos foram cortados na parede em intervalos regulares e ele pôde subir sem muita dificuldade, movendo-se de um apoio para o outro como se subisse uma escada. No fundo de sua mente, o medo contínuo de que o poço não tivesse saída não o deixava. Não deixou que o pensamento tomasse conta, apenas continuou a subir pela escuridão, devagar, testando cada apoio antes de transferir seu peso para ele, consciente de que uma queda significaria membros quebrados e morte certa. Uma vez um morcego desceu voando lá de cima direto em seu rosto. Outra, atravessou algo mole e pegajoso

que supôs que fosse uma teia de aranha. A não ser por isso, o poço felizmente estava limpo e, após subir cerca de vinte metros, as paredes subitamente se abriram e ele estava saindo do buraco para algum tipo de espaço aberto. Arrastando-se para a frente por um metro, ele caiu de cara num chão liso e empoeirado, o alívio por escapar da passagem temperado pela noção de que ainda era prisioneiro do Labirinto.

JERUSALÉM

Ben-Roi tentou. Realmente tentou. Ela significava muito para ele, fizera um enorme esforço para preparar uma noite especial. Para dar aos dois uma nova chance. Para os três.

Todos os seus pensamentos, no entanto, estavam em Khalifa. Sarah falava, contando-lhe algo sobre o bebê, algo íntimo, e seu olhar continuava a buscar a tela do telefone, esperando que acendesse. Ela sumia na cozinha para pegar alguma coisa e no momento em que lhe dava as costas, o celular já estava em suas mãos para deixar mais uma mensagem para Khalifa, implorando para que entrasse em contato.

Ele tentou. Realmente tentou. Mas sua atenção estava em outro lugar. E Sarah percebia. Percebia claramente, como se houvesse um letreiro luminoso piscando em cima da cabeça dele. Ela não disse nada. Não fez qualquer cena. Em torno das 21h30, no entanto, enquanto limpava os restos do bolo de amêndoas que tinha assado para a sobremesa — outro dos pratos favoritos de Ben-Roi —, ela encerrou a noite.

— Vá para casa, Arie — disse ela. — Ou para o escritório, vá caminhar — para algum lugar em que possa se concentrar no que precisa se concentrar.

— Mas ainda está cedo. Achei que a gente poderia....

— Você não está aqui, Arie. Se o seu amigo está com problemas, acho que você deve ir para algum lugar onde possa se concentrar nisso. E não ficar por aqui de conversa fiada comigo.

Ele tentou protestar, convencê-la de que pelo menos o deixasse ficar para ajudar com a louça, mas ela foi inflexível. Não com raiva ou amarga. Triste. O mais triste que ele já vira. A chance se perdera. Algo lhe dizia que fora a última chance.

Guardou o celular no bolso e a acompanhou até a porta da frente. Quando ela abriu a porta, ele tentou beijá-la. Ela virou o rosto, oferecendo a bochecha.

— Sinto muito — disse ele.

— Eu também.

— A noite foi ótima.

Ela não concordou com isso. Deixou que ele beijasse sua barriga alta, expressou o desejo de que Khalifa estivesse bem e, dando um passo para trás, fechou a porta.

— Eu ligo para você — gritou ele.

Nenhuma resposta. Não tinha certeza, mas pensou ter ouvido um soluço abafado.

O LABIRINTO

— *Salaam!*

A voz de Khalifa ecoou. Pelo som, estava em algum tipo de caverna grande ou câmara. Como aquelas por que passara ao descer pela galeria principal da mina. Baixou a cabeça, tentou se lembrar de algo similar nos diagramas de Samuel Pinsker. Não conseguiu. Deu alguns passos curtos para a frente, os braços esticados diante de si como um cego, depois andou para trás. Vasculhando o bolso, pegou o lenço e o abriu no chão, junto à beirada do poço. Quando veio lá de baixo, estava de frente para a galeria e posicionou o lenço junto à borda que apontava naquela direção. No túnel, com duas paredes retas de cada lado, fora fácil manter a ideia de onde ele estava em relação ao eixo principal da mina. Aqui, sem qualquer característica imediata para guiá-lo, isso seria bem mais difícil. O lenço, ao menos, proporcionaria um ponto de referência.

Ele alisou o tecido, cuidando para garantir que não se confundiria quanto ao lado do poço em que estava posicionado. Então, levantando-se, começou a andar para a frente de novo, agitando as mãos na escuridão, seguindo a linha da passagem abaixo dele, de volta na direção da galeria principal.

Vinte passos à frente, bateu na pedra.

Apalpou para cima e para baixo e começou a se deslocar para a direita. As paredes eram maciças. Continuou andando, lentamente circundando a câmara, ou caverna, o que quer que fosse. Tão intensa era a escuridão que, em poucos passos, ele perdeu qualquer noção de onde estava em relação à abertura do poço. Bateu numa pilha de pedras, pegou uma das menores e arremessou contra o vazio acima. Um estalo surdo ecoou lá do alto. Bem no alto, ainda que ele não conseguisse estimar a altura. Lançou outra pedra através da câmara. Outro estalo. Dez metros além? Vinte? Era impossível julgar. Jogou mais quatro pedras para tentar conseguir uma vaga ideia das dimensões do lugar — era grande, foi a ideia

mais precisa à qual conseguiu chegar — e continuou a avançar ao longo das paredes. Encontrou duas grandes urnas de cerâmica — muito grandes, na altura de sua cintura. Um pouco mais além, seus pés esmagaram algo que, examinando mais de perto, constatou serem os ossos de algum pequeno animal.

Não achou portas ou aberturas, nenhuma saída do lugar, e já estava começando a entrar em pânico, a achar que talvez o túnel e o poço e a câmara fossem tudo parte do mesmo caminho sem saída, quando bateu em algo encostado à parede.

Uma escada.

Examinou-a com as mãos. Traves laterais, degraus, amarrados com couro. Sólida, ao que parecia. Ele testou o degrau mais baixo. Firme. Ele começou a subir, cuidadosamente, um degrau de cada vez. Seis degraus acima, ele descobriu uma grande abertura na parede. Exatamente como as outras que ele já vira na câmara de entrada da mina.

— *Salaam!*

Ecos. Era um outro túnel. Uma saída. Mas para qual direção seria o caminho para fora? E seria o único ou haveria outras opções?

Ele desceu de volta. Continuando para a direita, foi lentamente seguindo as paredes da câmara, finalmente chegando à pilha de pedras novamente. Não havia aberturas no nível do solo. Nenhum canto também, o que lhe dizia que o local era praticamente circular. Fez o caminho de volta até a escada. De joelhos, engatinhou pelo chão, cruzando a câmara, o mais reto que conseguiu, examinando o chão com as mãos de um lado para outro, procurando a abertura do poço. Minutos depois, bateu na pedra. Maldição! Errou! Ficou de pé, fez o caminho novamente até a escada, ajoelhou-se, engatinhou num ângulo um pouco mais para a esquerda do que a linha anterior. Dessa vez, ele encontrou a abertura. O lenço estava do lado oposto. O que lhe dizia que o túnel apontava mais ou menos na direção oposta à galeria principal. Ele repetiu o processo para assegurar-se de que tinha se posicionado corretamente e voltou para a escada. Tirando um sapato, colocou-o contra a parede para marcar a posição da escada. Mancando com a meia de fora num dos pés, começou a empurrar a escada em torno da câmara, subindo e descendo,

procurando qualquer outra abertura. Não havia nenhuma. Pelo menos, nenhuma que ele conseguisse descobrir. Deu toda a volta até reencontrar o sapato e calçá-lo de volta. A decisão fora tomada por ele. Subiu a escada, entrou no túnel e começou a avançar, a mão esticada diante de si, a cabeça abaixada para evitar bater no teto.

Vinte metros para dentro — talvez mais, talvez menos; estava preso num mundo incerto onde tudo era lamentavelmente vago e indeterminado — o teto subiu e ele pode ficar ereto. Uma distância similar depois dali, o túnel se bifurcava. O lado esquerdo descia, o direito subia. Ele escolheu a esquerda, cuidando para memorizar a divisão, caso precisasse refazer os passos. Desceu pelo caminho, chegou a uma escada que o levou para cima de novo, até um cruzamento com outros túneis que saíam para a esquerda e para a direita. Novamente, foi para a esquerda, calculando que deveria estar se movendo praticamente em paralelo à galeria principal, ainda que bem acima dela. Este novo túnel seguia em frente até subitamente começar a descer e fazer uma curva sobre si mesmo de forma que, pelos seus cálculos — e a cada novo passo ficava cada vez menos seguro deles —, estava agora seguindo cada vez mais para o interior da mina em vez de ir em direção à entrada. Uma passagem se abriu à direita. Seguiu por ela, entrou no que parecia ser uma sala cheia de colunas. Portas em cada uma de suas paredes. Mais passagens, mais decisões, mais complexidade, mais confusão.

— Oh, Deus, me ajude — suspirou. — Por favor, Deus, me ajude. Por favor. Por favor.

E o tempo todo, a escuridão diante dos olhos, o silêncio nos ouvidos, e o lento e inexorável abraço do Labirinto que se enroscava ao redor dele.

JERUSALÉM

Ben-Roi foi para casa, tentou pensar no que deveria fazer. Sobre Khalifa e sobre Sarah.

Ligaria para ela amanhã, levaria flores, imploraria por uma nova chance. Mais uma chance. Algo lhe dizia que isso não iria acontecer. Que ele tinha esgotado todas as chances de uma vez por todas. Com certeza, tinha uma desculpa para estar tão distraído. Mas, enfim, sempre tivera desculpas. Sempre havia alguma coisa, algum motivo para ele não poder se entregar completamente. Se não fosse Khalifa, teria sido alguma outra crise. Essa era a natureza de um policial da linha de frente. E, a não ser sair da linha de frente e ir trabalhar atrás de uma mesa em algum lugar, ou sair de vez da polícia, não havia qualquer outro gesto que pudesse fazer que fosse resolver esse impasse. Ela precisava mais dele, merecia mais, e ele não tinha como dar isso a ela. Impasse.

Concedeu a si alguns minutos de introspecção arrependida. Por fim, aceitando que não havia nada que pudesse fazer sobre aquilo naquela noite, afastou Sarah e o bebê de sua mente e se concentrou na prioridade imediata — Khalifa.

Algo tinha acontecido com seu amigo. Algo ruim. Tinha certeza disso. Não havia qualquer outra explicação para o silêncio dele. E ele, Ben-Roi, era o responsável. Fora ele que envolvera o egípcio no caso. Estava em sua consciência.

Andando pelo apartamento, ligou mais uma vez para o telefone via satélite e deixou mais uma mensagem. Ligou para o celular normal de Khalifa também, apenas por descargo. Depois, ligou o *notebook* e lhe enviou um e-mail também. Apenas para cobrir todas as bases.

O que mais? Não tinha o telefone da casa do egípcio — sempre se comunicavam por celular ou por e-mail. Mesmo que tivesse, não tinha certeza se teria alguma utilidade. Ele mal falava árabe, e mesmo que fosse possível haver alguém na família que falasse

inglês, o que ele lhes diria? *Desculpe incomodar, apenas queria me assegurar de que seu marido ou pai não está morto?* Já tinham sofrimento bastante com que lidar. Não queria acrescentar ainda mais dor. Poderia descobrir o número, ligaria se e quando tivesse esgotado todas as outras possibilidades. No momento, não queria incomodá-los.

Pensou em procurar a Barren, mas descartou a ideia. Dificilmente o ajudariam a encontrar alguém que fora investigar uma mina de cuja existência eles negavam ter qualquer conhecimento.

Em vez disso, ligou para Danny Perlmann, um amigo dele que trabalhava na ligação entre polícias, na sede da Polícia Nacional, em monte Scopus. Um falante fluente do árabe, Perlmann lhe devia um favor — diversos favores, na verdade — e Ben-Roi ligou para ele naquela noite. Perlmann reclamou e resmungou, perguntou se não poderia esperar até o dia seguinte, mas Ben-Roi o pressionou e, no final, ele concordou em procurar seus contatos na polícia egípcia, obter alguns nomes e números em Luxor e ver se conseguia descobrir alguma coisa.

— Ligo para você quando souber de alguma coisa — disse — mas não fique esperando muito. Os egípcios são um belo pesadelo.

Ben-Roi enfatizou a urgência, agradeceu e desligou.

Ligou a TV, assistiu a dois minutos de um documentário sobre — com tantos outros assuntos possíveis — um grupo de homens presos numa mina no Chile e desligou de novo. Verificou seu e-mail. Ligou para Khalifa. Então, sem mais nada que pudesse fazer, seguiu o conselho de Sara e foi caminhar.

Qualquer coisa, francamente, era melhor do que ficar sentado sozinho no apartamento contemplando o fato de que não só tinha matado um relacionamento, mas, muito possivelmente, também um amigo.

O LABIRINTO

A questão crucial, o nanofio do qual pendia qualquer esperança de sobrevivência, era que Khalifa jamais, em momento algum, perdesse a noção de sua posição relativa à galeria principal da mina. Contanto que pudesse manter uma referência fixa relativa a isso, saber para qual direção estava voltado, então mesmo com apenas o tato para guiá-lo, tinha uma chance muito remota de poder encontrar o caminho para a saída.

Passados vinte minutos depois de ter saído da câmara cavernosa, o fio se rompera e a chance estava perdida.

Estava perdido. Desesperada, absoluta e irrecuperavelmente perdido.

Tentou refazer seus passos, reencontrar o caminho de volta para a câmara, mas o mapa com a rota em sua memória estava irremediavelmente confuso. Esquerda ou direita aqui? Subir ou descer? Segunda ou terceira passagem? Já teria sido muito difícil se todo o Labirinto estivesse completamente iluminado. Naquela escuridão absoluta, era impossível.

Cambaleou em frente — cego, desesperado, desamparado. Por várias vezes chegou a locais que achou que pareciam familiares: um lance inclinado de degraus; uma passagem particularmente estreita; um chão coberto de cacos de cerâmica, uma fileira de cestos cheios de terra. O contexto da familiaridade se perdia para ele: quando estivera lá, o que viera antes, aonde fora depois. Ou se de fato estivera lá e não estava apenas se confundindo com alguma outra parte parecida da mina. Tudo parecia se misturar com todas as coisas, todos os pontos de referência se dissolviam na escuridão como papel em ácido, nada mais restando além de uma lama negra e irreconhecível.

Atravessou algum tipo de ponte de madeira sobre algum tipo de poço profundo — lá embaixo ouviu assobios e o bater e revoltear de corpos resvalando.

Um pouco mais tarde — ou muito mais tarde, ou possivelmente antes; há muito que o tempo deixara de significar qualquer coisa lá embaixo — se viu abrindo caminho através do que pensou, a princípio, em sua confusão, ser uma pesada cortina de contas. Só quando examinou mais atentamente foi que percebeu se tratar de esqueletos pendurados de uma viga que atravessava o teto.

Antes ou depois disso, ouvira o som de água corrente. Tentou localizar a fonte, mas se perdera no vazio.

Ou talvez estivesse apenas em sua cabeça. Não tinha como dizer, não tinha como distinguir entre o que era real e o que imaginava. Como no pior pesadelo de sua vida, mesmo os mais estranhos cenários pareciam plausíveis. A diferença era que acordamos dos pesadelos.

Pensou em sua família — Zenab, Batah, Yusuf. Como lidariam com o fato de perdê-lo? Sem jamais saber como ou por que o tinham perdido? (*Por favor, Deus, não os deixe pensar que eu fugi e os abandonei!*) Em Samuel Pinsker também, em Ben-Roi, em Iman el-Badri, em Digby Girling, nos Attia e em todo o restante do elenco de personagens da narrativa agora destinada a culminar com sua morte lá embaixo.

Pensou, principalmente, em seu filho Ali. Seu filho amado. Sozinho e desamparado, debatendo-se nas profundezas negras do Nilo.

Assim como ele mesmo se debatia agora. Engraçado como as coisas se repetiam.

Continuava a se arrastar em frente, exausto, com sede, gritando por ajuda, implorando a Deus, a qualquer um, para que o salvasse. Até que finalmente sua voz se esgotou, e tudo o que restou foi o silêncio.

JERUSALÉM

— Vou lá para dentro.

— OK.

— Você vem?

— Vou ficar mais um pouco.

Levantando-se do sofá, Joel Regev atravessou a sala e se inclinou sobre o ombro de Dov Zisky. Papéis e fotografias entulhavam a mesa diante dele; na tela do computador estava aberta uma página com a estrela, a espada e o ramo de oliveira da IDF. O título da página era: *Registro de recrutas 1972*.

— Parece emocionante.

Zisky resmungou.

— Ainda o caso da catedral?

— Sempre o caso catedral.

— Está chegando a algum lugar?

— Talvez.

Regev observou por um momento. Então, apertando o ombro de Zisky, virou-se e saiu da sala.

— Não exagere, hein? — gritou do corredor.

Zisky não respondeu. Estava inclinado para a frente, olhando para a tela do computador. Nomes e datas de nascimento estavam listados em quatro colunas ao longo da página. Estendendo a mão, percorreu cada uma das colunas com o dedo. Na metade da quarta, parou. Franziu os olhos, procurou os papéis sobre a mesa, pegou uma foto — um grupo de mulheres com uniformes da IDF e bonés camuflados. Virou-a, leu a dedicatória no verso. Em voz alta. “Para a querida Rivka — Felicidades! Lx!”

Ele olhou de volta para a tela, de novo para a foto, conferido outra vez. Então, abriu um sorriso.

Em algum lugar lá fora, um carro deu uma freada e buzinou alto.

A freada e a buzina vieram do Toyota Corolla de Ben-Roi, que fora obrigado a desviar de uma motocicleta que disparou de uma rua lateral sem sinalizar. Instintivamente, ele estendeu a mão para ligar a sirene, com a intenção de ir atrás do sujeito para lhe dar uma bela bronca. Mas não ligou. Em vez disso, apenas gritou “*Kus emek!*”, buzinou de novo e seguiu seu caminho.

Já passava da meia-noite. Caminhara por quase duas horas, sem destino por Rehaviya, atravessando o parque Rehaviya, passando pelo Museu de Israel e pelo Knesset, até o jardim Sacher. Não ouvira nada de Khalifa ou de seu amigo Danny Perlmann. Finalmente, começou a voltar para o apartamento, aceitando que não havia mais nada que pudesse fazer naquela noite e que apenas teria que se aguentar até de manhã.

Despiu-se, e foi para a cama só de cueca. Ficou lá, deitado no escuro, olhando para o teto por vinte minutos, ainda agarrado ao celular. Então, de repente, um pensamento o atingiu de que havia mais uma coisa que poderia fazer. Um tiro no escuro, mas, desde o início, ele soube que ela seria a chave para abrir qualquer outro aspecto do caso. Vestiu as roupas de volta, desceu correndo para o carro e disparou para a Cidade Velha.

Quinze minutos depois da quase colisão com a motocicleta, tendo deixado o Toyota no estacionamento de Kishle, Ben-Roi estava parado do lado de fora das pesadas portas de madeira do complexo armênio. Onde toda aquela porcaria tinha começado.

Esticou o braço e bateu.

Uma pausa, e uma porta se abriu dentro do portão. Um homem grande, de boina e cardigan, apareceu com um cigarro pendurado no canto da boca. Um dos zeladores que Ben-Roi vira quando foi ver o corpo de Kleinberg.

— O complexo está fechado — resmungou.

Ben-Roi mostrou a insígnia.

— Preciso falar com o arcebispo Petrossian.

— Sua Eminência já se recolheu para a noite. Você terá que voltar outra hora.

O homem começou a fechar a porta. Ben-Roi estendeu a mão para impedir.

— Preciso falar com o arcebispo Petrossian — repetiu. Então, consciente da animosidade que a prisão do arcebispo devia ter causado na comunidade, acrescentou:

— Por favor. Preciso da ajuda dele. É urgente. Muito urgente.

O homem olhou para ele, abrindo e fechando os lábios em torno da ponta do cigarro, espirais de fumaça saindo pelas narinas. Então, levantando um dedo para indicar que Ben-Roi esperasse, fechou a porta e desapareceu. Alguns minutos se passaram, a Cidade Antiga completamente silenciosa, como uma cidade fantasma. A porta voltou a se abrir novamente e o zelador o mandou entrar.

— Sua Eminência vai recebê-lo.

Ele fechou e trancou a porta, levou Ben-Roi pela passagem abobadada da entrada e saiu no pequeno pátio calçado na frente da Catedral de São Tiago. Apontou para uma porta à direita.

— Lá. Ele está lá em cima.

Ben-Roi agradeceu e cruzou até a porta. No interior, um lance íngreme de degraus de pedra, ladeado pelos trilhos de uma cadeira elevatória o levou até um vestíbulo ladrilhado longo no primeiro andar. Um candelabro de cristal pendia do teto, nas paredes, grandes pinturas a óleo. O arcebispo Petrossian estava de pé diante de uma porta na metade da escada, vestindo uma batina preta simples. Ben-Roi foi até ele, os tênis rangendo no piso polido.

— Me desculpe se eu acordei o senhor.

Petrossian levantou a mão, dispensando as desculpas.

— Sou um homem velho. Não durmo muito. Por favor.

Chegou para trás, indicando a porta para Ben-Roi entrar num pequeno escritório. Ao contrário do que vira no restante do complexo, o aposento era simples e espartano — sem decoração ornamentada, sem móveis de luxo. Havia uma mesa, um telefone, um computador, um par de cadeiras de couro, prateleiras com caixas de arquivos e fotografias emolduradas. Uma delas, notou, mostrava Petrossian apertando a mão do Papa Bento XVI. O arcebispo fez um sinal para que se sentasse e se postou atrás da mesa.

— Mardig me disse que era urgente — disse ele, cruzando as mãos sobre a mesa, o anel de ametista do cargo brilhando sob a luz.
— Diga-me, em que posso ajudar?

A voz era neutra, suave. Se sentira alguma raiva pela maneira como fora tratado sob custódia, não demonstrou. Ben-Roi agarrou os braços da cadeira. Direto. Sem meias palavras.

— Preciso encontrar a menina Vosgi.

Petrossian deu um sorriso de desculpas.

— Como eu disse ontem de manhã, receio não conhecê-la.

— E, como eu disse ao senhor ontem de manhã, acho que está mentindo.

O velho inclinou a cabeça, abriu as mãos como se questionasse: “O que posso dizer?” Ben-Roi chegou para a frente. Não estava fazendo um interrogatório agora. Estava implorando.

— Preciso falar com ela — disse, esforçando-se para manter a própria voz equilibrada. — Não sei o que o senhor está fazendo, não sei por que está mentindo. Sinceramente, não me importo. O que eu *sei* é que o senhor sabe onde ela está. Como sabe tudo o que acontece nesta comunidade. E preciso que o senhor me diga. A vida de um homem depende disso. A vida de um bom homem.

Petrossian ainda sorria, embora algo em sua expressão repentinamente parecera forçado, como se estivesse se esforçando para segurar o sorriso.

— A garota disse alguma coisa para Rivka Kleinberg — Ben-Roi insistiu. — Elas se encontraram e ela lhe contou alguma coisa. Sobre uma mina de ouro, sobre uma empresa chamada Barren Corporation. Por causa dessa informação, Rivka Kleinberg foi assassinada. E, agora, a mesma coisa está prestes a acontecer com um homem inocente. Um amigo meu. Pode já ter acontecido, que Deus o proteja. Preciso descobrir o que está acontecendo. É a única esperança que tenho de salvá-lo. Por favor, diga-me onde está Vosgi. Ajude-me.

Ainda assim, Petrossian não disse nada, nada traiu. Apesar disso, Ben-Roi percebeu que estava incomodado, em luta consigo mesmo. Estava ali, no tremor das pálpebras, na maneira como o polegar e o indicador haviam se fechado em torno da ametista vermelha do anel. Ben-Roi se inclinou para a frente, apoiando as mãos na mesa, encarando o velho de perto.

— Não se trata mais de uma mulher morta — pressionou. — Um assassinato que já aconteceu, algo que não pode ser mudado. Trata-se de *impedir* um assassinato. Salvar uma vida. A vida de um egípcio muçulmano, caso o senhor esteja preocupado quanto a salvar um israelense.

Pela primeira vez, isso provocou uma reação visível. Petrossian expressou sua desaprovação e sacudiu a cabeça.

— Uma vida é uma vida, detetive. Todas são igualmente preciosas. Religião e nacionalidade não têm nada a ver com isso.

Ele estava hesitando, Ben-Roi conseguia sentir. O que estivesse escondendo, e por que estava escondendo, começava a querer aparecer entre as rachaduras. Onde o interrogatório falhara, um apelo direto a sua humanidade parecia estar funcionando. Ben-Roi deu um último empurrão.

— Por favor, me ajude a ajudar o meu amigo. Diga-me onde está Vosgi. Me deixe falar com ela. Dou a minha palavra de que não haverá consequências para o senhor.

Petrossian considerou o argumento, juntando as pontas dos dedos e olhando para Ben-Roi por cima deles. Ficaram em silêncio e em seguida:

— E se eu tiver feito algum mal a ela? Mesmo assim, nenhuma consequência?

A pergunta foi inesperada. Ben-Roi hesitou, com as mãos agarradas à borda da mesa.

— O senhor fez algum mal a ela?

Os olhos do arcebispo brilharam. Agora era ele quem podia ler a incerteza na expressão de Ben-Roi.

— Difícil, não? — disse ele. — Como eu lhe disse quando falamos ontem, a consciência é uma mestra caprichosa. Aqui está o senhor, me pedindo para trair a *minha* consciência, e ainda assim, quando eu lhe apresento um dilema semelhante — trocar a justiça por informações —, o senhor não se sente tão seguro. Então, eu pergunto novamente: eu tenho a sua garantia de que, se a garota tiver sido ferida, nenhuma ação será tomada contra mim ou contra qualquer um dos meus colegas?

Ben-Roi se moveu, sentou-se para trás. Um momento antes achou que estava no controle da situação. Agora, subitamente, pisava em falso.

— Não posso lhe garantir isso — respondeu.

Petrossian olhou para ele, um olhar que realmente atravessava Ben-Roi. Em algum lugar lá fora, um sino começou a tocar. Houve uma pausa. O velho então concordou.

— Fico feliz por ouvir isso. Como o senhor deve saber, as minhas experiências com a Polícia de Israel não têm sido inteiramente positivas, mas o senhor, eu sinto, é um homem decente e honrado. Antes do final desta noite, essas qualidades serão postas à prova. E, só para tranquilizá-lo, nenhum mal, de qualquer espécie, foi feito à criança.

— O senhor vai me levar até ela?

— Caso o senhor tenha se esquecido, estou sob prisão domiciliar. Não estou autorizado a deixar o complexo.

— Responderei pelo senhor.

Petrossian considerou a oferta. Então, com um aceno de cabeça, pegou o telefone e discou. Falou rapidamente, num idioma que Ben-Roi supôs ser armênio. Botando o telefone de volta, levantou-se e fez um gesto para que o detetive o seguisse.

— Venha. E, por favor, tenha em mente o que acabou de ser dito sobre decência e honra.

Deixaram o escritório e desceram a escada.

Ela aparecera no complexo havia cinco semanas. Do nada. Aterrorizada. Traumatizada. O governo de Israel estavam prestes a deportá-la. Enviá-la de volta para a Armênia, direto para as mãos das pessoas que a tinham traficado em primeiro lugar. Estava desesperada, implorou por santuário.

— Somos uma família aqui. Cuidamos dos nossos. Ela já havia sofrido além do suportável. Não poderíamos mandá-la embora. Era nosso dever ajudá-la.

O arcebispo estava explicando tudo para Ben-Roi, enquanto os dois caminhavam pelo Bairro Armênio, as ruas estreitas e desertas ecoando a batida de seus passos.

Tinham levado Vosgi para uma casa segura, explicou, onde ficou protegida. Inicialmente, das autoridades israelenses. Depois, após o assassinato na catedral, de quem havia matado Rivka Kleinberg.

— A senhora Kleinberg adivinhou que, se a menina fugisse para qualquer lugar, seria para o seu próprio povo — disse ele. — Ela me ligou, perguntou se eu tinha visto Vosgi, se sabia onde poderia encontrá-la. Se eu tivesse dito a verdade, poderia ter evitado sua morte. Mas não contei a ela. Neguei qualquer conhecimento. Então ela começou a aparecer na catedral, circulando, esperando que ela mesma pudesse achar a menina. A morte dela, como eu disse, está na minha consciência, mas não tive escolha. Ela não fazia parte da nossa comunidade, eu não tinha ideia se poderia confiar nela.

Chegaram ao cruzamento no final da São Tiago, viraram à direita para a Ararat. Ouviram uma agitação acima deles, quando um gato se arrepiou em cima de um muro, assustado com a presença deles.

— O senhor reconheceu o nome de Kleinberg quando ela ligou? — perguntou Ben-Roi. — De que era a pessoa que fez o artigo sobre o senhor na década de setenta? Que arruinou sua carreira?

Os ombros de Petrossian se curvaram.

— É claro que eu me lembrava dela. Por favor, acredite em mim quando eu digo que não lhe desejava mal algum. Eu pequei, a culpa foi minha e só minha. Ela foi meramente a mensageira que proclamou meu erro. Sofri terrivelmente pela morte dela.

Chegaram ao final da Ararat, viraram de novo, desta vez em um beco estreito. No fundo, havia uma porta de madeira. Foram até lá. Havia um interfone com vídeo, e uma placa de cerâmica com o nome Saharkian. O arcebispo apertou o interfone.

— Ela é apenas uma criança — disse ele, voltando-se para Ben-Roi, enquanto o som de trancas ecoava lá de dentro. — Uma criança que sofreu horrores inimagináveis. Ainda há uma chance de que possa se curar, de construir uma vida para si mesma. Mas, se ela for deportada, se os traficantes a encontrarem de novo...

A porta se abriu. Um homem estava de pé ali, uma pistola enfiada no cinto.

— Apenas uma criança — repetiu Petrossian. — Peço que não se esqueça disso. E que também não entre em detalhes sobre o assassinato da senhora Kleinberg. Vosgi sabe que ela está morta, mas nós a preservamos dos detalhes mais perturbadores. Ela já está suficientemente assustada com tudo isso.

Ele se fixou nos olhos de Ben-Roi, certificando-se de que ele entendera e entrou. Ben-Roi o seguiu. A porta se fechou atrás deles e as trancas foram passadas. Entraram num grande salão caiado, com uma mobília espartana. Outro homem estava sentado em uma mesa, limpando uma espingarda; do outro lado da sala, uma escada de madeira levava até uma galeria baixa, com quatro portas fechadas dando para ela. Petrossian atravessou a sala, olhou para cima e chamou em voz baixa. Ben-Roi não entendia o que ele estava dizendo, mas ouviu algo que parecia Vosgi.

Esperaram um pouco e a porta mais distante se abriu. A figura élfica de cabelos escuros, saiu para a galeria. Ben-Roi apertou o queixo e seus dedos se contraíram involuntariamente.

Como se ele estivesse girando uma chave.

Com uma palavra de Petrossian, os guardas armênios desapareceram numa sala ao lado. Aproximando-se do pé da escada, o arcebispo estendeu a mão. Hesitantemente, a garota desceu.

Era mais magra do que Ben-Roi imaginara, pelas fotos do rosto que tinha visto dela. Não tinha muito mais do que um metro e meio de altura, se tanto. Mais bonita também, ao vivo. Enormes olhos amendoados, traços que, de alguma forma, eram delicados e moleques ao mesmo tempo. Impossível adivinhar sua idade, embora desse a impressão predominante de ser jovem. Muito jovem. O encontro com a prostituta em Neve Sha'anán surgiu em sua cabeça, o que ela lhe contara sobre as exposições que ela e Vosgi foram obrigadas a fazer juntas — mulher madura e mulher jovem, a professora e a aluna. Ele sentiu um nó crescer na garganta e fechou a mente para se concentrar na conversa. Bloqueou o pensamento de que ele também, de certa maneira, não passava de outro cliente. Outro homem que queria algo dela. Ficou com as mãos pendendo ao

lado do corpo, revelando o que esperava ser uma expressão simpática.

A menina chegou ao fim da escada. Seus olhos se voltaram para Ben-Roi, e, em seguida, para o arcebispo, buscando segurança. O velho pegou a mão dela na sua, curvou-se e lhe disse algo. Mais uma vez, seus olhos se dirigiram para Ben-Roi e ela assentiu. Gentilmente, Petrossian a levou até um sofá e se sentou ao lado dela. Ben-Roi sentou na poltrona em frente, tentando não olhar para os pulsos da menina, ambos com densos riscos de cicatrizes. Ela notou a direção de seu olhar e cruzou os braços pressionando-os sobre o peito, apertando os pulsos contra o tecido da camiseta cinza folgada. A ponta do polegar cruzou a superfície do crucifixo de prata pendurado no pescoço.

— Vosgi entende hebraico — começou o arcebispo —, mas ela não fala muito bem. Se achar aceitável, vou traduzir para ela.

— É claro — respondeu Ben-Roi.

Petrossian sussurrou para a menina. Ela balbuciou uma resposta. Seu olhar agora firmemente fixo no chão de lajota.

— Quando quiser — disse o velho. — E, por favor, lembre-se do que eu lhe disse quando entramos. Procure ser... — Ele fez um gesto de suavidade com a mão.

— É claro — repetiu Ben-Roi.

Ele se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Já tinha feito centenas de interrogatórios ao longo dos anos, mas nunca sentira o nível de expectativa ansiosa deste momento. O caso Kleinberg, possivelmente a vida de Khalifa — tudo parecia ter se destilado até este encontro em especial, até este ponto específico. Era como se ele estivesse em pé diante de uma porta, e abri-la mudaria tudo. *Seja gentil*, disse a si mesmo. *Não puxe a maçaneta com muita força, com a sua ânsia para descobrir o que há do outro lado.*

— Olá, Vosgi — disse.

A garota olhou para o chão.

— Meu nome é Ariei Ben-Roi. Sou um detetive da Polícia de Jerusalém. Você pode me chamar de Ariei, se quiser. Ou mesmo de Ari.

Sua tentativa de suavizar o clima não provocou nenhuma reação visível. Provavelmente porque, apesar de seus melhores esforços para moderar a voz, ela ainda soava grave e formal, como se estivesse falando com ela na sala de interrogatório da polícia. Não pela primeira vez naquele caso, lembrou-se de sua completa incapacidade de ser compassivo. A porcaria do típico *sabra*.

— Obrigado por concordar em falar comigo — continuou. — E deixe-me garantir, desde o início, que esta conversa não tem nada a ver com o seu pedido de residência. Você tem a minha palavra. Não há motivo para ter medo. Está entendendo?

Ela acenou com a cabeça quase imperceptivelmente.

— Preciso falar com você sobre uma mulher chamada Rivka Kleinberg. Acho que você se lembra dela. Ela visitou o abrigo Hofesh, faz algumas semanas.

O olhar dela se levantou, depois voltou a cair. Ela disse alguma coisa.

— Ela pergunta se o senhor encontrou as pessoas que mataram a senhora Kleinberg — traduziu Petrossian.

— Estamos chegando perto — respondeu Ben-Roi. — Muito perto. Você pode nos ajudar a chegar ainda mais perto. Você vai nos ajudar, Vosgi?

Sua mão se fechou em volta do crucifixo de prata, segurando-o como se fosse uma espécie de salva-vidas. Falou novamente. A voz estava um pouco mais alta do que antes, um pouco mais rápida, insinuando uma angústia crescente. Petrossian colocou uma das mãos em seu joelho, acalmando-a.

— Ela diz que não quer testemunhar — traduziu ele.

— Ninguém está pedindo para você testemunhar, Vosgi. Eu só preciso que você responda a algumas perguntas. Você acha que pode fazer isso?

Ela ainda estava agarrada ao crucifixo. Uma pausa, então ela respirou fundo e concordou.

— Obrigado — disse Ben-Roi. — Serei o mais rápido que puder.

Ele parecia um médico que ia aplicar uma injeção. Cruzou as mãos, mostrou-lhe o que esperava que fosse um sorriso tranquilizador.

— Quando a senhora Kleinberg foi ao abrigo, você conversou com ela. Lembra?

— *Ken* — murmurou ela.

— Você disse alguma coisa para ela sobre uma mina de ouro?

A garota sacudiu a cabeça.

— Uma mina de ouro no Egito.

Voltou a balançar a cabeça.

— Tem certeza? Fique à vontade.

Palavras balbuciadas.

— Ela tem certeza — confirmou o arcebispo.

— E sobre uma empresa chamada Barren Corporation? Uma grande empresa americana.

Não.

Ele repetiu o nome, mais devagar e soletrando, para o caso de ela não entender sua pronúncia. A mesma reação. Ele se esforçou para manter uma expressão neutra, não demonstrar a decepção. Estava esperando acertar no alvo de cara. Ganhar algum tempo, poupá-la de uma longa entrevista. Não era o que estava acontecendo. Teria que alargar a mira.

— Você pode me contar sobre o *que* vocês conversaram, Vosgi?
— perguntou ele.

Ela encolheu os ombros, enfiou o pé direito sob o joelho esquerdo. Mais palavras balbuciadas.

— Ela diz que contou para a senhora Kleinberg sobre o lugar de onde ela veio — foi a tradução. — Sua cidade, sua família. E então... sobre o que aconteceu a ela.

Ben-Roi abriu a mão, pedindo mais detalhes. A moça mexeu no crucifixo. Quando respondeu, foi com uma voz ainda mais baixa, forçando o arcebispo a inclinar a cabeça para entender suas palavras.

— Ela disse que tinha catorze anos quando eles a pegaram — traduziu. — Estava voltando a pé para casa da escola. Eles a pegaram na estrada. Homens. Eram dois. Ela não sabe quem eles eram. Azerbaijões, possivelmente — sua aldeia ficava bem na fronteira.

Uma conexão se formou na mente de Ben-Roi. Algo que Zisky desenterrara no início da investigação. Sobre a Barren. Uma mina de ouro que operavam no leste da Armênia. Perto da fronteira com o Azerbaijão. Ele mencionou isso para Vosgi, perguntou se ela sabia a respeito. Não sabia. Não havia minas onde ela morava. Não tinha quase nada, exceto montanhas e rios, e uma fábrica de processamento de frango, onde seu pai e irmãos trabalhavam. Ben-Roi deixou o assunto de lado e fez um gesto para ela continuar. Petrossian pegou a mão livre dela e segurou.

— *Eles me levaram para uma casa* — traduziu ele quando ela começou a falar novamente. — *E depois para outras casas. Havia outras garotas. Eles nos obrigaram...* Acho que podemos considerar dito o que eles a obrigaram a fazer.

Os olhos do arcebispo se encontraram com os do detetive, e Ben-Roi concordou com a cabeça, indicando que não era necessário que Vosgi revivesse os detalhes exatos do que ela tinha passado.

— Você sabe onde estava? — perguntou ele.

— *Eles me mudaram de lugar várias vezes* — traduziu Petrossian. — *Sei que estava na Turquia. Eu ouvia as vozes pela janela. Reconheci o sotaque. E, quando me venderam para outras pessoas, me levaram em um barco para um lugar com...* — Petrossian interrompeu, perguntou alguma coisa. A menina explicou.

— *Turistas* — resumiu ele. — *Gente jovem. De diferentes países. Alemanha, talvez. Inglêss.* Ela não tem certeza. *Depois na Turquia, de novo. Uma cidade grande. Eu estava em um porão. Era escuro.*

A voz da menina ficara um pouco mais alta à medida que relaxava com a narrativa. Ao mesmo tempo, o tom se tornava neutro, impessoal, como se estivesse descrevendo alguém que não era ela mesma. Ben-Roi se lembrou do que Maya Hillel lhe dissera no Shelter Hofesh, sobre as meninas usarem nomes falsos: *Ajuda a se distanciarem daquilo que estão sendo obrigadas a fazer. Permite que achem que é outra pessoa que está fazendo, não seus verdadeiros eus.*

— *Acho que fiquei na cidade por quase um ano* — continuou a tradução de Petrossian. — *Então, nos colocaram num grupo e fomos em outro barco. E depois, uns árabes nos levaram pelo deserto e foi*

assim que vim para Israel. Colocaram umas três ou quatro de nós num apartamento. Éramos vigiadas o tempo todo.

Ben-Roi levantou a mão, fazendo sinal para ela parar. A história estava diante dele. Sua mente se detivera em algo anterior.

— Você pode voltar um pouco — pediu. — Você disse que estava na Turquia, em uma cidade...

Vosgi assentiu.

— E então você foi levada para um barco?

Outro aceno de cabeça.

— Para um porto?

Ela franziu a testa, virou-se para o arcebispo, disse algo. Ele ouviu e assentiu.

— *Não era um porto grande* — disse ele. — *Pequeno... Apenas uma doca. Estava de noite. Havia guindastes.*

Sem que ele se desse conta, o pé de Ben-Roi começou a bater no chão.

— Esse lugar, essa doca — perguntou —, você falou com Rivka Kleinberg sobre ela?

Ela concordou.

— Era numa cidade chamada Roseta?

Ela encolheu os ombros, incerta.

— Egito? Era no Egito?

Ombros encolhidos de novo.

— *Eu nunca sabia onde estávamos* — traduziu Petrossian. — *Eles nos mandavam olhar para o chão. Para não podermos ver.*

— Mas, depois que você chegou a essa doca, foi que levaram vocês por um deserto até Israel.

Ela balançou a cabeça.

— *Primeiro nos colocaram numa caminhonete* — a voz de Petrossian seguia a dela como uma sombra — *e viajamos até o amanhecer. E então chegamos numa casa. Com homens árabes. Eles...*

Pelo jeito como seu punho se fechou em volta do crucifixo, ficou claro o que os homens tinham feito. Ben-Roi acenou com a mão para indicar que ela não precisava se estender sobre aquilo.

— *Na noite seguinte, nos colocaram em jipes. E depois tivemos que andar. Por cerca de cinco horas. Estava frio. Uma das garotas tentou fugir e eles atiraram nela. E, depois, outros carros nos pegaram. Isso foi quando já estávamos em Israel.*

O pé de Ben-Roi batia mais rápido, à medida que sua mente trabalhava retroativamente. Ela fora trazida para Israel através de um deserto. Só podia ser o Sinai. E fora levada para o Sinai de um porto ou doca, fosse o que fosse como ela quisesse chamar. *Tinha* que ser Roseta. Para onde Rivka Kleinberg ia na noite de seu assassinato. E ela fora traficada para Roseta em um barco. Ele podia sentir as peças em movimento, se encaixando, embora ainda se esforçasse para achar uma ligação com os dois principais elementos do seu caso: Barren e o Labirinto. *Vá devagar*, disse a si mesmo. *Cubra os ângulos.*

— Você sabe quem era o traficante? — perguntou ele.

Ela não sabia. Homens, era tudo o que ela conseguia dizer. Homens violentos.

— Genady Kremenko? Já ouviu falar dele?

— *Lo.*

Ele repetiu a pergunta e obteve a mesma resposta. E de novo, quando ele lançou o nome Zoser Freight. Estava perto de alguma coisa, podia sentir. Muito perto. Mas não estava chegando lá.

— Você pode me contar mais sobre o barco em que vocês estavam? — perguntou, procurando outro ângulo. — O que trouxe vocês da Turquia.

Ela mordeu os lábios, a mão se abrindo e fechando em torno do crucifixo de prata. Quase um minuto se passou até ela finalmente encontrar a voz. Ben-Roi podia ver, pelo vinco na testa do ancião, que ele estava chocado pelo que estava ouvindo. Mais chocado do que por qualquer outra coisa até então.

— Meu Deus do céu — murmurou. Depois: — Elas foram mantidas dentro de um contêiner. Um contêiner de transporte marítimo. Eram treze mulheres. Durante quatro dias. Havia uma grade para deixar o ar entrar. Colchões, cobertores, um balde para suas necessidades. Todas as noites, uma delas era removida, levada para as cabines, para que os marinheiros...

A menina engasgou. Petrossian soltou a mão dela e colocou um braço em volta de seus ombros, confortando-a. Ao mesmo tempo, chamou a atenção de Ben-Roi, ergueu a sobrancelha para perguntar se aquela linha de questionamento era realmente necessária. Ben-Roi inclinou a cabeça levemente, desculpando-se para indicar que era. Em algum lugar na história de Vosgi, perdida como uma agulha em um palheiro, estava a informação de que precisava, a peça que iria completar o quebra-cabeças e, finalmente, revelar o quadro. E, para encontrar aquela peça, era preciso vasculhar todo o monte de palha. Mesmo que isso significasse forçar a menina a reviver o pesadelo de seu cativo.

— Você pode me falar sobre o próprio navio? — perguntou, tentando ajudá-la, estreitando um pouco o foco. — Era grande, pequeno... ?

Ela hesitou, depois abriu os braços. Grande.

— Um navio de passageiros? De pesca? Um cargueiro?

De pesca, ela achava. Ou talvez de carga. Ela não vira muita coisa dele. Apenas o costado do navio quando foram levadas a bordo, e, em seguida, o contêiner e a cabine, onde eles a estupraram.

— E sobre a tripulação? Eram egípcios? Árabes? Tinham a pele escura?

Não os que ela tinha visto — os que lhes levaram comida e que ficaram com ela na cabine. Tinham a pele clara. Russos, achava ela. Brutos. Muito brutos.

A monotonia de sua voz começava a fraquejar, soluços de emoção escapavam. Sua linguagem corporal também transmitia o aumento da angústia: a intensidade com que apertava o crucifixo, a maneira como a mão livre se apertava junto à barriga, como se quisesse protegê-la. Se houvesse algum outro jeito de obter as informações, Ben-Roi o faria de bom grado. Mas não havia. A menina sabia alguma coisa. E ele tinha que tirar isso dela. Agora. Naquela noite. Mais uma vez, ocorreu-lhe que ele era apenas um pouco melhor do que os homens que a tinham usado. Ele afastou o pensamento da cabeça e cavou mais fundo.

— As pessoas que colocaram vocês no barco, na Turquia — perguntou —, você pode me dizer alguma coisa sobre eles?

Ela não podia, nada além do fato de que eram turcos. Ela foi levada para o navio, entregue à tripulação, empurrada para dentro do contêiner. Oito meninas já estavam lá. Mais quatro chegaram depois. Era tudo o que ela conseguia lembrar.

— E quando você saiu do navio? Nessa doca. O que aconteceu lá?

Sua respiração começava a acelerar, em soluços ofegantes.

— O que aconteceu na doca, Vosgi?

A resposta foi um resmungo choroso, o queixo apertado contra o peito, como se estivesse tentando se esconder. Petrossian traduziu relutantemente, sua expressão sinalizando para Ben-Roi que ele não permitiria que aquilo prosseguisse por muito mais tempo.

— *Nos fizeram ficar em fila. Mandaram-nos tirar as roupas. Tudo. E ficamos nuas. Depois, para colocarmos as mãos na cabeça.* Detetive, eu realmente preciso...

— Apenas me diga o que ela está dizendo — cortou Ben-Roi.

O velho puxou a menina para perto e lhes sussurrou palavras de conforto.

— *Havia um carro — prosseguiu ele. — Um carro grande. Preto. Com um homem dentro. No banco de trás. Falou coisas. Deu ordens. Eu não entendi. Depois, nós nos vestimos novamente. Tinha três micro-ônibus. Nos levaram embora. Durante toda a noite. Para a casa...*

— O homem no carro — interrompeu Ben-Roi, o tom de voz cortante, insistente. — Fale-me sobre o homem no carro. Como era ele?

Ela estava chorando agora, balançando-se para a frente e para trás. Ben-Roi repetiu a pergunta, odiando-se por isso, mas percebendo que era isso, que era essa a parte de que ele precisava.

— *Eu não consegui ver direito* — traduziu Petrossian, as palavras saindo em rompantes entre os soluços da menina. — *Estava escuro. As luzes apontavam para nós. Ele estava sentado no meio do banco. Longe da janela.*

— Você deve ter visto alguma coisa.

Ela balançou a cabeça.

— Alguma coisa! Tem que ter alguma coisa!

— Eu *ver* nada — ela gritou, num hebraico hesitante, com um forte sotaque. — Ele não *sentar* janela. Eu não ver.

— Que língua ele falava.

— Eu não saber. Eu digo para você. Eu não saber.

Petrossian levantou a mão aberta para Ben-Roi, sinalizando para que ele parasse. Ele ignorou.

— Pense, Vosgi! Por favor, pense! Tem que ter alguma coisa de que você se lembre.

— Não. Por favor. Eu falo verdade!

— Pense!

— Detetive, isso já foi longe...

— Pense, Vosgi! O homem no carro. Como era ele?

— Detetive!

— Eu não ver rosto — ela gritou. — Eu falo para você. — Eu falo para você. Eu só ver braço. Quando jogou cigarro por janela. Um segundo, eu ver braço com... com...

Ela abanou as mãos, lamentando, tentando encontrar a palavra que queria.

— Com o quê, Vosgi? Um braço com o quê?

— Com... com...

Ela abria e fechava os punhos. Balançava o corpo, olhava descontroladamente para Petrossian, gritou algo em armênio.

— O quê? — gritou Ben-Roi, os olhos brilhando. — Um braço com o quê? O que ela acabou de dizer?

— Tatuagem — traduziu Petrossian. — O homem tinha uma tatuagem no braço. E isso é tudo que eu vou permitir, detetive. Eu lhe pedi especificamente para não...

Sua voz desapareceu enquanto a mente de Ben-Roi se concentrava em algo que tinha visto há quatro dias. Uma prisão, uma cela, enfeites de ouro, rosto com papada, um homem a quem chamavam *Ha-Menahel*, o Mestre Escola. E no antebraço, com tinta verde e rosa...

Ele chegou bem para a frente, na borda da cadeira, o pulso acelerado, o corpo tenso como a corda de um arco.

— A tatuagem, Vosgi. Era de uma... — Ele fez uma curva com as mãos no ar, desenhando uma forma feminina.

Ela hesitou, tremendo, depois concordou.

— E essa mulher... — ele abriu e separou as mãos, como um par de pernas abertas.

Um segundo aceno de cabeça.

Genady Kremenko, o tempo todo.

— Obrigado, Vosgi — disse ele. — Isso é tudo o que eu preciso. Não preciso mais te incomodar.

Ela se aninhou nos braços de Petrossian, tremendo descontroladamente. Ben-Roi pensou em se aproximar dela, colocar uma das mãos em seu ombro, dizendo-lhe que se arrependia pelo que acabara de fazê-la passar. Mas sentiu que isso não seria muito bom. Que a última coisa de que ela precisava agora era de um pedido de desculpas gaguejante de um policial judeu truculento. Em vez disso, levantou-se, conferiu o celular — ainda sem qualquer mensagem de Khalifa — e se dirigiu até a porta da frente.

— Acho que o senhor deveria ficar aqui com ela — disse ele enquanto começava a abrir as trancas. — Avisarei na delegacia que sei que o senhor saiu e explico a situação para eles. O senhor pode voltar para o complexo quando achar conveniente.

Ben-Roi se virou para Petrossian. O velho estava olhando para ele. Difícil ler sua expressão. Protetora, talvez. Até mesmo paternal. Não zangada, o que era uma surpresa, diante do quanto Ben-Roi tinha ultrapassado os limites. Seus olhos se encontraram por um momento. Então, com uma inclinação da cabeça — metade agradecimento, metade pedido de desculpas —, Ben-Roi puxou a última tranca e abriu a porta. Já tinha dado um passo para fora quando algo lhe ocorreu e ele se voltou.

— Uma última pergunta, Vosgi. O desenho que você estava fazendo com Rivka Kleinberg. A mulher de cabelo louro. Quem era ela? Alguém que foi traficada com você?

A garota levantou os olhos. Ficou em silêncio por um momento. Depois, falou com Petrossian, em armênio. Ele ouviu, assentiu com a cabeça, transmitiu a resposta para Ben-Roi.

— Não era uma pessoa real. Era uma imagem. Estava na lateral do barco em que ela foi trazida. A imagem de uma sereia.

— Ah — disse Ben-Roi.

Ele se virou para a porta. A voz do arcebispo o chamou de volta.

— Uma última pergunta para o senhor também, detetive. O senhor sabe onde ela está agora. E conhece a situação dela. Posso lhe perguntar o que pretende fazer?

— Neste exato momento, vou direto para Tel-Aviv para falar com um homem chamado Genady Kremenko.

— O senhor sabe o que quero dizer. Sobre Vosgi.

Ben-Roi sustentou o olhar do velho, depois deu de ombros.

— Receio que o senhor tenha se enganado. Não conheço ninguém chamado Vosgi.

Ele piscou, cumprimentou com a cabeça e deixou a casa.

O LABIRINTO

Uma criança chorava em algum lugar. Khalifa não tinha a menor dúvida. Em algum lugar da mina, uma criança estava perdida como ele. Não era sua imaginação. Não era uma fantasia conjurada pela escuridão. Uma criança estava em perigo.

— Fique onde está! — gritou com a voz falhando, rouca, pela sede e cansaço. — Fique onde está que eu vou te achar. Não tenha medo. Nós vamos sair, eu prometo!

Ele tropeçou cegamente, sentindo o caminho ao longo das paredes de pedra, tentando seguir o som, que continuava mudando. Às vezes, estava na frente dele, às vezes, atrás, outras, muito longe, outras mais, desesperadamente próximo.

— Por favor, fique parado! Se você se mover, vamos nos perder um do outro. Fique onde está que eu vou te encontrar!

Agora, estava vindo de um túnel à sua direita. Um lamento, um choro aterrorizado. Impossível saber se era um menino ou uma menina. Uma criança, era tudo o que sabia. Uma criança perdida. E ele tinha que encontrá-la. Porque, se *ele* estava apavorado, como ela poderia estar se sentindo? Pobre criança. Pobre criancinha indefesa.

— Estou indo! Não tenha medo! Estou indo!

Ele se arrastou pelo caminho até o fim do túnel, desceu um lance de escadas e chegou a uma espécie de aposento baixo. Morcegos bateram em seu rosto, guinchando; alguma coisa corria pelo chão. Muitas coisas. Passando por cima dos sapatos, pela bainha das calças. Ele girou os braços e sacudiu as pernas, avançou para a frente cruzando a escuridão. Chegou até uma parede, apalpou ao longo dela e encontrou a boca para outra passagem. Grande, pelo que pode sentir. A criança estava em algum lugar lá embaixo.

— Fique onde está! Estou chegando! Vai ficar tudo bem. Estou chegando.

Ele começou a seguir pela passagem. Ele ouvia os soluços claramente na escuridão à frente, apesar de estarem ficando cada vez mais fracos.

— Por favor! — ele implorou. — Fique onde está! Se você mudar de lugar, nunca vou te encontrar.

Ele avançou mais rápido, o desespero para encontrar a criança suplantando o medo de tropeçar ou de bater em alguma coisa. A passagem era larga e alta, o chão parecia feito de concreto liso. Ele começou a andar rápido e depois a correr, disparando descuidadamente de encontro ao vazio, esquecendo-se de tudo na corrida para alcançar o menino ou a menina antes de sua voz se perder novamente. Agora que estava correndo, os seus membros ganharam vida, com uma energia furiosa, um derradeiro impulso desesperado enquanto a voz ia se perdendo na distância, um derradeiro e enlouquecido esforço para chegar...

Seu pé bateu em alguma coisa. Ele tropeçou, agitou os braços como se estivesse se debatendo na água, recuperou o equilíbrio parcialmente, tropeçou em outra coisa — o chão parecia cheio de pequenas rochas ou pedras — e caiu estatelado de cara no chão. Os gritos da criança ecoaram ao longe por um momento até desaparecerem.

Silêncio.

Ficou deitado por algum tempo, a cabeça e os braços pendendo na beira do que parecia um degrau, os ouvidos aguçados. Não havia mais gritos. Nenhum som de qualquer natureza, a não ser o de sua respiração rascante. Talvez tivesse sido imaginação, afinal. Talvez estivesse enlouquecendo.

— Deus me ajude — gemeu.

Ele se pôs de joelhos. Tateando, tentou encontrar o próximo degrau mais abaixo, buscando ter noção do que havia diante dele. Não encontrou nada. Não conseguia perceber nada. Apenas o espaço vazio. Inclinou-se para a frente, abaixou-se, esticou o braço. Nada. Recuou, sentiu o chão do túnel, de uma parede a outra. Era a mesma coisa um lado até o lado. O chão simplesmente acabava. Algum tipo de fosso. Passou a mão pelo chão e encontrou uma das pedras em que tropeçara (redonda, pesada, talvez usada como

martelo). Deixou-a cair no buraco. Houve uma longa pausa até que uma batida distante ecoou de volta quando a pedra bateu no fundo. Uma pausa muito longa. Tão longa que começou a imaginar se realmente tinha fundo. Sentiu um arrepio, dando-se conta de como esteve a ponto de cair lá dentro. Estremeceu, também. Talvez os gritos da criança fossem um demônio tentando atraí-lo para a morte.

— Por favor, Deus, me ajude — repetiu.

Deixou cair mais duas pedras, depois, jogou uma para a frente, tentando descobrir a largura do fosso. Ouviu um estalo quando ela atingiu algo sólido — possivelmente, a parede oposta do fosso — e mais outro ruído quando ela atingiu o fundo. Jogou outra, com mais força. Dessa vez, o barulho foi o da pedra quicando pelo chão. O túnel devia continuar do outro lado do fosso. Outro arremesso, outro eco ruidoso. Um túnel largo, com um buraco no meio dele...

Subitamente, sentiu a cabeça clarear, o pulso começar a acelerar. Talvez não fosse um demônio, afinal. Talvez, quem sabe, tivesse sido um anjo.

Procurando ao redor, juntou uma pequena pilha de pedras. Uma a uma, começou a jogá-las com toda a força por cima do fosso, para dentro da continuação do túnel lá do outro lado. As pedras quicavam ruidosamente...

Até que, *clank!*

Havia algo lá embaixo. Exatamente como ele esperava que houvesse.

Jogou mais três pedras, e ouviu mais batidas metálicas. Não era o som de pedra batendo em pedra. Era de pedra contra metal. Metal ecoando. Metal tinindo. Metal vibrando. Como algum tipo de...

Viga ou trilho.

E, a não ser que houvesse mais do que um trilho na mina, de alguma forma, isso significava, contra todas as probabilidades, que ele conseguira voltar para a galeria principal.

Soltou um grito rouco de alegria. O som mal saíra de sua boca e já morrera desanimado.

Porque ele não estava de volta. Ainda não. Entre ele e a saída havia um buraco. Um buraco enorme. Um buraco que vislumbrara rapidamente enquanto descia pela galeria. O buraco pelo qual

Samuel Pinsker baixara sessenta metros de corda e mesmo assim não encontrara o fundo.

Colocou as mãos na cabeça, fechou os olhos e tentou visualizar o caderno de Pinsker. O que dissera sobre o buraco? Que ficava numa galeria lateral a meio caminho na descida da galeria principal. Era quadrado e atravessava toda a passagem — como os poços em alguma das tumbas do Vale dos Reis. O inglês fizera algumas medições. Por mais que tentasse, Khalifa não conseguia lembrar o principal: a distância através do fosso. Ele pensou e pensou, forçando a memória. Não estava lá. Abriu os olhos — por menos diferença que isso fizesse — e começou a jogar pedras novamente, tentando avaliar a distância pelo som. Algo entre três e cinco metros, foi o seu melhor palpite. O que representava uma grande margem de erro. Três metros, provavelmente se conseguisse saltar. Cinco, não conseguiria. A margem entre a vida e a morte.

Virou-se e percorreu o caminho por onde viera, procurando uma passagem lateral, alguma forma de se desviar do fosso. Não havia nenhuma. Chegou à sala com os morcegos, atravessou-a, subiu alguns degraus por uma outra passagem, afastando-se mais e mais da linha da galeria. Chegou a uma encruzilhada, com as opções de ir para a direita, esquerda ou em frente. Escolheu a direita. Após vinte metros, o túnel se abria em três vias. Ele parou, pensou a respeito e deu meia-volta, refazendo o caminho. Simplesmente, não podia correr o risco de se perder novamente. Uma saída lhe fora oferecida. Ia ter que seguir por ela.

O Labirinto, ele desconfiava, não daria uma segunda chance.

De volta ao fosso, jogou mais pedras, tentando usar o eco para calcular o salto que estava prestes a dar. Engatinhando, voltou pela passagem, procurando pedras e as tirando do caminho.

Qualquer esperança de conseguir completar o pulo dependia de uma corrida longa e desimpedida.

TEL-AVIV

Já passava das 4h quando Ben-Roi estacionou na prisão de Abu Kabir. Adam Heber, seu amigo carcereiro, o encontrou no portão.

— A cabeça é sua, Arie — disse-lhe, conduzindo-o para o bloco de celas. — OK? Eu não tenho ideia do que você vai fazer.

— Minha cabeça — disse Ben-Roi.

Eles entraram no bloco. O lugar estava completamente silencioso. Heber o levou por um corredor e dois lances de escadas até o andar superior. Na metade de outro corredor, parou diante de uma porta de metal. Pegou um chaveiro, enfiou uma chave cuidadosamente na fechadura e abriu a porta.

— Quanto tempo?

— Vinte minutos. Digamos trinta, para ter certeza.

— Cuidado com o barulho. E, lembre-se, eu não sei de nada. Certo?

— Certo.

Ele ficou de lado e deixou Ben-Roi passar.

— Acerte um nele por mim. Por todos nós.

A porta se fechou, a tranca foi passada e os passos de Heber sumiram no corredor.

Ben-Roi olhou em torno da cela. Havia uma mesa, uma cadeira, uma pia, uma privada, uma cama dobrável. E deitado na cama — os olhos cobertos por uma máscara de cetim contra a luz dos holofotes do lado de fora —, Genady Kremenko. Roncando ruidosamente.

Movendo-se com cuidado para não acordá-lo, Ben-Roi se aproximou da cabeceira da cama. O braço esquerdo do cafetão escorregara por debaixo das cobertas e pendia com a ponta dos dedos tocando o chão, uma faixa de luz cortava a tatuagem em seu antebraço. Ben-Roi olhou para a imagem, pensando em Vosgi e no que ela havia passado. Pelo que todas as vítimas Kremenko haviam passado. Então, aproximando-se da mesa, pegou uma jarra plástica

de água. Abrindo a tampa com o polegar, esvaziou o conteúdo na cara de Kremenko.

O cafetão se dobrou ao acordar, um rugido de protesto irrompendo dos pulmões. Ben-Roi cortou o rugido rapidamente, com um soco direto no plexo solar do prisioneiro. Outro soco, na mandíbula desta vez. Em seguida, passou o braço pelo pescoço dele e o arrastou até a privada. Forçando seu rosto para dentro, bateu na descarga com o joelho. A água girou em torno da cabeça careca do cafetão, cobrindo-a. Ele resistiu e lutou, mas Ben-Roi era um policial grande e furioso, mais do que a altura da briga. Deu a descarga de novo, e de novo, apertando o rosto de Kremenko direto para o fundo da latrina. Quando sentiu que ele começava a cair e afrouxar, levantou-o, jogou-o de costas, fechou a mão em torno de sua garganta carnuda e apertou com força contra o chão. Tirando a Jericho da calça *jeans*, deu uma bela coronhada na lateral da cabeça do cafetão e apontou o cano diretamente entre os olhos esbugalhados.

— Isso é para encerrar as apresentações, sua puta gorda — sussurrou ele. — Você agora vai me contar tudo o que sabe sobre a Barren Corporation, Rivka Kleinberg e o navio com a sereia. E, se você falar uma palavra sobre isso para qualquer pessoa, arranco a porra dos seus olhos. Entendeu?

— Sim, senhor — engasgou Kremenko.

— Certo, estou ouvindo.

O LABIRINTO

Khalifa sabia que se pensasse muito sobre aquilo — sobre como as chances estavam contra ele, forçando-o a saltar na escuridão, sem uma ideia clara da distância que teria que cobrir e totalmente esgotado, física e mentalmente — jamais teria a coragem necessária, por mais negra que fosse sua situação.

Não pensou nisso. Assim que removeu as pedras e os obstáculos do chão da passagem, ficou quinze minutos indo e voltando pelo caminho até a borda do fosso para se certificar de memorizar cada centímetro — se pulasse muito antes, não atravessaria, muito depois, mergulharia de cabeça no abismo.

Então, após jogar a Helwan para o outro lado para reduzir o peso, fez uma série rápida de orações, tomou posição no ponto de partida e disparou.

Abortou a primeira corrida no meio, algum sexto sentido avisando que sua passada estava uma fração menor do que o necessário. A mesma coisa na segunda corrida. Na terceira vez, parecia estar indo bem e continuou, contando cada passada em voz alta, aumentando a velocidade, acelerando o tempo todo, disparando loucamente pela escuridão. Precisava de vinte e nove passos para atingir a velocidade máxima antes de saltar no trigésimo. No vigésimo sexto, um alarme disparou em sua cabeça avisando que perdera o passo novamente. Tinha pegado muito impulso, estava muito próximo da beirada para fazer qualquer coisa a respeito. Teve tempo suficiente apenas para pensar, *Deus me ajude!*, chegou em trinta e, com um grito desesperado em vão de "*Alla-u-akhbar!*", lançou-se de encontro ao vazio.

Soube imediatamente que estava condenado. Mesmo na escuridão sentia que estava bem longe da beira do fosso, não chegara nem perto do impulso necessário para atravessar. Por um breve instante, foi como se estivesse atravessado uma outra

realidade, numa dimensão alternativa feita de nada além de espaço vazio — sem luz, sem forma, sem peso, sem tempo.

Em seguida, voltou à realidade e colidiu contra algo sólido.

Debateu-se freneticamente, as mãos e os braços em uma superfície plana, as pernas e os pés contra uma parede vertical, o que dizia que tinha atingido a borda oposta do fosso. Seu pé encontrou algum tipo de saliência e ele apoiou o peso lá, mas o apoio cedeu e a perna chutou o espaço vazio. Agarrou-se e se debateu, procurando alguma coisa em que se agarrar. Não havia nada, apenas o chão liso e empoeirado. Sentiu que estava escorregando.

— Por favor, Deus, por favor, Deus!

Apertou os cotovelos e os antebraços contra o chão, tentando se erguer. Não teve forças. Tentou jogar uma perna pela borda. Não conseguia alcançá-la. Suas unhas arranharam a rocha nua, os pés chutaram a parede do fosso. Sentiu-se escorregar.

Estou morto, pensou. É isso. Estou morto.

Continuou a esgaravatar a parede, a respiração ofegante e desesperada, as forças se esvaindo. Com um derradeiro esforço, jogou a perna para a esquerda. O pé bateu em alguma coisa sólida. Algo de metal. Um pino? Um grampo? Não tinha ideia do que era. Não se importava com o que fosse. Tudo o que importava era ser um ponto de apoio que poderia aguentar seu peso. Apoiou-se nele, os músculos gritando, os braços e dedos a poucos segundos de ceder, mas, de alguma maneira, se ergueu, agarrou, arrastou-se e conseguiu subir pela beirada do fosso para o chão plano. Rolou para longe do buraco e se jogou de cara no chão do túnel, ofegando em busca de ar.

— Obrigado, Deus — suspirou. — Obrigado, obrigado, obrigado.

Por alguns minutos, ficou lá parado, esperando seu coração se aquietar, ao mesmo tempo traumatizado e eufórico. Então, sem querer permanecer na mina por nem mais um minuto além do que já ficara lá, apalpou em torno procurando a Helwan, levantou-se e Tateou o caminho pelo túnel. Trinta metros depois, sentiu as paredes desaparecerem dos dois lados. Ao mesmo tempo, seu tornozelo bateu em algo de metal e ele sentiu um cheiro distante de alho.

Estava de volta à galeria principal.

Passou por cima do trilho, virou para a direita e começou a subir. Quando descera por esse caminho antes — parecia terem se passado dias, semanas, toda uma vida —, ele sentira o pavor aumentar a cada passo. Agora sentia diminuir. Subindo e subindo, aproximando-se cada vez mais da entrada, cada vez mais longe dos horrores lá de baixo, até finalmente o chão ficar nivelado e seus dedos tocarem uma das pernas da plataforma de carga. Passou por baixo dela, encontrou o caminho pela câmara cavernosa no alto da mina e bateu contra as portas deslizantes de metal.

Quando entrara na mina, ele as havia deixado abertas. Agora estavam fechadas, provavelmente por quem tinha lançado os barris rolando pelo trilho. Enfiou os dedos pela abertura entre os painéis e fez força, sem se importar se haveria alguém lá fora, sem se incomodar com nada a não ser ver o céu e respirar ar fresco.

Os painéis se abriram uma polegada. Subitamente, havia luz. Fraca, opaca, marrom. A princípio, ficou confuso. Então percebeu que era a lona que fora recolocada no lugar para cobrir as portas. Cutucou-a e a sentiu oscilar. E com a oscilação, uma aragem de ar fresco. Cutucou de novo. Em seguida, afastando-se, apontou a Helwan pela abertura e disparou contra o novo cadeado com que as portas tinham sido fechadas. Puxou as correntes, empurrou as portas, inclinou-se e afastou a lona. A luz explodiu em seu rosto, ofuscando-o.

Cambaleou para fora, caiu de joelhos, levantou os braços para o céu e louvou a Deus por sua vida.

ENTRE JERUSALÉM E TEL-AVIV

Ben-Roi estava na metade do caminho de volta para Jerusalém, ainda digerindo o que Genady Kremencko lhe dissera quando seu celular tocou. Quando viu o número de quem estava ligando, quase perdeu a direção.

— Khalifa! — gritou ele, enfiando o telefone no ouvido. — É você?

Era.

— *Toda la'El!* Graças a Deus! Onde foi que você se meteu?

— Uma longa história — chegou-lhe a voz do egípcio. Parecia áspera, rouca. — Depois eu inteiro você de tudo. Olha, eu sei o que está acontecendo. Estive na mina. Não estão trabalhando lá. Estão...

— Descarregando.

Uma pequena pausa e:

— Você sabe?

— Uma longa história por aqui também.

Ben-Roi desviou para a pista lenta e reduziu a velocidade.

— Só descobri há cerca de quarenta minutos. A Barren está usando o Labirinto para descartar resíduos tóxicos. Eles têm uma mina de ouro na Romênia. Deveriam estar transportando todo o lixo de volta para os Estados Unidos. Mas estão cortando caminho e enterrando tudo. Mandam para o Egito, transferem para as barcas da Zoser, sobem o Nilo e levam de caminhão para a mina. Fazem isso há anos.

Mesmo enquanto descrevia a história, Ben-Roi ainda tentava alcançar toda a dimensão do escândalo.

— O capitão do cargueiro que leva os resíduos tem um irmão que é um grande cafetão de Tel-Aviv. Um sujeito de nome Genady Kremenko. Os dois estavam fazendo tráfico sexual em paralelo. Aproveitando as próprias operações da Barren. Carregavam as garotas no navio ao deixarem a Romênia, descarregavam-nas com o lixo em Roseta e as contrabandeavam pela fronteira de Israel...

— Deus Todo-Poderoso.

— Toda a operação foi engavetada depois que Kremenko foi preso há dois meses, mas Rivka Kleinberg encontrou uma das garotas traficada e descobriu a história toda. A Barren está na boca de conseguir um contrato multibilionário para exploração de gás com o governo egípcio. Se Kleinberg viesse a público, teria acabado com o negócio, acabado com a imagem da Barren, acabado com a porra toda. Então, eles a mataram. Ainda tem muita coisa para explicar, mas esse é o quadro principal. Agora me diga que diabos aconteceu com você? Eu estava...

— Nós podemos pegá-los, Ben-Roi.

— O quê?

— Você e eu. A Barren e a Zoser. Podemos pegá-los. Eu sei onde é a mina, eu vi tudo. Tem um milhão de barris lá embaixo. Podemos pegar esses desgraçados!

Subitamente, havia algo na voz de Khalifa. Algo maníaco. Como se estivesse chapado. Ou bêbado.

— Podemos conversar sobre isso mais tarde — disse Ben-Roi. — Dá para ver que você está cansado...

— Não estou cansado! — O telefone pareceu pular com a intensidade da resposta do egípcio. — Nunca me senti menos cansado na minha vida. Eles mataram o meu filho e agora podemos levá-los à Justiça.

— Calma, Khalifa, nós não sabemos...

— É claro que sabemos! Meu filho foi morto por uma barca transportando resíduos tóxicos da Barren. E agora podemos pegá-los. Pela primeira vez em nove meses, eu realmente sinto que estou acordado!

Ele estava disparado, a voz nervosa, com uma espécie de euforia sem fôlego. Ben-Roi começou a dizer para que se acalmasse, mas Khalifa o cortou novamente.

— Tenho que ligar para Zenab. E depois voltar para Luxor. Eu vou ligar para você hoje à tarde, e nós pensamos no que fazer. Nós podemos pegá-los, Ben-Roi. Você e eu. Trabalhando juntos. O time A. Como nos velhos tempos!

Um breve rompante do que pareceu uma risada, e então a linha ficou muda. Atrás de Ben-Roi, uma buzina soou furiosa quando um motorista de caminhão o avisou de que ele estava saindo da pista.

O DESERTO DO LESTE

Talvez fosse a exaustão. Talvez estivesse desidratado. Talvez o trauma acumulado por tudo o que tinha passado na mina. Khalifa não analisou. Nem percebeu que havia algo a ser analisado. Seu filho fora morto por uma barcaça fluvial da Zoser. E agora essas mesmas barcaças estavam sendo usadas para transportar resíduos tóxicos pelo Nilo e despejá-los ilegalmente. *Ergo*, seu filho tinha sido morto por uma barcaça carregada de barris de sujeira contaminada. Era óbvio, claro como o dia. Foi por isso que a Zoser se esquivou de qualquer investigação sobre o acidente. Talvez não tenha sido um acidente. Talvez os meninos tivessem sido mortos deliberadamente para impedir que descobrissem o que a barca estava carregando. Tudo se combinava na cabeça de Khalifa. As peças se encaixando. Eles haviam assassinado Ali. A Barren e a Zoser. E agora ele e Ben-Roi explodiriam todo o esquema, e o escândalo ficaria escancarado. Endireitar algo muito errado. A morte de seu filho não seria em vão.

Ele ligou para Zenab, falou qualquer coisa sobre o carro ter quebrado no deserto.

— Estou a caminho de casa agora — assegurou ele, a voz soando estranhamente desconhecida para si mesmo, como se fosse outra pessoa falando. — Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar perfeitamente bem.

Ela tentou interrogá-lo, perguntar por que ele nem mesmo pode ligar.

— Fiquei tão preocupada, Yusuf — mas ele logo cortou a conversa. De forma um pouco abrupta talvez, mas havia coisas a fazer, engrenagens que deviam ser colocadas em marcha. Ele bebeu uma garrafa inteira de Baraka, engoliu um pouco de queijo e *aish baladi*. Então, deu a partida no Land Rover e disparou pelo deserto, acompanhando de volta às marcas de pneus em direção à Rodovia 212 e à civilização.

Nove meses de tormento, e agora, finalmente, a justiça seria feita. Sentia-se bem. Muito bem mesmo.

JERUSALÉM

Eram apenas 8h quando Ben-Roi chegou de volta a Jerusalém. Pensou em ir até a delegacia — gostaria de encarar Baum e Dorfmann, dizer a eles que resolvera o caso, ver a cara deles. Mas decidiu que isso podia esperar. Estava acabado, não poderia enfrentar a perspectiva de uma longa reunião. Em vez disso, foi para casa, ligou o computador e escreveu por uma hora, contando toda a história: Barren, a mina romena, o Labirinto, Vosgi, Rivka Kleinberg.

Havia lacunas: coisas que Kremenko não fora capaz de lhe dizer, partes da história que ficaram vagas. Embora fosse quase certo que a Barren encontrara o Labirinto quando prospectaram aquela área do deserto, por exemplo, Ben-Roi não saberia dizer com certeza quando decidiram usar o lugar como depósito de lixo, nem quem de fato tomara aquela decisão. Assim como estava longe de esclarecer o caminho exato que Rivka Kleinberg seguira para descortinar o mistério. E como diabos ela descobrira sobre Samuel Pinsker?

Três perguntas, em particular, permaneciam sem solução. Em primeiro lugar, como a Barren descobrira que Kleinberg estava atrás deles? Ben-Roi supôs que Kremenko os teria avisado depois que Kleinberg o visitara na prisão, mas o cafetão insistiu que não fora ele (como poderia ter avisado, argumentou, se ele e o irmão estavam enganando a Barren com o tráfico de meninas em um de seus navios?).

Em segundo lugar, quem dera a ordem para matar a jornalista? Nathaniel Barren? William Barren? Alguma terceira pessoa da empresa agindo por iniciativa própria?

Terceiro, e mais importante, quem realmente executou a ordem? Quem era o vulto que tinha seguido Kleinberg pela Cidade Velha até a catedral, passado um garrote em seu pescoço e a estrangulado? Quem foi o assassino?

Havia ainda muitas pontas soltas, e, como uma questão secundária a ser resolvida, a Agenda Nêmesis — eles o mantiveram

sob a mira de uma arma, feito ele de idiota e não estava disposto a simplesmente dar de ombros.

No momento, porém, dera um passo gigantesco rumo à solução de todo o caso. Digitou um relatório de cinco páginas, revisou, enviou um e-mail copiado para Leah Shalev, para o diretor Gal e, apenas para irritá-lo, também para o superintendente Baum. Depois, foi até o quarto, chutou os tênis dos pés e despencou de cara na cama.

Trinta segundos depois, dormia profundamente.

O DESERTO DO LESTE

Mentiras têm o curioso hábito de se tornarem verdades.

Foi o que aconteceu com a história que Khalifa contou à mulher sobre o carro ter quebrado. Estava correndo pelo deserto, os pés e as mãos dançando freneticamente pelos controles do Land Rover, o velocímetro na faixa dos 70 km/h enquanto ele tentava aproveitar ao máximo as faixas deixadas pelos caminhões quando errou uma curva e derrapou. Brigou com a direção, tentando recuperar o controle. Estava indo rápido demais. O Land Rover rodou, bateu em algum obstáculo invisível, deu uma guinada, virou e parou de lado numa vala profunda, com uma inclinação de quarenta e cinco graus.

— Maldição! Maldição!

Ele subiu para o lado de fora. Saía vapor de sob o capô; o pneu traseiro esquerdo estourara e estava projetado num ângulo forçado, sinalizando que o eixo havia se quebrado. O que mais pretendesse fazer naquela manhã, não poderia mais ir dirigindo.

— Maldição!

Ele chutou o para-choque. Depois, sem mais nada que pudesse fazer, juntou tudo o que precisava levar: Água, telefone, pistola, o caderno de Samuel Pinsker. Improvisando uma bolsa com um cobertor que achou no bagageiro do Land Rover, amarrou tudo junto e começou a caminhar. Um dia antes, a perspectiva de caminhar vinte quilômetros pelo deserto seria desencorajadora. Depois do que passara na mina, parecia uma caminhada pelo parque numa sexta à tarde.

JERUSALÉM

Ben-Roi estava dormindo há apenas alguns minutos quando o celular tocou. Rolou grogue sobre as costas, arrastou o aparelho para fora do bolso e atendeu. Leah Shalev.

— O que diabos está acontecendo, Arieh? Onde você esteve?

— Hein? O quê? — Ben-Roi esfregou os olhos, confuso.

— Tentei falar com você durante toda a tarde.

Levantando um braço, olhou para o relógio. Já passava das 16h. Na verdade, o que ele achou que fossem apenas alguns minutos tinham sido sete horas.

— Merda. Me desculpe, Leah. A noite foi longa.

Ele se forçou a sentar, colocou os pés no chão. A cabeça latejava, a boca parecia estar cheia de terra.

— Você recebeu meu relatório? — perguntou ele.

— Recebi. Precisamos conversar.

Agora que seus sentidos começavam a voltar ao ar, ele percebeu que ela não soava como sempre. O tom estava seco, duro.

— Está tudo bem?

— Nós precisamos conversar — repetiu ela, desviando-se da pergunta. — Venha para a delegacia. Agora. Meu escritório.

— O que está...

A linha ficou muda. Sentou-se um pouco, massageando as têmporas, uma vaga inquietação na boca do estômago. Levantou-se, foi até o banheiro e enfiou a cabeça debaixo do chuveiro gelado.

Chegou em Kishle vinte minutos depois. Seguindo as instruções, estacionou dentro do complexo, nos fundos do prédio, e foi direto para o gabinete de Leah Shalev. Ela estava sentada atrás da mesa, os dedos brincando com uma caixinha embrulhada em lenço de papel. Quando o viu, deu um sorriso, ainda que a expressão parecesse forçada. Ela parecia inquieta, pálida. Tão pálida que parecia estar doente.

— Você está bem, Leah?

— Apenas feche a porta e sente, ArieH.

Ele obedeceu.

— Então, o que está pegando? — perguntou ele.

Os olhos dela cruzaram os dele rapidamente antes de se desviarem para o outro lado da sala.

— Um monte de merda — murmurou ela.

— Meu relatório?

Ela concordou.

— Provavelmente não foi uma boa ideia copiar Baum. Não antes do chefe e eu termos chance de chegar a alguma posição.

Ele deu de ombros.

— Não pude resistir. Ele precisava aprender uma lição. Sobre trabalho policial bem-feito. Aquele merdinha hipócrita.

Normalmente, Shalev teria rido de seu insulto contra Baum, assim como ele ria dos dela — a pequena conspiração de insubordinação dos dois. Hoje ela não se juntou à diversão. Apenas ficou mexendo com o pacote embrulhado em papel.

— E daí? — perguntou ele.

— E daí que o merdinha hipócrita encaminhou para seus contatos no ministério e eles mandaram o assunto direto para cima. Direto lá pra cima.

Ben-Roi cumprimentou com a cabeça.

— É bom ter audiência.

— Ah, você conseguiu audiência, ArieH, acredite. De repente, tem um monte de gente em um monte de cargos poderosos demonstrando um monte de interesse nesse caso. *Um monte* de interesse.

Ele teria esperado que ela estivesse satisfeita com a atenção — era quem encabeçava o caso, afinal. Ela parecia qualquer coisa, menos satisfeita.

— E daí? — repetiu.

De novo, seus olhos passaram rapidamente pelos dele antes de voltarem a se desviar para longe.

— Então, a coisa escalou. Foi para Investigações Especiais.

Ele precisou de tempo para absorver aquilo.

— Você está de brincadeira.

— Estou com cara de quem está se divertindo, Arieih?

Não estava. Parecia a cara de uma pessoa extremamente aborrecida. E extremamente abalada. Ben-Roi estava incrédulo.

— Mas nós praticamente resolvemos a porcaria toda. Sabemos por que ela foi morta, sabemos quem está por trás, sabemos que despejaram milhões de toneladas de merda tóxica ilegalmente numa mina no Egito — ele estalava o dedo em cada ponto mencionado. — Fizemos todo o trabalho braçal, Leah. Não sobrou nada além de garimpar os últimos detalhes. Por que diabos vai para as Investigações Especiais concluírem?

Ela continuava não sustentando o olhar dele. Ficaram em silêncio, a atmosfera da sala era tensa, carregada. Subitamente, o punho de Ben-Roi se fechou quando ele se deu conta do que estava acontecendo.

— Eles não vão concluir o caso, não é? Estão engavetando. Arquivado.

Ela não respondeu nada. O que valia tanto quanto um sim.

— Você só pode estar gozando da minha cara, Leah! Me diga que está de brincadeira!

Ela estava com a boca apertada, os dedos tremendo. Parecia em choque.

— Como eu disse, não estou com cara de quem está brincando.

— Mas por quê? Por quê? — Ele tinha ficado de pé. — Sabemos que foram eles, Leah! Sabemos por que fizeram, praticamente já dá para levá-los ao tribunal com isso!

— Não vamos levar para lugar nenhum, Arieih. Estamos fora da investigação.

— Mas por quê? Me diga, por quê? — Ele não conseguia parar de fazer a pergunta. — Temos um caso resolvido e agora simplesmente vão enfiar numa gaveta! Eu quero saber o motivo!

— Porque são poderosos. — Ela revirou os olhos. Agora que ele prestava atenção, notou que estavam vermelhos, como se ela tivesse chorado em algum momento. — Eles são donos do sistema, Arieih. Ou, pelo menos, são donos das pessoas que fazem o sistema funcionar, o que dá no mesmo. Eles puxam as cordas, as marionetes dançam. E, para combinar com minha metáfora, essas

marionetes estão bem lá em cima. A ordem veio de lá. A Barren está fora dos nossos limites. Estamos tirando o time de campo.

Ben-Roi fechara os punhos com tanta força que os nós dos dedos pareciam estar prestes a romper a pele.

— Está me dizendo que podemos processar Katsav, nosso próprio presidente, mas não uma multinacional com a carteira recheada?

Novamente, a resposta estava em seu silêncio.

— Não acredito que estou ouvindo isso! Eu achei ter ouvido você me dizer que nós ainda respeitávamos o estado de direito neste país.

— Parece que algumas pessoas estão acima da lei — disse ela em voz baixa. — A Barren tem muitos amigos.

— Deus Todo-Poderoso. Deus Todo-Poderoso do cacete!

Ele afundou as costas na cadeira. Parecia ter levado um soco na boca do estômago. Shalev mexia com o pacotinho; Ben-Roi abriu a mão e esfregou o pescoço. Continuaram em silêncio.

— Você simplesmente vai deixar por isso mesmo? — perguntou ele afinal.

— Acredite, estou tão enojada quanto você.

— Mas você *vai* deixar por isso mesmo.

Ela corou. Com vergonha, ele percebeu, não com raiva. Vergonha impotente.

— Isso está vindo lá do alto mesmo, Ariele. Como eu te disse outro dia, dei duro para chegar aonde cheguei. Não posso simplesmente jogar tudo fora.

— E o chefe?

Ela suspirou.

— Gal se aposenta em cinco meses. A mulher dele não está bem, o filho está sendo promovido no Ministério da Justiça. Ele não vai balançar o barco.

— Não consigo acreditar que estou ouvindo isso!

Shalev deu de ombros levemente.

— Vou levar isso para a imprensa, então.

— Eu não faria isso.

— O que você quer dizer com “não faria isso”?

— Se você for a público, vai incomodar um monte absurdo de gente que você não quer ver incomodada. Você está com um filho a caminho...

Ben-Roi se enfureceu.

— Você está me ameaçando, Leah?

— Só estou te dizendo...

— E então, de uma hora para outra, você é a mensageirinha deles?

Foi a vez de Shalev explodir.

— Não venha me dar lições, Arie Ben-Roi. Está me ouvindo? Isto já está bem difícil sem as suas insinuações maldosas. Estamos deixando um assassino escapar, você acha que eu me sinto bem com isso? Estou me sentindo uma merda como nunca me senti sobre qualquer outra coisa na vida. Mas é assim que as coisas são. Nós somos paus-mandados e só recebemos ordens. E essa é a ordem. Pode ser que mais para frente troquem a guarda e seja feita justiça — queira Deus que seja feita —, mas, por hora, mordemos a língua e fazemos o que nos mandam. Se não for pelo seu próprio bem, que seja pelo bem daqueles que você ama. Porque, acredite-me, se você mijar fora do vaso nessa história, eles vão cair em cima de você como chacais numa carcaça.

Ela o fulminou com o olhar, ofegante, o rímel do olho esquerdo borrado como se alguém tivesse jogado fuligem sob sua pálpebra. Então, sentando-se para a frente, ela afundou o rosto nas mãos. Nos cinco anos em que trabalhavam juntos, foi a primeira vez que ela o atacava dessa maneira.

— Sinto muito, Arie — murmurou. — Eu não queria...

— Não, eu é que sinto muito. Eu não deveria ter dito aquilo.

Ela ficou assim por um momento, o rosto enterrado. Então, apurmando-se, lhe empurrou o pacote embalado num lenço de papel.

— Do comissário. Só para você saber que seus esforços não passaram despercebidos.

Ben-Roi abriu o pacote. Continha uma medalha de níquel com uma fita azul e branca. A Medalha por Serviço da Polícia de Israel.

— Acho que a inscrição diz: “Por sua destacada contribuição na realização dos objetivos da polícia” — disse ela. — Ou alguma babaquice do gênero.

— Cuidarei bem dela — murmurou Ben-Roi.

— Tem mais uma coisa.

— Sou todo ouvidos.

Ela hesitou, como se estivesse se preparando para dizer algo que não queria, então falou:

— Tem um cargo lá na academia. De professor titular. Na área de investigações avançadas. Não sei todos os detalhes, mas aparentemente é o dobro do salário que você recebe no momento para trabalhar apenas quatro dias por semana. Além de uma casa subsidiada, aposentadoria antecipada e pensão integral. Me falaram que, se você se candidatar, a vaga é sua.

Ele bufou.

— Um suborno. Para eu calar a boca.

— Acho que as palavras exatas seriam “um reconhecimento pelas elevadas habilidades investigativas do detetive Ben-Roi”. Mas, sim, deixando a babaquice de lado, é um cala-boca.

— E você? O que está levando?

Ela corou novamente.

— Um chute pra cima, como superintendente-chefe.

Ele balançou a cabeça.

— Que inferno, Leah, nunca achei que veria esse dia.

— Nem eu — murmurou ela. — Nem nos meus piores pesadelos.

Ficaram em silêncio, nenhum dos dois muito seguros de para onde levar a conversa. Alguém bateu na porta.

— Depois! — gritou Shalev.

Ela procurou os olhos de Ben-Roi e os fixou.

— Pense nisso — Ariele. Por favor. Pense bem. Não por mim, nem por você. Por Sarah. E pelo bebê. Levamos um xeque-mate. Você pode muito bem tentar salvar alguma coisa.

— E me sentir um lixo pelo resto da vida?

— Pelo menos haverá um resto da sua vida.

Entreolharam-se, os lábios cerrados, ombros arriados, como jogadores de um time que tivesse acabado de sofrer uma derrota especialmente humilhante. Ben-Roi se levantou e se dirigiu para a porta. Ela o chamou.

— Eu sempre tive um mau pressentimento sobre esse caso.

Ele parou e se virou. Um segundo e disseram juntos:

— Bolo de bosta.

Ele balançou a cabeça, abriu a porta e empurrou um guarda uniformizado para o corredor.

LUXOR

— Você está tentando me matar, Khalifa? Está? Porque eu tenho uma inauguração no Vale dos Reis em vinte e quatro horas, o telefone não para de tocar e agora eu fico sabendo que você está fazendo plantão noturno para a porra dos israelenses!

Khalifa mexeu os pés, as mãos se fecharam na lombada do caderno de Samuel Pinsker. Após uma caminhada de cinco horas pelo deserto, seguida por caronas na seguinte ordem: numa picape da polícia, numa caminhonete da companhia telefônica Menatel e — ironia das ironias — num caminhão de frete da Zoser carregado com tubos de cimento, ele chegara de volta a Luxor havia quarenta minutos. Fora direto para casa, tomara banho e trocara de roupa, ajeitara as coisas com Zenab. Depois, ansioso para falar com Ben-Roi, sem querer perder tempo na preparação do caso para seus superiores, dirigira-se para a delegacia.

E foi quando Hassani o viu na escada e o chamou imediatamente para seu escritório.

— Eles ligaram para a minha casa! — esbravejou, o rosto brilhando com a cor de uma conserva de beterraba. — Algum *yehoodi* intrometido da sede da Polícia de Israel! No meio da noite! Meu número particular!

Nada de delicadezas e respeito com o subordinado naquela tarde. Nada de chamar pelo primeiro nome ou de conter o verbo. Esse era o velho Hassani — truculento, beligerante, vulcânico.

— Ele queria saber se eu sabia onde você estava. Respondi: “Sem ofensa, meu chapa, mas que porra é essa de você querer saber onde um de meus oficiais está?” Ele me disse que você estava ajudando um colega dele numa investigação e que havia a possibilidade de você estar correndo perigo. Que diabos está acontecendo, Khalifa? Exijo saber o que está acontecendo!

Khalifa baixou os olhos para o caderno. Não dormia há trinta e seis horas e estava em pedaços. Ao mesmo tempo, como se o seu

corpo estivesse habitado por duas pessoas diferentes, sentia-se surpreendentemente energizado. Seu filho — ele faria com que a justiça fosse feita pelo seu filho!

— Farei um relatório — começou a dizer.

— Pode ter certeza de que vai fazer a porra de um relatório! A sala ecoou quando o punho de Hassani martelou a mesa. — E, antes disso, *você vai me dizer* — aqui, agora, cara a cara. O que está havendo, Khalifa? Por que estou recebendo telefonemas de judeus no meu número particular?

— Tem a ver com o envenenamento dos poços, senhor.

— O quê?

— Aqueles de que lhe falei. No Deserto do Oeste.

— Ah não, os malditos poços coptas de novo! Achei que tínhamos combinado de deixar isso em banho-maria.

— Existe uma mina de ouro, senhor. Lá em Gebel el-Shalul. Uma antiga...

— *Aí está!* — gritou Hassani. — *Aí está! Antiga!* Engraçado, mas eu sabia que essa palavra ia aparecer de algum jeito. Deus o livre de trabalhar algum dia num caso que tenha alguma relevância extemporânea!

Khalifa resistiu à tentação de corrigir o adjetivo. Quando Hassani estava com esse humor, bancar o espertinho nunca era uma boa ideia. Em vez disso, lenta e cuidadosamente, ele descreveu a situação — Rivka Kleinberg, Barren Corporation, Zoser, mina, despejo de lixo tóxico — pegando leve na parte israelense da história, enfatizando a conexão egípcia. Ele teria preferido falar primeiro de Ben-Roi, apresentado as provas, desenvolvido seu raciocínio, mas, se Hassani queria saber agora, não iria se refrear. Talvez fosse melhor assim. Quanto antes seu chefe entrasse no círculo, antes ele começaria a ir atrás dos culpados.

Na frente dele, o chefe ouvia com uma expressão pétrea, os punhos fechados sobre a mesa como se fosse uma estátua faraônica. Quando Khalifa acabou, ele se levantou, foi até a janela e olhou para os fundos do prédio do Ministério do Interior, a dez metros de distância. Quase um minuto se passou antes que voltasse para a sala.

— E daí? — perguntou ele.

— Perdão?

— E daí — repetiu Hassani, o tom inesperadamente leve, como se Khalifa tivesse acabado de lhe contar uma anedota jovial. Nem de longe a reação que ele antecipara. Sentou-se mais para a frente.

— E daí que uma multinacional americana, auxiliada e acobertada por uma de nossas maiores empresas, está descarregando, ilegalmente, lixo contaminado no território egípcio. Lixo que, por sua vez, está vazando no sistema de águas e causando um dano ambiental disseminado.

Ele tentou articular a questão sem parecer que estava dando uma lição em Hassani. Novamente, a reação não foi a que ele esperava ou ansiava. O chefe simplesmente encolheu exageradamente os ombros e levantou as mãos como se dissesse: “Isso deveria significar alguma coisa para mim?” Khalifa sentia que começava a perder a paciência.

— Senhor, trata-se de um grande escândalo criminoso. Estamos falando de milhares, possivelmente dezenas de milhares de barris de lixo tóxico. Eu estive lá embaixo. Eu vi.

As lembranças da mina passaram por sua mente: a escuridão, a claustrofobia, o cheiro estranho de alho, que ele supôs que tivesse algo a ver com a contaminação por arsênico. — Essas pessoas infringiram a lei — ele continuou, afastando a lembrança para longe. — Temos a prova, precisamos começar a...

Hassani levantou o dedo, silenciando-o. Um dedo duro e ameaçador, brandido diante de Khalifa como um porrete.

— Permita-me esclarecer alguns fatos da realidade local, meu garoto — disse ele, cada palavra parecendo vibrar sob a força de sua raiva contida. — Nós somos a Polícia de Luxor. A Polícia de *Luxor*. Temos uma área delimitada, cuidamos dos crimes cometidos dentro dessa área. Uma judia se mete com um assassino em Jerusalém — o que não é motivo algum de preocupação para nós, além do fato de a morte de qualquer sionista ser motivo de comemoração. Uma mina abandonada no cu do mundo — o que também não é motivo de preocupação para nós, o que quer que possa ter lá dentro ou não. Um poço envenenado nos limites da nossa área — isso *pode* ter

algun interesse, e, como eu já lhe disse, vamos dar um pouco mais de atenção ao assunto assim que a inauguração do museu estiver fora da pauta. Quando às piranhas de Roseta, às minas na Romênia e toda essa palhaçada, não tem nada, repito, nada a ver com a gente.

— Não acredito que estou ouvindo isso — murmurou Khalifa, sem saber que ecoavam quase as mesmas e exatas palavras de Ben-Roi naquele mesmo momento para sua chefe, a setecentos quilômetros, em Jerusalém. E então, em voz alta: — Senhor, eu simplesmente não posso permitir...

Hassani se inflamou.

— O quê? Não pode permitir o quê? Eu explicar o básico sobre a polícia egípcia para você?!

— Barren e Zoser...

— São, respectivamente, uma empresa com sede nos Estados Unidos, sobre a qual não temos absolutamente nenhuma jurisdição, e uma das mais bem relacionadas e poderosas empresas do Egito.

— Que, por acaso, acabou de ajudar a despejar centenas de milhares de barris de resíduos contaminados...

— Há um minuto, eram milhares de barris.

— Cem, mil ou centenas de milhares que sejam, isso pouco importa; a Zoser violou a lei!

— Por mim, eles podem ter violado até a porcaria da tumba do faraó! — Hassani bateu com o punho contra a janela, toda a janela parecendo vibrar com a força do impacto. — Nenhuma delas cometeu um crime dentro da nossa área, Khalifa, e se não houve crime não há motivo para nos envolvermos. Deus Todo-Poderoso, daqui a pouco você vai me pedir para abrir um caso porque roubaram a bicicleta de algum moleque na Austrália.

Khalifa apertou os próprios punhos como se fossem duas pedras enquanto tentava refrear sua fúria. — Então o senhor vai simplesmente fechar os olhos?

— Não vou fechar nem abrir olho nenhum. Não é problema nosso. Está entendendo? Não está na nossa área, não é problema nosso!

— Então vou levar para fora da nossa área. Vou acima do senhor. Ao Diretor da Polícia.

Ele se preparou para outra explosão. Em vez disso, Hassani soltou uma gargalhada.

— Esteja à vontade — gritou. — Diabos, eu até lhe dou o telefone pessoal do diretor. Na verdade, por que parar por aí? Por que não ir direto ao topo? Para o próprio Ministro do Interior. Cujo irmão, por acaso, é o presidente da Zoser e que, amanhã à noite estará aqui, no Vale dos Reis, bajulando o presidente da Barren Corporation. A *mesma* Barren Corporation que está atualmente injetando dezenas de milhões de dólares na nossa economia local. Então você pode ir em frente e ligar para ele, Khalifa. Mas não me volte chorando quando *você* levar um pé na bunda para fora da polícia e sua família for posta para fora do seu novo apartamento.

Khalifa se pôs de pé, perdendo todo o controle.

— Isso é uma ameaça? — gritou, novamente ecoando quase palavra por palavra o confronto entre Ben-Roi e Leah Shalev. — O senhor está me ameaçando?

Hassani avançou alguns passos, os ombros tensos, os braços erguidos na altura dos cotovelos, como um boxeador prestes a se lançar contra um adversário. Fizeram uma pausa enquanto se encaravam. Então, de repente, a vontade de brigar pareceu abandonar o chefe. Deixou cair os braços e caminhou batendo os pés de volta para sua mesa.

— Não, não estou te ameaçando — disse, deixando-se cair na cadeira. — Estou te lembrando como são as coisas nesse país. E as coisas são assim, com revolução ou sem revolução, existem pessoas em quem não se toca. Se os israelenses quiserem apresentar uma solicitação governamental de cooperação, então pode ser que algumas engrenagens se mexam. Ainda que, considerando tudo o que achamos dos israelenses, mesmo isso provavelmente não terá muito efeito, a não ser que tenha apoio dos americanos. Então, por que você não vai lá para fora para ter uma conversa com esse seu parceirinho judeu? E, se recebermos a ordem para investigar, nós investigaremos. Até que isso aconteça, eu não toco nisso nem com um pedaço de pau. E, se você sabe o que é bom para você mesmo,

não deve botar a mão também. Agora, se não se importa, tenho outras coisas para resolver. E se lembre de fechar a porta quando sair.

Ele pegou o telefone e girou, dando as costas para Khalifa. Por um momento, o detetive ficou onde estava, resistindo ao impulso de pular em cima de Hassani e esmurrar seus ombros descomunais de búfalo gritando: “Eles mataram meu filho! Eles mataram meu filho!” Ele sabia que isso não traria nada de bom. Controlando-se, saiu da sala, mas fez questão de marcar sua posição batendo a porta com força. Se Hassani queria uma solicitação oficial dos israelenses, era exatamente isso que ele receberia. Ben-Roi saberia o que fazer. Ben-Roi não era apenas um bom detetive — um excelente detetive —, era um amigo. Um excelente amigo. Juntos, eles resolveriam a parada. Garantiriam que a justiça fosse feita. O time A. Exatamente como nos velhos tempos.

Ele foi para seu escritório, descendo a escada de dois em dois degraus.

JERUSALÉM

O que Ben-Roi achou mais perturbador na história não foi o fato de terem lhe oferecido uma propina oficial para abandonar um caso de assassinato, mas o fato de que, enquanto voltava para a sala dos detetives no Kishle, viu-se considerando a oferta seriamente.

Devia tê-la descartado imediatamente. Ia contra todos os princípios morais que possuía, tudo aquilo pelo que se sacrificara e combatia. Certo, talvez nem sempre ele tivesse seguido as regras ao pé da letra, podia ser um pouco generoso com os punhos, um pouco flexível com a interpretação do que era estritamente aceitável em nome da lei. Sabia distinguir o certo do errado, no entanto; sabia que mesmo desviando um pouco da linha às vezes — como fizera naquela noite com Genady Kremenko — ainda havia uma linha. Uma demarcação clara entre os mocinhos e os bandidos. E, mesmo com todos os seus defeitos, ele sempre estivera no lado certo daquela linha, jamais a atravessara. Sempre batalhara para garantir que a justiça fosse feita.

E agora lhe pediam que pegasse uma borracha e apagasse a linha. Que fingisse que ela não existia. Dar as costas para tudo aquilo em que sempre acreditara.

Deveria ter dito que fossem se foder. Passar toda a história para Natan Tirat e deixá-lo estampar na primeira página do *Ha'aretz*.

Mas, mesmo assim...

Chegou ao conjunto dos detetives e foi para o seu escritório. Não havia ninguém lá. O lugar todo estava anormalmente tranquilo e silencioso. Fez um café, desligou o celular e relaxou na cadeira.

Não estava com medo. Não era isso. Era um cara durão, mais do que capaz de se defender. A Barren não o assustava, nem os políticos.

Mas também não era um idiota. A Barren era influente. Muito influente. E ir contra eles significava criar problemas. Muitos problemas. Não apenas para ele, mas potencialmente para Sarah

também. E para o bebê. Já haviam matado uma pessoa. Talvez muitas mais. *Se você mijar fora do penico nessa história, eles vão cair sobre você como chacais sobre a porra de uma carcaça.* Não se tratava apenas dele. Havia considerações maiores aqui.

Ele engoliu o café, apoiou o celular na coxa.

Digamos que ele fosse a público, o que conseguiria? Estaria acabando com sua carreira, colocando a si e as pessoas a quem amava na linha de fogo, e pelo quê? Era certo que pegariam a Barren pelo descarte de lixo tóxico, mas não havia qualquer ligação direta entre a empresa e o assassinato de Rivka Kleinberg, apenas provas circunstanciais. E, com o tipo de advogados que a Barren soltaria em cima deles, provas circunstanciais serviam tanto quanto prova nenhuma. O inferno é que eles poderiam torcer as coisas de tal forma que poderiam jogar a acusação de descarte ilegal para cima de outros ou se esquivar totalmente dela. Na melhor das hipóteses, seriam multados e sua reputação sofreria um abalo. Talvez perdessem a concessão do campo de gás no Egito. Uma irritação, mas dificilmente uma catástrofe — não para uma empresa grande como a Barren Corporation. Para ele, por outro lado... Ele estava posto no prato de uma balança que estava longe do equilíbrio. Muito pelo contrário, as coisas estavam bem desfavoráveis para ele.

É um xeque-mate. Você pode muito bem tentar salvar alguma coisa.

Ele assoprou o café, deu outro gole, olhou distraidamente para o outro lado do escritório, para o mapa na parede.

Era uma boa oferta, sem dúvida. Suborno, reconhecimento, como quer que chamassem. Uma porcaria de oferta muito boa, se a pessoa fosse capaz de lidar com a contraparte moral. Uma mudança de vida. O dobro do dinheiro, menos trabalho, aluguel baixo, aposentadoria precoce. E, com o esquema da creche de Sarah sendo encerrado, isso significava que ela não estaria mais amarrada em Jerusalém. Poderiam se mudar para o norte para Kiryat Ata, onde ficava a academia, talvez conseguir um lugar perto do mar, recomeçar. Dar ao seu filho — filhos, quem sabe — uma vida melhor do que jamais poderiam ter se ficassem na panela de pressão que

era a Cidade Sagrada. Estariam mais próximos de suas famílias também — a dele logo ao norte de Hadera, no planalto de Sharon, a dela perto da Galileia... quanto mais pensava sobre aquilo, mais atraente lhe parecia.

Se ele pudesse lidar com a contrapartida moral. Com o fato de que estaria deixando um assassino escapar do anzol.

A não ser quê, estaria mesmo? Engavetar o caso, afinal, não era o mesmo que arquivá-lo. Como Shalev dissera, as circunstâncias mudam. A influência da Barren poderia minguar — talvez fosse simplesmente uma questão de adiar a justiça em vez de abandoná-la. Para ampliar a analogia com o anzol, alguns peixes eram puxados no momento em que mordiam; para outros, dava-se linha, deixava-se que nadassem mais um pouco antes de puxá-los. O resultado final era o mesmo. O cardápio do jantar continuava sendo truta. Era apenas uma questão de tempo.

Ou talvez ele estivesse simplesmente enganando a si mesmo. Tentando adoçar o fato de que estava considerando bancar o Fausto e vender a alma ao diabo.

Não sabia, simplesmente não sabia. Virava e revirava, examinava todos os ângulos, pesando todas as coisas. E o tempo todo ele ouvia a voz de Sarah no fundo de sua cabeça, algo que ela lhe dissera no dia em que se separaram: *Algo tem que ceder, Ariele*. Nunca essa frase parecera mais verdadeira. Algo fundamental teria que ceder ali, uma parte essencial dele que teria que abandonar. Era o dilema dos últimos quatro anos reduzido à mais essencial das equações binárias: priorizar aqueles a quem ele amava ou as exigências de sua consciência. Preto ou branco. Cara ou coroa. Nada de opções alternativas. Simplesmente jogar a moeda.

Ainda assim, não conseguia decidir, sentia-se puxado para diferentes direções, inclinando-se primeiro para um lado, depois para o outro, sem conseguir se posicionar integralmente num ou noutro. Até que, finalmente, como se cansada de sua indecisão, sua mão tomou a iniciativa. Aparentemente por sua própria vontade, pegou o telefone e o ligou. Havia mensagens, mas, em vez de ligar o correio de voz, seus dedos teclaram um número. O telefone foi para o ouvido de Ben-Roi e chamou. Correio de voz. A voz de Sarah.

Levantou as sobrancelhas, como se, de alguma forma, estivesse surpreso e o telefone lhe tivesse sido entregue inesperadamente.

— Sarah — disse após os bipes. — Oi. Sou eu. Eu... um... um... Lamento pela noite passada... Eu queria... um...

Ele gaguejou um pouco, desculpando-se novamente, dizendo como tinha gostado do jantar, como ela estava bonita. Até que, subitamente, algo estalou e ele conseguiu romper o bloqueio.

— Ouça, Sara, preciso falar contigo. Não pelo telefone, cara a cara. Tem uma coisa que quero pensar com você. Um trabalho que me ofereceram. Um bom trabalho. Um trabalho muito bom. Lá em Haifa. Eu sairia da linha de frente, seria um novo começo para nós. Para nós três. Acho que vou aceitar. Eu quero estar com você, Sarah. Mais do que qualquer coisa no mundo. Com você e Bubu. Uma família normal. Nada mais importa para mim. Nada. Posso ir te ver mais tarde?

Ele hesitou, mas acrescentou, “Eu amo muito você”, desligando em seguida.

Era a coisa certa a fazer. Sabia disso agora. Parte dele se sentiria mal para sempre, mas esse era o preço. Ao fim e ao cabo, Sarah e o bebê eram tudo o que importava. Ele apenas teria que lidar com a culpa. E quem sabe, algum dia, pegariam a Barren. Mas não hoje. Como Leah Shalev dissera: *Somos paus-mandados e obedecemos ordens. E isso é uma ordem.* Tudo dito e considerado, ele apenas estava fazendo o que lhe mandaram fazer.

Reclinou-se, sentindo-se curiosamente calmo, como se um peso tivesse sido tirado dos seus ombros. Quase que imediatamente, chegou pra frente quando o telefone tocou. Achando que era Sarah, atendeu sem sequer olhar para a tela. Não era Sarah.

— Ben-Roi, sou eu. Estou tentando falar com você. Nós precisamos conversar.

Subitamente, o peso caiu novamente. Naquele exato momento, essa era uma conversa sem a qual ele poderia passar.

LUXOR

Khalifa estava sentado na beira da mesa, um dínamo de energia nervosa.

— Então essa é a situação do nosso lado — explicou ele, matando um Cleópatra e acendendo outro imediatamente. — Se vamos atacar essas empresas, você vai precisar apresentar um pedido formal de cooperação. Se você conseguir que as autoridades americanas se envolvam, tanto melhor.

Do outro lado da linha, Ben-Roi estava em silêncio.

— Sei que é loucura — prosseguiu Khalifa, interpretando equivocadamente a falta de resposta do israelense —, mas é assim que as coisas funcionam neste país. Barren, Zoser... Eles têm muitas conexões. Precisamos... como você diz... atacar em duas frentes. Então: alguma ideia do tempo necessário para chegar o pedido?

Ainda sem resposta. Khalifa repetiu a pergunta, achando que Ben-Roi pudesse estar distraído com alguma coisa. O israelense respirou — algo entre um suspiro e um resmungo — e disse:

— Precisamos conversar sobre isso.

— Sei que precisamos conversar sobre isso. Foi por isso que liguei!

Khalifa riu, algo ligeiramente maníaco na voz. Não houve qualquer indicação de humor em contrapartida do outro lado.

— Ben-Roi?

— Ouça, meu amigo, tem algumas complicações...

O egípcio franziu as sobrancelhas.

— *Comblicachões?* O que você quer dizer?

— É só que... — Outra respiração, como se Ben-Roi estivesse escolhendo as palavras. — Bem, só para encurtar uma longa história, o caso está sendo transferido para outro departamento, porque a Barren é americana e tudo mais. Eles têm muitas conexões aqui também; então temos que agir com cuidado.

Algo em seu tom fez o alarme disparar na cabeça de Khalifa.

— Não entendo o que você está dizendo.

— Basicamente, estou fora do caso. Não estou mais envolvido.

Khalifa escorregou da mesa, as cinzas do cigarro se espalhando no chão. A campainha estava tocando mais alto agora. Bem mais alto.

— Isso que você está me dizendo é uma piada?

Ben-Roi resmungou.

— Como disse a minha chefe, não estou fazendo cara de palhaço.

— Simplesmente assim, eles te tiraram do caso?

— Parece que foi isso.

— Mas por quê? Por que fariam isso? Você me disse hoje de manhã que praticamente tinha resolvido tudo.

Ben-Roi resmungou alguma coisa.

— O quê?

— Eu disse: essas coisas acontecem.

— Você não está aborrecido por isso?

— É claro que estou.

— Você não parece aborrecido.

— Acredite-me, Khalifa, estou aborrecido. Só que simplesmente não tem muito o que eu possa fazer a respeito. Mas, olhe só, eu sempre serei grato pelo que...

— Então você diga a esse outro departamento para fazer o pedido.

— Como?

— Diga a esse outro departamento para fazer o pedido. Eu não posso fazer nada sem um pedido formal de ajuda do seu lado.

— Infelizmente, não é tão simples assim.

— O que não é simples? Você liga para eles, explica a situação...

— Não é tão simples assim — repetiu Ben-Roi, um toque de aborrecimento escapando de sua voz. E alguma outra coisa também. Embora Khalifa não tivesse certeza, pareceu-lhe nitidamente como constrangimento. Ele olhou fixamente para o cigarro, as sobrancelhas se franzindo numa sanfona de rugas desconfiadas.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Não tem nada acontecendo.

— Você acabou de ser afastado de um caso de assassinato e está me dizendo que não tem nada acontecendo.

Silêncio.

— Alguém foi em cima de você? Foi isso?

— Não sei do que você está falando.

— Alguém fez uma advertência?

— Ninguém me advertiu de nada.

— Então por que transferiram o caso para outro departamento?

— Eu acabei de te dizer, porra! — Inegavelmente aborrecido agora. — A Barren é uma empresa americana, eles têm muitas conexões aqui, tem certas maneiras de se abordar...

— Então me dê um nome e um telefone de contato que eu falo com esse outro departamento diretamente.

— Não é assim que funciona. Você não pode aparecer do nada e...

— Como você ligou para mim? Lembra? Foi como isso começou. Você me ligou do nada e pediu minha ajuda. E agora eu estou pedindo a sua. Estou com uma mina cheia de lixo tóxico, poços envenenados, barcaças subindo e descendo o Nilo... Não posso ir contra os responsáveis, a menos que seu governo peça ao meu...

— Não levante sua voz para mim, Khalifa.

— Não estou levantando minha voz!

— Você está levantando a voz! E isso não me agrada. Não sei o que aconteceu com você ontem à noite...

— O que me aconteceu ontem à noite, meu *amigo*, é que eu quase morri dentro de uma mina porque você pediu...

— Eu não pedi para você fazer coisa nenhuma!

— Você me pediu para eu te ajudar num caso de assassinato! Eu te ajudei. *Estou* te ajudando. A Barren matou uma mulher em Jerusalém...

— Não sabemos se foram eles.

— Claro que foram. Você me disse isso hoje de manhã.

— *Talvez* tenham sido eles.

— Eles a mataram! Você sabe que foram eles. Ela descobriu o que estavam fazendo na mina...

— Não temos provas concretas...

— De que diabos você está falando? Tenho uma mina cheia de provas! Um milhão de barris de provas! Nunca trabalhei num caso com tantas provas assim!

— Esse não é seu caso!

— É o *meu* caso! Se não fosse por mim, você não saberia nada sobre Samuel Pinsker, a mina, Zoser...

— E sou grato por isso, já disse. Mas agora a bola está no nosso campo. É um caso israelense. E estou lhe dizendo que sua ajuda não é mais necessária.

— É necessária. — Khalifa pegou o cigarro com fúria, as mãos tremendo. — É necessária porque você não é homem o bastante...

— O quê? O que você acabou de falar?

— Você não é homem o bastante para levar a investigação adiante, ir atrás dos criminosos.

— Como você ousa!

— Alguém te pegou, Ben-Roi.

— Não vou ficar sentado aqui...

— A Barren te pegou.

— Você não sabe que merda...

— A Barren te pegou! É por isso que a investigação está sendo transferida. Eu te ajudei, Ben-Roi. Resolvi o caso para você. Arrisquei minha vida. E agora, como o judeu ardiloso que você é...

— O quê? O quê? Como você se atreve, seu muçulmano de merda!

— Eles mataram meu filho!

— Não seja idiota!

— Eles mataram o meu menino! — Khalifa estava aos berros agora. — Uma barça da Zoser cheia de lixo tóxico da Barren. Eles mataram Ali. Eles me mataram. Mataram Zenab. E agora você não vai me ajudar a levá-los à Justiça, porque está morrendo de medo. Seu filho da puta! Seu filho da puta de um judeu covarde!

Ele chutou a cesta de lixo do lado da mesa, lançando-a para o outro lado da sala. Do outro lado da linha, ouvia Ben-Roi respirando pesadamente. Ficaram em silêncio e, então, o israelense falou, claramente tentando se manter sob controle.

— Sinto muito pelo que aconteceu com seu filho, Khalifa. Sinceramente. E eu sou grato por tudo o que você fez. Mas isso não vai mais além. Acabou. Está entendendo? Acabou.

Novo silêncio. Então, do nada, uma outra voz. Não a de Ben-Roi. Uma voz feminina.

— Não, não acabou. Não está nem perto de acabar. Na verdade, está apenas começando.

JERUSALÉM

— Mas que...

Ben-Roi segurou o telefone longe do ouvido, horrorizado, e o botou de volta. Reconheceu a voz instantaneamente. A mulher da Agenda Nêmesis, a filha de Rivka Kleinberg. Dinah Levi ou qualquer que fosse a porra do nome que estivesse usando agora. E ela estava na linha. Interrompendo a conversa deles. Como se eles dois estivessem conversando em particular numa sala e ela subitamente pulasse de dentro do armário de louça.

— Mas como...?

— Nós grampeamos seu telefone — ela interrompeu a pergunta. — Lá em Mitzpe Ramon. Um aparelhinho esperto nos permite ouvir não só suas conversas, mas tudo o mais num raio de cinco metros em torno do telefone.

Levou um tempo para que ele absorvesse todas as implicações daquilo. Quando se deu conta, Ben-Roi recuperou o sangue frio.

— Saia da linha, Khalifa. Desligue agora.

O egípcio o ignorou.

— Quem é você? — cortou ele. — O que você quer dizer com “não acabou”?

Ben-Roi repetiu sua ordem, mas nenhum dos dois lhe deu qualquer atenção. Como o garoto que levou um chute da gangue, tudo o que podia fazer era ficar ali ouvindo, impotente, enquanto a mulher atualizava Khalifa sobre a Agenda Nêmesis e o que eles tinham feito.

— A Barren mexeu os pauzinhos — explicou ela. — Os israelenses estão encerrando a investigação. Seu amigo foi subornado para deixar o caso.

— Isso é uma mentira de merda! Não escute...

— Como eu disse a ele quando nos conhecemos há alguns dias, a lei não toca em empresas como a Barren. Ou a Zoser. Nenhuma delas. A única maneira de derrubá-las é jogar tão sujo quanto elas.

— Então me diga como! — A voz de Khalifa ficou subitamente animada. Urgente. — Me diga o que posso fazer!

— Você está louco, Khalifa? Nem pense em...

— Me diga o que posso fazer!

— Você pode nos ajudar — veio a voz da mulher.

— Sim. Farei isso. Qualquer coisa.

— Pelo amor de Deus, Khalifa!

— Tem um navio carregado de lixo chegando hoje à noite. Nós invadimos a rede da Zoser, pegamos todos os detalhes. Eles têm uma doca de águas profundas no norte de Roseta, bem na boca do Nilo. O navio deve chegar em torno da meia-noite. Estamos a caminho de lá agora. Vamos filmar a coisa toda, talvez interroguemos alguns membros da tripulação. Depois, precisaremos ir até a mina. Você pode nos levar lá?

— É claro!

— Khalifa!

— Vamos lhe enviar um número seguro por SMS. Ligue de volta e vamos combinar onde...

— Eu vou para Roseta! — gritou Khalifa. — Eles mataram meu filho. Eu quero me envolver.

— Desculpe, mas não trabalhamos...

— Eu vou para Roseta! Esse é o trato. Quero ver por mim mesmo. Vou para Roseta e depois levo vocês até a mina. Isso ou nada.

Ouviu-se o som de murmúrios abafados, como se a mulher estivesse debatendo com alguma outra pessoa e depois relutantemente:

— Certo. Roseta, então. Você está com o caderno? Aquele sobre a mina?

Sim, foi a resposta.

— Leve-o com você. Talvez possamos usá-lo. Vamos mandar a mensagem para você agora.

— Pelo amor de Deus, Khalifa, essas pessoas são...

— O quê? O que são essas pessoas?

Era a primeira vez em dois minutos que alguém reconhecia a presença de Ben-Roi.

— Diga-me o que eles são, Ben-Roi?

— São lunáticos! Terroristas!

— E você é um mentiroso e um covarde! E eu sei com quem eu prefiro trabalhar agora mesmo. Você teve sua chance, Ben-Roi, e escolheu aceitar o suborno e deixar o caso. Não é mais problema seu. Eu ligo para vocês assim que receber a mensagem.

Isso foi para a mulher. Ben-Roi gritou, mandou que Khalifa não fizesse aquilo, que era loucura, que eles jamais pegariam a Barren e que ele também poderia simplesmente aceitar o fato. Estava falando sozinho. A linha já estava muda. Ele arremessou o celular para o outro lado da sala. Ao fazer isso, percebeu uma figura de pé na porta. Metade do corpo para dentro, metade para fora. Contraiu o maxilar.

— Você estava ouvindo atrás da porta, Dov?

LUXOR

A mensagem estava à espera de Khalifa assim que ele desligou. Um número de celular. Egípcio, ao que parecia. Ele ligou. A mulher atendeu. Estavam a cerca de duas horas de Roseta, informou ela. Ele tinha como ir para o litoral? Sem problemas, ele disse. Havia voos regulares de Luxor para Alexandria via Cairo.

— Embora eu não possa levar uma arma no avião. Mesmo com um distintivo da polícia.

— Esqueça — disse ela. — Temos poder de fogo mais do que suficiente para tudo. Envie uma mensagem para esse número assim que você souber qual o seu voo. E nem pense em tentar nos dar uma volta.

Khalifa não sabia o que significava “dar uma volta”, mas captou a ideia. Ele começou a dizer que não havia nada mais distante de suas intenções, mas ela já tinha desligado. Ele permaneceu sentado por um momento, uma luzinha de alerta piscando em algum lugar dentro de sua cabeça. Ele estava por demais acelerado para dar qualquer importância, por demais entregue à força da maré de suas emoções. Justiça, que era tudo o que importava. Justiça pelo seu filho. E ele não se importava como conseguiria. Colocou todas as dúvidas de lado, pegou o telefone e ligou para a EgyptAir para reservar seu voo para o norte.

JERUSALÉM

— Você estava ouvindo atrás da porta? Ben-Roi repetiu, incapaz de esconder o tom de acusação da pergunta. Dov Zisky não respondeu, apenas ficou olhando, sem piscar por trás dos óculos redondos, segurando um maço de papéis.

— Dov?

— Estamos liberando a Barren?

— Então você *estava* escutando.

— Eu estava esperando para te entregar isso. — Zisky mostrou os papéis. — Você estava gritando.

Caíram num silêncio constrangido. Então, sem querer entrar em outra discussão, Ben-Roi grunhiu e acenou com a mão.

— A culpa é minha. Eu deveria aprender a falar baixo.

Se sua intenção fora desanuviar a situação, não funcionou. Zisky avançou um passo.

— Por quê? — perguntou ele. — Achei que nós...

— Leah Shalev vai te dar todas as informações — disse Ben-Roi, interrompendo-o. — O caso escalou para as Investigações Especiais e fim da história. Essas coisas acontecem. Agora, o que você tem aí?

Zisky não se deixou levar.

— Mas não podemos simplesmente...

— Não me diga o que eu posso ou não posso fazer, Dov. — Seu tom saiu mais áspero do que pretendia, mas ele estava acelerado após o confronto com Khalifa e não estava no clima de passar por tudo de novo. *Mentiroso. Covarde. Não é homem o bastante.* As palavras do egípcio ainda soavam em seus ouvidos, mais esmagadoras ainda, porque, no fundo, ele sabia que eram verdadeiras. Sim, ele estava agindo por Sarah e pelo bebê, e não porque estivesse com medo, mas o fato é que ele estava largando um caso e aceitando um agrado por isso. Vinte minutos antes, achou que pudesse lidar com a culpa. Agora não tinha tanta certeza. E não precisava de Zisky para alimentar suas dúvidas.

Na frente dele, o garoto deu mais um passo.

— Arieh, ouça...

— É “senhor” para você.

— Mas eu descobri uma coisa sobre a Barren que acho...

Ben-Roi estourou.

— Não quero ouvir sobre a Barren. Está entendendo? Estamos fora do caso, o assunto escalou, fim de história. Tudo que você tiver, deixe aí na mesa. E depois dê o fora. Eu gostaria de um pouco de privacidade.

Zisky contraiu os lábios, uma expressão que deu a Ben-Roi a impressão de que agora era *e/e* quem estava sendo acusado. Então, com mais um passo à frente, bateu com a pilha de papéis na borda da mesa, virou-se e saiu.

Antes que Ben-Roi pudesse pegá-los, os papéis escorreram e se espalharam por todo o chão.

— Merda! — sussurrou. — Merda!

Sentou-se por um momento, abrindo e fechando os punhos, mortificado por como seu comentário do “senhor” o fez soar parecido com o superintendente Baum. Por fim, levantando-se, foi atrás de Zisky para se desculpar pela explosão. Não conseguiu encontrá-lo e, depois de procurar por toda a delegacia durante cinco minutos, voltou para o escritório. Seu celular jazia aos pedaços num canto distante da sala. Ele não tinha ideia do aspecto do grampo, e não se preocupou em encontrá-lo. Resgatando o chip, ele levou o resto dos pedaços para o banheiro e jogou tudo dentro da privada. De volta ao escritório, vasculhou a mesa do seu colega Yoni Zelba e pegou o velho Nokia que deixava lá, encaixou o chip e pôs o telefone para carregar. Depois, começou a juntar os papéis espalhados. Estavam por todo o chão e debaixo da mesa, e ele precisou ficar de joelhos para pegar os mais distantes, o que lhe pareceu apropriado, de alguma maneira. Juntou tudo, ajeitou as folhas numa pilha e já ia colocar tudo na bandeja de entrada, cansado de tudo aquilo, quando algo chamou sua atenção numa página. Um nome. Em negrito. Dinah Levi. Lembrou-se de ter pedido a Zisky que desse uma olhada, dois dias antes, depois que fora feito

prisioneiro do pessoal da Nêmesis. Possivelmente, isso era o relatório. Apesar de ele ter acabado de dizer que...

Franzindo a testa, ele se sentou. As folhas estavam todas fora de sequência, as páginas não tinham numeração e precisou de algum tempo para colocar tudo em ordem. Havia algo com uma logo da IDF no alto, uma cópia de um e-mail da embaixada israelense nos EUA, um impresso de um artigo de jornal sobre uma garota presa numa manifestação antiglobalização em Houston (não era onde ficava a sede da Barren?). Uma bela coleção. Zisky, claramente, estivera trabalhando arduamente. O que o fez se sentir ainda pior pela maneira como tinha acabado de falar com ele. Pegou as páginas ordenadas, arrumou-as numa pilha, sentou-se e começou a ler desde o início. Lentamente no início. Então, repentinamente, com mais pressa, à medida que as peças começaram a se encaixar e o quadro geral se revelou. Quando chegou ao fim, tinha o rosto pálido, e uma onda de suor tinha salpicado toda a sua testa.

— Ah, meu Deus — sussurrou. E em voz alta: — Khalifa!

LUXOR

A EgyptAir não tinha lugares disponíveis na classe econômica naquela noite. Tampouco na executiva. O que deixou Khalifa sem opção a não ser raspar o magro saldo bancário familiar por um bilhete de primeira classe. Em qualquer outra circunstância, se sentiria esmagado pela culpa. Naquela noite, não pensou duas vezes. Seu filho assassinado — era tudo o que importava.

Ele confirmou os voos — 19h05 até o Cairo, com uma conexão às 20h20 para Alexandria, chegando então às 20h20. Seguindo as instruções, enviou uma mensagem com os detalhes para o pessoal da Nêmesis. A resposta veio imediatamente: *Ligue quando tiver pousado e vamos dizer o que fazer.* Novamente, a luz de alarme piscou em algum lugar no fundo de sua cabeça. Novamente, ele não prestou nenhuma atenção. Ligou para casa e inventou outra história para Zenab sobre ter que trabalhar até tarde. Então, ainda com algum tempo para matar até o momento de sair para o aeroporto, procurou um mapa do delta e passou quinze minutos se familiarizando com o desenho da terra na qual estava prestes a se aventurar.

Roseta, ou Rashid como era mais conhecida, ficava na foz do braço mais a oeste da bifurcação que o Nilo fazia ao se aproximar da costa. Lá estava a própria cidade, encaixada na margem esquerda do rio, a poucos quilômetros rio abaixo do forte de Qaitbay, onde, em 1799, as forças invasoras de Napoleão tinham descoberto a famosa Pedra de Roseta. Nada disso interessava Khalifa. Seus interesses estavam no promontório nu e coberto de areia ao norte de Qaitbay, onde o Nilo finalmente encerrava seu percurso de seis mil e setecentos quilômetros e desaguava no Mediterrâneo. A área estava marcada como reserva natural e zona militar, o que significava que só entrava quem tivesse autorização. Era onde devia estar a doca da Zoser — bem longe dos olhares de curiosos. E havia apenas uma estrada de acesso. Ou eles estariam indo a pé, ou então

ele teria que forçar a entrada apelando para sua insígnia policial. A decisão final teria que esperar até ter pousado. Por enquanto, ele só precisava saber contra o que estava indo.

Por quatro vezes, enquanto estudava o mapa, recebeu ligações de Ben-Roi. Em todas elas, ele deixou recados no correio de voz, que Khalifa apagou sem sequer ouvir. O israelense claramente estava trabalhando para uma agenda ulterior e ele não tinha interesse em ouvir mais mentiras e desculpas. Ele teve sua chance. O que Ben-Roi começara, e engavetara, seria ele, Khalifa, quem ia concluir. Com a ajuda da Agenda Nêmesis. Ben-Roi poderia ir se foder. Aquele judeu ardiloso, covarde.

Deu uma última olhada no mapa e, pouco antes das 18h, desceu a escada levando o caderno de Samuel Pinsker com ele. A meio caminho, ouviu a voz do chefe Hassani no saguão abaixo, repreendendo alguém quanto às providências para a inauguração no Vale dos Reis na noite seguinte. Sem querer repetir o encontro prévio, foi forçado a parar por cinco minutos no primeiro andar até a voz finalmente sumir e o chefe deixar o prédio. Esperou mais trinta segundos só para garantir. Então, já atrasado para o voo, apressou-se para sair. Ele tinha acabando de virar à esquerda na Medina al-Minawra, pronto para fazer sinal para um táxi até o aeroporto, quando ouviu uma voz chamando seu nome. Uma voz familiar.

Zenab.

Ela estava de pé, do outro lado da rua, junto ao terreno baldio coberto de mato que havia diante da delegacia. Ele olhou para o relógio, 18h10, muito atrasado, e correu até ela.

— O que você está fazendo aqui?”

Seu *hijab* caíra para trás do cabelo; a testa estava suada. Como se ela tivesse corrido.

— Zenab?

— Você disse que ia trabalhar até tarde.

— Eu vou. Eu... só estou saindo para pegar alguma coisa.

Casados há vinte anos, e ele jamais mentira para ela. Nas últimas trinta e seis horas, parecia não ter feito outra coisa. Ela esticou a mão e lhe tocou o braço, o olhar buscando o dele. Ela não precisava dizer nada. Estava tudo em seus olhos. Ela sabia que ele

não estava falando a verdade. Dois segundos se passaram. Retirando a mão, ela andou para trás e baixou os olhos para o chão.

— Ela é bonita?

Khalifa precisou de um momento para entender o que ela queria dizer.

— Ah, Zenab! — Sua voz ficou entre o horror e uma satisfação sombria. — Zenab!

Ele foi até ela, pegou-lhe o braço, afastou-a alguns metros do terreno baldio para longe das pessoas espalhadas ao longo do meio-fio.

— Como você pode pensar uma coisa dessas?

— Eu sei que não tenho sido uma boa esposa, Yusuf. Nesses últimos nove meses. Desde... — Ela piscou para soltar as lágrimas. — Não culpo você. De verdade.

— Pare com isso, Zenab. Pare agora.

Ele enfiou o caderno no bolso interno do casaco e pegou as mãos dela nas suas. Suas lindas mãos de dedos longos. Mãos que, enquanto ele vivesse, jamais se cansaria de segurar.

— Você é o amor da minha vida. Em todos esses anos juntos, jamais sequer olhei para outra mulher. Por que eu faria isso quando a mulher mais linda do mundo está bem aqui ao meu lado?

— Então por quê, Yusuf? Por que você está mentindo para mim desse jeito? Eu ouço na sua voz, vejo no seu rosto. Eu conheço você muito bem.

Agora foram os olhos de Khalifa que baixaram.

— Onde você passou a noite? — pressionou ela. — Você não ligou. Quando chegou em casa, suas roupas estavam sujas, você não dormiu, tem sangue no seu braço, você está parecendo um fantasma. As mãos dela tremiam. — O que está acontecendo, Yusuf? Me diga.

— É só... Coisas da delegacia — murmurou ele, mexendo os pés, virando o punho levemente para consultar o relógio. — O negócio do Vale dos Reis, o chefe Hassani...

Ela recolheu as mãos subitamente e as colocou no rosto dele.

— Por favor, Yusuf! Chega de mentiras. Eu sei o quanto eu me segurei em você desde que perdemos o Ali, o quanto mais você

precisou aguentar além do seu próprio sofrimento, como eu tenho sido um fardo...

— Não diga isso, Zenab! Você nunca foi um fardo! Jamais! Você é minha esposa...

— Então conte para sua esposa o que está acontecendo! Por favor, eu imploro! Eu imploro! As lágrimas se juntavam em seus cílios, escorrendo pelo rosto. — Nesses últimos dias, pela primeira vez, eu senti... achei que talvez pudesse haver alguma luz no fim do túnel. Mas não consigo sem você, Yusuf. Tem alguma coisa errada, eu sinto. Preciso saber. Porque perder um marido além de... além de...

Ela não conseguiu terminar a frase. Khalifa a agarrou pelos ombros, olhando novamente de relance para o relógio, odiando-se por isso, mas tinha pouco tempo, a pressão aumentando para que ele conseguisse chegar a tempo...

— Você não vai perder um marido, Zenab. Eu te amo, estarei sempre ao seu lado. Sempre. Sempre. É que esta noite... hoje eu tenho que ir para Alexandria.

— Alexandria!

— Não há nada com o que se preocupar...

Ela afastou as mãos bruscamente do rosto dele e voltou a recuar.

— O que você não está me contando, Yusuf?

— Nada...

— O que você não está me contando!

— É complicado.

— Então explique!

— Tem uma coisa que eu preciso... algumas coisas... é um caso que o Ben-Roi...

— Me diga o que é!

— Ali! É sobre Ali!.

Saiu algo a mais do que ele pretendia, quase um grito. Na rua atrás deles, as pessoas se viraram para ver qual era o motivo da comoção. Khalifa as ignorou.

— É sobre o nosso filho — repetiu, lutando para manter a voz equilibrada. — Nosso menino. Não tenho tempo para entrar em

detalhes, os detalhes não importam. Tudo o que você precisa saber é que vou fazer justiça por Ali.

Ela não disse nada, apenas olhou para ele, a mão na garganta, os olhos castanhos cheios de lágrimas e medo.

— Eles o mataram, Zenab. Zoser. E uma outra empresa como eles. Eles assassinaram Ali. E eu vou pegá-los. Puni-los. Algumas pessoas vão me ajudar. Boas pessoas. Não há nenhum motivo para você ter medo. Vai ficar tudo bem. Vamos conseguir justiça para o nosso filho. Vamos pegar os desgraçados!

Ela estava balançando a cabeça: — Eu não te reconheço — murmurou ela. — Vinte anos e de repente eu não reconheço mais o meu marido.

— O que você não reconhece? — Sua voz disparou de novo, algo ardia em seu interior. — Eles mataram nosso filho e eu quero justiça! O que você não reconhece nisso?

— Essa raiva. Essa... essa... loucura.

— É loucura querer justiça?

— Deixar sua esposa, sua família, enquanto você sai numa missão maluca...

— Não é uma missão maluca! Não diga isso! A lei não vai atrás deles; então eu mesmo vou! Você deveria estar me agradecendo! Está ouvindo? Me agradecendo, sua ingrata...

Ele parou abruptamente, olhando horrorizado para o punho que levantara diante do rosto da esposa. Pela primeira vez em todos aqueles anos juntos, ele jamais fizera uma coisa daquelas. Alguns segundos se passaram, Khalifa contemplando o punho como se ele tivesse se materializado no ar de alguma forma. Então deixou a mão cair como uma pedra.

— Oh, Deus, me desculpe — disse ele. — Por favor, eu não queria... Me desculpe.

Zenab olhou para ele, em estado de choque, a chamada amplificada para a oração da noite ecoando do minarete da mesquita Elnas mais abaixo na rua. Então *ela* fez algo que nunca fizera em todos aqueles anos juntos. Aproximando-se, caiu de joelhos diante de Khalifa e juntou as mãos num gesto de súplica.

— Meu marido — sussurrou ela —, meu amor, minha luz, minha vida. Nunca, jamais, eu fiquei no seu caminho. Nunca exigi nada de você. Mas esta noite eu estou pedindo, implorando: o que quer que você esteja pensando em fazer, não vá. Eu imploro para você não ir.

Ele se abaixou, tentou levantá-la, percebendo que as pessoas olhavam e apontavam. Ela afastou sua mão, arrastou-se para mais perto, bem junto dele, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Se você pudesse de alguma maneira trazer nosso filho de volta, então você iria com todas as bênçãos que eu pudesse lhe dar — soluçou ela. — Eu iria com você. Até o fim do mundo e além. Mas isso não vai trazer Ali de volta. Isso é buscar vingança por algo que foi um terrível acidente...

— Não foi nenhum acidente, Zenab! Ele foi assassinado, você não sabe a história.

— Eu sei que meu filho está morto! E, se me deixar esta noite, meu marido também estará! Já não temos dor suficiente na família? Se não por mim, por seus filhos, por Yusuf e Batah. Eles já perderam um irmão. Por favor, não coloque um pai na lista!

— Eles não vão perder...

— Vão sim, Yusuf! Eu sei, eu sinto! Todas as coisas loucas e perigosas que você já fez em todos esses anos juntos, eu sempre fiquei do seu lado porque você é o melhor homem do mundo e eu sei que o que você faz vem da bondade no seu coração — ela bateu a mão com força contra o peito dele. — Mas isso, Yusuf, isso... O que quer que você esteja planejando, isso não vem da bondade. Eu vejo nos seus olhos. Vem da raiva, do ódio e da dor, e nada pode resultar disso que não seja mais dor. Se o que você diz é verdade, Alá será o juiz dessa gente. É com Ele que está o castigo, não com você. Isso vai acabar em tragédia, Yusuf, eu sei disso! E eu não aguento mais tragédia na minha vida. Nenhum de nós aguenta. Ela estava soluçando, agarrada às pernas dele. — Eu imploro, Yusuf, de esposa para marido, de mãe para pai, de amiga para amigo: não vá esta noite. Eu imploro a você. Não vá. Não me deixe. Fique! Fique!

A dez metros deles, uma pequena multidão se reunira do lado da rua, observando o desdobramento do drama. Alguém estava até mesmo segurando um celular, filmando a cena. Khalifa não lhes deu

a menor atenção. Soltando o braço de Zenab, ele ficou de joelhos ao lado dela.

— Está tudo bem — murmurou —, está tudo bem, minha querida. Vai ficar tudo bem.

Ela se acalmou lentamente. Ele se afastou, levantou o rosto dela, pegou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas de seu rosto. Mais alguns minutos se passaram, os dois simplesmente ficaram ajoelhados ali, abraçados, tudo além do seu mundo imediato parecendo se apagar e desaparecer até não restar mais nada além dos dois, sozinhos dentro de sua própria bolha particular. Cuidadosamente, ele a ajudou a levantar. Ela começou a sorrir, achando que ele tinha cedido. Então, ela o viu olhar para o relógio.

— Ah, Deus, Yusuf, eu achei...

Ele levantou um dedo e a tocou nos lábios, silenciando-a. Em qualquer outro momento nos últimos vinte anos, se ela implorasse daquele jeito, ele teria recuado, sem dúvida. Feito qualquer coisa que ela quisesse. Pulado de uma montanha, se ela pedisse. Algo tinha acontecido com ele na mina. Algo o tinha transformado por dentro. Alterado. Endurecido. Ele não era mais a pessoa que costumava ser.

— Eu te amo, Zenab — disse ele, a voz subitamente dura e sem emoção. — Mais do que qualquer coisa no mundo. E as crianças. Você é tudo para mim. Mas eu preciso fazer isso. Por Ali. E nada que você ou qualquer outra pessoa diga vai me impedir. Estarei de volta amanhã de manhã. Isso é uma promessa.

Ele se inclinou e lhe beijou a testa. Olhou mais uma vez para o relógio, 18h28, estava por um fio, tirou o caderno de Pinsker do bolso e começou a correr. Atrás dele, o homem com o celular esticou o braço e fechou o zoom em Zenab, enquanto ela voltava a ficar de joelhos e afundava o rosto nas mãos.

AEROPORTO INTERNACIONAL DE BEN-GURION, JERUSALÉM

— Olá, Arie. Recebi sua mensagem. Tenho um jantar marcado na Rinat, mas você pode chegar depois, se quiser conversar. Ou então poderíamos fazer o café da manhã. Se você está falando sério sobre esse novo trabalho, sobre se mudar para Haifa... Bem, vamos conversar sobre isso. Vou esperar você me ligar de volta. *Shalom*.

Ben-Roi ouviu o recado até o fim, segurando o telefone na mão esquerda, enquanto que, com a direita, pegava as placas vermelhas com números da polícia no bagageiro do Toyota e depois ouvia a mensagem seguinte.

— P.S. *Gam ani ohevet ot'cha*. Eu também te amo, grandalhão. Apesar dos meus melhores esforços em contrário.

Ele bateu a porta do bagageiro, trancou o carro, colocou uma das placas magnéticas no painel traseiro, o tempo todo pensando na melhor maneira de responder às mensagens — em como garantir a Sarah que, apesar de amá-la acima de tudo, ele estava novamente prestes à deixá-la na mão. Não conseguia pensar numa maneira de lhe dizer isso sem que soasse de maneira diferente do que era de fato, uma nova rejeição. Com o tempo evaporando, ele decidiu deixar para quando estivesse a bordo. Fez mais uma tentativa para Khalifa, guardou o telefone, colocou a placa da frente e disparou para o setor de partidas do aeroporto internacional Ben-Gurion.

Era uma coisa louca, insana, mas foi o único plano em que conseguiu pensar em tão pouco tempo. O egípcio não estava atendendo suas ligações. O mesmo com seu amigo Danny Perlmann da Inter-Force Liaison, o que significava que ele não tinha nenhuma linha direta com as autoridades egípcias. E, mesmo se conseguisse um contato, o que lhes diria? Que um bando de malucos anticapitalistas estava prestes a lançar um ataque em solo egípcio? Com a ajuda e cumplicidade de um de seus próprios policiais? Ele não via como isso poderia ser de alguma ajuda para Khalifa. Mesmo que salvasse sua vida.

No final, desesperado, incapaz de pensar em qualquer outra alternativa, ele ligou para a El-Al. Tinham um voo semanal para Alexandria — aquele no qual Rivka Kleinberg havia feito uma reserva. No entanto, seria na noite seguinte, quando a armadilha certamente já teria disparado e Khalifa estaria com a cara no chão e uma bala no meio da cabeça. A única outra opção era uma companhia egípcia, a Air Sinai, uma subsidiária da EgyptAir. Ligou para eles, sem muita esperança. Seu pessimismo não se justificou. Tinham um voo naquela noite. Às 19h10, chegando em Alexandria às 20h45. Estava encurralado, pensando desesperadamente em alguma maneira mais fácil de ajudar o amigo. A não ser ir até o Muro das Lamentações para orar, não conseguiu pensar em mais nada e, com o relógio correndo, reservou seu assento. Correu para casa para buscar o passaporte, depois dirigiu feito um maníaco para Lida, chegando dezessete minutos antes da decolagem. A corrida provavelmente foi uma coisa boa. Como o salto de Khalifa na mina, se realmente tivesse tempo para pensar no que estava fazendo, jamais teria feito.

Os balcões de check-in da Air Sinai estavam todos vazios, a última chamada para o voo já fora feita há muito tempo. Faltando tão pouco tempo para a decolagem, um civil jamais conseguiria chegar ao avião. Com seu crachá da polícia, ele pode ignorar a fita vermelha e disparar pelo portão de embarque. Foi parado pela moça que conferia os cartões de embarque, que não queria deixá-lo subir. No entanto, suas informações estavam no computador e correspondiam ao passaporte e, finalmente, ele conseguiu convencê-la. Ainda estava prendendo o cinto — sentado entre uma idosa árabe e um homem acima do peso com o braço numa tipoia — enquanto o avião se afastava de sua marca e começava a taxiar em direção à pista de decolagem.

Ele pegou o celular. As coisas provavelmente ficariam agitadas quando aterrissasse no Egito e ele não queria distrações. Se fosse responder às mensagens de Sara, deveria fazer isso agora. Ele abaixou a cabeça e começou a discar o número dela, rapidamente, esperando que a tripulação não o visse, mas logo mudou de ideia e passou a digitar uma mensagem. Por nenhum motivo que pudesse

explicar — provavelmente pelo estresse da situação — o texto da mensagem subitamente assumiu uma enorme importância para ele. Levou todo o tempo em que o avião taxiava pensando no que escrever e só quando o avião já estava posicionado e os motores começaram a acelerar para a decolagem que ele finalmente começou a digitar.

Amo vcs dois. Mais do que qualquer coisa no mundo. Prometo cuidar sempre de vcs. Ligo amanhã. Seremos a família mais feliz q já existiu.

Teve tempo apenas para mandar beijos e apertar em *enviar* enquanto o avião corria pela pista. E então eles deixaram o solo e ele estava de partida de seu país natal.

— Você não deveria deixar isso ligado — advertiu o homem com a tipoia. — Pode interferir com os controles.

— Certo — disse Ben-Roi. — Me desculpe.

Ele desligou o telefone. Reclinando o encosto, olhou para o teto, os olhos inexplicavelmente marejados de lágrimas.

William Barren também olhava para o teto de um avião, ainda que, no caso dele, fosse um dos Gulfstream G650 da empresa e seus olhos quase que certamente não estivessem marejados de lágrimas. Longe disso. Sentia-se tão bem quanto jamais se sentira antes na vida. O clímax se aproximava rapidamente. Todos aqueles anos de planejamento e intrigas, manobras e preparação do terreno... rapaz, ia ser um clímax e tanto! Melhor do que qualquer outra coisa que atingira com aquelas putas negras menores de idade no centro de Houston. Isso sim é falar em gratificação tardia!

Ele agitou o burbom no copo largo.

Fora uma decisão espontânea pegar o avião. Embora sua presença não fosse estritamente necessária, sentiu uma súbita necessidade de estar próximo da ação. Não no meio de tudo — outros estavam fazendo o trabalho sujo — mas próximo. Algumas horas antes, estava relaxando em seu apartamento. Agora, estava a caminho. Era disso que a empresa precisava há tempos, um pouco de espontaneidade. Os processos decisórios do pai eram glaciais. Ele não agia sob o calor dos acontecimentos. Isso iria mudar quando

ele, William, estivesse no comando. Um pouco mais de intuição, um pouco mais de flexibilidade. Sob sua liderança, a Barren seria uma empresa muito diferente. Mas ainda continuaria a ser uma predadora no topo da cadeia alimentar. Algumas coisas não mudavam. Algumas coisas estavam profundamente entranhadas.

Deu um gole no burbom e brincou com o celular no braço do assento. Um dos tripulantes se aproximou e o informou a respeito do progresso da viagem. Estavam adiantados, aterrissariam vinte minutos antes do planejado. William agradeceu e se afundou no couro branco, olhando para o telefone. O telefone especial. Aquele no qual logo estaria recebendo a ligação.

Quarenta e oito horas, e todos os negócios da família estariam resolvidos. Ele sorriu e deu outro gole, a cabine vibrando suavemente ao seu redor. Tão bem quanto jamais se sentira na vida.

ALEXANDRIA

Tivesse Khalifa olhado para cima ao desembarcar no terminal de chegada do aeroporto de Alexandria Nozha, logo depois das 21h, teria visto uma figura familiar discutindo com os seguranças do outro lado do saguão. E tivesse ele ido até lá falar com essa figura, muito da dor de cabeça subsequente poderia ter sido evitada.

Ele não levantou os olhos. Estava muito ocupado com o celular, ouvindo a mulher da Nêmesis lhe passar os detalhes sobre onde o encontrariam. Quando ela desligou, ele já estava abrindo as portas de saída do aeroporto, e a única e fugidia chance de evitar a tragédia se perdera.

Fora do terminal, fez sinal para um táxi e, conforme as instruções, disse ao motorista para levá-lo para o leste, rumo a Roseta. O homem tentou puxar conversa com ele, perguntando sobre sua família, o que ele estava fazendo naquela parte do mundo, o que achava do novo governo. As respostas de Khalifa foram resmungos relutantes, e, após alguns quilômetros, cansado das perguntas do homem, ele pegou a insígnia e a exibiu. Depois disso, seguiram em silêncio.

Levou algum tempo para saírem da cidade. Somente após cruzarem uma longa ponte sobre um lago margeado por juncos, os cortiços, fábricas e refinarias de petróleo finalmente ficaram para trás, dando lugar a uma colcha de retalhos de extensões de areia, plantações de algodão e pomares de palmeiras e limões. Khalifa fumava, olhando pela janela e pensando no filho.

A meio caminho de Roseta — exatamente como a mulher da Nêmesis descrevera — passaram por um posto de gasolina Mobil iluminado por luzes néon e seguido por dois cartazes gigantes na beira de estrada: um deles anunciava sapatos Pierre Cardin, o outro, da rede KFC. Khalifa mandou o motorista estacionar, contou o dinheiro da corrida, saiu e caminhou mais cinquenta metros pela estrada até se posicionar junto a uma pilha de juncos com a forma

de uma cabana. Trinta minutos se passaram. Então, do nada, um Land Cruiser Toyota branco saiu da estrada e freou derrapando diante dele. Ao mesmo tempo, um barulho de passos sobre a areia veio do bosque de palmeiras atrás dele e uma mulher jovem saiu do meio das sombras.

— Entre — disse ela, indicando-lhe a porta traseira aberta do Land Cruiser.

Khalifa fez o que foi mandado. A mulher se sentou no banco dianteiro, ao lado do motorista — um homem magro, de aparência árabe com um cigarro pendurado no canto da boca — que botou o carro de volta na estrada.

— Eu começava a achar que vocês não viriam — disse Khalifa, quando começaram a acelerar.

— Precisamos vigiar um pouco — explicou a mulher, virando-se para ele. — Para ter certeza de que ninguém estava te seguindo.

Ela esticou a mão.

— Dinah. Este é Faz. Estamos felizes por você poder se juntar a nós.

Khalifa pegou a mão.

— Yusuf Khalifa.

— Eu sei — disse ela. — Nós ouvimos suas ligações, lembre-se. Esse é o caderno de que você falou?

Ela indicou o volume encadernado em couro saindo do casaco de Khalifa. Ele concordou.

— Mantenha-o em segurança. Vamos decidir o que fazer com ele mais tarde.

— São só vocês dois?

— Os outros já estão lá no litoral. Fazendo o reconhecimento da doca.

— Qual é o plano?

Ela encolheu os ombros, evasiva.

— Neste exato momento, nenhum. O navio está marcado para chegar em torno da meia-noite. Pelo que descobrimos no sistema da Zoser, ele vem uma vez por mês, descarrega o lixo e volta para buscar mais enquanto as barcaças da Zoser fazem o transporte do que já foi deixado lá no Nilo. Mas como funciona toda a operação

em terra, no entanto... — Ela deu de ombros outra vez. — Vamos resolver conforme avançamos.

Virando-se, ela vasculhou o porta-luvas e pegou uma arma que entregou para Khalifa.

— Sabe como usar uma dessas?

— Claro!

— Espero que não seja necessário, mas não podemos arriscar. Não sabemos o que vamos encontrar lá em cima.

Khalifa sentiu o peso da arma. Uma Glock, ao que parecia. Ela o observou, o rosto pálido e intenso aparecendo e sumindo nas sombras enquanto as luzes iam e vinham pela rodovia. Ficaram em silêncio e então:

— Você está assumindo um grande risco vindo aqui. Apostando tudo com a gente. Como seu amigo disse, somos perigosos. Lunáticos.

— Ex-amigo — corrigiu Khalifa, colocando a arma de lado e pegando o maço de Cleópatra. — E eu assumo meus riscos.

Por uns momentos, seus olhos se cruzaram. Então, com um aceno de cabeça, ela se virou e olhou para a frente. Khalifa baixou a janela e acendeu um cigarro. Nada mais foi dito pelo restante da viagem.

Chegaram em Roseta em vinte minutos, pouco depois das 22h30. Faz, o motorista, parecia saber aonde ia, dirigindo com confiança pelo emaranhado barulhento de ruas iluminadas e saindo do outro lado da cidade, onde pegou uma estrada asfaltada e estreita até a costa. O Nilo os acompanhava à direita — largo e negro, pontilhado com barcos e pontões das fazendas de peixes flutuantes. Passaram por casas e celeiros dispersos, e, alinhadas ao longo da costa, uma sucessão de olarias, as silhuetas das chaminés escuras contra o céu noturno pareciam os restos de alguma floresta incendiada. Depois da vila de Qaitbay, os edifícios desapareceram e não havia mais nada além de milharais e bosques esparsos de palmeiras; mais à frente, na distância, um brilho difuso em forma de cúpula sugeria uma concentração de luz em algum lugar perto da foz do Nilo. A doca da Zoser, adivinhou Khalifa. Seu pulso acelerou.

Continuaram por mais alguns quilômetros, mais atentos agora, apagando as luzes, diminuindo a velocidade, o brilho ficando cada vez mais intenso. Então, quando viram uma espécie de ponto de segurança iluminado mais à frente, saíram da estrada e entraram numa via estreita. Cerca de duzentos metros depois, chegaram a uma clareira no meio de uma plantação de palmeiras. O local parecia ter sido planejado, porque outro Land Cruiser esperava por eles. Duas pessoas estavam de pé ao lado dele: um homem de boa aparência e uma mulher de cabelos raspados. Estacionaram atrás e saíram. As apresentações foram feitas.

— Então, qual é a nossa situação? — perguntou a mulher chamada Dinah.

— Poderia ser pior — disse o homem — embora um pouco mais de tempo fosse nos ajudar.

— Não temos mais tempo. É hoje à noite ou teremos que esperar mais um mês.

O homem concordou e lhes mostrou um *notebook* em cima do capô do segundo Land Cruiser. A tela mostrava um mosaico de umas quarenta fotografias, possivelmente tiradas na missão de reconhecimento levada a cabo por ele e pela mulher de cabelo curto. Ele ampliou a primeira imagem: o ponto de segurança que tinham acabado de ver. Uma cerca alta se estendia de um lado ao outro, coberta com serpentinas de arame farpado. Ao fundo, de frente para o rio, parecia haver uma fileira de armazéns com a ponta dos guindastes aparecendo acima deles.

— A cerca dá a volta por todo o local — começou ele. — Três guardas no portão...

— Exército? — perguntou Khalifa.

O homem concordou.

— Recrutados convocados. Apenas tirando serviço.

— Certamente, foi o que pareceu. Um deles estava dormindo, os outros assistiam à TV. Tem uns dois caras patrulhando lá dentro, mas não parecem especialmente interessados e estão muito longe um do outro. A cerca não é eletrificada, e não vimos nenhuma câmera de segurança. Podemos atravessar sem qualquer problema.

— Qual é a distância até a doca? — perguntou a mulher chamada Dinah.

— Cerca de setecentos e cinquenta metros. É terreno aberto, mas tem algumas dunas e vegetação que oferecem uma cobertura decente. Podemos chegar lá sem problema.

Ele abriu outra foto. Um longo cais de concreto, delimitado de um lado por armazéns do outro, pela vista das águas agitadas sob o luar, onde o Nilo desaguava no mar. A cem metros do cais, uma barreira de enormes cubos de concreto fora colocada para formar um quebra-mar de proteção. No próprio guindaste havia mais três gigantescos com lanças suspensas projetadas sobre a água.

— Como você pode ver, é bem iluminado e tem gente andando por lá. Trabalhadores portuários principalmente, embora também haja alguns seguranças.

Ele clicou no *notebook* de novo. Apareceu uma telefoto de um homem grandalhão de jaqueta de couro, segurando uma submetralhadora Heckler & Koch MP5.

— Segurança particular, ao que parece. Nada com que não possamos lidar. Tem bons pontos de filmagem lá, na ponta de cá da doca — ele voltou para a imagem anterior — e daqui, entre os armazéns. Mais três fotos: uma de longe, de uma pilha de caixas empilhadas entre dois dos armazéns; um close-up das caixas; uma foto tirada por trás das caixas, em direção ao centro da doca e para a água.

— É tudo perfeitamente factível. O problema vai ser chegar mais perto do navio. Podemos filmar de longe, mas subir a bordo de fato, talvez segurar um dos tripulantes, pode ser mais difícil, considerando a quantidade de luz e a exposição. Pode ter um jeito, mas só vamos saber com certeza quando o navio chegar e a gente puder ver como as coisas acontecem. Até lá, só podemos supor.

A tal Dinah concordou. Olhando o relógio, ela se inclinou sobre o capô e começou a examinar as imagens, abrindo uma por uma, familiarizando-se. Seus amigos se juntaram a ela. Khalifa recuou um passo. Eram eles os especialistas. Ele era apenas o carona.

Vários minutos se passaram, uma brisa momentânea agitou as folhas das palmeiras acima deles, um travo de sal cortou o ar. Então,

todos juntos se levantaram.

— Certo, vamos nessa — disse Dinah.

Ela se virou para Khalifa.

— Vamos precisar de alguém para ficar perto da cerca a fim de cobrir nossa retaguarda caso a coisa desande. Você faz isso?

— Eu vou para a doca — disse Khalifa, ciente de ter soado como uma criança mimada, mas querendo estar no centro da ação. *Precisando* estar no centro da ação. Para sua surpresa, ela sorriu.

— Por algum motivo, achei que você ia dizer isso. Certo, Faz, você fica para trás. Gidi, Tamar, vocês vão para a ponta da doca. Eu e nosso novo recruta vamos assumir a posição no armazém. Isso é tudo o que podemos planejar no momento. Além disso, vamos ter que improvisar.

Eles descarregaram os equipamentos — câmeras, rádios, um par de submetralhadoras Uzi — e se dividiram. Então, cada um com uma mochila nas costas, as mãos e os rostos cobertos com uma camuflagem rudimentar de barro para ficarem menos visíveis — Khalifa teria rido se as apostas não fossem tão altas —, trancaram os carros e partiram a pé. Em algum lugar lá no rio, a barcaça tocou a buzina. Ele apertou o dedo em torno do gatilho da Glock e cerrou os dentes, sabendo que estava fazendo a coisa certa.

Vinte minutos depois, estavam em posição. Tinham passado pela cerca sem problema, dado a volta por trás dos armazéns, subido na pilha de caixas e montado a câmera. Na frente deles, a doca estava toda iluminada. As caixas, por sua vez, estavam mais para trás e mergulhadas nas sombras. Khalifa se sentia curiosamente seguro. Como se não estivesse realmente lá, como se assistisse a toda a cena pela televisão. O outro par chamou pelo rádio para avisar que também estava em posição lá do outro lado da doca. De acordo com o relógio de Khalifa, eram 23h42. Tudo o que tinham a fazer agora era esperar.

— Você realmente acha que podemos pegá-los? — perguntou ele, olhando para além do cais. — De que isso tudo vai ter algum resultado?

— Eu não estaria fazendo se não acreditasse.

Eles se abaixaram quando uma enorme empilhadeira passou zumbindo diante deles. Quando subiram novamente, ele sentiu a mão dela em seu braço.

— Eu deveria ter dito antes: sinto muito pelo seu filho.

Por um momento, o rosto dela pareceu se suavizar, embora seus olhos se mantivessem frios e inflexíveis. Ela então afastou a mão e olhou para outro lado.

Lá na boca do rio, a neblina começava a se formar, pairando sobre a água como nuvens de vapor.

Um túnel de luz. É o que parece quando estou me aproximando de uma limpeza. Um longo túnel de luz, eu numa extremidade e o alvo na outra, e tudo o mais lá fora. Foco total. Concentração total. Até que a tarefa esteja concluída e eu possa sair do túnel e voltar para a rotina corrida do dia a dia.

Claro que existem diferenças desta vez. Não estou sozinho, para começar, como normalmente estou. E a bagunça a ser arrumada está mais perto de casa. *Em casa*, em um certo sentido, apesar das distâncias envolvidas. E, naturalmente, tenho deveres a cumprir, distrações, o que nem sempre costuma ser o caso.

Apesar disso, dentro da minha cabeça, estou no túnel. Sem mais dúvidas, sem mais perguntas, sem mais preocupações. Vejo o meu alvo claramente — como poderia não ver se está bem ao meu lado? — e eu avanço firmemente em sua direção. Logo, estará tudo limpo e eu estarei seguro do outro lado. Ainda que *o que* está no outro lado ainda seja algo a ser visto. Uma ordem diferente, com certeza. Quem sabe, pode até vir a ter crianças. O tamborilar dos pezinhos. Assim espero. Sempre adorei crianças. Elas apelam para o meu senso de... bondade.

Por pouco tempo mais, no entanto, devo continuar a desempenhar o papel. Manter a farsa. Pelo meu rosto, ninguém jamais imaginaria o que estou prestes a fazer. Nunca em um milhão de anos. Eu sou, e sempre fui, o artista consumado.

O navio finalmente chegou pouco antes de 1h00. Ouviram uma série de buzinas distantes, e a atividade na doca se intensificou

repentinamente. Uma sirene soou, motores ganharam vida, os trabalhadores começaram a correr de um lado para outro.

Lá fora, a neblina estava engrossando cada vez mais. A boca do rio estava agora coberta por um denso véu cinza, como uma cortina impenetrável. Eles observavam o progresso ansiosamente, temendo que pudesse ocupar o cais e impossibilitar as filmagens. Para seu alívio, o avanço havia parado, e apenas algumas nuvens alongadas se estenderam preguiçosamente até a terra, tocando a beira do cais, enrolando-se em torno de um dos guindastes, mas, a não ser por isso, restringindo-se à água. Se o vento começasse a soprar, seria uma história diferente, mas, por ora, tinham uma visão clara. A companheira de Khalifa colocou o rádio próximo à boca e apertou o botão para falar.

— Todos prontos?

Prontos, foi a resposta.

— Faz?

Uma voz mal-humorada anunciou que um comboio de caminhões acabara de entrar pelo portão principal, mas, a não ser por isso, estava tudo bem lá atrás.

— Certo, lá vamos nós.

As buzinas continuaram — o som de um lamento misterioso emanando do meio do nevoeiro, como o chamado de um monstro marinho primordial. Cinco minutos se passaram. De repente, como um machado gigante a cortasse, a névoa se abriu e a proa de um imenso navio se avolumou visível na distância, à esquerda deles. Lentamente, ele deslizou em direção ao cais, uma imponente parede de aço negro, cuja popa se perdia na escuridão, mesmo com a proa se aproximando da costa. Avançando continuamente, cada vez maior, impossivelmente grande e ameaçador até finalmente a cabine de comando surgir lá no alto da névoa e todo o navio se revelar. Trezentos metros de comprimento, da altura de um prédio, tudo o mais assumindo dimensões minúsculas, os estivadores agitados mais parecendo formigas. No casco, havia a imagem de uma sereia, o cabelo loiro fluindo para fora, como se soprado pelo vento. Ao lado dela, em letras brancas, o nome do navio: *Maid of the Ocean*, a dama do oceano.

A câmera de vídeo piscou quando sua companheira começou a gravar a cena.

A embarcação se alinhou com o cais, posicionada por dois rebocadores. Os motores foram totalmente revertidos; os cabos foram lançados e presos; pranchas com degraus apareceram na proa e na popa, ouviu-se um rugido de motores hidráulicos quando escotilhas gigantes se abriram e suas portas se retraíram. Os guindastes se posicionaram e baixaram os ganchos.

Mais alguns minutos se passaram. Então, lentamente, barris de metal começaram a surgir, ordenadamente dispostos sobre enormes paletes de aço, cem em cada palete. Subiram na noite, pairando, cuidadosamente trazidos para o cais, onde foram baixados sobre as gigantescas empilhadeiras e transportados ao longo da doca.

— Está filmando isso? — estalou o rádio.

— Com certeza — respondeu a companheira de Khalifa, segurando o rádio colado à boca para ser ouvida acima do ruído. — Só precisamos que a neblina espere um pouco mais e depois venha com força para cobrir todo o lugar. Assim, teremos uma chance de subir a bordo.

No mesmo momento em que ela falava, Khalifa sentiu a brisa soprar em seu rosto. Parou e depois voltou mais forte, despenteando seu cabelo, fazendo com que a névoa diante deles engrossasse e se agitasse como uma cortina. Ela começou a se esgueirar pelo navio.

— Só mais alguns minutos — sussurrou a companheira de Khalifa. — Só mais alguns minutos e poderemos...

Ela não conseguiu terminar a frase. Um momento ela estava ao lado dele, e logo depois voava para trás da caixa onde eles tinham subido. Ele se virou. O chão atrás das caixas estava coberto por uma sombra densa e ele não conseguiu ver imediatamente o que estava acontecendo. Apenas que havia duas figuras lá embaixo: a mulher e uma outra pessoa bem maior que parecia estar segurando-a no chão. Desceu com um pulo e levantou a coronha da Glock, pronto para bater na cabeça do agressor mas congelou assim que uma voz familiar o chamou.

— Para trás, Khalifa. Sou eu.

Um rosto marcado, de queixo quadrado, virou-se para ele. Um rosto que ele não via há quatro anos, mas que reconheceu instantaneamente. Um aceno e depois ele voltou a olhar para a mulher.

— Então, *Rachel*, acho que está na hora de contarmos para o nosso amigo o que você realmente está fazendo aqui.

O plano de Ben-Roi, considerando-se que ele tinha um plano, fora chegar à doca o mais rápido possível, localizar Khalifa e tirá-lo de lá antes que ele sofresse qualquer mal.

A segurança no aeroporto de Alexandria tinha outras ideias. Eles o detiveram por mais de duas horas, desconfiando do fato de que era israelense, de que o voo de volta seria no dia seguinte, de que não tinha reserva em hotel e, acima de tudo, de que ele não tinha um visto oficial. Ele poderia ter lhes dito a verdade, que era um policial e estava lá para ajudar um dos colegas deles, que estava, naquele momento, seguindo cegamente direto para uma armadilha. Ele achou que, se fizesse isso, só iria complicar as coisas ainda mais, jogá-lo num emaranhado interminável de explicações. Em vez disso, fizera-se de tolo e inventou uma história: ia encontrar um velho amigo de Luxor, tudo tinha sido combinado no último minuto, o amigo estava providenciando as acomodações, tinham lhe dito que com certeza ele poderia tirar um visto temporário ao chegar. A história era extremamente frágil e ele temia que eles não a engolissem, que achassem que ele era algum tipo de espião. Sua única esperança era que eles conferissem “Yusuf Khalifa” e descobrissem que alguém com aquele nome de fato viera de Luxor naquela noite, corroborando sua história. O que de fato foi, após uma espera angustiante, o que parece terem feito. Houve trocas de olhares e cochichos desconfiados — uma breve insinuação de como viajantes árabes eram recebidos em Israel —, mas, ao final, carimbaram seu passaporte e o liberaram.

— Trate de não perder o voo amanhã — disse um dos seguranças, ameaçadoramente.

— Acredite, quanto antes eu der o fora daqui, melhor — foi a resposta murmurada de Ben-Roi.

Ele retirou algum dinheiro no caixa eletrônico do Banco de Alexandria, pegou um táxi para Roseta e de lá seguiram para o norte, rumo à desembocadura do Nilo, onde a mulher da Nêmesis dissera ser a localização da doca. Ao se aproximarem do litoral, o motorista começou a falar em árabe com ele, sinalizando que a estrada era sem saída, que não levava a lugar nenhum, que eles tinham que dar a volta. Ben-Roi mostrou um punhado de dinheiro e lhe disse para continuar. Chegaram ao local onde o posto de segurança do exército aparecia mais à frente, momento em que o motorista parou e se recusou a ir adiante.

— Fim — disse ele. — Soldados. — Não bom.

Ben-Roi pagou e saiu. Enquanto o táxi dava a ré e manobrava — o motorista balançando a cabeça, como se tivesse acabado de lidar com algum tipo de maluco — o farol iluminou um caminho estreito indo em direção às palmeiras. E, em meio às palmeiras, um reflexo branco. Ben-Roi foi naquela direção e descobriu os dois Toyotas Land Cruisers estacionados sob as árvores. Os mesmos Toyotas Land Cruisers que ele vira lá em Mitzpe Ramon, só que agora com placas egípcias.

A Nêmesis estava lá.

— Por favor, Deus, que não seja tarde demais — murmurou ele.

Ele achou o caminho entre as palmeiras e saiu a vinte metros da cerca de alambrado. Serpentinhas de arame farpado no alto, o que complicava muito ir por cima. O pessoal da Nêmesis quase que com certeza tinha cortado o caminho, mas ele podia levar horas procurando a abertura e o tempo já havia se esgotado. Ele seguiu pela beirada do bosque de palmeiras em direção ao portão de segurança, mantendo-se abaixado, esperando conseguir passar sem ser visto. Enquanto fazia isso, ouviu o barulho de motores, e um comboio de dez caminhões passou ruidosamente pela estrada, parando diante do portão. O último parou quase diante dele, e Ben-Roi aproveitou a chance. Escondendo-se nas sombras, ele se esgueirou para trás do caminhão-tanque, subiu a escada que havia lá e se encostou totalmente à superfície curva do reservatório. Tocaram uma buzina, e o comboio voltou a se mover.

Ele tinha entrado.

Dois minutos depois, estacionaram junto a uma fila de armazéns. Ben-Roi escorregou pela escada e se fundiu às sombras. O lugar todo parecia bem maior do que ele antecipara, e receou que levaria horas para localizar Khalifa, quando então, quase que certamente, já seria tarde demais.

Na verdade, levou menos de vinte minutos. Foi para uma ponta da doca, observou o navio chegar de trás de uma pilha de correntes enferrujadas e depois foi para o outro lado. Achou uma porta nos fundos de um dos armazéns, abriu e olhou lá para dentro — preto como breu, com um forte cheiro de óleo mecânico. Fechando a porta, seguiu para a ponta do armazém. O armazém seguinte estava a cinco metros de distância. Entre os dois prédios, um gramado se estendia na direção do cais, e, ao final, havia pilha de caixas. E lá, de pé em cima das caixas, olhando na direção oposta à dele, duas figuras. Difícil ter cem por cento de certeza àquela distância, pois a luz do cais permitia que ele distinguisse apenas as silhuetas, mas algo lhe disse que tinha acertado seu alvo. Pensou em gritar, alertando Khalifa ali de onde ele estava, mas sabia que ela estaria armada e o risco era muito grande. Assim, pisando com cuidado, o ronco e o bater das máquinas abafando o som de seus passos, ele foi na direção deles. A vinte metros de distância, uma das figuras se virou para a outra e ele teve certeza de que era ela. Ele congelou, apertando-se contra a lateral de um dos armazéns. Ela se virou novamente, e Ben-Roi continuou avançando, até ficar bem atrás deles. Sem perda de tempo. Nada de discursos. Sem hesitação. Levantou a mão, agarrou-a pelo cinto e puxou a cadela assassina para trás, para longe das caixas, e a jogou no chão.

— Em nome de Deus, o que você está fazendo Ben-Roi? Saia de cima dela! Saia daqui!

Khalifa agarrou o rosto do israelense. Ben-Roi afastou a mão dele. Arrancando a arma da mulher, jogou-a para trás, colocou-a em pé e a empurrou pelo gramado entre os armazéns, para longe do cais e se ocultando nas sombras. Khalifa foi atrás deles, tentou segurar os braços de Ben-Roi. Ben-Roi o chutou, acertando o egípcio no joelho, derrubando-o.

— Para trás, seu idiota desgraçado. Eu vou explicar tudo. Mas vá para trás.

A mulher lutava e chutava, mas ele a segurava firmemente, uma das mãos a segurando pelo pescoço, a outra lhe torcendo o braço direito nas costas. Ele a empurrou por vinte metros e a forçou para baixo de novo, segurando-a no chão. Khalifa tinha se levantado novamente.

Tropeçando atrás de Ben-Roi, ele enfiou o cano da Glock em sua nuca.

— Saia de cima dela! — rosou ele. — Está me ouvindo? Saia de cima dela ou, Deus me ajude, eu atiro!

— Ela não é quem você pensa, Khalifa!

— Saia de cima dela!

— Ela trabalha para a Barren!

Debaixo dele, a mulher resistia e o atacava.

— Mate-o! — engasgou ela. — Pelo amor de Deus! Ele vai nos entregar!

— Não vou falar de novo, Ben-Roi!

— Me escute! — sussurrou o israelense. — Ela enganou todo mundo! Você, o pessoal da Nêmesis... Ela está infiltrada. Ela é a pessoa da Barren lá dentro.

— Ele está maluco!

Ela tentou se levantar furiosamente para se libertar. Mas Ben-Roi era muito forte. Usando todo o seu peso para segurá-la no chão, ofegando com força, ele virou o rosto. O cano da Glock seguiu pela linha de seu queixo quando ele virou, parando na ponta do queixo. Os olhos dele ardiam na escuridão.

— Já estivemos nisso antes, Khalifa — rosou ele. — Lembra? Na Alemanha? Você ia me matar lá também. E quem estava certo daquela vez? — Ele fixou os olhos no egípcio. — Me escute. É só o que eu peço. Ouça-me por um minuto. Porque você precisa saber o que ela é. *Quem* ela é. Se você quiser atirar em mim depois disso, vá em frente.

A mão de Khalifa estava tremendo. Ele não fez menção de afastar a arma, mas também não a apertou com mais força no rosto de Ben-Roi. Não confiava no israelense, não confiava nem um

milímetro. Ele abandonara a investigação, aceitara um suborno para sair do caminho. Ao mesmo tempo, havia algo em sua voz, na expressão daquele rosto marcado e desproporcional, que o fez parar. E ele *tinha* acertado as coisas antes. Ficaram em silêncio, os três num impasse como numa imagem congelada — Ben-Roi segurando a mulher, Khalifa com a arma em cima de Ben-Roi. Então, concordando quase que imperceptivelmente com a cabeça, Khalifa indicou que iria ouvir.

— É tudo em família, sabe? — começou Ben-Roi, olhando para baixo e para cima de novo. — O fato é que eu estive investigando a árvore familiar errada. Botei na cabeça que ela era filha de Rivka Kleinberg. Mas precisou de um detetive muito melhor do que eu jamais serei para descobrir a verdade. No final, ela não era filha dela de jeito nenhum. Mas sim a afilhada de Rivka Kleinberg. Não é esse o caso, *Rachel*?

Ele a sacudiu, novamente enfatizando o nome, sem tirar os olhos de Khalifa.

— A mãe dela e Kleinberg eram melhores amigas. Fizeram o serviço militar juntas. Mantiveram contato. Mesmo quando a mãe dela foi trabalhar no exterior. Na embaixada de Israel. Em Washington. Departamento de Assuntos Culturais. Que foi como ela chamou a atenção de um certo industrial bilionário americano. Um homem um tanto desagradável conhecido pelo nome de... — ele fez um rápido suspense — Nathaniel Barren.

Debaixo dele, a mulher se contraiu e depois amoleceu. Khalifa continuava com o dedo tenso no gatilho, a mente zumbindo, tentando processar o que acabara de ouvir.

— Ela é...

— Exatamente. A filha de Barren. Rachel Ann Barren, para usar seu nome completo, embora, como o irmão, tenha sido educada sob um pseudônimo, mantida bem longe dos holofotes. Mas uma Barren, ainda assim. A filha obediente. E, como toda filha obediente, parece estar zelando pelos interesses da família.

Os punhos da mulher, Khalifa observou, estavam cerrados como se fossem pedras.

— Isso é verdade? — perguntou com voz rouca.

Nenhuma resposta. Que era exatamente a resposta de que precisava. De repente, sentiu a garganta muito seca. Seu dedo soltou o gatilho. Ben-Roi empurrou a arma com o queixo, afastando-a do rosto. Khalifa permitiu. O estrondo e as batidas no estaleiro pareceram sumir, como se uma porta tivesse sido fechada entre eles.

— É uma coisa curiosa, você não acha? — prosseguiu o israelense, falando tanto para si quanto para a mulher e para Khalifa. — Todas essas multinacionais desonestas que a Agenda Nêmesis denunciou ao longo dos anos, todas essas invasões de hackers, todos esses ousados ataques guerrilheiros, e a única empresa na qual jamais conseguiram encontrar um podre foi a Barren Corporation. Por que você acha que era assim? Não porque não houvesse nada de podre para desencavar, sabemos disso com certeza. Então, por quê? Como pode a Barren ser a única empresa sempre cheirando a rosas? Como sempre conseguiu se manter um passo à frente?

Nenhuma resposta. Era como se houvesse três atores no palco e dois deles tivessem esquecido as falas.

— Certo, e mais essa para vocês — disse Ben-Roi. — Como a Barren descobriu que Rivka Kleinberg era um deles? É algo que vinha me incomodando há algum tempo. Ela não entrou em contato com a Barren, estava mantendo a discrição, coletando as provas sem alarde. Apenas duas pessoas sabiam que ela estava começando a estabelecer as ligações. Uma delas era o cafetão de que lhe falei, Genady Kremenko, e ele jura cegamente que não disse nada. No que, considerando que ele estava com uma arma no meio do pescoço naquele momento, estou inclinado a acreditar. O que nos deixa apenas com... — Deu outro empurrão na figura sob ele. — Ela está enfiada nisso até o pescoço, Khalifa. Eu ainda não juntei todos os pontos, não descobri toda a história, mas de algum jeito a Barren a infiltrou na Agenda Nêmesis e ela vem protegendo a empresa de dentro desde sempre. É por isso que ela queria tanto te encontrar. É por isso que ela queria que você trouxesse o caderno de Samuel Pinsker. Porque, sem você e o caderno, ninguém jamais saberia onde fica a mina. E sem a mina ninguém jamais saberá o que a Barren vem fazendo lá embaixo. Ela ia te descartar, Khalifa. Assim

como descartou a própria madrinha. Não é verdade, Rachel? Você a matou. Você matou Rivka Kleinberg.

No chão, a mulher conseguir virar a cabeça de algum jeito de forma a olhar de lado para ele.

— Você realmente é um putto idiota — soltou ela. — Ainda mais idiota do que eu achei que fosse. Quando eles mataram Rivka, eu estava a quase mil quilômetros de distância, no meio do Congo. E se eu quisesse matá-lo — ela apontou Khalifa com o ombro — poderia ter feito isso a qualquer momento nas últimas três horas. Assim como eu poderia ter enfiado uma bala na *sua* cabeça lá em Mitzpe Ramon. Não é de admirar que empresas como a Barren se livrem quando o melhor que a lei pode oferecer contra elas são imbecis como você.

Em cima dela, uma sombra de dúvida passou fugazmente pelo rosto de Ben-Roi. Sacudindo a incerteza, levantou-a bruscamente.

— Como eu disse, não tenho todas as respostas. As respostas podem esperar. Por enquanto, vamos dar o fora daqui. E você vem...

Ele foi interrompido por uma súbita explosão de estática no rádio que ficara em cima das caixas. Ouviram um som que pareceu uma rajada de tiros e uma voz. Uma voz feminina. Frenética, rouca, alarmada.

— Fuja, Dinah! É uma armadilha. Eles estavam esperando por nós! Fuja! Fuja! Eles sabem quem somos...

A voz foi engolida por uma outra rajada de tiros. Assustado, sem saber o que estava acontecendo, Ben-Roi relaxou a pressão sobre ela momentaneamente. Foi o suficiente. Sua prisioneira chutou para trás cruelmente, acertando seu tornozelo, escapando de seus braços no mesmo movimento. Girando, acertou-o entre as pernas com o joelho, fazendo com que se dobrasse e bateu com a base da mão sob seu maxilar, jogando sua cabeça para trás, desequilibrando-o. Khalifa fez um gesto para alcançá-la, mas ela já estava correndo de volta pelo gramado em direção às caixas lá no final.

— Atire nela — engasgou Ben-Roi, dobrado e agarrando aos joelhos, o sangue jorrando da boca. — Atire nessa vaca!

Instintivamente, Khalifa levantou a Glock, segurando o pulso direito com a mão esquerda para fixar o alvo. Era um tiro fácil, apesar das sombras, as laterais dos armazéns limitando a amplitude do movimento, a iluminação do cais a iluminando de trás, fazendo dela um alvo claro. Ele ajeitou o cano, acompanhando-a, o dedo em volta do gatilho. Mas não foi capaz de disparar. Ela chegou na saída entre os armazéns, pegou sua Glock no chão, onde Ben-Roi a jogara, pulou sobre as caixas como se subisse um lance de escadas. No alto, ela parou e se virou. Por um breve instante, seus olhos encontraram os de Khalifa. Não estava certo, mas achou que ela balançou a cabeça, ainda que não soubesse o que aquilo pudesse significar. Então, pegando o rádio e a câmera de vídeo, ela pulou as caixas e foi embora. Ele abaixou a arma.

Ao lado dele, Ben-Roi se pusera de pé novamente.

— Por que você não atirou nela, porra? — ele tossiu, a voz saindo pastosa, mole, como se alguém tivesse enfiado uma esponja molhada em sua boca.

— Não consegui — resmungou Khalifa. — Não numa mulher. Não pelas costas.

Ele ficou ali por vários segundos, por demais atordoado para conseguir se mexer, a mente disparando. Ouviram então outra rajada de tiros, atrás deles desta vez, próximo à cerca, e ele sentiu a mão do israelense em seu ombro.

— Temos que dar o fora daqui.

Khalifa se virou. Não fazia ideia do que estava acontecendo ou quem estava disparando, por que estavam atirando, se Ben-Roi estava certo ou errado sobre a mulher. O que ele sabia era que o israelense fizera um longo caminho para correr um grande perigo e ajudá-lo, e isso, pelo menos, merecia algum crédito. Ele começou a dizer alguma coisa, parou no meio, incapaz de encontrar as palavras que procurava. Em vez disso, levantando um braço, passou a manga pela boca ensanguentada do homenzarrão.

— Você está um horror, seu bastardo judeu.

Ben-Roi resmungou.

— E você está exatamente como sempre, um muçulmano safado.

Cumprimentaram-se com a cabeça, apertaram-se as mãos e começaram a ir pelo gramado na direção oposta ao cais. Haviam caminhado poucos metros quando figuras escuras subitamente apareceram na sua frente. Uma explosão de balas esburacou o chão diante de seus pés.

— Armas no chão e mãos na cabeça! — mandou uma voz rude. Sotaque americano. — Só vou falar uma vez.

As armas foram para o chão e as mãos se levantaram.

Foram empurrados pelos fundos do armazém e de volta para o cais.

O nevoeiro ficara nitidamente mais denso nos últimos vinte minutos. Diante deles, o navio estava agora envolto num denso véu branco, os seus contornos borrados e indistintos, como se sessenta mil toneladas de aço lentamente estivessem se desmaterializando. Ondas de bruma rolavam pela superfície do cais como gelo seco; os gigantescos pés dos guindastes se perdiam na obscuridade. Toda a cena ia se tornando estranhamente irreal, como num sonho. Uma sensação que aumentou quando uma sirene soou e o trabalho de descarga parou subitamente. Os motores foram desligados, os trabalhadores sumiram, as luzes foram reduzidas. Um silêncio e quietude sinistros tomaram conta de tudo.

Ben-Roi e Khalifa olharam um para o outro, mas não falaram nada.

Foram levados pelo cais até a popa do navio. Uma grande limusine preta estava estacionada lá, ao pé da rampa de embarque. Ao lado dela, havia três figuras musculosas de rostos severos, vestidas de forma semelhante aos que vigiavam os detetives: jeans, botas de deserto, coletes à prova de balas. Estavam armados com submetralhadoras Heckler & Koch MP5 e pistolas Sig Sauer. Seus rostos não registravam qualquer interesse visível quando os detetives foram empurrados adiante pela prancha do navio.

Subiram pelo lado do navio, os degraus do metal soando sob seus passos. No alto, saíram num corredor estreito do convés que ia para a superestrutura na popa. A névoa estava bem mais densa aqui, como se tivessem subido em uma nuvem, e o topo da superestrutura se perdia na escuridão acima deles. Em algum lugar

lá em cima, ouviam vozes falando em uma língua que não entendiam. *Russos*, pensou Ben-Roi. Sentiu alguma coisa correr por seu rosto e percebeu que eram cinzas de cigarro caindo. Ele não se deu ao trabalho de expressar qualquer protesto.

Com um aceno das armas, seus captores mandaram os dois detetives virarem à direita da base da superestrutura, para ficar diante dela. Ali, colocado bem no final do convés, havia um contêiner retangular de armazenamento. Aquele onde Vosgi e as outras pobres meninas foram traficadas, pensou Ben-Roi. As portas de aço estavam abertas. Estava escuro demais para verem algo no interior além de alguns colchões jogados pelo chão. Havia um forte cheiro de urina e metal enferrujado.

Foram empurrados contra a lateral do contêiner, no meio de um fraco círculo de luz lançado por uma lâmpada colocada na superestrutura. Diante deles, a base de um guindaste de pórtico avançava pela bruma, proporcionando uma passagem sobre os porões abertos de carga. Os guardas recuaram, apontando-lhes as Hecklers.

Alguns minutos se passaram, os guardas ali parados, Khalifa e Ben-Roi trocando olhares ocasionais, mas em silêncio, incertos sobre o que se passava. Subitamente, ficaram tensos. Ouviram um som. Fraco, mas audível. Na frente deles. Em algum lugar na névoa, ao longo do caminho do guindaste. Uma espécie de gemido agudo, ritmado e fantasmagórico. Seus punhos se fecharam instintivamente, os olhos fixando às sombras tentando distinguir a origem do som. O barulho prosseguiu, aproximando-se. Havia algo perturbador naquilo, maligno, a maneira como ecoava pelas sombras, como se algum tipo de predador se esgueirasse na direção deles, farejando o caminho ao longo da passarela do guindaste, com intenções malévolas.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso — murmurou Khalifa, apertando-se contra a lateral do contêiner.

— Não me diga — foi a resposta de Ben-Roi.

O som estava cada vez mais próximo, cada vez mais alto. Agora acompanhado de passos — passadas rápidas batendo na grade de metal da passarela. E também uma forma. Um borrão indistinto de

uma sombra se movendo pela névoa. Assomou e se avolumou, como se estivesse se materializando diante de seus olhos, os contornos se solidificando lentamente até finalmente se definirem na figura de um homem. Um homem grande, gordo e grisalho, arrastando os pés atrás de um suporte de caminhada com três rodinhas.

Nathaniel Barren.

Ele se aproximou e se revelou no círculo de luz.

— Boa noite para todos, cavalheiros.

Sua voz era um rosnado profundo e rascante. Fez uma pausa, olhou para eles e disse:

— Trata-se de um navio impressionante e poderoso, não acham? Eu acabei de dar uma volta pelo convés. Preciso que deem uma olhada nesta rodinha. — Ele indicou uma das rodas do andador. — Um pouco de óleo deve resolver. — Ele resmungou e levantou uma das mãos, mandando os guardas se afastarem. Retiraram-se para a beira da névoa — o suficiente para saírem de cena, o bastante para manter os prisioneiros sob a mira das Hecklers.

— Normalmente, deixamos as questões de segurança para nossos colegas egípcios — disse o velho, acomodando o peso no andador —, mas, na noite de hoje, achei melhor trazer alguns de nossos rapazes também. Apenas para acertar as coisas um pouco. E estão fazendo um ótimo trabalho.

Ele fez um gesto de aprovação com a cabeça. Uma máscara de plástico estava pendurada em seu pescoço. Um tubo fino descia dela até um cilindro de oxigênio amarrado ao andador.

— Eu tinha um compromisso no Egito, de qualquer modo — prosseguiu, tirando um lenço do bolso e secando a boca. — Essa porcaria de inauguração de museu amanhã à noite, lá em Luxor. Pareceu-me razoável fazer uma parada por aqui também. Matar dois coelhos com uma cajadada, por assim dizer.

Diante dele, Khalifa e Ben-Roi estavam com as costas coladas na lateral do contêiner. Os olhos de Khalifa fixavam Barren, ardendo de ódio. A expressão de Ben-Roi era mais inquiridora. No interior de sua cabeça, as engrenagens giravam, tentando encontrar a trama de todos os fios, entender o que estava acontecendo.

— Acabamos de encontrar sua filha — disse ele, tocando a boca inchada.

— Agora mesmo? — sorriu Barren. — Uma jovem extraordinária, não acham?

— Ela trabalhava para você desde o começo?

O sorriso aumentou.

— Como eu disse, uma jovem extraordinária. E corajosa. Tenho muito orgulho dela.

— Ela armou isso tudo? — perguntou Khalifa, o rosto branco, a voz estranhamente fria. — Trouxe a Nêmesis até aqui para que vocês os matassem?

Barren mexeu os pés e ajustou os ombros, acomodando o peso no andador.

— Digamos que seja um grande conforto saber que, quando eu me for, tanto a família quanto a empresa estarão em boas mãos.

Ele deu uma risada, seca e desagradável, como um cão ofegante. Secando a boca novamente, colocou o lenço de volta no bolso. Internamente, as engrenagens mentais de Ben-Roi continuavam a girar. De alguma maneira, a trama não se completava. Havia pontas soltas. As coisas não encaixavam.

— Essa gente... eles eram apenas uma parte da história — disse ele. — Um grupo separado, uma célula. A Agenda Nêmesis ainda existe. Você não se livrou deles.

Outra risada.

— Vamos por partes, detetive. Um passo de cada vez. Acredite: estamos no controle da situação.

— E sobre Rivka Kleinberg? — Ben-Roi achava que poderia perfeitamente descobrir o máximo do cenário antes que o inevitável acontecesse. — Quem a matou? Rachel?

Barren descartou a pergunta com um aceno.

— Alguém que tem os melhores interesses da empresa em seu coração — respondeu. — Diante das circunstâncias, acho que não há necessidade de ser mais específico do que isso. Embora os créditos sejam merecidos, você resolveu todo o resto muito bem. Eu vi uma cópia de seu relatório. Uma excelente obra detetivesca.

Ele levantou sua mão inchada, com manchas vermelhas, e acenou para Ben-Roi com uma saudação irônica.

— Como o senhor resumiu, nós nos deparamos com a mina quando estávamos prospectando naquela parte do mundo. Não demos muita atenção na época. Somente quando começamos a explorar a concessão de Drăgeș foi que nos ocorreu que tínhamos uma instalação de armazenamento pronta para parte do lixo que éramos obrigados a transportar.

Uma rajada de vento momentânea cobriu a sua caratonha de abóbora atrás de um véu de neblina.

— Esse foi o único detalhe importante que você perdeu — prosseguiu quando a névoa se desfez. — Não estamos depositando *todo* o lixo lá. Apenas um quarto de tudo. O resto vai mesmo para os EUA, para reprocessamento e aterro. Uma porcaria de um negócio muito caro, como eu lhe disse quando conversamos na outra noite. Um grande corte em nossas margens. Mesmo descarregar apenas 25% aqui já nos economiza centenas de milhões de dólares. O que significa dizer que *ganhamos* centenas de milhões de dólares. E, no final das contas, é disso que se trata, não é mesmo? Aumentar sempre as margens. Ganhar dinheiro.

Arqueou as sobrancelhas peludas e cinzentas, como se esperasse que Ben-Roi e Khalifa expressassem sua concordância com a análise. Eles não o fizeram, apenas ficaram parados lá, em silêncio. Barren não pareceu especialmente incomodado pela falta de resposta.

— Eu a encontrei algumas vezes, aliás — completou. — A tal Kleinberg. Ela era amiga da minha querida e falecida esposa. Não posso dizer que gostasse muito dela. E não acho que gostasse de mim, tampouco. Engraçado, as pequenas coincidências que a vida nos prepara.

Ele sorriu, contraindo o rosto quase que imediatamente quando foi acometido por um acesso de tosse. Seus ombros subiram, os olhos remelentos se arregalaram enquanto os pulmões se contorciam buscando o ar. Diante dele, os olhos de Ben-Roi se desviaram para os guardas enquanto ele tentava calcular suas chances de suplantá-los. Poucas, concluiu. Muito poucas.

— Então, e agora? — perguntou enquanto Barren finalmente se recuperava.

— Agora? As mãos do velho se abriram e fecharam nos punhos de borracha do andador. — Agora creio que vamos esperar essa névoa subir e concluir a descarga. E, então, o capitão Kremenko e sua tripulação vão começar a resolver todos os problemas que causaram com sua pequena operação de tráfico de putas levando vocês dois, cavalheiros, para o meio do mar, onde serão cortados em pedacinhos e jogados para os peixes. O mesmo destino dos corpos dos baderneiros da Nêmesis, que acredito estarem sendo recolhidos enquanto conversamos. E, embora não possa dizer que derramarei alguma lágrima, se servir de algum consolo, matar policiais jamais foi algo com que minha consciência se sinta confortável. Mas o que posso fazer?

Ele encolheu os ombros, desconsolado, como se fosse forçado àquilo de alguma maneira.

— Devia ter aceitado o suborno, detetive. A primeira regra dos negócios: se um bom acordo é oferecido, trate de aceitar.

Foi atacado por um novo acesso de tosse. Ao lado de Ben-Roi, Khalifa também considerava as chances de derrubar os guardas. E, como o israelense, considerou que eram tênues, beirando a não existência. Diante dele, a poucos metros, estava o homem que ele considerava o responsável pela morte de seu filho. O centro da roda onde todo o seu mundo se romperia. E não podia pegá-lo. Sentia o peito vazio pela frustração.

— De qualquer modo, cavalheiros — retomou Barren finalmente. — Chega de conversa. Sou do tipo direto e quis vir diante de vocês, olhá-los de frente, esclarecer quaisquer dúvidas que pudessem ter. Agora que já fiz isso, vejo pouco sentido em prolongar o encontro. Assim, se não se importam...

Ele acenou com a cabeça para os guardas, que se aproximaram alguns passos, as Hecklers apontadas, faces roboticamente impassíveis. Com um movimento das armas, indicaram o interior do contêiner para os dois detetives.

— Nunca fui um grande fã de teatro — disse Barren, enquanto eles entravam no interior fétido e se viravam —, mas vocês devem

admitir que existe uma certa... qual é a palavra?... Sincronicidade nisso tudo. Nossos problemas começaram com esse contêiner, e é exatamente onde terminarão. Se por nenhuma outra razão isso atende ao meu senso de limpeza.

Ele sorriu e sinalizou para os guardas a fim de que começassem a fechar o contêiner. Khalifa pôs um pé bloqueando as portas, forçando para que ficassem abertas.

— Você matou meu filho — disse, olhando para Barren. — Você matou meu filho e eu vou te matar.

O queixo do velho se moveu para a frente.

— Vai mesmo? Bem — ele levantou o braço e olhou o relógio — você tem cerca de quatro horas para conseguir. Depois disso, estará lá no fundo do mar com caranguejos comendo seus olhos. Portanto, se eu fosse você, começaria a me mexer.

Mais uma daquelas risadas com chiado, e Khalifa foi empurrado para trás, as portas do contêiner se fechando diante de seu rosto. Ouviram o ruído metálico da tranca sendo passada — a segunda vez em vinte e quatro horas que se via preso numa escuridão impenetrável — e o rangido do andador de Barren se arrastando pelo convés. O som parou após alguns segundos. Um silêncio e então:

— Olá, papai. Há quanto tempo.

Fechando o punho, Khalifa bateu contra o interior da porta.

— Mentirosa! — gritou. — Mentirosa, mentirosa, mentirosa!

RACHEL

No momento em que ela ouviu os gritos de Tamar no rádio, “Saia daí! É uma armadilha!”, Rachel soube que ele estava lá na doca. Não sabia explicar como, era incapaz de racionalizar o sentimento. Apenas sabia. Subitamente sentira sua presença. Dentro dos ossos, lá no fundo das entranhas. No mais fundo do fundo. Exatamente como se sentia quando era criança. Remoendo seus pensamentos na biblioteca lá no alto da mansão; aproximando-se como uma nuvem de tempestade pelos corredores mal-iluminados. Todos esses anos, e agora ele estava novamente por perto. Querido papai. Veio para buscar sua filhinha. Como ela sempre soube que ele viria. A família sempre busca reunir os seus. O Labirinto sempre nos puxa de volta para o seu coração.

Ela se livrou do policial israelense, passou por cima das caixas e começou a correr pelo cais, ignorando os gritos dos estivadores, apontando sua arma para qualquer um que se aproximasse demais. Era como se tivesse caído num sonho — tudo vago e indeterminado pela névoa, a forma como todos os motores pararam subitamente e o silêncio caiu. Ela chamou pelo rádio, insistentemente, gritando seus nomes — Gidi! Tamar! Faz! —, mas sabia que era inútil e acabou jogando o aparelho de lado. A filmadora também. Nem sabia por que se incomodara em pegá-la. Não sabia nada, exceto que os outros estavam mortos, que ela estava correndo e que o papai estava lá e finalmente a alcançara, assim como ela estivera esperando para alcançá-lo nesses últimos onze anos. Depois de tanto tempo mantendo o passado longe, depois de ter enterrado tanto de si em si mesma.

Fique bem escondida, não deixe ninguém te ver.

E, agora, o passado se tornara presente. Tudo se revelava.

Por duas vezes, apareceram homens do nada e a seguraram, por duas vezes ela ouviu as vozes ordenando que a soltassem.

— É essa aí. Soltem ela.

Ela era Rachel. Sempre fora ela.

Empurrou-os para longe e continuou correndo.

No fim do cais, a neblina estava grossa como leite. Ela desceu pelo concreto para as rochas abaixo, vasculhando por onde Tamar e Gidi tinham montado a câmara, procurando por eles. Não havia nada que pudesse fazer para mudar o que tinha acontecido, mas ela precisava ver com os próprios olhos. Pelo menos tentar se despedir antes de ir encontrá-lo. Especialmente de Tamar. Com Tamar ela quebrara a regra de ouro. Aproximar-se. Assim como tinha feito com Rivka. E com sua mãe também. E sempre que a regra foi quebrada, coisas ruins aconteceram.

— Não é minha culpa — disse ofegante. — Não é minha culpa. Não é minha culpa.

Embora, lá no fundo, mesmo após todos esses anos, ainda havia uma parte de si que se perguntava se a culpa era dela. Se ela poderia ter feito mais para resistir. Se Rachel era realmente uma prostituta.

— Me desculpem. Me desculpem, por favor.

Ela se desorientou por um momento. Um motor foi ligado em algum lugar à frente, a sua direita, afastado do rio. Um motor de caminhão. Luzes atravessaram a névoa. Rachel titubeou na direção delas, começou a andar por um chão de cascalho, algum tipo de caminho. Nada parecia real. O nevoeiro se abriu. Diante dela, a cinco metros de distância, o bagageiro de uma caminhonete. Dois homens sentados nas laterais, vestidos como os que a haviam segurado no cais — jeans, botas de deserto, coletes à prova de bala. E deitados aos seus pés, no chão do bagageiro, como troféus de caça, três corpos. Dois homens e uma mulher. Olhos abertos. Muito sangue. Ela ouviu um grito, precisou de um momento para perceber que saía de sua própria boca. Tentou segurá-los, mas a caminhonete já se afastava. Um dos homens apontou para o navio, disse alguma coisa que poderia ser, “Ele está lá”. E então a neblina os engoliu e a caminhonete desapareceu.

Ela estava sozinha. Como sempre estivera. Sozinha na neblina. Nas trevas de sua própria vergonha.

De forma automática, refez seus passos. De volta pelas rochas, de volta ao cais, de volta para o navio, a Glock ainda pendendo de sua mão. Tudo parecia acontecer em câmera lenta, como se ela fosse a personagem de um filme que se desenrolava a meia velocidade. Ela chegou à prancha na proa do navio, subiu para o convés, seguiu pela passarela pelo meio do navio, os porões de carga abertos dos dois lados, como piscinas negras.

A presença dele aumentava a cada passo, cada vez mais forte. Uma gravidade negra a atraindo inexoravelmente para si.

E então, de repente, lá estava ele na sua frente. Arrastando em um andador junto a um grande contêiner. Um enorme vulto, pesado e ameaçador, movendo-se pela sombra. Exatamente como ela se lembrava dele.

Provavelmente ele também a pressentiu, pois parou e se virou. Seus olhos se encontraram. O rosto grisalho de urso se abriu em um sorriso. Neste momento, o filme acelerou e começou a passar na velocidade normal, não mais como num sono. Repentinamente, ficou tudo muito imediato e real. Seu coração disparou, sentiu o estômago se contrair. Novamente aquela dor entre as pernas.

— Olá, papai. Há quanto tempo.

Para Ben-Roi e Khalifa, pareceu a saudação de uma filha bem amorosa. O retorno da filha pródiga.

O que eles não podiam ver — trancados na escuridão do contêiner, separados por uma parede de aço — era a expressão no rosto dela.

A expressão do mais puro e essencial ódio. Um ódio que beirava a loucura, como se estivesse enfrentando algo tão repugnante, tão absolutamente execrável, que ela mal pudesse se segurar para não cair de joelhos e vomitar.

Por um momento, ela ficou lá, congelada, o convés ecoando com os socos dentro do contêiner e os gritos de "mentirosa!". Com o dedo no gatilho da Glock, ela avançou dois passos e entrou no círculo de luz. Diante dela, Barren arrastou o andador e também se aproximou, acenando para os guardas deixarem o convés e apenas

os dois permanecerem ali. Face a face. Pai e filha. Depois de todo aquele tempo.

— Olá, minha querida Rachel. — Ele piscava os olhos remelentos e úmidos, a boca se curvando num sorriso de adoração. — Já faz muito tempo mesmo. Senti saudades. Mais do que posso expressar.

Ele esticou a mão trêmula, tentando alcançá-la. Ela não se mexeu. Todos esses anos e o horror continuava tão intenso como sempre fora.

— Você está maravilhosa — chiou ele, admirando-a com os olhos de cima abaixo. — Tão crescida. Uma bela mulher agora. Vejo sua mãe em você. Muito de sua mãe. Você me deixa tão orgulhoso.

Ele fez menção de se arrastar um pouco mais para perto, mas ela levantou a arma.

— Não.

Ele parou, o peito arfando com o esforço da respiração para abrir caminho pelos pulmões doentes. Por uma fração de segundo seus traços endureceram. Para relaxar quase que imediatamente.

— Lamento por seus amigos — disse ele, o sorriso se refazendo numa expressão de simpatia. — Sinceramente. Sei que isso deve ter chateado você. Mas tinha que ser feito. Está na hora, sabe? Na hora de você voltar para casa. Seu pai precisa de você. Sua família precisa de você.

Ela apenas olhava para ele, o rosto pálido como a névoa. Sentia o cheiro de sua loção pós-barba — denso, oleoso, vagamente metálico. Um cheiro que carregava tantas outras coisas consigo. Sons — pés no tapete, maçaneta rangendo na porta — sensações: peso, pressão, penetração. As coisas de seus pesadelos. As coisas das quais ela fugira por toda a sua vida.

— Não tem sido fácil — dizia ele. — Não ter você por lá. A casa tão vazia. Especialmente depois que sua querida mãe faleceu... — Ela não "faleceu". — Sua voz saiu estranhamente fria, inexpressiva. — Ela se matou. Você sabe disso.

Diante dela, Barren se inclinou para a frente sobre o andador, a cabeça balançando com pesar.

— Eu sei disso, Rachel, eu sei, ainda que eu tente...

— Ela se matou porque descobriu a verdade. Porque eu contei a ela o que aconteceu.

Novamente, a contração momentânea dos traços do velho. Mais demorada, desta vez.

— Isso é passado, Rachel. Não devemos nos prender a isso. O que importa é o presente. E o futuro. O futuro da nossa família. Por isso que está na hora de dar um fim a isso tudo — ele fez um círculo com o braço — levar você para casa. Eu te dei liberdade. Permitted que você colocasse tudo para fora. Agora está na hora de você voltar para onde você pertence. Assumir suas responsabilidades.

Ele olhou para ela por um tempo, depois baixou a cabeça, com uma tosse sucessiva irrompendo do peito. Procurando a máscara de oxigênio, encaixou-a sobre a boca. Ainda precisou de mais alguns momentos para se recuperar.

— Seu papai não é um homem saudável, Rachel — disse com voz rascante, por dentro da máscara, o som abafado pelo plástico transparente. — Os médicos me deram seis meses. Doze, no máximo. Preciso pensar na sucessão. Quem vai liderar a família. Tocar os negócios. William...

O nome provocou um novo acesso de tosse, todo o corpo se sacudindo, os olhos se esbugalhando tanto que pareciam prestes a saltar para fora das órbitas.

— William... Bem, todos sabemos o que o seu irmão é. Um viciado inútil, um sonhador traficante de putas. Vive numa porcaria de fantasia. Acha que é o grande homem. Acha que vai tomar o controle. Iniciar algum tipo de aquisição hostil. Uma espécie de golpe de estado. Aqui! Tudo aqui! — Ele martelou com a ponta do dedo ironicamente do lado da cabeça. — Ele é um anão. Sempre foi, sempre será. Soube no momento em que o vi. Não tem espinha. Nenhuma inteligência. Você, por outro lado — ele abaixou a máscara, o peito arfando sob o casaco de tweed. — Você, Rachel, você é a verdadeira. Uma verdadeira Barren. Mais coragem e cabeça que o merda do seu irmão jamais vai ter. Você já provou isso nos últimos anos. Muitas e muitas vezes. Você é única. A verdadeira herdeira. A herdeira legítima. É seu, Rachel. Tudo. E agora preciso

que você comece a segurar as rédeas. Preciso que volte para casa e faça aquilo que nasceu para fazer.

Ele estendeu a mão novamente, chamando-a. Ela olhou, balançando a cabeça, o rosto retorcido com uma expressão de descrença.

— Você é louco — murmurou ela. E, então, mais alto: — Você é louco.

Ombros do velho subiram, como uma naja abrindo a capa.

— Sei que você está sofrendo, Rachel...

Ela explodiu.

— Você é completamente louco. — Subitamente, sua voz foi tomada pela emoção. — Voltar para casa! Depois do que você fez! Depois de tudo o que você fez! Por que você acha que fui embora em primeiro lugar? O mais longe que pude. Mudei meu nome, minha identidade, passei todas as horas acordada lutando contra gente como você? Fiz tudo o que podia para foder com a Barren? Do mesmo jeito que você fodeu com...

— Rachel...

Ela jogou a cabeça para trás.

— Eu era uma criança, seu animal desgraçado! — agora gritando, os olhos selvagens, gotas de saliva saltando da boca. — Dez anos! Todas as noites! Nosso pequeno segredo! O amor especial do papai! Só para mostrar o quanto eu gosto de você. Não se preocupe se doer um pouco! É natural, perfeitamente natural! Seu maldito, maldito...

— Já chega, Rachel!

— Volte para casa! Tome as rédeas! Depois disso? Depois de Rivka? Depois de hoje à noite? Seu louco, maldito, alucinado! — sua voz falhava, as palavras ficando presas na garganta, a respiração ofegante, desesperadamente curta. — Eu jamais vou voltar! Está me entendendo? Jamais. Jamais. Jamais vou me envolver em nada disso. Nunca trabalharei para a Barren. Jamais farei parte dessa sua repugnante, distorcida...

A mão esquerda começou a arranhar sua cabeça. Exatamente como costumava fazer quando ela era jovem. Quando ele estava

dentro dela. Arrancando os cabelos como se tentasse se arrastar desesperadamente para longe dele.

No mesmo movimento a outra mão subiu e apontou a Glock para a cabeça dele. Que fora o motivo para ela subir até lá em primeiro lugar. O que ela deveria ter feito há muito tempo. O que estivera simplesmente projetando nos últimos onze anos, com todas as marchas, protestos, motins e ações da Nêmesis. Transferindo. Substituindo. Da maneira como se quisesse chamar. Adiado o inevitável.

E agora chegara a hora. Como o papai disse.

A hora da verdade.

A hora da punição.

Diante dela, Barren prendera a máscara contra o rosto novamente. Puxou uma série de respirações lentas e roufenhas, sem nunca tirar os olhos dela, o plástico ficando embaçado em torno da boca. Então, lentamente, a máscara caiu.

— Ah, minha Rachel — disse ele. — Minha querida, querida Rachel.

Nenhuma culpa na voz, ainda que ela não esperasse por isso — seu pai não era um homem que se autorreprovasse. Capaz de sentir qualquer dívida moral. Nenhum medo, tampouco, mesmo com uma arma apontada diretamente entre seus olhos. Em vez disso, uma espécie de censura medonha e indulgente. Como um pai cujo filho tivesse se comportado mal, mas que amasse a criança excessivamente para se deixar aborrecer.

Ela sentiu um nó no estômago.

— Sei como é difícil para você, Rachel. O fardo que isso pode ser. O dever. O destino. Você sempre foi um espírito livre. Nunca poderia ter sido fácil. Mas você precisa entender que este é o seu destino. Liderar a família. A empresa. Você não pode mais escapar do sangue que corre em suas veias. Você é uma Barren. Goste ou não, você é parte disso. Envolvida. É quem você é. Quanto a trabalhar para nós — sorriu ele —, bem, você já vem fazendo isso na verdade, não será uma mudança tão grande.

Ela piscou, sem saber o que ele queria dizer. Ele se esticou na direção dela por cima do andador, os olhos brilhando.

— Mensagem recebida — disse ele em voz baixa. — Oferta aceita. Lutamos juntos.

Ela já estava pálida, mas seu rosto pareceu perder a cor de maneira ainda mais mortal. Teve que forçar a boca para que conseguisse articular alguma palavra para fora.

— O que você... como você...

— Ora, Rachel, você não vê? — Novamente, o tom de censura indulgente. — *Nós somos a Agenda Nêmesis*. A Barren Corporation. Somos nós. Nós a operamos.

Houve um silêncio breve, horrorizado. Suas pernas então pareceram sumir sob ela. Ela caiu para trás, um engasgo ofegante ecoando de dentro dela: parte um gemido, parte como se estivesse sendo estrangulada.

— Não — murmurou ela. — Você está mentindo. Está mentindo.

Embora visse no rosto dele que era verdade. O sorriso de beijos moles. A dureza triunfante nos olhos. Exatamente como costumava entrar em seu quarto à noite, afastar suas cobertas, o domínio absoluto...

— Oh, Deus, não — murmurou ela. — Oh, Deus, não, por favor.

Ele abriu as mãos. Inchadas, grossas, grandes como luvas de beisebol.

— Somos donos de tudo, Rachel. Controlamos tudo. Tudo. Isso é o que a Barren é. Controle.

— Oh, Deus, não.

— Jamais imaginei, por um minuto, que ficaria tão grande. Era para ser apenas uma coisa pequena. Uma coisa simples. Um pequeno truque para minar alguns de nossos concorrentes. Um dos nossos rapazes sugeriu a criação de um website, cavando um pouco da sujeira, botando para fora para todo mundo ver, usando o pretexto de um desses grupos anticapitalistas malucos. — Ele balançou a cabeça. — A coisa toda simplesmente decolou. Entrou em algum tipo de *zeitgeist* enlouquecido. Temos dois *supergeeks* coordenando a coisa toda lá em Houston. E uma rede internacional de ativistas nos alimentando com material, na crença equivocada de que, de alguma maneira, estão ajudando a derrubar o sistema. Precisamos pagar uma maldita fortuna para o nosso pessoal ficar de

boca fechada, mas, pode acreditar, vale cada centavo. Com a Nêmesis, podemos foder com a concorrência apenas apertando um botão. É como acertar um peixe dentro de um balde. Fodasticamente inacreditável!

Voltou a balançar a cabeça. O ganhador da loteria tentando compreender toda a dimensão de sua boa fortuna.

— Obviamente, temos que ser cuidadosos. Não mirar apenas na concorrência. Isso deixaria uma trilha clara demais. E, obviamente, nos voltamos para nós algumas vezes. Nada muito forte, apenas o suficiente para tirar as pessoas do nosso rastro. A ironia é que a Agenda evoluiu para se tornar uma espécie de critério distorcido de probidade corporativa. Ninguém mais confia na porra das agências reguladoras, mas, com a Agenda Nêmesis — eles estão ao lado dos anjos! Se é o que a Agenda diz, com certeza deve ser verdade. E o fato de que a Agenda jamais conseguiu arrancar nada da Barren, Jesus Cristo, é como ser pessoalmente endossado por Deus! Nunca imaginei a força benéfica que a internet poderia ser!

Sua gargalhada era um grasnido roufenho. Ela sacudia a cabeça com uma expressão devastada.

— E vai saber o que pode acontecer? De repente, recebemos uma mensagem no site da Nêmesis da minha filhotinha. Da minha princesa Rachel. Perguntando se ela poderia se juntar às nossas forças. Trabalhar com a Agenda. Não poderia ser mais perfeito se eu mesmo tivesse feito o roteiro. O cenário dos sonhos. Você precisou queimar algumas calorias, viver suas pequenas aventuras, combater o bom combate, e o tempo todo, na verdade, esteve trabalhando para a corporação. De volta ao cercado. De volta para o lugar ao qual pertence.

Ela tremia, o rosto cinzento, a Glock agora caída para o lado, como se já não tivesse mais forças para sustentá-la. Era como se houvesse retornado para a mansão. Encolhida na cama. Pequena, fraca, impotente, o pai a pressionando, impossível resistir.

— Embora, é claro, a despeito do que você queira pensar, a realidade é que você nunca esteve fora do cercado — prosseguiu ele, avançando meio passo com o andador, a rodinha guinchando. — A verdade é que sempre estivemos observando você, Rachel. Desde

a hora que você saiu de casa, não houve nem um momento de um único dia em que eu não soubesse exatamente onde você estava, o que estava fazendo e com quem andou falando. Todos aqueles grupos aos quais você se associou, todas as marchas de que participou — cada uma delas, sempre teve gente por perto, de olho em você. Suas pequenas aventuras na Nêmesis — sempre com especialistas prontos para entrar em cena caso alguma coisa desse errado. Seu esconderijo no Neguev — grampeado e filmado do início ao fim. Foi assim que soubemos de Rivka Kleinberg. Não há uma coisa sequer que você tenha dito ou feito que eu não tenha ouvido ou visto. Tudo, Rachel. *Tudo*. Você e sua amiguinha sapatão...

Seu peito arfava, suas pálpebras pareciam vibrar.

— Nossa, você é tão linda. Tão linda, minha querida. Você não tem ideia do quanto eu gostaria de tocar...

Ela se dobrou, engasgos, golfadas de vômito saindo de sua boca e caindo no chão de aço do convés. Ele fez mais um movimento para frente, mas ela levantou a arma, sacudindo-a contra ele.

— Para trás! — gritou ela. — Para trás, seu monstro filho da... — outra golfada de vômito.

— Deixe-me ajudá-la, Rachel, por favor.

— Para trás!

Ele balançou a cabeça, numa paródia grotesca de pai aflito.

— Eu sei que é difícil, minha querida. Mas é assim que são as coisas. Como eu disse, nós somos os donos de tudo. Controlamos tudo. Não adianta lutar contra isso. Não há sentido em resistir. É o seu destino. Não há saída. Você vai voltar para casa, Rachel. Por favor, não seja dura consigo mesma. Aceite quem você é. Entregue-se.

Diante dele, ela deu uma última golfada e se levantou, enxugando a boca com a manga. Por um momento, os dois ficaram frente a frente, Barren sorrindo benignamente, e sua filha, derrotada e com uma expressão vazia. Então, com um aceno de cabeça, ela levantou a arma, apontou e disparou.

Houve uma explosão de metal no momento em que o cadeado do contêiner explodiu.

— Mas que... — Barren começou a arrastar o andador em volta, tentando ver o que estava acontecendo. Ela se desviou dele, aproximou-se do contêiner, arrancou a trava quebrada para longe e escancarou as portas. Na frente dela, Ben-Roi e Khalifa estavam lado a lado. Pareciam perplexos.

— Fora! — ordenou ela.

Eles hesitaram, incertos.

— Fora!

Eles obedeceram.

— Rachel, o que você acha que está...?

O som das batidas dos passos dos guardas se aproximou quando eles vieram correndo em torno da superestrutura, alertados pelo disparo. Ela se moveu para o lado, voltando-se para o som, acertou um homem de cada vez ao saírem da névoa. Um na testa, outro no olho. Uma precisão chocante. Seus corpos despencaram. Aproximando-se, ela arrancou as Hecklers das mãos deles e as jogou para os detetives. Gritos vieram lá de baixo, ouviram o som das botas dos homens correndo pela passarela.

— Deem o fora — sussurrou ela. — Por ali. Não tem guardas.

Ela gesticulou apontando para o lado do navio em direção à proa. Mais uma vez os detetives hesitaram e, novamente, ela repetiu o comando.

— Venha com a gente — gritou Ben-Roi.

— Vão logo, seus imbecis!

Ela agarrou a camisa dele e o empurrou pelo convés. Khalifa seguiu. Ao passar com sua Heckler, o egípcio instintivamente a apontou para o velho. Ela percebeu o que ele estava pensando e empurrou o cano para longe.

— Assunto meu — disse ela. — Vá. Agora.

Seus olhos se encontraram por uma fração de segundo. Então, com um aceno da cabeça, Khalifa murmurou um "Obrigado" e partiu ao encalço do israelense. Ela observou até os dois serem engolidos pela névoa. Em seguida, virou-se para o pai.

— Rachel, você realmente não deveria ter...

— Cala a boca.

Ela se aproximou dele, o braço esticado com a arma. O som dos homens correndo se aproximava. Não significava nada para ela. Rachel se aproximou dele, encostou o cano da Glock na testa de ogro. Barren ficou parado, apoiado no andador, uma expressão mais divertida do que assustada.

— Ah, Rachel, Rachel, é isso o que você realmente quer?

Aquela voz suave, tranquilizadora. A voz que costumava usar quando a violava. A trilha sonora do abuso.

— É isso, Rachel? Então, por favor, vá em frente. Se é o que vai fazer você se sentir melhor, minha querida. Se ajudar a compensar por qualquer pecado que você acredita que eu possa ter cometido. Não importa para mim. Não importa nem um pouco. Como eu te disse, não me resta muito tempo mesmo. A família, é isso que importa. E, com você, eu sei que a família estará em boas mãos. Nas melhores mãos. As melhores de todas. Então vá em frente, Rachel. Alivie a dor do seu coração. Exorcize seus demônios. Quanto a mim, morrerei feliz sabendo que, através de você, deixarei o legado de um ótimo futuro para o glorioso nome da Barren. Meu Deus, você me deixa tão orgulhoso.

Ele sorriu para ela.

Uma pausa, enquanto ela se preparava. Aceitando que não havia outra saída. Então, inesperadamente, ela sorriu de volta para ele.

Uma sombra de dúvida nos olhos dele.

— Rachel. O quê...?

— Adeus, papai querido.

Por um momento, ele pareceu confuso. Então, de repente, ele arregalou os olhos, horrorizado, quando ela retirou a arma de sua testa, dobrou o braço e enfiou o cano no céu da própria boca.

— Oh, meu Deus, Rachel, não se atreva...

Uma explosão ensurdecadora, e o rosto grisalho do velho foi coberto por um vapor de ossos e sangue.

O corpo dela caiu para longe e bateu no convés.

BEN-ROI E KHALIFA

Estavam na metade do navio, cobertos pelo nevoeiro, quando o tiro foi disparado atrás deles. Ouviram um grito, "Rachel!", seguido de um grito gutural agônico, como o rugido de um animal mortalmente ferido.

Ben-Roi e Khalifa pararam e se entreolharam, sem saber o que tinha acontecido. Outro grito, e em seguida, ecoando pela doca como se transmitido por um alto-falante, gritos furiosos: "Encontrem eles! Encontrem esses animais assassinos!"

Eles começaram a correr.

Chegaram à proa do navio e procuraram o caminho para a prancha dianteira. Mal haviam começado a descer por ela quando ouviram gritos de baixo e o barulho de passos. A mulher tinha se enganado. *Havia* guardas lá embaixo. Muitos deles, pelo barulho que faziam. E eles vinham subindo.

Eles recuaram, afastando-se para o triângulo de convés formado pela proa do navio e depois das escotilhas abertas de carga. A visibilidade na neblina não passava de um par de metros, mas eles não precisavam ver para saber que estavam encurralados. Gritos e passos da esquerda, subindo. Sons semelhantes à frente deles, aproximando-se ao longo das laterais do navio.

— Encontrem eles! Acabem com eles!

Olharam desesperadamente um para o outro. Instintivamente, sem dizer nada, eles se separaram. Ben-Roi foi para a esquerda, cobrindo a parte superior da passarela e da passagem estreita entre a abertura de carga e a amurada do navio. Khalifa se posicionou simetricamente a boreste.

Olhavam para a escuridão, as Hecklers apontadas, cabeças inclinadas, ouvindo. Vinte segundos se passaram. Tensos, segundos angustiantes, os ruídos de seus caçadores se aproximando continuamente, a rede se fechando inexoravelmente. Então as figuras apareceram no alto da passarela. Dois deles. Ben-Roi

disparou à queima-roupa, derrubando-os. Khalifa também viu o movimento e soltou uma saraivada de tiros. A resposta se alastrou por toda parte, o ar vibrando com o bater das balas no metal, faíscas brancas cortando a mortalha de névoa. Os detetives se protegeram atrás da parede de aço da escotilha de carga aberta, levantando-se para disparar e voltando a se abaixar. Com homens da Barren podendo se aproximar apenas pelos lados do navio e pela passarela, os dois puderam manter a posição, apesar de estarem em número muito menor. Mas somente enquanto durasse a munição. E ela diminuía rapidamente.

— Me dê cobertura! — gritou Ben-Roi.

Com uma última rajada para dentro da névoa branca do seu lado em direção ao navio, Khalifa se deslocou para junto de Ben-Roi e voltou a atirar. Ficando de joelhos, o israelense rolou pelo convés até a parte superior da passarela, agarrou um dos corpos que estava lá e o puxou para trás da escotilha de carga. Repetiu o processo com o segundo corpo, as balas batendo ao seu redor como granizo de metal. Khalifa rolou para voltar a cobrir o corredor do lado direito, Ben-Roi jogou os corpos para baixo. *Jackpot*. Cada um tinha uma MP5 e um coldre no cinto com uma pistola Sig Sauer, além de pentes de munição para a Heckler enfiados nos bolsos dos coletes. De trinta balas, aparentemente. Quase um arsenal em miniatura. Ele empurrou uma Heckler para Khalifa, juntamente com dois cliques, pegou os outros cliques para si e disparou outra rajada de balas.

Poderiam resistir por algum tempo enquanto pensavam em como sair do navio.

O tiroteio continuou por mais alguns minutos, os detetives encurralados, os homens de Barren incapazes de se aproximar. Então ouviram gritos e o som dos passos se retirando. Um silêncio ameaçador desceu sobre eles.

— O que estão fazendo? — sussurrou Khalifa.

Ben-Roi não tinha ideia.

— Com certeza, não estão nos deixando sair.

Permaneceram colados ao metal da escotilha de carga, ouvidos atentos, corações disparados, tentando desesperadamente pensar em algum plano. O final da passarela estaria coberto; assim como as

passagens estreitas do convés que acompanhavam as laterais do navio paralelas às escotilhas de carga.

— Você acha que podemos pular? — perguntou Ben-Roi.

— Está louco? É uma queda de quarenta metros. O cais de um lado, pedras do outro e um rebocador na frente. Teremos sorte se quebrarmos apenas a espinha.

Ben-Roi nem considerou questionar.

— Estamos em apuros — foi sua única conclusão.

O silêncio continuou por quase dez minutos, presumivelmente enquanto seus perseguidores também consideravam as opções. Então, de repente, ecoando pela doca, a voz furiosa de novo. A voz de Barren.

— Não me importo! Quero que sejam mortos agora! Tratem de me ouvir! Façam! Podem tirar! Agora! Tirem! — Isso é uma ordem!

Os dois trocaram um olhar sem saber o que ele queria dizer. A resposta veio quase que imediatamente. Ouviram um som profundo, pulsante, e sob seus pés o aço do convés começou a vibrar quando os motores do navio ganharam vida. Quase simultaneamente, motores hidráulicos foram acionados e a porta da escotilha de carga que os protegia começou a baixar, assim como todas as outras ao longo do convés, dobrando-se para baixo sobre o porão, como uma fileira de dominós caindo. Ambos recuaram, agachando-se junto à parca proteção oferecida pelo mastro de navegação por satélite que havia na ponta da proa do navio. Entre eles e a superestrutura na popa, onde os homens de Barren estavam reunidos, havia agora uma extensão vazia equivalente a dois campos de futebol, sem nada mais para protegê-los a não ser a neblina.

— Estão nos levando para o mar — disse Ben-Roi. — No momento em que o ar limpar, seremos alvos fáceis. Simplesmente vão nos acertar lá do passadiço. Vai ser uma festa. Temos que arriscar! Temos que descer pela escada!

Ele se aproximou da borda, junto à amurada de estibordo. No momento em que se movia, ouviram gritos e o ronco do motor no cais lá embaixo, e então um som ensurdecedor e o rangido de metal. Alguma coisa — impossível ver o que era exatamente —

arrancara a prancha da lateral do navio, cortando a única via de escape deles.

— Estamos fodidos — disse Ben-Roi, piorando sua avaliação prévia da situação.

O barulho dos motores aumentou, assim como a vibração do convés sob seus pés. O nevoeiro era tão denso que somente quando viram o brilho difuso e radiante das luzes da doca começando a diminuir que se deram conta de que já estavam em movimento, deslizando de ré para fora da atracação e saindo para o mar aberto. O tiroteio começou de novo, um fluxo enfurecido e constante de balas por toda a extensão do convés aberto. Aleatoriamente, sem qualquer pontaria, e mesmo assim os obrigando a se espremerem em seu estreito santuário atrás do mastro do satélite. Presos ali até que o ar limpasse e os homens da Barren pudessem acertá-los à vontade.

— Até onde você acha que vai esse nevoeiro? — perguntou Ben-Roi.

— Como eu vou saber?!

Khalifa disparou duas rajadas com a Heckler. Podiam sentir o navio começar a ondular, movimentos suaves lhes indicando que começavam a navegar mais longe da costa, em ondas maiores. A julgar pelo som dos motores, estavam acelerando continuamente. Ainda de ré — os homens de Barren não iriam perder tempo procurando pela embarcação. Tinham apenas alguns minutos. Provavelmente menos.

— Temos que pular — disse Ben-Roi.

Khalifa não respondeu, apenas atirou contra a superestrutura da popa com a Heckler.

— Temos que pular — repetiu o israelense. — É a nossa única chance.

— É muito alto! Seremos mortos!

— Seremos mortos se ficarmos aqui! Temos que ir.

— De jeito nenhum! Vamos lutar até o fim.

— Não podemos lutar contra eles, seu idiota! São muitos. Têm muito poder de fogo. Temos que pular antes de sairmos do nevoeiro. Vamos lá!

Ele segurou o casaco de Khalifa, mas o egípcio empurrou sua mão.

— Você pula, se quiser. Eu vou me arriscar aqui.

— Khalifa!

— Não vou pular!

— Nós temos que arriscar!

— Não!

— Não nos afastamos nem um quilômetro ainda. Podemos...

— Não! Não!

— Podemos nadar só...

— Droga, eu não sei nadar! Entendeu? Eu não sei nadar, porra! Tenho medo da água.

Ele lançou um olhar furioso e humilhado para Ben-Roi. Em seguida, virou-se e esvaziou o pente da Heckler.

— Você vai, eu vou ficar — murmurou, arrancando o pente usado e encaixando um novo. — Não se preocupe comigo. Vai lá, pode ir.

Ben-Roi olhou para ele por um momento. Então, arrancando a Heckler das mãos do egípcio, jogou-a para longe.

— O que, em nome de Deus?!

O israelense o segurou firme pelo casaco, puxando seu rosto para perto.

— Nós vamos pular, Khalifa. Está entendendo? Eu nado bem. Faça o que eu mandar e ficaremos bem. Se ficarmos aqui, vamos morrer. Sem dúvida. Pelo menos no mar temos alguma chance de lutar.

Khalifa abriu a boca, pronto para protestar, mas a fechou em seguida. Uma bala ricocheteou no mastro satélite, a um centímetro de sua cabeça. Vários segundos se passaram, então:

— Você me segura?

— Como se estivéssemos fazendo amor.

Khalifa o olhou sem muito entusiasmo. Mais alguns segundos e então, abrindo o casaco, pegou o caderno de Samuel Pinsker, que ficara lá o tempo todo, no bolso interno.

— Pegue isso. Apenas no caso de eu não... você sabe... Ele mostra onde fica...

Ben-Roi pegou o caderno e o enfiou de volta no casaco de Khalifa.

— Vamos sobreviver, Khalifa. Confie em mim. Nós dois estamos indo para casa. Agora, quando batermos na água, não lute, ok? Apenas relaxe e deixe eu te levar. Tire os sapatos.

Os dois se descalçaram. Houve uma súbita pausa nos tiros do outro lado do navio. Aproveitando-se disso, eles se levantaram e subiram na amurada da proa. Abaixo deles, o vazio do nevoeiro e, lá do fundo, o rugido da agitação das ondas.

Ben-Roi soltou a própria Heckler e agarrou a parte de trás do casaco de Khalifa.

— No três. Pule para o mais longe que conseguir. OK?

— OK.

— Um...

— *Allah-u-akhbar!*

— Dois.

Os disparos começaram de novo.

— Três!

Eles saltaram. Ao deixarem o convés, Ben-Roi sentiu uma forte pancada ardida na parte de trás da perna esquerda, entre a virilha e a parte inferior da nádega. Por um instante confuso, ele achou que tinha sido picado por algum inseto enorme. Não teve tempo para pensar muito sobre aquilo, pois já estavam caindo, despencando pela escuridão em direção ao mar. Enquanto caíam, Khalifa experimentou sua própria fantasia fugaz: de que na verdade ainda estava na mina. De que tinha errado o salto e se atirado para o fundo do fosso, e de que tudo o mais que acontecera desde então — o cais, o navio, a mulher da Nêmesis, Barren — não passara de um sonho. Um último surto caótico de imaginação antes de atingir o fundo do fosso e suas luzes se apagarem para sempre.

Quanto a Ben-Roi, o pensamento não teve tempo ou espaço para formar raízes. Houve um intervalo caótico, tudo — o nevoeiro, a agitação da água, o ruído dos motores, o estalar do tiroteio, o vento em seu rosto — parecia se misturar com tudo mais, era impossível separar os fios individuais.

E então, com uma pancada capaz de quebrar os ossos e revirar o estômago, bateram na água e afundaram.

A força do impacto os separou, jogando Ben-Roi para um lado e Khalifa para outro. Por um breve e confuso momento, o egípcio se deixou levar pelo mar, o corpo cortando a água pelo que parecia ser uma profundidade imensa, o mar o envolvendo, cobrindo seu rosto, a boca e os olhos, agitando seu cabelo, sugando-lhe as roupas, parecendo puxar e empurrar ao mesmo tempo. Então, apesar do que Ben-Roi lhe dissera, o instinto reagiu e ele começou a lutar. Agitou os braços e pernas, deu socos e pontapés na água, tentando segurar e se agarrar ao líquido, freneticamente tentando afastar a água para longe, arrastar-se em direção à superfície. As bolhas explodiram de sua boca, seus pulmões começaram a se abrir, o pânico tomou conta dele. Podia se ouvir gritando — uma explosão abafada que enchia seus ouvidos e a cabeça —, sentia suas forças se esvaindo a cada gesto desesperado dos membros, de modo que mal tinha começado a luta e seus movimentos já começavam a ceder. Lutou mesmo assim, debatendo-se no vazio, girando e se contorcendo, de tal modo que perdeu todo o senso da direção em que precisava ir para buscar o ar, até que, finalmente, suas forças chegaram ao fim e foi tomado por uma estranha calma. A água do mar entrou áspera por sua garganta e traqueia; sua mente se embaralhou; os olhos se encheram de ondas coloridas e ele sentiu as mãos e os pés se afastando dele, como se estivesse se dissolvendo e se rompendo lentamente.

— Foi isso que aconteceu com Ali — foi o que pensou. — Foi por isso que meu filho passou, e agora é o que estou vivendo também. Estou indo, meu garotinho. Nós vamos voltar a estar juntos.

O pensamento lhe proporcionou uma estranha sensação de plenitude, e ele começava a se entregar a ela quando sentiu algo segurá-lo pelo colarinho. Houve um puxão brusco, como se estivesse sendo arrancado de um sono confortável, e de repente sua cabeça estava fora da água e ele tossia e cuspiam, sufocado em busca de ar.

— Não lute comigo, Khalifa! A voz de Ben-Roi soou estranhamente distante, como se viesse de muito longe. — Relaxe.

Apenas relaxe. Você está bem. Eu te peguei.

De algum jeito, o israelense passou um braço sob ele e o fez flutuar, mantendo sua cabeça acima da superfície enquanto o egípcio engasgava e tossia, vomitando água pela boca e pelas narinas. — Relaxe para trás. Deixe que eu sustento seu peso. Confie em mim. Eu te peguei. Você está seguro.

A voz soava mais próxima agora. Ele estava conseguindo respirar algum ar. As coisas começavam a voltar ao foco. — Me segure, Ben-Roi. Por favor, me segure!

Agarrou-se ao israelense, sem se importar com o tom patético de sua voz, apenas desesperado para não afundar novamente.

— Relaxe, porra! Por favor, você tem que relaxar e me ajudar; caso contrário, eu não consigo. Apenas relaxe para trás. Eu te peguei. Você está seguro. Virando-o, Ben-Roi passou o braço em torno de seu pescoço e os dois flutuaram de costas, o israelense batendo as pernas por baixo. Havia algo de reconfortante no tamanho e na força de Ben-Roi, e Khalifa começou a se acalmar, permitindo que o homenzarrão o segurasse e guiasse.

— Isso mesmo. Apenas fique calmo. Continue respirando.

Eles ainda ouviam o ronco do motor do navio e ocasionais disparos de tiros. Os sons iam ficando cada vez mais distantes. Ben-Roi se moveu na direção oposta. A água estava fria, mas não muito, as ondas eram altas, mas não estavam difíceis. Estranhamente, o nevoeiro ajudava. Se Khalifa pudesse ver as luzes na margem, a distância que estavam dentro do mar, teria entrado em pânico. Daquele jeito, a visibilidade não passava de alguns metros em qualquer direção e ele conseguiu se acalmar com a ilusão de que a segurança não estava muito distante.

— Acho que podemos conseguir — disse.

— Com certeza. Você e eu. O time A.

— Espero que o navio não volte e nos atropеле.

— Um problema de cada vez, certo?

Remaram por alguns minutos até Ben-Roi diminuir e parar, mexendo os braços, lutando para manter Khalifa na superfície.

— Você está bem? — perguntou o egípcio.

— Só um pouco sem fôlego. Se você puder bater as pernas um pouco, isso pode ajudar a distribuir parte do peso.

Khalifa tentou, acabou se debatendo e levando os dois para debaixo d'água.

— Não se preocupe — tossiu Ben-Roi, trazendo-os de volta para cima. — Provavelmente é mais fácil se você deixar eu fazer isso.

Ele voltou a remar, puxando Khalifa consigo, batendo as pernas, mas pareceu a Khalifa que uma delas trabalhava mais do que a outra. Mais alguns minutos se passaram, o israelense diminuiu a velocidade e parou novamente. Sua respiração ficara ofegante.

— Ben-Roi?

— Acho que uma bala pode ter me acertado quando pulamos. Nada com que se preocupar. Só está me causando um pouco de dor. Se eu puder ir devagar...

Ele flutuou um pouco, gemendo, lutando para manter os dois na superfície, em seguida, voltou a remar. Desta vez, conseguiu apenas por um minuto antes de perder a força.

— Sinto muito, Khalifa, eu só preciso...

Afundou a cabeça e subiu de novo. Khalifa tentou ajudá-lo, bateu as pernas, mas só pirou as coisas. Tossiram e cuspiram, mas conseguiram boiar de costas de novo de algum jeito, debatendo-se por mais meio minuto até Ben-Roi voltar a parar. Ele se esforçava. Esforçava-se muito.

— Me deixe ir — disse Khalifa. — Salve-se. É só me soltar.

— Não seja ridículo.

— Isso não está bom, Ben-Roi. Estamos muito longe. Pelo menos você se salve.

— Estou bem, se a gente pudesse apenas...

Khalifa começou a empurrá-lo para longe, tentando forçar a situação, mas Ben-Roi não iria deixá-lo. Por um momento, eles lutaram, subindo e descendo nas ondas, arfando e se debatendo. Então, de repente, Ben-Roi se enrijeceu.

— Mas que merda é aquilo?!

Algo começava a aparecer no meio do nevoeiro. Algo grande e escuro. Muito grande. Deslizando na direção deles pela superfície da água. Por um instante aterrorizado, Khalifa achou que pudesse ser

um tubarão ou uma baleia e preparou as pernas para chutar o que quer que fosse. Quando fez isso, uma onda levantou a coisa e ela veio direto ao encontro deles.

— *Ward-i-nil!* — gritou, o terror se transformando em alegria. — *Hamdulillah, ward-i-nil!*

Ben-Roi não tinha ideia do que aquilo significava. Não importava o que fosse. Tudo o que importava era o enorme tapete de plantas flutuante que aparecera milagrosamente ao lado deles. Um denso emaranhado de raízes, caules e folhas que, quando ele jogou a mão por cima, se mostrou incrivelmente flutuante. Quase como uma jangada. Flutuando com esforço, debatendo-se e ofegando, os espasmos de dor disparando pela perna ferida, de alguma forma ele conseguiu colocar Khalifa para cima, o egípcio se arrastou para a frente até apoiar o corpo inteiro, dos joelhos para cima. Dando a volta, Ben-Roi subiu pelo outro lado, agarrando-se e se arrastando até deixar a água na cintura.

— *Toda la'El.*

— *Hamdulillah.*

Por algum tempo, simplesmente ficaram lá, recuperando o fôlego, a vegetação ondulando levemente sob eles como um enorme colchão inflável, o rumor do navio apenas audível na distância, embora os tiros parecessem ter cessado. Então, esticando-se, Ben-Roi sentiu a parte de trás da coxa. Havia um buraco no jeans, e ele sentia o sangue sendo bombeado. Não muito forte, o que foi um alívio. Também não encontrou nenhum ferimento de saída.

— Você está bem? — perguntou Khalifa.

— Bem melhor, agora que a aula de natação acabou.

— Tem certeza de que foi atingido?

Ben-Roi confirmou, mas que não parecia ser muito sério.

— Acho que a bala ainda pode estar lá, mas não estou perdendo muito sangue e não dói tanto quanto antes. Se eu pudesse colocar um torniquete ali em volta...

Desajeitado, o rosto enfiado no colchão de folhas, conseguiu tirar o cinto e enrolá-lo no alto da coxa. Houve um momento lá atrás em que achou que estavam perdidos. Agora que estavam fora d'água — apenas metade, no seu caso — se sentia muito mais

seguro. Não deveriam estar tão longe no mar, e uma vez que o nevoeiro se desfizesse poderiam tentar bater os pés para voltar com a balsa ou então esperar até serem resgatados. Sua única preocupação real era se o navio voltasse e passasse por cima deles, mas o mar era imenso e, com sorte, tudo daria certo. Como dissera a Khalifa, um problema de cada vez. Estavam a salvo no momento. Sentia-se curiosamente relaxado. Esgotado, mas relaxado. Quase despreocupado. Apertou o cinto um pouco mais.

— Aquela história da Agenda Nêmesis serviu para nos abrir os olhos, hein? — grunhiu, prendendo o cinto. — Não poderia ter entendido mais errado se tivesse tentado. Não vale exatamente uma recomendação para professor de investigação avançada!

Khalifa não sabia do que ele estava falando, e não se preocupou em perguntar. Em vez disso, arrastando-se para a frente sobre a barriga, estendeu o braço e pegou a mão do israelense.

— Obrigado — disse ele. — Por salvar minha vida. De novo.

Ben-Roi acenou com descaso.

— Já mandei a conta pelo correio.

Eles balançaram um pouco, as mãos entrelaçadas, o nevoeiro os envolvendo como um cobertor, o único som agora era o borbulhar da água marulhando. E então:

— Eu disse algumas coisas, Ben-Roi. Antes. Ao telefone. Coisas ruins. Por favor...

— Nós dois dissemos algumas coisas ruins. Já está esquecido.

Um pausa e:

— Babaca.

— Filho da puta.

Deram uma risada. Gargalhadas do fundo da barriga. As risadas de dois velhos amigos de volta na área.

A perna de Ben-Roi voltou a latejar com muita intensidade, mas isso não parecia importar. Sentia-se feliz. Que loucura era aquela?

— Farei o que puder para ajudar — disse ele. — Com a Barren e a Zoser. Vamos pegá-los. Juntos. Eu juro. Por Ali.

O egípcio apertou a mão, espremendo a de Ben-Roi. — Obrigado, Arie. Você é um bom amigo.

— Você também, Yusuf. O melhor.

Nos quatro anos que se conheciam, foi a primeira vez que usaram os primeiros nomes. Nem sequer tinham notado.

Fizeram um longo silêncio, uma rajada de vento agitou o nevoeiro. Subitamente, um pensamento ocorreu a Ben-Roi e ele levantou a cabeça.

— Ouça, talvez não seja o melhor momento, mas tem uma coisa que eu queria te perguntar. Tipo um favor. Tem a ver com o bebê. Não sei se você... — Não terminou a frase. Na frente dele, havia um ronco suave. O egípcio estava dormindo.

— Pelo amor de Deus — resmungou Ben-Roi.

Balançando a cabeça, deu um tapa brincalhão no rosto do amigo. Em seguida, contorceu-se para se deitar de costas, as pernas balançando na água, os braços abertos para os lados. Achou que o sangramento pudesse ter ficado mais forte, apesar do torniquete, mas ignorou. Por que se preocupar? Estava na jangada, seu amigo estava lá, ambos vivos, a água não estava muito fria, e o movimento do mar debaixo dele estava muito agradável. Por que estragar o momento?

Mais alguns minutos se passaram — ou talvez horas, não tinha ideia, não se importava. E depois uma outra lufada de vento, mais forte dessa vez, e ele riu alto, pois o nevoeiro se abriu exatamente acima dele, mostrando as estrelas numa nesga de céu. Amontoados alegres e mágicos de brilhantes estrelas azuladas, cheias como vaga-lumes. A coisa mais linda que ele já tinha visto. Ele esticou uma das mãos na direção delas.

— Eu estarei lá — murmurou ele. — Eu prometo. Estarei sempre perto de vocês. Meu garotinho. Ou garotinha. Nunca deixarei vocês sozinhos. Eu prometo.

Ele sorriu diante do céu que se abria mais e mais, cada vez mais estrelas se revelando, tremeluzindo, cintilando, um caminho de estrelas o chamando para casa, para perto das pessoas que ele amava.

Começou a cantarolar.

A manhã seguinte já ia alta quando Khalifa finalmente chegou de volta a Luxor.

Ben-Roi pegara um voo direto para Houston, para colocar as coisas em movimento contra a Barren, mas ele quisera estar com sua família e dissera ao israelense que pegaria um voo mais tarde.

Assim que viu Zenab de pé na frente do prédio, soube que algo acontecera na sua ausência. Tentou perguntar a ela o que estava acontecendo, mas ela mandou que se calasse e gesticulou para que subisse.

— Venha rápido — disse ela. — Você tem que ver.

Ele a seguiu até o apartamento. O DVD de *Mary Poppins* de Ali estava passando na sala. No volume máximo. “Let’s Go Fly A Kite”, vamos soltar uma pipa. Com aquelas legendas pavorosas. *Estamos soltando a nossa pipa no céu*. Ele começou a dizer-lhe para abaixar o volume para não incomodar a senhora do apartamento de baixo, mas ela sinalizou para que se calasse novamente.

— Você precisa ver — repetiu ela. — Você não vai acreditar.

Foram até a porta do banheiro. Lá de dentro, ele ouvia a água correr.

— Vamos lá, Zenab, chega de bobagens. O quê...?

As palavras ficaram presas na sua boca quando ele escancarou a porta. O chuveiro corria, espalhando a água pelo chão de concreto. E lá, sob a água, molhado e brilhante, a cabeça jogada para trás numa gargalhada...

— Ali — engasgou Khalifa, apoiando-se no batente da porta. — Meu filho! Meu menino!

Com um grito selvagem, em êxtase, ele atravessou o aposento e pulou para debaixo do chuveiro, totalmente vestido, envolvendo o filho num abraço eufórico, soluçando de felicidade. A água rolava por seu cabelo e pelo rosto, encharcando-o, entrando pelo nariz, pelos olhos, pela boca, obrigando-o a tossir e engasgar, mas não se importava.

— Ali! — gritou. — Ali! Ali!

Ele despertou.

O dia amanhecera. A boca tinha gosto de sal. As roupas estavam encharcadas. A vista ao seu redor se abria numa extensão infinita de mar azul-esverdeado em todas as direções. Ele ficou deitado por alguns segundos, confuso. Então, quando tudo voltou a

sua mente, se mexeu e levantou a cabeça. Com o movimento, o *ward-i-nil* subiu numa ondulação e ele vislumbrou uma faixa amarela de praia. A cerca de um quilômetro. Talvez menos. Nenhum sinal de navio. Nem de doca, tampouco. Deviam ter boiado pela costa durante a noite, apesar de não fazer ideia da direção para a qual foram levados.

— Ei, Arieih.

Virou-se para o israelense.

Ele não estava lá.

— Arieih?

Nenhuma resposta.

Achando que o amigo estivesse simplesmente enroscado nas folhas em algum lugar do *ward-i-nil*, como acontecera com Ali, levantou-se alguns centímetros, olhando de um lado para outro do colchão de vegetação.

Nenhum sinal dele. Sentiu um arrepio de pânico.

— Arieih! Ben-Roi!

Nada.

Tentou se levantar um pouco mais, mas o peso adicional fez com que seus braços atravessassem a trama de caules e ele caísse com o rosto para baixo, enchendo a boca de água. Talvez o israelense tivesse nadado até a praia. Fora em busca de ajuda, agora que o nevoeiro se dissipara. Sim, devia ser isso. Ele o deixara dormindo e nadara até a praia. Aquele louco idiota! Tentou se levantar novamente, e outra vez seus braços atravessaram a jangada e afundaram no mar. Ao mesmo tempo, o *ward-i-nil* se elevou e ele viu algo mais ao lado. A uns vinte metros de distância. A princípio, não conseguiu ver o que era e só com a onda seguinte pôde reconhecer o jeans e o casaco de Ben-Roi. Parecia estar flutuando lá, os braços abertos para os lados, o rosto para baixo olhando para as profundezas.

Khalifa ainda devia estar zozinho de sono, pois o primeiro pensamento que veio à sua mente foi de que o israelense procurava peixe. Precisou de alguns segundos para se dar conta. Quando despertou para o fato, soltou um uivo de desespero.

— Oh, Deus, não! Oh, Deus, por favor, não! Arieih! Arieih!

Tentou bater as pernas e nadar com apenas um dos braços para levar o *ward-i-nil* mais para perto, mas sem resultado. Tudo o que pôde fazer foi ficar olhando o corpo do amigo aparecer e desaparecer nas ondas, chamando-o insistentemente.

— Arie! Arie!

O nome do filho também, os dois se misturando num único lamento de dor insuportável.

— Arie! Ali! Arie! Ali!

Por quase uma hora, flutuou dessa maneira, gritando até ficar rouco. Até que uma ondulação mais forte trouxe o corpo de Ben-Roi subitamente bem mais para perto, a não mais do que uns dois metros. Por um momento, ficou flutuando ali, um dos braços parecendo estender-se para Khalifa — “Como se estivesse se despedindo”, diria mais tarde o egípcio — antes de lenta e pacificamente deslizar sob as ondas e desaparecer para sempre.

— Arie! Ali! Arie! Ali!

Ele foi resgatado oito horas depois, no início da tarde, por um pequeno barco de pesca de Roseta. Os pescadores o encheram de perguntas sobre o que ele estava fazendo lá fora, agarrado a uma ilha de *ward-i-nil*. Sua resposta foi pegar a carteira ensopada e mostrar o distintivo.

Arrumaram-lhe algumas roupas secas e o deixaram em paz.

A corrente o levava bem para o oeste, e levaram quase uma hora para chegar à foz do Nilo. Ele se sentou sobre uma pilha de redes, fumando os cigarros dos pescadores, um atrás do outro, olhando para o litoral, embalando o caderno arruinado de Samuel Pinsky no colo, as páginas reduzidas a uma polpa indecifrável pela água do mar. Deveria se sentir culpado por isso. Deveria sentir várias coisas. Não sentia. Apenas o vazio. Como se alguém tivesse esfregado suas entranhas com uma escova de aço.

Apenas uma coisa permanecia. Uma certeza absoluta e inabalável do que tinha a fazer.

Estou te lembrando como são as coisas nesse país, Khalifa. E as coisas são assim, com revolução ou sem revolução, existem pessoas nas quais não se toca.

Iria tirar isso a limpo.

Chegaram ao estuário do Nilo e viraram para o sul, seguindo uma linha pelo meio do rio. A doca da Zoser estava claramente visível no promontório na margem direita. Nenhum sinal do navio cargueiro. No lugar dele, duas barcaças do Nilo estavam encostadas diante do cais, os gigantescos guindastes lentamente as carregando com barris. Ele observou por um momento, curiosamente desconectado daquilo tudo — Luxor era onde ele precisava estar. Pegou emprestado o celular de um dos tripulantes e fez três ligações.

Primeiro para Zenab, para avisá-la de que estava bem. A voz dela transmitia fúria, pela maneira como ele a tratara, e alívio, por saber que ele estava bem. Ele não conseguiu dizer qual era o tom dominante e não se incomodou em descobrir. Disse a ela que chegaria em casa mais tarde naquela noite e desligou.

A segunda ligação foi anônima, para a embaixada israelense. Um de seus cidadãos morrera num acidente, informou-os. Um policial chamado Arie Ben-Roi. De Jerusalém. Foi tudo, avisou que ligaria em outra data para fornecer mais detalhes.

A terceira e última chamada foi para o cabo Ahmed Mehti, do centro de tiro da Polícia de Luxor. Explicou o que precisava, disse que passaria lá próximo das 19h, se assim fosse possível. Se Mehti pudesse fornecer uma bolsa para o transporte, tanto melhor.

Depois disso, sentou-se em silêncio, repassando tudo em sua cabeça, tentando visualizar os mapas que o chefe Hassani estivera mostrando para eles nas últimas semanas, as posições exatas. Havia um ponto cego, tinha certeza disso. No alto, perto de Tutmés III. E o caminho para lá, também, dando a volta pela extremidade sul do maciço. Era possível que as coisas tivessem ficado mais rígidas no último minuto, a lacuna fechada, mas ele tinha que arriscar.

A lei não toca empresas como a Barren. Ou a Zoser. Nenhuma delas. A única maneira de derrubá-las é jogar tão sujo quanto elas.

Que venham.

Atracaram em Roseta pouco depois das 15h. Ficando apenas com os sapatos que lhe haviam cedido, trocou as roupas emprestadas pelas suas, agora secas, e desembarcou, sem sequer

se incomodar em agradecer a tripulação. Operava em piloto automático. Comprou os cigarros Cleópatra de um vendedor de rua, andou até o centro da cidade e pegou um táxi para Alexandria. Uma hora depois, estava no aeroporto. Três horas mais tarde, o bilhete de volta o levara para Luxor.

Durante todo o percurso, pensou em Ali, e em Ben-Roi, e na mina cheia de lixo contaminado com arsênico, e no ponto cego perto da tumba de Tutmés III. O pilar sobre o qual todo o seu mundo parecia agora se equilibrar.

Chegou ao centro de tiro às 19h20.

— Estritamente falando, isso não deveria sair daqui sem uma autorização oficial — advertiu o cabo Mehti, entregando-lhe uma volumosa bolsa de lona. — Mas como se trata de você...

Khalifa aceitou a bolsa, enfiou o caderno de Pinsker num dos bolsos com fecho, assinou os devidos formulários de autorização. Não ofereceu qualquer explicação, Mehti não pediu nenhuma. Conheciam-se há tempo suficiente; o cabo confiava nele. Khalifa torcia para que aquilo não criasse problemas para o velho soldado, mas, se isso acontecesse... bem, ele não podia evitar. Nada mais poderia ser evitado agora. Nada mais importava. Exceto o ponto cego. Por favor, que Deus não permitisse que tivessem apertado o cerco.

Agarrando a bolsa, pegou um táxi descendo o rio. Em seguida, uma lancha para a margem direita, e depois, outro táxi até a base das colinas de Tebas. No lado oposto daquelas montanhas, numa curva entranhada no maciço como se escavada por um garfo gigantesco estava o Vale dos Reis. Com a abertura VIP do museu naquela noite, todos os caminhos para o vale estavam iluminados e rigidamente vigiados pela polícia. Caminhando pelo sul, costeando as colinas, no entanto, passando pelo templo de Medinet Habu, pelo campo de ruínas de cerâmica de Malqata, pelo mosteiro de Deir el-Muharríb com seus domos parecidos com colmeias e paredes de terracota, calculou que poderia desviar-se do cordão de isolamento. Como foi o caso. Entrou por uma passagem pouco conhecida nos fundos da montanha, deu a volta, arrastou-se sob a cerca e desceu em direção às montanhas na cabeceira do vale. Foi em direção à

fenda onde se escondia a tumba de Tutmés III. E logo à esquerda da fenda, projetando-se das montanhas como uma enorme pata de elefante, um alto promontório com topo achatado, com uma vista direta e desimpedida de todo o vale, até o museu erguido no centro. A falha de segurança. O ponto cego. O lugar com o qual ninguém se preocupara, pois, com todos os caminhos ao longo das montanhas protegidos, ninguém poderia chegar lá. Mas ele tinha chegado. E, agora, iria fazer uso da localização.

Esperou um momento, examinando as encostas. Satisfeito por verificar que o promontório não estava sendo vigiado, seguiu em frente. Uma parede baixa de pedra circundava o contorno do promontório — um quebra-vento de três mil anos usado pelos antigos guardas do vale. Agachou-se atrás da mureta. Diante dele, a menos de trezentos metros de distância, uma fileira de holofotes iluminava a fachada de vidro e pedra do novo museu. O museu Barren da necrópole de Tebas.

E diante do museu, claramente visível, a plataforma de madeira sobre a qual os dignatários convidados estavam reunidos para testemunhar a cerimônia de inauguração do monumento.

E em algum lugar entre esses dignatários...

Abaixando-se, ele abriu o zíper e tirou o fuzil. A arma para atiradores de elite Dragunov SVD 7,62 mm. Projeto russo, fabricação egípcia. Alcance efetivo de mil e trezentos metros. Mil a mais do que ele precisava. Mecanicamente, encaixou o pente de dez tiros — nove a mais do que precisava —, levantou-se novamente e encontrou a posição, o braço esquerdo apoiado na parte superior da mureta, a coronha de madeira vazada da arma firmemente apoiada no ombro direito. Dobrando um dedo em torno do gatilho, apertou o olho na mira. Subitamente, a distância entre eles se fora e lá estava ele com os dignatários na plataforma.

O chefe Hassani foi a primeira pessoa que viu. Alto e suado, acomodado numa cadeira na parte de trás da plataforma, o pescoço cobrindo o colarinho de uma camisa branca apertada demais. Com um grunhido de mau humor, Khalifa se perguntou se não deveria acertá-lo também, enquanto tinha a oportunidade. Ele trouxe o fuzil para a direita, percorrendo a plataforma. Reconheceu alguns rostos

do Serviço de Antiguidades — Moustapha Amine, diretor do Conselho Supremo de Antiguidades; dr. Masri al-Masri, há anos o diretor de antiguidades de Tebas Ocidental. Alguns funcionários locais do governo também. Mas era a primeira fila que realmente o interessava, e onde deixou a mira pousar, percorrendo a sequência de rostos. O ministro do Interior, o governador do Estado, o prefeito de Luxor, o onipresente Zahi Hawass, um par de estrangeiros, um dos quais ele achou que pudesse ser o embaixador americano.

E lá, no meio da fila, enorme, ameaçador, curvado, vestindo um pesado terno de tweed apesar da noite quente, a máscara de oxigênio insistentemente fixada ao rosto, Nathaniel Barren.

Fixando a cabeça grisalha na mira, Khalifa apertou o dedo, puxando o gatilho para trás.

Ele seria pego. Sem dúvida alguma. No momento em que o disparo soasse, um anel de quatrocentos policiais se fecharia em torno dele como um nó de força. Se não atirassem nele à primeira vista, seria levado para ser fuzilado ou enforcado mais tarde. Isso ou condenado à prisão perpétua, quebrando pedras nas pedreiras de Tura, o que dava no mesmo. Seus familiares também — Zenab, Batah, o pequeno Yusuf — seriam completamente atingidos pelos estilhaços. Despejados do apartamento, jogados no ostracismo, suas vidas obliteradas por serem parentes de um notório assassino.

Não se importava. Nem estava pensando nisso. Tudo o que lhe interessava era matar o homem que matou seu filho. E seu amigo. E ele também, de certa forma. O homem que representava todos os outros de seu tipo — os ricos das sombras, os corruptos intocáveis, os abusadores privilegiados, os causadores da miséria. Como um viciado em drogas prestes a tomar a próxima dose, a perspectiva das consequências não tinha qualquer significado para ele. Nem era registrada. Todo seu foco estava no momento do alívio — apertar o gatilho, a picada da agulha, o momento em que a escuridão se desfaria e tudo no mundo se acertaria novamente.

Isso, Yusuf, isso... Vem da raiva, do ódio e da dor, e nada pode resultar disso que não seja mais dor.

Mas era impossível que pudesse haver ainda mais dor. Ele já sofria tão intensamente. Um labirinto de dor. E essa era a única

saída.

... jogar tão sujo quanto eles.

Puxou o dedo mais um pouco, tentando o gatilho um milímetro mais para trás, a cruz do alvo exatamente no centro da cabeçorra de Barren. Ouvia a música tocando, “Biladi Biladi Biladi”, o hino nacional egípcio. E, na frente da plataforma, alguém falava ao microfone, elogiando a Barren Corporation, exaltando as virtudes da empresa, agradecendo pela maravilhosa generosidade para com o povo de *Misr*.

Alá será o seu juiz. É com Ele que está o castigo, não com você.

Não era verdade. Isso era mentira. Mesmo o Alá Todo-Poderoso era impotente diante de tipos como Barren. A lei certamente também era. Os Barrens deste mundo sempre davam a volta por cima. Atropelavam os Khalifas e os Ben-Rois, e as Rivka Kleinbergs — os Attias e os Helmis, e os Samuel Pinskens e os Iman el-Badris —, jogando-os todos na merda enquanto prosseguiam impunemente. O que mais ele poderia fazer? De que outra maneira poderia acertar as coisas?

Lutarei, se for preciso. Posso ser pobre, mas ainda sou um homem.

Ele piscou para se livrar de uma gota de suor, apertou o gatilho mais um quarto de milímetro, quase no ponto de disparo. Era como se estivesse diante de uma parede de vidro fina como papel e o menor sopro fosse estilhaçá-la.

Agora o próprio Barren se pusera de pé, movendo-se sobre as pernas inchadas, arrastando-se para a frente do palco com a ajuda do andador. Os aplausos soaram, um pigarro e tosse quando o velho tirou a máscara de oxigênio, o assobio da estática enquanto ele ajustava o microfone. E então ele começou a falar.

Mas não era a voz de Barren que ecoava. Ou pelo menos não era a voz de Barren que Khalifa ouvia. Ajoelhado ali, com o fuzil pressionado contra o ombro e o dedo apertado no gatilho, a vista tomada pela cruz da mira e todo o seu mundo condensado na linha entre a arma e o alvo, a uma fração de um instante de liberar a bala, subitamente era outra voz que souou claramente em seus ouvidos.

Me segura, papai! Me joga para cima e me segura!

Fechou os olhos e abriu novamente.

Me balance! Me roda!

Ele sacudiu a cabeça, tentando bloquear a voz, manter o foco.

Eu fico no gol, papai. Você chuta.

A voz não se calaria.

Podemos ir ao McDonald's? Por favor! Por favor!

Sua cabeça caiu, o dedo relaxou. Descansou um momento, o suor entrando nos olhos, o coração disparado, a respiração curta, ofegando rapidamente. Voltando então a olhar, reengatilhou e retomou a mira.

Ganhei um prêmio na escola!

Seu corpo pareceu sofrer um espasmo.

Você é o melhor detetive do Egito, pai!

Sentia algo no peito e na garganta. Um som vindo lá do fundo. Não era um soluço ou um engasgo. Algo mais profundo. Subindo direto do fundo de seu âmago. Tentou lutar, forçar a cabeça para cima, travar Barren na mira. Mas agora havia outras vozes. Enchendo sua cabeça. Chamando-o.

Eu não te reconheço. Vinte anos e de repente eu não reconheço mais o meu marido.

Para proteger a minha família, meus filhos. É o maior dever de um homem.

Você é o melhor, pai.

Meu amor, minha luz, minha vida.

Me segura!

O melhor homem do mundo.

Me balance!

O que você faz vem da bondade do seu coração.

Eu consigo comer dois Big Macs inteiros!

E, então, a mais alta de todas, atravessando a cacofonia com toda a clareza:

Ele está em paz. Há uma luz dourada, e Ali está em paz dentro dela. Jamais se esqueça disso.

Algo se contraiu dentro dele. Aquele som de novo? Só que agora não era apenas um som. Era mais como um... vapor. Uma

escuridão. Tão negra quanto dentro do labirinto. Subindo por dentro dele. Seu corpo se arqueou, a boca se abriu como se estivesse vomitando, mas não saiu nada. Ao mesmo tempo, parecia que estava botando tudo para fora. Mais e mais, de novo e de novo, um fluxo incessante de negrume, jorrando como petróleo de um poço.

E então, tão repentinamente quanto começara, tudo se acabou. Estava ajoelhado lá com a arma na mão e o dedo no gatilho, a mira fechada na cabeça de Barren, que mais parecia uma rocha. Tudo como antes. E, no entanto, ao mesmo tempo, nada mais era como fora. Algo havia sido drenado. Aliviando o dedo no gatilho, virou cuidadosamente a arma e a colocou no chão, piscando rapidamente, como se tivesse acabado de acordar de um sonho especialmente vívido, sem saber ao certo se o que achava que tinha acontecido de fato acontecera.

Por vários minutos, ficou lá ajoelhado, o rosnado confuso de Barren amplificado e descendo pelo vale, a lua parecendo equilibrar-se no alto do Qurn. Então, lentamente, tirou a mira da arma, soltou o pente e colocou tudo de volta na bolsa de lona, junto com o fuzil. Fechou o zíper e se levantou.

Crimes terríveis haviam sido cometidos. Era improvável que a justiça viesse a ser feita algum dia, a não ser que Alá tirasse algo espetacular da cartola. O mundo era um lugar tão obscuro quanto sempre fora.

E ainda assim, do nada, como o a ilha de *ward-i-nil* que aparecera para salvar sua vida — embora não a de seu querido amigo —, ocorreu-lhe que ainda havia um raio de luz. De esperança. Um farol para guiá-lo pela noite. E também sabia onde procurá-lo.

Colocando a bolsa no ombro, deu as costas para o vale e partiu para a longa caminhada de volta para casa.

JERUSALÉM

Joel Regev chegou para a frente enquanto o programa de recuperação revelava a senha de que ele precisava. Menorah3. Não chegava nem a ser fraca, motivo pelo qual o programa a encontrou em menos de cinco minutos. Seria o caso de pensar que um policial tomaria mais cuidado com essas coisas, mas isso não era problema dele. Nada daquilo era problema dele. Só estava fazendo aquilo porque Dov implorara, dissera que era importante. Ele digitou a senha na caixa de *login* e clicou em OK.

— Você está no negócio — chamou quando a tela apareceu.

Zisky veio da cozinha, onde preparara um café. Regev desocupou a cadeira para ele sentar.

— Não preciso lhe dizer que isso é extremamente ilegal, hackear um computador da polícia.

— É só por alguns minutos. Preciso verificar uma coisa.

— Bem, verifique logo. Eu despistei nossos rastros, mas ainda assim não quero correr qualquer risco.

Zisky apontou o polegar para cima e se inclinou para a tela, os óculos brilhando na luz ambiente. Regev o deixou só.

Ben-Roi estava morto. A notícia chegara à delegacia lá pelo final da tarde. Nenhuma confirmação absoluta, nenhum detalhe a não ser que um telefonema anônimo fora recebido de alguém no Egito. Zisky não precisava de mais detalhes. Tinha a ver com o caso Kleinberg. Sem dúvida. O caso que tinha o nome "Egito" escrito em todas as páginas e que ontem, misteriosamente, fora chutado para o andar de cima. Por que subira de escalão exatamente ninguém sabia dizer, ainda que ele pudesse arriscar um palpite informado. Tudo o que ele sabia era que circulava um rumor sobre um e-mail enviado por Ben-Roi. Ele enviara o e-mail, e a merda fora parar no ventilador, e foi aí que a investigação escalara.

Zisky precisava ver esse e-mail, motivo pelo qual convencera Joel a usar suas habilidades em cibersegurança para hackear a conta

de Ben-Roi. Circulando com o mouse, clicou no ícone do correio e na caixa de mensagens enviadas. Era o primeiro item da lista. A última mensagem enviada por Ben-Roi. Para Leah Shalev, copiada para o chefe Gal e para o superintendente Baum. Assunto: Caso resolvido.

Ajustando os grampos do solidéu, reclinou-se para ler.

Ficara magoado pela maneira como Ben-Roi falara com ele na última vez em que se encontraram — “É senhor para você!” —, mas isso em nada diminuía a admiração que tinha pelo homem. Numa organização com sua parcela mais do que razoável de babacas e imbecis, Ben-Roi se mostrara um dos mocinhos. O melhor. Fora por isso que insistira tanto em ser o parceiro dele nessas duas semanas (“Ainda que não *naquele* sentido!” Quase podia ouvir a voz de Ben-Roi).

E por isso, também, tinha uma estranha sensação de que Ben-Roi aprovaria o que ele estava fazendo agora. Que, em algum lugar, de algum jeito, o incitava a fazê-lo. Como ele, o grandalhão tinha seu próprio jeito de encarar as coisas. Haviam formado um bom time. Poderiam ter sido um grande time.

Leu o relatório até o fim, o espanto crescendo a cada página. E, também, sua admiração pela forma como Ben-Roi amarrara toda a história. Então, mexendo na *Magen David* de prata pendurada no pescoço, procurou pensar no que deveria fazer. Porque tinha que fazer algo. Não poderia simplesmente deixar para lá. Devia isso a Ben-Roi. E à sua mãe também.

“Serei um bom policial”, prometera naquela última vez no hospital, segurando a mão dela, acariciando sua cabeça prematuramente careca. “Procurarei sempre fazer a coisa certa e levar os malfeitores à Justiça.”

Pensou por alguns minutos, girando o pingente entre os dedos. Então, com um aceno de cabeça e um sorriso, pesquisou dois nomes. Clicando no botão de encaminhamento do e-mail, copiou os endereços relevantes: natan-tirat@haaretz.co.il, mordechaiaron@gmail.com. Mudou a linha de assunto para FURO, pressionou enviar e aguardou até ter certeza de que a mensagem tinha seguido. Depois, fechou tudo e foi para a cozinha, imaginando que tipo de bomba ele lançara.

— Que tal uma cerveja? — perguntou.

LUXOR

Nathaniel Barren estava na sacada de sua suíte no Winter Palace Hotel, inclinando o corpanzil contra a balaustrada de pedra, olhando para fora sobre o Nilo, em direção às distantes corcovas das colinas de Tebas.

Fizera o que era necessário no Vale dos Reis, voltou para o hotel e jantou sozinho. Se estava de luto, não era possível dizer por sua expressão. Apenas suas mãos sinalizavam algum tormento mais profundo, algum diálogo interno mais tempestuoso. As mãos estavam fechadas em garras, as unhas amareladas escavando na superfície do parapeito, como os ganchos de um açougueiro numa carcaça.

Ficou lá por cerca de trinta minutos, balançando-se para a frente e para trás, a buzina incessante dos táxis e dos carros ecoando lá embaixo, a algazarra das famílias passeando pela avenida *Corniche*. Então, com um suspiro, se virou e se arrastou de volta para o quarto.

— Vou me recolher agora, Stephen.

O mordomo se aproximou das sombras com um aceno respeitoso e começou a preparar o mestre para que se deitasse. Ajudou-o a se despir e a colocar o pijama, segurou seu braço enquanto ajeitava o corpanzil no colchão, trouxe-lhe a bandeja com os medicamentos — uma variedade de diferentes pílulas coloridas cuidadosamente dispostas em linha e engolidas uma após a outra com um copo de leite ligeiramente amornado. Uma vez ingeridas, a bandeja foi retirada e o mordomo acomodou Barren na montanha de travesseiros. Puxou o lençol até o meio de seu peito, estendeu-lhe a máscara de oxigênio, examinou o mostrador do tanque para assegurar-se de que o fluxo estava adequado. Então, apagando todas as luzes, menos a do abajur na mesa de cabeceira, desejou boa-noite ao mestre e se retirou.

Sozinho, Barren olhou para o teto. O peito arfava como o fole de um ferreiro; o quarto ecoava o gorgolejo rascante de sua respiração. Um minuto se passou. Em seguida, seus olhos remelentos começaram a se fechar, deslizando lentamente sobre as íris. Quando não restava mais nada a não ser uma fina linha, suas mãos se contraíram subitamente no tecido dos lençóis e ele murmurou algo, uma única palavra, abafada pela borracha embaçada da máscara de oxigênio. Soou como se fosse "racial".

E então seus olhos se fecharam e ele estava adormecido.

Deixo passar meia hora antes de voltar à suíte. Conforme antecipado, ele está completamente apagado. O sedativo que adicionei ao leite provavelmente nem era necessário — ele sempre tivera um sono pesado —, porém, neste caso, devo ser ainda mais cauteloso do que o habitual. Eu não poderia tolerar a ideia de ele despertar no meio da limpeza. Fixando-me com um daqueles seus olhares. Seria algo um tanto desconcertante. Não faria nenhum bem.

Observo-o por um tempo. Sinto menos emoções do que temia sentir. Eu o servi pela maior parte dos últimos trinta anos, assim como meu pai o servira antes de mim. Poderia se pensar que uma extensão de tempo tão significativa — quase metade da minha vida — causaria algum sentimento mais intenso. Na situação atual, sinto muito pouco. Toda a minha agonia já se foi. Todas as dúvidas ficaram para trás. Agora estou no túnel. O túnel de luz. Tudo o que importa para mim é a limpeza, e realizar meu trabalho com o melhor de minhas habilidades.

Vou até o armário e pego um dos travesseiros sobressalentes. Eles têm travesseiros adoráveis aqui, fofos e firmes. Então, aproximando-me da cama, retiro a máscara de oxigênio. Coloco a máscara de lado, garanto uma pegada firme nos dois lados da fronha do travesseiro e, sem mais delongas, pressiono-o contra seu rosto, aplicando força suficiente para sufocá-lo, mas não a ponto de deixar marcas visíveis.

A família sempre fez uso de nós para as limpezas extraordinárias. As que exigiam delicadeza e discrição especiais.

Aquelas de suprema relevância para o bem-estar da família (e não há como algo ser muito mais relevante do que isso!). Meu pai, disseram-me, era um mestre da limpeza. Assim como eu, segundo minha própria maneira. Perdi a conta de quantas vezes já fui chamado para erradicar uma sujeira potencialmente danosa.

Tenho um outro pequeno trabalho para você, Stephen. Os detalhes estão no envelope.

Na verdade, não perdi a conta coisa nenhuma. A contagem está em trinta e dois. Trinta e três, se incluirmos hoje à noite. O que, é claro, eu vou incluir. Assuntos de família são assuntos de família, a despeito de quem dê a ordem.

Ele resiste menos do que imaginei. Mal se esforça, na verdade. Há uma tentativa de arquear as costas, algum tremor, mas, em vinte segundos, está imóvel. Não corro riscos e mantenho a pressão contando até duzentos, apenas para ter certeza. Então retiro o travesseiro. Eu descreveria sua expressão como algo de surpresa, beirando a irritação, ainda que isso se deva principalmente ao fato de ter os olhos e a boca abertos. Fecho-os e ele se transforma. Agora parece relaxado. Até mesmo sereno. Exatamente como seria de esperar de um homem com a saúde abalada morrendo pacificamente em seu sono.

Não sinto qualquer tipo de dor. Nenhum arrependimento, nenhuma tristeza. O bastão foi passado. E, com ele, a minha lealdade. Os lenços, parece-me, não foram absolutamente necessários afinal.

Recoloco a máscara de oxigênio, amacio os travesseiros sob sua cabeça, aliso o travesseiro usado na limpeza e o devolvo ao armário. Uma verificação final. Então pego o celular e disco o número para transmitir a boa notícia.

Sempre vi algo no mestre William. Algo que seu pai parecia ignorar deliberadamente. Um talento. Um potencial. A senhorita Rachel era uma mulher apreciável a sua própria maneira, mas jamais seria o futuro. Na minha cabeça, mestre William era a única opção viável para o progresso.

Motivo pelo qual, quando ele me abordou para explicar que estava na hora de iniciar um novo capítulo e pediu minha

assistência, não foi uma decisão muito difícil realmente. A família, como se sabe, é tudo. Muito mais do que a soma de suas partes individuais. Foi isso que meu pai me ensinou. E este é o credo segundo o qual tenho vivido. Com a doença de mestre Nathaniel, era preciso assegurar a sucessão. Proteger o futuro da família. E o mestre William é o futuro.

Não foi uma decisão difícil, absolutamente. Um tanto óbvia, acredito que se possa dizer.

Quando eu lhe digo que está feito, o mestre — o novo mestre — me elogia efusivamente. Eu não deveria almejar esse tipo de confirmação — é o meu trabalho, afinal —, mas não posso evitar um certo sentimento de satisfação. Ele sugere que eu me conceda férias, em qualquer lugar do mundo que eu queira ir, todas as despesas pagas, mas por que eu desejaria fazer isso? Meu lugar é com a família. No coração da família. Servindo-a de todas as maneiras que eu puder.

Dou uma última olhada em volta — em se tratando de limpezas, o cuidado jamais é excessivo — e depois me recolho para o meu próprio quarto. Não sou do tipo extravagante, mas nesta ocasião acho que posso pedir algo para o serviço de quarto. Uma boa xícara de chá, talvez. Com um biscoito, para ajudar a descer.

O futuro, pelo que posso vislumbrar, me parece brilhante.

EPÍLOGO

TRÊS MESES DEPOIS

O detetive sênior Arie Ben-Roi, da Polícia de Jerusalém, manteve a sua promessa.

Como ele conseguiu, ninguém jamais saberá. As correntes, naquela parte do Mediterrâneo, deveriam tê-lo levado na direção totalmente oposta. Talvez tenha sido carregado por uma onda gigante. Talvez tenha ficado preso em uma rede de pesca. Talvez — e essa era a hipótese na qual Khalifa sempre preferiu acreditar — Alá, Deus, Javé, tenha estendido uma mão amiga ao grandalhão. Porque, apesar do exterior rude, fora uma boa pessoa de coração, e correto, e um dos melhores amigos que Khalifa já teve. Alá viu essas coisas.

Alá viu tudo.

Seja qual for a verdade — onda, rede, Deus, outro agente — em torno das 6h30 de uma manhã clara e quente, enquanto os gritos soavam na sala de parto do Hospital Hadassah, em Jerusalém, um homem passeando com seu cachorro na praia ao sul de Bat Yam viu algo boiando na água. Aproximando-se da arrebentação, observou enquanto as ondas traziam o objeto para a praia. Vinha chegando cada vez mais perto, cada vez mais alto soavam os gritos, até que, com um grito gutural exausto de alívio, um menino saudável foi trazido em segurança para o mundo e respirou pela primeira vez. Quase que exatamente no mesmo momento, um corpo foi erguido por uma onda e depositado gentilmente na areia. Apesar da longa imersão, segundo todos os relatos, estava perfeitamente preservado. E exibia um largo sorriso no rosto.

Arie Ben-Roi estava em casa.

Khalifa soube de tudo isso porque, inesperadamente, recebeu um telefonema da companheira de Ben-Roi, Sarah. Tinham mantido algum contato nos meses anteriores, após Khalifa escrever para explicar as circunstâncias da morte de Ben-Roi. Naquela situação, tendo que cuidar de um bebê, ela não conversou muito.

Simplesmente o informara dos desdobramentos e pedira dois favores. Será que ele poderia comparecer ao funeral de Ben-Roi? Além disso, será que aceitaria ser padrinho de seu filho recém-nascido?

Claro que sim, respondeu Khalifa. Seria uma honra. Em ambas as circunstâncias.

E por esse motivo voos e hotéis foram imediatamente reservados (apesar dos protestos de Khalifa, não lhe permitiram pagar por coisa alguma).

E era por isso que ele e a família estavam agora na encosta de uma montanha, olhando para a Cidade Antiga de Jerusalém enquanto um caixão simples de madeira era pousado no chão e um rabi de voz profunda recitava o *kaddish* do enterro judaico.

— *Yisgadal v'yiskaddash sh'mey rabboh.*

Enquanto escutava, a cabeça baixa, com uma das mãos segurando a de Zenab e a outra protetoramente em torno de Batah e Yusuf, Khalifa refletia sobre tudo o que acontecera naqueles últimos três meses. Tudo o que tinha mudado.

Toda a história do despejo tóxico da Barren saíra na imprensa, começando por Israel e rapidamente se espalhando pelas manchetes do mundo. De forma pouco usual em casos assim, não houve qualquer tentativa de negar ou transferir responsabilidades. Pelo contrário, o novo presidente da empresa, William Barren, fizera uma declaração pública de condenação e pedido de desculpas pela maneira como seu falecido pai estivera conduzindo a empresa. As coisas seriam diferentes sob sua liderança, prometeu ele. A começar pela criação de um fundo para limpar a sujeira deixada por seu pai. Os barris seriam removidos, o aquífero, limpo, indenizações seriam pagas por todos os que haviam sofrido com a poluição. Indenizações substanciais. Se o arrependimento era genuíno ou apenas um movimento cínico para recuperar a reputação abalada da empresa, Khalifa não tinha ideia. Tudo o que sabia era que a família Attia não precisaria se preocupar com dinheiro por um bom tempo.

Por sua participação no escândalo, a Zoser Freight recebera uma multa recorde e toda a diretoria fora colocada sob investigação criminal, inclusive o próprio irmão do ministro do Interior. Khalifa

jamais saberia com certeza se a barcaça que matara seu filho era uma das que transportavam o lixo tóxico, mas se sentiu ligeiramente confortado sabendo que, se uma empresa tão grande e conectada como a Zoser podia ser derrotada, então de fato havia esperança para o novo Egito.

Ele e Zenab ainda sofriam profundamente pelo filho. Sofreriam para sempre. E, ao mesmo tempo — era difícil explicar para qualquer pessoa que não tivesse passado por algo assim —, suas vidas, de alguma maneira, haviam se aberto nos últimos meses. A dor era tão intensa quanto antes, mas parecia haver um círculo cada vez maior se abrindo em torno delas. Espaço para que outras coisas criassem raízes e brotassem. A dor já não era dominante. Até mesmo conversaram sobre outro filho, além do que nada tivesse acontecido ainda. *Inshallah* o tempo chegaria.

Uma de suas prioridades após a noite no navio fora devolver o caderno destruído de Samuel Pinsker e, na primeira oportunidade que surgiu, ele pegou o carro e foi visitar Iman el-Badri. Ia até ela com o coração pesado, sabendo que quebrara sua promessa. Ao chegar, disseram-lhe que a velha morrera pacificamente enquanto dormia, uma semana antes. Exatamente na noite em que ele a visitara. Quase como se ela tivesse esperado pelo tempo necessário para cumprir aquela última tarefa de compartilhar o caderno e só então se permitiu repousar. Ele foi até a sepultura dela, recitou o *Salat al-Janazah* e, enquanto ninguém olhava, cavou um buraco e deixou o caderno com ela. Uma semana depois disso, foi até a sepultura de Samuel Pinsker no Cairo e esvaziou a terra da sepultura de Iman el-Badri, que trouxera dentro de um lenço. Foi um pequeno gesto, mas que esperava significar algo para os dois. Como Zenab jamais deixou de lembrá-lo, ele era mesmo delicado.

O que mais?

A proposta da Barren pelo campo de gás no Saara fora discretamente posta de lado, o site da Agenda Nêmesis, sem qualquer motivo que alguém pudesse explicar, desapareceu misteriosamente. Houve muita especulação nas salas de chat sobre envolvimento da CIA, do Mossad, de uma conspiração capitalista internacional. Nada jamais foi provado. Tampouco, no longo prazo,

isso teve alguma importância. A Agenda se tornara um farol, despertara a imaginação de todos aqueles que acreditavam num mundo mais justo. Outros grupos levariam seu trabalho adiante. Os agressores *seriam* levados a responder por suas agressões.

Sobre a história trágica de Rachel Barren, nada jamais foi divulgado. Ao menos que Khalifa tenha ouvido. Ele esperava, e rezava, para que ela estivesse em paz, onde quer que estivesse.

Dois últimas coisas.

Com um dia de diferença entre eles, Khalifa recebeu dois e-mails. Um de seu amigo de infância, Mohammed Abdullah, que se tornara alguma coisa importante na indústria pontocom; o outro de Katherine Taylor, uma milionária americana, escritora de romances policiais, de quem se tornara um amigo distante alguns anos atrás, quando ela estivera em Luxor fazendo pesquisas para um novo livro. Ele se esquecera completamente dos e-mails que ele mesmo enviara para os dois. Então foi uma agradável surpresa quando ambos se declararam encantados por poder financiar o abrigo infantil de Demiana Barakat. Mohammed Abdullah fora ainda mais longe e oferecera uma viagem com todas as despesas pagas para que as crianças visitassem o Dreampark, o Teatro de Marionetes e a Cidade dos Faraós do dr. Ragab. Khalifa sempre achara a cidade um pouco de mau gosto, mas, nas circunstâncias, achou que seria grosseiro dizer isso.

E Rivka Kleinberg. Seu assassinato era um problema israelense. Portanto, Khalifa soube apenas o que descobriu pela internet. Embora o envolvimento da Barren fosse indiscutível, os israelenses não chegaram mais perto de pegar o verdadeiro assassino. Na última vez em que se informara, a investigação se concentrara numa nova pista sobre um assassino turco. Ele aguardava os desdobramentos com interesse.

Um murmúrio de "*omeyri*" indicou o final das orações e o tirou de seu devaneio. Diante dele, os homens formaram uma fila, avançando um a um para esvaziar um punhado de terra na sepultura. Como muçulmano, Khalifa não estava certo se deveria participar, mas havia uma espécie de sacerdote na fila — um homem gordo e baixo, de batina preta, com um anel roxo no dedo e uma

cruz de prata plana em torno do pescoço —; então decidiu que provavelmente não teria problema. Entrou na fila, atrás de um jovem esbelto, usando óculos redondos e um solidéu bordado azul.

— *Ma'a salaam, sahebi* — murmurou ao deixar a terra cair.

Quando o funeral chegou ao fim e a multidão começou a se dispersar — e era realmente uma multidão muito grande —, uma mulher com um bebê se aproximou dos Khalifa e se apresentou. O voo tinha atrasado e eles só conseguiram chegar ao cemitério em cima da hora. Aquela então foi a primeira oportunidade que teve para conversar com a companheira de Ben-Roi, Sarah.

— Diga oi para o seu afilhado — disse ela, estendendo-lhe o bebê. Zenab, Batah e Yusuf se juntaram à criança enquanto ele a embalava.

— Ele é muito bonito — disse.

E era verdade. Tinha os traços finos, olhos brilhantes que sugeriam, aparentemente, que puxara mais da mãe do que do pai, o que o próprio Ben-Roi teria sido o primeiro a admitir não ser algo ruim.

— Eu nem sei o nome dele.

— Nós o batizamos de Eli — disse Sarah. — Eli Ben-Roi.

Khalifa sentiu um nó na garganta.

— Mas que maravilhosa coincidência! Meu filho... Perdemos o nosso filho... O nome dele era Ali. Eli, Ali. São quase iguais.

Sarah sorriu e colocou a mão em seu pulso. O gesto dizia: *Não foi coincidência.*

Khalifa piscou e teve que desviar o olhar. Ficaram em silêncio e então Zenab se inclinou e sussurrou algo em seu ouvido.

— É claro, é claro.

Recuperando-se, beijou a testa do bebê e o devolveu para a mãe. Então enfiou a mão no bolso e pegou uma pequena caixa plástica.

— Há alguns anos, quando conheci Arieih, ele me deu isso — disse. — Eu guardei cuidadosamente desde então. Agora acho que pode haver um lugar melhor para deixar.

Ele abriu a caixa. Dentro dela, sob uma camada de tecido, havia uma pequena menorá de prata numa corrente. O menorá que o

próprio Ariei Ben-Roi costumava usar. Retirando da caixa, Khalifa o passou suavemente pela cabeça do bebê.

— Pronto. Exatamente como o pai dele.

O bebê começou a chorar furiosamente.

— *Exatamente* como o pai dele — disse Sarah.

Esperaram um momento enquanto ela acalmava a criança. Percebendo então que ela precisava ficar sozinha por um tempo, apenas consigo mesma, com o bebê e com Ben-Roi, eles pediram licença e se afastaram. Uma estrada subia pela lateral do cemitério e resolveram segui-la, até o alto da montanha, com uma vista espetacular de toda a Cidade Antiga. Batah e Yusuf pararam para olhar para baixo, para um jardim com um viveiro cheio de pássaros esvoaçantes. Khalifa e Zenab caminharam um pouco mais antes de se sentarem num muro. Diante deles, o Domo da Rocha ardia dourado ao sol da manhã; ao seu redor, fechados atrás dos gigantescos muros de pedra da cidade, os telhados, cúpulas e torres, e ciprestes ocasionais, se amontoavam tão densamente que era impossível dizer onde um terminava e o próximo começava.

Havia tensão lá, Khalifa sabia. Raiva e ressentimento, amargura e ódio. Ele tinha suas próprias opiniões sobre o certo e o errado da situação. Olhando lá de cima, no entanto, tudo parecia tranquilo e pacífico. Não mais confusos do que brinquedos de crianças guardados num baú.

E, independentemente do conceito de certo e de errado, Ben-Roi fora um amigo. Um bom amigo. Havia uma lição naquilo. E esperança também.

Por vários minutos, simplesmente ficaram sentados em silêncio, as pernas balançando, observando um grupo de figuras vestidas de preto se dobrando para a frente e para trás diante de um túmulo logo abaixo deles. Khalifa então passou um braço pela cintura da esposa e a puxou para perto.

— Sinto falta dele — disse em voz baixa. — Do Ali. Eu o amava tanto!

— Ama — ela o corrigiu, aconchegando-se mais a ele. — Ele está aqui. Ele sempre estará aqui.

Khalifa concordou e a puxou ainda para mais perto.

— Estamos bem, não estamos?

— Claro que estamos. Somos a Equipe Khalifa.

Ele sorriu e se virou para beijá-la, mas foi interrompido por um movimento atrás deles quando Batah e Yusuf se aproximaram. Ele se divertiu assoprando na orelha de Zenab. As crianças subiram no muro com eles e todos se deram as mãos. Ficaram em silêncio novamente, nenhum deles sentindo qualquer necessidade de falar nada, apenas se sentindo felizes por estarem juntos. Em família. Então, levantando uma das mãos, Yusuf apontou.

— Olha, papai. Tem alguém soltando pipa.

No alto da Cidade Antiga, um pequeno triângulo vermelho flutuava e rodopiava sobre a confusão de telhados. Ficaram olhando por um tempo, até que, como um só, começaram a cantar.

Estamos soltando a nossa pipa no céu.

Fazendo-a subir para valer.

Era uma tradução tão ruim que só conseguiram cantar metade de uma estrofe antes que os quatro explodissem num ataque de riso.

GLOSSÁRIO

18ª. Dinastia A história do antigo Egito é dividida em Impérios (Antigo, Médio e Novo), que são subdivididos em dinastias. A 18ª Dinastia compreende quatorze mandatários, abrangendo o período de c. 1550 a 1307 a.C. Foi a primeira de três dinastias do Novo Império (c. 1550-1070 a.C.).

Abu Kabir Um bairro no sul de Tel-Aviv.

Acordos de Oslo Conjunto de propostas de paz entre israelenses e palestinos, negociado em segredo em Oslo e assinado em Washington em 1993.

Afwan "Seja bem-vindo."

Agatárquides Historiador e geógrafo da Grécia antiga. Viveu no século II a.C., quase nada se sabe sobre sua vida.

Ahl el-kitab Literalmente, "Povo do Livro". Expressão muçulmana para designar judeus e cristãos, cujas escrituras foram incorporadas ao Islã.

Aish baladi Pão do tipo pita feito de farinha integral.

Akhenaton Faraó da 18ª Dinastia. Governou de c. 1353 a 1335 a.C. Pai de Tutankamon.

Al-Gama'a al-Islamiyya Literalmente, "O Grupo Islâmico". Um movimento de militância islâmica do Egito.

Aliya Literalmente, "Ir para cima". Emigração para a terra de Israel.

Allah-u-akhbar Literalmente, "Deus é maior" ou "Deus é o maior".

Al-Masry al-Youm Jornal egípcio.

Al-Quds Nome árabe de Jerusalém.

Amenemhat III Faraó do Império Médio (12ª Dinastia). Governou de c. 1844 a 1797 a.C. O templo mortuário ligado à sua pirâmide em Hawwara no Faium era tão complexo que os escritores antigos se referiam a ele como um labirinto.

Amenófis I Faraó da 18ª Dinastia. Governou de c. 1525 a 1504 a.C.

Amenófis III Faraó da 18ª Dinastia. Governou de c. 1391 a 1353 a.C. Pai de Akhenaton, avô de Tutankamon.

Amon Antigo deus egípcio, muitas vezes representado com a cabeça de um carneiro. A divindade protetora da antiga Waset (moderna Luxor). No Novo Império, foi mesclado com Rá para formar a divindade composta de Amon-Rá. Seu nome significa "O oculto".

Amr Diab Músico egípcio extremamente popular.

Amrekanee (f. Amrekanaya) Americano(a).

Ardon, Mordechai Um dos principais artistas de Israel. Criou os vitrais da Biblioteca Nacional de Israel, em Jerusalém. Viveu de 1896 a 1992.

Ataques em Imbaba Uma onda de violência sectária assassina no distrito de Imbaba, no Cairo, em 2011, deflagrada quando muçulmanos atacaram uma igreja cristã copta.

Ay Faraó da 18ª Dinastia. Governou de c. 1323 a 1319 a.C. Sucedeu Tutankamon.

Baba ghanoush Prato do Oriente Médio feito de tahine e berinjela amassada.

Balash "Detetive".

Bar Refaeli Supermodelo israelense.

Basboussa Doce egípcio feito com semolina, nozes e mel.

Begin, Menachem Político israelense. Foi primeiro-ministro de 1977 a 1983. Assinou o tratado de paz de Camp David com o Egito em 1979. Como líder do Irgun (*qv*), ordenou o atentado a bomba no hotel King David, em que morreram 91 pessoas. Viveu de 1913 a 1992.

Ben Ali, Zine el Abidine Ex-presidente da Tunísia, deposto pela Revolução de Jasmim de dezembro de 2010 a janeiro de 2011. Atualmente, exilado na Arábia Saudita.

Ben-Gurion, David Patriarca fundador do Estado de Israel. Foi primeiro-ministro entre 1948 e 1954 e entre 1955 e 1963. Viveu de 1896 a 1992.

Bersiim Um tipo de trevo usado como pasto para o gado no Egito.

Bezeq Empresa nacional de telecomunicações de Israel.

Bhopal Cidade indiana, capital do Estado de Madhya Pradesh. Em 3 de dezembro de 1984, um vazamento tóxico de uma fábrica de pesticidas de propriedade da Union Carbide India Limited matou milhares de pessoas e deixou outras dezenas de milhares feridas.

Blintzes Prato israelense: panquecas finas, semelhantes aos crepes.

Bris Versão em ídiche do *Brit Milah*, a cerimônia judaica da circuncisão.

Bruyere, Bernard Arqueólogo francês. Escavou o antigo vilarejo de trabalhadores de Deir el-Medina, na margem direita do Nilo, em Luxor. Viveu de 1879 a 1971.

Bulti Nome árabe para a tilápia do Nilo, uma espécie de peixe.

Bureka Prato israelense: um triângulo de massa folheada recheado com queijo, espinafre ou batatas.

Burton, Henry (Harry) Egíptólogo e arqueólogo inglês. Atuou como fotógrafo na escavação da tumba de Tutankamon. Viveu de 1879 a 1940.

Callender, Arthur R. Arquiteto e engenheiro inglês. Um amigo próximo de Howard Carter, trabalhou com ele na escavação da tumba de Tutankamon. Tinha o apelido de "Pecky". Morreu em 1936.

Câmara mortuária de Djehuty Coleção de objetos funerários de ouro da tumba do general Djehuty, da 18ª Dinastia. Descoberta em Saqqara, em 1824.

Carter, Howard Arqueólogo inglês, descobriu a tumba de Tutankamon em 1922. Viveu de 1874 a 1939.

Cartucho Um círculo oval com uma linha horizontal na base, dentro do qual o nome de um faraó era escrito em hieróglifos.

Cemitério Bassatine Um cemitério judeu no Cairo.

Černý, Jaroslav Egiptólogo tcheco. Viveu de 1898 a 1970.

Challah Um pão trançado servido pelos judeus no Sabat.

Chevrier, Henri Egiptólogo e arqueólogo francês, mais conhecido por seu trabalho em Karnak nos anos 1920.

Cholent Um tradicional e demorado cozido judeu, normalmente consumido no Sabat.

Cidade dos Faraós do dr. Ragab Um parque temático do Cairo com base na vida do antigo Egito. Fundada em 1974 pelo dr. Hassan Ragab.

Colossos de Amenófis Também conhecido como Colossos de Memnon: duas estátuas, gigantes que estiveram antes no complexo mortuário do faraó Amenhotep III (c. 1391-1353) na margem direita do Nilo, em Luxor.

Conselho Supremo de Antiguidades O órgão do governo responsável por supervisionar todos os sítios arqueológicos e museus do Egito. Agora renomeado como Ministério de Antiguidades.

Copta Um cristão egípcio. Os coptas são uma das mais antigas comunidades cristãs do mundo, remontando ao primeiro século d.C., quando São Marcos levou o Evangelho para o Egito. Representam cerca de dez por cento da população do Egito moderno.

Dafook Palavra hebraica para imbecil.

Dana International Cantora pop transexual israelense.

Danishaway Cidadezinha na região do Delta, no norte do Egito. Cenário de um incidente infame em 1906, no qual quatro egípcios inocentes foram executados após uma discussão com soldados britânicos.

Dédalo Um personagem da mitologia grega. O criador do labirinto do rei Minos.

Deir el-Bahri Local do templo mortuário da rainha Hatshepsut (reinou de c. 1473 a 1458 a.C), na margem direita do Nilo em Luxor.

Deir el-Medina Antigo vilarejo na margem direita do Nilo, em Luxor, residência dos operários que escavaram e decoraram as tumbas do Vale dos Reis.

Deir el-Muharrib O "Mosteiro do Guerreiro". Pequeno mosteiro copta na base do maciço tebano, próximo ao antigo sítio de Malqata.

Dinastia O antigo historiador Manetho dividiu a história egípcia em trinta dinastias dominantes, e essa permanece sendo a base da cronologia do antigo Egito. As dinastias foram posteriormente agrupadas em Reinados e Períodos.

Diodoro Sículo Historiador grego que viveu no século I a.C. Sua *Bibliotheca Historica* inclui um dos mais antigos relatos sobre a mineração de ouro na Núbia e no leste do Egito.

Djellaba Manto tradicional usado por homens e mulheres egípcios.

Djellaba suda Manto negro usado por camponesas egípcias.

Dra Abu el-Naga Vilarejo (e antigo cemitério) na margem ocidental do Nilo, em Luxor.

Druze Uma seita monoteísta que incorpora elementos do judaísmo, cristianismo e islamismo. Encontrada principalmente na Síria, no Líbano, em Israel e na Jordânia.

Egged Empresa rodoviária intermunicipal israelense.

Ein Karem Uma cidadezinha perto de Jerusalém. Tem uma grande comunidade artística.

El-Awamaia Distrito de Luxor, na extremidade sul da cidade.

Elohim adirim "Deus Todo-Poderoso!"

Elwat el-Diban Literalmente "Monte das Moscas". Pequena montanha ao lado da estrada para o Vale dos Reis, onde ficava a casa de Howard Carter, base de suas escavações. Agora, um museu.

Época Baixa Período final da história egípcia antiga em que o país foi governado por governantes nativos. Compreende as dinastias de 25 a 30. Durou de 712 a 332 a.C., quando o Egito foi conquistado por Alexandre, o Grande.

Eretz Nehederet Literalmente "País das Maravilhas". Programa satírico popular da TV israelense.

Etti Ankri Cantor/compositor popular israelense.

Faium Um grande oásis no Deserto do Oeste egípcio, a cerca de 130 km ao sul do Cairo.

Fellaha (pl. fellaheen) Camponês.

Festival de Opet Antigo festival religioso egípcio em que estátuas de Amon, Mut e Khonsu, as três divindades protetoras de Tebas, desfilavam cerimonialmente em um barco de Karnak até o Templo de Luxor.

Frumm/frummer Judeu extremamente devoto.

Gadaffi, Muammar Ex-líder e ditador líbio, morto em 2011 por rebeldes. Nascido em 1942.

Gatro, Yehonathan Músico e ator israelense homossexual.

Gebel "Montanha".

Gehinnom Um vale do lado de fora da Cidade Antiga de Jerusalém. Segundo a literatura rabínica, é o local onde são punidos os pecadores e, por isso, é sinônimo de inferno.

Gezira Um distrito do centro do Cairo que ocupa a parte sul da ilha de Gezira, no Nilo.

Goldstar Uma fabricante israelense de cerveja.

Goldstein, Baruch Extremista judeu. Matou a tiros vinte e nove fiéis muçulmanos no Hebron, em 1994, antes de ele ser abatido. Considerado um herói pelos colonos judeus de

direita.

Goneim, Muhammed Zakaria Arqueólogo egípcio pioneiro. Viveu entre 1905 e 1959.

Goy (pl. Goyim) Termo ídiche depreciativo para não judeus.

Greco-romano O período final da história egípcia antiga, iniciado com a conquista do país por Alexandre, o Grande em 332 a.C. e durando até 395 d.C.

Guerra do Ramadan Nome árabe para a guerra do Yom Kippur de 1973.

Gush Shalom Literalmente, o "Bloco da Paz": grupo pacifista israelense.

Gut Shabbas Saudação tradicional em ídiche para o período do Sabat.

Ha'aretz Jornal diário israelense.

Hadash Partido político israelense de esquerda.

Hajj Peregrinação à Meca, um dos cinco "pilares" da fé muçulmana.

Halva Doce popular Israelense e do Oriente Médio, feito de pasta de gergelim e açúcar.

Hamas Movimento militante palestino, fundado em 1987. Hamas é a palavra árabe para "zele" e o acrônimo invertido de "Movimento de Resistência Islâmica".

Ha-matzav Termo hebraico para "a situação". Geralmente usado pelos israelenses para se referir ao conflito com os palestinos.

Hamdulillah Literalmente, "Alá seja louvado".

Hapo-el Tel-Aviv Time de futebol israelense com base em Tel-Aviv.

Haram al-Sharif Literalmente, "o Nobre Santuário". A área cercada da Antiga Jerusalém contendo a mesquita de Al-Aqsa Mosque e o Domo da Rocha, o terceiro local mais sagrado do mundo islâmico. Sobrepõe-se aos restos do antigo templo judeu.

Haredi (pl. Haredim) Judeu ultraortodoxo.

Hasfari, Shmuel Dramaturgo israelense nascido em 1954.

Ha-Shem "O Nome", em hebraico: Deus.

Hatshepsut Rainha da 18ª Dinastia (Novo Império), governou o Egito entre c. 1473 e 1458 a.C., como cofaró com seu filho adotivo Tutmés III. Seu templo funerário em Luxor é um dos monumentos mais espetaculares do Egito.

Hauser, Walter Arquiteto, projetista e arqueólogo americano. Trabalhou com Howard Carter no reconhecimento da tumba de Tutankamon.

"Hava Nagila" Canção folclórica hebraica tradicional.

Hawass, Zahi O mais conhecido arqueólogo egípcio. Ex-ministro de Estado para Antiguidades e diretor do Conselho Supremo de Antiguidades de 2002 a 2011.

Hawaga (f. hawagaya) Termo egípcio para estrangeiro.

Heródoto Historiador grego antigo, e conhecido como "O Pai da história". Viveu entre c. 485 e 425 a.C.

Hijab Um lenço usado na cabeça por muçulmanas devotas.

Horemheb Último faraó da 18ª Dinastia. Governou de c. 1319 a 1307 a.C.

Huppah O baldaquino sob o qual é realizado o casamento judaico.

IDF Força de Defesa Israelense: o exército israelense.

Ídiche Uma língua que combina elementos do alemão e do hebraico. Amplamente falada nas comunidades judias ortodoxas.

Ilha Banana Um ponto turístico conhecido pela beleza.

Imma (pl. immam) Lenço usado na cabeça ou turbante. Usado por homens em todo o Egito.

Império A história do antigo Egito cobre quase 3.000 anos, durante os quais houve três períodos de unidade nacional e poderoso governo central: Antigo, Médio e Novo Império.

Império Médio Um dos três grandes impérios do antigo Egito. Compreende da 11ª à 14ª Dinastia, e durou de c. 2040 a 1640 a.C.

Império Novo O último dos três grandes impérios do antigo Egito. Compreendendo da 18ª à 20ª Dinastia, durou de c. 1550 a 1070 a.C. e incluiu alguns dos mais famosos faraós da história egípcia, como Tutankamon e Ramsés II.

Ingileezi (f. ingileezaya) Inglês ou inglesa.

Inshallah Literalmente, "Deus queira".

Irgun O nome completo é Irgun Zvai Leumi (Organização Militar Nacional). Grupo sionista paramilitar de direita ativo na época do mandato britânico na Palestina.

Irmadade Muçulmana Movimento islâmico egípcio fundado em 1928 por Hassan al-Banna. Seu braço político, o Partido pela Liberdade e Justiça, tornou-se a força dominante na política egípcia, após ganhar quarenta e sete por cento dos assentos nas eleições parlamentares de janeiro de 2012.

Jabotinsky, Ze'ev (Vladimir) Líder sionista e pensador de direita. Viveu entre 1880 e 1940.

Joias de Ahhotep Fabulosa coleção de artefatos funerários de ouro pertencente à rainha Ahhotep, da 18ª Dinastia. Descoberta em 1859 em Dra Abu el-Naga.

Justine Restaurante famoso do Cairo.

Kaddish Uma oração recitada nos enterros judaicos.

Kadima Um partido político israelense de centro, criado em 2005 por Ariel Sharon. Literalmente, "Adiante".

Kahane, Meir Extremista judeu nascido no Brooklyn. Defendia a remoção pela força de todos os árabes da terra bíblica de Israel. Nascido em 1932. Assassinado em 1990.

Karkady Uma bebida feita a partir da infusão de pétalas de hibiscos, popular em todo o Egito.

Ken "Sim" em hebraico.

Kharga Um grande oásis no Deserto do Oeste do Egito.

Knesset Literalmente, "assembleia". O Parlamento israelense.

Kom Lolah Uma aldeia na margem ocidental do Nilo, em Luxor, próximo ao templo de Medinet Habu.

Krav Maga Um sistema de autodefesa agressivo desenvolvido em Israel pelo ex-boxeador e lutador Imi Lichtenfeld. Amplamente utilizado pelos serviços de segurança israelenses.

Kubbeh Um prato armênio: croquete em formato de salsicha, frito em alta temperatura, com carne picada de boi ou de cordeiro.

Kufr Nome dado aos que não seguem o Islã, "infiéis".

Labor Partido político israelense de centro-esquerda, social-democrata.

Latke Panqueca/bolinho de batata.

Lazeez "Delicioso" em árabe.

Lider, Ivri Cantor pop israelense gay.

Lieberman, Avigdor Político nacionalista de direita israelense. Fundador do partido Yisrael Beiteinu.

Likud Literalmente, "Consolidação". Partido político israelense de centro-direita, fundado em 1973 por Menachem Begin.

Livni, Tzipi Política israelense. Ex-líder do partido Kadima, nascida em 1958.

Lo "Não" em hebraico.

Lucas, Alfred Egiptólogo e conservador inglês, membro da equipe responsável pela limpeza do túmulo de Tutankamon. Viveu de 1867 a 1945.

Maasiyahu Prisão em Ramle, no centro de Israel.

Mabruk "Parabéns" em árabe.

Maccabi Tel-Aviv Clube israelense de basquete e futebol muito popular.

Maciço tebano Cadeia de montanhas na margem direita do Nilo, em Luxor.

Magen David Literalmente, "Escudo de David". Uma estrela de seis pontas, um dos símbolos mais conhecidos da identidade judaica.

Mahane Yehuda Bairro de Jerusalém com um famoso mercado coberto.

Mahata "Labirinto" em árabe.

Mahmoud, Karem Cantor popular egípcio. Conhecido como o "Cavaleiro melodioso". Viveu de 1922 a 1965.

Mallory, George Explorador e alpinista inglês que desapareceu em 1924 ao escalar o monte Everest. Seu corpo foi descoberto na montanha em 1999.

Malqata Sítio arqueológico na margem direita do Nilo, em Luxor. Anteriormente, o palácio do faraó Amenófis III, da 18ª Dinastia.

Mandato Período entre o final da Primeira Guerra Mundial até 1948, quando a Palestina foi governada pelos britânicos sob um mandato da Liga das Nações.

Maniak “Idiota” em hebraico.

Manjet Também conhecida como a “Barca de Milhões de Anos”. O barco em que o deus sol Ra cruzava o céu uma vez por dia.

Matkot Jogo de bola praticado em Israel, semelhante ao frescobol, em que duas pessoas rebatem uma bola com raquetes de madeira. A palavra significa “raquete”.

Mauristan Uma área no Bairro Cristão da Cidade Antiga de Jerusalém.

Mazel tov “Boa sorte” em hebraico. Usado para expressar parabéns.

Mea Sharim Bairro no centro de Jerusalém. Lar da grande comunidade ultraortodoxa dos *Haredi*.

Medinet Habu Uma aldeia na margem direita do Nilo, em Luxor. Sítio do templo funerário de Ramsés III.

Meir, Golda Política e estadista israelense. Foi primeira-ministra de 1969 a 1974. Viveu de 1898 a 1978.

Menatel Empresa de telecomunicações egípcia.

Menorah Um castiçal de sete braços usado no antigo templo de Jerusalém. Um dos símbolos que definem o judaísmo.

Merenptah Faraó da 19ª Dinastia. Governou de c. 1353 a 1335 a.C. Filho de Ramsés II.

Meretz Partido político israelense de esquerda.

Meshugganah Ídiche para “maluco”, “louco”.

Mezuzah Literalmente, “batente”. Uma caixinha contendo versos do livro bíblico do Deuteronômio. É preso aos batentes das portas de entrada dos lares judeus.

Mishteret “Polícia” em hebraico.

Misr “Egito” em árabe. O nome completo é Junhuriyah Misr al-Arabiyyah — a República Árabe do Egito.

Molocchia Planta de folhas verdes semelhante ao espinafre.

Moshav Uma fazenda em cooperativa ou comunidade agrícola israelense. Semelhante a um kibbutz.

Mossad Também conhecido como o Instituto para Inteligência e Operações Especiais, a agência de inteligência nacional de Israel. Famoso por sua habilidade e crueldade.

Moulid Literalmente, “aniversário”. Um festival egípcio tradicional que comemora o nascimento e a vida de uma pessoa santa.

Mounir, Mohammed Cantor e ator egípcio. Nascido em 1954.

Mr. Zol Supermercado israelense.

Mubarak, Hosni Ex-presidente do Egito (1981-2011). Renunciou após a Revolução de janeiro de 2011. Nascido em 1928.

Mulheres de Preto Uma campanha mundial em defesa dos direitos humanos e antiguerra, criada em Israel em 1988.

Museu Petrie Anexo à Universidade de Londres. Contém cerca de oitenta mil objetos do Egito e do Sudão, uma das mais importantes coleções do mundo. Batizado em homenagem ao egiptólogo Flinders Petrie.

Naqba "Desastre", "catástrofe" em árabe. A palavra é usada pelos palestinos para descrever o impacto da criação do Estado de Israel em 1948.

Necrópole de Tebas Os antigos cemitérios e templos mortuários na margem direita do Nilo, em Luxor.

Nectanebo I Faraó da 30ª Dinastia. Governou de c. 380 a 362 a.C.

Netanyahu, Benjamin ("Bibi") Político israelense de direita. Primeiro-ministro desde 2009 (ocupou um mandato anterior entre 1996 e 1999).

Newberry, Percy Edward Egiptólogo Inglês. Parte da equipe responsável pela limpeza da tumba de Tutankamon. Viveu de 1869 a 1949.

Noshech kariat Literalmente, "mordedor de traveseiro". Termo hebraico depreciativo para um homossexual.

Nu be'emet Termo hebraico para "Vamos lá!", como em "Vamos lá, você não pode estar falando sério!".

O Muro Também conhecido como a Barreira da Cisjordânia e a Cerca de Separação. Uma polêmica muralha combinando cercas e muros de concreto com a finalidade de separar Israel da Faixa de Gaza, controlada por palestinos. A construção começou em 2002 e ainda está em curso. Em 2004, o Tribunal Internacional de Justiça determinou que a barreira era ilegal.

Park Heights Distrito de luxo de Tel-Aviv.

Pátio da Cachette Uma área do grande complexo de Karnak, assim chamada pela grande quantidade de estátuas lá enterradas, descobertas no início do século XX. *Cachette* é esconderijo, em francês.

Pedra de Roseta Uma antiga estela de pedra egípcia inscrita com o mesmo texto em três línguas diferentes: hieróglifos, demótico (uma forma cursiva dos hieróglifos) e grego. Descoberta perto da cidade de Roseta (Al-Rashid) em 1799, foi a chave para a decifração dos hieróglifos. Está exposta no Museu Britânico desde 1802.

Pendlebury, John Devitt Stringfellow Egiptólogo e arqueólogo britânico. Escavou em Amarna. Foi baleado e morto pelos alemães em Creta, durante a Segunda Guerra.

Pe'ot Tranças usadas por judeus ultraortodoxos.

Peres, Shimon Político e estadista israelense. Foi primeiro-ministro de Israel em dois mandatos (1984-1986 e 1995-1996) e em 2007 foi eleito presidente.

Petrie, William Matthew Flinders Influente egiptólogo e arqueólogo britânico. Criador de muitas das regras básicas da arqueologia moderna. Apelidado de "O Pai dos Potes". Viveu de 1853 a 1942.

Pilone Entrada ou acesso monumental na fachada de um templo.

Praça Safra A praça no centro de Jerusalém. Endereço da prefeitura de Jerusalém.

Qa'ba Santuário em forma de cubo em Meca, o local mais sagrado do mundo muçulmano. Contém uma pedra que teria sido dada pelo anjo Gabriel a Abraão. Todos os muçulmanos se voltam para ela ao orar.

Qurn Literalmente, "o chifre". Pico em forma de pirâmide com vista para o Vale dos Reis.

Qurnawis Habitantes da aldeia de Shaykh Abd al-Qurna, na margem direita do Nilo, em Luxor.

Ramsés I Primeiro faraó da 19ª Dinastia. Governou de c. 1307 a 1306 a.C.

Ramsés II Faraó da 19ª Dinastia. Um dos maiores governantes egípcios. Governou de c. 1290 a 1224 a.C.

Ramsés III Faraó da 20ª Dinastia. Governou de c. 1194 a 1163 a.C. Seu templo mortuário em Medinet Habu é um dos mais belos monumentos do Egito.

Ramsés VII Faraó da 20ª Dinastia. Governou de c. 1143 a 1136 a.C.

Ramsés IX Faraó da 20ª Dinastia. Governou de c. 1112 a 1100 a.C.

Rehaviya Bairro de luxo de Jerusalém.

River Oaks Bairro elegante no subúrbio de Houston.

Romema Um bairro de Jerusalém.

Sabah el-khir "Bom dia" em árabe.

Sabra Apelido para um israelita nativo. O *sabra* é um cacto e, como o cacto, os israelenses deveriam ser espinhosos no exterior, mas com o interior tenro.

Saheb/Sahebi "Amigo/meu amigo" em árabe.

Saidee Um nativo do Alto Egito (do sul). Os *saidees* costumam ter a pele mais escura do que os do Baixo Egito (do norte).

Salafistas Movimento islâmico ultraconservador.

Salat Orações diárias islâmicas.

Salat al-Janazah Uma oração do funeral islâmico.

São Pacômio Santo copta, um dos fundadores do monasticismo. Viveu entre c. 292 e 346 a.C.

Schwartz Palavra iídiche para uma pessoa negra.

Seer limoon "Limonada".

Sefardita Literalmente, "Espanhol". Um descendente dos judeus expulsos da Península Ibérica no século XV.

Seminário Uma escola ou faculdade religiosa.

Seti I Faraó da 19ª Dinastia, pai de Ramsés II. Governou de c. 1306 a 1290 a.C.

Sgan nitzav Superintendente-chefe.

Shaal Xale ou manta.

Shabat Shalom Saudação tradicional do Sabat.

Shabas Sigla para o serviço penitenciário de Israel.

Shabbat Palavra hebraica para o Sabat judaico.

Shas Partido político israelense ultraortodoxo.

Shaykh Abd al-Qurna Uma aldeia na margem direita do Nilo, em Luxor, localizada na base do maciço tebano.

Shebab Literalmente, "juventude". Jovens palestinos.

Sherut Táxi compartilhado, geralmente um Mercedes de sete lugares. Presente em toda Israel.

Shikunim Prédios residenciais ou condomínios.

Shisha Um cachimbo de água usado por todo o Oriente Médio.

Shivah Literalmente, "sete". O período de luto de sete dias adotado por judeus após a morte de um parente próximo. É comum se sentarem em banquinhos baixos durante esse período.

Shoter Guarda. Posto mais baixo na Polícia de Israel.

Shuk Mercado.

Shukran "Obrigado".

Shul Sinagoga, em iídiche.

Shuma Um bastão ou bengala.

Siga Um jogo de tabuleiro egípcio também conhecido como *Tab-es-siga*. Semelhante ao jogo de damas.

Sofgania (pl. sofganiot) Um prato de Israel: rosca.

Soujuk Prato armênio tradicional à base de salsichas picantes.

Taamiya Fritada de pasta de grão-de-bico, como o *falafel*.

Talatat Blocos padronizados de pedra decorada utilizados no programa de construção do templo do faraó Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.). Os faraós posteriores derrubaram os templos de Akhenaton e reutilizaram os blocos em seus próprios monumentos. Cerca de quarenta mil *talatat* foram recuperados do interior das torres e sob os pisos do complexo do templo de Karnak.

Talmid hakham Literalmente, "discípulo do sábio". Alguém dedicado ao estudo da lei judaica.

Tanach A Bíblia hebraica. Equivalente ao Antigo Testamento.

Tawla Gamão.

Tebas Nome grego para o antigo Waset egípcio, moderna Luxor.

Tell Basta Tesouro da 19ª Dinastia (c. 1307-1196 a.C.), joias e taças, descoberto em 1906 em Tell Basta (antiga Bubastis) na região do delta, no norte do Egito.

Toda Palavra hebraica para "obrigado".

Torshi Uma mistura de legumes em conserva. Aperitivo egípcio popular.

Touria "Enxada". Usada amplamente na agricultura egípcia.

Trafigura Uma empresa multinacional de metalurgia, energia e comércio de petróleo, acusada de despejo ilegal de lixo tóxico na Costa do Marfim em 2006.

Tufah "Maçã". Tabaco com sabor de maçã, popular entre os fumantes da *shisha*.

Tura Uma grande prisão nos arredores do Cairo.

Tutmés I Faraó da 18ª Dinastia (Império Novo). Governou de c. 1504 a 1492 a.C.

Tutmés II Faraó da 18ª Dinastia (Império Novo). Governou de c. 1492 a 1479 a.C.

Tutmés III Faraó da 18ª Dinastia (Império Novo). Governou de c. 1479 a 1425 a.C. Considerado um dos maiores faraós guerreiros do Egito.

Tzadik Judeu considerados especialmente justo e santo.

Vanunu, Mordechai Um ex-técnico nuclear israelense que revelou detalhes do programa nuclear de Israel na imprensa britânica em 1986. Posteriormente, foi sequestrado pelo Mossad, voltou para Israel e passou dezoito anos na prisão, mais da metade deles na solitária. Desde sua libertação, foi detido em várias ocasiões por violar os termos draconianos de sua liberdade condicional. O tratamento que ele recebeu se tornou uma causa célebre dos grupos de direitos humanos.

Wadi Palavra árabe para um vale ou um curso seco de rio.

Ward-i-nil Literalmente, "flor do Nilo". Planta aquática comum no Egito. Grandes aglomerados podem ser vistos boiando pelo Nilo.

Winlock, Herbert Eustis Egiptólogo e arqueólogo americano. Trabalhou sob os auspícios do Metropolitan Museum of Art. Viveu de 1884 a 1950.

Ya kalb "Seu cachorro", em árabe.

Ya Omm Literalmente, "Oh, Mãe". Termo respeitoso usado ao se abordar uma senhora de idade.

Yalla "Venha!" ou "Vá!", em árabe.

Yarkon Um rio no norte de Tel-Aviv.

Yarmulke Solidéu usado pelos judeus durante a oração. Os judeus ortodoxos usam o tempo todo.

Yedioth Ahronoth Jornal israelense de maior circulação no país.

Yehood (pl. Yehoodi) "Judeu" em árabe.

Yeshiva Uma escola religiosa judaica.

Yisrael Beiteinu Partido israelense de direita, nacionalista e linha-dura. O nome significa "Israel é nosso lar".

Zikhrono livrakha (f. Zikhrona livrakha) Literalmente, "Que o nome dele/dela seja uma bênção". Frase usada ao se referir a uma pessoa falecida.

Zikr Um grupo de muçulmanos devotos, geralmente pertencentes a uma das irmandades místicas sufi, que executam uma dança devocional que induz ao transe.

AGRADECIMENTOS

Apesar de o processo de tirar palavras da cabeça e colocá-las na página ser considerado um negócio solitário, escrever um romance é, essencialmente, um esforço coletivo, que se beneficia do apoio, habilidades, conhecimento e generosidade de uma grande quantidade de pessoas. Este livro não é exceção. Sem as pessoas a seguir, jamais teria conseguido atravessar o labirinto:

Em primeiríssimo lugar, Alicky, minha esposa, minha vida, sem a qual nada é possível, e cuja paciência, conselhos e observações perspicazes foram fundamentais para a criação desta história. Assim como em todos os meus livros, contraí uma dívida que jamais poderei pagar.

Da mesma maneira, minha agente, Laura Susijn, que foi muito além de suas obrigações ao me oferecer apoio e estímulo; e Simon Taylor, que não só foi um grande editor, mas também um ótimo amigo.

O professor Stephen Quirke e o dr. Nicholas Reeves ofereceram conselhos cruciais sobre aspectos da antiga história egípcia e sobre a língua, Stuart Hamilton e Simon Mitchell fizeram o mesmo, respectivamente, nas áreas de medicina legal e segurança em TI. O professor Jan Cilliers se mostrou — perdoem o trocadilho — um veio inesgotável de conhecimento sobre todos os aspectos da indústria da mineração; Rasha Abdullah corrigiu meu pretense árabe-egípcio; Nava Mitzrahi e Iris Maor me ajudaram com o meu ainda mais pretense hebraico.

Obrigado também ao primeiro-sargento Moeen Saad da delegacia de David, em Jerusalém; a Rachel Steiner e Asher Kupchik, da Biblioteca Nacional de Israel; à equipe da Good Samaritan Society for Handicapped People, de Luxor; à direção e equipe do Winter Palace Hotel, Luxor; a David Pratt, Jorge Pullin, David Blasco, Lisa Chaikin, Leah Gruenpeter-Gold, George Hintalian, Kevin Taverner e Rishi Arora.

Três agradecimentos em particular:

Em primeiro lugar, ao dr. Avi Zelba, da Polícia de Israel, pelos conselhos, acesso e hospitalidade.

Em segundo lugar, à Sua Eminência, o Arcebispo Aris Shirvanian, do Patriarcado Armênio, de Jerusalém, por compartilhar seu conhecimento e experiência sobre a comunidade armênia.

Em terceiro lugar, a Rinat Davidovich e aos funcionários e moradores do Abrigo Ma'agan, em Petah Tikva. A questão do tráfico sexual é extremamente angustiante, e o abrigo faz um trabalho extraordinário e corajoso no apoio a suas vítimas. Sem os seus conselhos e ajuda, este livro nunca teria sido escrito. Você pode descobrir mais sobre o trabalho deles em: www.maagan-shelter.org.il/English.html

SOBRE O AUTOR

O jornalista e romancista **Paul Sussman** estudou História em Cambridge. Desde cedo, tinha paixão por arqueologia e trabalhou em campo, especialmente no Egito, onde participou da primeira equipe a escavar em novos sítios no Vale dos Reis desde a descoberta da tumba de Tutankamon, em 1922. Foi esse interesse e entusiasmo que ele levou para seus três primeiros romances — *O Exército Perdido de Cambises* (Edições BestBolso), *O Último Segredo do Templo* e *O Oásis Oculto* (Bertrand Brasil) —, que foram traduzidos para mais de trinta idiomas e venderam mais de 3 milhões de exemplares em todo o mundo. Trabalhou como jornalista em diversos veículos de comunicação, incluindo publicações como *Big Issue*, *Independent*, *Guardian*, *Evening Standard* e no site CNN.com.

Em maio de 2012, logo após ter concluído este livro, o seu quarto romance, Paul morreu repentinamente. Tinha apenas 45 anos. Deixou esposa e dois filhos pequenos.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

O labirinto de Osíris

Sobre o livro

<http://www.wook.pt/ficha/o-labirinto-de-osiris/a/id/15309101>

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Sussman

Good reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/271411.Paul_Sussman

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapas](#)

PRÓLOGO

[Luxor, Egito: margem ocidental do Nilo, 1931](#)

[1972](#)

[O presente](#)

PARTE 1

[Jerusalém, nove meses depois](#)

[Goma, República Democrática do Congo](#)

[Jerusalém](#)

[Deserto do Oeste, Egito](#)

[Jerusalém](#)

[Deserto do Oeste, Egito](#)

[Jerusalém](#)

[Vancouver, Canadá](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Buckinghamshire, Inglaterra](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Jerusalém](#)

[Houston, Texas](#)

[Luxor](#)

[Estrada para Tel-Aviv](#)

[Luxor](#)

[Tel-Aviv](#)

[Luxor](#)

[Petah Ticva](#)

[Luxor](#)

[Tel-Aviv](#)

[Houston, Texas](#)

[Israel](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

PARTE 2

[Cinco dias depois](#)

[Deserto de Neguev, Israel](#)

[Entre Luxor e Qena, Egito](#)

[Entre Jerusalém e Tel-Aviv](#)

[Qena, Egito](#)

[Tel-Aviv](#)

[Egito](#)

[Tel-Aviv](#)

[Neguev](#)

[Tel-Aviv](#)

[Cairo](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Neguev](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Houston](#)

[Israel](#)

[Luxor](#)

[Estrada para Jerusalém](#)

[Edfu, Egito](#)

[Ras al-Shaitan, golfo de Aqaba, Egito](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Estrada para o Deserto do Leste](#)

[Jerusalém](#)

[Gebel el-Shalul](#)

[Jerusalém](#)

[O Labirinto](#)

[Tel-Aviv](#)

[O Labirinto](#)

[Entre Jerusalém e Tel-Aviv](#)

[O Deserto do Leste](#)

[Jerusalém](#)

[O Deserto do Leste](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Aeroporto Internacional de Ben-Gurion, Jerusalém](#)

[Alexandria](#)

[Rachel](#)

[Ben-Roi e Khalifa](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

EPÍLOGO

[Três meses depois](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapas](#)

[PRÓLOGO](#)

[Luxor, Egito: margem ocidental do Nilo, 1931
1972](#)

[O presente](#)

[PARTE 1](#)

[Jerusalém, nove meses depois](#)

[Goma, República Democrática do Congo](#)

[Jerusalém](#)

[Deserto do Oeste, Egito](#)

[Jerusalém](#)

[Deserto do Oeste, Egito](#)

[Jerusalém](#)

[Vancouver, Canadá](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Buckinghamshire, Inglaterra](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Jerusalém](#)

[Houston, Texas](#)

[Luxor](#)

[Estrada para Tel-Aviv](#)

[Luxor](#)

[Tel-Aviv](#)

[Luxor](#)
[Petah Ticva](#)
[Luxor](#)
[Tel-Aviv](#)
[Houston, Texas](#)
[Israel](#)
[Luxor](#)
[Jerusalém](#)
[Luxor](#)
[Jerusalém](#)

PARTE 2

[Cinco dias depois](#)
[Deserto de Neguev, Israel](#)
[Entre Luxor e Qena, Egito](#)
[Entre Jerusalém e Tel-Aviv](#)
[Qena, Egito](#)
[Tel-Aviv](#)
[Egito](#)
[Tel-Aviv](#)
[Neguev](#)
[Tel-Aviv](#)
[Cairo](#)
[Jerusalém](#)
[Luxor](#)
[Jerusalém](#)
[Luxor](#)
[Neguev](#)
[Jerusalém](#)
[Luxor](#)
[Jerusalém](#)
[Houston](#)
[Israel](#)
[Luxor](#)
[Estrada para Jerusalém](#)
[Edfu, Egito](#)
[Ras al-Shaitan, golfo de Aqaba, Egito](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Estrada para o Deserto do Leste](#)

[Jerusalém](#)

[Gebel el-Shalul](#)

[Jerusalém](#)

[O Labirinto](#)

[Tel-Aviv](#)

[O Labirinto](#)

[Entre Jerusalém e Tel-Aviv](#)

[O Deserto do Leste](#)

[Jerusalém](#)

[O Deserto do Leste](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[Aeroporto Internacional de Ben-Gurion, Jerusalém](#)

[Alexandria](#)

[Rachel](#)

[Ben-Roi e Khalifa](#)

[Jerusalém](#)

[Luxor](#)

[EPÍLOGO](#)

[Três meses depois](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)